

ontrolados

Peterson Silva

ontrolados

A GUERRA DA UNIÃO

1ª edição
2015

Série Controlados — Volume II: A Guerra da União

Peterson Silva

1ª edição, 2ª revisão

ISBN: 9788544801574

eISBN: 9788544801581

Arte da capa: Lucas Villalva Machado

Produzida com o uso de ferramentas livres como Ubuntu, L^AT_EX, Kate e LibreOffice

Obrigado por ler!



seriecontrolados.com.br/no
Neborum Online



seriecontrolados.com.br/lj
Compre os livros



seriecontrolados.com.br/rs
Redes sociais

Visite o Neborum Online para saber como ter acesso a conteúdo extra exclusivo!

Licença Pública de Marca 1.0, 2015, Peterson Silva, “Controlados”, série de livros de fantasia épica contemporânea.

Esta licença permite que você copie, distribua, compartilhe e transmita em qualquer dispositivo físico ou virtual, mas não pode alterar, transformar ou construir sobre esta marca.

Esta marca é distribuída de forma livre mas, de nenhuma forma o autor ou o proprietário legal dela endossa o produto associado a esta marca.

A íntegra desta licença está publicada no Portal do Software Público em www.softwarepublico.gov.br/lpm.

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional. Reproduzir esta obra — no todo ou em parte — só é permitido com a autorização do autor, conforme os termos da licença Creative Commons *Atribuição — Uso não-comercial — Partilha nos termos da mesma licença* 3.0.



Para ver uma cópia desta licença na íntegra visite

www.creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br

ou envie uma carta para

559 Nathan Abbott Way, Stanford, California, 94305, Estados Unidos da América.

Para Carlos, Enedir e Aline.

Anteriormente na série Controlados

Em “A Aliança dos Castelos Ocultos”, Lamar começa a dar aulas de magia alorfa em Prima-u-jir. É descoberto e aprisionado a partir da influência do parlamentar Byron e seu discípulo Tornero, mas Caterina e Kerinu conspiram para libertá-lo. Kerinu leva o cunhado a Kerlz-u-een, e o ajuda a superar a aversão a Neborum, realidade em que os magos realizam suas técnicas. Os dois retornam a Prima-u-jir antes de seguirem para Imiorina, para onde Myrthes e Ramon, companheira e filho de Lamar, respectivamente, foram. Myrthes crê que o companheiro está morto. Lamar e Kerinu caem, contudo, na armadilha de Byron e Tornero. Lamar e Caterina escapam, mas Kerinu é capturado pelos bomins.

Leo, Leila, Fjor e Beneditt viajam de Novo-u-joss a Jinsel procurando cumprir a meta de um agente musical, Seimor, para conseguir um contrato na cidade. Chegando lá, assinam o contrato, mas Seimor força Leila a ir para a cama com ele, e os termos do contrato são modificados para que eles fiquem presos às determinações do agente. A banda começa a mudar de caráter segundo as ideias de Seimor, o que Fjor detesta. Sentindo a constante ameaça que vem do contrato, Beneditt o investiga e descobre a situação da banda.

Tadeu e Amanda, namorados às escondidas já que o relacionamento enfrenta a desaprovação dos pais, descobrem que não podem ficar juntos aos olhos da comunidade mágica inteira. Pertencem a tradições diferentes: Tadeu é bomin e Amanda é preculga. Em reuniões sociais de suas tradições, Tadeu conhece Anabel e Amanda conhece Gustavo. A mãe de Tadeu desconfia que o filho ainda se relaciona com Amanda, e o influencia a deixá-la. Ele planeja fazer Amanda se apaixonar pelo amigo Gustavo e vice-versa, mas no meio da execução do plano descobre que Gustavo e Anabel também vivem uma relação proibida. Ele vai à casa de Anabel propor que os casais se ajudem a permanecer escondidos. O pai de Gustavo, por sua vez, confronta o filho por seu relacionamento, denunciando Anabel para os magos de Al-u-ber e já planejando uma fuga para outra cidade.

Em Ia-u-jambu, a pesquisadora Jen desconfia da real natureza dos monstros, tipos de animais que a história diz terem sido um dia humanos e terem

sido convertidos para a forma atual após as três Guerras Modernas. Para conseguir financiamento, sua amiga Christine a leva a uma reunião secreta de pesquisadores que também têm ideias não-convencionais sobre toda a história de Heelum — sobre a própria existência da Rede de Luz. Ela consegue apoio do próprio líder do grupo, Kinsley, e segue para a jornada rumo ao Pântano dos Furturos com um membro do grupo, Richard, e um arqueiro contratado em Al-u-tengo.

Os filinorfos Hiram, Kan, Raquel e Gagé convencem o então alorfo Lenzo a colaborar com o plano de matar Hourin, político mago de Al-u-een, cidade em que a magia é proibida. Eles assassinam Hourin e fogem, com Lenzo ficando para trás, arrependido e jurando que foi forçado a ajudar os filinorfos por meio de magia. Dalki, chefe da polícia da cidade, investiga o caso enquanto se esquia de um mago policial, Kenner, que faz planos para roubar seu cargo. Enquanto Lenzo é descoberto e preso, os filinorfos foragidos chegam à Fortaleza Norte de Roun-u-joss. Joana, outra filinorfa, conta que descobriu sobre um “conselho” em que os magos se reúnem e colaboram para a dominação de Heelum. Enquanto Joana se prepara para ir a Al-u-ber, o resto deles resolve ir até a Cidade Arcaica averiguar os fatos.

A este secreto Conselho dos Magos, que de fato existe, chega Desmodes, espólico que pensa que os magos devem ter absoluta liderança e domínio sobre Heelum. Em sua primeira missão, ataca magicamente os al-u-bu-una, povo que vive na floresta Al-u-bu, e os extermina. No entanto, deixa para trás Nariomono, que faz da vingança sua missão de vida, e Lato-u-nau, mistério de Heelum que promete matar Desmodes no “momento mais feio”. Lato-u-nau envia Nariomono para Enr-u-jir, onde descobre por Elton, membro do Conselho dos Magos, que Desmodes é parte do Conselho.

Em seu retorno, Desmodes convence outros membros de suas aspirações. Depois de secretamente envenenar o mago-rei, é eleito para substituí-lo. Até a eleição, sofre a suspeita de um grupo de magos, passando a dominá-los para continuar seus planos. Sua primeira medida enquanto mago-rei é anunciar às cidades a existência do Conselho dos Magos e exigir delas obediência; caso a proposta não seja aceita, a guerra será declarada.

Parte I

Calmaria

Capítulo 1

O começo e o fim

Fecha-se a porta do quarto. A luz ainda se esmagava, se humilhava para emprestar seu tom de mel à entortada mobília carmim da qual Anabel não tinha orgulho, mas tampouco tinha vergonha.

Seus dentes cor de creme compunham o sorriso enviesado enquanto, sentada na cama, apoiava-se no forro macio e alaranjado. Expôs de mansinho o lado direito do pescoço sem fissuras. O cabelo vermelho balançou para o lado, melindroso, diante daqueles outros dentes que surgiam debaixo de olhos sinceros, fixos, loucos que atravessam a carne da companheira. Ele já abandonara as roupas; ela também.

Encontrou um lugar para si com o joelho, recostando-se a ela por trás. Cada pedaço de pele encontrava seu par, ou assim queria fazê-lo: suas mãos subiam pelos braços dela enquanto os lábios encontravam os melhores espaços do pescoço para descansar, descansar, descansar antes de mudar de ideia e beijá-la de baixo a cima, chegando ao lóbulo da orelha com hesitação mínima, calculada com todo o engenho para fazer o coração pular uma batida.

Anabel não fingiu estar sem pressa. Tirou os cabelos da nuca com as mãos, fechou os olhos, encolheu a barriga arrepiada enquanto as mãos mornas de Gustavo faziam dali um novo lar; seu novo parque, seu novo ardor.

Tudo muito diferente da prisão ocre em que Anabel estava.

A não ser, talvez, pela amarelidão da cela subterrânea que podia ter provocado, afinal, a memória em primeiro lugar.

O ar traiçoeiro da noite se desfazia com a vitória de Roun — ela podia senti-lo, mesmo longe da janela. Estimou que na sala em que estava caberiam umas trinta pessoas, se bem apertadas.

A porta que ela encarava há horas tinha duas fechaduras, uma perto do topo e outra da base. Quando um quadrado próximo ao chão de terra mal tratada abriu num deslizar para cima, um prato acobreado com pão, gordura quente e sal vermelho foi empurrado para dentro da saleta.

Dirigiu um único olhar para o pão antes de ignorá-lo. Abraçava as pernas, suspensas em um banco duro acoplado à parede de pedras rubras atrás de si. Não confiava naquela comida.



Os mesmos policiais sem uniforme que vieram prendê-la na noite passada vieram buscá-la. Estavam aglutinados no corredor além da porta, tampando o já fraco vento que vinha da única janela do lugar. Ao vê-los, Anabel repensou seu espaço: talvez naquela cela não coubessem nem mesmo dez pessoas.

Controlou a respiração, olhando e se deixando olhar. Infelizmente não era o olhar de Gustavo, que tanto adestrara. Monitorava seu castelo em Neborum com zelo total; fechara as janelas, escurecera as salas, instalara novas trancas na porta.

Acompanharam-na pelos corredores do prédio-prisão dentro do círculo coeso que seus corpos formavam; ela mal conseguia andar sem ter que medir os passos para não tropeçar em quem estava à frente.

Chegaram a uma porta no final de um curto corredor no que parecia ser o segundo andar; a formação se abriu pela frente e os cinco recuaram, bloqueando a passagem de volta.

Antes de entrar, sentiu o iaumo do entrevistador tão colado à porta de seu castelo pelo lado de fora quando o seu pelo lado de dentro. Apertou os dedos sobre a ranhura do portão, alerta.

A luz na sala era fraca. Uma cortina de goma escura aquietava o sol com seu peso, e um minério de luz vermelho que brilhava muito pouco jazia bagunçado em cima do que parecia ser uma mesa.

— Sente-se, Anabel. — Disse o delegado.

Anabel sentou, analisando o que conseguia ver: cabelos e olhos escuros, um meio sorriso costurado no rosto — involuntário, fazia parecer que nasceu sorrindo amarelo e não conseguia mais parar. Seu casaco azul-marinho aparecia mais àquela luz que seu rosto cheio de pelos aleatórios nas sobran celhas. Não o sentia mais tão perto em Neborum.

— Foi Jorge quem fez a sua denúncia. Ele é um mago competente... Conheço ele. Confio nele.

Anabel comprimia os olhos sem perceber. Tanto em Heelum quanto em Neborum.

— E ele disse que você fez um ataque *misto* contra ele.

— ... Acho estranho que ele sabia onde eu morava.

— Ele era seu médico.

— Nunca fui paciente dele! — Respondeu ela, virando o pescoço para encarar o homem de lado.

— Ele tem anotações sobre você de mais de uma estação atrás.

“Desgraçado. Ele planejou essa prisão mais do que eu pensava.”

O delegado pôs as mãos abertas sobre a mesa. Paralelas, igualmente distribuídas, com as palmas para baixo; Anabel viu unhas bem cortadas e uma pele enrugada.

— Então vamos lá, Anabel. Qual é a sua tradição original e qual você aprendeu depois?

As pupilas do interrogador brilhavam, e Anabel queria arrancar a garganta dele para não ouvir mais sua voz doce, levemente rouca, que não demoraria meio segundo para condená-la à morte.

— De que cidade você é, Anabel? — Insistiu ele, com a boca continuando aberta pela metade. — Você é daqui?

— Quero falar com o meu namorado.

O delegado fechou a boca e tirou as mãos de cima da mesa. Rolou de volta para a escuridão do encosto da cadeira, ponderando o pedido.

— Quem é o seu namorado?

— Tadeu.

Primeiro se moveu, como se tremesse de frio por um instante. Aproximou-se, ficando mais perto que nunca da luz débil do minério vermelho. Ela podia ver a confusão que se alastrava por seu corpo, partindo das pálpebras e chegando no cuidado com o qual as mãos apoiavam-se, cautelosas, na mesa que o separava dela.

— *Que* Tadeu?

Em Neborum, permitiu-se sorrir.

— O filho do parlamentar Galvino.



Quando Amanda abriu a porta, não sabia que receberia aquele tipo de Gustavo. Ele permaneceu de pé depois que entrou, cerrando os punhos como se suportasse alguma dor.

— Você me invadiu. — Começou ele.

Amanda franziu o cenho.

— O *quê*? — Defendeu-se, balançando a cabeça. — Não!

— Se duplicou, queimou minha porta e me invadiu.

Amanda tentava conectar uma coisa à outra, mas ficava irritada por falhar.

— G-Gustavo, eu sou preculga, eu *não* uso *fogo*! E eu n-não sei o que é duplicar, eu não...

Parou. Se de início presumiu que ele fosse continuar parado na sala, relativamente inofensivo, chegou em Neborum a tempo de vê-lo fechar a porta do castelo dela pelo lado de dentro.

Segurou-se à escada circular para não cair; as luzes do sol de Neborum distorciam-se com sua atenção indecisa. Conseguiu se concentrar o bastante

para ver o sorriso malicioso que a forçou a voltar a Heelum, só para garantir que ele não fazia nada lá.

— Gustavo, por que... — Começou ela, em Neborum.

Ele avançou. Da mão direita voltada para trás surgiu uma espada longa, e Amanda fez um punhal saltar da mão trêmula, desenhando um arco no ar enquanto caía com o antebraço esquerdo por cima da cabeça. As lâminas colidiram; e Amanda sentiu um corte no braço.

Esgueirou-se para perto da parede circular, mais assustada que sentindo dor — não fazia ideia do que acontecia com sangramentos no iauomo. Gustavo cravou a espada no chão pelo qual Amanda se esquivava, tentando se levantar. As pedras redondas atrapalhavam sua subida, a desequilibravam, até que com um impulso desesperado ela conseguiu velocidade para ir até o outro lado do saguão.

Gustavo foi atrás dela tão rápido quanto ela fugiu. Amanda jogou o punhal nele de qualquer jeito, que ele tirou do caminho torto com a própria espada.

Pensou no mesmo aço que compunha o punhal abrindo-se num escudo que cobrisse seu corpo por inteiro — recitava na cabeça que queria um grande círculo plano o bastante, metálico, com seu dedo de espessura, sem detalhes, sem desenhos, sem marcas...

Parou de se esquivar e se deixou cair no meio da sala: o ataque vertical de Gustavo chegava para atingi-la no tronco. Um enorme escudo expandiu-se a partir do próprio centro na barriga e bloqueou a lâmina quando ela chegava ao destino.

Gustavo olhou o escudo e sorriu enquanto recuava, fazendo a espada encolher até sumir.

Em seu lugar surgiu um longo machado, a grossa cabeça pendendo para o chão e fazendo subir o cabo que Gustavo pegou com a mão esquerda. Amanda não sairia de baixo do escudo enquanto pudesse, mas ele tinha pressa.

Descreveu um arco por cima de si, urrando ao fazer o esforço final, uma mão escorregando até bater na outra. O escudo estilçou com força por cima do iauomo desconcertado de Amanda no chão.

O sorriso bobo queimou quando Amanda o empurrou em Heelum; recuperou-se da surpresa e, na feição mais enraivecida que Amanda já havia visto em alguém, foi até ela e puxou seu cabelo, pondo-a de joelhos.

Gustavo já refazia a espada em Neborum quando parou, sentindo um impacto nas costas; sua visão escurecia enquanto observava o impreciso iauomo de Barnabás, com um arco na mão, parado à porta aberta.

Largou Amanda, olhando neurótico para todos os lados até encontrar o parlamentar na porta de entrada. Disparou por ela sem pensar se ele tentaria pará-lo, deixando Amanda no chão com a mão nos cabelos magoados.

Ela suportou só um olhar do pai antes de correr escada acima, ecoando soluços pela casa.



Tadeu diminuiu a velocidade na descida das escadas quando viu que havia visitas à porta. Galvino olhava para ele com uma curiosidade que certamente tinha por função reprimir, só pelo tempo absolutamente necessário, alguns berros. Do umbral o provável grupo de magos o observava fixamente.

— O-o que foi?

— O delegado quer falar com você, filho.

— Polícia? — Reagiu Tadeu.

— Não exatamente...

Um dos homens na companhia de magos abriu espaço e fez um gesto com a mão, convidando-o a passar. Tadeu chegou até eles, e logo os magos o acompanhavam com firmeza, cercando-o por todos os lados.

No outro dia tudo havia se encaixado: o fracasso de seu plano inicial tinha sido completamente esquecido. Ele e Amanda ajudariam Anabel e Gustavo, e seriam ajudados de volta. Teriam disfarces perfeitos para se encontrarem e continuarem a viver do jeito que quisessem. O futuro sombrio que tinha se acostumado a visualizar com tanta facilidade nos últimos dias virou tola preocupação.

Mas ali estava ele, indo falar com “o delegado”, seu corpo sitiado, seu pai silenciado.

Visitou Neborum. O castelo do pai, longe do círculo das robustas construções em volta da própria, estava fora de alcance — os iaumos dos magos que o escoltavam estavam à frente de sua porta, garantindo passivamente que ninguém ali entrasse.

Ou, talvez, que ninguém dali saísse.



— Tadeu, eu vou ser direto... Talvez indiscreto. — Disse o delegado. — Você tem uma namorada?

Tadeu estava preocupado demais com Neborum para prestar total atenção à conversa. Sabia que corria o risco de parecer um tolo em Heelum, mas não podia ignorar o que estava acontecendo. Olhou por todas as direções pelas janelas de seus andares mais altos, mas não conseguia mais encontrar o castelo de Anabel que podia jurar ter visto naquele prédio que parecia uma prisão.

Girou os olhos na direção da pergunta.

— Não.

— Anabel disse que você é o namorado dela.

Tadeu sentiu uma tontura ligeira, um arrepio no ombro direito — fingiu não sentir nada, mas a garganta começava a secar. A cabeça pesou. Pendeu para frente um pouco. Corrigiu-se.

Suas costas doíam. O maxilar incomodava.

Não percebeu de imediato como estava difícil respirar.

— A-Anabel e-era... — Resistiu ao impulso de fazer tremer a perna esquerda. E de olhar para o pai. — E-era uma amiga.

— Não era uma namorada?

— Não era uma namorada. — Repetiu ele.

Galvino levantou-se de supetão, inclinando-se para frente. A ponta do dedo indicador ficando perto do rosto do delegado, que continuava impassível.

— Ela deveria ser executada *imediatamente* pelas MENTIRAS que está contando! Isto é um ABSURDO!

O delegado riu, cantando agudo uma mensagem que lia “por favor!”. Relaxou na cadeira, desviando o rosto enquanto deixava drenar a diversão que tirara do acontecido.

— Ora, sente-se, Galvino. Deixe de teatro. — Já parecia mais amargo enquanto Galvino sentava-se com a mesma postura de antes. — E você conhece as regras, sabe que é assim. Ela aprendeu outras técnicas, então deve ter sido de alguém de Al-u-ber. Eu só quero descobrir quem é. Ela resiste, e como eu sou espólio, achei que o seu filho pudesse me dar umas respostas mais rápido que eu.

— Quem fez a denúncia? — Perguntou Galvino.

— Jorge. Um médico preculgo.

Pai e filho balançaram a cabeça. Tadeu não fazia ideia de quem era aquele homem.

— E onde estão os pais dela?

— Os policiais que fizeram a prisão disseram que ela só tinha o pai, mas ele conseguiu fugir.

“Fugir daqueles cinco magos?”, pensou Tadeu, levantando as sobrancelhas.

— Gostaria de falar com ela, Tadeu?

— Ele *não* gostaria. — Atravessou-se o pai, respondendo por ele.

— O seu filho pode ajudar, Galvino... *Deixe* ele entender o que significa fazer parte da comunidade.

Tadeu não tinha dito nada ainda, mas estava louco para concordar. Naquela situação, contudo, não queria contrariar o pai. Galvino olhava para baixo, como se preparasse uma resposta elaborada — mas deve ter recon-

siderado, porque apenas balançou a cabeça, fazendo o delegado sorrir de novo.

— Então, Tadeu... Gostaria de falar com ela ou não?



Quatro dos magos que o haviam buscado em casa estavam em algum lugar no corredor atrás dele; um deles segurava as chaves da porta da cela, tinha a mão na maçaneta, e esperava que Tadeu desse o sinal para deixá-lo falar com a prisioneira.

Em Neborum, o castelo de Anabel estava próximo, ainda que silencioso. Mesmo assim, *sabia* que a amiga sentia sua presença.

Ele olhou mais uma vez para o mago segurando a porta, desgrudando um pouco os olhos da mesma direção estante.

— E-eu... Queria ficar sozinho com ela.

Aquilo não ia ajudar se queria convencê-los de que não era namorado dela, pensou Tadeu.

O mago balançou a cabeça para os lados.

— Ela é perigosa.

Tadeu pensou rápido, sua mente formigando para achar uma solução. Eles também estariam em Neborum, prontos para entrar em ação caso ela saísse do castelo — lugar que provavelmente defendia com todas as forças desde que foi presa. Não podiam conversar lá.

— Vocês podem... I-ir um pouco para trás? Desde que v-vocês consigam ficar perto em Neborum, está bom. P-para me proteger.

O mago fez que sim com a cabeça, destrancou a porta e deixou Tadeu passar.

Anabel se jogou em seus braços mais rápido do que ele pôde vê-la; o mago logo fechou as portas atrás dele e trancou de novo.

Tadeu ouviu passos.

— Eu pedi para eles se afastarem... — Quase sussurrou ele.

— O que é que você vai fazer? Você *tem* que me ajudar!

O rosto da amiga parecia mais pálido; seus olhos, mais fundos, o roxo abaixo deles forte na pele fina e seca. Ela o segurava pelos ombros; ele mal encostava em sua cintura. Fios dos cabelos vermelhos dela se agarravam ao pescoço dele, retardatários do abraço.

— A-Anabel, o que está acontecendo? S-seu pai *fugiu*!

— Ah... — Disse, perdendo o viço nos braços. — Sim...

— Estava tudo dando certo...

— Sim...

Tadeu olhou para as paredes da cela. Tudo que sabia é que precisava ir embora.

— O que eu posso fazer?

— Diga a eles que é meu namorado. — Explicou ela. — Como a gente combinou antes, lembra? Sobre nós nos ajudarmos? Vamos *seguir* com esse plano!

O estômago de Tadeu se revirou. Ela estava condenada, e associar-se a ela...

Sua inocência seria presumida ou descartada?

— M-mas Anabel, é a minha palavra contra a de um médico, u-um mago formado, mais velho, que...

— Tadeu, se você não me ajudar eu vou *morrer*!

Tadeu passou a língua nos lábios, mas não conseguia molhá-los. Devia estar olhando para ela com o tipo de pena que se conseguia ao arquear as sobrancelhas no centro do rosto. Ela arregalava os olhos, mostrando com a boca semiaberta a necessidade de um braço que a tirasse daquele buraco.

Um segundo depois ela desfez o abraço, e a boca se fechou. Virou-se de costas. Tadeu já sentia-se um condenado; se não pelos magos, pela frieza por ela decretada ao sentar no banco no fundo da cela.

— Se você não me ajudar eu confesso tudo, Tadeu.

Ela olhava para seus olhos, atravessando-os com mágoa. Não os desviou quando ouviu passos se aproximando da porta.

— Você tem até amanhã de manhã.

Capítulo 2

As cartas que não foram roubadas

Rainha entrou sem pressa, fechando a porta atrás de si com um empurrão gentil. Virou-se para trancá-la e passou a mão nos longos cabelos encaracolados, as mãos beges sumindo nos tubos castanhos. Passou a olhar desinteressada para o lugar que, fechado por tanto tempo desde a morte do pai, mofava.

A luz suave do dia chuvoso entrava por frestas e aberturas entre portas, e por alguma razão havia mais minérios de luz na casa do que ela se lembrava. Pensou que faria bem arejar o lugar assim que fizesse um pouco mais de sol; era preciso banhar de luz e calor o sofá vermelho-podre, o tapete amarelado e a pintura do pai na parede.

“Como se eu fosse ficar aqui...”, pensou.

Seus olhos pararam por algum tempo no quadro. Hourin não sorria, e encarava o pintor de frente com as mãos retas grudadas no corpo. O fundo, que misturava verde e vermelho para dar uma noção etérea do personagem, a deixava enjoada.

Assim como o pai.

Rainha subiu as escadas sem trazer a mala. Foi ao quarto de Hourin e precisou abrir a janela para não tossir mais.

Na claridade viu melhor o que haviam feito com a parede. Certamente descobriram a abertura secreta do pai; a madeira foi colocada no lugar de volta de forma grosseira, completamente descuidada.

Rainha empurrou de novo a parte de baixo da tábua, expondo o espaço entre a camada de madeira e a corvônia.

Pôs as duas mãos na parte de cima e puxou-a para baixo como uma alavanca, forçando a muralha atrás da parede.

Um bloco quadrado de corvônia foi para trás, oferecendo resistência; Rainha forçou mais a tábua até ouvir um clique metálico que prendeu o bloco no lugar. Tirou as mãos da tábua, esfregando-as por impulso no vestido alaranjado, e colocou o braço num buraco à esquerda revelado pelo bloco que cedeu.

De dentro do buraco tirou um pedaço de madeira e puxou-o para fora. Ele era articulado por dobradiças a outros pedaços que davam continuidade

à linha. Logo chegou a um pedaço ao qual uma sacola de algodão foi amarrada com uma corda de couro de bufão.

Largou a madeira no chão e sentou na cama para desamarrar a sacola. Lembrou do arranjo e da quantidade das cartas ao espalhá-las pelo colchão duro.

Tirou o ar dos pulmões, tentando ficar bem.

Olhou de novo para o buraco na parede. Aquele não era o último grupo de cartas; o pai devia ter deixado as mais recentes do lado de fora, sem se incomodar com o mecanismo. Quem quer que as tenha encontrado deve ter achado que aquilo era tudo e foi embora, deixando para trás o esconderijo sem ocultá-lo direito. Com a extorsão que poderia fazer com um punhado de cartas, *realmente*, quem se preocuparia com a possibilidade de haver mais?

Abriu uma das cartas entre o indicador e o médio, lendo a esmo miolos de conversa.

... disse a você para NÃO MATÁ-LO, Kahae! Mas pode haver um lado positivo para isso. Quero agora que garanta que Ianni e os filhos não passarão por dificuldades com isso, porque ela...

Meneou a cabeça enquanto os olhos se enchiam de lágrimas. Os dedos tremiam enquanto a carta era dobrada e reunida às outras; fazia a outra mão ajudar a guardá-las de novo.

Para cada cor de papel e escrita que transparecia do lado limpo do papel uma nova citação aparecia na cabeça de Rainha; uma outra memória, uma outra conexão com o passado do pai.

... deveria ter escondido melhor as barras. Mas fico bem e o parabeno pelo fim dos problemas no Sul com Riozo, achei que fosse preciso eliminar mais um ou dois para o assunto ser enterrado definitivamente...

Não conseguia deixar todos os papéis na mesma orientação, e começava a organizá-los com raiva quando um caiu no chão.

... que não podemos pagá-los mais, por que não estão quietos ainda, Kahae? Estou desapontado com você...

Derrubou as cartas no chão e escorregou pela borda da cama até o chão disforme, os soluços tomando conta dos espasmos no corpo.

... não precisava me perguntar esse tipo de coisa, é claro que eles devem sumir...

Apertou as mãos contra os ouvidos, rangendo os dentes. Respirou forte para tentar se controlar. Era irritante ter que lidar com sofrimento de novo ao rever as cartas — ela já pensara demais naquilo enquanto se recuperava na casa de saúde.

Teve tempo para refletir. Talvez o que precisava era tomar uma atitude.

Capítulo 3

Continuar ou correr

Beneditt fechou os olhos por alguns instantes. Respirou fundo. Detestava os minérios azuis do galpão de ensaio que Seimor alugava. Mesmo que a banda tocasse de dia, com a porta aberta, a cor se espalhava pelo local como tinta infecciosa.

Sentado atrás da bateria, observava Leila dedilhar melodia arisca, ainda que lúdica, na guitarra a tira-colo. Aumentava a velocidade a cada repetição, olhando para as cordas enquanto tocava; o rosto sério, focado, de lábios duros. Azul.

Leo ancorava-se em uma coluna de corvônia conversando com Mumba, o assistente de som. Gesticulava demais em contraste com os silenciosos olhares do homem de roupas simples e o sempre presente gorro. Dessa vez, um gorro azul.

A porta abriu-se e fechou-se num estrondo logo depois. Fjor entrava no galpão bocejando, desfilando em direção ao baixo.

Leo respirou fundo e pediu desculpas — ou teria agradecido? — a Mumba. Agarrou o irmão pelo braço, quase derrubando-o quando ele começava a se abaixar para pegar o instrumento.

— Você *prometeu* que ia chegar *na hora* dessa vez, Fjor.

— Foi só uns minutos, Leo...

Fjor combinava com malícia o sono de quem acaba de acordar com a atitude de não dar a mínima para nada. Beneditt desviou o olhar até Leo recuperar o minério de som no chão e explicar o que ele queria para a próxima música.

A bateria perderia proeminência; mudaria a velocidade, ficaria mais “mínima”. Era o tipo de direção que Leo, tendo absorvido o espírito das instruções de Seimor, dava num tom de visionário. Beneditt chamava a mudança por outro nome: a bateria ficou mais *previsível*.

Leila assumiria os vocais, e Fjor... Fjor faria o que quisesse, independente do que Leo lhe dissesse, até que Seimor aparecesse e o baixista resolvesse tocar conforme as expectativas do agente para não ouvir reclamações depois.

Praticaram a mesma música dezenas de vezes. Seimor chegou quando começavam a fazer o ciclo de rotina em que repassavam, no fim do ensaio, as outras músicas que tinham desmembrado nas sessões anteriores.

Beneditt perdeu-se em pensamentos. Suas baquetas percorriam os tambores e pratos como antes — o som enchia o galpão, mas ele não estava realmente ali. Fazia seu papel tanto quanto Fjor. Ao mesmo tempo, Leila fingia que gostava de cantar. E Leo fingia estar feliz.

“Como é que isso foi acontecer?”

Quando terminaram, Leila e Fjor foram os primeiros a sair. Só não foram mais rápidos porque ainda amavam os próprios instrumentos e não os deixariam no chão de qualquer jeito só para ganhar alguns segundos na corrida para longe de tudo e todos.

Mumba foi cuidar dos instrumentos. Leo foi ajudá-lo; não precisava fazer isso, e Beneditt calculou que ele devia estar esperando alguma coisa daquela amizade.

Seimor ficou sozinho, como Beneditt queria.

O plano era louco, mas nada complexo. E ele o ensaiava há dois dias. O número de vezes que o adiara deveriam tê-lo preparado, deixá-lo mais à vontade com a ideia mas, no fim das contas, eram só evidência da dificuldade de colocá-lo em prática.

Seimor olhou em silêncio para o músico.

— O que foi?

— Seimor, eu... — Hesitou ele, quase de forma calculada. — Eu entendo que você está investindo muito na gente. Obrigado.

— O que você quer?

Beneditt podia sentir a sobrançelha do agente subindo, mesmo que ela estivesse no mesmo lugar.

— É que... Eu vim para cá com a bateria já bastante antiga e... Algumas peças me parecem num ponto que logo vão deixar de soar bem, o-ou quebrar, então eu pensei... — Largou a deixa para que Seimor o interrompesse, subentendendo tudo. Nada aconteceu. — E-então eu pensei que eu poderia comprar mais peças, mas...

— Faça uma lista.

Seimor começou a se distanciar após um sorriso estéril. Beneditt sentiu um arrepio percorrer o corpo e alcançou o patrão antes que perdesse a coragem.

— É que, senhor Seimor, e-eu tenho o hábito de comprar as minhas próprias peças. E-eu não quero incomodar o senhor se alguma delas não for boa e eu precisar trocar, o-ou se não vier do jeito que eu pedi, o-o que eu pedi, então...

— Tudo bem, tudo bem. — Ele parecia estar com pressa, mas não saiu do lugar. — Minha vendedora está fora da cidade... Dou o dinheiro quando ela voltar.

— Obrigado, Seimor.

Leo observava a cena com as mãos na cintura. Não ousava tocar na bateria de Beni para desmontá-la — não fazia ideia de como fazê-lo.

— Viu? — Disse Mumba, ajoelhado, tirando um tambor de uma estrutura de madeira. — Seimor gosta de controle.

— É.

— É como eu disse para você, Leo. Controle esse seu irmão, porque eu posso esconder o que for de Seimor mas *um dia* ele vai estar aqui desde o começo do ensaio, não só no final.

— Eu sei...

Beneditt já seguia para a saída. Leo começou a se mexer devagar.

— Obrigado mais uma vez, e... — Começou.

— E veja também se esse garoto não vai fazer nada idiota. — Interrompeu ele.

Leo parou, voltando-se para o assistente.

— Que garoto? O Beni?

— Falou que precisava de novas peças e queria o dinheiro para ele, mas... Essas peças aqui não precisam ser trocadas não.

Leo deu de ombros.

— Talvez ele só queira algumas novas.

Mumba moveu o pescoço sem tirar as pupilas de um ponto fixo entre os olhos de Leo, que logo desviou-se do olhar perfurante; a escuridão e a severidade dele estavam estranhos demais.

Foi embora deixando de lado a ideia de agradecer mais uma vez.



Leila abriu a porta do quarto e Beneditt foi entrando como vento doente.

— O contrato é uma armadilha!

Ele estava parado entre a cama e as gavetas, com os braços cruzados e uma expressão devastada.

— O nosso contrato?

— Sim. Eu fui ler de novo.

— Onde? — Perguntou Leila.

— N-não importa, o importante é que ele foi *mudado*, Leila, eu *li* ele no dia que o Leo assinou e tem coisas lá que *não estavam* no dia, eu tenho *certeza*!

Leila balançava a cabeça, mas mantinha-se inabalável. Foi se jogando para a cama, melindrosa, fazendo do silêncio ruído.

— *Leila!*

— Eu não tenho muito pra dizer, Beni, eu... Eu não li o contrato direito.

Beneditt fechou os olhos por um instante, tentando se concentrar — aquilo tinha se tornado uma mania para ele nos últimos dias.

— Leila, isso não importa agora. Tudo bem você não ter lido, não estou pedindo para você *lembrar* do contrato, estou pedindo para você... Eu estou *contando* para você que estamos presos, aqui, a Seimor, e a *tudo* que ele mandar a gente fazer!

Beni havia terminado o discurso com a mão aberta voltada para a porta. Olhava diretamente para Leila, que balançava a cabeça de novo para dizer que entendeu o que ele disse. O marrom de seus olhos, contudo, jazia fosco e ressecado num poço de isolamento.

Beneditt deixou a mão cair.

— L-leila... Eu sei disso há alguns dias... E-eu só contei pra você.

Ela balançou a cabeça mais uma vez, deixando-a pender.

“Estamos presos, aqui, a Seimor...”

— Eu tinha medo, porque... Você lutou tanto pelo sonho do Leo. E nada mudou, esse ainda é o sonho dele, mas... Esse é o *seu* sonho, Leila?

“E a *tudo* que ele mandar a gente fazer!”

— Eu *sei* que eu já perguntei isso, mas não mudou *nada* desde que a gente veio pra cá?

Beni enxugou uma lágrima. Queria poder sentar, mas sentia-se preso ao lugar onde estava.

— Eu não queria que você ficasse assim... Eu não contei pro Leo porque eu sei que ele não se importa, e o Fjor... Sabe-se lá com o que ele se importa agora. Pelo menos confio que você não vai contar nada pro Seimor, mas... Eu achava que... — Uma risada brotou de repente em seu rosto. — Ia ouvir algo diferente de você. Que eu ia ouvir *alguma coisa*, pelo...

— O que você queria *ouvir*, Beni? — Disse ela, levantando a cabeça. — O que você *quer* de mim? *Fugir*?

Beni podia sentir que algo havia criado raízes nela. Raízes que agora retorciam seu rosto com dor.

— É, eu... Não sei mesmo...

Foi embora, fechando a porta do quarto com a mão tremendo. Assim que deixou a maçaneta na posição original sentou-se no chão, encostou-se à parede e deixou os olhos apertarem para fora todo o medo que acumulara nos últimos dias.

No começo da estação tinha amigos. No final já não tinha sequer liberdade, e tateava por ela sozinho no escuro que era Jinsel. Sem pistas. Sem ajuda. Sem escolha segura.

Capítulo 4

Alternativas

Tadeu olhava para o chão; não sabia se teria coragem de dizer qualquer coisa que não fosse a verdade se olhasse para os pais. Galvino, sentado no sofá na sala em que o filho aprendia magia, olhava para ele com voracidade. Queria respostas, e respostas *boas*, ou prometia não responder por seus atos. Eva, encostada à parede à frente de um minério de luz, tinha expectativas silenciosas sobre o filho — coisas que ele não ousava adivinhar, mas achava que se resumiam a obedecer ao imperativo moral que era a noção de não se pôr em perigo. Não havia fogo na lareira, e o silêncio fazia a respiração de Tadeu ser ainda mais pronunciada.

— N-nós... Beijamos uma vez. — Anabel queria um namoro, pensava ele; se pudesse encontrar um caminho do meio... — E-ela não p-parecia ser ruim, o-ou ambiciosa, eu...

— Você tem que deixar isso de lado, Tadeu. — Respondeu Galvino como se tivesse a resposta pronta independente do que o filho dissesse. — Ela agora já está, infelizmente, morta. É assim que deve considerá-la de agora em diante.

— M-mas eu tenho que... Tenho que *falar* sobre ela, porque não é *justo* ela pagar pelo que *não fez*!

— Como você sabe que ela *não fez*, Tadeu? De onde *vem* essa certeza *estúpida*? Por que ela resiste à invasão?

— Porque ela não quer ser forçada a dizer o que não quer! — Disse Tadeu, sentindo que aquilo deveria ser óbvio até mesmo para o pai.

— E quem a forçaria a dizer o quê, Tadeu?

— V-você mesmo disse que qualquer denúncia é o bastante.

— Tadeu... — Advertiu Galvino, cobrindo a testa com a mão.

— Não é *isso* que é magia? Controle? E-e se alguém não gostasse dela e quisesse atingi-la?

— Como o *Alex*, Tadeu?

Tadeu abriu a boca, olhando para o pai pela primeira vez naquela sala. Puxou ar, concatenando ideias.

— E-eu conheci ela na mesma noite que ele tentou me atacar, e... Foi *ela* quem me defendeu!

Galvino riu pelas narinas, balançando a cabeça.

— Não há mais razão para você se envolver nisso, filho. — Disse Eva, saindo das sombras. — Você não tem que se desgastar desse jeito, mas entendendo que quer defendê-la. O problema é que... Nervoso como você está... Só vai causar mais problemas para ela e também para si mesmo.

Tadeu e Galvino torceram o rosto, sem ter certeza do destino daquela conversa.

— Você fica aqui. — Concluiu ela. — Eu vou à polícia depor a favor dela. Dizer o que você acabou de me dizer.

— Mãe...

— Está decidido, Tadeu. — Concluiu ela, encaminhando-se para sair da porta.

Tadeu deu uma última olhada em Neborum, procurando alguma pista para fazê-lo entender o que era aquilo.

Estaria o pai controlando ela? Estaria *ela* controlando o pai?



De malas minimalistas feitas, Gustavo observava com os braços cruzados Jorge encaixotar as últimas roupas do armário.

— Ela está presa, mas ainda tentam descobrir quem ensinou magia preculga para ela. — Disse o pai. — Se é alguém daqui.

“Tenho que tirar Anabel daqui”, pensava Gustavo. “Tenho que pensar em algo.”

“E rápido.”

— A situação com Amanda foi resolvida?

Gustavo fez que sim com a cabeça.



Barnabás abriu a porta do quarto, como Amanda já adivinhava. Seguiu o movimento de seu castelo desde que fugiu da sala, e sentia-se grata por *poder* fazer isso. Seu iaumo podia estar morto.

Ele sentou à cama por cima da colcha vermelha, paciente como se não quisesse amassá-la. Plano sem esperança, já que a filha tinha repuxado todo o tecido fino ao desabar na cabeceira e depois puxar as pernas para perto de si.

Era um instinto estranho aquele seu. Convocava as coxas, os joelhos e as canelas para mais perto, apoiando neles os braços, às vezes abraçando-os, às vezes cansando e deixando um pé deslizar até deixar uma perna reta.

Chegou a rir da iniciativa. Gustavo a invadira com extrema facilidade; ele era mais rápido, mais sagaz — é claro que ainda havia muito para aprender, mas a última coisa que se sentia era segura e suas pernas jamais mudariam aquilo.

— Filha?

Ela olhou para ele por detrás das lágrimas que saíam da calha debaixo dos olhos.

— Você precisa me contar o que aconteceu lá embaixo.

Ela abriu a boca, mexendo as mãos.

“Cuidado, Amanda, cuidado, Amanda, cuidado...”

— Ele... Ele...

— A verdade, filha. A verdade, por favor.

Ela engoliu em seco.

— Ele achou que eu tivesse invadido ele.

Barnabás se empertigou, desacostumado a sentar de lado. Assentiu com a cabeça.

— E eu... Eu não *fiz* isso, pai, eu *tentei* dizer isso para ele, mas ele não *acreditou* em mim...

— Mas por que ele pensaria isso, filha?

— P-porque... Eu... Pedi para ele visitar meu castelo e ver se tinha alguma coisa errada com ele.

Barnabás mexeu os lábios devagar, provavelmente formando uma centena de frases diferentes sem conseguir escolher alguma. Calou-se, por fim, olhando para longe. Ou tão longe quanto as paredes permitiam.

Amanda sentiu-se remexida por dentro; refogado engordurado sobre o fogo revirado por pá de madeira.

— Pai, eu... Estava me sentindo estranha, estava ficando desconfiada... E-e pedi ajuda para ele, só isso, e ele achou que fosse uma armadilha... Por isso ele veio aqui.

O pai continuava olhando para a porta. O pequeno gesto com a cabeça — era um gesto? Era ele dizendo que sim? Ou era a imaginação dela?

— Ele disse que eu tinha me duplicado, mas eu não sei...

Barnabás fez sinal com a mão, pedindo que ela parasse. Algo surgiu na garganta da menina, desceu rápido, fez pesar sua barriga. Talvez fosse seu coração.

— Suas aulas estão suspensas.

Ele se levantou.

— O quê? Não, pai... Não, não, não, pai, NÃO!

A água começava a vir de novo, ela sentia. Ele pediu para que ela parasse de novo, o silêncio daqueles gestos deixando tudo ainda mais quieto.

— Estou punindo você por não confiar em mim para resolver seus problemas com a magia...

— ... PAI, NÃO! NÃO!

— ... E por colocar *você mesma* em perigo por isso...

— ... PAI, por favor...

— É a *segunda* vez, Amanda. — Disse ele, para o desespero de Amanda atingir um pico desconhecido quando ele a chamou pelo nome. — *Segunda* vez que você é invadida. Por um *discípulo*. Mas desta vez você errou também.

Amanda pôs o rosto entre as mãos para chorar; não queria ver o rosto enrugado do pai se dobrar àquela seriedade machucada.

Ele fechou a porta ao sair, arrastando seu castelo para longe no cenário estranhamente matutino de Neborum. Amanda, bem mais controlada dentro de seu castelo, o via partir sem coragem de chamá-lo de volta. Fechou os olhos e estava de volta à cama, respirando difícil, tentando se controlar.

Um calor passou por seu corpo; era mais que a vermelhidão das bochechas, dos olhos, e certamente mais que uma dor tardia da pressão de Gustavo. Era a inquietude de pensar no que acabara de fazer. No seu desespero, na entrega: na forma como pedira pelas aulas como se implorasse por sua vida. *Implorou* pela magia.

Seu pai não fazia ideia de o quanto a punição não teria feito sentido algum há apenas algumas estações.

Pensou em Tadeu e no que aquilo poderia ter significado para os dois. “Que ótimo, pai! Obrigada por me libertar das aulas. Agora não preciso ser uma preculga e posso ficar com o meu namorado. Ah, sim, é o Tadeu. É *claro* que é o Tadeu!”.

Olhou em volta e sentiu-se absurda. Deixou a testa cair no joelho.



Anabel nunca vira antes o castelo que agora perambulava pela prisão.

Percebeu o novo visitante enquanto preparava para se deitar no banco da parede, com os olhos fechados e as mãos juntas sobre a barriga, no mais absoluto tédio e na mais resiliente cólera.

Uma mulher de curto cabelo escuro e olhos tristonhos entrou na sala, de braços cruzados por cima de seu longo vestido roxo. Anabel não pôde deixar de reparar no perfume que tinha tomado conta do lugar, já que era notável quando qualquer coisa deixava a prisão menos horrível.

— Você é interessante... — Disse Eva, fitando a garota.

Anabel não soube o que responder. Procurou no fundo da mente por algo mas, sem saber quem aquela mulher era, e o que queria, não conseguia se concentrar.

— ... Mas cometeu um erro ao mexer com Tadeu. Se você disser uma coisa só contra ele, você não tem provas. *Tudo* vai ser visto como uma mera *tática* sua.

Anabel sorriu, arranjando o cabelo. Aquele olhar agora lhe parecia bem mais familiar.

— Eles vão acreditar em mim. Querem saber de onde aprendi as coisas que eu sei.

— Não.

Anabel notou que não havia castelos de policiais por perto em Neborum.

— Eles vão acreditar no que eu... No que minha família... No que nosso poder, nossos contatos e nosso dinheiro quiserem que eles acreditem.

Anabel empurrou as mãos que guardaram por horas as próprias portas e disparou na direção do castelo inimigo.

Em chamas, percebeu que foi uma péssima ideia.

Deixou a dor escapar em berros, mas fez de tudo para controlar os gritos: tinha que se concentrar o bastante para criar água e escapar da tortura.

Não teve chance. Bolas de terra a jogaram para o lado, confundindo seus sentidos — que não tinham sequer tempo de se reagrupar com o fogo extinto, pois ele surgia de novo, queimando a pele regenerada mais uma vez até outra lufada de terra atingi-la.

Era hora de usar o vento, chamar outra porção de terra para bloquear o que a perseguia, mas ela não tinha mais noção de onde estava cada elemento; pensou em bloquear a terra que pôde sentir vindo de um lado — o fogo se sucedia ao barro cada vez mais rápido, em golpes que começavam a irritar mais que qualquer coisa — mas do outro lado veio água, e a englobou numa onda que a levou para longe.

Ela se levantou, tossindo forte e tentando fazer algum vento — ou qualquer coisa, na verdade — mover-se para seu castelo. Precisava criar uma distração, uma cobertura enquanto se recuperava e repensava a estratégia.

Abriu os olhos em meio ao furacão geral que conseguira causar e viu o esvoaçante vestido da inimiga aos seus pés.

Quis voar, quis fugir, mas deu um passo para trás e seu pescoço ardeu com a chama que envolvia como luva a mão da mulher mais velha.

Apertou os olhos mas lembrou que *tinha* uma vantagem inesperada contra os colegas de tradição.

Uma adaga de punho em negro couro apareceu preso à mão, pronto para abrir uma chaga nas costelas do iaumo agressor.

Antes que ela pudesse superar a ventania que não parecia mais capaz de controlar, Eva puxou a mão armada de Anabel com sua mão livre, juntando-se ombro a ombro com ela, olhando-a nos olhos ainda mais de perto, empurrando enfim a faca contra o peito da portadora.

O vento enfraqueceu na mesma hora; o grito seco de Anabel a empurrou para o chão até ela acordar em Heelum como num pesadelo.

Seu iaumo estava morto. Precisaria de tempo *demais* para acordar de novo.

— GUARDAS! — Chamou Eva.

Anabel continuava exatamente na mesma posição que antes; suas lágrimas é que escapavam do corpo.

— ... O que eles vêm fazer comigo agora?

— Ver o que há de interessante no seu castelo.

Anabel não podia mais ver seus castelos se aproximando ou ouvi-los descer a escada. Mas a cada passo imaginado, via a razoavelmente bela imagem que tinha do futuro transtornar-se num quadro de horrores para o qual não queria, definitivamente, mais olhar.

Capítulo 5

Sem desejo

Byron se policiou para não coçar mais a região da barba. Não queria deixar, soltos no ar, indícios de que algo estava fora do lugar.

Visitou Neborum mais uma vez. Desde o ataque do alorfo fora enviado de volta para o próprio castelo e de lá não conseguia sair. Uma força maior que o vento, mas mais sutil que um simples obstáculo sólido, impedia o avanço a partir da porta; fazia arder as articulações, especialmente as dos joelhos. Fazia doer os músculos no antebraço, no pescoço, nos dedos contraídos dos pés.

— *Por que ainda me quer aqui, mestre, é o que eu não entendo.*

De braços cruzados e postura reta à frente da escrivaninha, Tornero cultivava nos olhos o mesmo ódio que surgira há horas e não dava sinais de que se apagaria tão cedo.

Kerinu foi instalado sem hospitalidade num quarto de hóspedes, amarrado por mãos e pés aos quatro cantos da cama e amordaçado. O cômodo foi trancado com as janelas e cortinas fechadas, os móveis arrastados para o mais longe possível, e os serviçais avisados para não abrirem-no sob hipótese alguma.

Mesmo depois disso, Byron não permitiu que Tornero saísse imediatamente. Lamar poderia ser pego antes de conseguir escapar das últimas jirs da cidade ao norte, justificou, e nesse caso não seria bom ser apanhado enquanto era perseguido por alguém ligado a Byron. Tornero achou a ideia ridícula.

— Vá. — Disse, finalmente, querendo berrar a ordem.

Se precisava falar com Kerinu, era melhor que Tornero não estivesse junto.

O prisioneiro virou o rosto para a porta quando Byron entrou no quarto. As cordas não só o mantinham preso como também o puxavam. Sangue seco cobria a bochecha direita por cima da longa e fina ferida aberta. Tentou com afincos demonstrar que sorria por detrás da mordaça, que Byron arrancou assim que chegou mais perto.

— O que você fez? — Perguntou Byron, baixinho.

Kerinu mostrou com um entortar de lábios o que teria feito se pudesse: um dar de ombros.

Byron socou sua barriga com o punho direito, num gesto tão rápido que o assustou e o levou para trás. Kerinu gemeu, não mais sorrindo.

Byron deu mais três socos, sempre com o punho direito, um mais forte que o outro. Testava seus limites físicos rosanos depois do último treino pesado que teve.

Ofegante, subiu na cama. Tentou manter o equilíbrio depois de chutar o homem amarrado.

Quis pular em cima de sua barriga com os dois pés quando parou, percebendo o suor absurdo que o assaltava por debaixo das vestes pesadas.

Desceu da cama, envergonhado; era um *bomin* e estava enlouquecendo.

Um medo ainda maior inundou-o com arrepios. Registrava que Kerinu tossia e gemia, respirando pesadamente, mas não quis saber de mais nada — trancou a porta de novo com a mão tremendo e começou a verificar seu castelo. Correu por todas as salas, todos os corredores, verificou cada pedaço de sua propriedade tão bem quanto pôde com a pressa que tinha, e só foi sentir-se a salvo quando sentou-se de novo, exausto, na cadeira atrás da escrivaninha.



Tornero voltou tarde à noite, sem notícias de Lamar. Byron voltou a visitar o alorfo sozinho. Sentiu-se incomodado por ter esquecido de colocar a mordaca de volta; aparentemente Kerinu, que já estava acordado quando o *bomin* entrou, não achou que conseguiria alguma coisa berrando por ajuda.

— Ainda não saio do meu castelo. — Disse Byron, chegando mais perto da cama.

— Eu sei.

Kerinu não demorou para responder, e sua voz não traía medo ou tristeza de qualquer tipo — apenas uma forma de indiferença que Byron considerava extremamente incômoda. Pelo menos não estava sorrindo.

— O que você quer?

Kerinu apoiou o peso da cabeça na ponta do queixo, levantando o pescoço e fechando os olhos.

— Eu não quero nada. Na verdade — Continuou, passando a encarar o mago. — me pergunto... Quanto tempo vai demorar para Tornero tomar o seu lugar...

Byron engoliu em seco antes de tirar a espada e encostar no pescoço do alorfo.

— Eu vou matar você antes disso.

— E ficaria preso para *sempre*.

Olharam-se por mais alguns instantes. Byron relaxou a mão aos poucos até guardar a espada de volta.

Aquilo era tudo que Byron precisava evitar: não havia como saber se Kerinu estava blefando ou não. Ele mentiria bem, é claro. Não brincaria com a própria vida. Sua própria indiferença inicial, a certeza de segurança, de invulnerabilidade — tudo fazia parte da aposta. Para Byron uma aposta com metade de chances de acerto — um desfecho simples, rápido, que poria fim àquela agonia. Mas com metade de chances de fracasso — sua ruína total.

Saiu do quarto e encontrou Tornero na sala de entrada. Passou direto por ele e começou a fazer alguns últimos ajustes em seus trajes.

— Fique aqui. — Instruiu. — Desde que o deixe vivo e faça *doer*, pode fazer o que quiser.

Capítulo 6

Encontros

Aquilo se parecia menos com um beijo e mais com algo que alguém completamente desprovido de contexto poderia descrever como uma colisão de lábios, seguida de um abraço forte demais. O verdadeiro beijo parecia aquele que a bochecha de um dava no ombro e no pescoço do outro.

Amanda saiu do abraço e pousou os polegares sobre o rosto de Tadeu.

— Você está bem?

— Não...

Tadeu disse que estava cansado e quis sentar-se. Puseram-se um de frente um para o outro, as saudades que os atormentavam dando lugar a uma impensada agonia.

Havia muito em jogo naquela conversa, mas aquele era um jogo que só se deixava descobrir ali, naquele momento que deveria envolver seus corpos muito mais que seus medos.

— O que foi, Tadeu?

— A Anabel. — Amanda olhou para o lado num instante, vendo se conseguia lembrar de quem ele estava falando. — Ela foi presa.

— *Presa?* Por quê?

Amanda não tinha muita noção de como as prisões funcionavam em Al-u-ber, mas não imaginava que um mago pudesse ir parar numa delas muito facilmente.

— Acusaram ela de usar magia preculga.

Tadeu desviou o olhar enquanto a companheira abria a boca, estupefata.

— M-mas como, ela...

— Não sei. — Cortou ele.

— Você *falou* com ela?

— Minha mãe prometeu que vai tentar tirar ela de lá, mas... E-eu não sei se ela vai conseguir.

— Sua mãe?

Tadeu acenou enquanto ponderava se era válido chamar aquilo de “promessa”. Ele sequer quis saber o resultado da conversa dela com o delegado. Não sabia o que ela tinha ou não conseguido.

— Eu não quero... Esquece isso... Aconteceu alguma coisa com você?

Amanda suspirou.

— Hm... Foi o Gustavo também... — Tadeu voltou-se alarmado para ela, assumindo que ela sabia de alguma coisa. Aparentemente foi só uma palavra em falso. — Ele veio... Até minha casa, e... Me atacou.

Tadeu piscou.

— Atacou como?

— Em Neborum... Mas ele também... P-pegou meu cabelo depois que eu empurrei ele... O corpo dele, não o iaumo.

Tadeu respirou com a boca, perguntando-se como pôde tentar fazer com que ela se apaixonasse por aquele rapaz.

— M-mas ele... *Por que* ele fez isso?

— Ele... Achou que... — Tadeu não gostava nada do jeito como ela media as palavras. — Que eu tinha invadido ele. Algo assim.

— Por quê?

— Não sei, talvez alguém tenha invadido ele e ele pôs a culpa em mim. O que eu sei é que *eu* não fiz nada disso.

“Claro, ele te atacou justamente porque *eu* tentei fazer um *se apaixonar pelo outro*”, lembrou Tadeu.

— E-e o que você fez?

— Meu pai chegou e me salvou...

Tadeu conhecia ela bem o bastante para saber que ela não estava nada bem com aquilo. Talvez em pouco tempo, logo depois daquela entortada de boca, ela explodisse em pranto.

Mas não; seus olhos ainda estavam avermelhados, e num primeiro momento desviou-os para baixo como se suas mãos fossem muito interessantes, só não o bastante para fazê-la sorrir. Amanda não tinha coragem de admitir o quanto se percebia como uma péssima maga — por que conversaria com Tadeu sobre isso, de qualquer forma? Para que ele pudesse sugerir que *desistissem* daquilo tudo de uma vez?

Tadeu aproximou-se dela e a beijou; um beijo desajeitado, incerto, que não tinha futuro nenhum. Depois de pensar trinta vezes chegou à mesma conclusão que odiara desde a primeira: não deveria dizer que Anabel sabia sobre eles. E que o chantageara. E que ele não dormia há dois dias pensando no que aconteceria dali em diante — ou por que nada acontecera ainda. Ela escolheu o mesmo caminho: não podia explicar em que circunstâncias Gustavo a atacara.

Pigarreou, contentando-se em acariciar o cabelo da garota. Logo o problema se resolveria, de uma forma ou de outra. Ou, talvez, devesse se preocupar por começar a chamar pessoas de problemas.



A estrada era larga, limitada com decorativas cercas baixas de madeira. Jorge e Gustavo deixaram a Fortaleza Oeste de Al-u-ber há bastante tempo, e seguiam agora para o Sul pelo trecho que cortava uma pequena porção da Grande Floresta. Parariam primeiro em Karment-u-een, e embora o pai tivesse dito que chegariam apenas no outro dia, sua insistência de seguir em frente depois que a noite já alcançara quase o céu inteiro irritava Gustavo.

Seus planos para escapar comiam cada vez mais seu cérebro; cerravam seus punhos, fechavam seus olhos, paralisavam seus sonhos. O problema era que não bastava apenas escapar — o que ele calculava que seria fácil, mesmo que a cada hora em que seguiam em frente a viagem de volta ficava maior. A questão é que sem seu pai, Gustavo perdia todo o suporte para se manter em Al-u-ber. Nessas condições, duvidava que podia ajudar Anabel a escapar.

Pensou que talvez aquele pessimismo todo fosse causado pelo pai, que dormia um sono pesado encostado à janela. Vasculhava sempre seu castelo, é claro; estava alerta o tempo todo, mas com a sutileza do pai não podia se sentir seguro.

Puxou as cortinas amarelas para olhar as estrelas no Oeste — o que não durou mais que alguns segundos. Chegara sim a sentir falta das estrelas como as via em Den-u-pra, mas depois de Anabel aquilo não importava mais tanto. Não era a mesma coisa. Se fosse para ver as estrelas, queria vê-las com Anabel. Em Den-u-pra, mas não sem ela.

Não sabia em qual prisão exatamente ela estava. Só sabia que havia sido levada por infringir uma regra estúpida dos magos — uma *grande* estupidez, pensava ele. Ter magos mais poderosos só poderia levar a uma maior organização da vida em Heelum. Aquilo era tão óbvio para ele: quem não queria uma vida sem surpresas, sem problemas, com a quantidade necessária de oportunidade para que cada um vivesse de acordo com suas habilidades? Ao invés de cooperar, bomins, preculgos e espólicos faziam brinquedos com suas armas secretas, negando conhecimento uns aos outros. E, enquanto isso, deixavam alorfos e filinorfos triunfar com suas ideias quase tão idiotas quanto aquela rivalidade.

Por outro lado, era a severidade da regra que de certa forma protegia a magia heterodoxa. Sua vida foi preservada porque quando os magos descobriam um fio solto nesse assunto, queriam chegar à rede inteira. Quem aprende, aprende com alguém. Se pudessem descobrir o professor...

Gustavo sentiu um clique inaudível na cabeça. Um estalo criativo, como se tivesse aberto o crânio, apanhado um dos pensamentos parasitas entre o polegar e o indicador, e o exterminado com um apertão satisfatório, sem sequer se incomodar com a gosma.

Respirou fundo e deixou a reverência encher seus pulmões. Era *isso*. Ele sabia como voltar a Al-u-ber e manter-se lá por algum tempo. Teria que

ser rápido, aproveitar as oportunidades — se elas aparecessem. E tinha que esperar por uma já naquela noite.



Algumas charretes passaram por eles, embora a maior quantidade de castelos que Gustavo brevemente inspecionou eram de pequenos acampamentos, com ou sem charretes, ao longo da estrada. Logo se tornariam um acampamento também, quando eventualmente parassem para dormir, e a chance de encontrar outros viajantes diminuiria consideravelmente.

Pouco tempo depois de lamentar o tempo que demorou para pensar naquela ideia, a charrete parou e o cocheiro bateu à porta. Gustavo balançou o ombro do pai para acordá-lo.

O homem tinha bochechas rotundas e rosadas, um cabelo encaracolado reprimido por um chapéu preto e vibrantes olhos azuis. Ele e Jorge conversaram animadamente. Gustavo ouvia, sério como sempre esteve nos últimos dias, enquanto a conversa entre os dois se desenrolava, trivial. Não parecia que ia chover — “Ótimo”, pensou Gustavo.

Assim que o cocheiro saiu, começando a preparar tudo para a parada à beira do caminho, Jorge trouxe de volta seu taciturno eu, fechando os olhos sem desejar boa noite.

O cocheiro dormiu. Já que o pai não roncava, os barulhos só podiam vir do condutor. Gustavo invadiu seu castelo e afrouxou sua consciência — uma técnica preculga única entre as outras, que poucas pessoas pensavam ser útil quando o alvo estivesse dormindo, mas que na verdade fazia com que ele não acordasse mesmo se o teto sob o qual dormia caísse sobre si.

Pontos luminosos surgiram na escuridão densa de *Neborum*. Gustavo cruzou a última sala de sua torre até ficar em uma janela com melhor vista para eles.

Eles se aproximavam rapidamente: Gustavo contou três castelos, mas depois notou mais um. Em *Heelum*, o barulho era inconfundível: *yutsis* se aproximavam. O cocheiro não acordou — como planejado — mas Jorge piscou os olhos, fazendo um rosto azedo.

Gustavo saltou direto do banco para fora da charrete, abrindo a porta num supetão desajeitado. Jorge pulou sentado, definitivamente acordado.

— EI! *AQUI! AQUI!*

Conjurou uma pedra grande o bastante para causar certo dano, mas manipulável o suficiente para suas mãos: atirou-a no castelo que vinha à frente, mirando na porta.

Jorge saiu resmungando da charrete, pondo os pés na estrada sem entender a estratégia do filho. Ele até esperava por algum plano infeliz desde que saíram da cidade, mas se quisesse fugir, por que não corria de uma vez?

Acaso esperava que estranhos — que viajavam à noite — o levassem a Al-u-ber? Quatro, pelo que podia ver.

A charrete passou por eles, mas logo estancou. O cocheiro desceu, um vulto alto e largo, abas em volta da cintura no que parecia ser um casaco aberto.

Ele vinha sem pressa, e Gustavo achou que ele fosse verificar os berros sozinho. Logo as portas da charrete se abriram e os outro três desceram.

Jorge já estava fora de seu castelo também, perto do iaumo do filho, quando os outros castelos começaram a cercar a área. Os minérios do lado de fora iluminavam seus contornos: singelas construções bem cercadas de cor barrenta. Só um dos castelos trazia menos luz, parecendo uma casa luxuosa com menos andares e mais cômodos ao fundo.

Os rostos se revelavam ora nada, ora pouco: os iaumos se faziam sentir por detrás dos muros, arredios, mas não se mostravam. Na penumbra grossa da noite da estrada mesmo olhos acostumados não conseguiam divisar muito mais que generalidades.

Uma mulher clara tomou a frente, a forma diferente das mechas chamando a atenção — isso e sua altura comparável à do cocheiro. À esquerda dela estava uma outra mulher, de curto cabelo castanho, uma pele talvez mais escura. No fim da linha ficou um homem com uma longa capa, o braço direito dobrado indicando o cabo de uma espada, um cavanhaque desordenado e um cabelo avermelhado.

Jorge estava tão convencido da importância de observar aqueles iaumos que quase não ouviu Gustavo começar a bradar enquanto os viajantes andavam na direção deles.

— Por favor, *por favor* me ajudem!

— *Gustavo...* — Ralhou Jorge.

— ... Esse mago preculgo está me levando como prisioneiro, eu sou bomim e ele quer que eu ensine tudo para ele ou ele vai me matar!

Jorge empurrou o corpo do filho até a carruagem, prensando o antebraço sobre o colo do filho.

— *O que é* que está fazendo?

Em Neborum, preferiu ficar onde estava, sem fazer movimentos bruscos.

— Deixa ele. — Disse a voz da líder feminina.

Jorge olhou para os viajantes. Desfez o aperto apenas para transformá-lo num abraço lateral. Riu como se estivesse prestes a confessar um erro bobo.

— Ele é meu filho. Ele não quer se mudar para onde estamos indo, então está inventando essas histórias... Está desesperado, como podem ver...

Gustavo quase podia ver os olhos da mulher os perscrutando. O silêncio de seus salvadores em potencial não era *exatamente* o que ele tinha imaginado.

— Tu é pai dele? — Perguntou ela.

— Sim.

— Ele é o teu pai?

— Não! — Disse Gustavo, tentando livrar-se do abraço do pai.

Jorge pressionou as mãos contra os ombros dele, rindo ainda mais falsamente constrangido.

— É claro que sim, não *deem* ouvidos a ele!

Gustavo sentiu-se puxado pelo cotovelo para mais perto do pai diante dos castelos que chegavam um pouco mais perto. Não ofereceu resistência.

— E-ele me sequestrou! — Continuou. — Ele...

— Tu também é mago? — Questionou a mulher.

Gustavo engoliu em seco.

— É melhor continuarmos nossa viagem e vocês podem continuar a de vocês. — Resumiu Jorge. — Filho, vá acordar o cocheiro.

Gustavo ficou parado, sabendo que enrubescia pelo calor que o sangue trazia para o rosto.

— Gustavo, sim? — Disse Jorge, continuando em sussurros em Neborum; há muito combinaram que o nome do filho, seguido de sim, feito como uma pergunta, era um código para uma conversa secreta. — ... Vá para o seu castelo agora e *acorde o maldito cocheiro*.

Gustavo balançou a cabeça sem olhar para o pai. Voltou para o castelo, desabando no chão com mais certeza de que estava perdido. Os yutsis não estariam prontos para partir naquele momento, e o pai sabia disso; ele provavelmente só queria mais algum humano no cenário.

O problema é que o cocheiro estava completamente incapaz de se defender. Talvez até de se levantar.

A fraca luz das estrelas enchia o lugar bem o suficiente para deixar visíveis os olhos do pai. Nada de raiva, nada da decepção de antes: eram agora pura dúvida, um medo primitivo que um dia podia até ter estampado sua face jovem frente a algum grande perigo — mas o filho nunca o vira assim.

— O que a gente faz? — Perguntou a mulher, falando com seu próprio bando.

— Vamos embora... — Respondeu o homem de cavanhaque.

Jorge se virou para o castelo do filho. Ele não estava nas janelas.

— Acho melhor acabar com isto de uma vez. — Interveio o cocheiro do grupo, com uma voz convoluta.

Jorge cerrou os dentes ao pensar na distância até sua espada.

— ... Concordo. — Disse a mulher ao lado da líder.

Jorge puxou o filho pelas costas quando a lâmina da mulher era revelada. Começaram a correr.

Passaram pela charrete e foram lado a lado para o Sul, ouvindo passos cortarem o chão atrás deles. Jorge empurrou Gustavo para a direita, reto

para cercas que se viu forçado a pular de qualquer jeito. Quase tropeçou ao cair na grama e bateu o ombro com força em uma árvore, logo desviando dela e entrando nos caminhos tortos por entre a mata com os outros no encalço dos dois.

Gustavo sabia que seu castelo estava provavelmente sob ataque, mas não podia se preocupar com aquilo ou bateria de novo.

Calculou que a escuridão, justa, atrapalhava a todos igualmente. Seguiam, ele e quem ele presumia ser o pai, tateando pelas ranhuras dos troncos.

Como não tinham virado para nenhum lado, pensou que estavam indo para o Oeste.

Sentiu o coração ribombar ao abraçar uma árvore, e girou para se proteger atrás dela. Recostou-se trêmulo na planta, piscando forte várias vezes, sentindo o terror de constatar que abrir os olhos não fazia mais diferença nenhuma.

Tentou controlar a respiração. Seu castelo parecia bem, pelo menos do salão principal onde estava.

Olhou pela janela e viu o castelo do pai parado mais ao longe.

“Ele sabe que eu parei”.

Se ele e o pai vencessem aquela ameaça juntos... Continuariam o caminho.

Tinha que fugir.

Afastou a cortina toda até o canto para olhar por outro ângulo. Dois iau-mos de seu pai, idênticos, lutavam em frentes diferentes: um Jorge de espada e escudo mudava de posição tão rapidamente que Gustavo não conseguia acompanhar os movimentos que ele fazia para atacar a líder, defender-se de seus ataques bômins, e escapar dos enlances espólicos do homem que só podia ser o cocheiro.

Mais ao lado, perto de um dos castelos, outro Jorge mantinha à distância, com uma lança, o homem de cavanhaque — que apenas caminhava tranquilamente ao lado da outra mulher.

Sentiu um tremor na terra e percebeu que era algum outro castelo chegando perto do próprio; voltou a olhar para o escuro da floresta no momento certo de perceber seu ombro sendo tocado por uma mão.

Gustavo pulou para cima do viajante num instinto ofegante, derrubando-o no chão — não fazia ideia se era um dos homens ou uma das mulheres; levantou-se logo depois, possivelmente pisando na canela de quem foi derribado, escorando-se em outra árvore e enfim começando a correr para o Norte.

Andou pelo tempo que precisou pra sentir-se um pouco mais seguro; diminuiu os passos quando teve certeza de que ninguém o tinha seguido. Viu os castelos na distância — tão pequenos que quase saíam do horizonte

de Neborum. Não conseguia ver quem estava lutando contra quem, mas tinha a esperança de que o pai sobrevivesse.

Começou a chorar, escorregando as costas pela textura da oliveira, pensando na loucura que havia feito.

Grudou-se rápido à parede oposta em seu castelo quando sentiu alguém agarrar seu ombro.

— *VAI!* — Gritava um Jorge suado, esganiçadamente rasgando o silêncio tumular como um arranhado sangrento em sua voz volumosa. — *DEPRESSA!*

A voz empurrou Gustavo para cima de costas pelo tronco, desligando-o de Neborum. Ele continuou a olhar para o escuro, esperando ver alguma coisa de novo.

Desistiu daquilo e recomeçou a correr, dizendo a si mesmo por meia madrugada que se o pai tinha pressa, ele deveria ter também. Na outra metade da noite alta, caiu. Não se preocupou em levantar. Dormiria ali mesmo.

O pai estava bem. Consequia se duplicar, e na escuridão ele acabaria fugindo pela floresta e chegando em Karment-u-een. Ele não vira o pai em muitas batalhas em Neborum, mas aquela certamente mostrou seu valor.

Não encontrou o terceiro iaumo do pai em seu castelo de novo, por mais que inspecionasse, mas era apenas lógico que ele havia provavelmente o cancelado para não se cansar demais. Concentrar-se em estar em dois lugares ao mesmo tempo em Neborum já era complexo o bastante. Para lidar com três presenças...

Seu pai ficaria bem. Anabel, por outro lado, ainda precisava dele. Surpreendeu-se quando viu sua própria voz mental ficar maior e mais grossa — ele não deixaria *nada* ficar em seu caminho para tirá-la da prisão, pensou.

“Nem meu pai?”, perguntou-se.

Sua cabeça estava prestes a dar um nó quando ele calou a si mesmo, como se dissipasse pensamentos vaporosos com o abano forte das mãos. Seu pai ficaria bem.



O cocheiro e uma das magas saíram da floresta por último. Não controlaram o corpo de Jorge de modo a fazer com que pulasse a cerca, deixando-o cair no chão sem permitir que ele protegesse o corpo com os braços. Seus gemidos após a queda foram também prontamente reprimidos.

Seu rosto estava empoeirado, mas o cabelo era terra pura, assim como suas calças. Sangue começava a escorrer pelo nariz.

— O que foi que tínhamos decidido mesmo? — Perguntou a mulher que controlava o preculgo.

— Matá-lo. — Comentou o outro controlador.

Ajoelhou, um tanto desajeitado, sobre o corpo cada vez mais rígido do mago dominado. Apalpou seu tronco até encontrar o ponto que precisava.

— Não precisamos fazer isso, André... Podemos pensar mais. — Comentou o homem de cavanhaque.

André levantou a cabeça para ver o colega, sorrindo um sorriso que não podia ser visto em toda sua glória. Desembainhou a espada enquanto o homem de cavanhaque aproximava-se da cena com a mão estendida à frente.

A arma entrou no peito de Jorge. Foi arrancada segundos depois.

A líder do grupo balançou a cabeça negativamente.

— Isso foi ideia de vocês.

— *Minha não!* André, deveríamos *ter conversado!*

— Como se vocês não gostassem de atacar magos na estrada à noite...

— Disse a mulher.

— Agora é diferente, há *mais coisas* em jogo...

— E o cocheiro? — Perguntou André, levantando-se.

— *Nada.* — Frisou a líder. — A gente não faz *nada*.

— E se ele só *fingiu* estar dormindo?

— Se ele fingiu deve ter fugido depois que entramos na floresta. Se não fingiu, não precisamos descobrir se ele é um mago ou não, é só deixar ele ir embora.

— Mas e quando ele acordar e não ver os dois magos na charrete? — Perguntou a outra mulher. — E quando ele andar mais um pouco e ver esse sangue na terra?

— É a nossa deixa para cobrir esse sangue, Gabriel... — Disse André.

Joana permaneceu em silêncio enquanto os dois se afastavam para pegar um minério de luz na charrete.

— Ele vai matar o cocheiro quando chegar lá, não vai?

— ... É provável. Ou o Gabriel vai tomar mais cuidado dessa vez... Não te preocupa assim, Joana...

— Tem um homem por aí que *fugiu*, Luana, que a gente deixou escapar. E se ele for de Al-u-ber e abrir a boca lá?

— *Podemos desacreditá-lo*, Joana, te acalma! — Uma achou o pulso da outra, apertando-o como se aquilo fosse lhe fortalecer. — Vamos conseguir... Fica calma...

Capítulo 7

Chegada

Diferente do Parlamento de Al-u-een, um marco no mapa da cidade, o Parlamento de Al-u-ber era bem escondido. Como a jir central da cidade era como um grande organismo, era preciso entrar em um castelo que concentrava várias passarelas para construções vizinhas e então, através de uma passagem em geral bem guardada, entrar já pelo terceiro andar num prédio com jardins ocultos por detrás de muros sem portões.

Embora ali estivessem as salas dos parlamentares, entre outras salas úteis para o funcionamento da cidade, a verdadeira sala de reuniões ficava ainda em outro castelo, mais adiante, ao qual se chegava por uma passagem subterrânea através da sala de mapas — lugar que já podia suscitar suspeitas de que era mais importante do que aparentava pelo tamanho desproporcional ao seu uso, o que não era problema: a sala de reuniões era pouco acessível, mas não precisava ser secreta.

Os filinorfos tinham hora marcada com o Parlamento, e embora tivessem usado seus próprios nomes, criaram títulos e histórias de vida que tinham muito menos chance de causar prisão ou morte imediatas.

Representavam — ou melhor, como queriam ser aos olhos dos interlocutores, *eram* — uma comitiva de magos tradicionais de Roun-u-joss.

Todos usavam grossas capas por cima de vestes leves, prezando pelo simplismo da uniformidade. Joana vestia laranja, na ponta frontal da formação em losango, com seu usual cabelo loiro cortado de um lado e jogado para o outro. André, negro alto de rápidos olhos escuros, vestia o mesmo azul escuro que Luana ao seu lado, que tinha uma pele um pouco mais clara e ossos bem mais expostos. Atrás dos três, na outra ponta, Gabriel vestia um verde que combinava com seu rosto imperial. Como se recusou a se separar da espada, dois policiais acompanharam o grupo desde a sala dos mapas.

A mestra lançou um olhar verificador para os outros parlamentares. Vestia uma longa e escura capa azul de gola vertical alta, que na dobra redonda encostava no pescoço. Emoldurava com pompa seu rosto caramelo, suas rugas símias e seu cabelo dourado levantado num coque.

— Vamos começar a reunião de hoje. — Disse ela. — Esta é a primeira sessão ordinária do dia 52 de inasi-u-sana, e aqui está uma comitiva de ma-

gos de Roun-u-joss que requisitou uma conversa conosco. — Voltou-se para eles. — Digam o que querem.

Joana deu um passo, com as mãos juntas à frente do corpo.

— Bom dia a todos.

Passou a olhar para as fileiras retas de magos, pouco mais que quatro dúzias espalhadas pelos lados da sala que, embora não fosse exatamente grande, era alta. Suas janelas, limpíssimas e bem emolduradas em ouro, deixavam-se atravessar por raios de sol a partir de um recuo no solo. Não havia bancadas, apenas amplas cadeiras acolchoadas no limite de cada pátio, com pequenas mesas quadradas à direita de cada uma.

Voltou seu olhar à mestra.

— Viemos aqui como representantes dos magos de Roun-u-joss. Viemos porque precisamos da ajuda de vocês.

Se a visão periférica já não indicasse o desconforto que atingiu os parlamentares, o burburinho o teria feito.

— Vocês, magos de Al-u-ber, têm sorte. Não são caçados ou perseguidos. A polícia e o exército não estão contra vocês, estão *debaixo das botas* de vocês. Vocês fizeram com essa cidade o que nós nunca conseguimos fazer lá.

Joana girou brevemente nos calcanhares e foi para a esquerda, passando a olhar para os rostos sérios nas cadeiras.

— Queremos nos fortalecer. Queremos formalizar uma frente de apoio e planejamento para melhor integrar os magos das duas cidades.

Os ouvintes começavam a falar entre si. Joana os deixou digerir o começo enquanto caminhava para o outro lado por detrás dos companheiros, que continuavam olhando para a maga no topo à frente deles.

— Há muito tempo enfrentamos dificuldades lá, e sinto que é porque fomos *abandonados* à própria sorte. Precisamos da *experiência* de vocês.

A filinorfa disfarçada de bomin gastou seu último olhar ensaiado e voltou à formação, esperando por uma resposta. Do lado esquerdo, conseguiam ouvir que havia dúvidas quanto ao *quê* eles queriam, afinal. Do lado direito, os comentários mais frequentes avolumavam-se um por cima dos outros sobre quão inaceitável aquela situação era.

— Resumindo, vocês querem que nós ajudemos a domar a *fera* que é a cidade de vocês.

Com a cabeça inclinada, a mestra do Parlamento de Al-u-ber parecia ainda mais ácida, mas Joana a encarava com altivez enquanto ponderava se havia algo a adicionar.

— Sim. — Respondeu Joana, pensando por um instante.

— Esse plano foi ideia de vocês? Unicamente de vocês? — Questionou a mestra, gesticulando com a mão esquerda.

— Temos planejado isso já faz muito tempo, mestra, mas só agora desistimos de encontrar mais magos e viemos de qualquer jeito.

— E como têm coragem de fazer contato assim? *Nunca* ouvimos falar de vocês.

Joana respirou pela boca.

— Com todo o respeito, esse é *justamente* o problema que queremos resolver. Contudo... — Continuou, antes que a mestra dissesse outra coisa.

— Temos um contato que conhecia um parlamentar chamado Galvino, mas infelizmente ele foi preso.

Quando os olhares se voltaram para um canto da bancada direita, Joana ousou ver quem era o mago de quem só sabia o nome. Ele tinha um cabelo parecido com o dela, pensou; só que continuava a descer pelos dois lados igualmente. Ele retribuía fixamente o olhar.

— Qual é o nome dele? — Perguntou Galvino.

— Renan.

Galvino não demorou muito para confirmar com um aceno sutil da cabeça.

— Eu o conheço. É o único mago de Roun-u-joss que eu conheço.

— Pois ele disse que tu nos receberia bem.

Galvino desviou o olhar para a mestra por um instante, mas logo voltou com um sorriso polido.

— Seria um prazer acomodá-los.

— Ficamos agradecidos.

— Na reunião de amanhã — Cortou a mestra. — vocês poderão elaborar melhor esse plano de vocês.

— Obrigada. — Agradeceu Joana. — Em nome de todos nós.



A porta foi aberta pelo lado de dentro, coisa que eles podiam adivinhar que aconteceria já que viram Galvino invadir um castelo distante quando se aproximavam da casa.

— Ele já confia tanto assim na gente ou isso é um teste? — Perguntou Joana para Gabriel, cujo iaumo secretamente visitava o castelo da líder filinorfa.

Os dois olhavam a partir do acesso a uma varanda, janela aberta que ia do chão ao teto no segundo andar do prédio principal do castelo de Joana.

— Não sei. Talvez seja mais confiança nele mesmo que em nós.

Sorriram um para o outro.

Quando os filinorfos e suas malas apareceram na sala de entrada, viram um lugar grande e claro, embora as paredes de corvônia dessem ao lugar uma escuridão que deixava o ar mais abafado. À frente de uma grande

mesa retangular surgia uma mulher de cabelo preto e curto. Vestia uma capa negra que parecia combinar com seu humor momentâneo — séria, sua hospitalidade parecia precisar de algum incentivo para sair da caverna em que dormia.

Do alto da escada surgia um jovem com um cabelo recuperando-se de calvície auto-infligida. Joana reconheceu os olhos azuis de Galvino e as pequenas sardas marrons na pele morena que vinham da mãe, em quem não eram tão fortes.

— Esta é Eva, minha companheira — Apresentou Galvino. — e aquele é Tadeu, meu filho. Estes são magos de Roun-u-joss, e ficarão hospedados conosco enquanto visitam a cidade.

— Obrigada de novo, Galvino. — Disse Joana. — É um prazer conhecer vocês. Meu nome é Joana, este é Gabriel, este é André, e aquela é Luana.

— Sejam bem-vindos. — Disse Eva, dócil. — Tadeu, por que não mostra aos nossos hóspedes seus quartos?

— Eva... — Disse Galvino. — Nós temos empregados para isso.

— Eu sei, Galvino, conheço esta casa tão bem quanto você. — Respondeu ela, com um olhar objetivo. — Mas creio que Tadeu já poderia conhecê-los melhor, já que eles ficarão conosco por alguns dias, espero.

— Não sabemos ao certo ainda, mas esperamos que não demore demais. — Respondeu Joana.

— Bem... — Continuou Galvino, dispensando a eles o mesmo sorriso da reunião. — Tadeu, mostre os quartos.

— Quais eu devo... — Perguntou, confuso.

— Qualquer um. O que eles escolherem. — Respondeu Galvino.

— Tudo bem... É por aqui.

Assim que os passos desapareceram no segundo andar, Eva aproximou-se de Galvino com os braços cruzados.

— Quem são eles?

— São magos de Roun-u-joss. Vieram por contato do Renan... Que aparentemente está preso.

— E o que querem?

— Disseram que querem ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— Não sei. O que está decidido é que amanhã eles vão falar mais sobre os planos deles na reunião.

Eva balançou a cabeça, e lançou um olhar enigmático sobre o vazio que pairava acima de algum pedaço de chão ao lado de Galvino.

— Se está interessada, pode se juntar a mim na reunião.

Ela forçou um sorriso.

— Não, obrigada.



— Esta é a primeira sessão ordinária do dia 53 de inasi-u-sana. — A mestra usava agora um vestido mais leve. A estação fria acabava, e roupas pesadas não eram tão necessárias naquela sala. — Na ordem do dia está a acusação de prática de magia mista e mais conversas sobre a comitiva de Roun-u-joss. Concedo a palavra ao delegado especial Alberto.

Os filinorfos ocupavam um lugar no terceiro e último patamar das fileiras laterais — espaço reservado justamente para situações como as deles — enquanto esperavam sua vez. Um homem de sorriso permanente e roupa em tons de cinza tomou rapidamente o lugar central da sala.

— Temos em nossas mãos, senhores parlamentares, o caso de uma jovem chamada Anabel. — Começou ele, com os braços cruzados. Sua busca incessante por todos os olhares fazia com que virasse constantemente o pescoço. — O denunciante é Jorge, um mago preculgo que muitos aqui devem conhecer. Ele deve ser o médico de muitos de vocês. Infelizmente ele viajou e não conseguiu que ele viesse aqui para falar sobre o caso...

— Ele foi meu médico. — Adicionou Barnabás, franzindo o cenho ao ouvir a notícia. Os olhares se voltaram para ele, o que finalmente fez com que o delegado mantivesse a cabeça parada. — Eu confiava muito nele, mas não o vejo mais.

— Por que não? — Inquiriu o delegado, aproximando-se da bancada à direita. — O senhor quer dizer que ele não é mais seu médico?

— Na verdade não sei, não entendo o que houve. Ele não me disse nada sobre essa viagem e... Bem... — Ele parou, avaliando o que deveria dizer. — Seu filho teve um comportamento reprovável nos últimos dias.

— Mas o filho dele viajou com ele. — Insistiu o delegado.

— Então foi antes da viagem. O filho dele, Gustavo, foi até minha casa e ameaçou minha filha. Tentou atacá-la.

Joana não quis trocar olhares com nenhum dos amigos — nem visitá-los em Neborum. Sabia que não era o centro das atenções no momento, mas não podia ser inconsequente. Não podia dar motivo algum para fazer surgir especulações de envolvimento com aquilo.

Eles *mataram* o denunciante em questão, que viajava, de fato, com o filho. Gustavo *era* mesmo filho dele. Ele fugiu, mas, talvez, se fosse encontrado, explicações seriam mais cobradas dele do que quaisquer acusações que pudesse fazer fossem ouvidas.

Galvino olhava para baixo, organizando as conexões. Gustavo atacara Amanda, e Anabel fora presa... Declarando relações com Tadeu. Jorge, pai de Gustavo, denunciou Anabel. Ele era a conexão entre todos na história — exceto Tadeu, cujo médico não era ele, além da aparente falta de relação entre Anabel e Gustavo.

— Bem, de qualquer forma... — Prosseguiu o delegado, afastando-se de Barnabás. — Nos últimos dias ela parece extremamente deprimida. Não fala nada. Não se importa com nada. Nem sequer come mais. Se não a executarmos agora provavelmente morrerá de fome em breve.

Joana só conseguia pensar no absurdo daquela condenação. E se a garota fosse inocente? E se sua vida lhe fosse tirada por causa do peso que era a confiança depositada em um mago por outros magos? E se ela abraçava a morte como a opção mais viável para sair daquele sofrimento — já que *sabia* que não tinha como se defender? Que estava condenada *assim* que fora denunciada?

Uma outra parlamentar perguntou se haviam vasculhado o castelo dela. O delegado respondeu de forma a apresentar uma série de evidências circunstanciais que pareciam ligá-la a planos envolvendo magia preculga. Os magos que a prenderam afirmaram que ela se defendera com magia bomin.

Uma votação foi feita, conduzida pela mestra. Galvino votou pela execução de Anabel, junto com a maioria.

Olhou discretamente para o lado, confirmando que Barnabás votara com eles. Aparentemente sua confiança em Jorge permanecia, apesar do que aconteceu com a filha.

Um enforcamento público foi proposto — já que havia muito tempo que isso não era feito na cidade e demonstrações periódicas de cuidado quanto a magos abusivos eram bem-vindas. A medida foi aceita, e marcada para dali a cinco dias.

A mestra agradeceu o delegado, que foi embora, sorridente, acenando para o resto dos parlamentares.

— Agora, quanto aos magos de Roun-u-joss, concedo a palavra...

— Por favor, com licença... — Disse um outro mago, franzino e mais velho, no primeiro patamar do lado oposto. — Gostaria de dizer algo... Por que não esperamos por Igor e Ramos? Esse parece ser um assunto importante, e eles devem voltar do Conselho nos próximos dias. Poderiam até levar isso de *volta* ao Conselho depois, na verdade... E na verdade eu suspeito que eles já deveriam ter voltado, inclusive.

Joana limitou-se a olhar para a mestra, ansiosa. *Todos* aqueles magos sabiam do Conselho?

— Não creio que seja necessário. — Interpôs-se Galvino. — Podemos falar com eles quando eles chegarem. Além disso, não acho que chegaremos...

Um barulho abafou o que Galvino tentava dizer. Uma onda de som forte e grave, cuja incômoda pressão levou várias mãos às orelhas na sala inteira, seguiu-se a outra idêntica segundos depois.

Olharam para as janelas, esperando uma explicação. O sol continuava iluminando como podia a sala, mas eles não viam muito mais que o castelo

baixo à frente deles, no outro lado da rua mais próxima.

— Eu conheço esse som... — Comentou alto uma mulher próxima a Joana. — Quando várias esferas de som ficam juntas, uma perto demais da...

“Atenção, cidadãos de Al-u-ber”, interrompeu uma voz amplificada.

Era tão grave quanto o barulho de antes, e também enrolada, difícil de entender.

A mensagem varreu a cidade como ar quente três vezes com a mesma falta de resolução.

Na quarta, porém, pôde ser ouvida com clareza.

Era masculina e desapaixonada. Lenta, parecia a leitura de um comunicado qualquer. Como o transmitia para praticamente toda a jir central da cidade, contudo, devia ser particularmente importante.

“Atenção, cidadãos de Al-u-ber”, repetiu a voz. Iria até o final desta vez.

Parte II

Declarada

Capítulo 8

Forças e forças

Só quando a mensagem foi repetida pela terceira vez alguém no Parlamento de Al-u-een perguntou de quem era aquela voz feminina. Os anúncios de sempre não eram assim, e pelo menos os parlamentares sabiam que não havia nenhum anúncio programado. Quando foi pedido aos cidadãos atenção pela oitava vez, já havia tantas pessoas na praça à frente do prédio que mal se podia enxergar um pedaço de grama ou calçada ainda desocupado; talvez apenas perto da própria charrete, parada ao lado d'O Nascimento, de onde vinha o som. Na décima vez, as conversas foram cedendo enfim ao silêncio inquieto.

Atenção, cidadãos de Al-u-een.

O Conselho dos Magos, instituição que representa o poder e a glória dos magos de toda Heelum, torna pública e conhecida a determinação de unificar Heelum em um único governo mais organizado, competente e justo. É hora de nós, humanos, vivermos de novo numa unidade, como era o desígnio da Rede de Luz. O governo será administrado a partir da sede do Conselho dos Magos, na Cidade Arcaica.

A cidade deve enviar uma resposta de volta à sede através de um mensageiro oficial, e, em caso de resposta negativa, o Conselho tomará medidas para assegurar a conformidade e o sucesso deste novo projeto de uma Heelum melhor para todos.

A mensagem mal havia terminado quando o barulho da multidão ficou insuportável. Insultos se transformaram em pontapés, e objetos de toda sorte foram jogados contra a cocheira, que manejou os yutsis para galopar rápido ao redor de onde estavam antes e afastar um grupo por vez. Enfureceu todos de uma vez só.

Começaram a cercar a mensageira em pulos, atacando os yutsis com o que havia à mão. Ela tentava controlar os animais como podia para que não machucassem ninguém — situação em que certamente a seguiriam até o fim do horizonte — mas especialmente não ferissem um ao outro, além dela mesma.

A charrete balançou de um lado para outro; a roda saía do chão, mas o carro se equilibrava pela frequência igual com que seus dois lados eram atingidos enquanto aos poucos conseguia sair dali. Entrou numa rua em que as pessoas sabiam que atacar yutsis não era algo tão simples ou inteligente, e quando os policiais chegaram ela já estava longe e as pessoas, dispersas. As caídas recebiam atenção dos que estavam por perto.

Em todas as outras partes da praça e do entorno do Parlamento os debates alcançavam um nível fervoroso. Argumentos pulavam de grupo em grupo, e muitos caminhavam pela área para participar de várias conversas, formando verdadeiras correntes de ideias e diálogos. Berros apoiados por mais berros clamavam pela declaração imediata de guerra àquele absurdo — caso fosse um anúncio sério e genuíno, o que era posto em dúvida por outros.

Os parlamentares assistiam à tudo numa parte suspensa do segundo andar, área na qual tinham acesso à vista mais completa da agitação na praça. Um vão pelo qual era possível ver o saguão de entrada abaixo deles separava duas alas próximas às janelas. Raramente alguém lá fora prestava atenção às figuras bem vestidas, contidas e estarecidas — mesmo os que discutiam praticamente aos seus pés, na escadaria dourada do prédio.

— Nós deveríamos declarar guerra *já*. — Disse Minoru, de braços cruzados, quebrando o silêncio duradouro.

— Nós decidimos as coisas. Essa decisão não cabe a eles assim. — Rebateu Hideo, apontando para o povo com um gesto de cabeça.

— Mas a argumentação *tem* que ser pública! — Interveio uma parlamentar próxima a Hideo, que também cruzava os braços. — Esse é um assunto que...

Ela não terminou a frase, deixando o balançar negativo da cabeça fazê-lo.

— Seriza, a argumentação *já é* pública. — Riu Minoru. — É só olhar. Não há ninguém preocupado conosco, senhoras e senhores... — Abriu os braços, voltado para os colegas. — *Ninguém* querendo saber nossa opinião!

— Ah... *Poupe-me* do seu impulso de agradar o povo, Minoru. — Reagiu Hideo, apertando os olhos e aproximando-se da bancada que separava as duas alas próximas às janelas no pavimento. — Nós não somos bonecos da vontade pública, somos *líderes*. Nós mantemos a cabeça fria para tomar as decisões corretas enquanto *eles* fazem festa com o que pode nos levar à *morte certa*.

Minoru apontou para a praça.

— É você que vai dizer para eles que vamos obedecer aos magos? Vai fazer isso numa charrete com quantos yutsis, senhor Hideo?

— Devemos pelo menos *pensar* nisso com *calma*! — Interveio Kent, que havia há pouco saído das escadas.

Minoru movimentou o dedo indicador entre Hideo e Kent.

— Vocês estão juntos nisso porque vocês são magos, ou...

As discussões paralelas, que já não eram tão silenciosas, explodiram no saguão à imagem e semelhança da praça. Alguns pediam que Minoru não continuasse com aquilo, tentando convencê-lo de que precisavam analisar todos os prós e os contras antes de se posicionar perante o povo. Outros, voltados para Kent, discutiam que dificilmente deveriam contrariar a raiva do povo — que podia, afinal, voltar-se contra eles de qualquer forma. Hideo falava mais baixo, com um grupo mais fechado de parlamentares, sobre as implicações de uma guerra contra uma variedade de cidades que, acreditava ele, certamente seriam aliados da Cidade Arcaica.

— Uma charrete! — Irrompeu Seriza. — Há outra charrete vindo!

Ela seguia com ímpeto, abrindo caminho direto rumo ao parlamento por uma via à esquerda. Havia muitas pessoas ali ainda, e algumas desavisadas acabavam tendo que correr para sair do caminho.

Os parlamentares voltaram a conversar, mas a ansiedade não levava qualquer discussão para frente. Puderam ver por um ângulo ruim que apenas um homem descia da charrete e entrava no prédio. Logo o viram à frente das escadas, acompanhado de uma funcionária do Parlamento que o levou até onde a maioria dos políticos estavam.

Ao chegar, não sabia para quem se dirigir. A coleção desordenada não dava nenhuma indicação óbvia. Ele desistiu, tirando desajeitadamente um papel enrolado de dentro do bolso interno do casaco dourado.

— Trago uma mensagem de Roun-u-joss. — Disse, a voz firme não acompanhando bem seus olhos vacilantes. Abriu a mensagem, com Minoru bufando ao ver seu tamanho.

— Você *leu* a mensagem? — Perguntou ele.

O mensageiro fez que sim com a cabeça.

— É u-um procedimento padrão para garantir que entendemos t-todas as partes.

— Então pode resumir? Já sabemos do Conselho dos Magos.

Hideo fechou os olhos. Kent pensou em repreendê-lo, mas na verdade gostou da ideia.

— Tudo bem. — Disse o mensageiro, deixando a mão relaxar, fazendo o papel aberto quase encostar no chão. — Recebemos a notícia ontem e já declaramos guerra à Cidade Arcaica. Roun-u-joss quer saber qual é a resposta de Al-u-een.

Minoru sorriu, procurando o olhar de Hideo.

— Temos que decidir rápido. — Propôs Kent.

— E eu tenho *certeza* que não importa o que vocês digam, *elas* já decidiram.

— Não são eles que *comandam* o exército da cidade nem que se *preocupam* com qualquer *massacre* que ele possa sofrer sem *necessidade*! — Ralhou Hideo.

— Você *acabou de reconhecer* que precisamos tomar uma posição oficial do jeito *certo*, Minoru! — Disse, irritado, um baixo parlamentar de pele negra ao seu lado. A conversa sobre legalidade veio brevemente à tona do outro lado da sala.

— É verdade... — Aquiesceu Minoru. — Mas quero que fique claro *quem* aqui pensa que não é *absolutamente necessário* lutar pela nossa cidade.

Capítulo 9

Protegidos

Como não havia indício de luz por detrás das cortinas vermelhas, Leo deixou as costas caírem de novo na cama grande, entre macios edredons amarelos, pensando nas últimas cenas do pesadelo fugidio que o acordou no meio da noite.

Perdeu o sono rápido; ficou curioso quanto à agitação atípica no corredor. Parecia que vinte pessoas ocupavam o andar, andando de um lado para outro, carregando coisas barulhentas e batendo às portas.

Alguém até bateu à dele.

Levantou-se. Vestia uma calça preta e um casaco vermelho fechado; achou que não teria problema atender a porta descalço, considerando que ainda era madrugada.

Abriu a porta e ninguém em particular veio falar com ele — mas o barulho duplicou, e Leo entendeu por quê.

Músicos carregando não apenas malas e sacolas com roupa e comida de toda sorte — malas abertas, fechadas, jogadas pelo chão, de todas as cores e formatos — como também seus instrumentos, andavam em bandos, provavelmente em *bandas*, batendo na porta de cada quarto.

À direita uma porta se abriu e quem nela batia — um homem alto e magro, negro com um alto cabelo encaracolado, carregando um papel cheio de números — pediu desculpas por incomodar e foi para a próxima, liderando seu grupo de outro homem e duas mulheres, todos vagando atrás do porta-voz que praticamente arrastava as pernas.

Alguns abriam as portas sem que ninguém os chamasse; traziam coisas espalhadas no corredor para dentro do quarto. Um baterista reclamou que ninguém o ajudava a carregar nada (“Eu tenho mais coisas que vocês, o que é que custa?”), enquanto mais pessoas desciam as escadas e sussurravam para um grupo na porta ao lado de Leo que já estava tudo ocupado naquele bloco.

Mais no final do corredor uma mulher de óculos tentava convencer outra, que já tinha conseguido um lugar, a dividi-lo com sua banda. A discussão ficava insistente de um lado e nervosa do outro.

Leo deu um passo para trás, pescando a chave na porta. Trancou o

quarto e subiu um andar. Não precisou ir na direção dos quartos dos companheiros; os três estavam juntos no único espaço em frente às janelas disponível no meio de tantas malas e guitarras.

— O que é que...

Abrindo espaço entre Fjor e Leila, Leo viu na rua em frente ao bosque cerca de duzentas pessoas, aglomeradas em uma barreira dispersa nas entradas para o hotel. Conversavam entre si enquanto carregavam, aqui e ali, estacas com minérios de luz; alguns vermelhos, outros azuis. Vestiam grossos trajes verdes-musgo com luvas e botas pretas. Na cintura, espadas; nas costas, geralmente escudos revestidos em algo que parecia ser couro ou sacas de goma escura que pareciam particularmente pesadas. Atrás deles, cocheiros conversavam em rodinhas à frente de algumas charretes espalhadas por todo canto que podiam observar dali.

— P-policiais? — Perguntou Leo, franzindo a testa.

— Acho que são do exército... — Respondeu Beni, sem tirar os olhos da rua.

Ouviram uma voz irritada atrás deles, mas só Leo quis prestar atenção.

— *Onde* eles vão botar a gente se não tem mais quarto e disseram que tinha que ficar todo mundo aqui?

Era um garoto loiro com olhos castanhos cansados e cabelo desengonçado — característica, aliás, da banda toda, feita de mais três garotos. Leo os reconheceu de um show que fizeram; nascidos e criados em Jinsel, faziam um rock de cidade que Fjor detestava. Não olhou para o irmão, mas se ele ouvia a conversa provavelmente estava rolando os olhos para cima naquele momento.

— Ei, vocês aí — Disse um dos garotos, com seus braços musculosos imunes ao frio. A banda toda se virou. — Vocês já têm quarto?

— Sim. — Respondeu Leila, taciturna.

— Quantos por quarto?

— É um quarto só. — Disse ela de novo, dando as costas para eles depois. Leo sabia que ela mentiu, mas ele tampouco queria dividir seu quarto.

— Que grossa... — Comentou o jovem, saindo para ir fazer outra coisa. Deixou seus companheiros olhando para o chão e para as portas fechadas dos quartos, agora já mais ocupados que o corredor.

— É... — Começou Leo, dando um passo à frente para falar com eles. — vocês sabem o que está acontecendo?

— A gente só sabe o que vocês sabem... — Respondeu o mais próximo dele. — A gente estava numa festa no centro. A gente ouviu tudo.

— Ouviu o quê?

Beneditt inclinou a cabeça com cuidado, sem querer mostrar muito que prestava atenção.

— A charrete tinha uns cinco mil minérios de som juntos, é *sério* que você não ouviu?

Leo olhou para as costas dos companheiros, buscando algum apoio. Via só traço do olho de Beni.

— N-não, eu estava dormindo.

— Parece que existe um “Conselho dos Magos”, e eles querem que as cidades passem a obedecer a eles agora. Quem não quiser... — Fez com o dedo um movimento cortando o pescoço.

— E Jinsel vai querer?

Ele deu de ombros.

— Não sei.

Capítulo 10

A propósito

Poderiam ter ficado em jirs mais periféricas da Cidade Arcaica, mas assim que chegaram foram ao centro ver os Arcos Brancos. Não foi uma decisão discutida, ou imposta: não foi questionada quando todos a aceitaram, mesmo que ninguém a tivesse sugerido.

A caminhada que os levava para mais perto do grande centro — o local mais antigo da cidade que um dia já fora chamada simplesmente de Heelum — era marcada por uma promessa que se deixava desvendar aos poucos. As fileiras de casas e prédios em alto contraste formavam corredores longos, largos e cheios de gente, mas por cima das cabeças e das charretes elevava-se o topo dos Arcos, com suas finas conexões e sua cor peculiar.

O branco atravessando o ar.

O pequeno pedaço da cor era tão reconfortante que um sorriso, por interno e privado que fosse, surgia na boca de qualquer um. Fria lacuna no campo de visão, vazio indescritível no meio do que de repente pareciam cores demais — estranho desejo de visão, nada naquela rua chamava mais atenção que o pouco do topo que podia ser visto à distância. Ele puxava, hipnotizava, prendia com a pureza da construção, com a forma como as sombras dos relevos inscritos não se rendiam à escuridão e com o jeito amargurado do sol, que não conseguia deixá-los amarelos por mais que tentasse.

Tudo se tornava mais velho e milenar quanto mais perto dos Arcos estivessem, eles mesmos podendo se sentir presenciando de novo o cenário de um evento único e impossível, belo e depressivo. A cidade era bem construída e protegida demais para que as rachaduras nos prédios mais próximos à Grande Praça fossem coincidência e descaso. Os casarões de cores menos afoitas, mais baixos que os outros pelos quais passaram, pareciam idosos cheios de histórias para contar, descendo aos ouvidos de quem olhava para o meio da Grande Praça para lhes sussurrar os segredos de amores, ódios e solidões que atravessaram aquele lugar por incontáveis rosanos.

Passadas as pedras das ruas e de uma faixa que circundava a praça, a escura grama verde, viva e uniforme, tomava conta do lugar. Dezenas de pessoas reuniam-se debaixo dos Arcos, parecendo ratos debaixo deles pelo tamanho: as colunas começavam grossas, e descreviam arcos até o topo

onde se encontravam, afiadas e afinadas.

Kan olhou para os outros. Gagé balançava a cabeça de leve, mordida os lábios e deixava os olhos brilharem. Talvez tentasse gravar a cor na retina para lembrar dela quando eles se fechassem. Raquel olhava para os Arcos com uma espécie de reverência que só podia ser consequência das preocupações que agora enfrentavam — diante deles, se estivesse feliz, ela poderia ser a pessoa mais radiante do mundo, Kan apostava.

Hiram, por sua vez, sempre ficava sério diante dos Arcos, não importava com qual notícia tivesse que lidar. Não porque não gostasse deles; pelo contrário. Provavelmente meditava sobre seu caminho. Se o destino que escolhera era honrado, se estava certo, e se a luz poderia continuar a guiá-lo para mais perto dele. O pedido era certamente alegórico, já que a luz nunca mais responderia a esses pedidos com seus estranhos impulsos não-verbais, mas um dia num passado distante alguém já deveria ter feito o mesmo pedido, parado ali onde Hiram estava, e ter recebido um conselho em troca.

Kan gostava de observar os outros. A cor era bonita, é claro. Causava-lhe tanto fascínio e propensão à profundidade quanto em qualquer outra pessoa — mas os Arcos não lhe despertavam simpatia. Eram testamento e testemunho de mais um abandono. Só mais um “poderia ter sido” a que um povo inteiro se agarrava sem pudor, ou vergonha: só dor.



Depois de uma longa viagem desde que deixaram a Fortaleza de Roun-u-joss, o grupo foi recebido com notícias de que o Conselho dos Magos havia, afinal, se anunciado.

A Cidade Arcaica havia decidido apoiá-los — com estranha rapidez. Um dia depois do anúncio da ordem do Conselho chegaram à cidade oficiais que passariam a ser o mais alto comando militar na cidade. As forças foram convocadas, e exercícios eram feitos todos os dias em patrulhamentos nas principais jirs do território.

Hiram encontrou um velho contato que alugava casas emergenciais e se inteiraram da situação. Jantaram pouco e no escuro, o minério vermelho servindo vez ou outra para encontrar espaços no espaço — nunca para se olharem e discutirem o fracasso estrutural da iniciativa. Vieram de longe na esperança de desmascarar os magos de Heelum, mas os próprios fizeram o serviço por eles.

Se estavam fortes o bastante para deixar para trás o anonimato, as mentiras e as falsas desculpas, que força tinha aquele pequeno grupo de filinorfos?

Era tarde da noite quando sentaram-se espalhados pelo chão da sala. Filinorfos com medo de usar casas normais desenvolviam a habilidade de

não se sentirem incomodados de passar a noite jogando conversa fora no escuro. Mas, naquele caso, o silêncio imperava, e tampouco os incomodava. Era todo o resto que lhes acordava.

Ouviram o barulho do minério sendo jogado no chão entre eles. Aos poucos a mão estendida de Raquel foi aparecendo, rubra, e todos se tornaram visíveis.

— Eu nunca tive muito dinheiro — Começou ela, esfregando os olhos. — e quando a gente teve a chance, eu e o meu... Meu companheiro... Foi tudo uma armadilha.

Gagé e Hiram, opostos na sala, entreolhavam-se. Raquel preferia encarar o chão.

— Então quando eu penso no meu filho que nunca nasceu... No homem que morreu pela ganância, pela... Pela *estupidez* de viver num mundo sem justiça... Ou melhor, com uma justiça *sarcástica*... — Coçou a ponta do nariz com as costas da mão. — E-eu penso que é por isso que eu sou uma filinorfa e eu não vou parar de lutar.

Gagé, que parecia ter se recolhido a Neborum em seu canto, olhou para Kan.

— Nós não sabemos de você, Kan. Você parece que não tem passado.

Hiram riu enquanto Kan voltou-se para o teto depois de um sorriso bem menos entusiasmado.

— Ele tem passado, Gagé, ele não tem é vontade de se abrir para nós. — Disse Hiram. — Mas é isso que fazemos, Kan. Estamos *todos* juntos aqui, *todos* juntos de novo. Queremos decidir por algo que pode ser o nosso fim. Eu, Raquel e Gagé sabemos de nossos motivos. De nossa história.

— Por que você é filinorfo? — Perguntou Raquel, direto ao ponto. — Quem é você?

Kan não queria olhar para nenhum deles, seus arroubos de risada debochada fazendo-se de tentativas de afastá-los daqueles pensamentos.

— Você veio até aqui conosco, Kan... — Começou Hiram.

— Prometi vir até descobrir do que isso tudo se trata.

— Sim, mas estamos *juntos* nessa jornada. *Ainda* temos *tudo* pela frente. Quero que se sinta em *casa* aqui, comigo, conosco. Com seus *companheiros*!

— Se tem uma coisa que eu aprendi é que esse negócio de casa não existe.

— Então de repente você *tem* um passado. — Comentou Gagé num meio sorriso.

— Aprendi que ninguém se importa. — Continuou Kan, parecendo achar interessante o balançar do próprio pé. — Quanto mais você se dá bem menos você se importa com quem ficou para trás. É só isso. É o que acontece. Bomins... Preculgos, espólicos... Nenhum deles vale nada.

Raquel e Gagé trocaram olhares confusos. Hiram continuava olhando para o homem barbado que olhava para baixo como se nunca estivesse errado.

— Está dizendo que não queria viver como eles, Kan?

— Estou dizendo que não adianta querer. — Kan encontrou paciência para olhar diretamente para Hiram. — Você quer viver e ninguém te ensinou, então você tem que aprender sozinho e não tem ninguém para ficar do seu lado. Você tem que ficar com as pessoas que não têm ninguém também. É só isso. É a posição que resta para você viver.

— Então não sabe o que está fazendo aqui, Kan? — Refletiu Hiram, menos hostil que pensativo. — Não sabe por que este é o grupo que te acolheu e que *você* escolheu?

— Parece que você só está aqui porque foi rejeitado pelos magos e tem raiva disso. — Disse Raquel, com olhos comprimidos em ataque.

— Eu sei muito bem o que eu estou fazendo aqui, Raquel, mas não acredito num mundo sem magia.

Raquel soltou um muxoxo exasperado, aumentando a voz à revelia dos pedidos de Hiram para que falasse mais baixo.

— Então não fizemos *nada* pela mesma razão!

— Não é por saber que fazemos o que fazemos, Raquel. — Interveio Hiram — É por *sentir*.

Kan queria jamais ter embarcado naquela conversa. Soltou sua cabeça para a parede atrás de si, fechando os olhos. Não sabia quem olhava para ele, mas podia sentir o fogo que lhe era lançado.

Talvez fosse um fogo literal, mas não quis checar Neborum ou poderia deflagrar uma discussão sobre confiança.

— Me entristece que você não sinta mais, Kan, essa necessidade. — Continuou Hiram. — Essa necessidade que pulsa dentro de mim, e tenho *certeza*, dentro de Raquel e de Gagé também. Essa necessidade de um mundo *livre* desta maldição que é a magia.

— Enquanto eu viver um dia depois do outro eu vou ficar bem... — Emendou Kan, arranjando-se no chão para dormir.

Capítulo 11

O soldado treinado para se opor

Naqueles dias parecia que uma fina camada de gelo cobria toda e qualquer coisa: das árvores às casas, da frágil força do que se plantava até a mobilidade das mãos que colhiam. O frio entrava nos ossos, achava um caminho por debaixo das roupas mais quentes, e ajudava com seu sopro sólido a prender Inasi-u-een na gaiola azul que eram os cinquenta e quatro dias de inasi-u-sana. A neve unia a paisagem da terra à do céu num único túnel cuja única diferença para o mar é que este balança. Aqueles, clausuram e oprimem.

Harald segurava as duas mãos no limiar da janela com uma espécie de hesitação. Sempre fazia isso, e não sabia o porquê, já que não tinha medo da altura do segundo andar. Se apenas hoje ainda fosse ontem, pensava — só um dia a menos, o dia em que faltava só dois para a neve fatalmente começar a derreter, e Harald poderia sentir de novo que aquele vento não lhe trazia mais arrepios, e sim brilho nos olhos e cor nas bochechas.

Mas hoje só o que ele conseguia era pensar se na próxima inasi-u-sana o povo de Inasi-u-een estaria livre ou sujeito à corja de magos que sempre desprezaram.

Mairaden entrou em silêncio na sala. Mais alto que Harald, seu pai, tinha ombros largos e orelhas tímidas. General das forças da cidade, vestia um longo casaco marrom com as botas pretas de seu cargo, espelhando quase que fielmente o pai. Carregava na mão direita, coberta por uma grossa luva abarrotada, uma alabarda apoiada no chão.

Há muito tempo Harald não via aquela arma. Esculpida e reforçada por uma de suas filhas, não era a mais suntuosa à disposição do general, mas ele parecia resoluto ao segurá-la tão perto de si naquelas circunstâncias; trazia com ele aquele olhar de quem não tem escrúpulos de encarar quem quer que fosse diretamente nos olhos.

Seu olhar vagou de novo pra janela, sem conseguir ficar tanto tempo longe daquela vista. Havia algo naquele ângulo... Algo que o acalmava nas piores crises.

Desejou que já fosse hora do pôr do sol.

— É essa que você vai levar?

— Confio nela. — Respondeu Mairaden, deixando-a apoiada na parede alaranjada e andando até a cadeira rosada em frente à mesa bege. — Não posso levar outra.

Harald assentiu, voltando os olhos para a cadeira na qual o filho tinha a mania de nunca sentar. Tirar os olhos do mar o deixou abatido, como se um aspecto ósseo tomasse conta de seu rosto já fino, com seu bigode e seu cabelo, rebeldes e cinzentos, assumindo posições de enfeites precários.

— Quando sair daqui — Começou o mais velho. — não perca tempo. Arregimente a parte da tropa que lhe compete e vá em frente.

— Isto já está sendo preparado.

— Quando passar pela fortaleza leve todos com você. Aos civis, diga que voltem para cá. Teremos lugares para todos.

Mairaden concordou num gesto simples com a cabeça. Harald virou-se para ele e deu alguns passos, encostando as pontas flácidas dos dedos sobre um grande mapa de Heelum recém tirado do armário.

— Você já disse adeus?

— Sim.

— Foi visitar sua mãe?

— É claro, pai.

— Está certo.

Harald enfim se permitiu sentar, pondo um cotovelo em Kor-u-een e os olhos em Novo-u-joss.

— Não sabemos se Novo-u-joss estará do nosso lado, mas mantereí você informado com um mensageiro. Eles não devem demorar para decidir. Quanto a Rirn-u-jir — Inclinou-se um pouco para a frente e apontou a cidade com a mão direita. — considero melhor passar pelo caminho estreito na Cordilheira Ocidental.

— Oriental.

— Oriental, certo. Vocês vão precisar de mais provisões, mas podem atacar algumas jirs de Rirn-u-jir aqui. E aqui também.

— Ou Novo-u-joss pode ajudar.

— Também, sim... — Harald passou a olhar para Enr-u-jir. — Mas é *aqui* que você deve se separar.

Mairaden não disse nada enquanto observava a confluência de estradas que se ligavam à cidade à beira do Lago Enr.

— É aqui que você vai e o seu exército fica.

Os olhos de Harald encheram-se de lágrimas quando ele foi capaz de ver — nítido como se o tempo tivesse vontade e quisesse correr para trás — as feições de menino por detrás da barba arrasada daquele homem à sua frente. Eram os mesmos olhos, verdes como o da mãe, como se o rosto tivesse se construído e reconstruído ao redor de dois pontos de apoio fortes, profundos. Sem medo.

— Eu sempre soube, meu filho. Sempre soube que você não seria treinado por precaução. Só por tradição.

— E se não houver um governador?

Harald havia pensado nisso também.

— Você acredita nisso?

— O comunicado foi claro. É um *conselho* de magos. Quando eu estiver em Enr-u-jir, vou procurar por um grupo, não uma pessoa. E Roun não deixou de surgir. Continua nascendo todos os dias.

— E se forem todos os magos de Heelum? Juntos, dessa vez? *Esse* é o nosso medo real?

— ... Creio que sim.

As imagens do filho mais jovem sobrepostas à versão forte e decidida sumiram, por mais que esse fosse o momento de maior insegurança e indecisão por parte do pai. Ou justamente por isso, já que era preferível ter perto de si a imagem de um forte guerreiro; não do principiante que ele um dia foi.

— Então esta guerra é muito maior. E jamais vai ter fim.

Capítulo 12

Guerra e planejamento

Não havia espaço aberto grande o bastante para discursos como aquele em Al-u-ber, então a estratégia era falar do ponto mais alto da cidade. A Bela Torre ficava logo à frente das praias pedregulhosas, e em geral sua utilidade era mais pragmática que administrativa. Pessoas subiam até a sala mais alta para apreciar a vista, e em algumas salas abaixo ficavam observadores do porto, que avisavam sobre a situação das águas que conseguiam monitorar. A subida envolvia muitas escadas, mas para eles e para outras pessoas importantes não apenas uma série de corredores ligava torres vizinhas ao meio da Bela Torre como também havia um sistema de elevação que, apesar de requerer certo esforço por parte de trabalhadores especializados, era capaz de transportar várias pessoas para cima e para baixo em um ou dois minutos.

Amontoando-se na região da Torre estava a população de Al-u-ber — não completa, é claro, mas formada principalmente por moradores da jir central e arredores. Ocupando cada corredor, varanda, saguão e espaço aberto, ouviam o discurso amplificado da mestra do Parlamento da cidade sobre o anúncio que receberam no dia anterior.

— Isto é algo pelo que esperávamos há muito, *muito* tempo! — Dizia a mestra, gesticulando forte sem que isso fosse visto com muita nitidez. — Isto é *exatamente* o que faltava, homens e mulheres de Heelum, para que o mundo fosse *encaminhado* na direção da justiça. E Al-u-ber caminhará junto com Heelum nesse caminho que, *desde* que a luz se foi, é cada vez mais *difícil* de ser trilhado...

Joana, André, Gabriel e Luana misturavam-se aos ouvintes nas ruas aos pés da Bela Torre. Faziam como todos, que no começo olhavam para o alto, de onde vinha a voz, mas como o pescoço ficava logo cansado passavam a olhar para a frente e concentravam-se apenas em ouvir. Alguns, encostados à parede, fechavam os olhos; outros, no meio da multidão, conversavam com os próximos e reagiam a desconhecidos, gerando grandes comoções nos pontos altos do discurso.

Visitar Neborum em meio a tanta gente parada era como ir para outra cidade — uma, aliás, muito parecida com Al-u-ber, com todo o seu cenário

arquitetônico, com a diferença de que cada castelo estava ilhado em muros ao invés de interligado.

Algumas pessoas, notou Joana ao seguir uma delas com os olhos, perambulavam pelo povo a esmo, parecendo mais atentos aos ouvintes no chão do que à maga no céu. Se alguém os seguisse veria que faziam movimentos circulares, tentando percorrer todos os lugares, parando em bolsões de população de tempo em tempo. Não para escutar; paravam e continuavam olhando para o lado, desconfiados e arredios.

Quem Joana seguia era um preculgo careca e mal encarado; devia ser forte e estar vestindo algo verde, mas como era baixo, só o que ela via era sua cabeça em meio ao mar de chapéus e cabelos. Sabia que tipo de mago era porque em Neborum via seus movimentos cirúrgicos replicados em cada castelo das redondezas: esgueirava-se pelos muros, gerando uma chave após algum tempo estudando o castelo, invadia o alvo e saía dali em pouquíssimo tempo, pronto para repetir a fórmula.

— Tem vários iguais a ele por aí. — Comentou André.

Os filinorfos reuniam-se no castelo de Joana. Garantindo-se contra olhos curiosos, sentavam-se em poltronas mais para dentro da varanda de onde a dona do lugar já acuara dois ou três outros preculgos que, se não tivessem visto a maga a partir da porta, tentariam entrar o mais rápido possível e fazer ali também o que seguiam fazendo nos outros castelos.

— Bom era deixar um entrar para ver o que eles fazem... — Sugeriu Luana, distante.

— Não, é arriscado. — Cortou Joana. — Mas tu sabe o que eles fazem. Eles fazem todo mundo gritar e aplaudir esse discurso.

— Não. Fazem todos *concordar* com o discurso. — Consertou Gabriel. — Gritos e aplausos são uma consequência... Possível.

— Eles são *muito* coordenados... — Disse André, passando a apoiar os cotovelos nas coxas. — O Conselho dos Magos não deu nenhuma instrução para eles e eles já sabem *exatamente* o que fazer?

— Ou estão só improvisando. — Comentou Gabriel.

— Ouçam... — Pediu Joana.

— *Sim, ESTA é a fonte de toda a pobreza que nos assola em Heelum!* — Disse a mestra, enérgica, o punho fechado à frente do corpo enquanto a multidão ainda reagia fervorosamente bem às últimas palavras. — Não há coordenação, não há organização! Mas vocês, *vocês* confiaram nos magos em Al-u-ber. *Vocês* nos deram a responsabilidade de cuidar de vocês... E nós falhamos...

Eles se olharam, confusos, enquanto a multidão se aquietava pouco a pouco.

— *Por que* dizer isso?

— Acho que estão vendo se deu certo... — Disse Joana.

— Mas não mais. — Completou a maga no topo da Bela Torre. — Não mais...

O burburinho voltou a crescer, uma maré de conversa no topo da qual surgia, amarela como a espuma do mar, a aprovação de gritos, assovios e as ocasionais palavras de ordem berradas, incentivando aqui e ali o começo de uma ovação.

— NÃO MAIS! — Continuou ela. — NÃO MAIS, povo de Al-u-ber, NÃO MAIS! Porque com a ajuda do Conselho dos Magos seremos MAIS FORTES! — A empolgação das massas que surgia no centro espalhava-se para o final, começando a transformar o discurso em uma festa. — Colocaremos nossas cabeças e nossos corações, nossa inteligência e nossa coragem, para trilhar, Al-u-ber, o CAMINHO CERTO! E o único caminho agora é para *FRENTE*!

— *Ugh*, não dá mais pra *pensar* lá! — Disse Luana, dando a volta na poltrona e cruzando os braços, em pé.

— Estranho... — Comentou Gabriel. — O que foi dito sobre a pobreza... O Conselho não pode ter dito para eles dizerem isso, ou... Teríamos ficado sabendo...

— Estão fazendo o que é preciso... — Joana mantinha o olhar baixo enquanto amarrava os pensamentos. — Tomando as próprias decisões...

— É estranho, mas... Faz sentido. — Opinou André.

No topo da Torre estavam os contornos da mestra da cidade; de braços abertos para o céu e punhos fechados, tornava-se símbolo impossível de ser visto de perto, mas admirado pelos que ficaram longe.

Em seu rosto, que ninguém podia ver, um sorriso satisfeito.

— O plano mudou? — Perguntou Gabriel.

— Não. — Respondeu Joana, balançando a cabeça com força. — Vai continuar tudo igual.



Barnabás abriu a porta do quarto. Amanda tinha os olhos arregalados e a boca um pouco aberta, as mãos agarrando a colcha da cama.

— Pai, que *susto*!

Ele sorriu, aproximando-se da filha.

— Eu suspendi suas aulas, filha, mas não disse que você não podia entrar em Neborum.

Amanda relaxou, abrindo espaço para o pai se sentar do lado dela. Ele olhou para a cama, entendendo o gesto, mas preferiu continuar de pé.

— Eu não estava em Neborum porque eu estava ouvindo o... Discurso. Da mestra.

Ele acenou com a cabeça, fazendo o sorriso sumir. De repente era quase o mesmo velho ressentido que ela moldara quando o desapontou.

— Vamos retomar suas aulas.

Amanda abriu um sorriso largo, chutando qualquer culpa que estava aprendendo a cultivar como martírio.

— *Obrigada, pai!*

— Não me agradeça, filha. Faça isso porque estamos em guerra e não é sensato privar você da magia agora.

Ela conteve a felicidade, concordando comportadamente.

— Pai... — Começou ela, sentando à borda da cama. — Eu nunca ouvi falar do Conselho dos Magos... O que é isso?

Barnabás começou a andar pelo quarto, mas acabou sentado ao lado da filha. Seus olhos de velho ressentido, talvez, não fossem se animar de novo tão cedo.

— O Conselho é um grupo de magos que... Em que os magos discutem para... Ajudar uns aos outros entre as cidades.

— Quais magos? Preculgos?

— N-não, não, filha... É... Preculgos, espólicos e bomins.

Amanda balançou a cabeça, piscando os olhos para multiplicar o efeito. “Como?”

— Os três *juntos*?

— Sim, filha, as três tradições se ajudam. São magos de várias cidades e das três tradições.

Amanda sentiu o sangue correr para seu rosto, mas não tinha certeza sobre como — ou se *deveria* — expressar toda sua angústia.

— Mas isso é-é... É...

— É novo para você, eu sei, mas o Conselho...

— É uma *hipocrisia*!

Barnabás levantou as sobrancelhas, e a secura de seus olhos fez Amanda temer que talvez tivesse passado de algum limite.

Engoliu enquanto apertou uma mão na outra. Aquela conversa *não podia* se voltar para Tadeu.

— D-digo... Pai, se você *ouvisse* as coisas que já vi preculgos falando de bomins e espólicos, e agora todos são *amigos secretos*?

— Filha, nós somos todos *magos*. — Disse Barnabás, definitivo. — Preculgos devem lealdade primeiro aos preculgos, e espólicos primeiro a espólicos, e bomins primeiro a bomins. Mas nós não podemos fazer tudo.

— Mas...

— Vai chegar uma hora que você vai precisar de um bomin, filha... Ou de um espólico! E todos vão ajudar você, filha. Porque eles sabem e *you* sabe que não é fácil ser um mago. Em nenhum lugar de Heelum.

— Mas pai...

Ela não conseguia mais discutir. Aquilo *fazia* sentido, e talvez ela devesse se deixar convencer. Pelo menos na frente do pai.

Mas o que é que a irritava quanto àquilo de qualquer forma? Que ela e Tadeu não pudessem ficar perto um do outro enquanto outros magos encontravam-se regularmente com magos das outras duas tradições — *ao mesmo tempo!* — e, mesmo assim, os mestres continuavam ensinando aos discípulos essa restrição?

Aquilo deveria ser um alívio, na verdade. Era mais um indício de que seriam mais dignos de confiança quando ficassem mais velhos.

— Mas filha, peço que... Não pense muito sobre isso... — Disse Barnabás, conciliador. — Nem todos os magos sabem sobre o Conselho, e...

Amanda podia sentir que ele queria deixá-la confortável de novo. Seu sorriso, sua postura. Era o Barnabás convidativo de novo; o mesmo que a introduziu ao mundo da magia. O mesmo que lhe deu o carinho de pai e mãe quando ela era criança, que a protegeu, que deu-lhe valor por todos esses anos. Ele era provavelmente a pessoa mais importante de sua vida.

Amanda sentiu um nó na garganta ao perceber o quanto aqueles pensamentos enchiam sua cabeça de forma quase inebriante. Visitou Neborum; não pelo tempo que ela precisava para eliminar a hipótese de um ataque por parte do pai, mas o relance rápido checkou que as portas estavam trancadas e bem.

— ... Só ficam sabendo quando viram *mestres* eles mesmos, e...

Mas aquilo não era indício suficiente de que o pai não a invadira. Ele tinha aquela habilidade? A de continuar falando daquele jeito e atacar alguém ao mesmo tempo — parecendo *tão* investido em Heelum?

Amanda riu, desviando o olhar do pai, que parou de falar.

— O que foi?

— É-é que...

Como frasear a resposta para não ter que *mentir*?

— ... Filha? — Perguntou o pai, solícito.

Mas *por que* se preocupar tanto com a verdade em relação ao pai? Mentira para Tadeu com muito mais facilidade antes.

— É só... Estava pensando em como eu fui boba...

Riu, nervosa, torcendo para transmitir constrangimento. De preferência constrangimento *bobo*.

— Eu entendo, filha. — Disse Barnabás. Juntou a palma das mãos por cima das coxas, que era para onde a Amanda falsamente constrangida olhava. — Eu disse a você para evitar contato com outros magos e então conto para você sobre magos que se encontram à vontade com magos de outras tradições. Não parece justo, mas quero que entenda, quando você for... Uma parte *maior* de nossa comunidade, é claro que poderá conviver com outros magos. Nós nos respeitamos muito, filha. E sabemos como funcionamos melhor juntos.

— É, eu... Eu deveria ter pensado nisso, digo... Você *trabalha* com magos de outras tradições.

Amanda recalculou sua rota. Não mencionaria Galvino, mas tentaria pescar outra informação.

— ... Você poderia até se juntar a uma mulher d-de outra tradição, se quisesse...

Barnabás mostrou os dentes num riso solidário.

— Ah, filha...

— Você... Você p-poderia, certo?

Barnabás tornou a olhar para a filha. “*Não deixe* ele pensar que você quer *mesmo* saber isso, Amanda, você *não pode* deixar ele...”

— Sim, filha, penso que sim... Mas não daria certo.

— S-sim, eu sei que você nunca...

Amanda não queria que a conversa se encaminhasse para *aquele* lado, tampouco.

— Não é sobre sua mãe, filha. Não foi isso que eu quis dizer. Quis dizer que pessoas de tradições diferentes seriam... *Muito* diferentes juntas. É mais difícil fazer uma relação assim funcionar.

— Por quê? — Perguntou, franzindo o cenho.

— Se seu futuro companheiro for preculgo você saberá exatamente com quem está lidando. Do que a pessoa é capaz.

Amanda concordou, a cabeça balançando mais devagar enquanto ela voltava a lembrar do dia em que Tadeu a invadira.

Gustavo não descobriu nada de suspeito no castelo dela, mas Gustavo não era bomin. Ele era mais *experiente*, mas não significa que soubesse *exatamente* do que bomin eram capazes.

— Podemos recomeçar as aulas hoje. — Disse Barnabás.



Galvino sentava-se à ponta da mesa, com Eva ao seu lado direito e Tadeu ao esquerdo. Para além deles estavam Joana e Luana do lado de Tadeu, com Gabriel e André simétricos a elas.

Ao longo do jantar discutiram o discurso da mestra. Aprovaram o tom geral, e os magos de Roun-u-joss fizeram questão de assertar o quão impressionados estavam com a ação dos preculgos na multidão.

— Creio que se foram vistos por vocês não deve ter sido tão impressionante assim. Não dizem que os preculgos deveriam ser mais sutis que nós?

— Tenho certeza de que Eva não quis dizer que não tenha sido a competência de vocês que fez com que conseguissem vê-los em ação. — Consertou Galvino, sorridente.

— Não precisas pedir desculpa, Galvino, eu entendo. — Disse Joana, passando a olhar para Eva. Tadeu observou, curioso, o olhar pétreo que ela lançava para a convidada. — Eu mesma duvido das minhas forças às vezes. Quando a comunidade é forte como aqui, parece que... A gente cresce mais. Em Roun-u-joss estamos todos separados e sozinhos. Não é a mesma coisa.

Tadeu repensou tudo o que sabia sobre Roun-u-joss. Era provavelmente uma coleção de preconceitos e estereótipos, mas sempre lhe disseram que as pessoas de lá eram orgulhosas. E, embora jamais conhecesse alguém da cidade para decidir por si mesmo a validade do rumor, sabia que *magos* eram quase sempre orgulhosos...

E ali estava uma maga de Roun-u-joss se dizendo fraca perante magos de Al-u-ber.

— Falando nisso, Galvino, eu e os meus colegas queríamos saber quando vamos poder falar de novo com o Parlamento sobre a nossa situação.

Joana havia parado de comer e olhava diretamente para Galvino. Tadeu seguiu seu olhar até o pai, que terminava de tomar um gole d'água.

— A guerra realmente nos atrasou, Joana. Vou tentar colocar isso em pauta o mais cedo possível.

Os olhos dele se voltaram para o filho ao lado da forasteira, e ele largou os talheres em cima do prato metade cheio.

— E você, meu filho, precisa de lições de esgrima.

Tadeu começou a mastigar mais devagar, transferindo o olhar para a mãe.

— Poderia fazer isso no lugar das aulas de cultivo, já que elas acabaram. — Completou ela.

Aquilo estava *combinado* entre eles?

— M-mas eu não sei *nada* sobre isso!

— Para tua sorte, Tadeu — Disse Joana, olhando para Gabriel, que cortava um pedaço particularmente duro de carne. — O Gabriel é um *excelente* lutador e ficaria feliz em te ensinar.

Tadeu engoliu em seco quando percebeu que o mago em questão levantou as pálpebras, respondendo com ambíguo silêncio no olhar atravessado à ideia da líder.

— Seria excelente, Joana. — Disse Galvino. — Já ouvi sobre a afinidade de Roun-u-joss com as espadas. Em Al-u-ber podemos ser comandantes da cidade, mas de alguns de nós pode-se esperar a honra de levar as tropas ao combate. E você, Tadeu, precisa estar preparado para isso.

Tadeu respirou pesado, encostando-se completamente na cadeira.

— Mas eu não *quero* ir pra guerra.

— A guerra pode chegar na tua casa sem pedir a tua permissão. — Rebateu Joana, pegando o copo vazio na mão por algum motivo. — Nós, magos, Tadeu, somos assim... Confiamos demais no nosso poder para enfrentar

qualquer coisa. Não precisamos do nosso corpo, isso... A gente deixa pros outros. Pra quem a gente pode *controlar*. Só que...

— Eu não quero controlar ninguém... — Resmungou ele.

Luana virou-se para ele, ainda mastigando, para depois encarar André, que também acabara de voltar de uma rápida olhada para o garoto.

Tanto Eva quanto Galvino — que havia recomeçado a comer — pareciam ter sido atingidos com a imagem de alguém vomitando em seus pratos.

— C-como é, Tadeu? — Questionou Joana.

— O que foi que disse, Tadeu? — Reforçou Galvino, mais alto.

— E-eu... Só estou com fome e isso m-me faz misturar as frases, e-eu só quis repetir que eu não quero *lutar* com ninguém, só isso.

— Então *coma*, Tadeu.

— E-eu quis dizer *sem* fome...

A maior parte das cabeças desenharam pequenos arcos no ar, alívio coreografado que até Galvino compartilhou. Eva, com o mesmo jeito soturno que sustentara o jantar inteiro, interrompeu o olhar que Tadeu sequer se importou de absorver, voltando à missão de terminar a janta.

Capítulo 13

Incursão

A escada de madeira culminava em um pequeno púlpito que dava, de fato, a impressão de ser um bom lugar para se coordenar a polícia. O saguão de trabalho, com sua luz austera abençoando os policiais a partir das janelas do terceiro andar, era cheio, apertado e, dali de cima, até que familiar. Não que família significasse muito para Rainha.

Virou-se e abriu a porta do gabinete, de onde saiu uma policial apressada antes que pudesse entrar.

— Rainha. — Disse Dalki. — Bom te ver bem.

Sentou-se. Tinha o saco de cartas na mão direita, balançando para fora da mesa simplória de Dalki quando nela Rainha apoiou os antebraços.

— Eu não estou bem. E... — Continuou, antes que ele pudesse dizer alguma coisa. — Eu preciso falar com você.

Ele abriu as mãos, inalando o ar com o qual pretendia expulsá-la dali.

— Você pode não ter ouvido, mas hoje...

— É sobre as cartas do meu pai.

Ele olhou brevemente para onde ele sabia estar o saco que a vira trazer.

— Lemos todas as cartas do seu pai que encontramos na casa e não achamos nada que pudesse indicar que ele era um mago. Se é isso que preocupa você...

— Eu *sei* que ele era um mago — Cortou Rainha, impassível. — e se vocês não sabem disso ainda isso só quer dizer que vocês não leram todas as cartas dele. Ele era um *mago*. E...

Ela baixou a cabeça, enxugando lágrimas antes que elas caíssem.

Dalki rearranjou-se na cadeira, desejando ser o tipo de gente que mandava pessoas em luto para fora de seus escritórios porque ele tinha mais o que fazer.

— E... E se eu tivesse me resolvido antes eu não teria ajudado você. Porque o que eles fizeram foi bom.

No reflexo de recuar as mãos, Dalki quis estar pronto para lutar com Rainha — imobilizando-a, prendendo-a, chamando por ajuda se fosse preciso.

Um segundo depois, embora estivesse ciente da bobagem que sentiu, não estava menos surpreso com toda a raiva que ouviu a garota sintetizar numa única frase fria.

— Sinto muito que se sinta assim.

— Eu não quero me intrometer e dizer como você tem que fazer o seu trabalho — Explicou ela, balançando a cabeça para o nada. As lágrimas sumiram. — Eu só estou dizendo que... Eu sei quem meu pai era. Ele já era ruim antes disso, mas eu descobri que ele era um mago.

Rainha subiu o braço pela borda da mesa, deixando nela o saco algodado mas ainda o segurando num aperto forte.

— Aqui tem cartas que vão incriminar ele e *muitos* outros. Muitos outros magos.

— Há nomes? — Perguntou ele, sem tirar os olhos dos papéis que se deixavam aparecer, provocantes, através da sacola a partir da luz dos minérios amarelos.

— Sim. De parlamentares também.

Dalki sabia que tinha muito o que fazer, mas aquilo era demais para ignorar.

— Eu vou dar essas cartas para você... Mas eu quero uma coisa em troca.

— Depois que eu ler essas cartas e avaliar o valor delas então sim, podemos conversar sobre...

— Eu vou ter o que eu quero. — Disse ela, passando por cima da confiança de Dalki. — Eu quero conversar com Lenzo e... Se eu te pedir depois... Soltar ele.

Dalki riu, apoiando os cotovelos na mesa. Arrumou um papel que estava torto mas viu que, como ele foi cortado torto, nunca ficaria alinhado com a ponta da mesa.

— Não posso fazer isso. Você sabe quantas pessoas se envolveram no assassinato do seu pai?

Ela fez que não com a cabeça, sem quebrar o contato visual. Dalki também estava disposto a seguir com ele até o fim.

— Cinco. Hiram, Raquel, Gagé, Kan e Lenzo. Lenzo foi o *único* que foi preso.

— Por que precisaram de cinco pessoas para matar o meu pai se um homem com uma espada é que fez tudo sozinho?

— Lenzo me disse por quê.

— É porque meu pai era um mago.

Dalki fez um curto gesto de dúvida com os ombros.

— Nada do que ele me disse é conclusivo.

— Eu SEI quem o meu pai era, Hourin! — Explodiu Rainha, desviando o olhar quando a confusão a deixou mais calma. — ... Dalki.

— De cinco pessoas uma foi presa. — Seguiu em frente o chefe. — E eu precisei ir até o Parlamento me explicar quanto a isso. E agora, quer que eu dê liberdade para a única pessoa que foi presa.

Rainha empurrou as cartas para Dalki. Dalki percebeu o quanto a mão da filha do político suava e tremia quando ela enfim deixou de prender a abertura da sacola, recolhendo o braço para junto do outro.

— Quando você prender esses... Ninguém vai mais lembrar do meu pai.

Dalki pôs as mãos nas têmporas, testando a capacidade da poltrona de se entortar até a parede.

“Por que *tudo* tinha que acontecer de uma vez só?”

— Você pode ler as cartas enquanto eu converso com ele.

Dalki considerou brevemente por que Rainha faria isso se não estivesse falando a verdade. Seu pai estava morto; nada podia trazê-lo de volta. Ela poderia estar atrás de vingança... Afinal, ela queria conversar com Lenzo primeiro...

Ou estava sendo sincera, simplesmente.

O chefe de polícia estendeu a mão esquerda para um cano de ferro que atravessava a parede, puxando-o para mais perto. Com ele já à altura da boca, tirou uma esfera preta do bolso, apertando-a na mão por alguns nervosos segundos. Posicionou-a entre a boca e o cano. Chamou por um guarda, a voz amplificada reverberando na sala, assustando Rainha por um momento. Um policial entrou na sala algum tempo depois.

— Sim, chefe?

— Leve-a para visitar o Lenzo. Fique entre os dois.

O homem fez que sim com a cabeça e a seguiu para fora da sala.

Dalki pensou que poderia ter pelo menos lhe recomendado cuidado. Por outro lado, ela sequer olhou para trás.

Ela se disse satisfeita com a morte do pai. Estava indo conversar com quem ajudou a matá-lo, sabendo plenamente disso. Calculou que tinha que fazer um quadro mais realista dela — ela não era mais a doente que precisava de proteção. Era possível que *nunca* tenha sido frágil.

Abriu a sacola com voracidade, bufando com o pessimismo repentino de que poderia estar prestes a perder tempo demais com aquilo.



Lenzo poderia ter luz na cela. Se quisesse. Mas tirou a camisa, de pano grosso o bastante para a tarefa, e deixou-a amontoada por cima do minério roxo — queria dormir.

O problema era que um ciclo de culpas, desgraças e vergonhas se abatia sobre ele. Não conseguia dormir numa noite, então ficava com sono e dor de cabeça na próxima — mas não conseguia dormir porque estava com dor

de cabeça. Quando finalmente desmaiava, o rosto duas ou três vezes lavado pelo choro que vinha sempre sem avisar para lhe atormentar, era acordado poucas horas depois por algum procedimento de rotina que, para ele, nunca se tornava rotineiro o bastante para ser previsível e, quem sabe, esperado.

Sabia que um dia aquilo iria parar. Que poderia dormir tranquilamente — ou pelo menos com regularidade já que, para sua sorte, não tinha pesadelos. Sabia que um dia não ficaria mais na gangorra entre achar que foi um estúpido ao não fugir com os filinorfos ou achar que foi um estúpido por não fugir mais cedo da cidade sozinho, depois do crime. De qualquer jeito, achava-se estúpido; o que exatamente justificava aquilo já pouco importava. Ele estava preso, e autodepreciação matava tempo.

Ouviu um barulho de passos; o arrastar na corvônia do chão era facilmente percebido no grande silêncio do lugar. Lenzo calculava que seria para o senhor na cela no final do corredor.

Quando a chave encostou no trinco da própria porta com um tranco pesado Lenzo levantou-se, assustado como bicho ferido, e conseguiu tirar a camisa preta de cima do minério no momento em que o policial magro com um fino bigode negro entrou.

O guarda olhou para o prisioneiro com desconfiança; seus pequenos olhos castanhos registravam dúvida quanto ao que fazer ao vê-lo de pé, sem camisa, segurando a que ele deveria estar usando.

- O que é que...
- E-estou com calor.
- Está com febre?
- N-não sei...
- Por que o minério está no chão?
- Caiu.

O policial balançou a cabeça, como se entendesse que lidava com coisas irrelevantes. Entrou na cela, ainda segurando a porta. Lenzo franziu o cenho e levantou a cabeça, curioso.

Por um momento pensou que sua mãe viera lhe visitar. Ou talvez o irmão.

Era uma mulher, mas não era sua mãe. Até que lembrava a progenitora; afinal de contas, havia um parentesco entre ela e a bela menina de compridos cabelos castanhos.

Na verdade, não era mais uma menina — não a pequena prima de quem tinha memória. Mas era bela, ainda que aquela seriedade dolorida a deixasse cinzenta.

Era, acima de tudo, filha do homem que ele matou. *Ele* era a causa de sua seriedade dolorida.

— Lenzo... — Ela olhou de esguelha para o policial, que olhava para a parede como se conseguisse fingir que não estava ouvindo. — Eu não tenho raiva de você.

Lenzo abaixou a cabeça. Já não bastava *pensar* o tempo todo naquilo, agora alguém — *ela*, de todas as pessoas — tinha que vir emprestar a voz para todas aquelas coisas?

— Lenzo?

Quando ele se ajoelhou, Rainha fez o mesmo.

— Lenzo, você me ouviu?

— Você não tem *raiva* de mim?

Rainha confirmou com a cabeça. Lenzo experimentou olhar para ela. Foi a pena daquele rosto angelical que o fez chorar.

Aquele rosto *condescendente*.

— Está aqui para me ver *infeliz*?

— *Não!* Eu quero te *tirar* daqui!

O policial desgrudou-se da parede, olhando para ela. Rainha explicou que não queria fugir com ele. Esperava pela permissão de Dalki para tirá-lo dali legalmente.

— D-Dalki? P-por quê?

Por acaso a prima lhe preparava algum tipo de *tortura* que ela pudesse considerar mais apropriada para o caso?

— ... Porque eu quero a sua ajuda.

— M-mas eu não tenho nada, eu não posso... — Seus lábios tremiam junto com a perna e, ainda mais involuntariamente, os músculos dos braços. — Te ajudar com nada...

Talvez fossem os primeiros pesadelos chegando, fortes, obrigando-o a dormir depois de reclamar tanto que não conseguia. “Isso é pior que estar preso...”.

— *Pode*, Lenzo.

— Com o *quê*?

— Não posso dizer aqui.

Os olhos arregalados do policial quase não piscavam ao vigiar os dois.



Dalki bateu à porta da enorme casa rodeada por um jardim de fazer inveja à praça em frente ao Parlamento. Era verde por fora e, ao que parecia numa inspeção rápida pelas janelas, toda azul por dentro. As colunas externas, que seguravam varandas no segundo andar por cima das cabeças de quem vinha visitar o banqueiro, eram verdadeiras esculturas decorativas de extremo bom gosto.

Dalki bateu à porta de novo, dessa vez com mais força. Comprimia os olhos por causa da claridade, o que o deixava com ainda mais pressa para terminar aquilo de uma vez.

Havia muito a ser feito em pouquíssimo tempo. Queria poder ir *diretamente* ao Parlamento, mas Monji era importante demais.

A porta abriu-se e, para surpresa do chefe de polícia, era o homem em pessoa. Vestia uma longa capa azul-marinho por cima de calça, camisa e botas marrons.

— Boa tarde, Dalki.

Um aperto de mãos rápido selou a maior das cordialidades que Monji estava disposto a conceder. Fechou a porta atrás de si e logo saiu andando pelo caminho de pedras que levava até o portão da casa.

— Hoje não tenho tempo. — Monji tentava projetar a voz para trás. Era uma estratégia interessante: “preciso que você ouça o que eu digo, mas não posso me virar para você ou demonstro que estou disposto a ouvi-lo”. — Outro dia podemos conversar.

— Vai ao Parlamento, Monji? — Questionou Dalki, fazendo-o parar por um instante.

O homem forte e alto voltou-se para Dalki, juntando as mãos negras à frente do pescoço. Dalki sentiu uma ponta de medo — não era nem de longe franzino, mas Monji era consideravelmente mais forte — e estalou os dedos, tentando ser o mais barulhento possível. Era o primeiro sinal. Monji pareceu não perceber.

— Você ouviu as notícias. Preciso ver os meus contatos no Parlamento, que vão me aconselhar. Eu também sou um cidadão, afinal, e mereço saber o que os parlamentares decidirão.

— Antes de todo mundo, é claro. — Respondeu Dalki, cruzando os braços. — Certamente você não quer influenciar a escolha deles.

Monji riu, indiferente.

— Não tenho tempo, Dalki. Falaremos da próxima vez.

O mago virou-se e achou curiosa, embora não de todo incontornável, a presença de dois policiais guardando seus portões pelo lado de fora.

A um aceno de cabeça de Dalki, os policiais desembainharam a espada, ficando em guarda para proteger a saída.

Dalki pôde perceber a respiração pesada de Monji antes de vê-lo se voltar para ele.

— O que é isso?

— Você está preso, Monji.

O banqueiro voltou a olhar para os guardas determinados, de espadas em punho, bloqueando sua saída. Seu punho fechou.

— As pessoas lá fora não estão só de passagem, não é?

— Não.

Dalki bateu duas palmas que ele tinha certeza de que seriam, com todo seu nervosismo, um fracasso total — mas saíram em alto e bom som.

Os dois policiais guardaram as espadas enquanto entravam no jardim de Monji, puxando linhas de agentes que formavam círculos ao redor dele. Quando terminaram o procedimento, duas linhas de policiais cercavam o banqueiro.

— Isto é um *grande erro*, Dalki! — Anunciou ele, avaliando cada um de seus adversários em potencial.

Dalki deu um último sinal com a cabeça.

Todos avançaram ao mesmo tempo, sem espadas para tornar um pouco menos fatal para eles mesmos um eventual controle que o mago exercesse sobre qualquer um.

Monji lutou como um bufão, desde o primeiro soco rangendo dentes à mostra. Seus punhos amassaram o rosto de dois policiais à frente, primeiro à esquerda, depois à direita, fazendo-os cair por cima dos que seguiam atrás, no segundo círculo.

Os golpes que chegavam a seus braços e pernas não pareciam ter efeito. Quando um homem agarrou seu pescoço por trás, praticamente pulando em suas costas, girou até jogá-lo em outro homem. Perdeu o equilíbrio no giro, e uma policial aproveitou a oportunidade para se jogar em cima dele, aterrizando com o cotovelo em seu peito. Outros, espertos, ajudaram a iniciativa procurando chutar suas costelas e suas coxas; outros, mais corajosos e preparados para assaltos desse tipo, prenderam seus braços. Conseguiram erguer seu tronco, puxando seus braços para trás até fazê-lo grunhir de dor ou de indistinguível raiva.

Um policial, que estava mais atrás do grupo, começou a derrubar os outros, tentando abrir caminho até o mago; outros correram até ele, jogando-o no chão e tentando-o manter lá.

Alguém conseguiu enfim prender-se a Monji pelas costas, os tornozelos apertando a barriga até que a chave de braço fizesse efeito e ele perdesse os sentidos.

O policial controlado deixou de se debater contra os colegas; pedia desculpas, ofegante, enquanto os companheiros davam-lhe tapas de incentivo no ombro e levantavam-se para ajudar a prender de fato o mago.

— Rápido, rápido! — Dizia Dalki, limpando o suor da testa.

Monji foi rolado de barriga para baixo, e um longo pedaço de madeira foi alinhado com seu corpo. As pernas e os braços foram amarrados; a boca, amordaçada, a goma escura passando também pelo poste. Dois policiais, um no lado da cabeça e outro no dos pés, ergueram-no pela madeira e acomodaram-no sozinho em uma charrete acoplada por um sistema de ferragens a uma outra, mais à frente, puxada por quatro yutsis. A charrete

com o prisioneiro foi na frente, seguida de outras cinco cheias de guardas. Dalki foi em outra, que tinha um destino diferente.



Aquilo estava sendo um desastre.

Estava cansado e abatido; acima de tudo, amedrontado. Nunca na sua vida política se sentira assim — e cada vez que deixava a raiva que tinha dos magos tomar conta de seu sangue, conseguia direcionar aquilo para algo bom. Era um projeto; um sentido de vida. Cuidar de um povo tão determinado em sua vontade de viver livre faz da liberdade a mais doce das coisas se ela estiver constantemente ameaçada.

Mas o curioso quanto à beleza da liberdade é que se ela não existir para todos, aquele que luta por justiça não estará jamais satisfeito.

Ele ria agora, olhando-se no espelho.

“Liberdade...”, pensou. Os magos faziam *troça* da liberdade, *essa* era a verdade.

Uma manhã e toda ilusão de que viviam em um mundo minimamente equilibrado se foi. A audácia das ruas — que continuava forte, agora com minérios de luz e fogueiras ao redor das quais cidadãos esperavam por um pronunciamento — era inversamente proporcional ao terror que, num Parlamento esvaziado e sem a luz de Roun, parecia impregnar-se nas paredes, grudar na pele, no cabelo, na roupa e debaixo das unhas.

Para alguns parlamentares, se os magos tiveram a coragem de sair das sombras e *exigir* obediência, é porque eles obviamente já tinham a vantagem. *Alguma coisa* lhes dera garantias de vitória, ou não teriam revelado prematuramente seu lado megalomaniaco.

Deveriam enviar os homens e mulheres de Al-u-een para uma batalha perdida? É claro que eles estavam dispostos a dar a vida pela liberdade — especialmente a liberdade de seus concidadãos. Mas a cidade poderia *pedir* que fizessem isso? *Havia* chances de vitória ou aquele era um pedido injusto?

Logo a minoria virou maioria e o Parlamento passou mais tempo discutindo como “frasear” a resposta que deveria dar ao povo do que, mais propriamente, a resposta, que se resumia à aliança com a Cidade Arcaica.

Minoru ouviu um estampido seco na porta do banheiro alaranjado e virou-se, alarmado; um grupo de cinco guerreiros de armadura entrou no lugar, cercando-o num semicírculo contra a pia.

O parlamentar encolheu, sem pensar, sem respirar, sem saber para qual dos elmos prateados olhar — as espadas levantadas e os escudos à altura dos pescoços prendiam Minoru, que pouco conseguia ver dos olhos por detrás das máscaras.

— Não é alvo! — Falou uma voz abafada que Minoru não conseguiu saber de qual deles vinha.

Saíram do banheiro, apressados, as ligas metálicas em seus braços e pernas chocando-se enquanto se afastavam para o corredor.

Minoru podia ouvir um som que não queria se fazer presente; propagava-se em passos cuidadosos, cochilos zelosos — o calor de uma agitação proibida que Minoru sabia estar ali. *Tinha* que estar ali.

Virou o corredor do banheiro e não precisou alcançar a porta para ver lá, na saída, que estava certo. Policiais uniformizados e soldados aparelhados do Exército de Al-u-een avançavam rápida e silenciosamente para a direita.

Minoru integrou-se ao fluxo, contando cerca de setenta pessoas. Estavam no primeiro andar, e provavelmente vinham da porta dos fundos.

Certamente haviam cercado o Parlamento, enviando forças para cada entrada, evitando a saída de prisioneiros em potencial. Apertavam agora cada região rumo ao foco central que era a Sala Pequena, onde sabiam que estavam reunidos.

— Com licença — Minoru chamou uma das últimas policiais do grupo, que virou o ombro para ele mas seguiu andando. — *Quem* vocês querem prender?

Ela sorriu, os olhos grandes de quem estava prestes a ganhar um grande prêmio.

— Um *bando* de magos!

E apertou o passo para acompanhar os colegas, deixando para trás um político sorridente que, ao parar para recuperar o fôlego, começava a rir um pouco de si mesmo.



Dalki ouvia o discurso de Hideo de olhos fechados a partir das portas principais, com a testa encostada na ranhura que as separava. Sentia o fedor, a respiração, o peso dos guerreiros atrás dele. Seus joelhos deviam estar até flexionados.

— Al-u-een já passou por eras difíceis, e os magos, não vamos nutrir fantasias, *são* uma realidade em nossa cidade. É *possível* imaginar uma cidade sem magos? Talvez.

Imaginava a cena: nos sofás não sentavam-se mais figuras prontas a defender com unhas e dentes a espada e o martelo que ficava sempre abaixo do parlamentar que discursava. Sentavam-se, quase *deitavam-se*, abatidos, as figuras de capas negras abotoadas quase até o queixo. Controladas pelo desânimo, derrotadas pelo medo, conformadas pela possibilidade de não terem que enfrentar nada nem ninguém para voltarem para casa e fingir que aquele dia nunca aconteceu.

— E vamos ser sinceros, nossa polícia não faz um trabalho tão bom.

Dalki sorriu, voltando a se sentir confiante. Voltou-se para trás, pedindo que os guerreiros na linha de frente se afastassem um pouco.

— Os magos estão entre nós, e podemos viver bem negociando com eles. Se o que eles querem é melhor organizar Heelum, como eles mesmos disseram na mensagem hoje de manhã, então que *deixemos* que nos organizem! A padronização uma vez favoreceu o comércio entre as cidades, a vida comum que tantos de nós sabemos ser positiva. Vamos lutar contra eles, sim, claro... Na política, na participação no poder. Poder que agora, aliás, será o poder de Heelum, de Heelum inteira, de nossa terra, de nosso povo. Nós somos todos *iguais* e sabemos que só nos dividimos para fugir de um inimigo que não conseguíamos vencer. Mas nós vencemos, e agora a Cidade Arcaica, *não por coincidência*, quer nos reunir de novo. Não vamos desistir disso. Não podemos. Isso não é Al-u-een. E é isso que devemos dizer ao povo que nos aguarda. *Essa* é a resposta que devemos dar às suas dúvidas, a *direção* que devemos dar à *confusão* deles, o *frenesi* que faz com que não enxerguem um *palmo* diante do nariz, o...

Dalki abriu as portas apenas o bastante para passar por elas sozinho. Torceu para ser barulhento, mas mesmo sem o artifício Hideo parou e olhou para ele, seu rosto pálido concentrando ódio e desprezo por uma série de coisas que agora Dalki provavelmente encarnava.

— Dalki? Essa é uma reunião para parlamentares, não policiais.

— Na verdade, fiquei sabendo que esta é uma reunião de *magos*.

Vários políticos estavam de pé, como ele não previra. Observou, com incógnita felicidade, os braços cruzados de muitos traidores da cidade irem ao chão, aos bolsos e até mesmo juntarem-se, certamente sem nenhum conforto, nas costas.

Já os parlamentares abatidos sentavam-se, parecendo acabar de acordar ao virar o pescoço para trás com tênue curiosidade.

— Sim, nós já tomamos nossa decisão, policial, e Al-u-een formará uma aliança com a Cidade Arcaica. Então se quer dizer que nos tornamos magos por nos aliarmos a eles, então, bem, que seja. Poupe-nos da sua ironia, porque aqui sua opinião não tem *força*.

— Não. Não é isso que quis dizer. — Virou-se para a porta. — Agora!

A porta foi escancarada pelos guerreiros que avançaram na sala a partir das paredes, marchando rápido para forrar o lugar com escudos. Pelo centro do corredor de onde vinham começaram a passar os primeiros policiais.

Antes mesmo de Hideo conseguir controlar seu espanto, um casal de políticos correu para a saída dos fundos da sala, à diagonal do púlpito; logo voltaram de costas depois de bater com força nos escudos que surgiam de dentro do corredor para onde corria a saída. Os parlamentares sentados

levantaram-se, alarmados, começando a entender que aquele não seria um lugar pacífico por muito tempo.

— Prendam! — Clamou Dalki.

Os policiais abordaram em grupos os primeiros parlamentares por todos os lados da sala, prensando-os para os fundos. Os alvos da ação recuavam só até o ponto de sentirem as pontas das espadas dos guerreiros do exército. Quando voltavam a olhar para a frente, seus braços já estavam juntos nas costas, prontos para serem amarrados. Um segundo grupo de policiais entrou na sala, trazendo mais longas estacas de madeira para a sala.

— Isto é um ABSURDO! — Bradou Hideo.

Dalki puxou dois policiais próximos a ele pelos braços.

— Comigo!

Derrubou com o ombro um mago que se debatia, com as mãos amarradas pela frente, e seguiu caminho subindo no púlpito por um lado. Hideo desceu para o outro, estabonado, prensado na saída dos degraus por dois escudos. Patinou no pequeno tapete azul no qual caiu, achando estranho que os soldados não se abaixaram para pegá-lo.

Sentiu a camisa ser puxada e repuxada, seus braços segurados, e viu-se nariz a nariz com o chefe de polícia.

— Agora você vai ver como trabalhamos bem!

Dalki jogou-o no chão, mais policiais vindo amordaçá-lo e ligá-lo à madeira.

Um soldado começou a berrar em um dos cantos da sala; policiais distraídos por ele foram chutados por prisioneiros que recomeçavam a resistência.

— GUERREIROS! — Berrou Dalki, seguindo para lutar com um parlamentar preso que, pegando uma espada solta no chão, conseguiu se soltar.

Os dois guerreiros ao lado do soldado que berrava o prensaram contra a parede, tentando tirar seu elmo. Um deles logo deixou a posição, dando alguns passos para trás; quando questionado, fincou a espada no guerreiro que ainda queria conter o primeiro rebelde.

Dalki desarmou o político, que lutava mal; deixando a espada em uma mão, desferiu um gancho contra o queixo do adversário, que caiu virando um sofá para trás.

— *POLÍCIA* — Berrou ele, frustrado. — DERRUBEM OS MAGOS PRIMEIRO!

Os parlamentares presos, ainda acordados, debatiam-se no chão, tentando se libertar; policiais que amarravam novos alvos abandonavam os postos para sufocar os antigos, deixando-os fora de combate.

A luz abacate dava um tom nauseante à bagunça, chamando à superfície a enxaqueca entorpecente de Dalki. Os políticos que não eram alvo da ação terminaram uma barricada de sofás no chão à esquerda do púlpito, que começou a ser derrubada para trás por soldados próximos à saída dos fundos,

controlados pelos políticos magos para se voltarem contra suas ordens. Os inocentes chamavam por Dalki; os que tinham espadas começavam a tirá-las das bainhas, mesmo que soubessem que não as usariam tão bem quanto os inimigos.

— TIREM OS MAGOS DA SALA! — Dalki sacou sua espada, defendendo-se do golpe de um policial completamente desesperado. Correu para e entrada depois de desviar de outros dois. — REFORÇOS... SUBAM!

Nenhum soldado restava nas paredes, divididos que estavam em grupos controlados e não-controlados; atrás da tropa ainda com Dalki, os parlamentares tinham cada vez menos lugar para onde recuar.

Dalki viu que duas mulheres que deveriam ser presas pegavam espadas e escudos do chão e aproximavam-se da saída dos fundos; tentou não se preocupar com a saída, que ainda devia estar bem guardada. Olhou para o canto à direita a tempo de ver dois policiais cortando as cordas que prendiam as pernas de um mago à madeira.

Correu para lá pulando por cima de um sofá e, com um chute nas costelas de um e um soco no rosto de outro, deixou-os caídos por tempo o bastante para refazer a corda.

— *Eu vou fazer você CAIR!* — Vociferava o parlamentar loiro.

Dalki terminou um nó básico quando começaram as tonturas; caiu por cima das costas do prisioneiro e rastejou até conseguir prender o pescoço do inimigo.

— Vo... Cê... Vai... — O mago tentava dizer.

Dalki sentiu suas pernas formigarem, um colorido absurdo na visão completando os arrepios quentes que não davam trégua do pescoço à cintura. Não sabia mais o que acontecia para além dos seus braços. Estes ele manteve firmes.

Ofegava em cima do corpo inconsciente do inimigo, conseguindo rolar para o lado a ponto de ver os novos soldados entrando pelas portas frontais. Queria levantar e coordenar a operação, mas conseguiu só se apoiar nos cotovelos, sabendo que não ia ficar de pé de novo.

Procurou prisioneiros pelo chão; viu um grupo de policiais do outro lado da sala tirando da sala uma mulher presa, abrindo caminho por entre os novos policiais que chegavam.

— Aq... Aqui...

Dalki tentou falar, mas só conseguia sussurrar de um jeito estranho. A língua não respondia à vontade.

O mundo girou de cabeça para baixo e ele, de barriga para cima; obedeceu à vontade de fechar os olhos quando um círculo de policiais preocupados, gritando coisas que ele não entendia mas que machucavam seus ouvidos, tornou-se a última coisa que ele viu antes de apagar.

Capítulo 14

Sul

Sequer ousou se perguntar o que aconteceria se parasse, caísse no chão seco e esticasse braços e pernas de qualquer jeito, pensando em Caterina, Kerinu, Myrthes e Ramon. Deitado, com a cabeça desconfortável, talvez até tonto, diria a si mesmo que não entendia muito de prisões, mas que o conceito começava a ficar familiar. Preso por alguns dias em Prima-u-jir, de iaumo soterrado por um bom tempo em Neborum, estava preso agora também aos próprios pensamentos repetitivos.

Kerinu havia se sacrificado por ele. E ele, no calor da batalha, aceitou o sacrifício de bom grado. *Quem faria uma coisa dessas?* Seria mentira demais dizer que não poderia, na verdade, ter feito outra coisa?

Sentiu uma dor chata na parte de baixo da garganta e uma corrida de gotas de suor para chegar à gola das vestes azuladas. Ele não estava deitado no chão e não podia deitar. Mas abria a porta para aqueles pensamentos, esperando que um dia pudesse não se sentir tão culpado, tão pequeno e tão inútil quanto agora.



O lado bom das colinas naquele trecho da estrada era que sempre havia uma forma de se esconder com relativa rapidez se alguém chegasse. Muitos foram os mercadores, algumas foram as charretes de transporte, e felizmente nenhuma da polícia ou do exército, que passaram por ali. Pensou que se conseguisse apenas andar com a mesma rapidez com a qual se escondia, chegaria mais rápido ao destino. Ou talvez tivesse um infarto, já que seu coração quase saía pela boca cada vez que o chão tremia por causa dos yutsis.

À noite, desistiu da ideia de caminhar pelo caminho e se esconder nas laterais — parou em definitivo nas margens e assistiu as charretes cortarem o caminho na escuridão. Cada uma carregava um minério de luz, que trepidava e fazia as sombras das árvores se mexerem num frenesi ardoroso. Lamar não gostava daquelas sombras.

No outro dia continuou fora da estrada. Logo chegaria à Fortaleza Sul da cidade, e deveria passar o mais longe dela possível de qualquer forma.

Ao cruzar uma rua que saía da estrada principal, seguindo para o Leste, lembrou que alguns de seus ex-alunos moravam em uma jir perto dali. O destino da estrada era justamente a jir Vigia, uma grande confluência de casas, comércios e até prédios como postos policiais e um pequeno teatro. Lugar mais próximo à Fortaleza Sul, a pequena jir havia se tornado uma verdadeira potência regional.

O caminho até lá seria fácil. O vento gelado já dava lugar, pouco a pouco, a uma sensação não tão irritante. Passou por algumas plantações que foram ficando cada vez menos selvagens e aleatórias. Ao entrar em uma pequena malha de ruas, pegou um caminho para o Norte, onde encontrou a casa de um ex-aluno: pequena, baixa, com paredes alaranjadas e coberta por telhas vermelhas com pintinhas negras.

Foi recebido por um garoto. O próprio aluno surgiu de algum outro cômodo e fechou a porta numa batida tão rápida que Lamar quase não o viu. Foi embora ouvindo-o ralar com o menino, explicando que ele não deveria mais abrir a porta para aquele homem.

Lamar encontrou uma ex-aluna, que foi tão receptiva quanto o último. Depois encontrou o terceiro, meio que por acaso. Ele andava de volta para casa e Lamar o seguiu. Ele não quis que Lamar ficasse, e olhava para os lados como se pudesse ser o alvo da prisão daquela vez. Lamar viu que ele não morava sozinho; na verdade, tinha alguns filhos e morava com uma companheira que não parecia de todo contente com sua presença, olhando de relance de quando em quando. Lamar poderia jurar que pelas costas ela fazia gestos para o rapaz. Por mais que não o quisessem ali, permitiram que Lamar levasse algo para a viagem. Lamar não pegou muito — não havia muito para pegar, de qualquer forma — e foi embora agradecendo pouco para não se alongar.

Saiu de lá sentindo-se como um rato. Um ser desprezível. Derrotado, falido, fracassado; sua cabeça dava voltas e arranjava novas formas de se insultar, com o vocabulário rareando aos poucos. Não tivera tanto contato com os ex-alunos assim, ou pelo menos não se comparado ao tempo com o homem que deixou pra trás em Prima-u-jir... Mas a forma como evitaram-no, preferindo dizer que nem o conheciam...

Ele havia falhado por completo, agora isso era um fato. Foi um aprendiz de mago ruim, um *mago* ruim, um filho ruim, um companheiro ruim e um pai ruim. Agora era também um mestre ruim.

Seus alunos não tinham culpa. Estavam se defendendo, como ele também deveria ter feito. Mas se todos apenas se defendessem e deixassem os magos dominarem Heelum por completo, de quem seria a culpa depois? A quem recorreriam, de quem reclamariam? Teriam coragem, todos, de pôr a culpa no espelho olhando-o de frente?



Desde que saiu de Vigia foi para longe da fortaleza, a sudeste, tentando reencontrar a trilha já no trecho em que ela seguia para Den-u-pra. Foi um dia de sol sem trégua, atípico para inasi-u-sana. Os campos de vegetais altos garantiam quase nenhum contato humano para lhe lembrar da paranoia que era ainda estar na cidade em que se está sendo caçado. Um tempo depois recuperou a estrada e, agachado próximo a alguns arbustos folhosos, assistiu a mais alguns desfiles de charretes comerciais correndo com pressa para o porto fluvial e, no sentido contrário, para Prima-u-jir.

Suspirou quando viu que tinha só mais um pouco de água — precisava demais dela. Abriu o cantil e num gole acabou com o gole que havia.

Quando abriu os olhos de novo, a memória do líquido fugidio já escapando aos sentidos, pensou na armadilha que era acabar cedo demais com as provisões. Mas ceder àquela armadilha era inevitável? Todas as armadilhas eram inevitáveis? De que armadilha ele falava agora — da que foi armada para ele em Prima-u-jir? Era culpa *sua* ter ido à casa de Byron ter vingança? Qualquer um não teria feito a mesma coisa em seu lugar?

O que a Rede de Luz teria a dizer sobre o desejo de vingança que sentira?

Deixou-se cair sentado para trás. Limpou as mãos sujas de terra nas vestes igualmente sujas, e xingou baixinho por estar tão abatido e sonolento. A noite caía rápido. Ele não conseguia pensar naqueles caminhos e descaminhos do arrependimento sem balançar a cabeça pra frente e para trás repetidamente. Tinha uma certeza sinistra de que não resistiria à tentação do sono.



Acordou assustado enquanto o sol nascia com tranquilidade. A charrete responsável por acordá-lo sem querer talvez fosse a primeira do dia, talvez fosse a décima. Por sorte nenhuma havia percebido seu corpo quase desmaiado naqueles arbustos. Chacoalhou o que pôde da sujeira e seguiu em frente, com o estômago roncando e a parte de trás da cabeça latejando. Terminou o dia parando em um lugar de onde podia ver o sol se pôr ao lado do contorno da Montanha dos Mestres.

Chegou a uma nova jir apenas na noite do último dia de inasi-u-sana. Havia andado demais e comido de menos, e embora não estivesse com paciência para tentar a sorte com pessoas que não gostavam de andarilhos noturnos, sentiu que podia experimentar pelo menos uma vez.

Não teve medo de andar pelas ruas apertadas do vilarejo. Não era procurado pela polícia, nem por mago algum; não ali. Não havia quintais e jardins; pisar para fora da porta já seria pisar numa rua em que duas charretes não passariam ao mesmo tempo. Grama crescia um pouco além do

batente até virar planta amassada e, mais para o meio, nem se dar ao trabalho de crescer. Cada casa tinha um minério de luz acima da porta da frente, o que tornava a trama do bairro visível de longe.

Parou em uma casa vermelha com um minério rosado. Deve tê-la escolhido por preguiça, já que a porta estava aberta e um jovem sentava-se à frente, com uma guitarra de um azul enjoado no colo. Ele levantou a cabeça.

— Você quer alguma coisa? — Perguntou.

— Oi, eu... — Limpou a garganta. — Sim, eu gostaria de... Um pouco de água e comida, se fosse possível.

O garoto, moreno e com um liso cabelo escuro cortado num círculo perfeito, comprimiu os olhos e sentou-se mais reto na cadeira.

— Você é um mendigo?

— Não, não! Sou um viajante.

— Então é um mendigo que não mora numa cidade só.

— Não, eu... Estou sendo... Perseguido, n-na verdade.

Ele olhou para o lado da rua de onde Lamar havia vindo.

— Por quem?

Lamar planejou a resposta.

— A-alguns magos, eu... Eles não gostam de mim. Agora minha casa está queimada e eu tenho que encontrar minha mulher e meu filho, e eles...

— Demorou ao pesar a verdade das próximas palavras. — ... Precisam de mim.

O aparente dono da casa olhou mais uma vez para os lados, como se estivesse prestes a fazer algo de errado. Matar Lamar a facadas ou dar-lhe um pouco de água?

Por um segundo, um frustrante momento em que uma sensação pesada descia pelo peito para se alojar na barriga, Lamar desejou ser um mago. Não um alorfo, *especialmente* não um alorfo que até alguns dias nem entrava em Neborum, e sim um mago que pudesse influenciar aquele garoto. Fazê-lo sentir pena do pobre homem.

Mas, ao invés disso, teria que respeitá-lo e se agarrar à chance. À indeterminação, à liberdade que o guitarrista tinha de lhe negar comida, se assim quisesse.

O garoto apertou a boca e começou a tirar a guitarra do colo. A mão escorregou da base inferior para as cordas e um som forte, como o de um pássaro ferido, ecoou pelas ruelas da jir mais rápido do que a palma da mão pôde fazer silêncio. Ele fechou os olhos e suspirou um xingamento chateado, deixando o instrumento apoiado na parede com cuidado.

— Eu vou lá pegar alguma coisa. — Começou a se mexer mas parou e perguntou, apoiando a mão na porta pelo lado de dentro da casa. — Como posso saber se você não é um mago tentando me enganar?

Lamar riu, olhando para o chão. Era um riso amargo e seco, mas era o primeiro em dias. Era como desmontar seu semblante com um chute; repentino, árido. O tipo de coisa que transformava vidas.

— Se eu fosse um mago, eu... Acho que... Não estaria aqui, implorando por água.



Andar despercebido na multidão estava sendo fácil. No começo certamente o foi, já que não havia tantas pessoas no anel externo do porto fluvial, região rural com ruas bem cuidadas e nomeadas. Mas o núcleo da jir, marcado pela Torre do Exército e pela gigantesca ponte sobre o Rio do Sul, tornava-se no virar de uma esquina um lugar completamente diferente.

Cheias de mansões de cores fortes e grandes prédios comerciais de corvônia, as ruas eram tomadas a todo momento por charretes apressadas, caixas pesadas e toda sorte de pessoas, de profissionais a moradores, passando por viajantes, marinheiros, militares e mendigos. As caixas eram particularmente importantes para o cenário, que parecia ser feito mais delas que de todo o resto: largadas pelos lados, empilhadas, grandes ou pequenas, amarelas ou vermelhas, com escritas que Lamar não entendia em garrafais letras azuis ou verdes; a maioria inteira e lacrada; algumas quebradas, abertas, vazias. O tipo de coisa que Ramon poderia aproveitar para brincar de esconder.

A movimentação não lembrava Lamar de Kerlz-u-een, e muito menos de Prima-u-jir, com seu centro previsível e seus cidadãos de sempre. Pessoas com roupas tanto do Leste quanto do Oeste carregavam para cima e para baixo olhares ora severos, ora escorregadios. Empregando diferentes níveis de pressa e cuidado, trombavam entre si, conversavam em grupos perto das portas das casas, trocavam ou vendiam segredos com os ombros encostados em qualquer parede, muitos oferecendo diversos serviços a preços autoproclamadamente imbatíveis.

O porto fluvial de Den-u-pra ficava muito longe da jir central, mas era importantíssimo para a cidade. Controlava o fluxo do Rio do Sul para o mar, e toda a produção de Kerlz-u-een que saía de lá por navios passava por ali. A Torre do Exército, com um grande sino acobreado no topo exposto, cuidava do tráfego marítimo, e a ponte, construída com fortes bases de corvônia e treliças de aço, tinha uma passarela elevada, generosa com os navios que passavam por debaixo dela.

Lamar abriu caminho pelos grupos esparsos e por duas correntes de pessoas em trajes coloridos, com rostos altivos — uma que entrava na ponte e outra que dela saía. Entrou na zona portuária e diminuiu o passo, chegando numa região ainda mais cheia, em que cores mais neutras e cabelos mais

oleosos dominavam a paisagem. Cheiros inquietantes e sons mais breves, humanos ou mecânicos, mas que substituíam a fala, martelavam na cabeça do alorfo; as mãos e pernas daquelas pessoas faziam tudo com rapidez, e eram tantas coisas diferentes que dava tontura tentar discernir tudo que faziam.

Os navios enfileirados no rio eram relativamente pequenos. Suas velas indicavam cores preferidas, marcas de experiência e cidades de origem, e criavam um espetáculo à parte se vistos de lado, na sequência, ou de longe, de cima da ponte. Havia um barco maior mais ao fundo, que transportava não apenas mercadorias e a mínima tripulação necessária, mas também passageiros em direção a outras cidades — uma placa garantia sua identificação, pelo menos para quem sabia ler.

Havia sempre um ou dois barcos daqueles por ali. Construídos com madeira nobre, entalhes perfeitos percorriam suas bordas, e um calado grosso e profundo lembrava pescoços grandes demais dando suporte a sorrisos felizes, aqueles que são sempre acompanhados por olhos satisfeitos. O navio era um daqueles grandes sorrisos.

Só havia um naquela hora. As velas, agora recolhidas, atraíam olhares de todo o porto quando eram enfim libertadas, panos tão comuns que conseguiam emular tão bem, em sua forte vermelhidão, alguma forma de veludo embebido em dignidade. Apesar dos bons serviços e da aparência extravagante, viajar dentro dele não requeria tanto dinheiro. Como Lamar não tinha dinheiro algum, o navio era caro demais.

Do píer até o acesso uma pequena passagem de madeira fazia a conexão com o navio. Havia uma mulher à frente da passagem, as mãos guardadas nos bolsos de um longo casaco verde-musgo bem cortado. Seu rosto forte, assinalado por sobranceiras finas, estava tranquilo. Ela estava definitivamente trabalhando ali, Lamar concluiu, mas não parecia ter pressa ou entusiasmo. Talvez fosse a capitã do navio, regulando a entrada de passageiros e mercadorias. Do lado estava uma outra mulher, mais alta e mais suada, de pele mais clara, usando um vestido azul marinho que, na imaginação de Lamar, não combinava muito com portos e navios. Embora tivesse um rosto menos ameaçador, tinha feições mais preocupadas.

Lamar observou a vizinhança, tomando consciência de si e enrubescendo pela distração. Estava encostado em um poste sujo e mal lixado na ponta do qual estava um grupo feio e assimétrico de minérios de luz. Ao seu redor e ao nível do rio, a vida seguia; à frente, a uma distância boa o bastante, o grande navio.

Ele teria que usar magia. Só não sabia como.

Viu-se dentro do próprio castelo, propositalmente em sua torre mais alta. Deu uma volta no lugar, vendo que tudo ainda estava chamuscado pelo incêndio provocado por Byron. Deu de ombros, pensando que teria

que se preocupar com aquilo mais tarde — se é que precisasse se preocupar. Ao se voltar para a janela, estancou com a boca aberta por alguns segundos de estranha admiração.

Do lado de fora dezenas de castelos moviam-se pelo terreno, campos inteiros de gramíneos sendo esmagados para debaixo dos prédios para se levantar novamente do outro lado. Os castelos dançavam nas configurações mais estranhas, desajeitados gigantes de pedra e alvenaria — alguns grandes obras da arquitetura, outros tendas reforçadas com muita madeira e muros altos. Desviavam-se entre si, atravessavam a paisagem abrindo caminho sabe-se lá como, rodopiavam e até mesmo colidiam uns com os outros, o que sempre fazia uma nuvem de poeira subir e parte dos danos cair, destruição recuperada num piscar de olhos.

Lamar voltou a Heelum com medo de que alguém o visse com o rosto tão fora de contexto. Ninguém parecia estar olhando para ele, mas por outro lado também não poderia ficar muito tempo com seu iaumo parado em frente à janela.

Sentou no chão com a coluna encostada, seca e desconfortavelmente, no pobre poste. Voltou a Neborum para sair de perto da janela e já voltou a atenção para o navio em Heelum.

A capitã recebia um pedaço de papel de uma mulher, esta mais velha e com roupas negras mais pesadas. Quando terminou de ler o que a carta dizia, à frente de um olhar franzido da guarda-costas, devolveu o papel e, sorrindo, indicou o caminho para dentro do navio.

Lamar olhou para o lado, achando que um homem careca estivesse olhando para ele. Ele logo sumiu na direção da saída do porto.

Aquilo era loucura.

Limpou as palmas das mãos nas vestes sobre as coxas, bufando seu crescente nervosismo para fora da boca. Ele não conhecia técnicas complexas. Ele teria que causar uma dor de cabeça em alguém ou... O que é que ele poderia fazer com *água* em termos de técnicas? Como nunca aprendeu nada assim, sabia que não adiantava sequer tentar.

Aquilo era loucura.



Certamente deveria haver algum relógio por ali. Um porto precisa de relógios. Mas para onde quer que Lamar olhasse, não via nenhuma indicação mais precisa das horas. Tudo o que ele podia contar se resumia à quantidade de pessoas que entrava no navio, e portanto quantas vezes o mesmo ciclo de pensamentos lhe ocorria.

Primeiro, adivinhava qual das pessoas que caminhavam pela área estava indo para o navio. Depois, vigiava a janela em Neborum na tentativa de ve-

rificar qual castelo lhes correspondia. Depois da terceira leva de passageiros nenhuma das tarefas ficou muito difícil. Visualizava o plano. Destruiria as portas de um dos castelos com fogo e então entraria no castelo e subiria até a torre mais alta, onde causaria um incêndio que começaria uma grande dor de cabeça para a pessoa que teve o castelo invadido.

Era aí que começava a sentir o coração bater mais rápido, numa mistura de mundos em que os batimentos mais pareciam um tambor no andar de baixo no próprio castelo. Ele tirava os olhos da janela e sentava no chão, com os punhos nos pisos — era como se pudesse sentir cada coluna daquela estrutura. Tentava reunir coragem, inspirando e expirando, inspirando e expirando, para ir adiante com o plano. Só encontrava desculpas para evitar se mexer.

Daí logo vinha o medo de parecer estúpido: voltava para Heelum, verificava se podia realmente fazer aquilo, e constatava que a capitã já havia terminado de ler a carta, ou de contar as barras de ouro, e as presas fugiam para dentro do navio, onde estariam seguras, já que seriam inúteis para Lamar.

Mas outro problema também precisava ser confrontado. Qual seria o próximo passo? Depois que alguém comesse a ter dores de cabeça, o que fazer? Não lhe parecia, com suas investigações preliminares, que as duas mulheres guardando o navio fossem magas, mas sempre havia uma chance... Talvez elas pudessem facilmente resolver o problema — e mesmo que não pudessem, *o que é que Lamar faria, afinal?*

Lamar chacoalhou a cabeça e apoiou a testa com a mão esquerda. Suspirou, tonto por alguns segundos. Aquele navio partiria em breve e Lamar, indo ou ficando, estaria em péssima situação. Preferia não ficar.

Ele não podia correr para dentro do barco pois seria removido à força. E não sabia como influenciar a capitã, ou a guarda.

Começou a pensar naquela breve e simples técnica para causar conforto a alguém. Era como um abraço — foi o que dissera a seus alunos, não foi? Tentara dar-lhes confiança para fazer isso mesmo sem visitar Neborum. Seu sucesso foi uma mentira de Tornero, mas... Lamar *conhecia* a técnica. A técnica de verdade. Junto à dor de cabeça vinda do fogo, era uma das poucas que Byron tivera tempo de ensiná-lo antes de considerá-lo indigno de magia.

Riu de sua desgraça moral, levantando-se logo em seguida. Apoiou-se no poste como um macaco amedrontado e sem equilíbrio. Começou a andar em direção à capitã. Teria que conhecê-la; tornar-se, em sua mente, uma pessoa amigável — algum preculgo seria capaz de fazer isso, mas *ele* teria que fazê-lo sem magia — e forçar sua compaixão... Através de uma sensação reconfortante. E pedir por um lugar no navio.

Aquilo estava além da loucura; invadia ofensivamente o território da idiotice.

Os pelos na nuca de Lamar se eriçaram. Virou o pescoço para a direita, mas sabia que não era para Heelum que deveria olhar — talvez extrema intuição fizesse parte das técnicas mágicas, mas o castelo cinzento que se aproximava do da capitã causava certo alvoroço. Vinha distante, em segundo plano, com duas torres altas e recuadas como chaminés gigantes saindo do bloco principal, que era um grande prédio feio pontilhado por janelas quadradas, dispostas em três andares. Estava muito atrás, mas vinha em alta velocidade, comendo grama pelos desvios entre os outros castelos.

Lamar despertou de sua meia passada em Heelum e quase caiu sozinho para a frente. A capitã já estava de pé, atendendo a primeira pessoa em uma fila que se formava para entrar no navio. Mais atrás, no porto, um homem enrolado em um pesado casaco-xale rosa, que cobria quase completamente seu cabelo negro, aproximava-se do navio. Não corria para chegar depressa, mas ele definitivamente estava agitado, varrendo a região com um olhar num instante. Lamar podia apostar que ele andava rápido porque estava com *medo*.

Lamar voltou a Neborum e olhou uma última vez para o castelo da capitã. Voltou-se para o outro, cinzento, e viu em uma das janelas do segundo andar alguém andando dentro dele. O iaumo olhava para todas as direções, desconfiando de cada castelo, sapateando sem rumo entre os ângulos da vista, como se procurasse — e procurasse não encontrar — alguém.

Ele era um *magô*. E estava agora em último na fila, atrás de quatro pessoas.

Lamar saiu de seu castelo descendo as escadas da torre e disparando porta afora. Venceu a distância sem sequer percebê-la, e, sem nem olhar para os lados, conseguiu fazer fogo bastante para estourar as trancas dos portões escuros — que, notou Lamar assim que passou por eles, já pareciam estar bem precários antes disso.

Olhou para o iaumo que descia num atropelo degraus à direita num dos cantos do saguão invadido, ocupado por sujeira e bandeiras negras que estavam longe de seus dias de glória.

Vários planos passaram pela cabeça de Lamar, mas só um deles o motivava a ir até lá. De qualquer forma, não podia esperar para ser derrotado e exposto ou então jamais descobriria se estava certo.

Partiu para o ataque. Viu o rosto de seu alvo exibir incredulidade como se berrasse em insanidade e silêncio com seus olhos azuis aguados: “Quem é você?!”.

Instantes depois viu o rosto inimigo iluminado pela chama; rosto separado da possibilidade de ser queimado e vencido apenas por um movimento firme do antebraço e então...

E então veio o soco.

Lamar piscou forte, acordando em Heelum como se tivesse chupado li-mão. Na fila à frente do navio, o homem que havia acabado de nocauteá-lo olhava para ele com o mesmo olhar de descoberta do castelo.

Marinheiros, mercadores e outros tinham que desviar de Lamar para passar por ali, mas ele não se incomodava. Agora precisava jogar aquele jogo.

Lamar voltou a Neborum, mas assim que chegou um chute no rosto o jogou com força contra a parede do saguão. Não teve tempo de engolir o que quer que estivesse em sua boca, já que a mão do outro mago subiu por seu colo e escorregou até o pescoço, tirando-o do chão.

— *Por... Favor...* — Lamar tentou falar.

O mago o largou, e apontou para seu rosto com um dedo que tremia.

— *Dier* mandou você?

— Eu não conheço nenhum Dié! — Começou Lamar, arcado para frente, massageando o pescoço. — *Por favor*, me ouça... V-você é alorfo, não é? Meu nome é Lamar!

Ainda havia mais duas pessoas na fila. Olhou com discrição para um Lamar que arfava entre os transeuntes, a língua quase para fora e o olhar perdido. Completamente alheio a Heelum.

— Quem é você?

— Sou um alorfo de Prima-u-jir com bomins atrás de mim e preciso encontrar minha família de novo! — Despejou Lamar, apressado, apoiando-se na parede. — Você é um alorfo?

— Por que acha que eu sou um alorfo?

Menos um na fila.

— Você não tem muito tempo, *por favor* me ajude!

— Você não tem muito tempo! — Retorquiu o outro, franzindo o cenho.

— Sim, *e-eu não tenho!*

Chegara sua vez; ele abriu a boca, na surpresa de se encontrar frente a frente com a capitã, que inclinou seu rosto para o lado na espera de alguma coisa.

— Carta de ingresso? — Perguntou ela.

— É... Não, eu...

“Por favor!”, ouvia Lamar berrar no fundo de sua cabeça.

A guarda virou o pescoço para olhá-lo menos de soslaio.

“POR FAVOR!”

— Eu vou pagar agora.

— Certo.

— Para duas pessoas.

A capitã balançou a cabeça afirmativamente, enquanto a guarda começou um aviso em tom de dúvida:

— Estamos quase saindo, e se a pessoa não esti...

— Estou aqui. — Disse Lamar, apresentando-se ao lado do desconhecido com os braços cruzados.

A capitã pegou as quatro cartas seladas que o homem havia tirado de um bolso interno das vestes, por debaixo do casaco, e o puxou para perto.

— Se você está sendo controlado — Sussurrou em seu ouvido. — eu posso ajudar...

Ela desfez o aperto com um sorriso bondoso no rosto. Quando virou-se para Lamar o mesmo sorriso se alterou como se ela *soubesse* o que Lamar fizera de errado e os dois fossem cúmplices eternos.

— Vamos. Entrem. — Comentou, impaciente, a guarda atrás da capitã.



Lamar abriu a porta do pequeno compartimento que o ouro, representado pelas cartas do banco, lhes alugou: era uma cabine dupla, cubo com dois sofás duros opostos um ao outro que, com travesseiros e muita imaginação, tornavam-se camas. No meio da cabine e entre os sofás havia uma mesa amarela que não deixava muito espaço para as pernas. O lugar era iluminado por um minério amarelado dentro de um compartimento da parede que podia ser fechado, apagando assim a luz.

Lamar largou no assento a sacola surrada e sentou perto da janela. Não queria perguntar se o colega tinha comida ou se estava pensando em comprá-la em breve, mas tinha tanta fome que ela já havia evoluído para uma espécie de letargia muscular no estômago. O órgão argumentava, como se mais provas além de mal conseguir manter os ombros sustentados pelos braços fossem necessárias, que o corpo estava fraco demais.

O benfeitor sem nome tirou o casaco e o colocou no canto do seu lado da cabine. Sentou, deixando as mãos entrelaçadas por sobre a mesa e os olhos fixos nelas. Desfazendo o entrelace, perguntou:

— Como vamos fazer isso? Em Neborum ou aqui mesmo?

Lamar já havia saído do castelo dele diretamente para o seu apenas por desejar isto — uma “característica” da magia que muito lhe agradava. Não queria ter que voltar para Neborum de novo, pelo menos não naquele dia.

— Eu preferia falar aqui.

— Tudo bem.

Ele concordou com a cabeça algumas vezes antes de olhar diretamente para o colega. Lamar percebeu que eles pareciam ter idades semelhantes; o mesmo rosto com uma barba que obviamente não lhes pertencia, tendo crescido e resistido por pura força das circunstâncias; a mesma pele sem muitas marcas, a dele mais escura que a de Lamar. O cabelo dele, de um preto brilhante, crescia para todos os lados como capim selvagem. Lamar pensou ter visto um sorriso por um instante.

— Meu nome é Nereda. Estou fugindo e gostaria de saber se posso confiar em você. Eu paguei pela nossa entrada no navio e eu tenho dinheiro, então você está nas minhas mãos. Além disso, não parece que vou ter muita dificuldade com você em Neborum, se eu precisar lutar. Então agora eu quero saber quem você é e o que você quer comigo.

Lamar engoliu em seco, desviando o olhar.

— É... Eu... Meu nome é Lamar, e... — “Eu já disse isso para ele!” — E... Eu sou um alorfo de Prima-u-jir.

— E você precisa encontrar sua família.

— S-sim... Você é m-mesmo um alorfo, ou...

— Sim. *Como você sabia?* — Perguntou, abrindo a guarda.

— Eu percebi que você estava fugindo quando vi você chegando perto do navio, e... Vi que você era um mago porque vi você em Neborum dentro do castelo, então... Eu corri um risco.

— E por que me atacou?

— Porque você estava assustado, e eu pensei que... Se alguém entrasse no meu castelo e quisesse conversar comigo eu não ia esperar para conversar, e-eu *atacaria* de uma vez! D-digo, fugindo, com medo...

— Então quis me atacar primeiro e perguntar depois.

— S-sim, é... Me desculpe.

— Tudo bem... De quem você está fugindo? — Perguntou ele.

— Da polícia de Prima-u-jir.

— Colocaram eles atrás de você?

— Sim.

Ele balançou a cabeça.

— Quem você quer encontrar? Filhos?

— Minha companheira e meu filho, eles... Eles foram para Imiorina porque eu fugi da prisão de Prima-u-jir e, se alguém seguisse eles, não me encontrariam. Então eu fui para Kerlz-u-eeen com o irmão da-da minha companheira e o nosso plano era voltar para Imiorina passando por Prima-u-jir.

— Mas isso deu errado, porque você está aqui.

— Sim. Foi... Foi horrível, uma... Meu amigo, o-o irmão da minha companheira, tinha uma amiga alorfa na cidade e ela acabou sendo controlada e dizendo que eles tinham morrido, e-e que um dos bomins que estava atrás de mim ateou fogo na casa.

— Mas eles tinham fugido?

— Sim, foram para Imiorina. Mas eu fiquei tão... Fui até a casa do bomin, eu queria...

— Vingança, é claro...

Lamar não resistiu à sugestão. Era a conclusão mais óbvia.

— Sim... Então a gente lutou, e eu consegui fugir.

— E achou que seria óbvio demais ir para Imiorina pelo caminho mais rápido.

— Sim... É, sim.

— Mas você veio, sem dinheiro, pegar um navio do porto para Den-upra... Você vai para onde depois?

— Torn-u-een, Den-u-tenbergo... E Imiorina.

— *Como* queria fazer isso tudo sem dinheiro?

— Eu... Não sei.

As pálpebras de Lamar começavam a se fechar. Nereda mantinha-se sério, mas já não parecia mais hostil. Desgrudou da mesa e foi para trás, descansando no encosto duro do sofá, e olhou para o teto.

— Desculpe pelo que disse antes.

Lamar balançou a cabeça, sem força pra fazer disso um movimento breve.

— Você só estava falando a verdade. Eu que tenho que pedir desculpas pelo ataque, eu... Estava desesperado... Precisando chamar atenção...

Nereda riu e fechou os olhos, encostando também o topo da cabeça na madeira acima do sofá. Pensou em dizer que finalmente podia relaxar; que tinha vivido com medo nos últimos tempos e com terror nos dias mais recentes; que os alorfos deveriam viver mais juntos e ajudar uns aos outros. Lamar também pensou em fazer as próprias perguntas — agora que estava estabelecido que ele não era uma ameaça, Nereda provavelmente contaria sua história também.

Mas tudo que saiu de Nereda antes do sono pesado de luz acesa foi um leve “É bom ter você aqui, Lamar”.



Lamar só acordou quando a tarde já havia se transformado em madrugada. Não conseguia ver nada pelo buraco com vidro que chamavam de janela, a não ser que o navio balançava de leve. Aquilo estranhamente não incomodava Lamar; talvez fosse porque não havia nada em sua barriga que pudesse ser posto para fora. Nereda dormia sentado, com a cabeça um pouco para o lado, roncando baixinho com a boca semi-aberta.

Foi só quando decidiu que precisava de um pouco de ar fresco para lidar melhor com a fome que a barriga cobrou satisfações. Sentiu algo como a vertigem de quando entrava involuntariamente em Neborum na época em que não queria estar lá; lidou com a situação por um tempo, esperando o pior passar.

Levantou-se e se embrenhou pelos corredores estreitos, todos iluminados com minérios amarelos presos ao teto baixo. Subiu duas escadas curtas até chegar à proa.

Viu que quanto mais os olhos se acostumavam à escuridão, mais as luzes das estrelas emprestavam seus tons às árvores, aos arbustos esparsos e, mais ao longe, às planícies claras que faziam fronteira com plantações e jirs longínquas. À frente, a água se abria em um leque cada vez maior e mais colorido, espelhando o céu como fazia de melhor, na foz do Rio do Sul.

Lamar respirou o vento forte que passava por ele sem querer ser respirado. Sentiu-se bem, no limite do possível. Era um vento de *kerlz-u-sana*; aromático, nutritivo, desprovido dos espinhos com os quais correntes de ar da estação fria rasgavam os ânimos.

Decidiu verificar *Neborum*; veria algo que o impressionaria de novo, certamente. Subiu à própria torre — e, por estranho que isso lhe parecesse, sentia seu rosto latejar — e viu um círculo de castelos ao longe, muitos com minérios e fogos acesos.

Por diversão, procurou pelo castelo de *Nereda*. Na janela em que já estava, não o encontrou; foi para o outro lado da sala em alguns passos, abrindo outra janela para poder procurar em maior ângulo.

Encontrou o castelo, mas também viu três outros se aproximando dele em um triângulo sufocante.

Viu a colisão surda entre eles e foi puxando a si mesmo de volta para *Heelum*. Na escuridão, perdeu-se por um momento, pensando se deveria agir em *Neborum* ou em *Heelum*.

Agiu sem decidir. Entrou no alçapão pelo qual tinha saído para o convés e correu pelos corredores, batendo ombros nas paredes até abrir com força a porta da cabine.

Nereda não estava mais ali.

Não quis procurar por ele em *Neborum* pois achava que teria mais chance procurando-o no navio; dali ele não poderia ter saído. Tinha *acabado* de ser capturado.

Correu pelo outro lado do corredor mas não conseguiu virar a próxima curva quadrada; alguém que o esperava do outro lado deu-lhe um soco no nariz que o jogou contra a parede.

Aquele era seu corpo, não seu *iaumo*. E aquilo era *dor de verdade*.

Atingiram-lhe na barriga; derrubaram-lhe com um chute lateral. Não conseguiu sequer ver o rosto de quem o atacava, o corredor ficando levemente menos iluminado enquanto as outras mãos amarravam as suas com uma corda áspera e enchiam sua boca com um pano seco, as pontas amarradas na nuca com um nó que parecia só um pouco menos complicado que o das mãos.

Foi posto de pé para andar até uma sala maior mais à frente, a presença violenta atrás de si dando-lhe calafrios.

Era uma cabine com seis vezes o tamanho da cabine dupla, e um teto um pouco mais alto. Viu *Nereda* amordaçado, amarrado e ajoelhado no

chão oposto a um homem de cabelo tão escuro e desarrumado quanto o de Nereda, mas mais curto; tinha lábios pálidos e um olhar duro de cima para baixo. Atrás dele, a guarda da capitã, com o cotovelo apoiado em uma estante na parede, a manga do vestido comprimindo-se de volta para perto do corpo.

O agressor de Lamar chutou-o para dentro, fazendo-o cair de barriga e nariz logo à frente do amigo. Ele se virou o mais rápido que pode, tentando deixar as mãos atrás das costas para desfazer os nós — o que logo descobriu ser difícil demais. A própria capitã, depois de chutá-lo, fechou a porta. Lançou-lhe um último olhar frio e posicionou-se atrás do homem à frente, encostando-se à parede.

Lamar olhou para os três, estudando seus rostos, esperando que algo acontecesse. O lugar de onde era mais provável que viesse alguma coisa era o bem vestido senhor. Calças amarelas bem talhadas, um casaco singelo e reto, azul real, abotoado e com uma cauda bifurcada que Lamar podia ver bem — embora não tão bem quanto o sapato de couro de bufão a centímetros apenas de seu rosto.

— Obrigado. — Disse finalmente o homem, fazendo um gesto singelo com a mão. — Podem ir agora.

— Ha! *Não!* — Disse a guarda. — Eu quero saber o que você vai fazer dentro do *meu* navio.

Então *ela* era a capitã.

Não que fizesse diferença para Lamar. Ou para Nereda.

O homem respirou fundo, sequer disfarçando quão irritado estava. Lamar não havia reparado na espada encostada à parede até o homem desembainhá-la e girá-la numa virada de quadril e braços que dilacerou a garganta de Nereda.

Lamar urrava por detrás da mordada, a pressão na cabeça acelerando a cada vez que sentia mais sangue de Nereda pingando em sua roupa, suas mãos, até em sua nuca. Ouviu um baque atrás de si, o corpo por fim caindo para trás.

— DIER, você TINHA que fazer isso? — Ralhou a capitã. — Você alguma vez *PENSA* no que faz?

— *Relaxe!* — Ordenou Dier num único som entre dentes. Encostou a espada de volta e bufou ao pôr as mãos na cintura. — Estará no mar antes de amanhecer.

— E essa sujeira? — Perguntou a guarda, casualmente.

— Se paguei vocês posso pagar alguém para limpar, se a incomoda tanto.

— *Sim, incomoda.* — Disse a capitã, tirando o braço da estante e ficando frente a frente com Dier, os dois praticamente da mesma altura — Aprecio seu dinheiro, mas até Den-u-pra não temos mais *nada* a ver com você, estou

sendo clara o bastante? Você disse que queria *recapturar*, essas foram as suas palavras, não matar ninguém.

— Tenho certeza de que você está confundindo um pouco as coisas.

— E eu tenho certeza de que você é um preculgo *mediocre* porque *eu* mantenho meu castelo sob controle e você *nunca* entrou nem *nunca* vai entrar nele pra me fazer duvidar de mim.

Dier cedeu, soltando um sorriso torto e jogando as mãos para cima. Lamar pôde ver seu rosto de lado; sorria como vagabundo apaixonado, culpado confesso, amante dedicado a brincadeiras pueris. Ele parecia mais velho; devia saber que aquilo o fazia parecer mais frágil do que realmente era.

A capitã foi embora pisando duro, e a guarda a seguiu piscando para Lamar antes de fechar a porta na saída.

Dier pôs as mãos para baixo e desfez o sorriso como um laço frouxo. Arrastou uma cadeira guardada no outro lado da sala e sentou, pondo a sola do sapato no peito de Lamar, endireitando-o para que ficasse totalmente para cima.

— Não sei nada sobre você. Mas não gosto de você.

Tirou o pano da boca de Lamar e ele arfou ainda mais rápido.

— O que está fazendo aqui?

— E-eu...

— Você é um alorfo também?

Deveria dizer a verdade? Calculou suas chances: estava amarrado. Não era um bom mago. Não tinha uma espada — e estava amarrado. A capitã do navio não apenas não se importava com ele como ajudou a capturá-lo.

Mentir só faria sentido com um plano, coisa que ele não tinha.

— S-sim.

— Pare de hesitar. Responda rápido quando eu perguntar e sem titubear. Entendeu?

— Sim. — respondeu Lamar num quase sopro.

— Você é alorfo?

— Sim.

— Conhece outros alorfos?

— Sim. — “Mas não sei se estão vivos”.

— Pode me dar o nome deles?

— S-sim.

Dier se deu ao trabalho de parar de apoiar um antebraço nas coxas para estapear o prisioneiro. Logo depois, esbofeteou-lhe de novo, com as costas da mão.

— Falei para não hesitar. Sabe onde estão e pode me levar até eles?

Não podia dedurar seus amigos — que, de fato, não via há rosanos — nem Kerinu, pois isso o deixaria em ainda maior problema caso conseguisse se livrar de Byron.

- Mas *havia* outra possibilidade.
- Sim!
 - Feliz demais. O que está escondendo?
 - Não estou escondendo nada! — Respondeu, antes que pudesse balbuciar de novo.
 - Quantos são?
 - Um! Em Imiorina!
 - *Só isso?* — Riu ele, jogando-se para trás na cadeira, o sapato ainda leve na barriga de Lamar.
 - Vai valer a pena!
 - Explique.
 - Eu fugi de Prima-u-jir e preciso reencontrar minha família. Eles estão em Imiorina. Uma alorfa de Prima-u-jir...
 - Você não me falou dela... — Interrompeu Dier, inclinando a cabeça e arqueando as sobrancelhas.
 - E-ela está morta! — Disse Lamar, querendo tirar logo esse detalhe do escrutínio.
 - Tem *certeza*?
- Lamar sentiu o sapato do mago apertar sua barriga, e foi invadido pelo medo de que ele talvez fosse tão tolerante com suas mentiras do que fora com a fuga de Nereda.
- E-eu não sei, na verdade, eu...
 - Não gosto quando falam “na verdade” para mim, porque significa que *mentiram* para mim.
 - *Não é ela* que você quer!
- Levou outro tapa; gemeu de irritação. *O que foi que fez agora?*
- Dier voltou a se recostar na cadeira.
- Penso que teremos bastante tempo para nos conhecer.

Parte III

Sobre pedras e planos

Capítulo 15

Mensagens

Chuva e trovoadas encharcavam a terra infinita de Neborum. No fim de duas fileiras paralelas de castelos, um outro mais baixo; largo, retilíneo e escuro.

— Está iniciada a reunião do dia cinquenta e dois de inasi-u-sana.

Desmodes anunciava a reunião com o mesmo rosto duro, o mesmo olhar preto plano e morto de sempre; a mesma postura de quem só podia relaxar, e *quem sabe* o faria, depois de garantir uma proteção inabalável, privilégio bem montado do tipo que qualquer um teria orgulho espalhafatoso de ter, mas que Desmodes tratava como tarefa. Não era nenhum Dresden — era o que todos, mesmo quem o apoiava, eram capazes de constatar sem ressalvas. Não demonstrava sentir-se agradecido pelo poder que conquistara; agraciado, no máximo.

Nenhum dos presentes esteve ausente do Conselho desde a declaração de guerra. Os únicos dois lugares desocupados ficavam na ponta oposta ao assento assimétrico do mago-rei; o que pertencera ao próprio Desmodes, ainda sem substituto, e o outro, a Robin, cujo destino continuava desconhecido para muitos.

— Leia-se a mensagem. — Prosseguiu o mago-rei.

Era preciso ter cuidado ao falar diante de Desmodes — expressar-se havia se tornado um desafio; no limite, um jogo. Não havia meios de convencê-lo do que quer que fosse contrário ao que ele já pensava, isso os outros haviam descoberto desde o início de seu mandato. Por outro lado, se havia coisas que pudessem ser *ditas*, havia outras que podiam apenas ser planejadas. Durante os longos e inquietos silêncios, olhares dominavam a comunicação na mesa; na seção próxima à ponta de Desmodes, adversários encontravam-se praticamente frente a frente, e os aliados estavam, também por coincidência, intercalados principalmente à esquerda do chefe.

Um jovem e magro mensageiro do exército do Conselho, moreno de olhos amendoados, aproximou-se da mesa ao lado de Desmodes.

— Magos do Conselho — Começou ele, arranhando a garganta. — Foram recebidas hoje mensagens de Kerlz-u-een, Enr-u-jir e Roun-u-joss. Kerlz-u-een e Enr-u-jir aliam-se ao Conselho, pondo à disposição todas as suas

forças. Roun-u-joss afirmou se posicionar contra o Conselho. Sem mais, General do Exército do Conselho dos Magos, Evan.

Dobrou o papel com a mensagem, guardou-o num bolso do negro casaco militar e deu um passo para trás, passando a olhar o nada, sério, com as mãos juntas à frente do corpo.

Duglas, separado à direita de Desmodes por Saana, foi o primeiro a reagir. Desfazendo o transe sacro do comunicado, deu de ombros.

— Já esperávamos tudo isso.

— Isso é *ruim*. — Disse Maya, à diagonal de Duglas e à esquerda de Desmodes. Didática, fazia com que seus olhos não ficassem tão exaltados quanto deveriam, e queriam, estar. — Ia-u-jambu e Roun-u-joss estão ambos *perto* de nós e *contra* nós.

— *Nada* que já não sabíamos. — Disse Duglas, jogando as mãos ao alto, quase cortando a fala de Maya.

— Mensageiro — Disse Desmodes, olhando rapidamente para os dois magos. — Diga ao General Evan que mande uma mensagem a Enr-u-jir. Ele deve dizer à cidade para que se fortifique, preparando-se para a eventualidade de tornar-se a nova sede do governo.

O garoto anotava o mais rápido que podia as ordens, repondo a tinta à ponta da caneta freneticamente a partir do frasco em cima da mesa.

— Mas Desmodes... — Começou Eiji, no centro da mesa. De onde estava, buscou apoio nos olhares de Peri e Cássio, prosseguindo após uma breve expiração estafada. — Enr-u-jir é uma... — Reprimiu-se no que estava prestes a dizer. — Escolha *complicada*. O exército da cidade é *fraco*, e a estrada que leva até lá passa por uma bifurcação que leva diretamente a Ia-u-jambu...

— E eles têm a cobertura de toda a Floresta Al-u-bu pelo leste... Aquela é *definitivamente* uma floresta perigosa para se recuar... — Confirmou Cássio, preocupado.

— Conheço a região. — Disse Desmodes. — Mas nesta guerra é preciso estar aberto, e não fechado.

Cássio soltou uma risada de escárnio.

— Isso só pode ser uma piada...

— Se nossas tropas *forem forçadas* a sair da Cidade Arcaica — Continuou Desmodes. — devemos ir para um lugar onde isso represente um movimento simultaneamente ofensivo.

Cássio olhou para o mago-rei enquanto esperava que alguém preenchesse o silêncio com um argumento a seu favor. Começou a balançar a cabeça quando viu que ninguém o faria.

— Muito bem, *estrategista*.

— *Ainda* temos o problema de Ia-u-jambu. — Relembrou Maya.

— O que você acha, Valeri? — Perguntou Duglas, sua voz rochosa projetada pelo queixo empinado até a outra ponta da mesa em direção à maga bomin. — Sendo uma grande general.

— Você não é do exército também, Duglas? — Perguntou Souta, inclinando-se para ver o colega a uma posição de distância.

— Sim, mas não sou general. — Explicou, com um sorriso engessado.

— Valeri? — Perguntou Desmodes, para surpresa até mesmo de Duglas.

A maga de longos cabelos cacheados olhava para o comandante, serena.

— Sinceramente, eles são... Bastante deliberativos. Vão demorar para se organizar, e ainda podem estar preocupados purgando a cidade de qualquer coisa que cheire a magos, então...

Mesmo que a maioria dos ouvintes balançasse a cabeça, provavelmente propensos a acreditar no que gostariam de ouvir, Maya ficou surpresa ao ver Anke, logo ao seu lado, espelhar o gesto com o olhar perdido e a nuca tensa.

O barulho do trovão enfureceu a sala, e Maya sentiu-se sorrateiramente ameaçada. Por um segundo, era como se fosse a única humana num mundo de estátuas em escala de cinza — do outro lado da mesa, Igor balançava a cabeça do mesmo jeito regular e doentio que, um pouco mais longe, Lucy e Ramos replicavam.

Só sentiu-se viva de novo, afastando o calor que subia pela nuca, quando viu olhares seguros e compreensivos entre outros pares na mesa. Todos, pelo que ela lamentava, apoiadores de Desmodes.

A reunião foi encerrada. Saíram quase todos rapidamente, sem comentários; restaram ainda o mensageiro, completamente imóvel atrás do mago-rei, e Valeri, ainda sentada em sua posição habitual das reuniões.

— O que quer? — Perguntou Desmodes

— Quero ser substituída.

Desmodes estreitou os olhos.

— Por quê?

Valeri pegou ar para responder.

— Prima-u-jir vai se juntar a nós, eu tenho certeza. E embora nós tenhamos um exército numeroso, ele é... Precário. Eu cumpri meu papel aqui mas agora meu lugar é lá. E... Lá eu vou continuar ajudando a nossa causa. Eu vou estar à frente da batalha.

Desmodes, recostando-se na cadeira, fez que sim com a cabeça antes de ela terminar a explicação.

— Você tem permissão para deixar o Conselho. Mas deve escolher alguém que apoie a guerra tanto quanto você.

Ela concordou, agradecendo enquanto arrastava a cadeira para se levantar.

— Escolha-o sem mediação, o mais rápido possível. — Retomou ele.

A um aceno breve de que entendera a mensagem a maga deixou a sala.

Desmodes esperou até se certificar de que a paisagem de Neborum, que continuava recebendo castigos do céu tanto quanto em Heelum, estivesse livre dos membros do Conselho.

O mensageiro aproximou-se de Desmodes e pôs a mão no bolso externo da capa azul-escura que o mago vestia; vasculhou-o sem querer fazê-lo, inseguro quanto a própria vida por dois longos segundos, até encontrar um pedaço de papel alaranjado.

Não precisou, e nem conseguiria, perguntar o que fazer com ele. Suas mãos se mexeram mais rápido que o pensamento, guardando o papel junto ao rabisco de resposta que, intuía, não teria chance de transformar em uma carta organizada. Enquanto as pernas, apressadas, faziam com que deixasse a sala de reuniões, os olhos viam os lugares passarem correndo por ele sem que ele decidisse para onde estava indo.

Mesmo não tendo o menor poder sobre a corrida que fazia rumo à charrete de volta para a Cidade Arcaica, sabia que era para lá que estava indo e, como sua mente parecia que não o deixaria mais esquecer (“*Já entendi!*”), ele *sabia* o que tinha que fazer.



— Você não vai mesmo me dizer por que me quer longe daqui?

Valeri olhava diretamente para o cabelo curto da maga que, de costas com a desculpa de estar bebendo água na mesa de canto de seu quarto, fingia que ignorar a conversa resolveria as coisas.

— Se tem alguma coisa acontecendo, Sandra, eu já disse que pode confiar em mim... Eu posso entrar, se você quiser, vasculhar o...

— *Não!* — Disse Sandra, veemente, virando-se num sobressalto.

Valeri via mais uma vez acuado o rosto que julgava ser o mais bonito de Heelum. Sem se dar conta, inclinou o pescoço para se mostrar solidária.

— Não faça isso. — Concluiu Sandra, andando até o sofá rosado no canto do quarto mais oposto à porta.

— Mas você sabe que posso... — insistiu Valeri, seguindo a companheira. — *Se você quiser.*

— Val, *por favor...*

Sandra fechou os olhos no último pedido, e Valeri apressou o passo. Sentou no sofá com o joelho primeiro, partindo direto para abraçar a cabeça tão claramente confusa que já estava lá.

Desfez o abraço só para segurar a cabeça de Sandra entre as mãos, trazendo-a para si e deixando os olhos das duas frente a frente.

— O que é que eu vou encontrar no seu castelo se eu invadir você?

— Nada. — Respondeu ela, balançando a cabeça nos limites das mãos de Valeri. — Você já pediu para ir embora?

Valeri expirou, cansada. “Desisto”, pensou, enquanto deixava o rosto de Sandra livre.

— Já.

— Já pensou em quem pode vir no seu lugar?

— Talvez o Byron...

Sandra concordou com um balançar de cabeça.

— Val, saia o mais rápido possível daqui. Nós *vamos* nos ver de novo...

— Disse ela, cortando o início do protesto de Valeri. — ... Eu só não sei em qual situação.

Valeri franziu a testa, preocupada.

— A guerra. — Clarificou Sandra. — Quando ela acabar não sei se vamos precisar nos esconder ou se vamos ficar aqui.

— A gente já vem para cá para se esconder. — Retrucou a outra. — Nem mesmo agora que Desmodes nos tornou públicos as pessoas sabem onde a sede fica... — A maga preocupada concordou, passando a olhar para o chão à frente. — Tem mais uma coisa... Os magos não voltam para cá. Depois que eles saem. E eu pedi para sair, então não acho que o Desmodes vá me aceitar de volta.

— Talvez Desmodes não seja o mago-rei até lá...

— *Sandra...* — Advertiu Valeri, pensando na forma soturna como Sandra olhava para o nada.

Qualquer preocupação escapou pelos ouvidos quando ela a beijou.

Seus lábios estavam seguros, mais firmes do que haviam sido em dias. Mas o beijo era rápido, emergencial; a paixão que o motivara já não sabia se mostrar.

Mas Valeri gostou. Pôde simplesmente terminar de respirar pelo nariz e sentir o descolar molhado e lento da boca de Sandra junto à sua enquanto a própria chuva parecia ficar mais calma lá fora.

Quando abriu os olhos quase pôde se esquecer, bom como era perder-se nas íris de Sandra, das suspeitas de que alguma coisa em algum lugar no caminho tinha dado completamente errado para todos os magos do Conselho.



Cássio entrou pela porta que sabia, por já estar tudo combinado, não estar trancada. Diminuiu o passo agoniado depois de fechá-la pelo lado de dentro e só ver Maya em frente à janela, de costas, com uma mão na cintura e outra no copo.

— Cadê os outros?

Maya respondeu com um muxoxo.

— Medo.

Andou até ele, ficando frente a frente com o bomin.

— Acho que você percebeu algumas coisas também, não?

— Que coisas?

— Elton... Ramos... Eles, especialmente... Você não percebeu como eles andam *quietos* demais? E quando *dizem* alguma coisa, como tudo parece calculado, como se...

— ... Como se alguém falasse por eles... — Completou ele, com os olhos apertados.

Cássio também pôs as mãos na cintura, instituindo o signo como bandeira da frustração. Pôs-se a andar pelo espaço entre o armário marrom e a cama de madeira bordô com lençóis vermelhos.

— Eu não tenho acreditado em nada do que eles têm me dito, para ser sincera...

— E os outros, o que acham disso, hm? — Perguntou Cássio, voltando-se para Maya depois de mais uma caminhada. — Peri? Saana?

— Que ainda há tempo de reverter essa guerra. — Cássio balançou a cabeça em concordância. — Só Ia-u-jambu e Al-u-een vão nos caçar se conseguirmos dizer que foi tudo um erro, um... Mal-entendido. Podemos vencer isso se formos *espertos* ao invés de agirmos feito *yutsis* de guerra.

— Mas temos que nos livrar do problema primeiro. Do que causou isso tudo.

— *Sim!* — Exclamou Maya, dando meia volta para ir até o balcão do quarto deixar o copo vazio. — Mas precisamos de apoio ou isso vai partir o Conselho em dois.

— Ou não... Um mago-rei acabou de morrer e nada aconteceu.

Capítulo 16

Reorganizar

As rugas ao redor dos olhos de Frederico há muitos rosanos pareciam drenar sua vida em direção à barba. Não era possível adivinhar muito sobre ele sem estudar cuidadosamente as compressões e expansões dos vincos no rosto.

— Finalmente... — Comentou Marco, de braços cruzados, o cabelo negro liso um pouco acima dos ombros balançando enquanto ele girava a cabeça em negação.

Byron entrou na sala minutos depois. Sua pressa refletia bem o suor por debaixo das longas e cinzas vestes parlamentares.

— O que *aconteceu* com você? — Perguntou Alice.

Byron sentou-se em seu lugar habitual, mesmo depois de ver que a geografia da sala mudou. Caterina, Verônica, Alessandro e Leonardo não estavam ali, ocupando seu lado tradicional da mesa à esquerda do mestre. Ângela, que vestia um robe vermelho por cima das vestes regulares do ofício, tomou o lugar de Caterina, e Marco, o de Alessandro; com uma cadeira vazia de distância entre cada um dos presentes, Byron foi o único a ficar exatamente onde sempre esteve.

— Problemas com Tornero. — Mentiu, sem ver a quem respondia.

O dia estava claro e o sol brilhava nas janelas e pátios dos castelos dispostos em linha em Neborum. Byron os observava, abrindo com precisão e velocidade cantos nas cortinas, por onde buscava saber a situação do lado de fora.

— Não acha que ficou muito mais confortável assim, Byron? — Disse Ângela, dando um riso fino depois de pôr os antebraços gordos por cima da mesa. — Muito mais espaço sem aqueles inconvenientes...

— Para onde eles foram? — Perguntou Byron.

— Fugiram. — Respondeu Marco.

Byron assentiu, percebendo que não conseguiria evitar a irritação de Frederico se quisesse que o mestre prosseguisse com a reunião.

— Peça perdão pelo atraso, Frederico.

— Byron... — Começou ele, dirigindo a voz para o centro da mesa. — Espero que compreenda a situação delicada em que estamos.

— Então vamos terminar essa reunião logo. — Disse Luca, o magro mago de cabelos bem cuidados, esfregando as palmas das mãos.

— A pauta. — Disse Alice, devolvendo o papel acobreado para Frederico.

— A primeira coisa a fazer... — Começou ele, parando para rler o documento. — É garantir que todos saibam sobre o que está acontecendo.

— E o *que* está acontecendo, então? — Questionou Ângela, com um sorriso travesso.

— Eu penso... — Começou Marco. — Que devemos nos focar na questão da união com o resto de Heelum.

— Ou podemos testar o nosso trabalho e ver quão bem a cidade *aceita* um novo governador. — Comentou Alice.

— Mas *há* um novo governador, afinal? — Questionou Luca.

As atenções se voltaram para Frederico, que negou com um balançar mecânico de cabeça.

— A mensagem que ouvi foi a mesma que vocês ouviram e era assinada pelo Conselho dos Magos, com sede na Cidade Arcaica, e apenas isso. Dresden não é um governador, até onde sei.

— Então é menos problemático ainda. *Podemos* arriscar, Frederico, tenho certeza, e sei que é *isso* que a Cidade Arcaica está esperando. Ou não faria esse comunicado para a cidade *inteira*.

— Devemos decidir isso junto com os outros preculgos, Alice. — Disse Marco.

— Espero uma decisão na próxima reunião. — Respondeu Frederico. — Devemos também mandar uma mensagem para a Cidade Arcaica, mas disso eu cuidarei pessoalmente.

— Uma coisa que eu não entendo... — Disse Luca. — É o porquê de Valeri não ter avisado nada.

— Talvez ela não teve permissão. — Tentou Marco.

— Isso tudo é muito estranho, na verdade, nos deixar descobrir desse jeito... Ao mesmo tempo que o resto das pessoas... — Opinou Ângela.

— Isso, sinceramente, não nos cabe questionar. — Disse Marco, com o que Frederico concordou.

— O último problema... — Prosseguiu o mestre. — É lidar com os parlamentares que fugiram.

Todos concordaram, e enquanto desenhavam na mente uma imagem dos quatro parlamentares foragidos — e como seriam pegos, e o que fazer com eles depois de pegos — Alice voltou-se rapidamente para a direita.

— Você poderia cuidar disso, não é, Byron?

Respirou fundo — na fração de momento que o levou a responder que sim, viu-se assegurando a integridade do próprio castelo.



As cores desbotavam no olhar, já que a luz era quase nula. Os membros cansaram de tanto ficar dormentes de quando em quando. Lágrimas involuntárias, lavando o mesmo caminho que outras, desbravadoras, já percorreram, às vezes substituíam os lamentos que ele não conseguia se furtar a repetir.

A torção dos braços foi feita desigual da última vez que os empregados, sob supervisão de Byron, o deixaram de pé e o levaram ao banheiro. O pescoço, tentando consertar o arranjo torto das costas, derramava-se em torcicolo; transformou a carne da nuca em corvônia. A ligação entre os ossos não sabia mais como se mexer — qualquer movimento era algo novo, gesto de criança, descoberta de até onde ele poderia ir até conseguir uma posição ligeiramente menos desconfortável que a última. Mesmo que, no fundo, ele só conseguisse alternar entre três ou quatro opções. Nenhuma delas boa.

Era pior quando perdia a sensibilidade nos pés por um momento e o formigamento voltava ao tentar mexê-los — duro, enregelante, subindo pela perna o estalar de cada músculo até ele gemer de novo um gemido mais longo, que ele queria transformar em grito, mas não conseguia. E a câmbra seguia em frente, como um homem doentio de olhos desproporcionais, inexpressivos, que lhe dizia, com o entusiasmo de quem fala com crianças como se elas fossem bebês, “Vamos, *vamos*, de boca aberta *já!*”.

Respirou fundo. Aquilo sempre causava um tremor nos hematomas mais recentes da barriga.

Uma chave encostou na porta e um momento depois Byron entrou sem cerimônia. Kerinu se perguntou que dia era. Tinha quase certeza que só dois haviam passado, mas Byron parecia rosanos mais velho; o cabelo, sempre alinhado à superfície da cabeça, crescera e lhe dominara. Não parecia ter tido tempo para se barbear tampouco.

Fechou-se a porta. Kerinu não podia ver os braços do inimigo, mas sabia que estavam tensos ao longo do tronco.

— Eu quero que me liberte. — Disse Byron, olhando-o de lado.

Kerinu respirou imediatamente melhor, por apenas uma lufada de ar, ao imaginar o quão esmagado o orgulho daquele homem devia estar.

— O que... Você... O que fez você deixar de esperar? — Disse Kerinu, com a voz falha.

Byron chegou mais perto em passos falsamente casuais.

— Eu exijo que me liberte.

Byron olhava diretamente nos olhos do alorfo, e Kerinu respondia com uma consciência recobrada.

Que espécie de pedido era aquele? Por acaso Byron conseguia ver o alorfo pelo que ele realmente era no momento? Um prisioneiro, amarrado

e torturado, a ponto de ser descartado a qualquer momento? Seria aquilo algum *truque*?

Tornero não estava por perto, constatou. Byron não iria querê-lo por perto.

— Eu não confio em você... E você não confia em mim. Eu sei que você não vai me soltar se eu soltar você...

— E eu preciso sair de meu castelo *agora*.

Byron falou entre os dentes, olhando para o vazio. Kerinu engoliu em seco, temendo pela negociação. Byron parecia tão estável quanto um yutsi sonolento.

— Dou minha palavra. — Disse Byron, voltando a olhar para o prisioneiro.

Kerinu pensou se não estava levando aquilo longe demais.

— Sua palavra não vale nada. — Disse, por fim, com os olhos lacrimejados. Asfixiou as próprias esperanças, sussurrando para si mesmo o quanto falsas elas eram. — E eu sei que a minha... Não vale nada para você também.



Já achava que era final de tarde quando a chave entrou de novo na fechadura. Kerinu quase dispensou uma olhada pelas janelas em Neborum para confirmar que era Tornero.

Tentou se contrair, virando para a esquerda num espasmo. Segurou melhor a corda, mas percebeu que Tornero entrava no quarto de um jeito diferente. A espada ainda estava na cintura, por debaixo da capa laranja aberta, mas ele não parecia trazer nenhum saco de minérios de cura dessa vez.

Avançava pelo quarto devagar, com um ar de curiosidade. Passou pela cama e parou em frente à janela, o escuro não deixando claro para onde olhava.

— V-veio... Me ferir mais?

Seus lábios tremiam enquanto sussurravam o desafio tolo. Era quase como se tivesse de fato coragem para ficar e aguentar aquilo tudo; sabia que se passasse por aquilo de novo ia ter que se voltar para Neborum como das outras vezes. Enquanto o homem à sua frente, limpo, descansado, perfumado, perfurava-lhe os membros, Kerinu estaria caindo em um buraco, quebrando-se no ombro, ou nas pernas, no chão do fundo que depois ia ser descoberto como falso — ele se abriria de novo, e Kerinu cairia de novo, em todas as direções, vendo o mundo desenhado num céu que parecia teto e o buraco abrir-se de novo abaixo de si.

— Não.

Tornero desfez o nó lateral das cortinas. Arregaçou os panos, e a luz do sol entrou no cômodo como se o primeiro ato de Tornero no dia fosse furar os olhos do inimigo.

— Tem algo de *errado* com Byron... — Tornero continuou, olhando indiferente para o rosto contraído à frente. — Eu sei que tem alguma coisa. Alguma *coisa* que eu não estou *entendendo* direito...

— Byron está *preso*! — Rosnou Kerinu.

Tentou abrir os olhos, e a dor era mais gerenciável. Via partículas de poeira voando em espirais pelo quarto inteiro. Queria pedir para Tornero abrir a janela e deixar o ar fétido que se acumulou por dias sair de uma vez no voo que levantava o vento de inasi-u-sana (ou já estariam em kerlz-u-sana?). Mas lembrou onde estava, e ficou quieto.

— Explique... — Disse Tornero, tentando misturar ternura à ordem enquanto chegava mais perto da cama.

— Eu fiz uma coisa em Byron... Em Neborum... E ele não pode mais sair do castelo dele...

Os olhos de Tornero moveram-se por todas as direções; esquadrinhavam o quarto, cada pedaço da parede, o teto; quando o bomin virou-se de costas, Kerinu teve certeza que seus olhos ainda percorriam cada uma das esvoaçantes partículas amareladas.

— Sim...

Kerinu calculava suas chances. Tornero era ambicioso — como todo mago arrogante. Seu mestre estava vulnerável, e Byron, pelo que Lamar lhe contara, não possuía herdeiros. Ou qualquer família. Tornero era tudo que aquele homem importante e rico tinha. Toda sua importância e riqueza certamente passariam a seu discípulo caso ele morresse.

O sangue parecia voltar a fluir nos braços; era amargo, e ele podia sentir as pinças do homem abestalhado de sua imaginação voltando, ficando farpas nos ossos do punho — mas sentia-se vivo de novo, acima de tudo. No entusiasmo orgânico sentia que a libertação estava próxima; a qualquer momento levantaria da cama, esmagaria Tornero contra o armário e correria para fora daquela casa.

Mas engoliu em seco, ainda preso, e achou estranho o tempo que o companheiro desigual de quarto levava, virado de costas, para pensar naquilo tudo.

— E o que acontece se você morrer?

Tornero virou-se de novo, tirando a mão do queixo e cruzando os braços.

Kerinu procurou sorrir, esperando ganhar tempo para pensar.

“Se eu morrer, Byron está livre”, ensaiou.

Tornero não queria que Byron ficasse livre.

Ou talvez queria, se apenas ele conseguisse alguma coisa em troca. Afinal, Byron premiaria seu discípulo por lidar com aquela situação de maneira tão fiel.

Abriu os olhos. Tornero não desgrudara os seus dele.

— O que você acha?

Tornero riu de boca fechada. Andou até a janela e apoiou-se no parapeito.

O coração de Kerinu fazia seu tórax vibrar na cama. O sangue podia até fluir melhor nos braços, mas estes se retesavam, prontos para reagir — impossível — a Tornero, que podia usar a espada a qualquer hora para acabar com o suspense.

— Acho que você, *alorfo*... Ainda está vivo...

Capítulo 17

Rebeldia

Do lado oeste do Rio Prima, onde a Fortaleza Sul de Prima-u-jir não tem força, colinas e florestas tornam-se mais raras. O solo é mais dócil, dizem, e o clima é mais fácil. As jirs são menos preocupadas em imitar a autossuficiência do centro, preferindo viver sem fronteiras dentro de uma pintura em que amplos tons de verde dividem espaço com estradinhas escondidas, pelas quais só passa uma carroça por vez, e coleções desorganizadas, quase constelações, de casebres feitos com orgulho circundando praças com mesas e banquinhos de pedra.

Passear pela paisagem era desolador ou inspirador, a depender de quem viajava. Nenhuma estrada principal levava para lá, e era fácil se perder depois que o rio saía de vista. Os descaminhos sem razão eram inimigos da pressa, para o bem e para o mal. Se alguém quisesse simplesmente andar por campos perfumados e avistar casas bem decoradas frente ao morrer de Roun, estaria no lugar certo.

Caterina, Alessandro, Verônica e Leonardo pararam em frente a um círculo de casas em meio ao tapete verde-claro que só não parecia ser sem fim pelos contornos fracos de mais casas ao longe, além de uma ponta da Floresta Rezin mais a sudoeste. Leonardo suava mais, as pálpebras abaixo da cabeça lustrosa abertas pela metade, os braços grossos enganchados na cintura. Alessandro aproveitou a parada involuntária para apoiar-se nos joelhos. Sua panturrilha berrava, inconformada. Numa briga com os outros, foi forçado a deixar para trás a grossa capa marrom que tornava seu caminhar lento — aquele era o penúltimo dia da estação fria, e de qualquer forma ele teria muito mais a perder se eles não chegassem logo à jir no Sul.

Verônica, a parlamentar ruiva, apoiou-se num ombro da líder à frente do grupo.

— Vamos. — Disse Caterina, forçando a pouca saliva a umedecer a garganta.

Andaram mais alguns minutos até passar por um espaço estreito entre duas casas azuis. Não havia janelas para o corredor. Avistaram a penumbra fria de final de tarde caindo sobre duas árvores grossas e altas no centro da praça, que se enraizavam por buracos nos ladrilhos.

Uma mulher baixa e morena, vestindo calça e casaco carmins, separava grãos em cima da mesa. Sentada no banquinho cilíndrico e esteticamente rachado, olhou para o corredor enquanto casualmente prendia o cabelo escuro e seco.

Seus olhos igualmente escuros e secos ganharam vida ao ver as figuras entrando na praça.

— *Caterina!* — Guinchou, pisando torto ao correr para a parlamentar. — *Ai de mim, o que que houve?*

Caterina segurou as mãos da mulher.

— Lara, você pode deixar a gente ficar aqui hoje?

— Meus *pais*, Caterina, eu preciso daquela charrete o quanto antes... — Começou Verônica.

— Eu *sei*... Calma. — Pediu ela, mais desesperada que irritada. — Lara, podemos ficar?

— Podem, é claro, é claro — Respondeu ela, analisando os outros com olhares rápidos. — Mas o que que aconteceu, Caterina, para chegar até aqui andando? Eu vou pegar uma água para vocês...

— Lara — Disse Caterina, segurando a mão da mulher para não deixá-la ir. — *Ninguém* pode saber da gente por enquanto.

Lara confirmou com a cabeça, séria, depois de pensar um pouco.

— É difícil, Caterina, mas eu vou tentar. Tem muita gente chegando agora, mas vocês podem ficar lá na minha sala com a janela fechada... É ali. — Ela apontou para uma porta à direita deles.

— Obrigada.



— Não podemos mais ter segredos. — Disse Verônica, a primeira a se sentar, enquanto Alessandro puxava uma cadeira na mesa fosca e arenosa de madeira escura. — Eu sou uma alorfa.

— Eu também. — Seguiu Caterina, parecendo vinte rosanos mais velha num único recostar-se à cadeira.

Alessandro e Leonardo se olharam, sem ter muito o que trocar no silêncio.

— Sinceramente, não vejo problema. — Disse Alessandro, encarando as mulheres. — Agora... Não interessa mais.

— E eu nunca teria ficado contra vocês se soubesse. — Completou Leonardo, com o punho tremendo na borda da mesa. — Sempre estivemos juntos pelo que era justo. E agora estamos juntos até o final... Pelo que parece.

Alessandro concordou, olhando para baixo enquanto as últimas gotas de suor — ou seriam outras, de renovada pressão? — caíam pelas pontas finas do cabelo curto sobre a testa.

Caterina pôs os antebraços sobre a mesa.

— Nós não tínhamos chance contra eles. Por um tempo, pelo menos, Prima-u-jir vai ficar do lado do Conselho.

— O que quer dizer com “por um tempo”? — Perguntou Alessandro.

Ela olhou para cada um dos outros, baixando a voz até um sussurro.

— Nós vamos fazer uma guerra para lutar do lado certo... Vamos... Conversar com as jirs mais distantes e por último com o centro. Vamos fazer ouvir a verdade, e o que vai acontecer se o Conselho ganhar.

— E aí vamos marchar até o centro e destituir o Parlamento?

Cada um tremia à sua maneira. Leonardo, com o punho. Alessandro, com a perna esquerda, simétrico a Verônica. Caterina tremia por dentro, arrepiando-se com a ideia de falhar.

— Vamos precisar de armas. — Sugeriu Verônica.

— Na verdade, se tivéssemos acesso a... Alguns soldados que não concordam com a decisão, ou... — Idealizou Alessandro.

— Não. — Respondeu Leonardo. — O exército usa magia intensamente e com uma guerra às portas nenhum comandante vai descuidar dos soldados.

— Então podemos convencer um comandante.

— Não, Alessandro, não... — Gesticulou Leonardo, fechando os olhos por um instante. — O comandante vai mentir e se voltar contra nós assim que virarmos as costas.

— Bem, então... — Voltou-se, visivelmente perdido, para as mulheres. — vocês podem... *Controlar* algum comandante?

Caterina e Verônica balançaram a cabeça ao mesmo tempo.

— Você não tem *ideia* de como a magia funciona, não é? — Disse Verônica.

— Eu sou um parlamentar e magia é proibida para nós em Prima-u-jir.

— Há seis parlamentares magos comandando a cidade agora, se você não percebeu, e eles *já eram* maioria antes.

— Vocês dois, *parem!* — Pediu Caterina. — Leonardo tem razão, ele já foi do exército. Ele sabe que não podemos confiar neles agora.

— Então em quem podemos confiar? — Perguntou Alessandro.

— No *povo*, Alessandro, em quem não tem *interesse* em ficar do lado dos *magos!*

Ouviram um barulho fora da casa. Pessoas conversavam, caminhando no passeio em frente. Em Neborum Caterina percebeu que havia muitos deles — mas pareciam todos se afastar, nenhum em particular ficando por perto.

— Vamos pensar no *agora*. — Retomou Leonardo. — Precisamos de armas, minérios, talvez até dinheiro.

— O que tínhamos no banco com certeza já não está mais lá. — Comentou Alessandro, amargurado.

— Eu sei onde conseguir algumas... Alguns minérios. Inclusive esferas de bronze.

Leonardo franziu o cenho.

— Como você sabe onde ficam as esferas de bronze?

Ela deu de ombros.

— Roubar esferas de bronze é *perigoso*, Caterina, elas são muito bem...

— Eu já fiz isso uma vez, só vou precisar de mais cuidado dessa vez...

Leonardo expirou, rindo nervosamente até relaxar na cadeira.

— Como vamos falar com o povo sobre tudo isso?

— Podemos nos espalhar. — Sugeriu Alessandro. — E então falar com *representantes* de cada jir para que *eles* falem com o resto das pessoas e...

— Não! — Interrompeu Caterina.

— Por que não? É o *melhor* jeito de alcançar mais pessoas *mais rápido*!

— ... Não, não... Isso é covardia, Alessandro. Essas pessoas podem acabar...

— Todo mundo que ficar contra o centro pode acabar assim, Caterina...

— Contrapôs Leonardo.

— Não temos opção segura. Nenhuma. — Disse Verônica, ainda concentrada no centro da mesa. — Não podemos contar com papéis porque a maioria não sabe ler, e...

Caterina espalhou as duas mãos abertas à frente, interrompendo o que de qualquer forma já não estava indo para a frente.

— Nós nos opomos a isso. A essa guerra e aos magos. — Caterina usava os lados das mãos como facas para explicar, cravando quase cada sílaba, o quanto aquilo era importante. — O povo longe do centro não faz *ideia* do que está acontecendo. É *nostra* responsabilidade assumir esses riscos e trazê-los para o nosso lado. Não é de *mais ninguém*.

Voltou a si ao ter que enxugar uma lágrima. Alguém abriu a porta vagarosamente, sem que isso evitasse o susto de todos. Lara entrou, trazendo apertados nos braços contra o busto quatro copos de água.

— Eles vão entrar daqui a pouco, mas...

— Podemos falar com eles hoje. — Disse Leonardo. — Pelo menos os desta casa.

— Mas eu preciso *trazer os meus pais* até aqui *hoje*!

— Lara... — Disse Caterina. — Será que você consegue uma charrete?

— Sim, acho que sim... Vai escurecer mais daqui a pouco e a gente pode dar um jeito nisso.

— Obrigada.

Lara sumiu pela porta, fechando-a com a mesma calma de antes.

— Verônica, e-eu quero ir com você. — Disse Alessandro, suspirando. — Também tenho pessoas que quero aqui comigo e que vão estar em perigo. Ela concordou com um aceno.

— Amanhã... — Disse Caterina, distante. — Amanhã começamos a falar com as jirs do Sul.

O silêncio tomou conta da mesa. Eles não tinham reparado naquilo antes, com todas as conjecturas na cabeça fazendo com que andassem até cansar ou falassem até brigar, mas haviam *mesmo* fugido do centro de Prima-u-jir.

Aquele era o fim de muitas conquistas.

Conquistas pequenas, ridicularizadas por quem sabia se tratar de migalhas de poder. Eles sabiam que não conseguiam fazer muito, mas se congratulavam pelas lutas que podiam lutar. Nunca foram nenhuma família, e a confiança que tinham uns nos outros podia não ser inabalável — mas sabiam, quando se olhavam, que estavam do mesmo lado.

Lado que foi derrubado de uma só vez com o anúncio do Conselho dos Magos. No casebre sem minérios do Sul de Prima-u-jir, apostavam a vida numa tentativa de fingir que ainda havia destroços para tentar recuperar.

Caterina começou a soluçar na escuridão, pondo as mãos à frente do nariz. Era o mesmo choro que vinha rasgando a garganta há dias desde que deixara Kerinu com Byron. Mas, dessa vez, ela não sabia se ia conseguir parar.

Verônica encostou sua testa à da companheira, respirando forte. Alessandro estendeu a mão fria até tocar o ombro direito da amiga. Leonardo contornou a mesa, pôs-se atrás da alorfa e, com mão pesada e titubeante, confortou o outro ombro de Caterina.

Capítulo 18

Reuniões

Desde que saíram do centro a charrete seguia em silêncio. Lenzo observava a prima com, no máximo, o canto do olho. Ela estava ativa e bem vestida, com um traje azul longo e sedoso. Só não sorria.

Fazia rosanos que ele não a via. Costumavam conversar sobre todo tipo de besteira, e Lenzo sentia-se bem perto dela porque sabia que, no fundo, ela gostava mais dele que de Koti, seu irmão mais velho. Mas isso foi quando ainda eram crianças. Depois, por alguma razão, eles pararam de ter chances de se ver.

Apertava uma mão contra a outra, deixando as duas em cima das pernas que tremiam juntas. Ela olhava para um cenário cada vez mais campestre pela janela do outro lado no banco à frente. A charrete parou uma vez só antes de passar por diversas jirs populosas — Lenzo fechou a cortina e recostou a cabeça, não gostando muito da ideia de olhar para desconhecidos. Quando não estavam numa jir, cortavam a área de imensas plantações, tapetes retalhados em diferentes tons de verde até onde a vista alcançava.

Cada um saiu por um lado quando pararam. Estavam diante de um castelo feito de pedra escura, uma sombra sólida pairando como uma masmorra acima da terra contra o forte e claro céu azul. Duas torres baixas ladeavam um saguão pequeno, seu portão emoldurado em corvônia grossa e irregular.

O interior era decorado em vermelho e verde, com panos decorativos e estandartes substituindo retratos, cortinas e toalhas. Havia uma mesa retangular de frente para uma lareira apagada. Lenzo sabia que aquele era o castelo de Hourin, mas sentia-se estranhamente à vontade ali.

— Lenzo... — Disse Rainha, dando uma volta no tapete logo à frente da porta antes de se voltar para o primo. — Eu disse que eu queria sua ajuda.

Lenzo concordou com um aceno.

— E eu disse que seria a condição para tirar você da prisão.

Concordou de novo.

— Eu quero que você ensine magia. Para o povo que mora aqui, não para mim.

Lenzo respirou fundo, não aguentando uma expiração forte: seria obrigado a falar, e não sentia-se muito confortável perto da própria voz naqueles

dias.

— Eu... N-não acho que é uma boa ideia.

— Por que não?

— Porque...

Sua voz morreu quando ele se percebeu no papel insignificante que tinha ali. Ele ajudou a matar o pai dela — e ela mesma o salvou. Que direito tinha de argumentar contra um pedido seu?

— P-porque... É-é ilegal em Al-u-een, e...

— Isso não impediu você de ser alorfo antes. — Interrompeu ela, séria.

— S-sim, mas... Eu nunca *ensinei* magia para ninguém.

— Eu sei.

Lenzo se resignou em concordar com a cabeça.

— Há um escritório no andar térreo em que você vai achar os papeis que indicam todas as jirs da propriedade. — Disse ela, num tom técnico, antes de se virar e andar em direção às escadas.

Lenzo assistiu ela se afastar, tentando se decidir se era o momento certo de conversar sobre o que aconteceu com Hourin. A vergonha falou mais alto e ele ficou para trás, pegando a pequena mala e começando a se aclimatar à nova casa.



Dois dias haviam se passado desde a operação de Dalki com o exército, mas agentes ainda vasculhavam as salas dos parlamentares presos em busca de mais evidências e, quem sabe, de outros nomes. Minoru percorria os corredores do parlamento com uma satisfação que se via de longe; sorria para os policiais e para outros passantes — via de regra, sorria para todo mundo.

Quando virou o corredor, suspendeu o sorriso largo para um mais modesto. Apertou a mão de Dalki, que o esperava em frente à sua sala.

— Ainda não agradei você. — Comentou o chefe de polícia. — Ouvi dizer que terminou a operação.

— Ha... Não... — Respondeu Minoru, balançando a cabeça. — Só o protegi quando você foi atacado. Os seus comandados próximos na linha de comando assumiram o posto e terminaram tudo.

Dalki assentiu.

— Obrigado.

— Não tem problema.

— Como foi a repercussão?

Minoru deu de ombros.

— Alguns acharam um absurdo no começo, mas estavam com medo. Eu também fiquei, na verdade. Mas eles entenderam que foi necessário.

— Eu preferia que fossem pegos um a um, mas a votação para a guerra estava acontecendo. Era importante.

— *Sim.* — Concordou Minoru, enfático. — Não teríamos ficado contra a Cidade Arcaica sem essa intervenção, disso eu tenho certeza.

— E o que está sendo discutido agora?

— Generais vieram conversar sobre as primeiras ações, e estamos inclinados a atacar simultaneamente a Cidade Arcaica e Karment-u-een... Mas isso depende de Roun-u-joss e Ia-u-jambu também, então vamos decidir definitivamente amanhã.

— Ótimo. — Comentou Dalki, cruzando os braços.

— Também estamos pensando em enviar uma frota para Rouneen, caso... Bem, eles sempre tiveram uma boa relação conosco, mas...

— Vocês estão preocupados.

— *Sim.* Não vamos fingir que não já supomos que Al-u-ber vai ficar contra nós, então é algo que temos que ver desde já... Para onde vai levar os presos?

— Um castelo no Norte. Vou cuidar pessoalmente deles. São um grupo complicado.

Minoru concordou, voltando a sorrir.

— Você foi corajoso, Dalki. Não tenha dúvidas, você fez história.

— E foi assim que você viu que Kent não era um mago.

Minoru caiu em gargalhada, apoiando as mãos na cintura.

— É, mas, sabe... Ainda tenho minhas desconfianças. Mas se souber de algo eu aviso você.

Dalki expressou gratidão adiantada e despediu-se do parlamentar com uma palmada em seu ombro.

Capítulo 19

Corpo e conduta

Tadeu pediu ao cocheiro que parasse um pouco antes. Ficariam provavelmente em frente a um castelo residencial na curvatura de uma rua, com uma praça de altíssimas árvores do outro lado.

Interpretando a parada ligeiramente mais longa como sinal de que estavam no lugar certo, Gabriel despertou da desatenção e começou a se mexer para sair. Tadeu impediu sua mão de abrir a porta.

— Gabriel, s-só...

— Gabriel não, garoto. *Mestre*. — Respondeu ele, sério, imóvel na metade de seu levantar.

— M-mestre, desculpa... E-eu queria pedir pra você p-pra que eu pudesse *ir* até o local primeiro e quando eu voltar podemos ir juntos.

Gabriel sentou-se de novo, com a boca semi-aberta.

— Por quê?

— Por favor. É importante.

Gabriel bufou, não fazendo a menor cerimônia quanto a estar impaciente. Tadeu realmente não sabia por que ele havia concordado em ensiná-lo se nenhum dos dois queria as aulas.

Por outro lado, se Tadeu não as queria e no entanto ali estava ele, talvez alguma força maior — a própria Joana — o obrigasse a estar ali também.

— Só não demore.

— Obrigado!



Chegou cansado ao lugar do encontro. Fez Amanda, que esperava por ele de pé, descruzar os braços, franzir o rosto em preocupação e rir do namorado, tudo quase simultaneamente.

— ... Pode parar de rir... Hoje eu não posso... Ficar. Mais ou menos.

Ele a beija ao chegar enquanto ela começa a reclamar com as sobranceiras.

— Mas tem que ser hoje, eu tinha *tantas* coisas para falar pra você!

— É-é que... — Começou ele, forçando-se a respirar de forma mais organizada. — Eu vou ter aulas de esgrima.

— Hmm... — Reagiu Amanda, calmamente absorvendo a notícia. — Por quê?

— É ideia dos meus pais... Por causa da guerra.

— Eles querem te mandar para a *guerra*?

— Não! — Disse ele, mas sempre, como em seus pensamentos, adicionando o adendo pesaroso. — Eu acho...

— E quando vão ser as aulas?

— Agora.

Amanda olhou para o caminho por onde Tadeu veio.

— Quem vai te ensinar?

— Eu pedi para o professor esperar lá embaixo um pouco, mas eu vou voltar e vou vir para cá com ele. É um mago de Roun-u-joss.

— Mas por que *aqui*, Tadeu? No *nosso* lugar?

— Porque aqui eu posso ficar depois da aula quando ele for embora, a gente só precisa... Se encontrar mais tarde, agora.

Amanda fechou os olhos por um momento, sorrindo sem vontade ao abri-los.

— Então... Até daqui a quatro dias, só que mais tarde?

Tadeu fez que sim, tristonho.

— Eu desço com você...



Gabriel não escondeu o desprezo pelo lugar secreto de Tadeu ao chegar no pequeno pedaço de terra nivelada na saída da trilha.

— Você me fez subir um morro — Disse o mestre, reforçando a frustração no olhar marinho com gestos discretos com a palma da mão. — depois de desnecessariamente andar de charrete para chegar até o morro... Para acabar *aqui*.

— ... S-sim, é... Eu...

Gabriel deixou cair a mão aberta sobre a coxa. Jogou a espada longa embainhada que trazia na mão esquerda em direção a Tadeu, que a pegou sem jeito nem vontade.

— Pode até ser bom... O lugar é pequeno, então você não pode fugir. — Apontou para os pinheiros amontoados na íngreme descida, sem cercas ou proteções, alguns passos atrás de Tadeu. — Você não pode cair. Você não pode correr ou se esconder. Sua única proteção contra o inimigo é a qualidade da sua luta. Sua garantia de sobreviver se reduz ao seu manejo da espada.

Tadeu apoiou a ponta da espada no chão, sentindo o couro seco da guarda nas mãos suadas, sem coragem de tirar a arma do conforto da capa.

Aquele *instrumento* lhe era completamente estranho.

— Mas eu não preciso aprender isso porque eu não vou precisar correr ou me esconder, p-porque eu não vou estar na guerra. E-eu não quero lutar.

— Humpf... Claro.

Tadeu não havia realmente planejado o que se seguiria ao que disse; não esperava que pudesse sair dali para nunca mais ter aulas, por exemplo. Mas o “claro” altivo o desmontou de um pedestal que ele não sabia existir.

— Eu poderia falar sobre a importância de aprender a lutar. — Continuou Gabriel. — Sobre o que *significa* lutar. Mas estou sem paciência para um garoto mimado como você.

Tadeu abriu a boca, mas não conseguia articular sons ou pensamentos.

— Você n... Você não...

— Não o quê? Não *me conhece*? — Questionou o mestre, as mãos ainda juntas à frente do corpo, as sobancelhas levantadas. — Você é o resultado da sua *vida*, garoto! Do privilégio que vêm dos seus pais. Nunca precisou lutar por nada e está sempre insatisfeito por não ter tudo. E quando for contrariado vai desistir porque não sabe que o que é *seu* precisa ser defendido. Como sei disso? Você não é tão diferente de incontáveis filhotes de magos de alta posição.

Tadeu engoliu a sensação que cresceu em algum lugar da cabeça entre a garganta e o nariz. No processo que durou segundos, viu a si mesmo como o garotinho que detestava os outros garotinhos e as outras garotinhas com os quais era aglutinado de tempos em tempos. O garotinho que cresceu detestando quase tudo e, quando começou a aprender magia, detestou-a também.

— Às vezes... A gente desiste porque faz um sacrifício. Eu já lutei pelo que eu quis, eu *sei* lutar quando eu preciso!

Tadeu conferiu o que disse algumas vezes enquanto esperava uma reação de Gabriel. Tinha certeza de que *tinha* lutado para juntar Amanda e Gustavo e separar a si mesmo dela. Para o bem *dela*. Para a segurança *dela*.

— Me parece um exemplo bem específico.

Tadeu ensaiou juntar a boca num bico até conseguir formar a palavra inicial.

— P-por que disse isso?

Gabriel piscou algumas vezes antes de abaixar os olhos. A demora em responder irritava Tadeu mais do que as próprias ofensas. O que é que aquele homem queria com ele? Por que as ofensas gratuitas — e por que tão pessoais?

— O que eu posso oferecer é o mínimo conhecimento para se defender. Mas você o *recusa* porque acha que não precisa dele. E suas palavras sempre indicam que você *não quer lutar*. O seu problema é pensar que todos vão respeitar essa escolha. Que se você não quer lutar, então tudo bem. Ninguém vai lutar contra você, não é mesmo?

— N-não é isso... — Pensou em dizer várias coisas, mas pouco saiu antes da interrupção.

— Você acha que alguém vai pedir licença quando quiser passar por cima de você? Que vai deixar de atacar porque você se recusa a usar a força para se defender?

Tadeu já não olhava mais para Gabriel. Desviara o olhar; sentia-se nu.

Não queria estar ali, e tinha vontade de berrar que não queria aprender nada e só queria voltar para casa — mas algo lhe dizia que aquilo não só era o tipo de coisa que não faria, mas também o tipo de coisa que estava sendo acusado de fazer. Seria aquele que usa suas vontades como a medida do mundo. O garotinho que nunca quis saber o que vivia além do cercado das suas volições.

— Então pra que serve a magia? — Indagou, tendo plena consciência da resposta.

Gabriel sorriu.

— Quando deixam para trás essa fase os filhos dos magos caem na síndrome de achar que a magia é a solução para tudo. Mas pelo menos contra isso eu posso argumentar. A outra fase precisava da humilhação.

— Não entendi.

Só olhou para Gabriel quando teve segurança de que àquela distância não se descobriria a vermelhidão dos olhos. Não apenas apoiava a espada pelo pomo de um jeito mais seguro como tinha quase *vontade* de usá-la.

— Digamos que eu seja um inimigo. — “Mas você é”, retrucou Tadeu em pensamento. — E estou aqui, a essa distância.

Estavam a pouco mais de dez pés um do outro.

— A espada está nas minhas mãos. — Continuou, tirando-a da bainha. Não estava particularmente afiada e não parecia muito brilhante, mas devia ser porque aquele era apenas um treino. Gabriel a segurava, abaixada, com a mão direita. — O que você vai fazer?

Tadeu respirou pela boca, cansado daquele jogo antes mesmo de ele começar. *Sabia* que Gabriel ia tentar convencê-lo de que a resposta certa era “lutar”.

— Eu atacaria você.

— Com magia.

— Sim...

— Você me causaria dor?

— Sim.

— Certo.

Gabriel avançou para cima do aluno e em três passos estava com a espada segurada pelas duas mãos esticada até a cabeça de Tadeu, que só teve tempo de recuar, assustado, levantando a espada fechada, com a mão esquerda no fio embainhado, numa tentativa lenta demais de segurar o golpe.

— Eu não estava *pronto*, isso não foi *justo*!

Gabriel recolheu a espada e Tadeu observou, perplexo, o quanto o mestre ainda estava longe quando a espada podia tê-lo ferido.

— Como você ainda está aprendendo magia, vou facilitar essa próxima demonstração. — Disse o mestre. — Eu vou andar, aqui, até o lugar mais distante em que você ainda consegue ver o meu castelo. Quando eu chegar lá, vou voltar correndo até você. Você vai me atacar lá. Eu vou golpear você aqui. Vamos ver o que aconteceria.

O sangue de Tadeu fluía demais para ser desperdiçado na garganta; não disse nada. Esperou Gabriel sair do campo de visão para se focar completamente em Neborum.

Abriu a porta do castelo para sair dali o mais rápido possível assim que o castelo de Gabriel, que mais parecia uma mansão, começasse a voltar. Apesar dos materiais enegrecidos — que não pareciam corvônia — sua estrutura era de uma casa grande, com três andares no máximo, e várias pequenas casas atrás da primeira, principal. O terreno, cercado por um muro baixo, era mais profundo que largo, e a construção não tinha torres. Tadeu assumiu que *algum* dos cômodos superiores no andar mais alto funcionaria para a técnica da dor de cabeça.

Decidiu incendiar um andar inteiro só por segurança.

Quando o terreno de muros baixos tornou-se um ponto distante no limpo horizonte azul, e parecia não mais estar se distanciando, Tadeu saiu portão afora.

Correu o mais rápido que pôde, e não se surpreendeu quando chegou rápido às portas do castelo.

Concentrou-se no fogo, e em nada além. Se tivesse que pensar em Heelum se atrasaria e perderia.

Destruir o portal baixo do muro foi fácil; passou num pulo quente por cima da portinhola incendiada e chegou a outra, certamente mais reforçada e suntuosa, em frente à fachada com duas janelas de vidro escuro em molduras marrons.

Incendiou as mãos e os braços de novo e empurrou-os de qualquer maneira pra frente. Conseguiu ver o impulso que ela tomou ao se esgaçar, revelando o interior pouco iluminado do interior da casa.

Teve a impressão de ver alguma coisa estranha ao lado da porta assim que passou por ela. Depois de um momento de hesitação quanto a parar e olhar ou seguir em frente, Tadeu tomava uma lufada abundante de ar em Heelum; seus pulmões exigiam aquilo.

Gabriel estava logo à sua frente, parado, com a espada fria encostando no pescoço do discípulo.

Tadeu deu passos atabalhoados para trás. Gabriel projetou a espada para trás, agarrou sua camisa e o puxou de volta, arrastando-o para o lado até conseguir lançá-lo para as encostas do morro.

Ofegante e com a espada caída longe, Tadeu tentava entender por que ainda pescava por ar como se...

Levou a mão ao pescoço. Tentou voltar a Neborum e não conseguiu. Neborum não parecia sequer *existir* mais.

Era como ter acreditado numa fantasia ridícula.

— Você... — Começou Tadeu, engolindo com dificuldade. — C-cortou meu *pescoço*?!

— É a sua primeira morte em Neborum?

Acenou que sim.

— Seu iauomo vai se refazer dentro do seu castelo, mas vai demorar um pouco. A questão na qual você deve pensar é: você perdeu em Neborum ou em Heelum?

Tadeu não estava com a menor vontade de responder. Preferia continuar massageando o pescoço.

— Eu estava prestes a matá-lo aqui antes de matá-lo lá, garoto.

— É porque...

— Você não é um mago bom. Talvez. — Cortou Gabriel. — Talvez... Mas você tem mais chances de um dia se ver lutando contra um mago do que contra um não-mago. Vocês vão *lutar* em Neborum. Com o tempo perdido ele vai atacar você aqui, com uma espada que pode arrancar sua cabeça de verdade, mas você não vai se defender.

— Entendi.

Gabriel estendeu uma mão para o discípulo inclinado no banco de terra. Tadeu aceitou a mão mais por não querer deixá-lo esperando por muito tempo. Se pudesse, teria pensado mais.

Recolheu a espada, caída na direção da trilha por onde vieram. Olhou para o mestre, forçando-se a tal. Tinha que ser digno o bastante para olhar para ele de igual para igual, mesmo que não gostasse dele — ou que não fosse, nem de longe, seu igual.

Tinha que engolir o garotinho que lhe sussurrava o que fazer quando tinha raiva ou medo.

— Tire a espada da bainha. — Orientou o mestre, com seus olhos verdes invariáveis nem um pouco mais acessíveis.

Tadeu puxou a espada, que parecia só um pouco menos pesada do que quando guardada. O fez devagar, solenemente, mais por medo de se machucar — mesmo vendo que a espada não estava nas melhores condições — do que por respeito.

— Onde eu deixo a... Bainha?

Gabriel deu de ombros.

- Jogue-a de lado.
O aluno obedeceu.
— A primeira coisa que vamos aprender são ataques e defesas básicos, além da posição de guarda que...
— Mestre... — Disse Tadeu. — E quanto aos... Alorfos? E-e filinorfos? Gabriel apoiou a própria espada no chão.
— Sim?
— V-você disse que eu tenho mais chances de lutar contra um mago do que contra um não-mago. Isso inclui... Esses magos, não inclui?
— Sim.
— Mas... O *que* eles são, exatamente?
Gabriel respirou fundo, desviando a atenção por um ou dois segundos.
— Esta é uma aula de esgrima, Tadeu, não de magia. Pergunte isso ao seu mestre.



- Oi, pai.
Barnabás a esperava na sala em que as aulas geralmente aconteciam, a mesma em que Amanda tivera sua primeira aula.
— Onde estava, filha?
— Na aula de cultivo... M-mas ela foi transferida para um pouco mais tarde pelos próximos dias, tudo bem?
— Bem, filha, na verdade... Vamos ter que interromper a aula de cultivo. Amanda engoliu no meio do caminho de se abaixar até uma almofada.
— Por quê?
— Temos que acelerar suas aulas de magia.
A amabilidade do tom do político só era comparável à forma firme como escondia o quanto estava tenso.
— Aconteceu alguma coisa, pai?
— Não, filha... Mas uma guerra nos deixa preocupados, sempre, com... Bem, deixe isso para lá.
Amanda concordou, mal tendo tempo para pensar em como exatamente aquilo complicava seus encontros com Tadeu. Por ora, *acabava* com eles.
— Hoje nós vamos aprender uma técnica, filha. — Barnabás juntou as mãos, esfregando uma na outra de uma maneira completamente aleatória e, para Amanda, hipnotizante. — Na verdade, a base da *maioria* das técnicas preculgas.
A aluna balançou a cabeça, entrando e saindo de Neborum algumas vezes, tentando manter um pouco de atenção nos dois lugares — exercício que fazia de vez em quando, principalmente antes de começar a praticar com o pai.

— Nós, preculgos, filha, prestamos atenção a duas coisas dentro dos castelos das pessoas. Aos planos delas e às *colunas* dos castelos. Essa... Esse *conjunto* de técnicas é chamado de *pilares da conduta*.

— Certo. — Assentiu Amanda.

— Toda conduta, filha, é voltada para os *benefícios*, próprios ou de outro alguém. É de uma análise de benefícios, de prejuízos e de custos da ação que todo plano é feito.

“Todo plano é um papel, ou um grupo de papeis, explicando o que a pessoa quer fazer, por que quer fazer, quais são os possíveis benefícios, quais são os possíveis prejuízos, e quais são os custos de se fazer cada coisa. E cada plano, por mais que se refira a outras pessoas ou outras coisas, sempre é representado por um projeto de construção de uma nova parte do *próprio* castelo.”

— Como uma reforma? Uma ampliação?

— Sim.

— Mas...

Amanda pensou em perguntar uma, duas ou três coisas, mas pensou que deveria simplesmente deixar o pai falar.

— Há outras coisas envolvidas na execução de cada plano. Esses... São *mais propriamente* os pilares da conduta. Cada castelo, filha, tem... — “Será que ele *acabou* de me deixar pensando que eu devo deixar ele falar?” — ... E as torres, que muitas vezes... — Amanda pôs-se a ir e voltar de Neborum, procurando não parecer investigar o próprio castelo pouco a pouco. — ... Nas colunas, que representam o quão *apropriado* alguém vai sentir que as condições são. — “*Para* de pensar nisso, Amanda, você está ficando maluca.” — ... Estou falando rápido demais, filha?

— Um pouco, pai. — Respondeu ela, balançando a cabeça.

— Vamos pensar num exemplo. — Recomeçou ele, juntando as mãos à frente da boca. — Você quer que eu pense que é uma boa ideia ensinar você alguma técnica nova. O que deve fazer se conseguir invadir o meu castelo sem que eu perceba?

— Eu devo... Escrever um plano.

— Mas *onde*, filha?

Amanda pensou, buscando lembrar do que ele havia dito enquanto ela não prestava total atenção.

— Você n-ão... Me disse, certo?

— Disse, filha. Num papel.

— Ah, *claro*, mas em que sala?

— Peço desculpas, filha, foi uma confusão. — Disse ele, com um sorriso bobo. — Eu não me fiz entender. Bem, é uma pergunta importante. Você deve encontrar a sala que guarda os meus planos. Isso você já sabe como fazer.

— Agora sei. — Confirmou Amanda. Barnabás esperou em silêncio, com as mãos nos joelhos. — Hmm... Eu... Depois, eu tenho que escrever os *benefícios* do plano? — O mestre fez que sim. — E então os *prejuízos* do plano e os *custos* do plano?

— E o plano deve ser o plano também de quê?

— De uma parte nova do castelo.

— Certo.

— Pai, mas... *Sempre* que a pessoa tem um plano e *faz* esse plano o castelo cresce?

— Bem... Nem sempre... Com alguns planos sim, com outros, não. Pode haver planos cujo objetivo é destruir uma parte do castelo e reconstruí-la depois, diminuindo o castelo.

— Então nós não podemos *construir*, nós mesmos, partes do nosso castelo?

Barnabás abriu a boca, mas acabou só juntando as palmas das mãos de novo.

— Bem, filha... Não acho que haveria um efeito.

— Então você nunca tentou?

Ele negou com a cabeça, mas ainda olhava para o chão, distante.

— A magia é sempre a influência sobre os outros, filha, sempre. E depois, nós... Nós somos o que nós fazemos. Temos planos e, quando seguimos adiante com eles, o castelo muda para refletir quem somos. Tentar alterar essa ordem seria... Mentir para nós mesmos.

Amanda assentiu, cheia de perguntas que, dessa vez, iam muito além da mera prática. Se o castelo muda de acordo com os planos e os preculgos podem facilmente mudar ou incluir novos planos nas pessoas, não seria fácil mudar o castelo todo de alguém?

Que planos em sua vida fizeram com que seu castelo fosse do jeito como era? Seriam as duas grossas torres que formavam o seu castelo um símbolo da forma como vive uma vida dupla, encontrando-se com Tadeu pelas costas do pai?

— Vamos falar um pouco mais sobre esses planos, filha.

Rotina

Fjor encostou a cabeça na parede acima da cama no quarto do irmão. De peito nu no calor que se alastrava pela cidade, olhava para o vazio com a mesma raiva entediada dos últimos dois ou três dias.

Leo sentava-se com os pés na ponta da cama. A cadeira não era confortável, mas já havia se acostumado. Lia um livro sobre música tradicional que, depois de muita súplica por alguma distração escrita, Seimor não tinha conseguido para ele — teve que pegar emprestado de um vizinho.

— Eu quero sair desse hotel... — Murmurou Fjor.

Leo fechou o livro tão rápido que nem pareceu ter prestado atenção ao que lera nas últimas páginas. Jogou-o do lado dos pés e admirou, agoniado, a luz murcha que as cortinas filtravam.

— Eu acho que vou ver a Leila. — Disse Leo, ainda voltado para as cortinas.

— Você já teve coragem para falar com ela?

Leo balançou a cabeça.

— Não... Desde aquela briga e... — Limitou-se a continuar negando com o corpo.

Foi a ver de Fjor balançar a cabeça, mais singelo.

— Vai lá falar com ela... — Disse, arranjando o travesseiro pastel para se deitar de novo.



Leila sabia que não era Seimor. Seimor tinha uma chave.

Abriu a porta, seu velho vestido vermelho surpreendendo Leo.

— Faz... Tempo que você não usa isso. — Comentou ele, sorrindo.

Ela deu de ombros, tentando sorrir de volta.

— Posso entrar?

— Uhum.

Leo sentou-se à cama, sem saber o que dizer. Leila passou por ele e foi até a cadeira, posta na mesma posição que no quarto dele. Levantou os pés, e o espaço do assento permitia que os guardasse atrás da coxa direita.

Apoiou os antebraços nos braços da mobília, jogando um olhar quieto sobre a mesinha de canto bege logo ao lado.

— Você tem falado com o Bení?

Sua primeira reação foi engolir em silêncio, e Leo achou que aquilo podia reviver a última briga entre os dois.

— Não. — Respondeu ela, simples. — Desde aquele dia.

— O da... Do anúncio da guerra?

Ela fez que sim, rápida.

Leo deixou os ombros caírem, cansados daquela situação grudenta. Não sabia bem o que esperava. Aquele era o jeito dela de dizer que eles estavam bem?

— Você está tão quieta... — Comentou ele, terminando a isca com uma risadinha.

— Você também... — Respondeu ela, sem tirar os olhos da mesinha.

— Leila, nós... Estamos bem?

Ela fez que sim, devagar, cada vez mais um novelo que ele não conseguia desfazer.

Frustrado, Leo balançou o pé para frente e para trás. Ouviu um som de arrasto.

Leila virou o rosto assim que ouviu o farfalhar do papel, e por um instante cheio de pavor olhou para Leo com a boca um pouco aberta; talvez esperasse que ele não tivesse ouvido.

Leo se abaixou mais rápido do que a amiga conseguiu pular da cadeira; examinou o que tinha nas mãos por um segundo antes de precisar cair para trás na cama para tirá-lo do alcance de uma Leila absolutamente desesperada.

— Leo, devolve, devolve isso...

— Lei... Leila, *calma*...

A vocalista subiu na cama com os cotovelos, agarrando de cada vez os braços, a camisa, o pescoço e o cabelo de Leo até conseguir se ajoelhar na cama.

Mas Leo já estava de pé, com os olhos vidrados no papel proibido — era *exatamente* o que era óbvio que era. Não conseguia sequer olhar para o rosto entortado de Leila.

— *Leo*... — Gemia ela.

*Era um sonho que não tinha fim
Até a raiz em que o momento era ruim
Foi assim
Que morri*

Cada sorriso era falso e o olhar

*Via por dentro e começou a duvidar
Que não há
Mais culpa*

*Deixar o quarto e chegar até o portão
Tinha certeza de não precisar de chão
Vou cair
Vou ruir
Se não me encontrar e não me reunir*

*Cada escolha que eu fiz me dá terror
Cada momento escolhido é um horror
Então me diz que isso*

O último verso terminava com uma rasura.

A mão de Leo não tremia. Firme à frente do rosto, entregou o papel a Leila, que o pegou de volta com cuidado.

Só então Leo conseguiu olhar para ela. Por um momento ela parecia de novo sua parceira de letras — que lhe mostraria algo e, ansiosa, pegaria a folha de novo com todo aquele cuidado porque realmente se importava com o que ele achava. Tinha uma expectativa cheia de cumplicidade quanto à qualidade do que escrevia. Ela *queria* ganhar a admiração de Leo; era a única peça que faltava para considerar a música digna de ser tocada.

Mas olhou de novo. Com cuidado, escutando as sombras das olheiras da companheira. Ela não tinha medo de Leo rejeitar a letra. Não era só mais uma música; ler aquilo era como ler o que quer que estivesse acontecendo dentro dela.

— Ficou...

Pensou em pedir para ler a letra de novo. Já havia quase se esquecido de tudo.

— Linda.

Leila abaixou os olhos machucados, apertando o lado do papel com dedos enganchados, como se pudesse a qualquer momento amassar a folha inteira e jogá-la na parede com força.

— Eu não consigo entender, Leila, é... Tão... *Triste...*

Quanto mais Leo pensava naquilo, mais pedaços da letra voavam de volta em sua direção. Lembrava-se de morte, de escolhas erradas. Da porta de um quarto...

Sorrisos falsos?

Leo balançou a cabeça, encostando-se à parede quase dentro do pequeno corredor até a porta de saída.

Leila olhava para o papel, com sorte de ainda estar inteiro.

— Pra você isso é igual a morrer? — Perguntou ele.

Eles tinham uma carreira toda pela frente. Aquilo não era um *exagero*?

— Você tem que ir embora, Leo...

Ele sabia que Beneditt e Fjor podiam não gostar mais tanto do tipo de música que faziam, mas... Ele nunca imaginou que Leila fosse ficar tão chateada com aquilo. Não daquele jeito, não a ponto de...

— Você *tem* que ir embora, Leo...

Assim que ele deixou o quarto com passadas lentas, sem dizer nada, ela amassou o papel com a música. Arrependeu-se, mas jogou-o no vão entre a cama e a parede da janela mesmo assim.



Só o que ela fazia, toda noite, era esperar. Se não conseguia rabiscar uma outra letra — pra se juntar às dezenas debaixo da cama, perto daquela que por azar ficou um pouco mais para fora — só olhava para os móveis e tentava adivinhar se ia demorar muito. Ou se naquela noite ele não viria.

Às vezes pensava em uma espada entrando, lenta e brilhante, no peito de Seimor. No peito ou em outras partes do corpo dele que ela conhecia.

Foi um hábito que adquirira há cerca de cinco ou seis dias. Hábito bom, considerando a alternativa, que era também esperar — mas só até o zumbido do ouvido, que não deixava nunca nada no silêncio, fazer ela chorar agarrando as próprias canelas.

Mas hoje já não fazia isso. Só esperava.

Ela não sabia como era uma espada, ou como exatamente ela “entrava” em alguém. Nunca tinha visto nada assim.

Quase não ouviu quando a porta abriu. Seimor entrou, logo tirando a capa leve de cima das vestes arroxeadas — uma das prováveis três ou quatro coisas que estava vestindo — e, olhando com a boca reta para Leila, pôs as mãos na cintura.

— Acho que vocês vão tocar em breve.

Ela se concentrava na parede.

— Achei que fosse gostar de saber.

— Por quê? — Disparou ela. — Por que você continua? Por que *eu*?

A única coisa que mudou na fisionomia de Seimor foi a boca, que mexia como se ele a revirasse por dentro.

— Não estou com a menor vontade de falar sobre isso. Não estou com a menor vontade de *falar*, Leila.

Futuro diferente

Lenzo não acreditou que Rainha conseguiu reunir tanta gente de uma vez simplesmente pedindo aos funcionários da propriedade que o fizessem.

Um palco improvisado de madeira — que agravava pela pouca solidez o medo que já fazia Lenzo tremer — foi construído à frente da porta do castelo. O público que os ouvia não estava só à frente, formando dez, vinte, trinta fileiras desorganizadas; dava a volta no pódio, cercando-o, e estendia-se pelas laterais do castelo.

Para a eventualidade de aquele povo querer massacrá-los, Lenzo tentava imaginar se eles poderiam se defender bem por algum tempo. Afastou o pensamento tragicômico de que estava mais seguro na prisão.

Os homens e as mulheres que aguardavam pelo pronunciamento misterioso, às vezes com crianças de colo, não ficaram quietos ou conversando educadamente sobre a ameaça de chuva; eles *berravam*. É claro que, em suas perspectivas, conversavam; concederiam, quem sabe, que tinham o hábito de falar alto, mas para Lenzo eles vociferavam, em cada palavra imprimindo um tom belicoso. As reclamações eram inúmeras, das mais sérias às mais triviais. Gritos pela escassez disso ou falta daquilo se confundiam com a falta que pessoas desaparecidas ou mortas faziam, sem que investigação alguma conseguisse encontrar um culpado. A irreverência de uns contrastava com o choro a dez pés de distância. Para eles, o culpado inequívoco era sempre Hourin, com outros falando também de alguém chamado Haro.

Lenzo voltou para o saguão de entrada do castelo. Rainha estava de pé no meio da sala com as mãos na cintura e um rosto tão decidido que o primo pensou duas vezes antes de falar qualquer coisa. O medo, contudo, acabou ganhando.

— Eu não acho que seja uma boa ideia falar hoje, Rainha... Você... *Viu* o jeito deles?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Isso tudo é culpa do meu pai.

“Ela está tentando me dizer alguma coisa?”, pensou ele, abaixando os ombros sem perceber. “É algum tipo de indireta?”

— O que você vai dizer?

Ela sorriu, parecendo gostar da ansiedade dele.



Quando Rainha apareceu, a multidão ficou mais quieta.

— Bom dia a todos.

Logo atrás estava Lenzo, com uma mão grudada na outra à frente do corpo. Ao redor deles, alguns funcionários do castelo, tecendo uma trama de olhares como se os rosanos de convivência simulassem, só para eles, a Rede de Luz.

Rainha tomava bastante ar para falar. Talvez achasse que fosse ser mais fácil do que realmente era, pensou Lenzo.

— Eu vim aqui... Não em nome do meu pai, mas em meu nome... Pedir perdão por tudo o que ele fez.

O estômago de Lenzo embrulhou-se na hora em que sua nuca resolveu tremer.

Se as pessoas da multidão formassem um só corpo, poder-se-ia talvez descrever reações semelhantes neles. Absurdamente quietos, dividindo-se em uma metade boquiaberta e a outra de testa franzida, pareciam desacostumados a ouvir qualquer coisa parecida com aquilo quando o assunto era oficial.

— Mas eu quero ser diferente. — Continuou Rainha, olhando cada vez mais para a linha do horizonte ao invés de para baixo. — A partir de hoje... Muitas coisas vão mudar.

— Queremos saber onde está a Kichi! — berrou uma mulher no fundo.

A reação se espalhou como rubor em bochechas; aqueles que procuravam por outros desaparecidos bradaram os nomes e as frases de ordem. Os que antes bradavam por outras coisas não tinham voz agora, mas ajudaram a fazer volume para os mais revoltados com os desaparecimentos.

Lenzo, que nem de longe estava tão perto da prima, podia ver nela gotas de suor escorrendo pelo corredor entre a orelha e a bochecha.

— Eu sei! — Disse Rainha, baixinho. — EU SEI! — As vozes foram se acalmando. — Eu sei que encontrar as pessoas é uma prioridade, p-por isso eu vou fazer o-o que for possível. Mas hoje eu quero anunciar outras coisas também. Em primeiro lugar... — Emendou, aproveitando a quantidade de pessoas mais disposta a ouvi-la do que reclamar. — Eu quero dizer que as terras vão ser repartidas. As jirs de vocês terão a posse definitiva das terras. E-e vocês terão aulas de magia também, p-para quem quiser, dadas por Lenzo!

No último momento ela levou a palma da mão aberta para trás — tremendo tanto que ela quase parecia estar incerta sobre a localização de Lenzo, que nesse momento olhava para as costas dela com os olhos arregalados e

a forte sensação de que ela gostaria de cometer suicídio, mas não tinha coragem de fazê-lo sozinha.

As reações aos dois anúncios foi tão polarizada que os ingredientes da multidão pareciam perder a conexão uns com os outros. Houve quem, logo à frente do palanque, comemorasse as notícias sobre a divisão de terra e levantasse os braços como se quisesse tocar Rainha para agradecê-la com um abraço. Estavam emocionados, mas nem de perto tão eufóricos quanto grupos que ficaram mais atrás, dizendo que aquilo tudo era um plano nefasto e elaborado para acabar com eles de vez.

Não era possível divisar um argumento isolado — dezenas de pessoas falavam ao mesmo tempo numa mesma faixa de volume. A única forma de entender o que acontecia era tentar decifrar os rostos daqueles que falavam, procurando saber se se estavam felizes, confusos ou nervosos.

Rainha queria falar de novo, e depois de tanto tentar conseguiu que o debate girasse em torno dela de novo.

— Nós não queremos saber de magia!

— A magia é para calar a nossa boca!

— As terras também, ela quer é dar o que ela não precisa e ficar com a parte boa pra ela!

— Chega de magos em Al-u-een, já bastam os políticos!

— O pai dela era um mago também! — A concordância foi geral. — A magia tem que continuar proibida SIM!

Não fazia nem três dias que o Exército de Al-u-een invadira o parlamento para prender dezenas de magos, então Lenzo não tinha como não deixar de pensar que talvez eles tivessem razão. Afinal, ele mesmo aceitara ajudar a matar um mago.

— Deixem-me explicar! — Suplicava Rainha, de braços abertos. — Meu pai *era* sim um mago!

A sinceridade abrasiva daquela jovem que eles quase nunca haviam visto, com quem quase nunca trocaram uma palavra sequer, parecia ser seu principal método para desarmar qualquer pensamento negativo.

Rainha deixou os braços caírem, parecendo exausta. Seu rosto já estava embebido em aflição — rosto de quem não aguentava mais notícias ruins.

— Eu fui filha do meu pai, e hoje eu sei que o meu pai era um *monstro*. Eu não... — Travou, tendo sorte que o que dizia era estranho demais para alguém pensar em interrompê-la de novo. — Eu nunca fui querida por ele. Nunca pelo menos senti isso, mas... Eu sei que ele fez muitas coisas erradas e eu não posso desfazer nada. Mas eu posso ajudar vocês. Eu não quero essas terras, porque eu quero que elas sejam de vocês. E a magia é necessária porque o meu pai era mago e era esse tipo de coisa que ele fazia. Ele e os outros convencem vocês de que a magia é ruim e por isso vocês têm que ficar longe, mas o que o meu pai fez ele fez não só porque ele era mago,

mas porque vocês não sabiam *nada* sobre magia! E eu não quero que vocês sejam magos como ele, i-iguais a ele! Eu não quero que *ninguém* seja como ele... Mas eu quero... Que vocês saibam o que é a magia para não serem mais vulneráveis. Se vocês aprenderem magia, nunca mais serão enganados. Nunca mais serão derrotados. Nunca mais serão controlados.



— Você *enlouqueceu*, Rainha?

Ela andava a esmo no próprio quarto, com as mãos na cintura e um riso no rosto. Tinha escolhido um quarto de hóspedes que praticamente nunca fora usado — com móveis, cortina e tapeçaria rosa e amarela, gostou de parecer que estava dentro de algum tipo de creme doce e suave. Era naquele creme que ela deslizava, com os pés descalços, mais leve do que já esteve em praticamente toda sua vida. Queria chorar de felicidade, mas com Lenzo por perto conseguia no máximo um descontrole do maxilar.

— Eu fui bem, não fui? — Perguntou.

— Essas aulas vão ser descobertas e-e isso vai ser *perigoso*!

Lenzo pensou em adicionar “Eu não quero voltar para a prisão!”, mas isso provavelmente a lembraria de que, na verdade, ela poderia colocá-lo lá de volta com mais facilidade do que as aulas seriam descobertas pela polícia, mesmo que ser mais fácil que isso fosse difícil.

Ela parou no lugar, engolindo em seco, o sorriso desaparecendo tal vela que se apaga.

— Eu sei, mas eles têm que aprender. Nós devemos isso a eles por *tudo* que meu pai fez.

— Eu *não sei* o que o seu pai fez com *eles*!

— E ainda assim concordou em matá-lo.

Lenzo desviou o olhar, incapaz de acreditar no que dizia por causa do que ouvira. Pior era pensar que aquilo que vinha ensaiando pareceria um improviso tolo naquele momento, mas não havia hora melhor, ou menos, para fazê-lo: precisava conversar com ela.

— E-eu não queria ajudar no plano, Rainha... Eu fui *controlado*.

— E não tem problema se essas pessoas forem também?

Ela continuava fitando o primo, dura, enquanto ele recebia o impacto com estranheza que aflorava no rosto retorcido. “Isso não é sobre *eles*, é sobre *mim*!”

— Eles têm que saber se defender.

Lenzo fechou os olhos, resignado. Um leve arrepio percorreu seu corpo ao pensar que a conversa longa, significativa — e cheia de presunção de que ela teria pena dele e acabaria confortando-o, perdoando-o, quem sabe até

abraçando-o — sobre a morte de Hourin virou uma discussão política antes mesmo de começar.

— Não sei se você é alorfa ou se é uma sonhadora, mas... Pelo menos quando eu estive com os alorfos uma grande parte das pessoas, quando descobre o que pode fazer com a magia, deixa de ser *defensivo* e passa a ser *ofensivo*...

— Então explique a eles só o que eles precisam saber pra não se deixarem atacar mais — Rebateu ela. — Você *prometeu*, Lenzo.

— É, mas eu não sabia...

— ... Ou pode voltar para a prisão, se preferir.

Capítulo 22

Sentido

Leila, Beneditt, Leo e Fjor entraram na última charrete, procurando justamente não dividir o transporte com ninguém. O bosque em frente ao hotel estava cheio de carroças, e todos os músicos estavam sendo levados para algum lugar ao mesmo tempo.

Fjor e Beneditt olhavam para tudo e todos como se não quisessem perder um só detalhe do mundo para além das paredes e janelas do hotel. Fjor o fazia com fome e prazer; Beni parecia desconfiar de cada cocheiro e guerreiro que passasse por perto.

Leo sentou-se de frente para Leila, e por mais que fixasse nela seu olhar — para que ela *tivesse* que olhá-lo de volta — ela não apenas não se importou com aquilo como não devolveu-lhe atenção.

O baterista e o baixista não tiravam o dedo da cortina sobre a janela. Viam que as ruas da cidade, ainda que fosse muito cedo pela manhã, estavam desertas de civis, mas povoada de militares. Havia grupos que se movimentavam, curiosamente, na mesma direção que eles, e também o ocasional solitário uma esquina sim, outra não.

— É o caminho pro galpão. — Comentou Fjor, desapontado.

O lugar fora trabalhado; paredes improvisadas com tábuas toscas foram erguidas pelo lado de dentro, criando dois corredores ocultos nos flancos do prédio. A porta dos fundos estava aberta, mas bloqueada por um pequeno palanque de madeira cercado por soldados, à frente do qual rodas de pessoas bem vestidas conversavam. Fjor identificou, esticando o pescoço, Seimor entre eles.

Os músicos navegaram juntos pelo lago barulhento de colegas de hotel. Encontraram um bom lugar para estranhar a presença de tantos no lugar que costumava ser uma fortaleza de isolamento para os ensaios.

Beneditt sentiu um arrepio quente passar por detrás das orelhas ao ver soldados trancarem a porta por dentro.

— Está tudo tão... Estranho... — Comentou Leo, do seu lado, passando a mão nas costas abaixo da nuca.

— Sim...

— A gente não... Tem se visto muito.

— É... Desculpa.

— Não precisa... — Começou Leo, sem jeito. — Eu só queria... Saber se ainda está tudo bem.

Beneditt expirou o ar que, sem perceber, guardara nos pulmões ao ouvir aquele princípio estranho de conversa. Não queria dar falsas esperanças a Leo, mas não via outra saída.

— Sim, claro.

— A gente vai fazer essa banda funcionar, não vai?

Ver aquele otimismo todo tão de perto era quase desesperador.

— C-claro.

Fjor reagiu com desdém instintivo ao ver o olhar de escrutínio torpe que Seimor lançava aos músicos. Por entre as cabeças das três ou quatro fileiras de pessoas à frente dele e de Leila, pôde ver o agente reconhecer a agenciada e saudá-la com um aceno de mão e um minúsculo sorriso.

A reação da guitarrista foi abaixou o olhar, ausente.

— O que eu não entendo é como você pode ser a preferida dele e ainda ficar assim deprimida o tempo todo.

— Cala a boca, Fjor. — Disse ela, sem mudar o resto da expressão.

Ele se voltou para a frente, em nada ofendido, levantando as sobrancelhas para si mesmo. Voltou a olhar para a colega um segundo mais tarde.

— Você nunca *quis* ser a vocalista principal.

Leila abriu a boca de supetão, como se deixasse de estar engasgada após dias guardando algo podre na garganta. Fjor franziu o cenho, preocupado por um instante, mas o susto veio e foi rápido, e ele viu o quanto ela estava pronta para chorar.

— É, Fjor, eu *não quis*.

— Quem é aquela? — Perguntou Leo, atrás deles.

Beneditt virou-se para o palanque quando uma mulher subiu nele e pediu por um silêncio imediatamente aceito.

— Bom dia a todos. — Começou a loira de cabelos cacheados, com a voz firme e gentil.

Leo cruzou os braços, curioso. Embora do alto de seu delicado vestido rosado a mulher fosse provavelmente uma agente musical, poderia facilmente ser uma excelente cantora, calculava ele.

— A política governamental de Jinsel sempre foi a de incentivar a arte, a alegria e a liberdade de nossas festas. Essa é uma tradição do nosso povo e espero que todos aqui estejam familiarizados com isso.

— Alguém sabe quem é ela? — Perguntou Fjor.

— *Sshh...* — Censurou Leo.

— Na fase difícil que é uma guerra é papel do governo garantir, mais do que nunca, que esse continue sendo o papel da arte. Só assim vamos manter nosso povo forte e unido para superar esse momento.

— Momento para mandar a gente matar mais gente! — Berrou uma voz ao fundo.

A massa de músicos à frente virou o pescoço para identificar quem havia dito aquilo; Beneditt pescou um rosto um pouco mais velho que o dele, que parecia ser o certo: indignado, revoltado e debochado.

— Ninguém gosta da morte e o objetivo da guerra é evitar a morte desnecessária. — Continuou a mulher, firmando as palavras sem descer ao tom da raiva. — Nossa força deve ser sempre medida para que nossos adversários *entendam* que colaborar e negociar é a melhor saída.

Enquanto o burburinho nascia e morria e o discurso o ignorava, sufocando o assunto, Beneditt lembrou do que o músico do hotel lhes dissera na noite em que tudo aquilo começara. “Eles querem que as cidades passem a obedecer a eles agora. Quem não quiser...”

— Shows serão realizados todos os dias, em todas as jirs da cidade, mas principalmente no centro. Festivais e festas continuarão a acontecer, com total apoio do governo de Jinsel. Cada banda deverá procurar seu agente para verificar que lugares e dias já estão alocados para eventos, e não preciso dizer que o repertório deverá ser sempre alegre, festivo e popular.

Beneditt procurou de novo pelo músico desafiador que ousou interromper o discurso antes. Ele certamente *teria* alguma coisa para dizer.

Encontrou-o de novo e viu que ele olhou para baixo — estaria ele desapontado demais para dizer qualquer coisa? Aquilo tudo era *realmente* absurdo, afinal.

Começou a andar para o início do galpão. “Ele não pode ir embora”, pensou Beni. “Estamos presos aqui...”

Beneditt o acompanhou, entre aparecimentos e desaparecimentos de suas costas na multidão, até vê-lo parar em frente a dois militares na abertura para os corredores laterais.

Ele estava parado, ereto e sereno, até ser puxado pela camisa e jogado com força para dentro do corredor improvisado na lateral do galpão.

Beneditt virou a cabeça para frente num golpe que quase o deixou tonto. Notou como as dúzias de soldados iguais àqueles na frente do palanque tinham olhares fixos — uns para o chão, outros para o teto; outros patrulhavam a plateia, sorrateiros.

— *Para de respirar forte, Beni.* — Disse Leo, entre os dentes.

Beneditt lembrou de onde estava, aparvalhado. O som pareceu invadir seus ouvidos de novo.

— ... E agentes especiais garantirão que o espetáculo de cada banda estará dentro dos padrões que estamos divulgando agora para vocês.

— Mas eles são *soldados normais*, não têm nada de especiais... — Reclamou Fjor, balançando a cabeça.

— *Cala a boca, Fjor...* — Irritou-se Leo, grato pela decisão do irmão de expressar aquela opinião em voz baixa o bastante.

— Agradeço pela atenção em nome do governo de Jinsel. — Disse a mulher, juntando as palmas das mãos à frente do busto. — Seus agentes e a mestra do programa musical de Jinsel estão aqui para responder às suas perguntas e organizá-los para os próximos dias. Por enquanto isto é tudo.

Capítulo 23

Equipes

Eva e Tadeu desceram as escadas. Galvino já esperava lá embaixo, devidamente paramentado. A mulher e o filho usavam longas capas azuis. Tadeu precisava da sua para combater os calafrios que apareciam, chatos e incômodos, cada vez que ele pensava no que ele estava prestes a presenciar. Vinham da base da coluna e alcançavam as olheiras fundas que a mãe tentara, em silêncio e com mãos menos brutas que em outras vezes, disfarçar com maquiagem.

Pensou mais uma vez. Afastou toda culpa e todo remorso, porque se aquilo tudo o alcançasse de verdade, sentia que ia vomitar.

Deu o último passo gelado para fora da escada e contemplou o espaço à frente da barriga do pai, que com um “vamos” sussurrado introduziu mais uma série de frases que Tadeu não escutou. Não escutava nada.

Tentava se concentrar em coisas felizes, mas Anabel manchara sua vida inteira com promessas não cumpridas, pedidos de promessas, a depressão repentina; com a muralha desumana que a própria indiferença aprovava com um sorriso mórbido.

Até na morte Anabel não me deixa em paz. — Era quando pensava assim que Tadeu se reprimia, uma voz interna contra outra. “Lutar”, pensava, lembrando das aulas com Gabriel. “Ele quer que eu lute. Ou é ela ou sou eu”. Ou era razão que lhe falava ou era vazão de um desesperado, pensava.

A execução de Anabel era um evento único, singular, contradição aparente que se resolvia no resumo da retórica de Al-u-ber frente à guerra que se aproximava. Apoiavam os magos, e no entanto lá estava o povo, vivenciando a execução de uma maga nas mãos dos magos. Isso fazia sentido porque era, afinal, a extirpação do lado ruim do grupo. Os maus elementos dentre os magos. Aqueles que, ao saírem da margem que as regras justas permitiam, não podiam continuar vivos ou incentivariam, através da impunidade, o mau uso do conhecimento da elite.

A charrete tinha dificuldade de avançar pelas ruas, apinhadas como estavam. A praça em que a execução seria feita ficava próxima à entrada do morro em que ele e Amanda se encontravam, e foi escolhida por ser provavelmente o espaço mais aberto da cidade — que, ainda assim, não oferecia a

melhor das visibilidades.

Mas talvez as pessoas não estivessem lá para isso. Não precisavam ver com os próprios olhos, mas só estar com o próprio corpo; participar, ouvindo as pessoas mais à frente confirmar o resultado previsto.

E depois? Ficariam uns na casa dos outros, discutindo o que aconteceu, ou voltariam para as próprias casas? Encerrariam o dia, impediriam que qualquer coisa acontecesse depois de tamanha brutalidade, ou simplesmente ririam da má sorte da abusada que teve o que mereceu e voltariam a seus afazeres diários?

A audição de Tadeu voltava aos poucos, e ele percebia o quão comuns eram todas aquelas pessoas. Não berravam, aplaudiam ou se agitavam como no dia do discurso. De braços cruzados, conversavam e sorriam; fofocavam sobre uma outra coisa qualquer — coisas da vida, não da morte — formando um burburinho que ardia quente no ouvido de Tadeu.

Ardia porque as mesmas pessoas estariam ali, daquele mesmo jeito, se fosse ele no lugar de Anabel.



A plataforma de enforcamento ficava em frente aos fundos de um castelo residencial, limite norte da praça. Nas janelas, dezenas de pessoas se apertavam para ver a maga dar o último passo em frente a uma plateia ainda mais ávida. Um pouco mais longe, numa arquibancada também provisória e separadamente protegida, ficariam os parlamentares e outros magos eminentes, como o delegado especial que cuidara de Anabel até ali. Deprimida e esquelética como a prisioneira estava, ele temia que mesmo a própria morte teria que ser incentivada, com guardas arrastando seu corpo fraco até o palanque. Isso adicionaria um toque desnecessariamente cruel ao evento, pensava ele; De um lado havia a ideia de uma maga terrível pagando por seus crimes; de outro, uma maga destruída por dentro sendo enfim destruída por fora. Eram cenários antitéticos.

Anabel foi colocada em um apartamento vazio no castelo atrás do palanque. As janelas foram trancadas, e os móveis, retirados: ela tinha espaço, mas recusava-se a usá-lo.

Escolhera a esmo um canto e lá ficou, recolhida dos ombros aos joelhos, absorta dos olhos enuviados aos cabelos deslavados. Dois magos faziam a guarda ostensiva da prisioneira à frente da porta, enquanto outros espalhavam-se pelo prédio bloqueando saídas e patrulhando corredores.

Ou espalhariam-se, bloqueando saídas e patrulhando corredores, se eles não estivessem cansados.

Não fisicamente, estafados, exaustos. Tinham energia de sobra. Era apenas uma pena que precisassem desperdiçá-la numa demonstração inútil de

força como aquela. Eles viram a prisioneira — se não viram, algum colega jurou que viu — e a conclusão era óbvia: ela não representava perigo para um umenau sequer.

Na antiga história, o apático garotinho aceita que cada umenau, do menor ao maior, vá fazendo seu ninho dentro de seu corpo; quando o Yutsi Verde também quis, o menino teve medo, mas foi tarde demais: irado pela recusa, a besta esfaqueou o menino. Quanto mais jovem a criança, menos sangrento é o final da história contada mas, de qualquer maneira, o que se dizia entre os soldados é que a garota deixaria o yutsi entrar sem protesto.

Estavam cansados daquela vigia sem sentido. Essa era a verdade.

Tão cansados, mas tão cansados, e tão confiantes na absoluta calma com que tudo transcorreria, que decidiram não ir trabalhar.

Não todos, é claro: se não houvesse policiais magos, a prisioneira não poderia ser escoltada para o palanque, e então todo o esquema de folga seria descoberto pelo delegado. Não, é pura lógica que não poderiam pedir por um dia de descanso para o delegado. Ele negaria, dizendo que aquele era um dia importante; essencial, até. Não poderia ter sua segurança comprometida num dia como aquele! E se algo desse errado?

Mas é claro que não daria. O que poderia dar errado?

Nos corredores do castelo atrás da praça havia minérios de todas as cores, mas já que eram separados por grandes distâncias, todo o caminho de pedras negras ficava escuro de uma rara janela a outra. Gustavo, vestindo as mesmas roupas de quando fugiu dos filinorfos — mas praticamente irreconhecíveis de rasgadas, sujas e fedidas que estavam — tinha olhos e ouvidos atentos na escuridão, o corpo curvado, a mão firme na adaga, única arma que encontrara no caminho que abrira com magia até chegar ali.

Libertou as chaves da outra mão apertada e esgueirou-se porta escura adentro.

O lar era simples, vermelho e laranja por dentro. Costumava ser barulhento com os outros ocupantes, mas restou apenas um — Gustavo pediu que os outros deixassem o lugar por uns dias.

O morador e proprietário era um homem bronzeado, franzino, que sentia orgulho da barba ruiva. Sentava-se reto numa cadeira grudada à parede pedregulhosa oposta à porta. Ele via à frente o jovem de claro cabelo empalhado e pequenos olhos castanhos, cercados por vincos, e ouvia seus berros — berros de boca bem aberta, esganiçados. Gustavo correu em sua direção enquanto ele se levantava, esquivando-se rumo à cozinha.

“Calmo...”, avaliou Gustavo em pensamento, recompondo-se mas forçando um respirar ofegante.

— O s-senhor precisa se acalmar! — Advertiu o dono da casa, desviando o olhar do semblante forçosamente louco do mago.

Gustavo logo abandonou aquela feição ridícula. Já estava feio o bastante para parecer louco sem precisar ficar de boca aberta.

Suas técnicas funcionaram.



Amanda ficou feliz pela impossibilidade de ficar com o pai no camarote ao lado do palanque. Se ela não podia estar lá, tampouco podia Tadeu. E ela sabia que Tadeu *tinha* que ter vindo.

Sem querer dar a entender para o pai — que a observava, é claro, dada a posição em que estava — que procurava pelo companheiro, queria não andar muito por entre os observadores, mas olhava com atenção para cada brecha que se abria entre as cabeças. Procurava por um semi-careca beirando o moreno; se visse só parte do rosto, as sardas podiam ajudar a achá-lo.

Talvez Tadeu não estivesse ali porque escapou da multidão assim que pôde. Se ela estivesse no lugar dele não iria querer ver a amiga morrer daquela forma.

Ou ex-amiga, pensou. Algo entre os dois polos.

Viu o momento em que o pai virava-se para conversar com uma outra parlamentar e começou a lentamente abandonar a cena, entrando nos caminhos tortos do parque em que verde e marrom se interligava com rostos, chapéus e golas.

— Atenção, cidadãos de Al-u-ber! — Ouviu Amanda, imediatamente voltando-se para a plataforma.

Cabeças em toda a praça faziam o mesmo, interessadas no que a voz masculina com um minério de som tinha a dizer. Amanda não conseguia ver quem exatamente falava, mas sabia que vinha de uma pequena área resguardada de público logo em frente à força.



O castelo não tinha alas que abraçassem o local da força; era-lhe na verdade indiferente. Crescia para o outro lado, com dois corredores protuberantes a partir do principal, formando um retângulo interior que estava sempre ao abrigo do sol, ainda que não da chuva.

Com quatro andares, tinha conexão direta, de parede a parede, com outros castelos mais robustos e menos geométricos dos lados, além de portas feias no térreo, voltadas para a praça, e portas mais proeminentes, à frente, voltadas para o que eventualmente seria uma rua. As portas da praça haviam sido trancadas e, dada a quantidade de pessoas do outro lado no dia da execução, não foram tidas como perigosas; ninguém ousaria fazer nada através delas. Já as saídas nos corredores principais, em todos os andares,

para outros castelos, estavam guardadas, assim como as portas da frente, a sala do apartamento sendo usado para manter a condenada, e as duas escadas que permitiam a descida para o primeiro andar.

Mas no dia da execução, a realidade que Gustavo assegurou era outra. Não havia nenhum policial guardando as saídas do castelo pelo terceiro e pelo quarto andar. Apenas um guardava uma das saídas pelo segundo. No primeiro andar havia sete policiais magos, e o garoto suspeitava que outros dois ou três, possivelmente no comando da operação, um degrau hierárquico abaixo do delegado, estivessem próximos do palanque, na praça. Possivelmente tinham acesso às portas trancadas, que seriam, também possivelmente, usadas para levar Anabel para a forca.

O plano de Gustavo dependia do sucesso de seu cuidadoso puxar de cordas — um processo que levou quase cada minuto de vigília desde que se infiltrou no local-chave.

Seu pai ficaria orgulhoso.

Engoliu as palavras, balançando a cabeça, reorganizando os pensamentos.

Não era hora de pensar nisso. Onde estaria ele? Não era hora de pensar naquilo. Ele estava bem? “Sim. Sim, sim, sim!”, ele estava bem, é *claro* que estava bem.

“Aquele idiota tentou me tirar de Anabel, e ele é a razão pela qual ela está aqui hoje.”

“Canalha...”

É claro que o canalha estava vivo. Canalhas não morrem.



Quando a porta abriu, o som trovejou em tempestade distante. Era como se acordasse de um sonho e fosse direto para outro, e no segundo dormisse em seu próprio quarto, na própria cama. E chovia.

Anabel meneou a cabeça, a dor lhe dando mais um calafrio de presente.

Não demora mais. Não demora muito mais, respirou; logo a morte vem, calma como a correnteza de um rio. Seria como aquele abrir de portas, só que mais calmo. Tranquilo...

Uma visão escura, envolta em pó fora de foco, e logo um último suspiro do qual ela não teria nenhuma lembrança. Como dormir.

Por outro lado, ela nunca havia morrido para saber que era assim que se morria.

“Olha pra ela, ela nem se *mexe!*”

Ela riu por dentro; só não sentia a vontade de fazer isso com a boca. Era quase uma prisioneira de si mesma, e sabia disso. O fato de que sabia disso era ainda mais deprimente.

“... Fique quieto e me ajude *rápido!*”



Anabel foi jogada no chão como um saco de batatas.

Olhou para o teto marrom, com luz amarela enviesada que vinha de uma janela semicerrada, e pensou se aquela era a antessala da forca. Foram policiais que a trouxeram? Porque pareciam policiais.

Pensava devagar, prendendo um elo da corrente de pensamentos a outro como se tivesse o dia inteiro para aquilo. Foi apurando os sentidos. Sensação estranha; o sangue dava nova vida aos braços e ela gostava daquilo. Da forma como ela sentia seus músculos ganharem volume no corpo, das orelhas às mãos, uma coisa de cada vez.

Não fazia ideia de onde estava, mas ouviu passos. Não sabia por quê, mas a familiaridade — que, àquela altura, deveria ser algo ruim — fez seu sangue ferver ainda mais.

Exceto que...

Ainda tinha a testa franzida quando viu alguém entrar no lugar. Quando o maltrapilho jogou-se em cima dela é que ela percebeu, com talvez mais medo do que antes, que era Gustavo.

— Temos que ir *agora!* — Disse ele, ajoelhado sobre o corpo dela, a palma da mão encaixada em sua bochecha seca.

Anabel o observava, curiosa. Ir para onde? *Por quê?*

Não era um conceito difícil de dominar. Ela devia ir. Ir embora. Com o mago que veio salvá-la. O mago que ela praticamente treinou para isso.

Não imaginara que precisaria pôr a eficácia da técnica à prova, mas de fato parecia que ela havia feito um bom trabalho...

Ainda assim, levantar-se não estava em seus planos. *Deveriam estar*, disse ela sabia. Mas não conseguia fazer com que estivessem.

— Não, Gustavo, eu quero... — “*Queria?*”, doeu-se. — Eu não quero nada...

O sorriso apodrecido só por fora tornou-se roto de espírito; Gustavo olhou para trás, rápido, e checou também Neborum para garantir que estavam completamente a sós.

— Ana, é hora de... Vem comigo...

Gustavo abarcava o pescoço da maga com o braço esquerdo, arrastando-se até poder suportar os joelhos dela com o outro. Ela enlaçava com dificuldade a nuca do rapaz, que a levantava com ainda mais fraqueza, as pernas tremendo até ele conseguir ficar completamente de pé.

— Acho que vou fazer você *dormir*, está bem? — Ela fazia cara de quem não conseguia acreditar que Roun venceria Nauimior mais uma vez. — Confie em mim...



Amanda entrou no prédio azul-claro que encerrava uma região de terra batida, praça sem praça ao lado da praça onde muitos encontraram espaço mesmo sem conseguir ver o que se passava além das árvores. Foi até o terceiro andar e encontrou a passagem que fazia a ligação com o castelo de tijolos claros cujos saguões e torres moldavam, em suas vielas e reentrâncias redondas, umas cinco esquinas curvas por ali.

Residencial como quase tudo por perto, o lugar conseguia reter um silêncio cheio de ecos, próprio de tumbas. Portas grossas e antiquadas, quase rudes de tão rústicas, mantinham todo o barulho das famílias e dos solitários do lado de dentro de cada unidade.

Percorreu os corredores de memória, mexendo os lábios enquanto fazia o caminho para descer o mais perto possível do outro lado. Seguiu Tadeu depois que o achou na multidão e percebeu, não sem sorrir amplamente, seu sinal.

Era um sinal tolo que eles inventaram de brincadeira havia rosanos. Incertos sobre a continuidade — que acabou se mostrando bem longe — do esconderijo deles, talvez precisassem se encontrar em outro lugar e não tivessem muito tempo para combinar alguma coisa. Um deveria simplesmente esfregar a testa com a palma da mão esquerda.

Passou por paredes argilosas embebidas em luz laranja e por uma grande escadaria circular cujas vidraças da torre filtravam a luz do sol. Quase não encontrou ninguém no trajeto. Quando saiu do castelo virou à direita, acompanhando a parede curva até encontrar o muro reto de novo. Adiante um longo corredor ligava o terceiro andar do prédio ao mesmo piso de uma fina torre mais à esquerda. Era longe o bastante para formar uma pequena rua por debaixo do corredor, o que significa que um arco precisava sustentar a passagem.

Um arco no qual era possível entrar, já que na ponta acoplada ao castelo havia uma portinhola magra e escura, de aparência provisória, que quase se confundia com corvônia. Os que a conheciam jamais pensaram em entrar nela; os que passavam por ali raramente a notavam.

Amanda entrou e fechou a porta atrás de si com cuidado; o lugar era escuro como breu, da largura de duas portas de um armário comum e de profundidade um pouco mais generosa, já que a sala tomava um pouco do espaço do castelo na qual encostava.

Assim que fechou a porta sentiu a presença de Tadeu. Jogou-se na distância que presumiu ser necessária pra se enlaçar nos braços dele, diagnosticando-o: não parecia estar chorando, nem respirando diferente.

Separou-se um pouco, querendo perguntar como ele estava, mas com medo de ser indelicada. É claro que ele não podia estar bem.

Sendo assim, deu-lhe um beijo carinhoso, seu jeito cheio de saudade de dizer que ela estava ali para ele. Ele a puxou de volta, devolvendo o beijo.

Era sincero, pensava ela; se apenas, talvez, desesperado demais. Tadeu tremia um pouco no antebraço, mas a segurava pela cintura com o carinho guardado em estoque que ela tanto desejava. Agora que o tinha, sinceramente, derretia.

Suas mãos recuaram até sentir seu rosto com a ponta das unhas; os lábios separaram-se um instante só, não muito, e ela queria poder ouvir o que os olhos dele, certamente abertos, tinham para dizer.

Claro que era importante ouvi-lo, não era? Ele não podia estar passando por uma boa situação. Impossível, com Anabel condenada à força enquanto centenas de pessoas reuniam-se para assistir.

Sim, ele precisava de apoio; agora, depois, alguma hora. Possivelmente um ombro no qual pudesse chorar, um tempo para desabafar, para declarar-se culpado sem ter feito nada, para poder ser absolvido, poder aceitar que não havia nada que pudesse fazer tampouco.

Enquanto pensava Amanda avançou num beijo ainda mais claro.

Era possivelmente muito errado o que estavam fazendo, continuou pensando. Parecia um reforço inverso: o que sua cabeça dizia, seu corpo fazia o contrário.

“*Pare de pensar*”, disse a si mesma, prensando Tadeu contra a parede.

Sentia o calor das pernas dele passar para as próprias; as articulações, em polvorosa, pareciam prontas para correr dali a Al-u-een se fosse preciso por algum motivo.

“Faz tanto tempo”, lamentava em angústia, recuando um pouco. “Eu *queria* mesmo ver os olhos dele, no final das contas”.

Voltaram a se encontrar, e enquanto ela começava a considerar a ideia de tirar as roupas, um novo pensamento a interrompeu.

Freou as mãos, deixando-as bem onde estavam. Ficou mais consciente quanto às dele — paradas na cintura, com a mesma tensão nos braços — enquanto o beijo prosseguia, lerdo.

Ainda que fosse verdade o quanto ela o queria, o quanto a magia os tinha tirado de um caminho de longa e próspera paz e os jogado num turbilhão de emoções e encontros nada íntimos, ela não poderia querer realmente...

E a forma como ela se separara de repente de vez em quando, racionalizando aquilo com a poesia do olhar de Tadeu...

E se *ele* a estivesse controlando?

Era esse o jeito dele de se distrair da *morte*?

Deu dois passos para trás, desfazendo o abraço como um laço mal feito, parando no meio do nada até decidir o que pensar.

— A-Amanda? — Perguntou Tadeu, algumas respirações altas depois.

Sua voz despedaçada fez Amanda fechar os olhos, sentindo-se ridícula como nunca. Já não bastava desconfiar do próprio pai, que era também seu *mestre*, agora desconfiava do namorado?

Talvez fosse bom que não pudesse olhar para Tadeu. O silêncio já era constrangedor o bastante.

Será que só sendo bomin ela se sentiria mais segura perto de um?

Lembrou do que o pai lhe dissera. Se ela tivesse um companheiro preculgo... Ela saberia exatamente com quem estava lidando.

Mas ela se enganou quanto à Gustavo. E ela *sabia* quem Tadeu era.

— Aman... — Começou a mesma versão confusa de Tadeu. — Amanda, Neborum... *Neborum!*

Amanda foi de dentro de uma de suas torres para a passarela entre elas; via alguns castelos aqui e acolá, provavelmente moradores dos apartamentos logo ao lado e acima de onde estavam em Heelum.

Virou-se para o outro lado e, ao prestar atenção em dois castelos praticamente grudados um no outro, reconheceu um deles.

— A-aquela é a *Anabel!* — Exclamou Tadeu, trazendo-a de volta para Heelum.

— Mas um deles é o Gustavo!

Amanda achou que Tadeu ficaria no mínimo surpreso.

— E-eu não sei, eu...

— Tadeu, *EU* sei!

Ela deu as costas para ele, ouvindo seu nome ser misturado a cautela e medo.

Voltou a Neborum para reencontrar os castelos e retornou a Heelum com mais senso de direção. Avançou por debaixo do arco na direção contrária à da praça da força e virou à esquerda, passando por debaixo de outra passarela até chegar à torre mais fina. Esgueirou-se na parede, circundando-a com cuidado; sentia os castelos mais próximos agora. Tinha ficado de frente para uma ruela arborizada do outro lado de um grande castelo comercial. Sabia que Tadeu estava logo atrás, quieto.

Atravessou o campo de pinheiros altos até chegar a uma passagem que ligava já no piso térreo o centro comercial a um complexo quadrado com torres baixas em cada ponta. Ali já andavam mais normalmente, buscando não chamar a atenção de quem andava à frente do prédio ou ali permanecia, como um grupo de homens e mulheres que conversava em uma das altas entradas.

— Lá... — Disse Tadeu.

Depois do grupo havia um homem aparentemente jovem com uma roupa escurecida — ou seria suja? — carregando uma garota ruiva nos braços que parecia desmaiada. Um garoto de pele negra passou por eles, virando-se

para olhar a cena incomum antes de seguir seu caminho até um banquinho perto dali.

— *Como* ele consegue fazer isso?

Amanda só podia concluir que ele devia estar usando magia para fazer com que ninguém prestasse atenção nele. O problema é que havia no mínimo uma dúzia de pessoas ali, sem contar as que deveriam estar dentro do prédio, olhando para fora.

— Ninguém viu a Anabel... — Disse Tadeu, respondendo a charada ao olhar para o chão. — Desde que ela foi presa, ninguém conhece o rosto dela... Q-quer dizer, quase ninguém nunca *viu* ela...

Tudo a partir dali aconteceu rápido demais; o muxoxo frustrado de Amanda e a decisão irrefletida de segui-la — a lista de motivos era grande, mas ele não conseguia escolher: segui-la para protegê-la, para evitar que ela fizesse alguma conexão entre ele, Gustavo e Anabel... Para impedir que Gustavo *fugisse* com Anabel...

Mas ele *deveria* entregar Anabel à polícia, caso a conseguisse de volta?

Parou de correr quando Amanda parou num pequeno bosque cerrado em que Gustavo se embrenhara, finalmente percebendo que era seguido. O parque não estava deserto, mas não estava exatamente cheio; um grupo de idosos deixava o local quando parou para ver a dinâmica esquisita dos quatro jovens.

Gustavo voltou-se para os dois, lentamente pondo o corpo de Anabel no chão. Tadeu olhou para ela tentando verificar se estava viva. Seu coração batia morno quanto menos conseguia chegar a um veredito.

— *Quem é* você? — Disse Gustavo, franzindo o rosto seco para Tadeu.

— Gustavo, o que... — Amanda tentou perguntar, boquiaberta.

Um dos idosos do outro grupo, que vestia uma felpuda capa marrom, começou a se aproximar deles. Gustavo rolou os olhos para a direita por um momento.

— Vão embora...

Tadeu começou a ir e voltar de Neborum; em Heelum, não sabia para quem olhar.

— Como é que você conhece ela, Gustavo? *Pra onde* você quer levar ela?

— Isso *não interessa* a você, sua idiota, e acho melhor você ir embora e *não me seguir mais!*

— Tadeu, você vai... — Amanda olhou para trás momentos antes de ter uma realização que a forçou a olhar para Gustavo de novo. — E-espera, a-a Anabel é *bomin!*

— Há algum problema aqui? — Perguntou o velho homem assim que chegou perto o bastante.

Gustavo bufou de olhos revirados antes de virar o rosto para responder.

— NÃO! VÁ EMBORA!

— Mas o-o que é isso, o-o q-que que é essa garota no chão...

Gustavo marchou até apertar o homem pelos ombros; Amanda e Tadeu deram passos instintivos para a frente, alarmados, e Gustavo respondeu rugindo entre os dentes alguma instrução que a raiva deformou demais.

Tadeu viu quando o iaumo de Gustavo, muito mais limpo e vestindo roupas escuras em perfeito estado, atravessou a distância até o castelo de Amanda.

A preculga saiu do castelo quando ele chegou, e Tadeu forçou-se a deixar a janela e correr para fora do castelo. Sentiu breve o contato da mão de Amanda à sua em Heelum.

Suas mãos já pegavam fogo quando ele se aproximou da dupla em combate, com Amanda esquivando os golpes lentos da espada de Gustavo.

— AMANDA!

Imaginando que ajudaria Tadeu, jogou-se para trás para escapar a um ataque; ele lançou uma labareda da qual Gustavo esquivou correndo para o lado mais rápido do que se mostrara até então: em um instante estava ao lado de Tadeu, que precisou pular para trás para sair do alcance da lâmina.

Sentiu uma perturbação que o trouxe para a visão de Amanda empurrando Gustavo no chão; ele parecia ter vindo para cima dele, mas ela o defendera.

Apoiado com uma mão e um joelho no chão, Gustavo tirou uma adaga das costas com a mão esquerda e ergueu-se num impulso contra eles — Tadeu puxou Amanda para trás, tirando-a do perigo dos golpes amplos... Que na verdade, percebeu, não ofereceram tanto perigo assim.

A dor e o chão lhe receberam de volta a Neborum; situou-se e logo o viu à frente do castelo de Amanda, segurando-a pelas costas, as mãos dela amarradas à frente do próprio corpo e as pernas cobertas por uma montanha de terra até a metade das coxas. Ela ainda resistia, dentes apertados à mostra, enquanto ele confessava alguma coisa ao pé do ouvido.

Buscou correr até lá, arranjando-se tarde; Gustavo ateou-lhe fogo e sumiu.

Tadeu sentiu o berro que surgia rápido na garganta sugar-lhe o ar até que Neborum tornou-se Heelum com um soco no nariz que o derrubou.

De olhos fechados ou, mesmo abertos, lacrimejados, ouviu Gustavo resmungar de dor e dar alguns passos; Amanda grunhir por algum motivo e depois soltar um grito breve depois que Gustavo urrou de novo.

Começou a perceber o cheiro de sangue no nariz molhado por dentro e a dor, que veio de repente; quando abriu os olhos, não viu mais sinal de Gustavo ou Anabel; só Amanda, ali do lado, levantando-se devagar com um rosto doente.

Ela se sentou o mais rápido que pôde; tirou um fino anel dourado do dedo e o lançou para Tadeu antes de uma olhada furtiva pela região.

— Pega esse anel... — Explicou, preparando-se para terminar a ideia numa respirada só. — Para ter uma desculpa para me ver depois...

Tadeu não sabia como ela conseguia manter a cabeça fria daquele jeito, mas obedeceu. Sentou-se também, guardando o anel no bolso da calça.

— Tadeu?

Ele se virou na direção de onde tinham vindo e avistou Joana correndo para ele com as sobrancelhas abaixadas.

— O que *fizeram* contigo? Estás bem?

Tadeu fez que sim.

— Estás sangrando... Quem foi?

Tadeu não queria responder.

— Um homem... Novo, com umas roupas rasgadas... — Começou, sem olhar para trás. — Ele estava com a Anabel.

— A prisioneira.

— Sim.

— Filha! — Berrou Barnabás de longe, chegando no bosque.

— Tu sabe pra onde ele foi? — Insistiu Joana.

— N-não, mas... Foi... Pra lá, mais ou menos.

— Filha! *Filha!* O que *aconteceu*, filha?

— Estou bem, pai... Foi... — Tadeu virou-se para ela, olhares chocando-se num estranho instante. — Alguém fugiu com a prisioneira...

— Sim, já sabemos... Cadê você em Neborum? Dentro?

Barnabás ajudou Amanda a se levantar. Trazia no rosto uma mistura pouco compreensível de ódio assassino e preocupação paternal.

— Eu fui... Morta lá. — Explicou, envergonhada.

— E-ela lutou, senhor, ela lutou muito bem.

Barnabás voltou-se pela primeira vez para Tadeu. Parecia menos paternal e mais revoltado a partir do ângulo que favorecia a convergência das sobrancelhas tensas.

— Vocês lutaram juntos, Tadeu?

Tadeu balançou a cabeça, rápido.

— Mas ele era... M-muito forte. Demais para nós.

— De que tradição era?

— Bomin. — Disse Amanda.

— Preculgo. — Disse Tadeu, ao mesmo tempo.

Parte IV

Inimigos que não descansam

Capítulo 24

Coalizão e confiança

— O que traz seus grandes olhos aqui, Maya?

Brunno recebia a maga em seu quarto. Ela entrou resoluta, balançando o longo e elástico vestido verde. O aposento era quase o inverso do seu: mais bagunçado — coisa que Maya realmente não entendia, já que não eram eles que arrumavam suas próprias coisas — tinha móveis pintados em verde-água e a roupa de cama, revirada e remexida por cima do colchão cinzento, espalhava-se com prazer pelo espectro de amarelo.

— Brunno, você é um mago inteligente. — Começou ela, arrancando um sorriso cínico do mago loiro. — Eu vim falar sobre uma decisão sua que, na minha avaliação, foi desastrosa. Essa guerra vai nos destruir, Brunno.

O espólio coçou o final do cabelo rasteiro, logo acima da nuca, e passou pela maga para se sentar.

— A reunião de ontem é tudo que você precisa para chegar a essa conclusão. Karment-u-een foi esvaziada, e o resultado é que não temos mais *nenhum* aliado perto da Cidade Arcaica. Al-u-een provavelmente vai arrasar a cidade... E pelo norte Al-u-tengo tem poucas chances de chegar a tempo de conter Ia-u-jambu. Estamos ficando acuados, Brunno.

Ele olhou de esguelha para ela, que recuou cheia de leveza, guardando as mãos para trás.

— Nós vamos ter que fugir, mas não compreendo o plano de Desmodes. Daqui não vamos conseguir dar ordens para lá. Outras cidades, que antes nos apoiavam, vão pensar duas vezes assim que a cidade que representa o comando supremo dessa nova ordem se reduzir ao que era antes da reconstrução... O que vai acontecer é que a guerra vai sair de controle. Quando ela acabar não vai sobrar *ordem* que sustente a nossa vida, Brunno.

— Olhando para trás... Realmente não me parece a decisão mais inteligente...

— Não foi mesmo. — Concordou ela. — Não é.

Maya caminhou à frente do colega em passos curtos, processando a aparente facilidade da conversa. Manteve a vigilância em Neborum, por precaução; viu que não havia nenhum outro castelo por perto.

— Você acha que é possível mudar isso agora?

Ela parou de andar, sorrindo para ele.

— Vamos falar com Desmodes. Já tenho alguns colegas que compartilham essa ideia, mas... Por enquanto precisamos que nos apoie, Brunno. Que seja a voz da razão no grupo dos que apoiam o Desmodes.

Brunno assentiu, concentrado, enquanto Maya mordia os lábios por dentro — havia dito o que precisava ser dito? Segurou a língua para evitar oferecer a isca do orgulho de forma óbvia demais. O que queria realmente dizer é que ela precisava dele como um *líder*. Todos naquele Conselho se viam como líderes, mas um líder de coalizão era um papel sempre no limiar de ser criado e cobijado.

Maya fez um aceno ligeiramente menos entusiasmado ao abrir a porta para ir embora.



— A reunião de hoje não fez você pensar de novo? — Perguntou Eiji.

— Não. Por quê? — Indagou Cássio.

— Você sabe, o Exército de Karment-u-een e o de Al-u-ber... Quando eles chegarem serão numerosos e fortes.

Cássio balançou a cabeça com veemência.

— Não mudei de opinião. Você mudou?

— Não.

Os dois estavam parados à frente da porta principal do castelo, aberta pelo último funcionário a sair. Ele levava malas de lixo para a charrete que faria o trajeto de volta à Cidade Arcaica, mesmo na chuva, para levar ao general as determinações do Conselho.

O empregado voltou correndo para dentro do castelo e, ao fechar as portas, estancou diante dos dois magos.

— Eu estava me perguntando — Disse Cássio para o homem que, de boca aberta, dividia constantemente a atenção entre ele e Eiji. — Se você poderia voluntariamente nos dar a chave reserva do quarto de Desmodes.



Cássio tinha ido sozinho. Girou a chave na tranca com todo o controle e cuidado. Fazia tudo o mais com a sutileza de quem sabia que não podia prestar atenção em mais de um movimento por vez. Não usava sapatos; ficara nas meias, de forma que tinha que se preocupar mais com estalos das articulações do corpo do que com qualquer outro contato.

Parou na entrada, decidindo se deveria fechar a porta. Perdeu mais um minuto antes de se voltar completamente para o quarto.

Um corredor convenientemente amplo se estendia de onde ele estava até o lado da cama. Ali, naquela posição estratégica, debaixo do foco de luz roxa que vinha de fora pela janela semicerrada, podia alcançar o organizado corpo de brucos do mago-rei.

Engoliu em seco. Caminhou devagar, sem se arriscar com passos grandes — deu sete passadas contadas. Da quarta para a quinta teve a impressão de que ia perder o equilíbrio. Da sexta para a sétima se perguntou se já não estava perto o suficiente. Depois da sétima, ainda ajeitou a própria posição um tanto mais para o lado.

A cama era larga e Desmodes estava bem no meio; Acertá-lo de modo a não matá-lo em pouco tempo seria um fracasso absoluto — ainda mais porque o pouco tempo de lucidez que Desmodes teria poderia ser o bastante para que ele forçasse alguém a salvá-lo.

Controlou a respiração. Seu peito agitado parecia sempre encontrar um jeito de forçá-lo a respirar pela boca, coisa que o deixava ruidoso demais.

Puxou com o polegar esquerdo o cinto que prendia a espada às vestes laranjas, que escolheu pelo tecido conveniente. Levou a espada para o alto. Sua mão direita estava calma e fria.

“Isso, mão”, pensava Cássio. “É disso que eu preciso agora”.

A parte cada vez mais afiada da espada passava agora pela abertura, parte crítica. Não escolhera uma espada muito longa para diminuir o tempo que teria que passar fazendo isso, e a escolha pareceu ter dado certo.

Toda exposta, Cássio largou o cinto e juntou uma mão à outra no cabo da espada, esticando os braços acima da cama.

Tencionou o tronco para frente; os joelhos quase encostavam na cama e ele sabia disso. Era preciso um equilíbrio, e então uma estocada decisiva, e pronto.

Não consiga ver o rosto do mago, e não se importava. Melhor assim.

Sentia cada parte do corpo com uma consciência absurda. Cada parte reagia. Cada parte coçava. Cada parte exigia sangue e atenção.

Inspirou devagar e pouco. Prendeu o ar que puxou.

Um tronco negro viscoso estourou os portões de seu castelo — foi prensado contra a parede em seu saguão e a escuridão era tudo o que sentiu.

Jogou-se contra o guarda-roupa atrás de si; abriu primeiro os braços, por fim as mãos. A espada caiu no chão enquanto Desmodes se levantava.

Tentou em vão resistir em Neborum. Voltou para Heelum e assistiu, ofegante, à jornada calma do mago do outro lado da cama até o guarda-roupa.

Desmodes olhou de relance para a espada no chão no caminho até o rosto do bomin. Seus lábios se juntaram, rígidos, e Cássio sentiu-se impotente para fazer sons com a garganta.

— Você tentou me matar...

Cássio conseguiu, à medida do possível, movimentar a cabeça para a frente e para trás. Desmodes aproveitou o último dos movimentos e o forçou a bater a cabeça com força na madeira do armário. Pôs-se a andar em círculos no próprio quarto.

O bomim perdeu a noção de quanto tempo passou preso pelos próprios músculos controlados; Desmodes caminhou cinco ou seis vezes com os braços comportados ao lado do corpo. Voltou subitamente a ficar quase nariz a nariz com Cássio.

— Você não confia nesta guerra.

Cássio sentiu os lábios se dividirem; respirou algumas vezes pela boca antes de responder.

— Nem na guerra nem em *você*.

— Você precisa de provas... Eles também.

Cássio franziu o cenho. De perto podia ver detalhes esparsos dos olhos de Desmodes, que pareciam meros acidentes geográficos — sulcos sem sentido em sua carne pálida.

— Elas virão. — Continuou ele, afastando-se. — É preciso paciência. Por enquanto será preciso que saia do meu quarto e não tente me assassinar de novo.

Cássio caiu de joelhos quando toda a pressão que vinha de dentro do próprio corpo libertou seus braços e pernas; levantou-se de imediato, pondo-se para fora do quarto.

— A espada.

Cássio parou, sentindo um pequeno arrepio de dúvida, e voltou para recuperar a arma.

— Um sinal de boa vontade, Desmodes. — Guardou-a de volta no cinto. — Mas você conseguiu me atacar *rápido* demais. Especialmente para quem está dormindo. Como vou saber quem aqui dentro você *não* está controlando?

Cássio não conseguiu ouvir resposta alguma, se é que ela veio. Fechou a porta, entendendo que o havia feito assim que estava do lado de fora, no corredor, com a mão na maçaneta.

Capítulo 25

Utilidade

Acordar foi a pior coisa que Lamar fez.

Não sabia se estava encostado numa parede pelo ombro ou deitado no chão; ficou feliz por um segundo ao reconhecer os braços livres, mas logo sentiu um arrepio tão profundo que contorceu toda sua espinha.

Chão. Definitivamente estava no chão.

Mexeu os braços, espreguiçando-se; no final do bocejo (que fez as costas doerem de novo) abriu os olhos e percebeu a visão turva. Havia luz vindo de alguma janela, e a parede alaranjada — teto — tinha um lustre singelo, mas que Lamar achou bonito.

Piscou algumas vezes, e foi como ver o lustre pela primeira vez de novo. Sorriu.

— Já lembrou de mim? — Perguntou Dier.

Lamar se arrastou num reflexo animal até bater em um sofá azul. Tudo pareceu ficar mais escuro, e ele percebeu melhor onde estava.

Era uma casa com mobília rara, mas em bom estado. O sofá escuro de dois lugares em que encostava estava colocado em frente a outro, de três lugares, em que o homem de curto cabelo escuro e resto de corpo pálido, das unhas aos lábios, o observava sem calor.

— Dier...

Ele balançou a cabeça, paciente.

Lamar lembrou de Nereda.

— Não... — Fechou os olhos, os cotovelos fracos começando a tremer ao sustentar o peso de seu tronco contra o chão. — Por que você fez aquilo?

— O quê?

Lamar sentia-se ainda um pouco tonto; um calor pior que o arrepio na coluna percorreu seu corpo na direção contrária.

Estava sendo *dominado* por ele?

— O que você fez comigo? P-por que... Por que eu não estou mais amarrado?

— Você não vai fugir. E se fugir, vou caçar você e fazer o que eu fiz com o seu amigo. Seria pelo mesmo motivo, aliás, e acho que *isso* responde a sua pergunta.

Dier colocou a perna cruzada no chão e apoiou-se sobre os joelhos. Estava longe de Lamar, mas alguma coisa naquela posição fez Lamar se retrair para mais perto do sofá.

Mesmo assim, ainda achava que era melhor ficar onde estava.

— Os magos frequentemente são atrapalhados pelos alorfos e pelos filinorfos. — Começou ele, didático, mas com um olhar que dizia sem meias palavras que não explicaria de novo. — O problema com vocês é que vocês não têm raízes. Não têm nem muito a perder, e ameaçados tornam-se mais violentos. Ou mais incômodos. Como não é possível negociar com vocês, temos que matá-los.

Lamar não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— C-como...

— *Quieto*. — Ordenou Dier. — Os magos se contentam com pouco. Quando prendem ou matam um de vocês, alorfos, se satisfazem com o resto da turma nas “aulas” de vocês. Com os filinorfos vão atrás do grupo todo, mas o grupo é sempre pequeno. *Mas vocês continuam surgindo*, de novo e de novo. Quando são eliminados, outros aparecem depois.

A cabeça de Lamar parecia uma batalha entre as milhões de respostas enraivecidas que gostaria de dar àquilo e a prudência que lhe mandava ficar quieto.

— Vocês formam uma *rede*. São uma organização *muito* parecida com a dos bomins e preculgos no começo da formação deles. Especialmente a dos bomins.

Lamar queria subir ao sofá, mas desistiu da ideia.

Como exatamente Dier queria comparar alorfos a bomins?

Era mesmo a *prudência* que o silenciava?

— Eu já tenho boa parte da “árvore” dos alorfos. Tenho contatos no Nordeste e no Noroeste, e agora estou começando a descobrir boa parte da rede de relações no Sul.

— E-eu não vou dizer nada...

Dier arqueou as sobrancelhas, surpreso.

— Você *disse* que diria.

Então Lamar lembrou. Pôs a mão na testa enquanto a lembrança da espada de Dier cortando o pescoço de Nereda parecia fazê-lo suar em todas as partes do corpo.

Lembrou do que disse a Dier. Lembrou de seu plano instantâneo.

— Onde... Onde estamos agora?

— Por que isso importa?

Lamar olhou pela janela, sem pensar muito na utilidade daquilo. Não seria capaz de diferenciar uma cidade de outra simplesmente olhando para o céu nublado.

— Eu... Eu conheço um alorfo. Um alorfo importante.

- Sim, sua companheira e seu filho estão com ele, eu já sei.
Lamar engoliu, apreensivo. Então *disse* isso a ele.
- Sim, Lamar, você contou sua *fascinante* aventura de estupidez enquanto alorfo em Prima-u-jir. Agora quero saber quem é este alorfo.
- O nome dele é Faobo.
- Dier recostou-se ao sofá, cruzando os braços. Com os olhos, ordenou impacientemente que Lamar continuasse.
- E-ele é um comerciante... Um comerciante *muito* rico.
- ... E?
- Lamar sorriu, pela primeira vez sentindo-se bem naquela conversa.
- Sua cabeça não martelava mais com pedaços de memória recente que voltavam. Ele lembrava-se de tudo agora.
- Quantos alorfos *ricos* você conhece, Dier?
- Dier deixou o silêncio crescer junto ao pequeno sorriso promissor.
- Ele deve ser o financiador de *vários* alorfos... — Continuou Lamar — Q-quem sabe até filinorfos...
- Dier fez um gesto com a mão sem mesmo descruzar os braços, dispensando-lhe junto um olhar que não lhe era totalmente estranho.



Lamar lembrou como foi ter contado um pouco de sua vida para o homem que havia acabado de matar Nereda.

Contou como se tornou alorfo. Falou, para seu captor, sobre aquilo que mais queria no momento em que se encontrava cativo num navio que ia para Den-u-pra.

Foi um resumo, mas um resumo que só revelava o quão patético ele era de fato. Dier até libertou aos poucos a barriga de Lamar da pressão, mantendo o resto do corpo imóvel. Mobilizava apenas os olhos, peças de um jogo de dominação que, Lamar intuía, não precisavam de Neborum para fazer efeito.

- Você se tornou alorfo *antes* ou *depois* de ter essa família?
“Durante” seria uma resposta aceitável? Não quis descobrir.
- Depois.
- Então você resolveu brincar de rebelde depois de encontrar a sua pequena felicidade. Você tem filhos, Lamar?

Mais uma engolida. Lamar não estava gostando da direção daquela conversa. O mero fato de Dier citar seu filho já o deixava apreensivo — como se ele planejassem cortar a garganta de Ramon também.

- Sim.
- E os teve antes de se tornar alorfo.
- Não.

— Mas queria tê-los.

— *Sim.*

Dier sorriu.

— Gostei de você nervoso, Lamar. Você não parece ser o tipo de pessoa que fica nervoso muito frequentemente. Já eu, por outro lado, *gosto* de ficar nervoso.

Dier apareceu logo acima de Lamar, que virou um pouco os olhos para vê-lo. O mago riu em desdém e voltou à cadeira.

— Você podia ter uma vida normal. Tudo que você quer *agora*, você poderia não ter perdido. A sua mulher. Os seus filhos. Uma vida quieta em Prima-u-jir. Mas você trocou tudo para contrariar as pessoas.

— Não... — Começou Lamar.

— Sim. Você largou tudo e ficou com nada. O que achou da troca?



Era aquele mesmo olhar condescendente que não havia visto, mas tinha traduzido em palavras. Até no que *dizia* o mago conseguia imprimir a influência daquelas pupilas de monstro.

— Eu quero o que acabou de me prometer, Lamar. A localização de Faobo, *se* esse for o nome verdadeiro dele. Amanhã vamos para Den-utenbergo, e depois para Imiorina. E quando chegarmos lá você vai poder voltar para a sua família.

— Você vai me libertar? — Atirou Lamar antes que pudesse pensar.

— Sim.

— P-por quê?

Dier avançou o corpo de novo, juntando as pontas dos dedos de uma mão às pontas dos dedos da outra.

— Porque eu já vi muitos alorfos nessa minha pequena pesquisa. Alorfos de verdade, que *assim como Nereda* preferiram *morrer* a fazer qualquer coisa que pudesse, *mesmo que indiretamente*, prejudicar algum companheiro.

Tecnicamente, nem sabia se Faobo era um alorfo.

Mas *e se fosse?*

— Você não é um deles, Lamar.

Capítulo 26

Vergonha

Joana podia ver o brilho nos olhos duros da líder do Parlamento, cuja língua umedecia os lábios, só então se descobrindo secos. Deixou de olhar fixamente para ela ao pensar que alguém poderia perceber.

— Então vencemos... — Comentou a mestra, escorada na poltrona com o ombro esquerdo mais alto que o direito.

— Sim. Chegamos ao mesmo tempo que a frota de Al-u-een e conseguimos impedir que eles invadissem Rouneen.

O general da marinha da cidade trouxera aquela mensagem ao Parlamento. Seu corpo robusto — pescoço, braços e pernas grossos como troncos de árvore — fazia a capa negra que vestia parecer apertada, os botões aguentando a pressão do peito amplo com dificuldade. Ele, contudo, falava com tranquilidade e, de mãos para trás e sobranceiras levemente voltadas para cima, parecia completamente à vontade.

— Quanto tempo até que as tropas de terra cheguem a Karment-u-een?
— Perguntou uma parlamentar numa cadeira no andar térreo, do mesmo lado que os filinorfos.

— Não sei ao certo, mas a estimativa da ação desde a saída das tropas sempre foi o dia treze. Isso não deve ter mudado.

A mestra concordou mais uma vez, seu bom humor se expressando de maneira muito similar ao cinismo que compunha seu tom habitual.

Quatro dias depois do fracasso da execução de Anabel, precisavam de notícias boas vindas da guerra. Não demoraria muito para que os preculgos entrassem em ação de novo, espalhando a boa nova e enterrando de vez a memória recente da prisioneira que encontrou um jeito de escapar à punição: cometeu suicídio dentro da cela. E é *claro* que ninguém poderia ver o corpo.

Joana ainda balançava a cabeça quando escorregou discretamente para o lado.

— André... — Sussurrou. — Como é Rouneen?

Ele virou o rosto para ela levemente, fazendo beijo.

— Não sei.

— Pergunta pra Luana do teu lado...

A mestra agradeceu a presença do general e o dispensou, dizendo que logo deliberariam quanto ao que fazer a seguir. Joana ajeitou-se na posição assim que ela começou a falar.

— Concedo a palavra aos magos de Roun-u-joss.

Joana engoliu ao mesmo tempo em que levantava. Começou a se movimentar para ir até o centro da arena.

— Não, fale de onde está. — Ordenou a mestra, a voz serena num rosto severo.

Joana sentiu em parte raiva por receber ordens da espólica, noutra parte alegria por ver que o plano seguia bem.

Afinal, falar de sua posição significava que não eram mais apenas visitantes.

Sentou-se, procurando um ponto de apoio para onde olhar na multidão de faces. Havia muitas, já que mesmo as do próprio lado da sala se viravam para olhá-la diretamente.

— Gostaríamos de saber, eu e os meus companheiros de Roun-u-joss, qual foi a decisão de vocês.

Joana concentrou-se, sem um porquê, num único rosto logo abaixo de si. O político tinha feições longas e pálidas, com o cabelo arrepiado quase roxo de tão escuro. Depois de girar os olhos mecanicamente para longe da maga, foi-se também o rosto inteiro e por fim o corpo, distanciando-se, num prelúdio sintético ao que o silêncio prolongado já dizia, de qualquer compromisso com o que quer que viesse em seguida.

— Nós debatemos o assunto, na verdade, e... — Começou a mestra, juntando e separando as mãos conforme se explicava. Joana voltou a olhar para ela. — na situação atual, levando em conta a guerra, o melhor a fazer é esperar.

Joana respirou fundo, centrada.

— Além disso — Continuou a líder do Parlamento. — com o perdão da constatação, mas... Roun-u-joss vai ser derrotada, e quando isso acontecer vocês terão todo o apoio que precisam, eu tenho certeza.

Antes que ela terminasse de falar Joana já balançava a cabeça, veemente.

— Vocês não entendem. Roun-u-joss é uma potência militar que está nas mãos de não-magos — Pressionou ela, falando só com a mestra ao martelar cada palavra. — e nosso povo é *extremamente* orgulhoso. Vocês só pensam no que precisam fazer para acabar com o exército deles, mas depois que a cidade cair o povo ainda vai estar de pé e não vai ser fácil segurar eles. Eles *não vão* esquecer uma humilhação assim fácil.

A mestra voltou os olhos para a bancada do outro lado da sala, onde a conversa reacendia.

Joana sabia que tinha tocado num ponto sensível: a guerra pegou os filinorfos de surpresa, mas morando com um parlamentar descobriam em

tempo real todas as alianças e as inimizades entre as cidades, além dos caminhos dos exércitos. Al-u-ber não possuía inimigos ao norte e a oeste: sua prioridade quase única era lançar uma coluna de guerreiros em direção ao Sul, onde deveria primeiro recuperar Karment-u-een — junto às tropas da própria cidade que, tendo fugido, recuaram para recuperar o território depois. Mas isso trazia angústias: as cidades que eles poderiam em tese enfrentar eram algumas das mais contrárias à magia. Precisaríamos ser ocupadas permanentemente, o que dividia opiniões no Parlamento.

Joana queria brincar com aquela divisão, pondo os dedos nas extremidades da ferida e esgaçando-a até rasgar o tecido por completo.

— Seria muito mais fácil se os magos lá fossem fortes. — Continuou ela, tentando atrair atenção de novo. — O jeito como vocês lidaram com o aviso sobre a guerra foi genial, foi... É *deste* tipo de força que nós precisamos. Nós não poderíamos fazer as promessas que vocês fizeram, não da mesma forma, mas precisamos desses magos, esse *número* de magos, pra fazer a diferença.

— Podemos discutir melhor a questão. — Garantiu a mestra. — Mas precisamos consultar o Conselho primeiro.

No período quieto que antecedeu a fala Joana olhou para os companheiros ao lado por um momento. Só eles puderam vê-la daquele jeito, travessa e esperançosa; sem contexto, parecia prestes a cometer um crime com prazer.

— Queremos pedir outra coisa também. — Não havia o que esperar para explicar a novidade, mas ela esperou mesmo assim. — Eu tenho uma certa... Vergonha de falar sobre isso. Me dá vergonha.

Galvino espremeu os olhos, curioso.

— Gostaríamos de... Pedir por outros nomes... De outros magos em Roun-u-joss.

— A vergonha é evidente! — Exclamou a mestra, as sobrancelhas convergindo ao nariz. — O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que nós quatro somos os únicos magos que *nós quatro* conhecemos em Roun-u-joss. Se vocês não querem colaborar *pelo menos* peçam ao Conselho dos Magos, perguntem por nós se há *outros* magos que eles conhecem na cidade.

Uma massa instantânea de negativas voou em direção à bancada alta dos quatro. As reações iam do sucinto “não” ao simples “*jamaís!*”, passando por frases inteiras vindas dos mais extremados, que levantavam-se para, com os braços abertos a sinalizar o tamanho da loucura, bradar “mas o que você quer é uma *lista!*” por sobre o mar de barulho.

Joana se levantou no instinto, observando cada mago na sala um pouco de cada vez, com a boca semi-aberta; os companheiros, sem entender que ela só admirava, maravilhada, o poder que tivera sobre os magos sem precisar

de Neborum, ficaram de pé para apoiá-la caso aquilo fosse algum tipo de improvisação.

Já quase todos de pé e de testa enrugada, reuniam-se em círculos para expressar juntos a indignação. Mesmo os mais brandos, que diziam que a ajuda aos magos da cidade poderia, no fim das contas, beneficiá-los, reconheciam que demoraria dias e dias para se compilar uma lista como aquela; talvez até metade de uma estação.

Mas em geral dizia-se que uma lista era demais. Nas mãos erradas, e geralmente era a elas que as listas interessavam e nelas que caíam, eram demasiado perigosas.

Voltaram todos a prestar atenção nos magos de Roun-u-joss, e nem sempre de maneira amistosa. Alguns sugeriram que aquilo era arriscado, e que seria melhor apenas ajudá-los, como no pedido original. Outros diziam que a proposta era suspeita — e que eles eram impostores, quem sabe até filinorfos, e deveriam ser expulsos do parlamento. Alguns achavam que aquilo tudo era muito perigoso, especialmente em tempos de guerra, e que seria melhor se os intrusos fossem embora de uma vez, por favor, obrigado.

Joana se recompôs, encarnando o orgulho ferido com o qual defenderia de cara amarrada o pedido.

— Vejo nessa sala tantos e tantos magos! — Disse ela uma vez, o dedo em riste passeando à frente do corpo. — Vocês não sabem como é morar numa cidade em que os magos se contam nos dedos de uma *mão*!

Um mago mais velho — o mesmo que havia interrompido a sessão da última vez, momentos antes que o aviso sobre a guerra — ameaçou subir ele mesmo à bancada e não só tirá-los da sala à força como dominá-los todos se eles não se retirassem imediatamente.

Os companheiros de Joana deram um curto passo à frente, tentando indicar que ele sozinho não faria nada daquilo. Estava sozinho, de fato — outros parlamentares o convenciam a sentar-se de novo e se acalmar.

Joana, que não podia ameaçar um parlamentar em seu próprio Parlamento, continuou a encará-lo até ele deixar de encará-la primeiro. Estava preparada para defender seu castelo o tempo todo, certa de que ele tentaria alguma coisa. Desde o momento em que ele pedira licença para travar os planos deles, com aquela voz esfarelada e pretensiosa, ela já sabia que o odiaria. Era só questão de tempo.

A casca de bravura lhe garantiu, pelo menos, a promessa de que o pedido seria estudado nas futuras sessões. Joana saiu do Parlamento rindo por dentro — e assim permaneceu pelo resto do dia, como se pudesse ouvir onde quer que fosse, só para si, os sons de uma flauta particularmente doce.

Capítulo 27

Não

Uma maçã, um tomate, um cacho de bananas e um figo.

Com as mãos na cintura Gustavo olhava no escuro para o que conseguira trazer da rua. Ele dispôs a oferta magra em cima da mesa empoeirada, e passou os olhos por uma, depois por outra, e depois por outra, sem se decidir. A maçã estava bem vermelha; a banana, bem amarela. O tomate, com uma região esverdeada que sumia numa transformação difícil de acompanhar.

Com as unhas grandes das duas mãos coçou a cabeça. Olhou para trás, observando a cozinha abandonada seguir até a porta, onde começava a sala abandonada de uma casa abandonada. Sem minérios de luz e sem camas, só restavam alguns móveis e algumas cadeiras, mas felizmente também as cortinas grossas que, deixando passar só um pouco da amarelidão do sol, escondiam os dois dos vizinhos que sabiam que não deveria ter ninguém morando ali.

Anabel acordava, lenta e inexpressiva, do cochilo em cima de um tapete azul-marinho que fazia Gustavo espirrar. Levantou o tronco, permanecendo sentada no chão.

O fugitivo pegou uma banana e foi para a sala. Começou a descascá-la enquanto se aproximava da companheira, não exatamente voluntária, de fuga.

Na casa não havia roupas, e o balde de água pouca tinha servido para dois banhos igualmente insatisfatórios, e depois os corpos voltaram para os mesmos panos degradantes. No caso da garota, pelo menos eram escuros, e a sujeira não ficava tão aparente.

— Isso é uma banana? — Perguntou ela, com os olhos inchados.

Gustavo assentiu.

— Sim... Você quer?

Ela fez que não.

— Você não devia sair... Vai ser pego...

— Ou vou morrer de fome com você... Então...

Gustavo já tentara todo tipo de conversa com ela. Anabel se recusava a fugir para mais longe, ou a conversar sobre o porquê de ela ter caído naquela espiral depressiva.

Insistia que nada acontecera com ela na prisão — exceto a descoberta de que queria, absolutamente queria, morrer. Tinha certeza de que ninguém a tinha invadido, porque ela checava sempre seu castelo; ou era pelo menos o que dizia.

Foi indiferente à ideia de Gustavo de vasculhar ele mesmo seu castelo. O que ele faria, se não achasse que estava fraco demais para se preocupar com aquela empreitada. Se alguém a tivesse dominado, poderia dominá-lo também — teria que convencer Anabel a voltar ao normal presumindo que seu problema não era mágico.

— N-ão quer a banana mesmo? — Ele continuou, podendo ver perfeitamente o contorno familiar do não. — E-eu trouxe também outras coisas, eu...

O não continuava sendo um não, e ele sabia disso.

Jogou a banana na parede, que quicou num baque surdo até parar perto da abertura para a cozinha. Começou a coçar o couro cabeludo de novo.

Deixou-se cair para trás — coçava e coçava mais e mais. Não sentiu a lágrima se espremendo pela fechadura dos olhos porque ela já era da casa.

Alcançou as costas na parede e bateu nela com a mão fechada, instantâneo, indiferente, inconformado — e tentou se acalmar, gritando em silêncio para os dedos das mãos que não ousassem coçar a cabeça de novo.

Olhou para o corpo à frente. Um corpo fraco; uma mente em frangalhos. Só o passado o unia àquele outro corpo fraco e teimoso.

Lembrou-se do pai.

— Você me atacou mesmo, Ana?

Notou uma virada de rosto para ele. Daria tudo para saber o que ela estava pensando antes de ela responder.

Esperou uma eternidade antes de insistir.

— Você me *atacou* para gostar de você, Ana?

— Sim. — Sussurrou ela de volta.

Gustavo riu e assim que o fez assustou-se com o caminho sem volta que o rosto fez, abrindo-se num choro dolorido.

— Não... Não... — Implorou ele, esganiçado. — *Não é verdade...* Você só diz isso porque acha que eu vou te matar, e-e que... Porque... Você quer *morrer!*

Foi para Neborum porque lá ele sabia que podia não chorar.

Deixou o corpo à míngua, e percebeu que só no próprio castelo podia ver o sol. O dia estava nublado, na verdade. Não soube quanto tempo demorou ou como tinha decidido chegar lá, mas estava a um passo da porta escancarada da própria sala verde.

Entrou, e admirou a obra grandiosa. Havia centenas, talvez *milhares* de molduras; várias verdes e várias rosas. Algumas poucas tinham cores diferentes, mas todas em tons calmos.

Era como se pedissem paciência e Gustavo, que caminhava pelas galerias de desenhos emoldurados, obedecia.

Os quadros enchiam cada estante, das prateleiras de tal forma que as de trás nem estavam visíveis — só estavam lá, como se esperando um momento para substituir uma outra. Não se podia saber as cores das paredes, nem mesmo do teto; os retratos só não cobriam pequenos buracos nos quais ficavam minérios alaranjados que compensavam a falta de luz natural da sala. As janelas estavam também cobertas de quadros de Anabel.

O pai o forçara a visitar a sala, mas o miolo estava diferente: saíram as mesas, e as estantes eram de fato formas mais eficientes de empilhar e agrupar os quadros.

Andou até uma e pegou um desenho na mão. Sem fundo, função que o papel amarelado exercia, e só desenhada aos contornos, Anabel sorria.

Gustavo riu, passando a mão no vidro por cima do rosto dela. “Há quanto tempo...”.

Piscou os olhos e se viu na sala escura de novo. Nada parecia estar acontecendo; ele não chorava. Voltou para Neborum.

Olhou ao redor e acreditou que estava diante de uma obra calculada.

Tinha a moldura na mão, e era uma só, das tantas e tantas — mas queria destruí-la. Não da mesma forma como jogou a banana na parede, mas sentiu um impulso enorme de fazer uma limpeza em sua sala verde. Talvez descobrir se as paredes eram verdes.

Mas conseguiria? Afinal, não era possível fazer magia em si mesmo.

Olhou uma última vez para o rosto desenhado de Anabel e deixou o retrato cair. Continuou intacto, já que o impacto não era o bastante para quebrá-lo.

Desistiu daquilo e voltou para Heelum. Anabel continuava ali, meio levantada, meio deitada, não parecendo ter se movido em qualquer direção.

— Eu fugi do meu pai, sabia? Deixei ele com um grupo de filinorfos.

— O meu fugiu quando eu fui presa... — Respondeu ela.

Gustavo franziu o cenho, achando estranho não ter se preocupado em perguntar o que tinha acontecido, afinal, com o pai dela.

Aquilo era terrível, mas seria o bastante para causar o estado dela? Eles eram próximos, pelo que ele se lembrava, mas não tanto...

— Ele morreu? — Perguntou Anabel. Gustavo demorou para entender que ela falava do pai dele.

— Eu não sei.

Anabel voltou a se deitar.

— Me entrega de volta, Gustavo... Me leva de volta...

Sentiu como se segurasse um dos quadros na sala verde na mão. Frágil, mas Gustavo não sabia se podia quebrá-lo. Ou o que aconteceria com ele se tentasse — ou, ainda, se conseguisse.

— Não. — Respondeu ele.

Capítulo 28

Água para os mortos

A sala dos músicos parecia-se com a do Mina de Prata, embora todas as salas do tipo no fundo se parecessem. Era um quadrado quase livre de móveis, com apenas um aparador quase inútil de tão fino, abaixo de um espelho manchado e mal emoldurado. Na varanda, curta e não muito separada do resto, havia uma janela do tamanho de um rosto na parede rosa-podre, um sofá marrom com cheiro de biscoito velho e, no canto, um banquinho com uma jarra de água pela metade e um copo com marcas de boca nas bordas.

Fjor foi o primeiro a entrar, trazendo o baixo para guardar na capa que deixou largada no chão. Leo o impediu, segurando-o pelo braço.

— A gente tem que conversar.

O irmão encostou-se à parede com o pescoço do instrumento ainda na mão esquerda. Leila e Beneditt entraram na sala, ela passando entre os irmãos e indo jogar-se no sofá; Beneditt parou já depois da porta, observando a tensão na sala com uma atenção obsessiva.

— Você quer sabotar essa banda, não quer? — Provocou Leo.

— Não. — Respondeu Fjor, balançando a cabeça num arco tão pequeno quanto o sorriso que deixava aparecer.

— Você foi debochado, você tocou *mal* e você *não toca mal*, Fjor!

— Que estranho, porque é exatamente assim que Seimor manda eu tocar. — Fjor continuou, enquanto Leo negava. — Você está admitindo que rock de cidade é ruim, só isso.

— Não, não é verdade isso, é, Beni? — Leo apontou o dedo para o baterista. — *Você* esteve em todos os ensaios e você *sabe* que não é assim, não é?

— O Seimor me parou na saída do palco e disse que achou a bateria muito agressiva.

— O quê?! — Reagiu Leo.

— Eu não aguento mais esse idiota. — Disse Fjor, abaixando para guardar o baixo como queria antes. — Eu não sei por que ele tem que pessoalmente assistir cada apresentação nossa se um policial podia fazer isso como eles falaram que iam fazer.

— Eles falaram que iam ser “agentes especiais”, não policiais... — Corrigiu Beneditt. — E eu acho que sei por que ele assiste à gente toda noite.

Fjor ficou em pé de novo, terminando de fechar a capa, enquanto Leo ficou à espera da resposta. Leila sorria como uma criança sonhadora, os lábios guardados atrás de três dedos da mão esquerda amalgamados, os olhos voltados ao chão.

— Nós somos a única banda que têm potencial de rebeldia.

Fjor balançou a cabeça, rindo um pouco com metade da boca. Foi sentar-se ao lado de Leila, que abriu um espaço para ele.

Beni foi até a jarra de água e encheu o copo sem muito cuidado. Olhou para as próprias mãos por uns segundos antes de abaixar a jarra e jogar a água no copo no rosto de Fjor num gesto que parecia bobo de tão quieto e trivial.

Largou o copo de volta no banco a tempo de Fjor levantar-se e empurrá-lo contra a parede oposta. Bateu com as costas no espelho e no aparador, só indo para frente num salto quando o espelho caiu e rachou atrás dele.

Leo se pôs entre eles e Beneditt, depois de sustentar o olhar do baixista como numa disputa sem critério, saiu da sala só desejando ter visto a reação de Leila àquilo tudo.

Fjor, ainda com o peito inflado e o rosto molhado, pegou o baixo de supetão pela alça da capa e quis atropelar Leo para sair da sala. O irmão tentou impedi-lo, pedindo que ele não fosse brigar com Beneditt.

— Eu não vou brigar com ele. — Fjor tentou dar a volta em Leo, sem muito espaço para a manobra. — EU NÃO VOU BRIGAR COM ELE, LEO, SAI DA MINHA FRENTE!

Leo foi parcialmente andando, parcialmente empurrado até a parede. Bateu a porta com força quando Fjor foi embora, começando a soluçar assim que o fez.

Andou em círculos apertados, andando por cima de caquinhos de vidro, agoniado por não saber onde colocar as mãos para evitar que chorasse.

Olhou para Leila, que parecia pairar em algum outro lugar, e ajoelhou-se diante dela. Sentiu uma ponta de vidro pressionar-lhe o joelho através da calça.

— Leila... Me perdoa se eu fiz você acreditar que... Que isso aqui ia ser um sonho, que ia... Que ia ser o fim dos nossos problemas, o-o começo dos nossos sonhos, de ser uma banda, de ser... — Parou para engolir uma palavra ou outra que ele não conseguia dizer; o discurso voava pela cabeça mais rápido do que ele conseguia falar. — Me perdoa...

Precisou apertar os olhos quando Leila segurou seu rosto entre as mãos e encostou sua testa à dele. Fez seus lábios se encostarem por um ou dois segundos; Leo reagiu tarde, pondo as mãos sobre as mãos dela quando o

beijo acabou. Se deixou levar por si mesmo para frente, não querendo deixar aquele momento ir embora, mas Leila recuou.

— Leo... — Sussurrou. — Estamos todos mortos...

Ele balançou a cabeça, olhando-a nos olhos úmidos e dizendo:

— Não, Leila... Não... Estamos *vivos*!

— Isso é só um sonho seu.

Leila se levantou, passando o punho no rosto assim que os braços deixaram o amigo. Verificou a sala uma vez mais e foi embora sem esperar por Leo, que ficou exatamente onde estava.

Capítulo 29

Vento para os vivos

Pôs a mão na maçaneta, parando assim que o terror da decisão a atingiu; torcia para não ter feito o trinco mexer do lado de fora. Possivelmente não veria nenhum deles nunca mais. Mas vê-los, qualquer um deles, poderia convencê-la a desistir. Não sabia se queria abrir a porta.

— Leila, eu... Estou indo embora... Então... Eu só queria ver você, se você está me ouvindo e só não quer me ver, só...

A rapidez com que a porta se abriu assustou Beni. Ela, que carregava um rosto alarmado dos olhos aos fios de cabelo, viu a maleta à direita dele. Todos, a mala, ele e ela, vestiam preto, não importando quão velha ou desconfortável as roupas e os sapatos fossem. A noite se consolidava com as horas, e Beneditt logo se perguntou se ela também, por coincidência, planejava não ser vista.

— Eu também vou. — Disse ela.

— Tem polícia e exército no hotel, Leila. — Disse ele, inclinando o rosto num último desafio.

Leila fez que não com a cabeça.

— Não me desanime, Beni... Não agora...

— ... Eu sei de um jeito. — Sussurrou ele.

Um sorriso de fome tentou quebrar a resistência da guitarrista, que logo o controlou sem conseguir tampar a luz que surgira em seus olhos.

— Você me espera?



Um minério anil na rua lançava no teto uma fraca projeção da janela quadriculada do escritório de Seimor, mergulhando Beneditt numa escuridão geométrica. Tateou a escrivaninha do agente, suando nos pés, nas mãos e por detrás das orelhas, mas não encontrou nada.

Pôs-se a vasculhar os armários na parede da porta. Na primeira gaveta que abriu quando começou a inspeção de baixo para cima encontrou as duas barras de ouro. Sorriu enquanto as colocava nos grandes bolsos internos da capa que Leila lhe emprestara.

Saiu da saleta e tornou a fechar a porta, entrando na luz laranja que enchia o largo corredor amarelo. Correu até o final, querendo sair dali o mais rápido possível, e logo estava quase no fim da escada de corvônia e corrimão prateado.

A sala parecia mais fria que o corredor, embora uma janela aberta e claros minérios azuis não pudessem fazer tanta diferença assim.

Parou, quase se engasgando com a própria saliva quando Seimor entrou na sala pela esquerda, numa abertura para algum lugar além da parede do relógio.

Beni pôs as mãos na capa pelo lado de fora — envergonhado pela estupidez do ato imediatamente após fazê-lo — e olhou fixo para o agente musical que parecia deslizar pelo chão atrás do sofá ao invés de andar. Sua barriga parecia ainda maior. Seu rosto, esculpido em desprezo e jamais retocado, acompanhava as mãos fechadas que balançavam ao lado do corpo, ameaçadoras como Beneditt nunca as percebera. Ele não conseguia parar de olhar para aquelas mãos.

— O que está fazendo na minha casa sem a minha permissão?

Beneditt recuou, vendo que não estava tão longe da parede atrás de si quanto parecia. Ele seria preso — não havia para onde correr, e tentar atacar Seimor não lhe parecia uma opção.

Mas e Leila?

Desgrudou-se da parede, o que fez Seimor parar de andar.

— Você é um ladrão *nojento* vivendo debaixo do meu nariz. — Cuspia Seimor. — Eu vou levar você à polícia e você vai descobrir o que se faz com ladrões em Jinsel...

Beni esperava por alguma reação a mais. Alguma solução para aquele jogo de olhares, de posições; perda de um tempo que ele não tinha para perder.

Por outro lado, nunca lutou em sua vida e não sabia se conseguiria enfrentar Seimor. A ideia de um soco lhe era tão estranha que não conseguia imaginar exatamente que movimentos devia fazer para... Fazer um. Talvez fosse melhor desistir de uma vez. Aquele nunca foi um bom plano...

Seimor deu um confiante passo à frente quando a porta se escancarou. Beneditt viu um sarrafo cilíndrico girando numa curva que fez o ar uivar.

Seimor caiu às tosses e aos tropeços ao ser atingido no peito; a madeira escorregou das mãos de Leila e voou até o lado dele no chão.

Assim que o viu no chão, respirou mal e avançou, urgente, para chutar suas costas.

— BENI... — Punha a mão no sapato do pé violento, agora dolorido, enquanto se apoiava no outro. — *VEM!*

Beneditt desviou com cuidado de Seimor e logo correu para alcançar a companheira. Pararam para recuperar as malas escondidas numa servidão

do outro lado da rua e esperaram, por cinco ou seis respirações pesadas, ela dizer que estava bem o suficiente para correr de novo.

Foram saindo das rotas movimentadas assim que possível, e logo conseguiram evitar todas as passagens em que policiais e soldados mantinham guarda na cidade. Mais tarde ele a puxou pela mão, entrando numa rota pouco notável já nos limites da jir central — caminho que ele planejara para a fuga.

Por todo o trajeto, às vezes escuro, às vezes iluminado, às vezes rápido e às vezes afobado, ele olhava para trás e para os lados — cuidava que, à esquerda, Leila estivesse mesmo ali com ele; que no passado próximo a aventura não tivesse sido um sonho, e que nas próximas horas a parceira não sumiria nem sofreria mais.

E a cada vez que o fazia, apesar de ver em seu rosto ainda a preocupação justa que ele também deveria estar sentindo, sorria. Era quase como se correr fosse tudo que a liberdade tinha a oferecer, e talvez fosse; disso ele já sabia quando garoto, época em que andar parecia um desperdício de tempo e só correr o deixava feliz. Sorria, e deixava o vento bater no rosto à vontade. Nada poderia parar aquela história.

A inteligência das exceções

A noite abraçava Heelum de um jeito diferente no campo. Para compensar o jeito como fazia o mundo parecer mais hostil, e cada pessoa sentir mais solidão, trazia mais (e mais brilhantes) estrelas que nos centros. Trazia também um som contínuo de fundo que, se Rainha achava no início um tanto ameaçador, logo mudou de ideia. Passou a achá-lo reconfortante.

Havia muito a ser feito, pensava ela enquanto arrumava e desarrumava o cabelo com as mãos. Estava sentada à frente da janela mais ampla do castelo, num saguão secundário no térreo em que havia vários sofás e uma lareira. Vermelho e bem iluminado com minérios de cores quentes, mostrava que o salão fora feito para a época que já acabava — o frio ia embora, e os móveis foram rearranjados por ela para permitir que se sentasse em uma poltrona e descansasse os pés em outra.

Não precisava apenas levar adiante toda a parte documental do processo de divisão de terras, mas antes saber como dividi-las — uma negociação que, descobrira já no primeiro dia em que se envolvera de fato com ela, seria complexa. Envolvia tradicionais brigas entre jirs. Nunca achou que aquele lugar era de fato assim, mas saíra da reunião com uma terrível dor de cabeça e uma mágoa que a fizera dizer, autoritária, que não queria mais saber de nada: Lenzo é que cuidaria de tudo para ela.

Sorriu por um tempo, até pensar que se parecer com seu pai não era exatamente engraçado.

Ainda havia decisões mais difíceis a tomar. Afinal, foi até o castelo para desfazer os nós que o pai fez e que gangrenavam o povo daquela região. Mas aquele era efetivamente seu lugar, no *centro* daquela confusão? Uma redenção que talvez não fosse responsabilidade sua para além da que ela se forçara a ter? Poderia continuar vivendo naquele castelo, das rendas relativamente mais honestas herdadas do pai? Aquele amontoado de pedras bem organizadas — poderia aquilo ser seu lar?

E se não fosse, para onde iria?

Jamais poderia fazer parte de uma jir como aqueles da região — mas certamente acreditava que havia uma razão para as pessoas se juntarem em grupos na imensidão do campo, não estando de antemão empacotados

no centro da cidade. Quando a noite desce, ficar sozinho é um pouquinho terrível. Mas por enquanto estava bem; confortável e debaixo de um teto largo.

— Rainha.

Ela se virou, assustada, a voz masculina desconhecida espalhando um choque pelo corpo. No corredor havia um homem sério e parecendo bem constituído que fixava nela, sem vergonha, seus olhos grandes. Descansava as mãos nos bolsos de um casaco marrom escuro. Tinha lábios finos debaixo de um nariz grande, e suas orelhas se escondiam atrás do cabelo suado preso debaixo de um chapéu marrom claro.

Rainha imaginou se Lenzo voltaria logo. Funcionários que dormiam no castelo ainda estavam longe demais naquele exato momento.

— Você é... — Sugeriu ela.

— Administrador do seu pai... — Respondeu ele. — Meu nome é Haro.

— Não, o... O seu nome é *Kahae*.

Rainha podia sentir seu levantar de sobranceiras.

Ela sabia que o pai só tinha *um* “administrador”. Seu capataz, seu fiel por rosanos, aquele que fazia todo tipo de coisa para o pai enquanto ele estivesse no centro.

— Não. — Respondeu ele, balançando a cabeça ao mesmo tempo.

Deu alguns passos lentos em direção a ela, que se conteve para não gritar ou fugir — recuou um pouco até perceber que ele havia parado. Estava a dois, talvez três passos dela; conseguia sentir seu cheiro, ver os detalhes da pele marcada em que pequenas linhas formavam grades como nas palmas das mãos.

Sentiu-se uma garotinha, seu corpo inteiro cabendo na sombra de um único homem.

— Temos que conversar, menina... Parece que você andou mudando algumas coisas enquanto eu estive fora. Algumas coisas que o seu pai não ia querer fazer.

Rainha engoliu em seco.

— Agora as terras são *minhas* e eu vou fazer o que *eu* quiser com elas.

Haro avançou de supetão, agarrando com força o braço dela; seu nariz, voltado para baixo, quase encostava na testa dela. Ela se voltava para mais baixo ainda, aterrorizada, procurando não olhá-lo mais nos olhos.

— Rainha?

Haro soltou a herdeira de Hourin, voltando-se para o chefe de polícia que entrara no saguão.

— O que está havendo aqui? — Perguntou Dalki.

— Eu estava contando uns segredinhos para ela. — Disse, debochadamente leve. — Até mais.

Ela não viu quase nada da interação entre Dalki e o capataz do pai; só depois que sentiu a ausência completa dele que pôde olhar para o policial.

— Me desculpe por aquilo. — Começou ela, envergonhada.

Dalki inclinou um pouco a cabeça, dando de ombros sem precisar mexê-los.

— Você tem mais desculpas para pedir, embora eu ainda precise te agradecer.

Rainha negou.

— Você já fez isso quando me deixou levar o Lenzo... — Dalki assentiu.

— Mas você falou sobre *outras* desculpas?

— Sim.

Dalki encaminhou-se à poltrona que Rainha havia arranjado para si própria. Com um incômodo que sentiu ser mesquinho demais para ser ignorado, a dona da casa aceitou sentar naquela em que antes punha os pés.

— A notícia sobre as aulas de magia corre a região. A da repartição das terras também.

Rainha engoliu em seco, limitando-se a concordar.

— A magia é proibida em Al-u-een, Rainha.

— Sim, eu sei.

— Qualquer tipo de magia, não só as que os alorfos acham ruim.

— Eu sei disso também.

— E mesmo assim quer dar aulas.

— Eu já estou dando.

Dalki jogou o peso do tronco para o cotovelo esquerdo, coçando a barba curta e espinhosa abaixo da marca na bochecha.

— Só que você não é maga.

— Não, eu não sou.

— Mas Lenzo é.

— A ideia foi minha.

— Não faz dele menos culpado... Assim como qualquer um que entre em contato com a magia e não a denuncie. Foi por isso, aliás, que ele foi preso antes.

— Assim que descobri aquelas cartas, se eu não... Se eu não tivesse ficado...

— Os magos que você ajudou a prender não eram os únicos em Heelum.

— Interrompeu Dalki, duro. — Eles vão vir atrás de você através daqueles que ainda estão soltos.

Rainha se recostou à poltrona, cansada de se perguntar se a falta de cuidado consigo mesma vinha de um sonho de justiça ou de depressão profunda.

— Não me importo com eles... — Resmungou ela.

— Você não sabe o que eles podem fazer quando se sentem ameaçados.

— Eu conhecia a raiva do meu pai e não tinha medo dele.

Dalki franziu o cenho, sentando-se à ponta da poltrona.

— Repartir as terras é um gesto muito raro em Heelum, Rainha, e no seu caso mais raro ainda. É quase como se você pensasse que temos que voltar a viver do jeito que vivíamos com a Rede de Luz. Mas ela não existe mais. E no lugar dela veio a lei. E *magos* demais. Você não está acima de nenhum dos dois.

— Então você vai me prender?

O chefe de polícia se levantou. Rainha pensou ter ouvido a formação de um sorriso que, se passou por ali, já fora embora quando ele se virou para ela.

— Eu deveria, mas por consideração não posso deixar você com os magos que você mesma denunciou.

— Isso e o fato de que não tem espaço na prisão pra trancar todo mundo que está aprendendo magia aqui.

A imobilidade que se seguiu ao concordar sisudo de Dalki fez Rainha ter certeza de que tinha ido longe demais.

— Dou dois conselhos para você, Rainha. Arranje segurança e esconda essas aulas, porque se essas notícias chegarem ao Parlamento vou ter que fazer todo mundo caber, incluindo você, com ou sem espaço.

Capítulo 31

O caminho das ordens

— Nada vai para o Leste ou vem do Leste, a estrada está *morta*. — Disse Gagé, balançando de leve a cabeça enquanto falava.

— Claro, faz todo sentido. — Respondeu Raquel, do outro lado do mapa.
— Ela só leva a Al-u-een e a Roun-u-joss, que são inimigos.

No escuro quase completo da casa segura, o minério iluminava o mapa que Hiram conseguira para eles. Iluminava de um jeito mais fraco que o normal, já que os quatro se espremiavam ao redor dele, tentando decifrar o que tinham aprendido nos últimos dias espalhando-se pela cidade e observando o movimento de charretes que entenderam ser do exército, do governo da Cidade Arcaica ou, em última instância, do Conselho dos Magos.

— Mas ela leva a Karment-u-een também. — Disse Hiram. — E aquela cidade...

— Aquela cidade está *bloqueada* por Al-u-een por terra e por água, porque eles *provavelmente* têm o controle do começo do Rio Ia. — Respondeu Raquel, desenhando o que pensava com o dedo. — Admita, Hiram, seria *impossível* eles confiarem mensagens que precisam ir e vir com frequência a uma região *tão* instável!

— E eles não podem dar a volta porque Ia-u-jambu está contra eles também. — Completou Gagé.

Hiram balançava a cabeça, respirando fundo antes de desapontá-la.

— Ainda penso que Karment-u-een é a chave...

— Eu estive lá e não há *ninguém* passando por lá. — Recomeçou Gagé, contendo a indignação de Raquel. — Estradas secundárias, e-eu alternei entre as jirs, e... Nada. *Nada*. Não há *ninguém* viajando para lá.

— Você só não quer admitir que está errado. — Disse Kan.

Hiram levantou as mãos, mostrando as palmas para os colegas.

— Tudo bem! — Disse, cômico. — Eu me rendo!

— No Oeste temos uma noção melhor, mas... — Começou Raquel, o indicador travado em cima da bifurcação ao pé da Montanha Kor. — Há muitas mensagens nas duas direções.

— O caminho todo pela floresta Al-u-bu é muito perigoso. — Comentou Gagé.

— Mas a viagem até Enr-u-jir é rápida. — Argumentou Hiram. — E lá é outro lugar em que um Conselho dos Magos seria construído e escondido com certa... Facilidade...

Falava as últimas palavras já exasperando, tentando ver o que se recusava a aparecer. Kerlz-u-een era a única alternativa, mas uma cidade com alorfos e filinorfos tão ativos parecia ser o último lugar para se instalar um Conselho dos Magos.

— E no Sul, Kan? — Questionou Hiram.

— Nada. — Respondeu. — Mas eu não fiquei sempre no Sul.

Havia claramente um limite pelo qual estavam dispostos a esperar pelo suspense numa situação como aquela.

— *Fala!* — Reclamou Raquel.

— Para onde mais você foi, Kan? — Traduziu Hiram.

O mago pôs o dedo sobre o pequeno porto da Cidade Arcaica.

— Segui uma charrete. Vi que os barcos que fazem a travessia primeiro *param* do outro lado para deixar algumas charretes... E depois continuam.

— O *quê?*

— Mas para onde elas vão? — Perguntou Gagé.

— Eu perguntei... Alguns disseram que era um atalho para Imiorina.

Hiram girou o mapa para ele. Desenrolou uma outra porção à esquerda e viu que não havia nenhuma estrada, nem mesmo uma que se formalizasse mais tarde naquela mesma região.

— O Conselho fica em *Imiorina*, então? — Conjecturou Raquel.

Kan balançou a cabeça, descartando a ideia. Um largo sorriso apareceu tão devagar no rosto de Hiram, sendo construído com tanta satisfação, que Raquel sentiu a ideia contagiá-la apenas pelo prospecto de alguém tê-la descoberto. Gagé, que percebeu a transmissão de alegria, perguntou se algum deles tinha descoberto alguma coisa.

— *Sim...* — Murmurou Hiram, estudando o mapa.

— O Conselho dos Magos não está em cidade nenhuma. — Disse Kan.

— Não é exposto, não é arriscado, ninguém precisa saber que existe e só quem já foi lá sabe onde fica! — Disparou Raquel.

— Aqui no meio a distância das cidades fica equilibrada... — Comentou Gagé, lidando com a surpresa com um estado quase catatônico.

Hiram, que ainda sorria, abriu a mão inteira por sobre o bloco do mapa em que estava a região suspeita de abrigar o Conselho dos Magos.

— Amigos... — Disse ele, continuando a frase fora do ritmo. Talvez estava cansado de esperar pelo discurso adequado. — Temos que chegar lá.

Parte V

O que for preciso fazer

Capítulo 32

O medo revela

Byron jogou os olhos para cima sem mexer o pescoço para olhar a entrada mansa, de braços cruzados, de Tornero na sala.

— Como está ele? — Perguntou Tornero.

— Preso. — Respondeu Byron, sentado à escrivaninha, terminando de assinar os papéis que levava longo tempo para ler.

— Por que não o mata logo?

O mestre bomin tirou os óculos com a mão direita, substituindo o rosto de Tornero por um borrão. Segurou as hastes finas entre os dedos, analisando resignado o quanto sentia falta de andar livremente em Neborum, onde não precisava usá-los.

— Ainda tenho informações a serem obtidas.

— E por que ainda não obteve?

— Está me interrogando, Tornero?

— A presença dele é um incômodo *completamente* dispensável, mestre, se o senhor...

— *Eu* decido o que é dispensável dentro dessa casa, Tornero. — Interrompeu Byron, colocando os óculos de volta. — Ele ainda não acha que tem algo a perder, então resiste. É só uma questão de tempo.

Tornero concordou com a cabeça.

— Eu achei os parlamentares fugidos.

— Onde?

— Em uma jir do Sul.

— Muito bem. Encarregue-se disso.

Levantou-se e começou a pôr o casaco laranja, enganchado na parede à direita, sem ver que Tornero franzia a testa. Apostava num sorriso. Até cogitou adicionar à ordem um “eu sei que você vai gostar disso”.

— Esse é o *seu* cargo, mestre, não o meu.

Byron respirou fundo enquanto terminava de alinhar bem o casaco ao corpo; reprimiu o espasmo na espinha e deu três passos até chegar perto de Tornero o suficiente para forçá-lo, em tese, a dar um passo para trás.

Em tese, já que o passo não foi dado.

— Você vai fazer o que eu mandar, Tornero.

— O cargo é o de *parlamentar*, mestre. — Respondeu Tornero entre os dentes. — Já avisei o Parlamento e eles estão esperando o *senhor* para fazer planos.

Byron recuou, desviando do aprendiz rumo à porta.



— A mensagem era de Kor-u-een. — Explicou Frederico, depois de ler a primeira das cartas que o funcionário trouxe para a sala de reuniões. — Pedia ajuda contra o Conselho.

Sem sentir que era necessário responder àquilo perante os outros, o mestre tirou de dentro de um envelope amarelo comum a segunda carta do dia. Estavam todos presentes, de Byron a Marco, passando pelo silêncio calculado de Alice, a impaciência petulante de Luca e a alegria exuberante de Ângela.

Mestre Frederico de Prima-u-jir,

Esta carta deve ser lida em silêncio por você apenas, no exercício de sua função, e imediatamente queimada após a leitura. Mensageiros, bem como demais parlamentares, funcionários, oficiais do exército ou policiais, assim como qualquer outra pessoa, não devem ter acesso direto ao conteúdo desta carta a partir deste parágrafo.

Suas ordens quanto à ação militar da cidade são resistir a quaisquer tentativas de invasão, além de passagem belicosa rumo à Cidade Arcaica através de seu território.

A cidade deve esperar por novas ordens e comunicar à Cidade Arcaica qualquer novo desenvolvimento quanto aos amigos e inimigos do Conselho dos Magos.

Além disso, todo o estoque de esferas de bronze da cidade deve ser enviado para a Cidade Arcaica em um carregamento fortemente protegido. Esta informação não deve ser compartilhada com nenhum parlamentar, funcionário, oficial do exército ou policial, assim como com qualquer outra pessoa.

Saudações cordiais,

General do Exército do Conselho dos Magos,

Evan

Frederico dobrou a carta com cuidado após repetir a leitura.

— Escreva uma resposta — Começou a ditar para o mensageiro, a voz projetada para trás junto com o rosto o quanto possível. — Escreva que Kerlz-u-een e Den-u-pira já confirmaram o apoio ao Conselho... E que Kor-u-een confirmou posição contrária.

- Não vai ler a carta em voz alta? — Perguntou Marco.
- Não... Ordens do Conselho. — Respondeu ele, com um olhar apertado de esguelha. — Ordens de queimar a carta.
- É claro que não precisamos levar isso ao pé da letra, Frederico. — Disse Alice, com um sorriso doce que logo se desfez.
- Não, Alice. — Disse o mestre.

Byron refletiu sobre a resposta invertida. Frederico só podia estar respondendo a uma pergunta — ou tentativa de invasão — em Neborum.

O chefe dos parlamentares da cidade terminou de ditar a carta para o mensageiro, instruindo-o por fim a eliminar a mensagem original.

— Qual é o segredo, Frederico? — Perguntou Ângela, o rosto tão preocupado àquela altura quanto o dos outros. — Acho que merecemos saber!

— Não, não direi. Assunto encerrado.

Byron percebia agora quão difícil era ler as pessoas sem forçá-las, em Neborum, a ter um apreço renovado pela sinceridade — ou pela irritação, o que geralmente era um atalho bom o bastante. Frederico lhe parecia estressado quanto a algum desdobramento de suas atitudes. Talvez reconhecesse a estrutura do sentimento porque já a tinha percebido no espelho nos últimos dias.

— Então temos que sentar e esperar. — Confirmou Luca.

— Sim. Temos problemas mais urgentes também. Byron! — Chamou o mestre. — Tornero esteve aqui e nos alertou sobre o Sul. O que você pretende fazer?

Marco o olhava do outro lado da mesa com serenidade; não parecia estar atravessando-o, como quase sempre fazia Alice, ou esperando dele um constante tributo de proatividade, como Ângela.

Nessa ocasião em especial, contudo, teve certeza de que se recebesse o olhar atento de Alice, a preculga seria capaz de ver que ele não estava bem. Sua própria hesitação, contida toda em um engolir saliva fora de ritmo, já fora o suficiente para atrair dela um olhar de quem iria embora, mas resolveu ficar, de algum jeito, porque ainda há muito que se ouvir num lugar em que há muito para acontecer.



Tornero desembainhou a espada e encostou a lâmina no pescoço de Kerinu, que passou a sentir seu sangue correndo — bom, pensou ele, que há não muitos dias sentia-se um mero boneco dolorido.

O fio da espada roçava na barba, mas parada não machucava. Talvez o bomin só quisesse fazê-lo se lembrar de como era se sentir vivo, para então chantageá-lo com a vida como termo.

— Eu sei no que Byron acredita. — Tornero começou a discursar no escuro, a porta ainda aberta. — Mas não sei o que é verdade. Andei pensando... Se você morrer e Byron ser libertado, eu serei o herói. Se você morrer e Byron ficar preso, eu vou acabar tomando o lugar dele.

Mais uma engolida; se antes sua garganta seca mal fornecia água para engolir, agora parecia ter espasmos no pescoço, o gogó protuberante saindo do contato com o metal para fazer seu percurso amaldiçoado sem descanso.

— Entende como a sua morte é *importante* para mim, no final das contas? — Continuou Tornero, terminando com um sorriso amarelo que se deixava capturar, cínico.

A espada saiu rápido demais de seu pescoço — e desceria de volta num corte preciso em uma fração de segundo e nada mais.

— ELE VAI SAIR! — Disse, juntando todo o fôlego que conseguia achar para transformar em berro o que ainda parecia um sussurro esforçado.

Com a espada ainda suspensa, Tornero não tinha vergonha de devorar o olhar de Kerinu — olhar transtornado, esfomeado, cuja obscenidade maior era a forma poética como, cansado, fazia par com a voz rouca e destruída.

Desviou a cabeça um pouco para ver as marcas nos pulsos gastos, os hematomas na barriga e nas costas onde fossem visíveis, além do fato de que, tirando pela cabeça, seu corpo todo não parecia ter se mexido de todo nas últimas horas.

Guardou a espada.

— Você é corajoso...

— É a coragem que me mantém vivo.

Tornero apertou a bochecha do prisioneiro, que gemeu baixinho. Depois do segundo apertão, puxou seu lóbulo da orelha até sentir que estava quase arrancando-o. Kerinu não fazia ideia de por que ele queria fazê-lo sentir aquela dor em particular.

— É a minha *vontade* que mantém você vivo daqui em diante.



Recostado à parede no lado externo de um dos anéis de casas e pequenos prédios na jir circular ao sul da cidade, Byron engolia com dificuldade, suando de gota em gota avulsa. Sentiu-se tonto; ainda bem que já tinha anadado o que precisava e agora podia só ficar ali, descansando enquanto fingia ouvir a reunião dos parlamentares rebeldes com os moradores da jir.

Tudo o empurrava para a clausura da própria caixa torácica; a proximidade não só dos inimigos, no contexto de sua total impotência enquanto bomin, mas também de Alice.

— Você está *estranho*, Byron.

Ao sussurro tremeu de leve, contendo seu corpo como podia; fantasiava, quando fechava os olhos pela metade, Alice prendendo-o pelos pulsos em um cubículo úmido e mal-cheiroso. Um único feixe de luz, roxo e cheio de contraste, descia reto numa diagonal à parede a partir de uma janelinha no alto; ela, com lábios pintados de vermelho e praticamente só o queixo aparecendo para quem quer que estivesse assistindo de perto à cena bizarra, apertava as costas dele contra si para falar, baixinho e a ponto de arrancar um pedaço de sua nuca, “Você está *estranho*, Byron”.

— Diga logo o que é que você tem.

— Estou doente. — Respondeu, seco, ainda olhando para a parede do outro lado da abertura entre as casas.

— *Doente?* De que doença?

— Só me sinto um pouco fraco.

Se perambular pelo próprio castelo como um guardião paranoico não fosse o que Byron fizesse já quase o tempo todo, pensaria que a maga o ali-ciava a voltar para a visão febril que tinha de seu pesadelo vigilante. “Doente *de quê?*”, sussurrava opaca a boca sem corpo na escuridão.

— Se tivermos que *fugir* daqui eu vou ter comigo um parceiro *doente*. Você percebe o quanto foi *leviano*?

Tentou ignorar Alice, concentrando-se no clamor que vinha da pequena praça ao centro. Tinham percorrido parte do corredor até lá, que era relativamente longo, mas mesmo assim não entendiam muito mais que palavras soltas.

— Se pensa que vou deixar você ir para casa enquanto cuido da sua tarefa para você, está enganado.

— Cale a boca, Alice.

Byron quase não prestava mais atenção em Heelum; da janela com a melhor vista de seu castelo procurava, na posição desprivilegiada pela distância, um castelo em especial no meio da aglomeração.

— Onde está a Caterina? — Perguntou ele.



Quando parlamentar, pensou em denunciar a forma estúpida como o reservatório de minérios foi construído.

O lugar era mal defendido; a cidade não guardava minérios que podiam levar à morte, tanto de animais quanto de pessoas, esta uma determinação provavelmente motivada pelo fato de que isso poderia atrair mais ladrões para um lugar já mal estruturado. Janelas grandes num prédio com um formato irregular, cheio de reentrâncias, e numa área cheia de outros prédios conectados a ele numa quadra — tudo aquilo facilitava uma invasão.

Caterina, que vestia uma capa bordô bem maior que o tamanho mais apropriado para ela, teve que cuidar durante o trajeto para não tropeçar, não chamar a atenção por estar tão coberta, não se cobrir demais para não chamar a atenção, e não se cobrir pouco a ponto de ser reconhecida. Contava com o manto da noite, e o principal contratempo era a ocupação ostensiva do exército em ruas estratégicas, que ela pretendia evitar, o quanto fosse possível, para chegar ao reservatório.

Da última vez que esteve ali, contando com um pouco mais de tempo para planejar o roubo, preparara uma janela para que pudesse ser facilmente aberta pelo lado de fora. Assim que entrou fechou-a, e também as cortinas marrons, voltando-se para as estantes grossas e largas de ferro na sala principal do reservatório, austera e escura.

Passou as mãos pelas prateleiras empoeiradas à frente. Só viu contornos de caixas na ponta próxima à parede.

Foi até elas, afundando a mão nas pedras. Pegou uma e sentiu os lados; perdeu-se na conta com uma mão só e usou as duas. Contou duas vezes. Oito lados. Lembrou que procurava por uma esfera, e se tivesse *qualquer* quantidade de lados é óbvio que não seria uma.

Talvez a confusão viesse da sensação, da qual ela tomava mais nota, de que o lugar estava essencialmente *vazio*. Nos outros corredores as caixas, dispersas, às vezes em cima, às vezes em baixo, carregavam vários minérios diferentes, em quantidades variadas. Os minérios abundantes naquela sala sempre foram as esferas de bronze e as de fogo. Os hexagonais estavam em sua maioria nas casas de saúde; excedentes, quando haviam, eram guardados ali (havia uma ou duas caixas do tipo). Outros eram usados com frequência, então não costumavam se acumular tanto. Os de bronze, contudo, embora não tão amplamente produzidos, acumulavam-se ao longo do tempo ainda mais que os de fogo.

Mas agora não havia nenhuma esfera de bronze sequer. Nenhuma, quantia equivalente à vantagem que eles agora tinham para combater o Parlamento.

O medo revelado

Deixou a porta escancarada; marchou até o quarto de Kerinu, inconsequente. Não podia controlar um serviçal, como quase sempre fizera, para fechar a porta da casa.

Não ouvia mais coisa alguma — ouvia esse zumbido, barulho forte que o deixava irritado o bastante para sequer pensar em Neborum.

Ao olhar para a cama viu um corpo esticado pelos membros e nada mais; já sem alma, sem voz, sem nada, posto que ele era *seu*. Aquele corpo lhe pertencia, sua voz lhe pertencia, e estava cansado de ele mesmo pertencer a essa propriedade em particular. De acordo com a vida que Byron lhe recusaria naqueles instantes, já estava morto. O zumbido garantiria aquilo, ele tinha certeza.

Mesmo que o libertasse para morrer, estaria debilitado demais para se defender de qualquer forma. Há muito tempo a justiça não tinha mais nada a ver com aquela confusão estúpida.

Tirou a espada da bainha e foi puxado para trás; debateu-se, lançando uma cotovelada efetiva e virando para trás.

— MESTRE! — Berrou Tornero, levantando-se rápido e erguendo as duas mãos à frente do corpo, desarmado. — Você *não quer* fazer isso!

— POR QUE NÃO? — Berrou Byron, dando passos circulares em torno de si mesmo.

Berrou uma coisa qualquer, da qual sequer se lembraria depois, mexendo os braços a esmo com os punhos cerrados e os olhos torcidos.

— DIGA, TORNERO!

— Eu estou *DIZENDO*, Mestre! *Acalme-se* como um bomin e vamos para *outro* lugar.

Levantou a espada para o rosto de Tornero, que recuou com o queixo levantado e as mãos mais afastadas.

— Você me desafia... É irônico, não concorda com o que eu faço, me questiona, e tenta me dizer O QUE É SER BOMIN?!

— Guarde a espada porque você não quer...

— PARE DE ME DIZER O QUE EU QUERO FAZER, SEU VERME! *UMENAU* DESPREZÍVEL!

Tornero engoliu a continuação da frase, enquanto a ponta da espada chegava mais perto do seu pescoço; com a arma reta em sua direção podia ver, mesmo à pouca luz, o quanto a mão de Byron tremia em frente a seus olhos vidrados.

— Eu *fiz* de você quem você *É!* E você provavelmente *pensa* que *se eu cair* você vai ter tudo que eu tenho, e deve andar pela cidade como se eu *dependesse* de você mas você deve *saber* que você vive à minha *sombra!* Você tem que ser *posto* no seu lugar, como eu sempre fiz enquanto você crescia mas parece que preciso *voltar* a fazer!

— Se eu quisesse que você *caísse, mestre*, tinha deixado *ele* morrer agora.

O tom de Tornero ainda mantinha a espada de Byron levantada, mas ele não podia mais ignorar o conteúdo. Baixou a espada. Em Neborum não ousou abrir a porta do próprio castelo, não com Tornero tendo ouvido tudo aquilo — mas sabia que ainda não podia sair. Se chegou de fato a assustar Kerinu... Aquilo não teve nenhum efeito.



Tornero tirava a capa e a camisa com lentidão no escritório de Byron, que franziu o cenho ao ver o corte vermelho longo e profundo em seu braço esquerdo.

— O que é isso?

— Foi curado parcialmente para não sangrar.

Uma empregada abriu a porta e entrou na sala. Assustou-se com o ferimento no começo, mas instantes depois agia como se tivesse esquecido dele, quebrando um dos minérios dourados que trazia para continuar o tratamento interrompido. Byron respirou forte, pensando em como Tornero parecia estar fazendo aquilo — justamente o tipo de coisa que o dono da casa *não* podia fazer — para provocá-lo.

— Quem fez isso?

— Um contato. — Respondeu Tornero. A pele reunia-se de novo, um lado da abertura agarrando-se ao outro formando finas pontes de uma gosma rosada que logo se alargaria para formar uma primeira pele. — Você não confiou em mim quanto ao seu *problema*... Mas eu percebi que algo estava errado e investiguei por conta própria.

Byron se levantou. Levou o punho à frente da boca, tentando fazer sentido de um mundo em que Tornero sabia que ele tinha se tornado um mago essencialmente inútil.

Sentou de novo ao começar a se sentir tonto.

— Espero que entenda, Tornero, que se alguém mais soubesse disso...

— Eu me referi a *mim* durante a conversa inteira, mestre, e meu contato não é daqui. — Interveio Tornero, que via os últimos vestígios da cicatriz

provisória sumirem do braço. A empregada, calada o tempo todo, saiu da sala. — Mas já não me impressiona que você não confie em mim...

— Se está tentando me fazer sentir culpado pelo que eu disse, você sabe que não funciona assim. E você não fez mais que sua obrigação ao me defender. Diga logo o que descobriu.

Tornero começou a vestir a camisa.

— Eu disse que um alorfo havia feito algo comigo e me deixado preso no meu castelo. Para provar que era verdade ele disse que ia me esfaquear e que eu deveria pará-lo, o que eu não fiz.

Byron sabia que havia algo de errado naquela história, mas não conseguia dizer o quê. Estava dividido entre a hipótese de que Tornero havia *realmente* deixado alguém esfaqueá-lo e o fato de ter descoberto sozinho sobre seu problema.

Se ele descobriu, por que Alice ainda não? Se ela o tivesse feito, Byron provavelmente já teria sido afastado do Parlamento.

Ou estaria morto, dadas as circunstâncias.

— Ele me explicou que só o mesmo alorfo pode desfazer a técnica, e que se ele morrer não há mais como revertê-la.

Byron pôs os olhos para caminhar pela sala enquanto Tornero terminava de colocar a capa.

— Kerinu não confia em mim... — Disse Byron. — ... Eu tenho que mudar isso.

— Você quer que eu o faça confiar em você?

Se as razões de Kerinu foram fortes o bastante para resistir ao cárcere, pensou Byron, resistiriam também contra impulsos novos que ele *seria definitivamente* capaz de perceber como mágicos.

— Não. Se tivermos duas pessoas presas por ele nessa casa perdemos qualquer vantagem.

— Eu não vou ser...

— Ele já dominou você uma vez. — Cortou Byron. — Você vai me substituir no parlamento e eu ficarei aqui com ele.

Tornero balançou a cabeça.

— Essa é uma *péssima* ideia...

— Eu não posso mais correr riscos estando no Parlamento, Tornero.

— Mas vai correr se não conseguir dominar um alorfo que vai ficar *livre* para ir embora correndo.

— Eu o vigiarei de perto.

— Até no banheiro?

Byron teve vontade de dar outro berro igual ao de antes, mas descobriu que não estava no mesmo estado de espírito.

— Terei que dar o primeiro passo... libertar Kerinu... E ele não pode deixar essa casa...

Tornero sentou-se à frente do mestre.

— E se um espólio cuidasse de Kerinu?

Byron ponderou a sugestão, imóvel por alguns segundos.

— Rouguer morreu. Era o único em quem eu confiava. . .

Tornero recostou-se na cadeira, olhando para o horizonte noturno da janela com uma expressão diferente no rosto. Byron tentava, com a maior discrição possível, decifrá-lo.

— Eu conheço alguém que aceitaria fazer a vigia por dinheiro. — Sugeriu Tornero.



Kerinu estava sentado no sofá da sala e ninguém o forçara a fazê-lo.

Empregados cortaram suas cordas — com o entusiasmo nulo de quem estava sendo magicamente manipulado, mas ele não quis estragar o momento de libertação com propaganda alorfa — e deram-lhe acesso a um banheiro com tudo que ele precisaria para um banho longo e relaxante, incluindo vestes genéricas amarelas que, embora estivessem limpas, não pareciam novas.

O banho não foi longo. Seus músculos doíam como se, para poupar-lhe a agonia contínua, tivessem salvo um pouco da dor para quando estivessem libertos. Chegou a hora: uma dor de dentro para fora, enganchada, que o fez gemer involuntariamente por minutos a fio.

Tornero estava na sala também. Parecendo estar de excelente humor, mandou-o sentar no sofá. Kerinu ainda sentia toda vontade de contradizê-lo, mas sim, sentaria no sofá. Certamente sentaria no sofá.

Continuou prestando atenção a Neborum; não parecia haver nada de novo. Olhava também para fora da mansão. A limitada vista de Prima-u-jir pela janela lhe trazia um pouco de conforto.

Estava cansado daquilo. Se soubesse que Byron cumpriria sua promessa, não pensaria duas vezes antes de aceitar qualquer tratado de paz. Mas tinha que apreciar o tamanho de sua desvantagem. Dois magos contra um, além de todos os empregados da casa, em uma *casa* que era antes de tudo território inimigo.

E se aquilo tudo *já fosse* um plano de Tornero?

E se Byron estivesse prestes a morrer, ali mesmo, na sua frente, e logo depois ele seria o próximo?

Percebeu que dois castelos se aproximavam — um deles era o de Byron, com a característica torre alta e grossa. O outro, com uma área murada ampla encarcerando um castelo negro simplório, Kerinu não conhecia.

Os dois entraram na casa. Byron fez um sinal comedido na direção do ainda prisioneiro. O outro era um alto homem de meia-idade com um rosto

sério, os traços da bochecha caídos como se a pele derretesse feito queijo. De pele clara, vestia uma capa azul escura.

— Um espólio? — Perguntou Kerinu, redescobrimdo a voz.

Byron confirmou.

— Quero avançar em nossas negociações, Kerinu, e entendo que essa é a única forma de fazermos isso.

— Ou você pode me deixar ir embora.

— Não. — Respondeu Byron. — Você tem que... Me dar o que eu quero primeiro.

“Agora são três contra um.”

— Não.

— Então está feito. Você pode escolher voltar para a cama ou deixar que Enrico controle você.

Enrico, indiferente à apresentação pelo nome, não fez questão de se mostrar simpático enquanto Kerinu o observava.

— Você vai fazer isso por dinheiro, Enrico?

Byron estendeu a mão à frente do novo empregado, como se o interrompesse de responder — o que ele não parecia de todo inclinado a fazer, de qualquer forma.

— Vou considerar isso como a escolha da segunda opção.

— Considere como quiser, é a única coisa que você tem para me oferecer.

— *Única* coisa? — Disse Byron, recolhendo a mão.

— Você não está me fazendo nenhum favor. — Explicou Kerinu, otimista por redescobrir também sua capacidade de se irritar. — Você só sabe que não vai conseguir nada me torturando e ainda vai perder seu tempo.

O alorfo arriscou um olhar para Tornero, que parecia, no fundo, estar de divertindo com a cena.

Um arrepio ligeiro surgiu no pescoço, acordando dezenas de dores musculares que haviam entrado numa trégua.

— Defini algumas regras. — Continuou Byron, ignorando o comentário.

— Enrico vai garantir que você não fuja. Ele não pode deixá-lo morrer e não pode torturá-lo.

Kerinu deixou assentar o peso do contrato imposto e abriu as portas do castelo. Enrico entrou, formal, dando a volta no iaumo do alorfo enquanto a porta lentamente voltava a bloquear a luz do sol de Neborum.

Os dois se olharam, Kerinu esperando humanidade e Enrico exibindo indiferença. Ele seria um espólio incomum se não estivesse realmente *gostando* daquilo — mas, por outro lado, toda aquela situação era bem incomum.

Enrico levantou a mão e a magia negra fluíu em direção ao dono do castelo; rápida e eficiente, ainda que sem causar nenhum impacto, cobriu os membros, o tronco e por fim a cabeça de Kerinu, que sentiu-se preso numa caixa que tinha o formato de seu corpo.

A camada negra que girava como força viva ao redor do iaumo foi enfim apertada, instando Kerinu a voltar para Heelum.

Já havia sido controlado por espólicós antes, mas daquela vez era diferente; percebia seu coração bater num ritmo diferente, inusitado, como se ele alertasse para alguma presença estranha no corpo.

E ela estava ali, a presença: como corpo esquisito no lugar onde Kerinu tinha certeza que estavam seus pulmões. Sentiu-a dirigir seu corpo quando viu-se jogado para cima, levantando-se do sofá.

Sentou de novo, puxado pelo ser estranho que mexia em suas pernas e braços sem pedir permissão. Tecnicamente, ela já havia sido dada.

Enquanto Byron dizia que já era o bastante para demonstrar o sucesso do esquema e sorria, vitorioso, Kerinu tentava entender a lógica do que havia acabado de fazer. Se é que havia uma.

Capítulo 34

Novidades antigas

Leo e Fjor entraram no escritório de Seimor. O irmão mais novo fechou a porta, sem saber se deveria. Andaram devagar, diminuindo o passo até quase se interromperem atrás das cadeiras; Seimor tinha as duas mãos em cima da mesa, fechadas e provavelmente quentes e suadas por dentro de tão apertadas.

— Se vocês tiveram alguma coisa a ver com isto — Começou Seimor, mantendo o olhar perdido à direita. — vou fazer questão de mandar os *dois* para a cadeia agora mesmo.

Os irmãos franziram a testa juntos, trocando olhares confusos.

— A-alguma coisa a v-ver com o quê? — Perguntou Leo.

— Onde estão Beneditt e Leila. — Perguntou Seimor, sem intonação. — Onde eles estão.

— Não sei, só v-vimos eu e o F-Fjor na charrete, eles...

— Para onde eles foram?

— A gente não sabe, a gente não vê eles desde ontem! — Respondeu Fjor.

— Desde ontem *a que horas*?

Leo olhou para a perna, sentindo que adoraria balançá-la como se aquilo fosse deixá-lo escapar da reprimenda. Mas aparentemente ela só se mexeria se ele estivesse sentado.

— S-Seimor... — Arranjou coragem para perguntar. — O-o que foi que aconteceu?

O agente investigou os dois por segundos de silêncio incômodo. Levantou-se, por fim, atraindo os olhares dos músicos por onde passava no espaço pequeno atrás da escrivaninha.

— Leila e Beneditt fugiram.

Leo piscou três vezes, duas sem pensar e uma de propósito, até abaixar o rosto de paisagem para poder pensar sem se envergonhar com a falta do que dizer. Não sabia qual era a reação apropriada, e a cada momento que passava sem que espontaneamente dissesse alguma coisa, condenava o que diria a seguir, fosse o que fosse. Só o silêncio garantia o respeito à verdade que ele calava e calaria com força se fosse questionado quanto a ela dias

atrás: que a notícia não lhe parecia inverossímil, que a fuga não parecia loucura, que ele sabia que aquilo tudo era muito sério.

Uma bola de amargura desceu grossa pela garganta enquanto ele pensava, com os lábios cada vez mais secos, que ele havia assinado um contrato que valia para quatro pessoas e não duas. Não sabia exatamente o que aquilo significava — respirou fundo — *especialmente* em Jinsel.

— Não há mais volta para eles na banda. Mesmo que sejam pegos. Você vão conhecer os novos membros em alguns dias.

— Novos membros? — Perguntou Fjor.

— Sim.

— Que nós não podemos escolher.

“E quem escolheríamos”, pensou Leo, “se pudéssemos?”.

— É óbvio que não, rapaz.

Fjor balançou a cabeça. Leo não conseguia dizer se ele parecia mais frustrado com os amigos ou com a própria vida.

— V-você disse que eles ainda podem ser pegos... P-pela polícia? — Perguntou Leo.

Seimor ainda estava voltado para Fjor quando mexeu apenas seu olhar, atravessando Leo num ângulo enviesado com um espeto metafórico. O músico tremeu por um momento, sentindo em um lampejo todo o ódio do negociante que teve seu contrato quebrado, como se Leila e Beneditt fossem mercadorias quebradas por um acidente com a charrete a caminho da cidade.

Lembrou do beijo de Leila. Sentiu raiva daquele momento, que ela não tinha o direito de ter tornado tão pequeno, tão fraco, tão errado, tão miserável. Tão *egoísta*.

— Se não pela polícia, talvez pelo exército.



Menos de trinta dias tinham se passado desde que chegaram a Jinsel mas, se não fosse pela estrada, Beni teria completamente esquecido do caminho por onde passaram. Estavam logo antes das últimas jirs da cidade, numa vegetação seca em território magoado. À noite a cidade que os procurava parecia ganhar olhos e ouvidos; quando a floresta não fazia seus barulhos, parecia um ladrão escondido querendo ouvir melhor.

Embrenharam-se em um pacote de mata fechada a oeste para evitar policiais; não tinham nenhum minério de luz, então tinham que se acostumar à escuridão e procurar não se envolver com nenhum bicho perigoso — a regra era silenciosamente se levantar ao menor sinal de algo grande o bastante que se mexesse e puxar o companheiro para outra árvore. A precaução não tornava o silêncio mais agradável nem seguro, mas Beneditt gostou de ouvir

a voz de Leila depois de horas de silêncio, ainda que fosse para esclarecer uma questão técnica.

Acharam uma árvore de tronco grosso o bastante para servir de encosto confortável para os dois. Sentaram-se, cansados, aproveitando a maciez do contato entre os braços. Beneditt queria que Leila inclinasse a cabeça sobre seu ombro. Como ela não o fez, começou a pensar que talvez o silêncio não fosse conforto — que fosse medo ou mesmo solidão. O problema é que não havia como saber mais sobre sua real natureza a não ser que fosse violentado.

Não que ele valesse tanto assim, pensou ele.

— Não trouxemos quase nada de comida. — Disse, em volume tímido.

Leila demorou para responder.

— Eu não me importo... Está bom assim.

Beni confirmou num gesto singelo. Pôde sentir o rosto de Leila virar-se para ele.

— Leila?

Não teve resposta.

Os minutos passaram, e o baterista se dividia entre dedicar-se ao sono ou a prestar atenção ao menor dos movimentos que lhe pudesse dizer o que acontecia logo ao alcance da mão.

— Beni... — Sussurrou Leila, suspirante.

Começou a soluçar, como se o nome dele fosse um abrir de portas; Beneditt se ajeitou de lado, assustado; quando deu conta do pranto ela já se avolumava, joelhos juntos ao corpo, junto a um abraço lento seu.

— Ele me *forçava*, Beni, me *forçava*! — chorava ela, intermitente.

— Quem, Leila, ele quem?

— O *Seimor*, Beni...

— Leila...

Esganiçava, apertando-se contra ele a cada vez que ele tentava reiniciar a conversa com seu nome. Era sua forma de pedir que ele não perguntasse, simplesmente *entendesse* logo o que estava na frente do nariz.

— Você já tentou falar para mim, não tentou?

Pensou na conversa sobre o estranho sonho. Sua mão passeava, cada vez mais trêmula, pelo cabelo empalhado de sujeira da amiga que fazia um sim envergonhado com a cabeça abaixada.

— Ele... F-forçou você a fazer sexo?

O soluço mais audível assentiu por ela.

— Desde *quando*, Leila?!

Ela não respondeu.

— Desculpa... — Pediu ele.

Ele a protegeu da noite como pôde, esperando sem pressa as lágrimas secarem; elas iam, vinham e voltavam aleatoriamente — ou nem tanto, mas

pareciam assim certamente porque ele não conseguia seguir a trilha de pensamentos malditos que a levava de um lugar a outro na própria cabeça.

— Desde a primeira noite que a gente chegou... — Continuou ela, de repente. — Ele me levou pra casa dele, não para uma casa de saúde. Quando eu acordei eu tinha mudado de roupa, e... Eu desci, e...

Beneditt conseguia acompanhar em viva memória a descida das escadas, tendo passado pela sala azulada na noite anterior.

— Ele me... Ele me disse que vocês não sabiam de nada. E me prometeu... Sucesso... Se...

Tentava não apertar demais as mãos que ainda a envolviam.

— Eu não *teria* escolhido isso se fosse só isso, Beni, eu juro, mas ele também ameaçou a banda, me ameaçou, ele...

— Mas não *foi* culpa sua!

— Eu *sei*, mas...

“Mas não sei”, pensou enquanto impedia a boca de entortar de novo, controlando a pressão que vinha do pescoço.

— Leila...

— E ele dizia que ia ser só uma vez, mas depois ele voltou, e ele me procurou *de novo* no hotel e *de novo* e foram *várias vezes*, Beni, *eu não aguentava mais*...

Beni não dizia nada. Quando já tinha ganho confiança do poder de seu abraço, viu Leila resistir à pressão, desvencilhando-se dele, tudo indicava que para falar mais. Controlara, aparentemente, a última avalanche molhada e se manteve firme, sentada reta, no que a luz vacilante das estrelas permitia ver, de frente para ele.

— Ele me deitava... Porque eu não fazia nada além de me deitar na cama, e-e eu esperava ele fazer o que ele queria porque... Porque eu não conseguia me mexer, Beni, eu simplesmente não conseguia. E eu pensava... Quando ele ficava em cima de mim, ou... Onde fosse... Eu pensava se um dia aquilo ia acabar, e eu pensava se eu podia ter evitado aquilo tudo, se eu não estaria melhor sofrendo seja lá o que ele tivesse... Teria f-feito se eu não tivesse aceito aquilo — Começava a falar mais rápido, atirando as palavras para o alto e gesticulando entre uma e outra passada da mão no nariz magoado. — ou se o Leo iria entender se eu dissesse que eu não *quis* me sacrificar pelo meu sonho quando chegou a hora...

— Leila!

— ... Ou se o *Leo* ia entender e se a gente, e se a gente voltasse para Novo-u-joss, se a gente ia ter uma banda ainda, e se não tivesse onde que eu ia morar...

— *Leila!*

— ... Ou se a gente ia *conseguir* voltar para lá e se...

— Leila, Leila, *para*, por favor...

Ele tentou levá-la para um abraço de novo, que ela rejeitou afastando o braço que a invadia.

Ele parou, sentindo-se imediatamente mesquinho por sentir-se machucado. Perguntou-se o que veria nos olhos dela se pudesse enxergá-los.

— Me desculpa. — Disse ele. — Eu *falei* pro Leo que aquele era um sonho dele... Que a gente *tinha*...

— É, mas *eu* também queria vir, Beni. Não foi o sonho do Leo sozinho que trouxe a gente pra cá.

Beni concordou, desistindo da ideia de perguntar se não tinha sido mesmo no sonho dele que ela pensou quando aceitou as regras de Seimor.

— Aquele *idiota*...

Entregaram-se às solidões, secretamente desejando que pudessem seguir suas vidas ali, na intimidade daquela confissão, na segurança daquele pedaço desusado de cidade.

“Na intimidade da confissão...”, pensou Leila, “cabe um beijo no rosto e um aperto de mão”.

“Num pedaço de confissão”, continuou ela, já antecipando que não tinha nenhum ritmo no qual encaixar aquela letra, “Eu termino o que me mata...”

Sentiu-se boba por interromper o suspense de ter finalmente contado para alguém o que sentia para encontrar na madrugada um pouco de poesia. Olhou na direção de Beni de soslaio, num instante rejeitando a ideia de pedir ajuda. “Essa poesia é minha” — Mas aquilo não terminava a linha.

Enrubescou e murchou, enfim dando razão total à parte de si que tinha achado uma frivolidade cada vez em que, nos últimos tempos, se dedicara a rabiscar qualquer coisa em papel ou pensamento.

— Fugir não foi... — Recomeçou ela, baixinho, escolhendo as palavras. — Egoísta... Foi?

Beni chacoalhou a cabeça, veemente.

— Eu tinha que fugir. Você... Muito mais. Isso não é egoísmo.

— Mas e o que pode acontecer com eles? Com o contrato e...

— Eles fizeram as escolhas deles.

Leila estranhou o jeito como ele conseguia soar como o Beneditt de sempre mesmo com aquelas palavras.

— Você não falou pra eles do contrato. Eles não podem escolher o que eles não conhecem... Não é?

Beni fez um muxoxo desinteressado.

— O Leo não teria fugido se soubesse. E acho que o Fjor também não.



Continuaram a viagem na beira da estrada rumo ao Norte. Caminharam em silêncio na maior parte do dia, desviando mais da estrada para procu-

rar por árvores com frutos. A busca preocupava não só porque não estava dando muito certo, mas porque a própria vegetação, que já era esparsa, diminuía ao ponto de se tornar um grande campo cortado pela estrada com promessas de novidades só no horizonte; se fossem em frente, logo não teriam mais onde se esconder.

— Não é para lá que ficam os monstros? — Perguntou Leila.

— Não sei. — Respondeu Beni.

A leste já viam a parte de trás da montanha de Jinsel. Uma pequena floresta se erguia até uma certa altura das encostas. Decidiram cruzar a estrada e entrar nos bolsões progressivamente densos de eucaliptos e ciprestes, já avistando copas mais largas ou mais baixas em que podiam quem sabe encontrar alguma coisa interessante. A montanha era uma cadeia de picos falsos e elevações interligadas que faziam com que, de qualquer ângulo, ela parecesse um gigante frustrado que erigira muralhas com seus dentes. Ninguém podia entender o gigante, nem alcançá-lo. Nada podia atravessar sua carapaça. Sua vida solitária era uma escolha teimosa e, ao redor dele, adúladora, a vida se avolumava com humildade.

Talvez se o perturbassem demais ele não a toleraria ali. Mas se nada se mexesse, quem sabe, ele seria até amigável: não havia sequer um umenau voando e zunindo por ali, nem animal algum, furtivo coelho ou macaco que fosse.

Passaram por uma nascente tímida, mas ligeira, e logo depois de beber um pouco d'água encontraram uma macieira frondosa. Comeram, apanharam frutos, e contemplaram o que fazer antes que entrassem na floresta mais fundo do que já tinham ido: um pouco mais e talvez perdessem a referência para voltar à estrada. Discutiam se uma jornada de um ou dois dias por campo quase inteiramente aberto era mesmo uma boa escolha; discutiam os riscos do lugar em que estavam às cegas, já que não conheciam sua noite.

Sentaram-se, sentindo que aquela era uma boa hora de reclamar do cansaço, das bolhas nos pés e das dores nas costas. Beni pediu por silêncio quando Leila começou a dizer que sentia falta de sua guitarra.

— Está ouvindo isso? — Perguntou ele.

Era uma guitarra, definitivamente uma guitarra; tocava uma melodia triste de notas fortes e rápidas notas fracas, submissas, sumindo na escuridão do som distante.

Os dois se levantaram; olharam pelos troncos e folhagens sem conseguir descobrir de onde vinha o som.

Leila agarrou o braço de Beni quando ele começou a andar.

— Beni, *não*, pode ser um *policia*l!

— Um policia

l com uma *guitarra*, Leila?

— A gente era de uma *banda* e eles estão procurando pela gente, lembra?

Beni refletiu, olhando em volta mais uma vez.

— Eu não acho que isso é a polícia... Se quisessem encontrar a gente seriam silenciosos.

— Mas... — A música parou. — Eu não quero ficar *sozinha* aqui, Beni...

— Então vem comigo!

A música recomeçou, mas era diferente; descendia num tom amedrontado até encontrar as cordas mais grossas, para depois voltar à mesma repetição.

— Vem comigo!

Pegou sua maleta e num segundo já andava em passos rápidos pela floresta. Virou-se quando ouviu o “espera!” agitado da amiga, que arranhou tudo às pressas para segui-lo.

Avançaram a esmo, tentando identificar se a música estava ficando mais forte ou mais fraca, e no ritmo dos passos, que ora iam para lá, ora para cá, só registravam que entravam mais ao sul, em uma região de árvores mais baixas, mais grossas, e definitivamente mais próximas da montanha.

— Beni, eu *não gosto* dessa música... — Choramingou Leila, correndo para acompanhar as mudanças de direção bruscas de Beneditt.

Ele olhava em todas as direções, parando de tempos em tempos para escutar de novo e refazer a trajetória. À canção, que nunca perdera vigor ou velocidade, juntou-se um coro que só podia vir de um bom número de murmúrios ou, uniforme e harmônico como era, de uma esfera de fogo.

— Ali...

Como o céu ficou mais roxo à medida que Roun se encolheu na direção de onde eles vieram, o vermelho da fogueira invadia forte uma muralha de arbustos e azevinhos atrás da qual estava um círculo de pessoas sentadas no chão. Uma delas, oposta a Leila e Beni, dedilhava as notas amargas numa guitarra rosa desbotada. Outras abraçavam as canelas, de olhos fechados, balançando de leve ao sabor do vento, e outras apoiavam-se nas palmas das mãos, voltadas para trás, e olhavam para o céu desimpedido acima da clareira.

Beni chegou mais perto, engolindo em seco; suas roupas eram visivelmente gastas, mas eram todas grandes e fechadas, escuras e quentes. Casais davam-se as mãos e, em finos lábios fechados, cantarolavam. Ao todo, não eram mais de vinte pessoas.

A música parou, e o guitarrista abriu os olhos já lançando-os na direção dos forasteiros. Ele tinha bastos e negros barba e bigode que já de longe se via que eram uma bagunça de fios duros e irregulares. Com um cabelo escuro encaracolado também desregrado, sobrava pouco espaço para a pele morena escura que, acima das bochechas, encheu-se de vincos de idade quando ele sorriu.

— Bem-vindos. — Disse ele, com uma voz de veludo.

Não era possível dizer quão velho ele era, mas sua idade parecia marcada pelos silêncios dos companheiros.

— Venham, não tenham medo. — Disse o homem, chamando-os também com a mão. — Cheguem mais perto.

Entraram na roda, com duas mulheres abrindo espaço para eles sem lhes desejar boa tarde ou boa noite. Entraram no meio da roda, lado a lado, Leila e Beni, de frente para o aparente líder.

— Quem são vocês?

Ao notar que Leila respirava tão fundo que o ar parecia querer entrar até mesmo nele, Beneditt resolveu tomar as apresentações para si.

— Meu nome é Beneditt. E o dela é—é Leila.

— E o que fazem tão longe da cidade?

Os outros não pareciam particularmente hostis, preocupados, ou mesmo intrigados pelos intrusos; se não sorriam ou demonstravam hospitalidade, tampouco pareciam prontos para apedrejá-los até a morte caso dissessem algo de errado.

— Eu... Nós... Estávamos... Viajando.

O homem balançou a cabeça.

— Nós também. Começamos um dia e nunca mais paramos.

Ele riu do próprio comentário, fazendo sorrisinhos estourarem na roda.

— E... Q-quem são vocês?

— Somos os modenais. Vocês por acaso estão fugindo de magos? Ou — Continuou, interrompendo um começo de resposta. — da tal guerra?

— Não... Não que a gente saiba, pelo menos.

O sorriso largo voltou a iluminar o rosto do homem.

— De um mago ou da guerra não... Mas *fugindo* vocês estão...

Vulnerável

Eva já mancara o corredor inteiro desde que saiu da cama, mas foi ao chegar na beirada do primeiro degrau que finalmente sentiu a preguiça insidiosa que lhe transformara numa tola indolente.

Pressionou a boca por se recusar a gemer — mas ainda assim os joelhos doíam a cada passo, suas micro-engrenagens e polias gritando a cada impacto; as costas, arqueadas como jamais estiveram, pareciam não querer mais aguentar o peso dos ombros. Nunca precisara tanto do corrimão, mas venceu a descida e caminhou, torta, até uma das cadeiras da sala de jantar.

— André? — Perguntou, projetando a voz para o corredor ao apoiar a cabeça na mão esquerda.

O visitante, que ia das escadas à porta de saída, desviou do caminho e entrou no espaço entre as salas.

— Olá, Eva... Estás com algum problema?

Deu um sorriso frágil ao arrancar-se da posição de cansada.

— Eu quero conversar com você. Pode sentar-se aqui comigo?

Ele confirmou, tomando lugar à mesa.

— Outro dia à mesa você disse que já foi ajudante de um médico.

— Sim, é verdade.

— ... Então... Suponho que a morte não lhe seja um conceito tão alheio.



Barnabás subiu quase ignorando seu próprio andar; podia arriscar um tropeço nas escadas de verdade se fosse o preço para não voltar à situação que conseguiu a muito custo evitar há vários rosanos. Tinha que se *certificar* de que aqueles castelos estavam *mesmo* separados por aquela distância toda.

Abriu a porta sem bater, o barulho do vento em corrida desabalada quase assustando os dois.

Viu Amanda sentada à cama e Tadeu de pé em frente à janela. Ele olhava para a rua, com as mãos nos bolsos, e se virou devagar para cumprimentá-lo.

Olhou dele para a filha; ela o olhou de volta, com as sobrancelhas levantadas.

— O Tadeu veio me devolver um anel que caiu naquele dia.

— O anel simplesmente caiu da sua mão, filha? — Perguntou ele.

Amanda bufou, cortando o olhar entre eles.

— *Sim*, pai, o anel caiu.

Ele assentiu, sorrindo como um curativo quente.

— Olá, Tadeu. Seja bem-vindo.

— Obrigado. *Senhor*. — Adicionou. — Faz muito tempo que não converso com a Amanda, e... — Limpou a garganta, ficando nervoso só de achar que poderia parecer nervoso. — Estamos conversando sobre... As coisas que aconteceram desde que a gente se viu pela última vez.

— Sim, é claro. — Respondeu Barnabás, forçando um sorriso um pouco mais quente. — Espero que agora que você... Bem, já deve ter começado seu treinamento mágico, entenda que não é sábio ficarem muito próximos, você e minha filha. Especialmente da forma como queriam ser há alguns rosanos atrás.

— *Pai!* — Repreendeu Amanda. Tadeu quase riu ao pensar o quão bem ela interpretava o papel; lembrou-se de que deveria parecer grave e constrangido.

— Isso não é uma brincadeira. — Repetiu Barnabás, levando Tadeu a crer que *não era*, afinal, um ator tão bom quanto ela. — Espero que entenda que não vou permitir que o futuro de Amanda seja comprometido.

— Eu sei, senhor. — Respondeu Tadeu, mal conseguindo olhá-lo nos olhos.

Barnabás demorou-se mais algum tempo antes de sair do quarto. Os aprendizes se olharam imediatamente, tensos, tendo imaginado que assim que a porta se fechasse poderiam rir e comemorar a aceitação de Barnabás em relação à visita.

— Fique longe. — Alertou Amanda, em murmúrios. — Ele ainda está prestando atenção...

— Eu não posso mais voltar aqui.

Ela concordava, e ele observou com mais atenção o anel que esteve em sua posse aquele tempo todo.

— Como você teve a ideia tão rápido? — Perguntou ele.

— Que ideia?

— A de me... Entregar esse anel. Para vir aqui te devolver.

— Ah... Na verdade eu estava tentando te achar aquele dia só pra fazer isso, antes que... Antes do que aconteceu.

— Por quê?

— Porque eu não ia poder mais te ver nos nossos dias, então... Eu precisava de alguma desculpa pra gente se ver.

Tadeu se aproximou, inclinando-se o quanto podia para entregar o anel para Amanda sem fazer parecer, em Neborum, que os dois estavam perto demais. Pensou em perguntar se eles poderiam começar a se ver de novo

como amigos, sem a necessidade de segredos, pelo menos quanto a estarem fisicamente num mesmo espaço — ainda que provavelmente de maneira regular, previsível e supervisionada.

— Tadeu, uma coisa... Me incomodou *muito*. — Disse ela, mais rápida. — Por que é que logo o *Gustavo*, que tinha até *sumido* da cidade depois de *me* atacar... Resgatou a *Anabel*?

Tadeu tentou olhar para ela sem dar sinais de que poderia mentir, o que provavelmente teria que fazer. Descobriu que acabou não piscando e acabou desviando o rosto, ainda mais nervoso do que quando esperava pela entrada de Barnabás na sala.

— Logo a *Anabel*? — Continuou Amanda. — Que era a *sua* amiga? É uma coincidência *enorme*!

— É.

— Tadeu?

— É que... *Anabel* s-sabia. S-sobre a gente.

Amanda engoliu, retificando a coluna; era como se identificasse um cheiro novo, e podre, no próprio quarto pela primeira vez.

— E o que ela sabia?

— Eu... Tinha... Ela tinha me contado que ela estava com o *Gustavo*. E-e aí eu... Conteí que... Eu estava com você. E a gente ia p-poder se ajudar!

Os olhos de Amanda se expandiram quando ele terminou de falar, embora os lábios não tenham esperado até então para começar a tremer furiosamente.

— POR QUE você não me *CONTOU*?

— *Shh, Amanda!* — Disse Tadeu com uma onda de calor invadindo-o, urgente.

— POR QUÊ?

— Porque eu fiquei sabendo um dia antes de ela ser presa, e-eu não consegui te encontrar!

— Mas que tal *quando* você contou pra mim que ela foi presa? — Terminou a pergunta em duas risadas esbaforidas. — Ela podia, ela podia... Ela podia *acabar com as nossas vidas, Tadeu!*

— Eu *sei*, mas *depois* de um tempo nada aconteceu, e-e eu s-só...

— Você confiou *nela*, Tadeu, mas eu queria que tivesse confiado em *mim* também!

Tadeu voltou-se para a segurança da janela, onde não teria que sofrer com a face avermelhada de Amanda — e ainda havia a brisa para aliviar aquele calor de nudez que, contraditório, o deixava claustrofóbico. Afinal, finalmente teve coragem para deixar de lado as mentiras que vestia (ainda que nem todas) e aquele era o resultado: uma espécie de prisão.

Sentiu arrepios ao pensar que a única forma de deixar aquilo pior seria se despir mais; contar toda a verdade, tudo que fizera e principalmente o que quis fazer. Quando finalmente achava que a magia *poderia* afinal solucionar seus problemas, concluiu apenas o mesmo de sempre: ele odiava tudo aquilo.

— Isso não aconteceria se a gente já fosse melhor. — Disse ela, com a fala dura. — Nós dois. O Gustavo é bem melhor que eu e a Anabel é melhor que você.

“Mas foi *ela* que foi pega”, pensou Tadeu, surpreso com o próprio orgulho ferido.

Capítulo 36

Lados

— Ten-u-rezin tem que atacar o Sul com força total. — Opinou Duglas, refastelado na poltrona da sala de reuniões enquanto olhava para o mapa de Heelum espreado à frente de Desmodes.

— Mas tem que parar primeiro em Karment-u-een. — Disse Sandra, mecânica. — De lá dá pra redividir as forças, com parte delas indo para Ia-u-jambu.

— Desmodes — Chamou Janar, com as grossas sobrancelhas negras levemente levantadas. — Se me permite, devo dizer que temos que confiar na marinha de Den-u-tenbergo, porque a cidade é isolada mas a marinha é de *excelente* qualidade.

Desmodes assentiu.

— Daremos ordens para que eles ataquem Torn-u-een.

— Quem mais está conosco mesmo? — Perguntou Duglas, olhando de canto para o mensageiro no canto da sala atrás de Desmodes.

— Dun-u-dengo, Jinsel e Al-u-tengo, senhor.

— Jinsel e Dun-u-dengo podem atacar Inasi-u-een, não é, Desmodes?

— Sim. — Respondeu ele, logo voltando-se de novo para todos na mesa.

— Alguma objeção?

— Não estamos discutindo outros planos. — Sugeriu Brunno.

Desmodes fitou o mago antes de jogar fora o problema.

— Não creio que seja importante.

— E se isso tudo der errado?

— Não *vai* dar errado, Brunno. — Cortou Duglas, impaciente.

— O que é que preocupa você? — Perguntou Janar.

Brunno olhou para ele depois de passear com os olhos pelos outros magos; alguns deles não pareciam sequer ouvi-lo.

— Inasi-u-een é *muito* forte, por exemplo.

— E Dun-u-dengo tem um dos maiores exércitos de Heelum. É o mais bem pago e o mais bem equipado.

Brunno engoliu as palavras, pensando que seria inútil continuar. De fato os planos eram dificilmente atacáveis; no caso de Den-u-tenbergo, não havia nada de melhor que pudesse fazer. No caso de Ten-u-rezin, qual seria

o plano secundário? Reservar parte das forças até que fossem necessárias? Mas isso implicaria uma demora de dias até que elas conseguissem atingir o local onde fossem precisas de qualquer forma. Um desperdício de forças necessárias imediatamente.

— Você tem razão.

Brunno se deixou afundar na cadeira, buscando o olhar de Maya.

Ela não parecia sequer saber que estava sendo olhada.



O dia seguinte já escurecia quando uma nova charrete chegou ao Conselho. Trazia mensagens de Prima-u-jir que repetiam informações conhecidas. Os mensageiros não tomavam a decisão de trazê-las — eram encaminhadas por Evan. Cumprindo ordens, uma delas sendo justamente não ler nenhuma carta a não ser que solicitados por um mago do Conselho, os mensageiros não faziam ideia do que carregavam consigo.

E nem poderiam, quando finalmente chegaram à passagem entre as paredes rochosas, já que estavam mortos.

A charrete não deixou ninguém à porta do castelo. Continuou na fenda, com o cocheiro segurando firme as rédeas dos yutsis. Ele tinha a ponta de uma espada, que jamais seria vista à distância, colada na base de sua espinha.

A espada foi recolhida para dentro do comboio e o cocheiro pôde finalmente se encolher. Soprando forte a ansiedade, largou as rédeas e saiu pela esquerda, quase tropeçando ao deixar a charrete. Correu de volta por onde veio sem olhar para trás.



Hiram não conseguia acreditar no que via. Abriu as portas torcendo para que elas não rangessem e para que aquilo não fosse uma armadilha. Riu quando nada aconteceu; riu da própria tolice e uma lágrima em seu rosto caiu.

Vinha à frente, seguido de Gagé, Raquel e Kan. Cada um empunhava uma espada, tentando deixá-la o mais estável possível para que nenhum deles visse no medo do outro, que fazia tremer, motivo pra temer estar onde estavam.

Corriam os olhos pelo saguão como se vissem os Arcos Brancos pela primeira vez. Cada pedra bronzeada, cada quadrado azul escuro de piso, cada porção de luz filtrada pelas janelas verticais — tudo parecia imaterial, próprio de um pesadelo cujo malfeitor ainda não se mostrara.

Viam em Neborum uma série de castelos num semicírculo à distância. Um em especial, mais à frente, aproximava-se dos quatro, o barulho de seus passos ecoando até o salão em Heelum.

Viram um homem pálido, não muito alto, de curto cabelo preto e olhos igualmente escuros. Ele colocou a mão no parapeito do segundo andar para o qual as duas escadas laterais convergiam.

— Quem são vocês?

— Você é um mago? — Perguntou Hiram, altivo, mas abaixando a espada.

— E esse é o Conselho dos Magos?

O enorme castelo negro, tão alargado que sua fachada quase abarcava todos os deles, era iluminado com minérios vermelhos por toda a sua extensão; minúsculos, pareciam pequenos dentes de um animal marinho gigante que, não contente em ter destruído um barco e tingido os molaes com sangue, queria *mais*.

— Você *É* UM MAGO? — Vociferou Hiram.

Raquel não esperou. Correu escada acima à direita, com Gagé a seguindo pela esquerda. Hiram, pego de surpresa, correu atrás do amigo.

Raquel levantou a espada para descê-la contra Desmodes, que deu um passo para trás; ela prosseguiu, em passos minúsculos, e com os olhos arregalados manobrou a espada até dilacerar o pescoço de Gagé.

O filinorfo largou a própria espada um momento depois de ser atingido.

Raquel soltou um grito tenro, soltando a espada e abafando mal a boca escancarada com as palmas das mãos. Olhou em horror para Hiram que, frio, desviou do corpo de Gagé no chão e enfiou sua espada no peito da filinorfa ao mesmo tempo que sibilava, com a voz esvaziada de rouquidão, um breve “não”.

Puxou a arma de volta para si. Raquel caiu de joelhos antes de abraçar o chão, seu corpo amolecido, o rosto virado para baixo.

Hiram virou-se para o lado de fora do castelo, segurando a espada para baixo com as duas mãos à frente da testa. Olhou para o último companheiro, de pé no primeiro pavimento.

— Kan...

Tossiu quando foi engolfado pelo próprio golpe. A espada o atravessou sem hesitação.

Hiram deu passos curtos para trás, desorientado, e Desmodes aproximou-se para tomar-lhe a espada. Quando a retirou de sua barriga, com delicadeza que beirava o respeito, golpeou-lhe no pescoço com um corte amador. O filinorfo, então caído, apertou os olhos molhados até parar de tremer.

O mago-rei começou a descer a escada da direita. Kan largou a espada e, quando Desmodes estava a um palmo de distância, olhou direto em seus olhos.

— Eu não sou um filinorfo. — Disse Kan, seu peito estufando e esvaziando a cada frase engessada. — Não sou um herói e não quero morrer. Posso ir embora e *desaparecer* de vista. Por favor me deixe ir.

Um homem e uma mulher entraram no prédio. Vestiam as mesmas vestes dos mensageiros que morreram antes dentro da charrete, e amarraram os braços de Kan atrás de suas costas enquanto Desmodes, que chegara a franzir o cenho em frente ao invasor, voltava para o lugar de onde viera, subindo as escadas.

Kan foi puxado para fora do castelo. A última coisa que viu do lado de dentro foram empregados, que surgiram do corredor à direita com panos, baldes e grossas vassouras.

Retorna a um lugar novo

Os yutsis não se revigoravam com comida a mais, muito menos com promessas de descanso. Com passadas pesadas e cabeças abaixadas mostravam o quanto precisavam parar; faziam barulhos cheios de intenção, parecendo dispostos a aprender a língua dos humanos, se preciso fosse, para poder pedir por piedade. Por sorte não tiveram um caminho muito mais longo até o portão oeste da muralha ao redor do centro da cidade. Sorte deles, mas também dos viajantes.

Ao sair da charrete, Richard analisou as defesas da cidade natal. Viu arqueiros ao longo do portão e suas laterais. Imaginava armadilhas e desvantagens na passagem até o outro lado, além de pelo menos um pequeno destacamento de infantaria sempre pronto para o contra-ataque no caso de uma invasão.

— Richard...

Virou o rosto para Jen, que acabava de descer. Ela sorria com candor, e o chamava para a estranha despedida. Certamente não eram, ao dizer adeus, as mesmas pessoas que há pouco mais de trinta dias disseram olá. Gregor parecia ter ficado com o braço um pouco mais grosso, embora Richard achasse que aquilo era difícil. Jen havia mudado também, especialmente nos últimos dias de pântano; seus olhos estavam mais vagos, e sua boca, mais cautelosa. Seu cabelo ainda era loiro, mas a camada de sujeira por cima dele parecia não deixá-lo mais — a pesquisadora já estava quase se tornando uma jovem grisalha, e tanto os óculos quanto as endurecidas linhas de expressão não ajudavam a reduzir a tendência.

Richard, escuro e magro como sempre, não era capaz de ver a mudança em si mesmo. Respirava mais fundo, carregando um peso cuja culpa dividia entre, por um lado, saudade; por outro, reticência quanto a ir embora da área de pesquisa.

Apertou a mão de Gregor, que não saiu da carroça mas se abaixou.

— Obrigado pela charrete.

— Não tem de quê... Você vai precisar mais que nós agora.

O arqueiro olhou de relance para um dos sentinelas nos pavimentos da muralha.

— Somos oficialmente inimigos.

— Já somos há um tempo. — Corrigiu Richard. — Para quem já quebrou as regras por uns dias... Não tem problema continuar por mais um, eu acho.

— Obrigada por tudo, Gregor. — Resumiu Jen. — Obrigada mesmo.

— Tudo bem. Obrigado também. Adeus.

Jen quis melhorar seu *implícito* adeus, mas quando finalmente chegou a uma boa frase o guerreiro já estava longe, e os dois, do lado de dentro do muro. Torceu para que na intimidade e sensibilidade de um guerreiro ruim de retórica também vivesse alguma vontade de dizer mais do que foi dito.



As ruas funcionavam como braços e pernas imobilizadas, tensionadas, com músculos retesados prontos para o trabalho duro. Era como a preparação de uma festa, exceto que festas como aquela provavelmente nunca aconteceriam em Ia-u-jambu em centenas de rosanos.

Os vendedores pareciam ansiosos, berrando com pulmões atarefados ofertas tentadoras. Os compradores não estavam em menor número, e logo caminhar por avenidas e núdulos de comércio provou-se uma má estratégia. Nos bairros menos ricos, ondas de mendicância chegavam a cercar a dupla — era assim que Richard, que as dispersava com vigor, provavelmente as via: forças furiosas como a água, que só faziam atrapalhar. Jen fugia deles, esgueirando-se o quanto podia por entre as crianças esqueléticas, os adultos esfarrapados e os velhos doentes. Não andava mais com a segurança de outrora, muito embora soubesse que Richard também dependia dela para seguir o caminhar com a coluna reta e respeitável. Havia algo naquele chão que a fazia lembrar-se de como era viver em Ia-u-jambu, o que era bom, mas ela olhava demais para ele agora. Não estava confortável com aquilo.

— Fecharam o centro. — Concluiu Richard, fazendo cara de desgosto. — Com certeza o boato se espalhou e... Muita gente das jirs veio para cá antes de fecharem...

— E ninguém quer sair...

— Claro. — Disse ele, passando a mão pela nuca oleosa. — Para onde é que vão?

Tendo que se livrar das malas, decidiram ir à casa de Jen primeiro. Foi escolhida entre quatro opções — a casa de Jen, a casa de Richard, a Universidade e a casa de Kinsley, esta última simultaneamente a primeira a ser aventada e a primeira a ser descartada.

— A Chris mora por aqui... — Disse Jen, planejando em voz alta alterar os planos.

Richard parou, olhando para a rua em que deveriam virar se quisessem visitar Christine.

— Podemos ir até lá. — Sugeriu ele.

— ... Vamos. — Ela decidiu, rápida.

Andaram por uma calçada desbotada, com lajotas ríspidas no chão e várias esculturas acobreadas dividindo casas. Isso acontecia até a metade da via; ali se viam principalmente bustos de antigas potências políticas da cidade. Depois de certa altura, as casas tornavam-se pequenas demais, e *unidas* demais, parede a parede, para serem distinguidas umas das outras com tanta pompa. Cores, e plaquetas por cima das portas, teriam que ser suficientes.

— Eu acho que é aquela ali... Tem uma charrete na frente.

— Acha? — Questionou Richard, abrindo um sorriso para a animóloga. — Imagina se ficasse fora da cidade o tempo que queria... Não ia lembrar nem onde morava...

Ela franziu o nariz para o parceiro de viagem e seguiu em frente. Viu uma figura mais baixa que ela aparecer do lado do pequeno yutsi. Trazia uma caixa nas mãos enluvadas, e vestia uma longa capa cinza que os impedia de ver praticamente qualquer detalhe de seu corpo. Algo, todavia — quem sabe a forma como um de seus pés tocava o chão pela ponta, o peso do corpo concentrado todo na outra perna — provocou em Jen um sorriso sincero demais para ser uma impressão falsa.

— Chris?

A mulher de capa virou-se para eles, desajeitada, quase deixando a caixa cair. A franja vermelha acima dos olhos, por mais amedrontados que eles estivessem, logo foi virada de lado a partir do sorriso atravessado de sempre de Christine. Um sorriso que, como Jen descobriu assim que olhou para aquela versão levemente lacrimada dele, fizera muita falta.

— Jen... — Disse ela, jogando a caixa de qualquer jeito para dentro da charrete e abrindo os braços. — *Richard!*

As duas amigas se abraçaram. O companheiro de viagem da animóloga observou a cena, sem conseguir — nem querer — segurar o riso. As duas não demoraram muito para se soltar, e uma rápida olhada na situação fez Richard perceber que Christine não parecia estar *chegando* na casa.

— Vocês voltaram numa *péssima* hora... Por que voltaram *tão rápido*? Vocês dois parecem *péssimos*, aliás. Vocês estão bem?

— Sim, nós... Já conseguimos tudo o que fomos buscar.

Christine arregalou os olhos para a amiga.

— *Tudo?! Como assim? O que foi que vocês descobriram?*

— Ainda é muito cedo. — Apressou-se a dizer Jen, definitiva. — Eu ainda preciso pensar nas minhas observações.

— *Ah, Jen, qual é?* — Protestou Chris, quase pulando de curiosidade. Um olhar para o rosto desligado de Richard, contudo, a fez perceber que talvez não fosse a hora de discutir aquilo de qualquer forma. — ... Vocês deviam ter *ficado lá*... Não que eu não esteja feliz de ver você, de ver *vocês dois* de novo, não é isso, mas... Vocês estavam mais seguros.

— Não era tão mais seguro lá. — Interveio Richard. — Antes da guerra todo mundo pensava que a nossa viagem era perigosa.

Christine assentiu. Jen olhou em volta, e sentiu que aquele era o primeiro silêncio constrangedor entre as duas em um longuíssimo tempo.

— Então... — Recomeçou Jen. — Estamos mesmo em guerra.

— Sim... E a cidade está completamente *insana*, e...

— Quase não deu para perceber... — Comentou Richard pela tangente.

Chris deixou que o ar saísse de suas narinas de forma suficientemente simbólica.

— Não entendi o *porquê* da grosseria.

Jen olhou para Richard, de rosto franzido, até fazê-lo balançar a cabeça e olhar para o chão, pedindo desculpas.

— Estou cansado... Irritado por causa disso tudo, só... Me desculpe.

Christine confirmou com um aceno rápido.

— E as reuniões? — Perguntou Jen.

A pesquisadora ruiva alargou os olhos de novo, mas dessa vez quase jogou-se para trás.

— *Sim*, amiga de longa data que não vejo há quase uma estação, eu *estou bem!* — Pôs as mãos na cintura, respirando de forma ainda mais audível. — *Não sei* o que houve com as reuniões, que foram canceladas *assim* que a cidade soube da guerra, mas obrigada por perguntar sobre essa coisa *totalmente importante* para você, mesmo que você só tenha participado de *uma* delas e, *AH, sim*, obrigada por perguntar sobre *MIM!*

Assim que Chris virou-se de costas, Jen chamou-a de volta; tocou seu cotovelo de leve, e a amiga virou-se alarmada como se um bicho a tivesse alcançado numa corrida de vida ou morte.

— O *quê?*

— Eu faço minhas palavras... As minhas palavras as do Richard. — Balbuciou ela, confusa, com as pálpebras abertas por pouco. — Eu estou cansada, desculpa... Você está bem?

Christine cruzou os braços, séria.

— Não.

— *Não?* — Questionou Jen, interrompendo o gesto de realinhar o óculos.

— Por *quê?*

Tiveram que suportar o silêncio sisudo da colega por alguns segundos.

— Eu estou bem. Só queria ver você preocupada comigo.

Jen riu sem mostrar os dentes, aliviada. Christine ria um pouco mais, ainda que de braços cruzados.

— Está indo para onde? — Perguntou Richard, parecendo menos preocupado.

— Para a casa de Kinsley. Qualquer casa bem arranjada mas que ao mesmo tempo não é de alguém que pode pagar por proteção... Já não é mais tão segura.

— Kinsley convidou você para *morar* com ele? — Perguntou Jen, tomando distância.

— *Ei, não fique imaginando coisas!* — Retrucou Chris, risonha. — ... Ele convidou várias pessoas, na verdade. Não tem ninguém lá que eu não tenha visto pelo menos uma vez nas reuniões. E eu acho que *vocês* também vão ser *muito* bem-vindos, e que seriam *idiotas* de não aceitar qualquer convite do tipo. É *sério*, nem que seja para dormirem no *quintal* dele...

— E você vai ficar lá até quando?

Ela deu de ombros.

— Ele diz para considerar a casa dele como um abrigo para quando a cidade for invadida.

— O que ele quis dizer com *quando*? — Reagiu Richard, entortando o pescoço. — Ele disse *quando* a cidade for invadida?

Chris desfez o amarrar dos braços, buscando ar para retransmitir a mensagem que irremediavelmente a deixava no chão toda vez que ricocheteava nos cantos de sua memória.

— ... Ele disse que é só uma questão de tempo.

Parte VI

Clareza e claridade

Capítulo 38

Cerco

Quase quinze pessoas ocupavam o centro da jir ao sul — Caterina, Verônica e Alessandro, além de uma dúzia de membros da comunidade que, abdicando do trabalho, coordenavam um esforço para fazer as vozes rebeldes chegarem a outras regiões de Prima-u-jir.

O meio da manhã se aproximava, mas boa parte da praça ainda estava em sombras. Esperavam, olhando na mesma direção, enquanto Leonardo chegava de viagem.

— Não está nada bom. — Adiantou, cansado, ao sentar-se em um dos bancos de pedra e enxugar o rosto com as mãos.

— Por quê? — Perguntou Verônica.

— Pessoas... Geralmente os donos das terras... Vêm explicar a nova situação, e os boatos que vêm do centro. As reuniões são sempre cheias. São protegidos por policiais, às vezes pelo exército também.

— E o que acontece? — Perguntou Caterina.

Ele balançou a cabeça, negativo.

— Eles explicam que a guerra está acontecendo porque as cidades resolveram se juntar sob o comando de um grupo de magos, e... Dizem que algumas cidades estão tentando tomar o controle do grupo. Estão jogando a culpa em Ia-u-jambu e Al-u-een.

— Que absurdo... — Sussurrou Verônica, começando a circular pela área.

— Você deveria ter ido, Caterina. Eu não consigo dizer se eles eram mesmo magos ou não.

Caterina fez que não com a cabeça, pensando em dizer que não havia problema. Mudou de última hora.

— E elas acreditavam nisso? As pessoas que ouviam?

Leonardo confirmou.

— Ficaram irritados com essas cidades. Diziam que elas eram arrogantes. Verônica procurou o olhar de Caterina, que não demorou para chegar.

— O que foi? — Indagou Alessandro.

— É isso sim. — Disse Verônica. — Eles passam a informação mas escondem o conteúdo com uma distração.

— Para não fazer pensar nos magos estão pondo o foco na divisão entre as cidades. — Completou Caterina.

— O-o que quer dizer isso? — Perguntou Alessandro, tentando várias pessoas com um olhar esperançoso. — Eu não entendi.

— Eu acho que entendi. — Disse Leonardo. — Quando eu falei com alguém sobre os magos estarem no comando disso eles ficaram meio surpresos, como se só quando *eu disse isso* eles conseguiram prestar atenção nisso.

— Mas não *disseram* isso para eles? Não-não foi *isso* que foi dito nas reuniões?

— Preculgos confundem a sua memória, fazem você prestar atenção a uma parte de uma ideia e esquecer outra... — Explicou Verônica, gesticulando. — São os preculgos que estão fazendo essas reuniões. Você raramente vai ver bomins junto com eles, pode ter certeza.

— Isso é bom. — Falou um líder da jir com o dedo em riste, um velho homem de rosto bem vincado e óculos bem tortos. — Isso é bom. Eles devem estar *sabendo* que não vamos aceitar magos não!

— Sim... — Disse Caterina. — Eles não confiam na popularidade de um “Conselho dos Magos”.

— E não deviam. — Falou uma mulher da jir, baixa, negra e de cabelos encaracolados presos por mini-tranças à curvatura da cabeça. — Estamos indo todo dia com a charrete que passa ali em cima viajar pela cidade. A gente conversa com todo mundo que a gente conhece para dizer que não pode ser assim.

— Temos que fazer isso também. — Concordou Leonardo, levantando-se. — Nós quatro. E aproveitar a saída das tropas da cidade, porque certamente alguma ordem do Conselho deve chegar *logo* e o exército *vai* se movimentar...

Ninguém prestou muita atenção ao final do que ele dizia; o chão tremia cada vez mais, com o barulho das pisadas enchendo os corredores que levavam ao eco no centro da jir. Através do corredor mais largo entrou uma carroça puxada por dois yutsis, que foram sendo manobrados para o outro lado do círculo. Na carga, atrás dos cocheiros, mais três pessoas com forquilhas e facões, além de galhos de todo tipo amontoados a seus pés.

Eles desceram rápido, começando a descer o mato grosso; a companhia dos moradores em reunião com os ex-parlamentares perguntaram o que estava acontecendo. Os outros responderam duas, três vezes até que conseguiram ser ouvidos — mais pessoas entravam correndo pelos corredores estreitos, enquanto ainda mais yutsis se enfiavam pelas entradas largas por entre as casas, dando o jeito atabalhoado que fosse para passar e entrar a tempo.



— O que eles fizeram? — Perguntou Byron para o comandante do exército que se aproximava no campo, à distância segura do conjunto coeso de casas, dele, de Alice e Tornero.

— Trancaram as passagens menores e os portões principais. Eles conseguem atacar se chegarmos muito perto.

— Não faça isso. — Respondeu o bomin. — Uma hora eles terão que sair.

— Suspenda as charretes para cá. — Disse Alice.

— Certo. — Confirmou o oficial.

— E diga que é por causa de um *surto* de doenças da noite. — Instruiu a maga.

Byron observou a colega por um instante antes de concordar. O comandante começou a andar de volta para o acampamento que estava sendo montado ainda mais atrás de onde os três magos estavam.

— Acha que conseguimos? — Perguntou Alice. — Já está *melhor* para fazer isso, pelo menos?

Tornero voltou-se para a conversa, subitamente interessado. Byron respondeu assim que viu a testa do discípulo franzir.

— Me recupero de minha fraqueza aos poucos, Alice. Obrigado por perguntar. Felizmente não é nenhuma doença da noite.

Alice sorriu, cruzando os braços para o horizonte claro. O céu sem nuvens, azul até esgotar as possibilidades da cor, lutava em contraste com o verde dos campos e, em primeiro plano, as pequenas companhias do Exército de Prima-u-jir que montavam, apressadas, o cerco.

— Felizmente, Byron.

Capítulo 39

Notícias

Lenzo já estava acostumado com os guardas bem paramentados na frente dos portões do castelo — o que o deixou ainda mais surpreso por ser barrado por um deles.

— Não pode entrar.

— Por quê? — Perguntou Lenzo.

— Só com autorização.

— Ela *disse* isso?

— São as ordens da senhora Rainha.

— Sim, mas *quando* ela disse isso?

O soldado travou, ainda no caminho de Lenzo.

— Sou *eu!* — Disse, diante do silêncio do soldado.

— É claro que é. — Concordou o guarda, posicionando-se mais atrás, exatamente à frente da porta. — Mas não posso deixar o senhor entrar.

— Eu estou dizendo que *eu* tenho autorização para entrar! — Irritou-se Lenzo. — Você é novo aqui? Nunca me viu?

— ... S-sim, senhor. Nunca vi o senhor.

Lenzo ouviu alguma movimentação do lado de dentro. Quando já começava a pensar se aquele era um artifício de Haro — ou, enfim, *Kahae* — para entrar na casa e não ser interrompido ao fazer o que quisesse com Rainha, a própria surgiu por detrás da porta, empurrando o guarda para frente num esbarrão.

— Lenzo! Deixe-o entrar. — Explicou ela, chamando o primo pela mão.

Os dois foram até a sala, e Rainha não esperou que se sentassem para perguntar sobre as notícias — pedira a Lenzo que fosse assim que pudesse, num dia em que aulas não estivessem programadas, ao centro de Al-u-een.

— Eles discutiram o-o retorno das tropas que foram a Rouneen. Parece que a frota de Al-u-ber foi derrotada e a cidade está segura.

— Qual cidade, Rouneen?

— Sim... Por causa disso eles decidiram aproveitar e atacar Al-u-ber pelo mar.

Rainha expandiu os olhos, quase dando passos para trás.

— Al-u-een vai lutar com *três* cidades ao mesmo tempo?

— Eles já estavam fazendo isso com Rouneen, então...

— Mas não se toma Al-u-ber de assalto com a mesma quantidade de guerreiros que se toma *Rouneen*... Rouneen é uma cidade minúscula, não é?

— Sim, mas, por outro lado, Karment-u-een já está tomada de qualquer forma... Não perderam quase ninguém, a cidade estava praticamente vazia de tropas.

— E a Cidade Arcaica?

Lenzo balançou a cabeça negativamente.

— Nenhuma notícia ainda.

A dona do castelo respirou fundo, passando a olhar para fora da janela como quem tenta se lembrar de um sonho.

— Você acha que ainda há esperança para nós, contrários ao Conselho?

— Perguntou ela.

Lenzo deu de ombros, encolhendo seu olhar até representar com ele o quanto se achava insignificante no meio de toda aquela história.

— Não sei o que pensar... Eu não sei quão fortes são os outros, e-e mesmo que soubesse...

Compassiva, Rainha olhou para ele com pena que valia para os dois ao mesmo tempo.

— Eu não quero que os magos ganhem... Eles não *merecem*, Lenzo, isso não é justo.

— Teve notícias daquele homem estranho de novo? O capataz do seu pai?

— Não... — Respondeu ela, esquivada. — E espero que ele não apareça de novo.

Capítulo 40

A pior parte

O navio mercante não era tão atraente e organizado quanto o de Den-u-pa, mas a sala que Dier alugou era uma exceção. Cubículo magro, azul-celeste e amarelo-canário em tinta mal distribuída, era oásis de tranquilidade num cenário em que o ruído de caixas, berros descoordenados e comandos à tripulação, quase nunca interrompidos, pareciam zombar do enjoo de Lamar.

Dier comia um prato de sopa que ofendia o nariz do alorfo. Estavam os dois à mesa no centro da saleta; um, para tentar comer de um jeito estável, e o outro porque aquela era a opção menos pior de atividade. Atrás de Dier, a porta trancada; atrás de Lamar, uma janela pequena, e dos lados duas camas em que seus corpos mal cabiam, mesmo com os joelhos dobrados.

Era preciso grande concentração para operar a colher grande sem que nada caísse, mas aquilo não parecia aplacar o tédio aparente de Dier.

— Quantos filhos você tem? — Perguntou ele.

— Só um...

— Um menino?

Lamar achou melhor engolir ao invés de responder. “*Por que essas perguntas agora?*”

— Prefere não responder?

— Eu não estou passando muito bem...

Dier assentiu.

— Quem ensinou magia para você?

Lamar respirou fundo, formulando discursos que ele sabia que não daria. O arrepio que percorreu-lhe a espinha foi o bastante para terminar de assentar a revolta engasgada.

— Magia alorfa?

— Aprendeu outra?

Negou antes que revelasse mais do que queria.

— Então?

— Muitas... Pessoas.

— Tem família viva?

“Viva, sim”, pensou Lamar, “provavelmente”.

— Ou afastaram-se do alorfo quando descobriram?

Dier terminou de extrair o quanto podia, ou queria, do almoço. Largou tudo sobre a mesa e, num extenuar de ombros que Lamar só pôde identificar como um espreguiçamento, andou até a janela. Para não voltar o pescoço para trás e alterar o precioso equilíbrio a duras penas conquistado, Lamar passou a olhar fixo para o último naco de pepino no fundo do prato rosado.

— Vocês, alorfos, também conhecem essa sensação. — Disse Dier, fazendo o ouvinte contrair o rosto de leve.

— Não entendi...

— O jeito como eles julgam, Lamar, a partir do mundo como ele é e das coisas como elas são... Você é diferente, se *torna* cada vez mais diferente. E eles julgam você por isso.

“Nisso ele tem razão”, pensou Lamar. Mas, por outro lado, ele *era* um preculgo.

— Você não sabe nada sobre isso...

— Claro que eu sei. Basta ter uma *família* para saber. Aqueles olhares, aquelas... *Frases* que saem da boca deles *bem* devagar e baixo, para que ninguém ouça o que os outros já sabem. O que *todos* já sabem...

Lamar não entendia nada de novo, mas tinha a sensação de que tiraria mais da conversa se deixasse de falar. Como um efeito colateral, pensou, ficaria menos enjoado também.

— É por isso que vocês, alorfos, precisam tanto uns dos outros. Está tudo *aqui*. — Lamar não viu para onde Dier apontava. — Por isso tantos que chegam perto da *ideia* mas se afastam logo depois. Querem um *único* olhar que seja livre do peso de todas a... Aquelas... Expectativas... Eu entendo que tomem atitudes extremas. E que busquem essa comunhão.

— Eu tenho razões pra não gostar das *atitudes extremas* de vocês... — Rebateu Lamar, pensando no absurdo que era classificar de extremos os alorfos num mundo em que existiam filinorfos.

— Existem razões para tudo.

— Vocês são culpados por essas...

Quando pareceu, por um momento, ter ficado bem de novo, o barco deu mais uma guinada cheia daquela força lenta e absoluta para o alto. Teve raiva de si mesmo pela décima vez quando a aparência se desfez, ilusória.

— Foi interessante saber que temos algo em comum, mas a diferença permanece. — Disse Dier, mais seco, longe do transe poético em que se abrira antes. — A de que eu mando, e você obedece. Portanto aproveite que não passa bem e fique quieto pelo resto da viagem.



Quatro dias depois e já em outra embarcação, entravam mais fundo na costa oeste de Heelum. Viam mais e mais jirs apertadas ao longo dos contornos da região. Em planícies domesticadas, as casas de cores brandas deixavam em Lamar resquícios de calafrio e saudade. A vida não parecia muito diferente, ali, das horas mais calmas da última tentativa de ser feliz em Prima-u-jir.

Um vazio tomou conta do litoral depois de um último grande povoado. No contorno alaranjado do céu de fim de tarde viam-se esparsas silhuetas de árvores selvagens. Era como ter errado o caminho, deixando a cidade para trás. Mas Lamar entendeu tudo melhor ao olhar para o Norte assim que o barco começou a se afastar para a esquerda. Fincada lá estava uma torre de tijolos bronzeados, talvez ainda mais colorados pela tinta poente do sol. Cinco colunas externas de corvônia coladas à alvenaria acabavam se derramando perto das rochas mais antigas na fina faixa de praia.

A torre era guardiã da extremidade sul de uma alta e retilínea murada, que seguia norte em pedaços a perder de vista. Atrás do muro via-se, por pouco tempo e num espaço mínimo à direita da torre na ponta, um pouco da cidade na forma de casas e pequenos prédios ordenados numa subida em direção ao que parecia ser uma montanha. Não teve tempo para observar mais, mas comentou para si que não precisaria esperar muito para ver o lugar de um ângulo melhor.

O navio começou a dar a volta, completando meio círculo: chegara até uma boca no centro da murada, abertura em que duas torres similares à da ponta sul, mas de tamanho desigual, fechavam as costuras. Uma delas, à esquerda e mais alta, tinha um relógio de hastes vermelhas brilhantes no topo. Lamar supôs que as estruturas davam boas vindas a quem chegava, mas pareciam igualmente capazes de repelir qualquer um que não quisessem bem.

Lamar sentou em um banco disponível no convés enquanto a tripulação fazia seu trabalho, frenética; ele não conseguia prestar atenção a qualquer comoção, hipnotizado como ficara com o castelo dourado de telhado vermelho que, com simpáticas janelas pequenas, ficava acima das galerias com colunas em arco de frente para o grande abrigo d'água em que dezenas de navios se refugiavam.

Foi só quando ancoraram permanentemente que Dier apareceu, desembarcando sem olhar para trás no píer mas sem tampouco parecer entusiasmado. Lamar o seguiu, considerando que ficar para trás naquela cidade completamente nova talvez não fosse a melhor das ideias. Envergonhou-se imediatamente, seguindo a passos servis o carcereiro despreocupado.



Na noite do dia seguinte, Lamar foi tirado da casa trancada em que Dier lhe pusera depois de saírem do porto. Ouviu da boca do próprio que os planos mudaram. Perguntou o que ele queria dizer com aquilo, mas recebeu de volta uma resposta em forma de simples alerta — que ele não testasse sua paciência. Lamar não o fez; entrou na charrete, teve suas mãos libertas, e recebeu as roupas que deveria usar assim que chegassem ao destino.

A montanha que vira do mar, percebeu assim que olhou pela janela da carroça, era na verdade um castelo — gigantesca fortaleza cinzenta, com cantos arredondados formando torres anexas aos lados, sujos e duros que impressionavam pela rede de minérios de luz vermelhos que ocupava, pontilhada, toda a extensão de cada lado.

Não era possível ver a base do prédio, nem mesmo na forma de uma porta de entrada; a fortaleza jogava a cidade inteira na forte luz vigilante do alto, mas qualquer perspectiva sempre deixava no ar a sugestão de que havia algo a mais abaixo da linha até onde a vista alcançava. O terreno era provavelmente uma colina, com as casas e árvores convergindo para o topo dela, cada vez mais densas à medida que se chegasse perto do centro brilhante. Não permitiam a ninguém entender, de longe, o que era exatamente aquilo — as ruas, indiretas, seguiam tortas para a direita numa espiral que ludibriava quem desejasse o caminho mais rápido até o meio.

Assim que passaram por um portão e entraram no castelo, Dier esperou — provavelmente provocando isso — até que o cocheiro os deixasse em paz. Estavam em uma espécie de garagem longa, cujas paredes de corvônia eram adornadas por uma linha sutil de minérios rosados, formando um túnel que tinha por fim um portão de madeira com entalhes que Lamar, de longe, não discernia.

— Você vai estar com a corte de Den-u-tenbergo esta noite. — Avisou Dier como se anunciasse a morte do prisioneiro. — E deve fingir que é meu discípulo. Não fale nada, nem mesmo quando diretamente perguntado. *Não coma nada*. Se fizer ou disser algo que me desagrade ou que contrarie minha versão dos fatos, *quaisquer que sejam* os fatos, vou abrir seu pescoço na mesa do jantar. Acene se entendeu.

Lamar fez que sim com a cabeça.

— Vista-se. — Disse, saindo da charrete.



Lamar olhava intrigado para a pintura dourada do corredor, que não parecia tinta. Ressaltada por minérios amarelos e alaranjados ao longo do corredor, estes encrustados a intervalos regulares e em posições intercaladas, o relevo da textura curva que ocupava a porção central da parede repetia-se, à esquerda, à direita e também no teto, como grossa e forte camada brilhante.

Encostou as mãos à parede, sentindo um frio fugaz nas palmas e nas conexões dos dedos, até ser puxado para trás pela gola da capa verde-escura que vestia.

— Sei que provavelmente nunca viu tanto ouro junto, mas não se comporte como um *idiota*. *Lembre-se* do que falei.

Seguiu Dier pelo corredor, que continuava exatamente da mesma forma até a passagem para uma outra seção, onde as paredes pintadas — definitivamente pintadas — em pêssego ficavam mais escuras. Os focos fracos de minérios azuis foram pendurados a partir do teto em fios cobertos por um trançado fino de vidro.

Depois de mais uma porta chegaram a escadarias retas e modestas, ainda que inteiramente convertidas em corvônia. Subiram até encontrar um último portal, dessa vez maior que os outros e servindo de bloqueio a um burburinho educado do outro lado.

A porta se abriu pelo lado de dentro; Dier provavelmente controlou algum serviçal. Entraram, rápidos, com o alorfo atrapalhadamente seguindo-o, tentando manter-se blindado para a curiosidade que o atraía de todos os lados. Dier sentou-se em uma cadeira vazia mais à direita da mesa, e Lamar, ao seu lado, confiando que se não devesse fazer aquilo Dier teria dito alguma coisa.

Parecia haver duas dúzias de pessoas dispostas ao longo de uma larga mesa farta e colorida — tentação especial para Lamar, que não comera nada o dia inteiro. O estômago reclamou, audível no silêncio, mas felizmente quieto se comparado ao tom das conversas no salão. O piso do lugar, brilhante ao ponto de refletir em parte os pés de madeira escura das cadeiras e da mesa, era do mesmo amarelo claro das paredes em que nenhum retrato se via. Do outro lado da entrada, vidraças longas em molduras roxas completavam o ambiente íntimo do lugar de iluminação dividida entre parques minérios carmins e velas vermelhas à mesa.

— Está atrasado. — Comentou uma sorridente mulher mais velha no centro da mesa, seu cabelo grisalho repartido ao meio combinando bem com as sobranceiras levantadas em tom de desafio.

— Tive problemas. — Respondeu Dier. Lamar não conseguia ver seu rosto, e franziu o cenho tentando decifrar sua voz. — Este é meu novo discípulo.

As pupilas à mesa pareciam ter se movido muito pouco, mas Lamar pôde sentir a mudança atacando-o com ferocidade pelos flancos.

Se era o *novo*, perguntou-se o que aconteceu com o anterior.

Quando resolveu prestar mais atenção ao campo de visão que efetivamente tinha, percebeu que a colher era o único talher disponível. Arriscando voos mais altos, viu como os outros usavam as mãos para comer quase tudo.

Começou a pescar nomes. Tentava entender o que estava fazendo ali. Todos usavam vestidos, togas e capas semelhantes às de Prima-u-jir, só que mais ornadas e coloridas. Muitos pareciam-se — eram parecidos até mesmo com Dier em suas linhas suaves, narizes pequenos e cabelos secos.

— Bom que finalmente tem um discípulo. — Disse a mulher.

Dier não respondeu; continuou roendo um osso lustroso de coxa que fez o estômago de Lamar dar saltos. Sequer vira o preculgo começar a comer e ele já terminava uma porção.

— Viu a frota indo para o Sul?

— Vi. — Disse ele, largando o resto no prato. — Quase me atacaram.

— É claro... — Respondeu ela, voltando-se para a própria comida. — Era só o que faltava você não voltar com o carregamento que pedimos para você.

— Mas voltei.

Ela concordou, mastigando.

— Torn-u-een teve a indecência de vir aos nossos muros. — Continuou ela. — Atacamos já em alto mar. Tentaram inclusive fugir.

Dier balançou a cabeça, mexendo a língua dentro da boca.

— A retaliação deve estar acontecendo esta noite mesmo. — Concluiu a anciã.

A conversa estava desinteressante para algum deles, mas Lamar não conseguia entender quem. Perguntavam-se perguntas e respondia-se com respostas, mas pareciam seguir um protocolo ao invés de qualquer vontade genuína. Só ironias e indiretas — diretamente fora da relação entre os dois, e ainda nem sabia o nome da mulher — justificavam a suspeita de que se importavam um com o outro, para o bem ou para o mal.

— Quando é que você vai nos contar sobre o que anda fazendo viajando por Heelum? — Perguntou um homem alto e barbado, separado da mulher por uma moça magra, quieta e que olhava para baixo. O homem antes estava mais distante da conversa, mas agora parecia ter percebido a presença de Dier na mesa.

— Quando estiver pronto.

— Quando estiver pronto o quê?

Dier meneou a cabeça, num sorriso que escondia facas atrás dos dentes.

— Avisarei quando estiver pronto.

O homem voltou ao parceiro anterior de conversa com um muxoxo.

À medida que a noite seguia, serviçais em longas vestes negras surgiam numa espécie de coreografia geométrica — absolutamente perfeita em cumprir uma reta exata desde duas portas simples em uma das pontas do salão até a mesa. Vinham trazer novos pratos ou substituições dos antigos.

— Irmão. — Chamou Dier em voz baixa um homem que parecia o próprio, só que mais velho, de rosto mais longo e de bigode, que sentava-se ao seu lado. — Não vai nos apresentar formalmente ao discípulo?

A anciã subiu as pálpebras na direção da nova conversa.

— A família é grande demais e este não é o momento. — Respondeu Dier, olhando inflexível para a frente.

— Por que não só para os mais importantes? — Disse, levantando as sobrancelhas. — Eu sou irmão do Dier. Meu nome é Flavian. Aquela é nossa mãe, Noella.

Lamar não sabia como reagir, a não ser pela mandatória falta de veracidade.

— Não acha que seria mais interessante falar conosco? — Perguntou Flavian. — Você não deveria ser assim mal educado.

— Não se atreva. — Disse Dier, sem interromper o copo d'água levado à boca, vertido sem que nenhuma indicação de que ele viraria o pescoço para confrontar o irmão.

— Ele deveria comer também. Deve estar com fome.

— Mais um passo e não respondo por mim, Flavian.

Enquanto via Noella sussurrar um agressivo “Dier!”, Lamar entrou em Neborum — viu-se em uma sala que havia descoberto durante a viagem. Nela, podia se trancar pelo lado de dentro. A porta contava com três trancas, e estava escondida atrás de uma parede falsa. O cômodo não tinha móveis, nem mesmo janelas aparentes — pequeno e longo, era uma brecha entre salas, feita para não ser imaginada por quem estudasse sem critério o castelo do lado de fora. A abertura pequena próxima ao chão não lhe dava vista privilegiada alguma, mas a ignorância valia a pena.

Volto a Heelum trazendo uma lufada de ar para dentro do peito — que com sorte, ninguém percebeu; nada mais parecia ter acontecido, e Flavian sorria docemente para o irmão.

— Você não muda...

Dier permaneceu quieto.

— Por falar nisso, a Casa do Norte ganhou o torneio enquanto você esteve fora.

— Interessante.

— É a mesma casa de nossa prima Brigi, lá no outro lado. Você deveria ir cumprimentá-la.

— Não. — Determinou Dier, depois de um curto silêncio. — Outra hora.

— Ela está a algumas cadeiras de distância, Dier. — Censurou o irmão. Noella conversava com o homem de barba e não parecia mais prestar atenção à conversa.

Enquanto isso Lamar seguia olhando para o próprio prato barroso, com seu vazio deprimente. Arriscava espiadas rápidas para frente ou para os lados, à altura da comida e só.

Mas era certamente injusto — não seria possível consumir toda aquela comida com o *dobro* de convidados, e parecia que quase metade deles era composta por discípulos como ele — que, parados e encabulados em suas cadeiras, não comiam ou falavam qualquer coisa. De fatias de carne a frutas, passando por cebolas e tomates tostados, havia tipos de preparações e molhos que não conseguia arriscar sequer os ingredientes para além da água. Lamar desejava apenas que o frio da estação fizesse logo seu papel e acalmasse os ânimos dos vapores, que distribuíam com coreografias onduladas cheiros sedutores pelo salão.

Mas não podia comer. O desperdício não importava.

— Como encontrou um discípulo tão rápido? — Perguntou Flavian, que sempre falava meneando a cabeça para incluir Lamar na direção da conversa. — Você saiu daqui sem um.

Dier voltou-se para o irmão, que arqueou as sobrancelhas em expectativa.

— Duvida de mim, irmão?

— Obviamente.

Talvez a raiz de toda a irritação de Dier fosse que justamente ele estava *seguindo* suas ordens. Será que deveria *mesmo* fazer aquilo?

É *claro*, pensou. Ele estava *fingindo* ser discípulo dele; não o era de fato. Não fazia sentido que aquilo se tratasse de qualquer tipo de teste.

— Temos que discutir também esta guerra, Dier. Mamãe falou sobre isso com você?

— Mencionou brevemente.

— As ordens chegam lentas, mas se formos mandar tropas para algum lugar, um da fortaleza deverá ir à frente.

— Não há necessidade alguma disso, e ela já está ciente de minha opinião.

— Qual é a sua opinião, Dier?

— Não lhe cabe ouvi-la.

Dier parecia irritado — e ninguém, além de Flavian de vez em quando, conversava com ele. O homem jovem à esquerda de Lamar estava tão entretido em uma conversa sobre algum tipo de torneio que toda a superfície de suas costas voltavam-se para o alorfo como uma nova parede. Noella ria discretamente, com as duas mãos juntas na beirada da mesa, engajada com alguém no próprio lado da mesa.

Alguém realmente perceberia se ele pegasse uma colherada daquele molho à frente, tão perto de si, tão *seu*, a jogasse para dentro da boca e lentamente fingisse estar observando a colher?

Um arrepio percorreu o corpo — *fome*, não frio, concluiu. Não estava frio dentro do salão, e as velas reinavam sem contestação no ambiente cujas janelas ninguém abriria.

— Eu creio que me cabe, irmão.

— Eu não creio, Flavian.

— Você resiste a me chamar de irmão pela mesma razão a que resiste servir à Fortaleza?

— *Serv...* — Engasgou Dier; Lamar arregalou os olhos quando viu, na posição privilegiada que tinha sua postura cabisbaixa, o mago agarrar a própria coxa como quem precisa de apoio para não arrebentar alguma outra coisa. — Vocês me querem na guerra para saber onde estou e para que com sorte eu *morra* por lá.

Lamar engoliu, fazendo da *secura* protagonista — mas não queria chamar a atenção nem mesmo com um arranhar de garganta. Verificou de novo que ninguém lhe dirigia a menor atenção, e Dier virava-se mais e mais para o irmão.

Encostou as pontas trêmulas dos dedos na ponta do cabo da colher. Maravilhou-se com a total inocuidade do toque, em todo seu glorioso silêncio em meio às conversas cruzadas das quais era pivô.

— O fato de que você não quer ir mostra por que nos importamos tanto com o seu destino. Embora eu, pessoalmente, duvide que você vá correr muitos riscos...

— Vá você, se quer tanto.

— Mas *oh*, não, eu não quero! — Flavian ria como se galanteasse o próprio irmão. — Eu tenho sido um representante mais autêntico dessa família do que você desde que você *nasceu*, Dier! Você *sabe* disso! É óbvio que você deveria ir.

Lamar encostou a colher no molho cremoso — de um alaranjado salpicado com ervas finas e odor cítrico que fazia umedecer os últimos cantos da boca.

Sentiu-se observado um momento antes de virar a atenção um pouco para o lado; Dier o observava num transe sem expressão, com a boca levemente aberta e as mãos entrelaçadas diante do queixo.

Largou a colher na hora em que o falso mestre a jogou bruscamente pelo chão, sujando o caminho de molho. Lamar ofegava, voltando a olhar para baixo em desespero — sua *única* chance era tirar a espada de Dier antes que ele a usasse; talvez conseguisse sair correndo dali e poderia sair antes que eles entendessem que ele não era discípulo nenhum.

— *FLAVIAN!* — Berrou Dier, levantando-se imediatamente.

A mesa entrara num silêncio atônito. O ruído da respiração de um irmão, junto ao sorriso satisfeito do outro, preenchiam todo o espaço reverberando num eco constrangedor.

— *Sente-se, Dier.* — Chamou Noella, controlando o volume da voz aze-dada. — Não me faça usar a força e *sente-se, Dier!*

O filho, imóvel, não respondia.

— *Sente-se, Dier!* — Desesperava ela, destilando o comando em uma voz mais e mais fina. — Você *não vai* me envergonhar na Noite dos Mestres de novo, *Dier!*

Lamar não ousava observar a reação de ninguém.

— *SENTE-SE, DIER, NÃO ME ENVERGONHE MAIS!*

— Por que devo ser *eu* a causa da vergonha quando meu *irmão* força as regras da noite à *ruptura*? — Questionou Dier, voltando-se para a mãe com olhos arregalados e bochechas tensas a cada palavra.

— Porque você é o *mestre* deste mago e deve *controlá-lo direito!* — Explicou ela, fechando os punhos trêmulos, tornando ainda mais visíveis as veias do antebraço.

— A Noite dos Mestres é para mestres de fato, irmão... — Zombou Flavian.

— Você testa minha paciência como se eu não pudesse fazer nada, Flavian.

— E o que vai fazer? Me matar?

— *Chega.* — Declarou Noella.

Dier jogou-se para baixo, desconcertando-se na queda sobre a cadeira que, para seu provável desprazer, não era acolchoada. Logo ele pôs as mãos entrelaçadas acima da mesa, e instantes depois Noella começou a tossir, encostando a mão a garganta até se estabilizar.

As conversas recomeçaram, rodopiando em volta de um Dier perfeitamente pacífico. Lamar ouviu à esquerda comentários sobre seu caráter e temperamento sempre ter sido daquele jeito — e que aquilo era realmente muito triste para a linhagem de Noella: pequena mancha naquilo que era de outra forma uma condução muito boa de sua vida pública.

— Imagino o que papai diria se estivesse vivo... — Disse baixinho Flavian, escolhendo um pedaço de carne para morder. Logo voltou-se para Lamar. — Você é *realmente* o discípulo dele?

Lamar sentiu as bochechas arderem: não podia mais se deixar enganar por nenhum impulso que tivesse. Tinha que se agarrar à ideia de que simplesmente não podia falar. Nem comer. Não podia falar ou comer.

— Deveríamos tirar essa dúvida.

Lamar arriscou uma rápida melhora no ângulo e viu que Noella olhava para ele também.

— Eu estou concedendo a você o direito de falar. — Disse Noella no tom certo para que as conversas não parassem e as atenções comessem a gravitar de novo para aquela porção da mesa. — E espero que possa nos contar caso não seja um discípulo... Em especial um discípulo de Dier.

O mago controlado pela mãe se manifestou, urrando até forçar o limite da mordança que ela, provavelmente uma espólica, lhe impunha. Não durou muito, e ela logo insistiu.

— Pode admitir. — Dizia Flavian. — Qual é o seu nome?

— Penso que ele tem levado a lealdade a Dier longe demais, filho. — Supôs Noella.

— Talvez. Olhe para nós, homem, por favor. Eu imagino que Dier não tenha dito nada sobre isso, não é?

Lamar imaginava que não podia continuar contrariando aqueles magos por muito tempo — com Dier fora de combate, talvez *eles mesmos* o invadissem para fazê-lo falar, se já não houvessem feito.

Mas se *não* o fizeram ainda, será que farão caso ele não coopere?

Olhou para Flavian, depois para Noella, e manteve a cabeça reta e os lábios trancados.

— A tradição da Noite dos Mestres celebra a vida e a morte dos grandes mestres de Den-u-tenbergo. Nessa noite os discípulos não têm vez ou voz. — Explicou Noella, didática. — Mas hoje *eu* sou a organizadora, e digo que você pode falar. Mesmo que *seja* discípulo de Dier de verdade.

— Vai ser pior se não falar... — Deixou no ar Flavian.

— Filho... — Advertiu Noella, polida.

“Vai ser pior”, pensou Lamar, se Dier não quiser mais ir para Imiorina depois de um desvio nos planos em Den-u-tenbergo. Aquela noite tinha que dar *certo* para ele, e até o momento estava sendo um desastre.

Assustou-se quando Noella tocou sua mão. A pele era fina e pedregulhosa; os movimentos, incertos. Ela quase o fez lembrar da própria mãe.

— Garanto que você pode se sentir seguro. Dier não é uma ameaça para você nesse momento, não importa o que ele tenha dito a você. *Eu* tenho voz aqui. Aqui e agora.

Lamar percebeu um movimento à direita: virou-se para ver a cabeça de Dier quase dentro do próprio prato, o rosto impassível todo virado para baixo.

Dier subiu a cabeça de novo num movimento brusco, apenas para dar testadas no prato sujo de molho, grãos de arroz cozido e pedaços duros demais de carne. Testadas duras, nada ensaiadas para o conforto: depois da quarta vez, Dier permaneceu reto no assento, mas a testa estava estampada com uma mistura nada harmônica de cores.

— Vê? Você não precisa falar. Faça movimentos com a cabeça de início.

— Disse ela.

Lamar confirmou discretamente.

— Você é discípulo de Dier?

Fez que sim, ligeiro.

— Tem certeza?

Repetiu, confiante.

Noella continuou a ver nele um difícil quebra-cabeças. Quando Lamar deu por si ela havia levantado o dedo indicador para ele, desfazendo o contato carinhoso das mãos.

— Proponho um desafio. Um desafio que será talvez mais difícil para Dier do que para você. — Começou ela, falando diretamente com o discípulo ao invés do mestre. — Prometa que estará na próxima Noite dos Mestres conosco. Será daqui a um rosano, e você aparecerá na mesma condição de discípulo de Dier. Você acha que isto é possível?

Lamar engoliu em seco; a Dier foi permitido fechar os olhos por mais tempo do que o de uma piscada, e só. Não havia muito o que interpretar, e estrategicamente dizer não era confessar que havia muito menos do que um plano de longo prazo na mente dos dois.

Depois de controlar o desejo de responder com um sonoro sim, Lamar confirmou com um movimento de cabeça. Dessa vez, mais contido, pensado; sabia que mentia, e esperava que Flavian não o estivesse persuadindo a querer cumprir a palavra. Este sorria para Noella, sem preocupações no mundo. Jogou as sobrancelhas para o alto e voltou-se ao próprio prato.

O Prólogo da Jornada de Kan

Nenhuma luz abrandava a noite do lado de fora da tenda; por dentro, um minério amarelo desperdiçava seus esforços num canto, jogado no chão. Kan já havia desistido de tentar se desamarrar — o esquema era complexo demais, e na mesa em frente não havia nada que pudesse ajudá-lo.

Olhava reto para nenhum lugar em particular, com o corpo nada incomodado e a mente pouco atarefada. Esperava, como fizera sem alarde nos últimos dias, por uma decisão que alguém tomaria quanto ao que fazer com ele.

Não conseguia ainda ouvir os passos do lado de fora, mas percebia o agito no ar em Neborum. Logo pôde ver o contorno de um castelo surgir ao longe. Engoliu em seco ao perceber exatamente que castelo era.

Voltou suas atenções para Heelum; alongou a cabeça e respirou fundo uma, duas, três vezes e rápido, preparando-se para o que acontecesse ali — resistir em Neborum parecia ser inútil.

Desmodes entrou devagar na tenda. Passou a fitar o filinorfo preso sem pressa nem interesse.

— Há coisas que quero saber. — Ditou ele.

Kan fez que sim com a cabeça.

— Eu posso dizer tudo. Qualquer coisa.

Kan pensou ter visto um leve estreitar nos olhos negros.

— Nenhum escrúpulo?

— Vou cuidar de mim como sempre cuidei, então... Aceito os seus termos.

— Não há termos. Não há acordo al...

Desmodes parou de falar quando levou a atenção para o canto escuro da tenda atrás de Kan.

O filinorfo esticou o pescoço, tentando ver o que estava acontecendo. Não ouvia nada e, já que ainda não tinha sido dominado em Neborum, podia ver que lá não havia nenhum outro castelo para além dos dois.

— Qual é o...

— *Quieto!*

A tenda se mexia como se crianças, despreocupadas em dias de felicidade, corressem pelas laterais arrastando seus dedos displicentemente pela goma alaranjada. Primeiro ali, mais embaixo; depois do outro lado, de leve. Não havia o som de seus passos nem de suas unhas, mas Desmodes sabia que aquilo não era obra do vento.

— Há *mais* de vocês aqui? — Perguntou Desmodes, voltando-se para Kan de novo.

— Não. Éramos quatro.

Desmodes olhou de novo, por um momento a mais, para o canto escuro.

Avançou contra o filinorfo, virando a mesa para o lado de qualquer jeito e encostando a ponta da espada em sua garganta exposta.

— *HÁ MAIS* de vocês aqui?

— *NÃO!*

Virou o pescoço bruscamente para o canto em que parecia ver alguma coisa; com a espada ainda em punho, saiu de perto de Kan e andou até o minério na ponta oposta da tenda.

Pinçando a pedra iluminada com os dedos, adiantou-se, pé por pé em posição de segurança, até o canto menos iluminado do lugar.

Pressionou o minério contra o tecido como se quisesse ver através dele; ali teria ficado até ter certeza de que o que viu era só sua imaginação se dentes fortes do outro lado não tivessem mordido seus dedos.

Desmodes berrou, deixou o minério cair no chão e saiu da tenda. Não precisou terminar de dar a volta nela para topar com um vulto encapuzado do lado de fora.

Num estouro sem pensamento, atacou — com golpes amplos, cruzados, acompanhados de grunhidos de raiva, tinha certeza de que tinha atravessado o corpo envolto em vestes cinzentas à sua frente, mas a lâmina passava por ele como por vento. No fim, estava tão limpa quanto no começo.

Desmodes recuou, o rosto louco como se os olhos também ofegassem. Deixou a espada à frente, instintivo, enquanto esperava que o inimigo se revelasse, fosse o que fosse — poeira de sua imaginação ou mistério de Heelum.

Mistério de Heelum.

Pôs os dentes de cima junto aos de baixo para ranger; expirava forte o silêncio da espada enquanto aparecia, cada vez mais estridente, cada vez mais asmática, a gargalhada do ser à sua frente.

— Estive pensando... Pensando mesmo, Desmodes... Se seria feio o bastante matá-lo aqui. Matá-lo *agora*.

Desmodes apertou a mão por sobre a guarda da espada.

— *Sim*, ela é inútil. — Continuou ele. — Mas *você* não é!

— O que quer, Lato-u-nau?

— *NÃO ME CHAME* — Gritou Lato-u-nau, empurrando Desmodes para trás. — *POR ESSE NOME!*

O mago-rei se recompôs rápido depois da cambalhota, um pouco tonto e mais enraivecido, e empunhou a espada em riste mais uma vez. Viu com desgosto o capuz de Lato-u-nau jogado para trás; viu a cabeça alongada, levemente esverdeada, adornada com uma barba completamente irregular e dentes da frente apodrecidos.

— Ah, não seja *toló!* — Com um gesto de mão à distância fez a espada de Desmodes ser atirada para longe. — Eu já *disse*, e você já *viu*, como ela é inútil!

— *O que você quer?* — Rosnou Desmodes.

Lato-u-nau se empertigou, sua boca torta arranjando-se num sorriso bobo; sua cabeça parecia um pouco mais achatada agora, pelo menos à distância que Desmodes estava — via praticamente a silhueta do inimigo apenas, construída com a luz fraca do minério dentro da tenda.

— *É simples.* Quero que mate o Kan.

— *Quem é Kan?*

— O filinorfo que você capturou... — Sussurrava ele, balançando sem muita graça a cabeça cujos olhos ferinos começavam a brilhar como tochas na noite. — Aquele, ali dentro... *Que não quer morrer.*



Ele corria com os pés descalços de um lado da jir a outro, cortando caminho por meio da plantação. Ao chutar sem querer uma caixa de ferramentas ouviu um “Ei!”, e pela voz achava que sabia quem ele tinha incomodado dessa vez.

Onari tinha pedido para ele transmitir um recado a Sainara, a senhori-nha dos temperos, e para “aproveitar” e ficar na casa dela. Sainara, depois de ouvir o recado e dizer que ele já podia ir embora, não gostou nada da ideia. Explicou com olhos enormes que “Não... Não, não, aqui não! Vai de volta pra Onari, menino!”.

Kan sentiu o vento que a porta fez ao bater atrás das costas. Não chegou a fazer o caminho de volta; mal pisou no corredor entre as plantas altas, já decoradas de dentro para fora com suas espigas, e viu o dono da caixa de ferramentas que derrubara vir atrás dele cheio de raiva para distribuir.

Fugiu, aparvalhado, e entrou na primeira casa de porta aberta que viu. Assustou uma menina mais nova que ele, que zanzava pela sala com uma boneca sem cabeça nas mãos, e se escondeu na cozinha, entre as tábuas claras da parede e o fogareiro preto.

Acabou expulso minutos mais tarde, aos gritos, pela dona da casa. Ela nunca tinha gostado muito dele — e só uma vez, num torn-u-sana em que os

umenau pareciam ter decidido invadir quase a jir inteira, ela permitiu que ele dormisse lá.

Pelo menos saiu pela porta dos fundos, vendo que ali, nas encostas da colina que os separava do Rio Al-u-bu, não era perseguido. A jir no Extremo Oeste de Al-u-een se dispunha num semicírculo; Kan conhecia todas as casas, já que passara pelo menos uma noite em cada uma delas desde que nascera — e, embora não tivesse motivo para gostar muito de alguma em especial, gostava daquela ponta do vilarejo mais que da outra. Na subida da íngreme colina, que ele sempre encarara como um desafio secreto, só seu, conseguia uma vista ótima do nascer-de-Roun por sobre o rio.

— Arranjando encrenca, garoto?

Kan parou de olhar para as árvores enraizadas no morro, virando-se para a varanda cercada nos fundos de uma das casas. Céldido, o homem mais velho da jir, sentava em uma cadeira tão baixa que na última parte do processo mais caía no assento do que aterrissava. Céldido perdeu a visão quando Kan era muito pequeno; para o azar do menino, não tinha perdido a voz.

— Kan?

— Sou eu, sim... — Kan murmurou de volta. — Como você sabia que era eu?

— Além dos berros aí do lado? — Apontou com o dedo trêmulo para a casa de onde o menino saía. — Pelo *cheiro*, é claro, porque você fede mais que *peixe podre*, seu *moleque* fedido.

Kan respirou fundo e fechou os olhos, fechando as mãos do lado do corpo. Detestaria ter que dissimular a raiva que sentia de Céldido, então até que sua cegueira lhe era bem conveniente.

— Onde é que você vai dormir hoje? — Perguntou o velho.

— Não interessa!

— Moleque *atrevido*, isso é que dá não ter pai nem mãe! Se bem que... Para ser um *palerma* como você nem pai nem mãe davam jeito, não é? Deviam ser dois *idiotas* para fazer um assim...

— Não fala da minha *MÃE*! Nem do meu *PAI*!

— Você nunca nem viu seu pai... — Sugeriu Céldido, a voz amansando enquanto as sobranceiras puxavam o rosto para cima. — Nunca viu sua *mãe*!

— E você não vê *nada* porque é *cego*!

— Ah, *garoto*! Acha que me incomoda? Seu pedaço de gente miserável... — A mão de Céldido tremia na cadeira enquanto seu rosto balançava, procurando mais ou menos o lugar onde Kan estava. — Sua mãe botou você no mundo e deve ter abandonado depois de te cheirar... Viu o *desperdício* de carne que tinha parido e foi-se *embora*! O pai ela não devia nem saber quem era, que ele nunca veio procurar você... Mas aquela idiota podia ter

jogado você em algum outro canto, não podia não? Mas *NÃO! Tinha* que jogar aqui, para você abusar da nossa comida, do nosso dinheiro... Se fosse por mim tinha te *chutado* daqui antes que começasse a falar e a andar que assim ninguém perdia *tempo* com você, seu *esterco*!

Kan já não conseguia segurar os pulsos juntos; perdia as forças nas mãos trêmulas. Não soluçava, mas prendia a respiração sem perceber; dali saiu direto para um lugar, qualquer um, o primeiro que encontrasse — e não eram muitos, nem um que pudesse chamar de seu sempre — para desaguar o que saía dos olhos. Entendia uma verdade simples, pouco a pouco, sem verbalizá-la nem consagrar como profeta dela o velho amargo: todo mundo tinha alguém para poder ser amado por inteiro. Ele não.



Seu pai não poderia ter escolhido pior época para conhecê-lo. Cheio de espinhas amarelas no queixo (e uma na ponta do nariz), alto demais para as roupas de segunda mão que já nem deveriam ter sido passadas adiante e com as unhas imundas de terra, Kan definitivamente não se sentia adequado no escritório do pai.

Livros, mais do que ele já tinha imaginado existir em toda a sua vida, enchiam uma estante que ocupava uma parede inteira. Ele mal sabia ler. A janela atrás da escrivaninha bem trabalhada, colorida e decorada com padrões repetidos de cima a baixo, era provavelmente mais cara que uma casa inteira da jir onde crescera. Até mesmo as portas, desenhadas com motivos herbais dourados por sobre a madeira escura, parecia concentrar mais riqueza do que jamais experimentara.

— Como me achou? — Perguntou, assim que conseguiu falar. — Como sabe que eu sou seu filho de verdade?

O pai, sujeito de cabeça miúda em corpo magro e alto, trancafiava o corpo em vestes verdes. Sorria docemente para o filho, e quando finalmente falou sua voz estava tão rouca que em nada combinava com suas feições.

— Perdoe pela voz, estou com um problema na garganta... — Disse, engolindo duramente logo depois. — Meu filho... Se demorei tanto para achá-lo é justamente porque quis ter certeza.

— Mas como...

— *Eu. Não. Acredito.*

Kan olhou para trás, e pela porta entreaberta uma garota, certamente alguns rosanos mais velha que ele, o observava com um sorriso crescente recheado de algum sentimento que Kan não conseguia decifrar — mas sentia que não era amistoso.

Ela entrou na sala com estardalhaço, arrastando um longo vestido roxo até ficar perto de Kan. Contorceu o rosto quando cheirou o ambiente; afastou-se, puxando consigo parte do que vestia.

— Esse é quem eu acho que é? — Perguntou ela.

— Sim. — Esforçou-se o pai. — Sim, filha, esse é o seu irmão.

— Não. — Disse ela, levantando o dedo. — Você *não vai* aproveitar que você e a mãe se separaram para trazer para casa um filho *bastardo*!

— *BASTA!* — Levantou-se o dono da casa, forçando a voz ao limite. Kan arregalou os olhos, dando um lento passo para trás. — *Não vou admitir* que fale assim comigo!

— E *eu* não vou dividir *mais* minha herança com esse... — Avaliou o irmão mais uma vez.

— *QUERANÇA?* — Interrompeu o pai no meio-tempo, obrigando-se a arrancar a garganta por completo para se fazer entender o pouco que fosse. — Que herança? Por acaso eu vou morrer *amanhã*?

— Amanhã ou depois *não interessa*, porque filho é para *sempre*, pai.

Por mais que Célide o forçara a criar uma casca ao redor de seu orgulho, e por mais que não conseguisse entender exatamente por quê, Kan sentia que aquela era a maior humilhação de sua vida.

Recebeu um novo olhar da meia-irmã.

— Parabéns, *pivete*. Tirou a sorte grande.



De seu esconderijo pôde ouvir a porta abrir. O armazém, usado para dezenas de coisas, tinha nas estantes e seções fechadas das paredes bons refúgios. Aquele era seu armazém favorito, e toda vez que vinha a Karment-ueen convencia aquele fazendeiro específico, homem organizado e ambicioso, a deixá-lo ficar por ali.

Aparentemente alguma coisa havia dado errado. Com isso ou com o dinheiro que, aí sim, “coletava” dos empregados.

Em Heelum os passos foram interrompidos, mas a porta de seu castelo estourou — caiu para frente com o chute do iaumo invasor, que berrou para que ele ficasse bem onde ele estava.

Kan estava à frente da porta de seu castelo, com as mãos para o alto e um sorriso no rosto. O mago que o atacava era um largo homem de pele escura, careca, que parecia se esforçar ao máximo para ser ameaçador.

— Vou me virar de costas como sinal de que estou ao seu dispor. — Disse Kan.

Não chegou a ficar de lado; fez surgir uma adaga em sua mão direita e a jogou na direção do homem, que teve a garganta cortada.

As galinhas do outro lado do armazém acordaram com a ação que começou assim que o iauomo sumiu de cena aos poucos. Kan estava no chão, ajeitando-se como podia num espaço fechado por duas portinholas. Quando elas abriram, conseguiu chutar o homem para trás.

Kan jogou-se para fora do esconderijo; aproveitou o desequilíbrio do inimigo para roubar a espada de sua mão e chutá-lo até uma coluna, tronco firme no meio do casebre.

— Qual é o seu nome? — Questionou Kan. — O que quer aqui?

O outro mago se estabilizava, conferindo com a mão se não sangrava no rosto. Olhou para Kan, para a espada roubada, e então para o resto do lugar.

— Meu nome é Hiram. Você é um preculgo que mora muito mal...

— Isso é problema meu.

— É curioso, na verdade... Qual é o *seu* nome?

— Kan. E você não disse o que veio fazer aqui.

Aquela foi a primeira vez que Kan viu um sorriso de Hiram. Ele apareceu de repente, completamente fora de contexto; ainda assim, transformou o fim de uma luta em um cenário amigável — era quase como reencontrar um velho companheiro que mudara muito nos últimos tempos.

— Eu sou um filinorfo.

Kan fez que sim com a cabeça.

— Descobriu que tinha um mago aqui e quis me matar, é isso?

— Ah, não... — Riu-se ele, parecendo genuinamente se divertir. — Se eu quisesse matar você eu não teria sido tão calmo quando invadi seu castelo.

— Eu teria reagido rápido também.

— Kan... — Seus sorrisos agora pareciam feitos para repreendê-lo. — Você foi descoberto... Quer dizer que não é um mago *tão* bom assim. Bons preculgos não deixam esse rastro...

— Isso ainda é uma disputa? Porque eu estou vivo lá. E tenho a sua espada aqui.

Hiram levou as mãos ao alto, segurando a boca como criança levada.

— Só achei estranho que um preculgo precisasse viver num lugar como esse.

— Eu não *vivo* aqui. — Kan apressou-se a corrigi-lo. — Eu não moro em lugar nenhum.

— Como foi que aprendeu magia preculga?

Kan respirou fundo.

— Não interessa.

— Você não é igual aos outros magos.

— Eu fugi do meu mestre.

Hiram se aproximou. Kan apontou a espada para ele.

— Você sabe por que nós, filinorfos, *lutamos*, Kan?

— Não quero saber.

— Está certo... — Hiram recuou, avançando apenas com seu olhar brincaço. — Hoje estou sozinho. Foi a sua sorte. Amanhã ou depois, preculgo, eu voltarei com alguns amigos. E, se ainda estiver aqui, será morto. Então... Sugiro que fuja.

Kan baixou a espada, sentindo-se relaxado o bastante para entrar no jogo.

— É mesmo?

— Sim.

— Está me avisando para que eu saia daqui porque não quer me matar?

— Sinto que você caiu nas mãos dos preculgos por acidente, Kan. E que na verdade seria um *grande* filinorfo. Só não sabe disso ainda.

— Hm... Acho que não.

— Creio que não posso convencê-lo a me devolver a espada, não é?

— Crê corretamente.

— Muito bem...

Hiram deu meia-volta e partiu para o par de portas na outra ponta do armazém. Parado exatamente onde estava, Kan observou a espada. Ao som de cacarejos, reprisava o estranho encontro em pensamento.

Nunca encontrara um filinorfo antes — não assim, tão pessoalmente. No entanto, Hiram parecia conhecê-lo; parecia saber como ele funcionava.

“Caiu nas mãos dos preculgos por acidente”, disse Hiram. Mas qual acidente foi mais importante? Ter sido filho de um mago ou ter sido abandonado pelos pais assim que nasceu? O primeiro garantiu o conhecimento necessário para sobreviver da forma como sobrevivia agora. O que, aliás, foi outra incrível coincidência — magos em Al-u-een não costumavam ensinar magia para os filhos. O pai de Kan era exceção: queria que sua linhagem *inteira* fosse de magos. Dizia que esse era o único caminho honrado, e que justamente para burlar as regras e a vigilância da cidade seria preciso que fossem *excelentes* magos.

Kan não se sentia exatamente bem mexendo com a cabeça de outros coitados, roubando-lhes com convencimentos absurdos um pouco de dinheiro — mas estavam todos na lama, ele e seus controlados; poucos em Heelum viviam bem, e a maioria, da qual Kan sempre fizera parte, vivia mal. Um pouco menos mal, um pouco mais mal — faria realmente alguma diferença?

Já o segundo acidente garantiu que ele jamais se sentisse parte da família de magos de seu pai. Precisava viver sozinho; não aprendera desde pequeno as regras do mundo da alta sociedade, e cada personalidade que conhecia parecia carregar os olhos nublados de Célido e tudo que eles significavam. Ele não *era* um genuíno preculgo; isso não era nenhuma novidade.

Deixou a espada cair no chão de terra. Ficou pensando que deveria ter ouvido melhor o que Hiram tinha para dizer.



Saíram há alguns dias da fortaleza de Roun-u-joss, mas Kan ainda não tinha encontrado oportunidade para falar com Hiram. Oportunidade, claro, era um conceito relativo: quando se está junto o tempo todo, trata-se de encontrar o tempo certo.

Raquel e Gagé estavam caçando, e Hiram descansava os pés na grama. Libertara-se das botas por um tempo, e olhava para a última parte da saga de Roun naquele dia.

— Hiram... — Começou Kan. — Eu acho que prefiro sair.

— Sair?

— Ficar com os alorfos de Roun-u-joss.

— ... Conhece os daqui?

— Talvez... Mais ao norte.

— Espero que entenda, Kan, que ainda estamos sendo caçados pela polícia de Al-u-een. E eles não vão querer voltar de mãos vazias, então... Não espero que eles desistam cedo.

— Já faz um tempo que saímos de lá.

— A cidade vai cooperar. — Hiram virou o rosto para o sol de novo. — Eles vão passar o tempo que acharem necessário, mas certamente é mais do que cinco dias, Kan.

Expirou, cheio de cansaço, esperando que o líder do grupo percebesse.

— Não deseja mais fazer parte disso, Kan?

A voz suave de Hiram era um golpe baixo. A pergunta parecia perfeitamente arquitetada para atingi-lo em seus pontos mais precários: não queria decepcionar o amigo. Não queria se arriscar mais do que já fizera nos últimos tempos — mas tampouco sabia onde estava a fronteira que antigamente costumava ser tão simples de traçar para si mesmo.

Em uma de suas passagens por Al-u-een, pouco tempo depois de conhecer Hiram, Kan acabou empregando suas técnicas na pessoa errada. Se por um lado escapou da prisão quando acusado, por outro acabou nas mãos de justiceiros que fariam, adivinhava ele, mais mal que a polícia. Apostou que confesso e condenado estaria melhor.

Errou. A presunção que fizera de si e do que sabia do mundo quando decidiu viver de esperteza finalmente dava frutos.

A maturidade chegou no ritmo da dor. Não podia ter vindo de dentro, cicatrizado como estava aquele lado desvirado de si. Entendeu uma verdade que, dessa vez, era bela porque trazia esperança: só podia cuidar de si fazendo parte de um grupo. Nada na vida era justo ou certo e ele nunca sentira-se em condições de fazer parte de um coletivo — mas, quando saísse da pena e dos suplícios, teria que fazer aquilo funcionar.

Foi estratégico nas alianças. Sabia que com os filinorfos compartilhava o desprezo pelos magos tradicionais — algo que o fez passar um bom tempo procurando por Hiram de novo. Percebia como a vida de um filinorfo ativo fazia deles pessoas muito mais confiáveis em geral. Eles arriscavam muito mais a vida. *Precisavam* uns dos outros. *Dependiam* uns dos outros.

Mas arriscar era a palavra-chave. Não queria se arriscar demais de novo se possível, e a vida quase pastoril de alguns alorfos ao longo da costa leste de Heelum o atraiu para a dupla agência. Hiram aparecia de vez em quando, e os dois funcionavam bem em suas missões temporárias. Já os alorfos... Podiam não ser muito confiáveis, mas eram estáveis.

Por outro lado, se queria tanto a vida de sombras como alorfo discreto, deveria ter fugido de Hiram assim que ouviu o plano de assassinar Hourin e fugir para o Sul.

— Não sei.

— Nós *vamos* precisar da sua ajuda. De *toda* ajuda que conseguirmos. Não sabemos o que vamos encontrar, porque isto *jamaiz* foi feito antes. *Jamaiz* estivemos *tão* perto, Kan. Você não *quer* descobrir a verdade?

— Sempre soubemos da verdade, não é?

Hiram abriu um de seus longos sorrisos abertos.

— Sim, meu amigo... Mas isto é diferente.

— Eu não sei... — Kan passou as mãos pela cabeça.

— Continue conosco, Kan. Pelo menos até sabermos do que isso tudo se trata. *Nunca* exige nada de nenhum companheiro, pois *sei* que cada um dá o sangue e o suor que acha que pode dar. Não é justo impor bravura, ou a chance de um sacrifício, a ninguém.

Kan assentiu, engolindo mais fácil do que pensava tudo aquilo que nunca dissera. Coisas tão familiares quanto canções de infância formavam um discurso pronto em sua cabeça quase o tempo todo.

— Você vai acabar me matando, Hiram.

Hiram riu, em alto e bom tom, antes de se deitar na grama.



— Por que não o mata *você*?

Lato-u-nau recuou para mais fundo nas sombras.

— Kan apenas *sobrevive*. — Explicou ele, começando a vagar para longe da tenda. — Ele fez de sua existência *mínima* para que seja só isso, ou pelo menos isso: uma *existência*! Heelum, para ele, está cheia de pessoas que não se importam com *nada*. *Ele* não se importa com *nada*. Não é fácil matá-lo de um jeito *feio*, Desmodes, de um jeito que *destrua* seus sonhos, porque ele não tem nenhum. Que destrua sua *vida*, já que ele quase não se preocupa tanto em viver. Viver de *verdade*. Viver *bem*, como...

Ele parou, engasgando no meio da frase.

— Como meus *al-u-bu-u-na* faziam. Agora ele acredita que pode vencer você, *ah*, você não tem ideia de *como* ele acredita nisso. Agora é a hora. *Você* tem que desapontá-lo.

Desmodes olhou para a espada jogada ao longe; quase não conseguia vê-la.

Tudo que tinha que fazer era invadir aquele homem e forçá-lo a se matar de alguma forma.

A pedido de Lato-u-nau, que já havia dito, na Floresta Al-u-bu, que iria matar Desmodes um dia. De um jeito particularmente específico.

Desmodes andou até a espada e a recolheu do chão. Ao levantar o olhar de novo viu a sombra de Lato-u-nau assomar à frente.

— Mate-o com magia, Desmodes. Invada-o.

— Não.

Deu as costas para ele e voltou-se para a tenda.

— Não para *o quê?*

A luz do minério lá dentro, sua fraca referência no terreno, ficou ainda mais frágil quando Lato-u-nau se pôs entre ele e a entrada.

— O que está fazendo?

Achou que atravessaria o mistério pelo meio como sua espada fez antes, mas teve que empurrá-lo com o ombro para entrar na tenda.

Kan olhou assustado para Desmodes.

— Decidi não matar você. — Anunciou o espólio. — Se você for útil.

Kan assentiu. Lato-u-nau surgiu por detrás dele.

— *Mate-o!*

— Você está olhando para trás de mim de novo... — Comentou Kan.

— *Mate-o!* — Continuou incitando Lato-u-nau, que Kan aparentemente não podia ver. — *Invada* seu castelo e *mate-o!*

— Posso matá-lo com a espada?

— *Não!*

— *O quê?* — Arfou Kan. — *Não!*

— Você tem que *invadi-lo!*

A boca do mistério era só o que o capuz revelava para Desmodes, especialmente agora que ele se curvava até o pescoço do prisioneiro. Seus dentes separados e tortos apontavam quase que diretamente para ele.

— Mate-o *você*.

— *NÃO!* — Guinchou Lato-u-nau.

— *QUEM?* — Desesperou-se Kan.

Desmodes embainhou a espada de novo.

— Ninguém.

Capítulo 42

Assistência

— Magos do Conselho — Começou Kan, demorando para conseguir abrir a carta. — Foi recebida hoje uma mensagem de Rouneen. A cidade se alia ao Conselho, pedindo apenas que sua rotina pacata, de contingente populacional diminuto, seja mantida. Sem mais, General do Exército do Conselho dos Magos, Evan.

Kan não sabia muito bem o que fazer com a carta depois de lida; Decidiu dobrá-la e segurar, com as mãos à frente do corpo, papel e invólucro partido. Vestia as roupas verdes mais apropriadas que pôde encontrar num depósito obscuro do Conselho, e sentia que o ato não era inconsequente: suas vestes, únicas em péssimo estado na sala, não passaram despercebidas.

Desmodes virou aos poucos o pescoço para o lado. A preocupação de não agradar o novo chefe veio com numa onda de calor e pânico; prensou a memória e lembrou que deveria dar um passo para trás antes que a reunião continuasse.

— Desmodes, me desculpe... — Disse Brunno, buscando rapidamente confirmar que os outros estavam tão confusos quanto ele. — Mas... *Quem* é esse mensageiro?

— Ele não é do exército, é? — Completou Peri, na diagonal de Brunno.

— Não é um mensageiro. — Respondeu Desmodes.

Maya franziu o cenho, apertando os olhos na direção de Kan.

— Esse não foi um dos *filinorfos* presos no outro dia?

— Foi um engano. — Esclareceu o mago-rei. — Ele é um preculgo. Estava disfarçado entre os filinorfos.

Maya olhou para Saana, que retribuiu o gesto. De frente para Eiji, Sylvie, Peri e Cássio buscaram sua atenção, tendo que disputá-la com o castelo de Kan em Neborum. Brunno buscou o olhar de Maya e de Cássio mas, como não teve resposta, fixou-se em Kevin, que buscava se entender também com Duglas, Souta e Janar no lado oposto ao seu na mesa. Perguntavam-se todos, no fundo, *por que* um preculgo viajaria entre filinorfos.

— E qual é o nome dele? — Perguntou Brunno.

— Meu nome é Kan. — Respondeu o próprio.

Os magos nunca haviam visto um mensageiro que não fosse estritamente controlado pelo mago-rei ou por algum outro deles: era quase que uma honraria, uma posição privilegiada similar à de sentar-se àquela mesa — e, em especial, na cadeira da ponta.

Mas lá estava ele: o leitor de mensagens que não era mensageiro, convidado que não era controlado. Mago, mas também estranho.

— E por que você está usando um *mago* como empregado, Desmodes?

A pergunta de Brunno, que vinha cerrando as sobrancelhas mais e mais à medida que a conversa avançada, ressoou com os apoiadores do mago-rei; Cássio, que tentava dissimular o riso com a mão à frente da boca, desfrutava das expressões pouco confortáveis de Janar e Kevin.

— Ele é meu assistente. Não um empregado.

— Mas isso é injusto... — Comentou o bomin Peri, baixinho. — Vai haver um preculgo a mais aqui dentro.

— *Na verdade* não. — Corrigiu o preculgo Duglas, alerta. — Dresden ainda não foi substituído!

— O que ele quer *dizer*, Duglas... — Interveio Maya. — É que *quando* Dresden for substituído esse mago vai desequilibrar a proporção entre as tradições.

— Ele é meu assistente. — Tornou a dizer Desmodes. — Ele não vota ou delibera, e ficará no Conselho até segunda ordem e isto *não* está em discussão.

Maya concordou em silêncio, recostando-se na cadeira. Com o canto do olhar, por uma fração de momento enquanto ajeitava o cabelo, certificou-se de que Cássio percebeu suas intenções. Os dois tinham que conversar.



Kan abriu a porta principal do prédio do Conselho, esperando a charrete dos mensageiros parar. Ele era particularmente bom em controlar seus próprios pensamentos; esse já era o caso desde antes de conhecer seu pai e aprender magia preculga. Não pensava mais com frequência nos primeiros momentos que passou ali — nem em Raquel, Gagé, ou mesmo Hiram, cujos corpos ele sequer vira serem queimados.

Só não conseguia evitar ouvir, de vez em quando, seu nome na boca de Hiram. Foi a última coisa que o colega disse.

Recebeu a carta, e estava quase fechando as portas quando a mensageira agarrou seu ombro. Ele não tinha reparado nela antes; em sua altura, que era similar à dele, em seu curto cabelo dourado e no rosto aveludado que, sério, fitava-o duramente como se estivesse a ponto de lhe dizer que sentia muito pela morte de seu amigo.

— Arranje uma desculpa para sair de perto de Desmodes e encontre-nos no quarto de Brunno até o começo da reunião.

Kan vasculhou Neborum: havia outros castelos no cenário, mesmo que distantes. Sabia que se saísse para averiguar quem dominava o mensageiro, corria o risco de ser atacado. Depois de, sem qualquer razão aparente, ter escapado ao domínio de Desmodes, não queria correr aquele risco.

A mensageira largou o ombro de Kan, olhando para ele como se não fizesse ideia do que estava acontecendo. Se recompôs, sem olhar muito para o mago, fez um gesto breve de despedida com a cabeça e correu de volta para a charrete.



— Por que só nós quatro? — Perguntou Eiji, entrando no quarto.

— Oito pessoas reunidas num quarto só? — Disse Cássio, que se servia de água em um dos cantos do quarto. — Seria pedir para Desmodes vir ver o que está acontecendo.

— De cinco para oito não há tanta diferença assim...

— Mas comigo junto... — Disse Brunno, sentado na cama, com as mãos juntas à frente da boca e os cotovelos sobre as coxas. — Poderia parecer, sem o Kan, uma reunião para me convencer a mudar de lado.

A risada com a boca fechada de Eiji parecia-se com um arranhar de garganta.

— Me desculpe, Brunno... Mas você tem feito mais perguntas incômodas que nós todos juntos.

Brunno levantou o olhar para o espólio.

— Você acha?

— É verdade. — Comentou Cássio.

— E quanto ao Ramos? — Perguntou Eiji, escorando-se à porta. — Elton, também... Todos pessoas que imaginei que não votariam em Desmodes.

Maya e Cássio se entreolharam.

— O quê? — Indagou Eiji.

— Nós achamos que... — Cássio suspirou, pondo o copo vazio no aparador em que se apoiava. — Achamos que estão dominados.

— Por Desmodes?

— Não, por *mim*, Eiji. É *óbvio* que por Desmodes.

— E por que você acha isso?

— Desmodes acordou quando eu tentei matá-lo, sim, mas... Ele foi rápido demais, Eiji... Para me dominar, para me controlar... Foi um pouco assustador, para ser sincero. Eu nunca vi nada parecido.

Bruno olhou torto para Cássio.

— Você tentou o quê?

— Matar nosso *caro* mago-rei, sim, Brunno, tentei. Não deu certo, obviamente.

— E por que eu não deveria acreditar que foi *você* que matou Dresden se revela algo assim com tanta calma?

Cássio comprimiu os olhos para o dono do quarto.

— Não seja ridículo.

— Quantos magos? — Eiji retomou o assunto. — Dominados?

— Fiz um levantamento... Baseada em alguma intuição e no fato de que alguns não saem dos quartos há dias para *nada* a não ser as reuniões.

— Quantos, Maya?

A preculga desviou o olhar para a parede que dividia o quarto do corredor. Eiji virou-se, saindo do caminho para poder abrir a porta. Uma funcionária de limpeza entregou-lhe um pedaço quadrado de papel e, sem dizer nada, seguiu até o fim do corredor.

— O que diz? — Quis saber Cássio.

Eiji leu o bilhete para si primeiro.

“Não sou idiota. Sei de que lado a corda arrebenta.”



— Início a reunião do dia doze de kerlz-u-sana. Leia a mensagem, Kan.

O assistente, que já havia aberto a carta, deu um passo à frente.

— Magos do Conselho... Chegou à Cidade Arcaica um batalhão de Al-u-tengo.

Os ouvintes reagiram com alívio.

— Eles trouxeram como prisioneiros um contingente de Ia-u-jambu com o qual batalharam nos últimos dias, em diferentes ocasiões, no caminho até a cidade.

— Isso é *ótimo!* — Comemorou Duglas em voz alta.

— No entanto... — Prosseguiu Kan. — Kerlz-u-een nos informa que forças de Kor-u-een e Roun-u-joss tentaram tomar o porto fluvial de Den-u-pra. Embora não tenham tido sucesso, as defesas do porto estão frágeis e parte dos inimigos fugiu. Ao mesmo tempo, um encontro entre uma tropa de Kerlz-u-een e forças defensivas de Kor-u-een resultou na retirada de ambos, com grandes baixas dos dois lados. Sem mais, General do Exército do Conselho dos Magos, Evan.

Kan dobrou e guardou a carta em meio ao mais absoluto silêncio.

— Mate todos os prisioneiros — Adiantou-se Desmodes, que enquanto não fosse interpelado olharia sempre para algum lugar inespecífico na mesa. — e pendure-os nas entradas da cidade.

Receberam a decisão com o silêncio costumeiro. Alguns balançavam a cabeça, apoiando a ideia. Aqueles que já não sabiam mais o que fazer

dos sucessos ou dos fracassos da campanha simplesmente deixavam o olhar vagar, amplo, enquanto esperavam por algo a mais.

— E diga a Kerlz-u-een para atacar Kor-u-een com tudo que têm. Se for necessário a Cidade Arcaica os defenderá.

— Diga-me, Kan. — Disse Cássio antes que o assistente pudesse anotar o que Desmodes disse, ou sequer pudesse alcançar o papel no bolso interno das vestes negras. — O que acha dessas decisões... *Cheias* de confiança do nosso mago-rei?

— Ele não é um membro do Conselho e portanto não delibera. — Respondeu Desmodes.

Kan permaneceu, suspenso entre os dois magos, exatamente onde havia parado: no meio da passada rumo à mesa, o peso do corpo ainda apoiado na perna esquerda, a expressão cautelosamente se fazendo neutra na disputa.

— É só uma opinião. Ele pode dizer algumas palavras que não venham de um pedaço de papel de vez em quando, não pode?

— Eu não tenho experiência no assunto. — Explicou-se Kan.

— Mas novas perspectivas sempre podem trazer uma luz a um problema desgastado. Por favor, Kan, diga o que pensa. Estou *muito* curioso.

O sorriso cínico espalhava-se em seu rosto tanto quanto seu corpo, inclinado na mesa, espalhava-se pelo conselho. Cássio era o único que olhava diretamente para ele; o resto dos magos esperava ouvir do mago-rei a palavra final.

— Então... — Sussurrou uma voz rasgada em seu ouvido esquerdo que ninguém mais deu sinais de ouvir. — *Invadi-lo* agora cairia bem, não é?

— Fale, Kan. — Determinou Desmodes.

Kan sentiu que enfim podia relaxar; ajeitou o corpo no espaço e clareou as ideias, sem conseguir evitar um pensamento incômodo de fundo — a sensação crescente, e aterradora, de que Desmodes não o invadiria sob *nenhuma* circunstância.

— Acho que são as decisões certas. — Cássio jogou as sobrancelhas para o alto, surpreso. — O medo vai fazer qualquer inimigo pensar duas vezes antes de atacar. E Kerlz-u-een vai vencer no Sul.

— Com Al-u-een e Roun-u-joss chegando... — Comentou Eiji. — O medo vai ajudar muito pouco.

— Não há *nada* — Manifestou-se Desmodes. — para temer. *Ninguém* vai nos tirar da Cidade Arcaica.

Capítulo 43

Rasgo

Hoje foi o primeiro dia que me senti longe de casa. É estranho, mas esse tempo todo... Talvez— Acho que se eu viesse sozinha isso ia ser terrível. Muito pior.

É impossível ficar acordada muito depois da hora que escurece, porque a mata é densa e a luz das estrelas, que já é mais ou menos fraca em qualquer lugar de Heelum, nem chega. É um breu, e os dois já me avisaram que eu não devia usar o minério à noite, que é perigoso. Essa foi a nossa primeira briga. Eu não queria brigar com nenhum deles, porque me sinto como se fôssemos só nós três, e realmente somos tudo que temos, uns aos outros, então brigar aqui é como fazer inimigos com as únicas pessoas vivas. Eu sei que isso não é verdade, mas eu me pergunto se—

Esse diário não pode ser o lugar para desabafar coisas bobas. Uma pesquisadora uma vez me disse que essas experiências de viagem têm que ser escritas, que são importantes, mas não posso ser desonesta comigo mesma e usar isso como desculpa para escrever o que eu quiser. Esse é um instrumento para fazer anotações importantes sobre os animais, sobre o local, sobre a vida deles. Tenho que separar as coisas.

Amanhã vamos entrar mais fundo. Em Rirn-u-jir disseram que eles vivem bem perto das regiões montanhosas, o que é péssimo para nós, mas eu não sei. O pântano parece gigantesco, e o mapa também diz que ele é, e eu sinto que eles estão por perto. Quer dizer, talvez seja só intuição, alguma lógica que eu ainda não entenda de maneira explícita. Ficar chamando isso de instrumento, de método, e depois falar de intuição, é ruim, mas é o que sinto.

Não tenho sentimentos, ou muitas expectativas. Fora isso de eles estarem perto. Praticamente tudo que ouvimos sobre os monstros, todos eles, são segredos cochichados de geração em geração; estereótipos aumentados por peças de teatro e histórias. Estou entrando na jornada de mente aberta. Só não queria que fosse com o coração tão esvaziado também.

Estou exausta. Escrevendo isso antes de a luz acabar, mas suspeito que hoje vai ter mais luz. Estamos numa área mais aberta, num banco de raízes e árvores mais robustas em meio a uma região alagada. Desde ontem (que foi

dia 39) nos revezamos durante a noite. Já vimos muitos animais estranhos, especialmente emergindo da água; vimos cobras, e o barulho da noite, que é muito difícil de ignorar, dá a sensação de que estamos cercados o tempo todo.

Andamos por bastante tempo, mas ainda não achamos furturos. Talvez eu estivesse errada com a minha “intuição” (provavelmente) e eles só vivam perto das montanhas...

Hoje Gregor nos mostrou um minério dentro de uma árvore. Nunca tinha visto nada parecido, e é bonito. Era um minério de luz vermelho.

Eu e o Richard somos a pior parte da viagem. Gregor está bem; talvez tenha treinado para nunca demonstrar desânimo, dor, cansaço ou nervosismo. Mas eu estou frustrada. Andar nesse terreno drena nossas energias muito fácil, e não podemos pedir para Gregor arranjar mais comida do que já está arranjando, porque é realmente difícil e já somos agradecidos pelo que ele consegue fazer. E o que consegue fazer não é muito bom, em termos de gosto, mas é o que temos.

Nenhuma expedição que participei foi igual a essa. Acho que nenhuma significou tanto para mim. Talvez não tenha nem a ver com a dificuldade em si, ou com a falta de pistas.

Richard e Gregor não conseguem concordar quanto ao quanto já andamos, e em que direção. As montanhas já aparecem bem, então sabemos para onde fica o Sul, mais ou menos. É bom anotar isso porque— Temos deixado marcas em alguns lugares estratégicos por onde passamos. Não queremos nos perder, queremos saber se já estivemos em algum lugar, e mais importante, de onde viemos, para depois poder voltar. Não sei se vai ser o caminho mais curto, então ainda temos isso a decidir, mas pelo que entendi Gregor pode se localizar melhor. Mesmo se formos em zigue-zague seguir algum grupo de furturos.

Richard simplesmente não sabe respeitar certas coisas. Ele acha que precisamos cercar os furturos como guerreiros, o que ressoa muito bem com o guerreiro de verdade que está aqui, mas eu expliquei para ele que as coisas não são bem assim. Quando chegou no debate sobre quem é o líder dessa expedição, a coisa ficou realmente feia...

Jen pôs as mãos na testa, fechando o caderno por um momento. Sorriu, mas apenas porque estava sozinha o bastante para não sentir o tipo quente de vergonha que se impunha por dentro quando lia sobre o tipo de batalha que travou no pântano.

Quão tola e fraca fora por se sentir tão mal, tão rápido? Alguns dias de agonia a transformaram — não deveria ter usado o caderno técnico para confessar picuinhas e reclamar do insucesso da jornada, por mais desanimadora que ela estivesse sendo.

Agora, no entanto, desejava ter escrito mais. Valeria a pena dizer mais do mesmo? Mesmo quando não havia o que escrever? Mais das mesmas besteiras, ou talvez mais do que não achou que fosse relevante na hora? Não sabia de nada além do fato de que nada do que escreveu conseguia ajudá-la com seu problema mais crucial.

Abriu o bloco páginas à frente. Estava diante da escrivadinha do quarto de visitas nu e azul que Kinsley pusera a sua disposição; vivia mais uma manhã absolutamente calma, e não era nada difícil admitir que estava adorando a estadia forçada na casa do historiador.

O problema que tinha nas mãos, contudo, não a deixava descansar.

Fixou o olhar em mais uma parte. Era a primeira vez que finalmente viram os furturos, e se antes envergonhara-se de si mesma pela forma pouco profissional com a qual lidou com a ansiedade, agora desejava ter feito um retrato mais fiel, substancialmente menos frio, daquele dia.

Encontramos um grupo de cinco ou seis furturos. Espécimes grandes, provavelmente adultos (ou teríamos animais gigantescos em idade avançada), e à distância não foi possível determinar se eram machos, fêmeas, ou em que proporção havia um grupo misto.

Folheou mais uma página.

... Rotina de alimentação, o que imagino que deva ser comum para eles (verificar isso nos próximos dias). Interação social: o grupo estava o tempo todo se comunicando, mas não mostraram sinais de nenhum tipo de linguagem humana; se são de fato formas deformadas e desumanizadas, o processo foi tão drástico que removeu deles qualquer resquício da nossa fala, desde o timbre até a forma. Tudo neles me pareceu bastante diferente; eles são muito mais semelhantes a macacos do que humanos, como já escrevi ali. Não poderia distinguir, etc.

Jen lembrava-se de ter pausado naquele ponto da anotação; cozinhou na palma da mão o desapontamento daquele trecho. Prosseguiu instantes depois, em linha nova.

Eles são geralmente descritos como autoritários, mas não vi nada que sustente isso. Certamente houve momentos de alguma violência percebida, que não pude classificar melhor. Momentos também de uma pausa estranha; talvez eles se sentiram ameaçados por terem sentido nossa presença, mas não ficou claro se chegaram a nos ver. Não sei também dizer o que fariam se nos vissem. Parecem ter bastante força. Na maior parte do tempo houve tranquilidade.

dade. Não pude divisar uma chefia muito clara, mas quanto a isso ainda falta observação.

“Eu estava errada”, pensou Jen, corrigindo-se.

De fato *havia* bastante hierarquia entre os monstros. O que deixara Jen hesitante sobre qualquer conclusão era a declaração de Gregor de que, tomando apenas aquele critério por medida, sentiria-se praticamente em casa em meio aos monstros; tudo que eles faziam era muito semelhante a certas práticas do Exército de Al-u-tengo.

Avançou para uma parte cujos cantos manchara de tinta, marcando a página pela lombada. Àquela altura, em que as anotações começaram a se tornar menos descritivas e mais esquemáticas, ficava uma seção bem dividida da folha. Nela, garranchos feitos de madrugada, à luz de minério, punham as coisas de forma bem simples — mesmo que não simplificassem nada.

POSSIBILIDADES

Monstros

Animais — Mas por que dizem que são diferentes?

Monstros: onde está a humanidade?

Animais: criados junto com humanos, também vêm da Luz?

Sem Luz: ?

Virou a folha e chegou ao fato perigoso.

Lembrava-se vividamente daquele dia que, pela mais simples lógica, mal deveria ter registrado na memória; estava cansada, intelectualmente agitada, o dia era frio e a chuva descia com força.

Pôs a mão sob o relato feito a letra miúda, quase envergonhada. Agarrou a borda de cima do caderno, e dedo por dedo foi escolhendo segurar firme apenas aquele pedaço de papel. Deu um puxão, quase pulando na cadeira com o som que, no silêncio em que mergulhara já havia horas, soou como um estrondo; rasgara o topo da página, abrindo uma fissura na parte esquerda que, com mais convicção por parte da pesquisadora, poderia evoluir para a separação completa e definitiva.

— Não é ético comprometer a fonte de pesquisa.

Jen virou para trás num sobressalto. Kinsley estava parado à porta.

— Há quanto tempo estava aqui? — Perguntou ela, fechando o caderno atrás de si.

— Não muito. — Respondeu ele, entrando no quarto.

Seus lábios comprimiam-se, finos e quebradiços. Olhava para o chão como se ainda pensasse no que dizer, mas Jen só franzia a testa, receosa — ele já deveria ter todo um discurso planejado.

— Você foi financiada por mim para buscar informações sobre os monstros. Você tinha uma paixão inovadora, Jen, e eu proporcionei isso a você. Detesto ser indelicado ou mesmo impaciente, mas penso que já está na hora

de prestar contas, já que está há *dias* com bastante tempo exclusivamente reservado para a análise dessa pesquisa.

— Ainda não estou pronta. — Rebateu ela. — E eu estava arrancando aquela página porque foi só de... Rabiscos. Nada muito importante para a pesquisa.

— Você *nunca* decide o que é importante para uma pesquisa, Jen. — Repreendeu Kinsley, levantando um dedo. — A *pesquisa* decide o que é importante para *você*.

— É só uma página inútil.

Jen não gostou da forma como o olhar do anfitrião pareceu atravessar seu tronco como se ela sequer estivesse ali. Ele vasculhava o caderno; procurava-o como uma alma sedenta.

— Você ia descartá-la?

Jen fez que sim.

— Jogá-la no lixo.

— Então permita-me. — Sugeriu ele, estendendo a mão. — Deixe-me jogá-la no lixo por você.

Jen enrubesceu. Concentrou-se nas orelhas destacadas de Kinsley, que tremiam e faziam balançar a porção do cabelo cinza que as cobria em parte.

— Não... Você tem razão. — Disse ela, fazendo o historiador recolher a mão aberta. — Eu vou deixá-la aqui.

Os grilhões dos outros

Tadeu deu um passo para trás. Estava à frente da porta do quarto de Joana, e percebeu que o castelo da maga se aproximava.

— Desculpa. — Disse ele quando ela o atendeu. — E-eu posso entrar? Queria fazer uma pergunta.

Ela abriu mais a porta, recebendo o visitante com um sorriso. Ele, com as mãos no bolso da capa jogada por cima das roupas de dormir, esperou o olhar da forasteira se voltar para ele de novo para começar a falar.

— Eu queria saber o que são... Alorfos e filinorfos.

Joana puxou ar, cruzando os braços. Não parecia estar particularmente incomodada, pensou Tadeu, mas aquele silêncio era estranho.

— Não perguntou para os teus pais?

— Perguntei para o Gabriel, m-mas ele também não quis responder.

— Mas eu não disse que eu não quero responder.

Tadeu balançou a cabeça.

— Perguntei para você porque... Meus pais veem segundas intenções onde não tem nenhuma. Eles podem... São desconfiados, e-e eu não quero atrair suspeita.

Joana sustentou o olhar fixo no aprendiz de mago.

— Vão achar que eu... Estou tentando me livrar da magia ou algo assim.

— E por que tu iria querer “te livrar” da magia?

Foi a vez de Tadeu respirar fundo. O quarto de hóspedes em que Joana estava era grande o bastante para que ele pudesse andar, aliviando a pressão sob seu crânio — mas ficou ali, pregado ao chão, irritando-se consigo mesmo.

— Eu nunca quis aprender.

— Mas aprendeste?

— Sim... Sim, claro. Quando, p-por exemplo, eu tentei impedir que o... q-que aquele homem levasse a Anabel, eu usei magia, m-mas não sou muito bom. E não sei se eu quero ser.

Joana balançou a cabeça, compreensiva.

— Eu não deveria ter dito isso. — Adicionou Tadeu, ligeiro. — Não é uma coisa inteligente de se dizer...

Joana sentou-se à cama como quem quer descansar depois de um longo dia de trabalho.

— Tua pureza é bonita, Tadeu. Eu gosto dela. Não te preocupes que não vou tomar proveito de ti. — Tadeu sentia o rosto arder, e se perguntou se sob a forte luz amarela do minério próxima à janela, a maga podia ver esse detalhe de sua face. — Lá em Roun-u-joss é tão pouco o contato com outros magos que a gente fica meio enferrujada nesses joguetes todos de poder... Te senta. — Sugeriu de repente.

Tadeu obedeceu.

— Tu querias saber dos alorfos e dos filinorfos... Os alorfos... São magos que acham que todo mundo deveria aprender magia. E os filinorfos acham que a magia deveria ser toda proibida.

Joana explicava com paciência; seu olhar não incidia sobre Tadeu com cobrança, autoridade ou competição.

Durante toda sua vida Tadeu jamais ouviu uma definição coerente e completa de qualquer uma daquelas tradições renegadas.

Mas nenhum mago falava com tanto respeito e simplicidade deles, pensou ele. Com *qualquer* respeito que fosse.

— P-por que eles... Pensam assim?

— Porque eles não aceitam que uns sejam melhores que os outros. Que os magos organizem as coisas. Que os magos *mandem* nas coisas. E cada grupo tem uma solução diferente para o problema.

— ... Entendi.

Talvez não conhecia os magos de Roun-u-joss; talvez fossem muito diferentes do que ele estava acostumado. Talvez fosse só Joana e seu jeito peculiar.

— Era só?

Levantou-se, pronto para ir embora.

“Cada grupo tem uma solução para o problema... Então ela *pensava* que aquilo *era* um problema?”

— Sim. Obrigado!

Não esperou por resposta ou boa noite de Joana.



— Eu estou cansado, Ana... — Acariciou mais uma vez o cabelo da companheira semiconsciente. — E... Tenho saudade de você...

Era o décimo-segundo dia depois da fuga. O nono naquele esconderijo em especial, mais estável que todos os outros. O sexto desde que começaram a se alimentar pouco e mal; a falar e viver menos ainda. O segundo desde que fora descoberto roubando as frutas e os quitutes, escorraçado do lugar,

perseguido pelo bairro. Gustavo torcia para que ninguém desconfiasse que o ladrão miserável era na verdade o protetor da condenada.

— Eu acho que você só estava tentando me deixar com raiva... — Susurrou ele em seu ouvido. — E eu quero ter você de volta... O seu sorriso, Ana... Sua inteligência... Seu olhar abusado... Eu quero... Quero a garota que me conquistou...

Era o terceiro dia — ou quarto; naquelas contas se perdera — desde que visitou Neborum pela última vez.

— Me ajude a encontrar essa garota de volta... Porque eu vou entrar no seu castelo, Ana...

Anabel reagiu num espasmo, lançando-lhe um olhar amedrontado.

— Shh... Calma...

— Nã... Não, Gustavo...

— Calma... — Pôs dois dedos ao contrário sobre a boca da garota, sentindo os lábios frios tremerem. — Vou ver se algum daqueles policiais fez alguma coisa com você... Se você não está dominada por ninguém... Vou ajudar você...

Usou a mão que pediu silêncio para apoiar-se no chão. Sabia que desejava ver o fogo do desafio queimar nos olhos da namorada de novo, e por isso estava pronto a negar que era aquilo que via — mas a impressão era forte.

— Vou abrir a porta... — Ela murmurou, escondendo a vida por detrás da pálpebras.

Viu que era sua hora. Desnutrido, desestruturado, fraco — reduzia-se a um desastre, e por isso mesmo precisava reunir toda força que ainda lhe restava. Não podia deixar Neborum tornar-se instável e hostil; não podia fazer menos do que tudo que *sabia* que podia fazer.

Deitou no chão, deixando de lado cada sensação, cada coceira, cada dor de seu corpo terreno. Fechou os olhos e pensou nos campos verdes para além de sua janela.

Descobriu que a noite era bela. Que as paredes de seu castelo estavam sujas — o próprio vidro quase causava a impressão de que um nevoeiro os embalava do lado de fora.

Respirou fundo e saiu do quarto. Caminhou com passadas rápidas, mas não forçou-se a ser imediato; queria acostumar-se bem a Neborum e não exigir mais daquele mundo do que o formato que ele poderia ter para ele ali, naquele momento.

Abriu com cuidado as portas do próprio castelo, notando outros mais ao longe. Passantes pela rua do outro lado da parede de casa, certamente — “não pense em Heelum”, repetia Gustavo para si mesmo. Diante de si, o castelo de Anabel: seu iaumo estava quase tão deprimido quanto seu corpo no chão — “não pense no corpo” — mas pelo menos continuava preenchido

e forte como em seus dias de glória, o que quase o fez chorar. Passou por ela e recebeu apenas um olhar em que a esperança degladiava-se, clara perdedora, contra o medo.

“Não pense no medo.”

Os saguões de Anabel nunca lhe pareceram tão amplos. Já havia entrado neles, a convite dela, mas não penetrara tão fundo em seu castelo a ponto de conhecer muitos segredos seus. Por um momento perguntou-se quão bem *ela* conhecia os segredos de *seu* castelo.

“Não pense nisso...”

Não precisou de muito tempo para detectar uma presença estranha. Uma sensação tão óbvia, tão insensata, que Gustavo olhou para Anabel, de pele cinzenta e rosto cabisbaixo, questionando-se como ela podia não percebê-la. Quem quer que estivesse ali dentro já não se preocupava em se esconder: fazia barulho até para respirar. Agora até quebrava coisas.

O saguão principal de Anabel era bonito e espaçoso. Minérios vermelhos como seu cabelo davam ao lugar um tom urgente e escuro, contrabalanceado pelos grandes círculos azuis pintados nas paredes altas. Gustavo subiu por uma escada de madeira nobre em dois lances, encostada ao canto esquerdo à frente, percebendo uma camada grossa de poeira pelos corrimões.

Seguiu o barulho por corredores escuros, dos quais os minérios haviam sido arrancados. Vez por outra topava com algo no chão. Pareciam-se com as mais diversas coisas; pedaços de madeira, cacos de vidro, panos, cinzas.

Encontrou uma sala entreaberta. A luz verde que dela saía era pontuada vez ou outra por sombra, e Gustavo temia chegar perto demais e acabar sendo visto. Encontrou uma posição confortável rente à abertura, e algum tempo depois pôde ver um vulto roxo passar apressado dentro da sala.

Prometeu engolir uma vez mais e só; desde então não se moveu mais. Pensou em entrar e atacar o mago, mas a surpresa era grande parte do pouco poder ofensivo que tinha.

O vulto passou, dessa vez mais devagar, pela abertura da porta; inclinou-se de leve. Viu uma mulher de curto cabelo negro pôr as mãos na cintura, arfar uma ou duas vezes, mudar de ideia quanto as mãos para fazê-las secar o suor da testa e do rosto; chorar.

Ela parecia aflita quanto a algo perto de uma das paredes. Gustavo não queria subestimá-la, então não deu nenhum passo — mas precisava, ou no mínimo queria, saber se havia *mais* um iauomo ali.

Decidiu que não importava. Precisava de um tiro de flecha — tiro direto, limpo; instintivo, já que o som da madeira ao mirar poderia alertar para sua presença.

Quando percebeu, carregava um arco numa mão e uma só flecha na outra. Se errasse o tiro, a estratégia teria que mudar num instante.

A maga pôs as duas mãos sobre o rosto, exausta, e apertou-as em direção aos cabelos.



— AAAHHHHH! — Berrou Eva, levantando-se da cama de supetão.

Tentou andar, mas logo caiu de joelhos; urrava como um surdo em dor, só ganhando consciência do que fazia em plena madrugada ao tentar abafar a boca com a palma das mãos.

— *Eva!* — Chiou Galvino, preocupado, apalpando seus ombros. — O que houve?

Ela desvencilhou-se dele num gesto violento, caindo para a frente e rolando de lado até encostar-se na poltrona preta do quarto quase completamente escuro. Galvino foi até a cômoda, tirando o minério amarelo da gaveta, e vindo até a companheira de rosto contorcido no chão.

— *Eva...* O que está *acontecendo*, Eva, quase acordou a casa *inteira!*

— *Eu perdi ela, Galvino!* — Eva conseguiu dizer entre soluções e silvos finos. — *Eu per...* *Eu perdi...*

— Quem você perdeu? — Procurou suas mãos com a intenção de puxá-la para a cama. — ... Você está quente...

— Eu estou *bem!* — Resmungou ela, puxando suas mãos para si e usando-as para se levantar. — ... Eu vou ficar bem...

— *Eva...*

— *Não quero falar sobre isso*, Galvino! Você já... Sabe demais...

— É a menina. — Disse ele, sentando-se à beirada da cama. — Você morreu no castelo dela.

— ... Sim.

— Ainda acho que foi longe demais sem necessidade. — Tornou a olhar para ela. — Por que insistiu *tanto* em fazê-la se matar? Você realmente pensa que ela é uma ameaça *tão séria* para o Tadeu?

— Ela poderia *mentir*, Galvino... Mas agora... — Ele pôde ver, mesmo no escuro, o repuxo momentâneo no rosto da companheira. — Não importa mais.

Deitou-se, evitando Galvino com as pernas. Ele respirou fundo, ruidoso, querendo ser visto irrequieto.

Há duas noites viu Tadeu se encontrando com Joana. Talvez contasse que os pais estivessem dormindo — e Eva, que se rebatia na cama mas não ouviu seus sussurros, talvez estivesse — e quando perguntado, disse que tinha achado um livro dela na sala e foi devolver. Notou que o filho ficou tempo demais perto da hóspede para simplesmente devolver um livro, ao que ele respondeu que conversaram um pouco sobre ele também. “Nada demais”.

— Sua febre me preocupa...

— Já fui à casa de saúde e não é nada demais... — Suspirou ela, en-volta numa linguagem arrastada. — Eu vou ficar bem, Galvino... Só traga alguns... Minérios para a febre...



Ele entrou na casa que todos nas redondezas sabiam estar vazia e se de-parou, tendo toda a sorte do seu lado, com a fugitiva e um outro rapaz — provavelmente aquele que, segundo os relatos, ajudou a condenada a escapar. Os dois dormiam tranquilamente, tão imóveis quanto podiam estar, de cabeças ligadas e pés nos polos.

Seu primeiro instinto foi sorrir, mas assim que entrou quis vomitar ta-manha a imundície em que ambos viviam. Seus próprios corpos, via-se à distância, fediam e atraíam umenau; não era necessária a pouca luz que entrava pelas janelas só agora descortinadas para notar o descuidado com-pleto.

Vagou pela casa, tentando não fazer barulho com as botas. Não parecia ser necessário tanto cuidado. Chegou tão perto quanto possível deles e ainda assim não acordaram.

Encontrou o lugar dos restos de comida, e uma muda de roupas de apa-rência nova — talvez relacionada a um roubo de alguns dias atrás, ainda que um pouco distante dali. Os pontos se conectavam no mapa da cidade com clareza: a rota dos fugitivos se abria, clara e lógica, junto com o sorriso que finalmente aparecia no rosto do mago policial.

Em cima de uma mesa, uma adaga. Brincou com ela na mão até colocá-la no lugar de novo.

Perguntou-se o que fazer com o achado. Riu com o nariz. Podia matá-los, se quisesse.

Não haveria mais enforcamento de qualquer forma, pois a todos foi dito que a prisioneira havia se matado. Os boatos foram contidos, e eram poucos agora os que sabiam da verdade. Por que deveria dar-se ao trabalho — e por que não, ao risco — de entregá-los ao delegado vivos, se valeriam da mesma forma como mortos? Se, aliás, seriam executados no futuro próximo de qualquer maneira?

A condenada acordou como se tivesse quase se afogado; respirando pela boca, tresloucada, virou-se no chão como animal acuado e sacudiu o corpo do acompanhante como se não houvesse amanhã. Ele ressurgiu tão agitado quanto ela — olhavam para o policial, semiagachados, amedrontados como se nunca tivessem visto um outro ser humano antes.

— ANA, *CORRE!*

Gustavo tentou puxar seu pulso; deram passos descoordenados e inúteis. O policial chutou Gustavo no peito, e Anabel sequer mudou muito de lugar, zonha como ficou assim que se levantou. O policial desembainhou a espada, aproximando-se dela — a fez gemer baixinho ao juntar seu cabelo num punhado no ar.

Gustavo tossia e tinha a visão turva; partiu para cima dele aos cambaleios. Seu inimigo não contou que, no desespero, ele se recuperaria tão rápido; não foi ágil o bastante no golpe por cima do braço e acabou caindo no chão, agarrado pelo fora-da-lei.

— *CORRE, ANA!*

O policial não fazia ideia de que seria tão difícil concentrar-se em lutar contra um rapaz esquelético e machucado por causa do cheiro de podre tão perto de seu nariz — sentiu-se tonto assim que foi ao chão, não conseguindo coordenar mãos e pernas.

Pensou que dominá-lo em Neborum seria uma alternativa, mas achou ridículo desistir de lutar contra aquele garoto em Heelum — logo contra ele, cujos socos pareciam pacotes de açúcar contra seu braço forte.

Deu-lhe uma coronhada com a guarda da espada, amolecendo ainda mais seu corpo; partiu para cima dele, ignorando sua tentativa de chute, pressionando por completo.

Estabilizou-se sobre ele com um joelho sobre sua barriga e cravou a espada em seu peito.

O sangue começou a verter rápido enquanto ele arfava, olhando para o teto de olhos despareados.

Arrancou a espada do corpo e, com o rosto ainda retorcido pelo ar fétido da casa, virou-se de lado para encontrar a prisioneira; imaginava que ela teria forças para tentar fugir, mas sabia que seu castelo ainda estava por perto. Naquele estado, aliás, não iria muito longe.

Ela o atingiu como um yutsi desgovernado. Cravou a adaga de Gustavo em seu peito; concentrou toda sua força em acertá-lo e nada mais — não conseguiu forçá-lo contra a parede. Agarrava tão forte o cabo da arma que ao cair de joelhos no chão, aos pés do alvo, a trouxe consigo.

A espada não fez barulho ao cair por cima do corpo de Gustavo; o policial sabia que num bolso interno de sua capa abotoada encontraria um minério que poderia curá-lo. Meteu a mão de qualquer jeito por cima do primeiro botão e berrou, caindo para frente por sobre o braço — Anabel havia se jogado para o lado, rasgando no processo sua coxa.

Não soube como arranjou forças para tentar se desvirar com apenas um braço, mas certamente as extinguiu; podia sentir sua vida secando junto ao sangue que caía em contato direto com o chão frio.

Depois de um último golpe, não foi capaz de pensar em mais nada.

Parte VII

Guerra aberta

Insustentável

Sem ressalvas quanto a deixar-se afundar na larga e desconfortável cadeira marrom, Byron sorvia com paciência um copo d'água no acampamento montado próximo ao conjunto de casas que, tendo escolhido derubar de vez, há três dias espreitava. Pretendiam provocar com inteligência uma asfixia no povo que não tinha para onde ir, mas o suspiro final tardava a chegar.

Girou o copo com a mão sobre o largo apoio de braços plano, duro. Sabia que tinha pressa só porque estava vulnerável. Por vezes quase sentia-se vergado, como se o peso nas costas fosse mais que metafórico, e as duas pupilas vermelhas no escuro, mais que águas passadas a mais no rio de pesadelos.

Não se preocupava com a vergonha; não com a palavra dita assim, termo que seria sempre próprio de uma criança. Era uma questão de sobrevivência. E honra. Mas no momento...

Tornero entrou pela abertura frontal daquele abrigo de goma escura em que um minério amarelo no chão apenas criava uma luz estável, mas incômoda, chata, chutada para atrás dos assentos. Sentou-se num banquinho ao lado da cadeira, começando a olhar para o mesmo nada que o mestre.

— Terminei a ronda. — Disse ele.

— Percebeu alguma diferença?

Tornero negou em desdém.

— Na teoria tinham que estar tão *cansados* que viriam pedir por misericórdia o mais rápido possível...

— Então por que isso não aconteceu ainda?

Tornero soltou ar pelo nariz.

— Não sei.

— Eles têm alorfos lá dentro. No mínimo um. Certas técnicas são difíceis de se esquivar, mesmo quando se tem consciência de tudo... Estão determinados... O medo vai deixá-los com raiva. O desespero, com medo. O cansaço... Desesperados.

Byron passou a observar o aprendiz, que ouvia à análise a meia face. Por um momento viu no jovem a mesma determinação de rosanos antes, quando

ele se iniciou entre os magos; a seriedade cabia bem melhor naquele rosto crescido. Não parecia fora de lugar.

— Interrompa as rondas. — Continuou. — Deixe o trabalho para os preculgos agora.

Tornero assentiu, quieto, e Byron franziu o cenho por um instante. O jovem Tornero teria questionado a decisão, por orgulho ou por saudável ignorância. Agora era obediente, mas apesar disso podia até mesmo sentir-se quente, talvez até iluminado pelo vermelho crepitante de uma fogueira silenciosa que crescia dentro do aprendiz. Ou só havia enfim se tornado bom ator, de posse plena de suas emoções... Ou havia, de fato, amadurecido.



Byron acordou com berros e comandos de organização; pôs-se de pé, checando ao mesmo tempo as janelas em Neborum e o interior do castelo. Suspirou e seguiu em frente, um pouco desconjuntado, vestindo sem muita perícia o cinto com a arma.

Polícia e exército cercavam uma das saídas da jir; começavam a correr para as outras, em que os galhos e barreiras eram removidos a partir do lado de dentro. Os moradores, sempre três ou quatro a cada ponta, se avolumavam; punham as mãos para o alto, perto dos rostos derrotados, quando saíam no campo livre à frente do final dos corredores. Duas moradoras conversavam com um policial e um oficial do exército; outro soldado, que balançava a cabeça energicamente o tempo todo, recebia instruções de Alice mais atrás de onde a ação acontecia.

— ... E *ponha* mais gente do outro lado, nas aberturas pras charretes!

— Lá já estão esperando. O maior contingente está lá.

— Bom. — Terminou ela.

— O que está acontecendo? — Questionou Byron, aproximando-se.

— Estão se rendendo. — Comentou Alice.

— Qual é o problema?

Negou com a cabeça, singela.

— Está *fácil* demais...

— Não. — Retrucou Byron. — Está na hora de acabar.

Ela fez que não mais uma vez.

— Não se trata disso... É o *jeito* deles.

Byron procurou por Tornero por segurança e por costume, mas antes que desse por sua presença mais à esquerda, notou que um soldado próximo a um dos corredores que levava ao centro da jir caiu sozinho no chão. Parecia espantado, gritando algo que ninguém conseguiu entender: a mensagem saiu esganiçada, numa voz errada, fazendo quem estava em volta perguntar “Um sim?” para os outros.

Não houve tempo para resposta; o soldado começou a correr, com os outros copiando o gesto. Um gigantesco yutsi irrompeu pela passagem, empurrando para fora folhagem e madeira; galopava furioso, com a cabeça apontando à frente como uma lança selvagem, a cauda serpenteando num ritmo mecânico.

Nas costas do yutsi, agarrando as bordas das placas da casca áspera e segmentada, os corpos quase esqueléticos de Caterina, Alessandro, Verônica e Leonardo eram jogados para cima com baques a cada galope. Pareciam todos prestes a voar, mas caíam de volta no lombo do animal com batidas violentas, duras, surdas, que faziam o olho de Byron piscar junto, involuntariamente, a cada vez que seus corpos encostavam no yutsi de novo.

Certamente não podiam manter o ritmo por muito tempo — a mão escaparia, os pés descalços escorregariam... Eles morreriam no chão com o impacto. Até Leonardo, mais forte, parecia um boneco frágil sem chance alguma contra a absurda aventura.

E no entanto, nos trancos da corrida desabalada, os quatro passaram por todos, ganhando distância.

De dentes cerrados Alice correu para alcançar os castelos em Neborum, que mudavam o terreno ao redor em uma velocidade que ela quase não conseguia acompanhar; abriam o gramado como navios cortando água, e deixavam um rastro de folhas e cheiro de eucalipto em direção ao horizonte eterno e vazio. A preculga chegou perto, mas não sabia se preparar para invadir um castelo na velocidade que precisava se preocupar em produzir para não perder os castelos de vista.

Olhou para Byron em Heelum, a quase um palmo de distância; ofegava, de costas para ela, afogado em alguma coisa muito parecida com o que ela mesma sentia. Seus punhos cerrados e trêmulos resumiam o desespero de três dias de uma operação mal acabada.

Pôs a mão na guarda da própria espada; o fez com rapidez, com uma coceira que deixava os dedos inquietos — queria usá-la.

Olhou para a mão com vida própria e paranoica, e de volta para Byron. Um estalo entre as sobranceiras apertadas a fez respirar fundo. Imagens do mago morto transitavam livres por sua cabeça, sempre tingidas de vermelho; vinham junto com uma batida mais intensa no peito, com uma pulsação mais urgente, com um olhar mais fixo naquele em quem já focava todas as suas frustrações.

Concentrou-se com dois passos vacilantes para trás; *não podia* ter tanta raiva de Byron. Não naquele momento, especialmente.

Voltou a Neborum. Os castelos já se foram, deixando seu iauomo ao léu numa terra vazia; voltou ao interior do castelo e já sentiu, antes mesmo de analisar visualmente a destruição da porta, o cheiro de madeira queimada.

Olhou para Tornero, distante, que observava ainda os ex-parlamentares e o yutsi.

Viu, sorrindo com satisfação, o momento em que ele fechou os olhos por um momento maior que o normal em luto próprio. No castelo que invadira, sofreu sem conversa uma facada rápida nas costas.

Tornero pôs-se a correr na direção dos fugitivos. Byron percebeu e berrou seu nome, frustrado; o aprendiz não obedeceu. Tentou avançar um pouco, mas a comunicação se tornou impossível com o ruído crescente das charretes acionadas para começar a perseguição fadada ao fracasso. Os soldados berravam, furiosos, com os moradores sorridentes que desistiam do trabalho de retirar as defesas das entradas e passaram, em vez disso, a correr para o centro da jir assim que viam policiais e guerreiros avançar a passos largos contra eles, brandindo espadas de rancor e revanche.

— Não podemos convencê-los se estiverem *mortos*, então cuide disso! — Disse Alice para Byron, correndo na mesma direção em que Tornero.

Ela tinha noção de que sequer precisariam convencê-los se estivessem mortos, mas isso não parecia agradar a direção adotada pelos preculgos — e, de qualquer modo, precisava ocupar o mestre do patife que queria compreender. Não olhou para trás, mas monitorou seu progresso em Neborum, só parando no início do acampamento para se certificar de que Byron não poderia mesmo vê-los de nenhum ângulo.

Encontrou Tornero.

— Por que quis me deixar com raiva dele? — Disse, direta.

— Me dê um motivo para te contar — Rosnou ele. — se é mesmo capaz de mexer com o que eu penso.

Não demorou muito após uma risada e um muxoxo para Alice acertar-lhe um tapa forte.

Tornero permaneceu virado, voltando devagar, feito mola fraca, para a postura reta com a qual encarava a preculga.

— Espero que entenda o simbolismo disso, seu bomin ignorante. Você *está* nas minhas mãos. Se eu quisesse, daria *bons* motivos para você se matar e acharia *muito interessante* ver como você reagiria. — Alice chegou mais perto, fazendo morrer o sarcasmo que pontuava o sorriso de fundo a cada frase. — Mas você que não *tente* me atacar de novo ou eu vou *até o final* com você.

Não posso ir embora

A casa não era de um qualquer, isso qualquer um podia ver. Pequena mansão rosada bem decorada, os três andares eram separados na fachada por faixas de tinta azul. O jardim, saudável ainda que tímido, destoava da cidade amarelada e empoeirada.

Lamar punha as mãos na cintura o tempo todo, impaciente por algum sinal. Sonhava que num golpe de sorte veria uma parte do rosto da companheira, ou o pulso que fosse do filho, e que de memória, numa intuição que fizesse os sentidos explodirem em desconfiança, fosse capaz de reconhecê-los à distância. Até visitou Neborum quando pareceu que Dier ia passar mais uma eternidade simplesmente avistando as redondezas — mas descobriu, enrubescendo com um misto de vergonha enraivecida e orgulho ferido, que nunca tinha visto o castelo da mulher. Ou o do filho.

Parte da fantasia era Dier simplesmente deixá-lo sair correndo atrás da família.

Mas ele já estava mais perto deles, e com o resto estava decidido — estava obrigado — a se preocupar depois.

Dier resolveu se mexer, com Lamar quase tropeçando em seus calcanhares ao segui-lo caminho acima. Bateram à porta, e foram atendidos por uma senhora com roupas marrons de linho bem ajustadas e um sorriso lento.

— Pois não?

— Faobo está? — Pediu Dier.

— Podem entrar, eu vou avisá-lo. — Disse, abrindo mais a porta e saindo do caminho. — Quem devo dizer que deseja falar com ele?

— Meu nome é Dier, mas ele não me conhece. — Inspeccionava a sala com olhares rápidos, buscando resumir numa impressão o dono do lugar. Tornou a olhar para a mulher quando viu, depois de um certo silêncio, que ela não considerava a resposta suficiente. — Quero fazer negócios com ele.

— Fiquem à vontade. — Disse ela, assentindo com gentileza antes de subir as escadas.

Lamar seguiu seus passos com o canto dos olhos, esperando que por detrás de todo o marasmo houvesse um plano bem arquitetado. Secretamente esperava que ela virasse, mesmo que só o pescoço, de leve, e dissesse alguma

coisa — que delegasse a tarefa a uma certa Myrthes, ou que lembrasse que antes disso deveria, veja só, *falar com a Myrthes, aquela Myrthes*, sobre algo que, interrompida pelos visitantes à porta, ela esquecera.

Ou os levaria diretamente à Myrthes, que tratava das questões chatas do cotidiano de Faobo por detrás de uma escrivanhinha tranquila. Ou os levaria diretamente à Myrthes, que... Esteve esperando por eles o tempo todo. Ou algo assim.

Um grande plano para um reencontro e para se livrarem de Dier. Seria pedir demais.

— Ele não me parece *tão* rico... — Comentava Dier, olhando para o sofá pálido que ocupava a amplitude da sala.

— Ele está a espera no escritório. — Disse a empregada, descendo as escadas.

Sorriu para Lamar ao passar por ele. O alorfo olhou para trás ao passar por ela escadaria acima, esperando que ela fizesse algo a mais; suas expectativas mais irreais sempre encontravam um caminho de volta aos nervos do corpo. Ela não se virou para ele. Não houve piscadela, segredo ou sinal.

Dier, que nunca estivera na casa, provavelmente se guiava por Neborum em direção ao próximo castelo da vizinhança. O quadrado que servia de corredor, cujo piso estava escondido abaixo de um tapete verde com sólidos círculos vermelhos, dava acesso a várias portas. O preculgo escolheu a correta, e entrou marchando sobre a sala aconchegante.

Só havia um homem ali, que aparentava ter sessenta rosanos, mais ou menos. Sentado e voltado para baixo com a seriedade de quem escrevia uma carta de suicídio, embora tratasse de papeis de comércio que Lamar não conseguia ler à distância, era difícil avaliar exatamente quem ele era. O cabelo preto raso e encaracolado por cima da dura pele morena estava voltado para trás das orelhas. Seu nariz relativamente grande acima de um maxilar cheio e desbarbado apareceram, costurando em caráter emergencial um sorriso amigável quando ele deu por terminado o que fazia.

— Boa tarde, senhores. — Disse, com modos simples ao oferecer a mão para um aperto. — Em que posso ajudá-los?

Enquanto Lamar se mantinha na retaguarda, Dier caminhava de braços cruzados pela sala de estantes marrons e paredes pintadas de verde escuro, algumas delas cobertas com um tecido atapetado de mesma cor. O lugar inteiro era envolto por minérios de luz verdes, mas claros e enfraquecidos, envoltos numa versão mais fina do mesmo tecido.

Faobo recolheu a mão sem perder o pique de peça de teatro em que estava tudo bem. Bugigangas mecânicas dos lugares por onde ele havia passado, além de livros — metade deles relativos à própria contabilidade — cobriam as prateleiras, e em uma das paredes ficava um mapa desenhado por um cartógrafo de Ia-u-jambu especialmente para aquela sala; o mar era

esverdeado, quase misturando-se ao tom da parede em suas bordas, e tudo nas terras estava disposto em tons entre ouro e laranja. Acima do mapa, um minério vermelho só para ele.

Dier deixou o comerciante esperar por mais um tempo antes de encará-lo de pé em frente à escrivaninha.

— Faobo é o seu nome?

— Sim. — Respondeu o próprio, na expectativa de entender a visita a qualquer momento.

— Você é um alorfo, Faobo?

A pergunta arrancou o sorriso de seus dentes no mesmo instante.

— É claro que não, eu...

— Então um filinorfo? — Continuou Dier.

— Não! — Disse, rindo esbaforido para Lamar. — Quem são vocês?

— Você não está abrigando uma mulher chamada Myrthes?

— Myr... — Ele parou, olhando por uma fração de segundo para baixo; Lamar chegou mais perto, prendendo a respiração. — Myrthes?

— Você é *surdo*? — Sibilou Dier.

Faobo se recostou à cadeira, já completamente nu de qualquer verniz de amabilidade comercial com a qual negociava enquanto acreditou que era o que estava prestes a fazer.

— Havia uma mulher aqui. Com uma criança.

“*HAVIA?!?*”, pensou Lamar, o gosto de terror atravessando a garganta na descida.

— Mas o nome dela era Irene, não Myrthes.

— C-como assim *havia*, p-para onde ela foi? — Disparou Lamar.

— Ela foi embora, ela e o menino. Agora *vocês* precisam ir embora daqui.

O dono da casa se levantou com confiança, e Dier reagiu primeiro; chutou a borda da mesa na direção de Faobo, espremendo-o no fundo do escritório, seus protestos abafados pelo preculgo que pulou por cima da mesa derrubada e prensou o homem nas cortinas do fundo, a lâmina da espada encostando em sua garganta.

Lamar não sabia se poderia proteger aquele homem sem que isso fosse o seu fim — ele podia saber para onde eles tinham ido; era talvez o único que soubesse.

— Vamos ver se você me leva a sério. — Disse Dier, por cima dos grunhidos assustados do comerciante.

— *GORDO!* — Berrou Faobo.

Dier encaixou um soco curto na barriga do homem, que não conseguiu se abaixar como automaticamente começou a fazer — Dier o pressionou de novo a ficar rente à parede, agora parecendo não saber sequer onde estava; segurou suas bochechas, talvez para lembrá-lo.

— Por que aceitou que a mulher ficasse aqui?

— Ca... Caterina me pediu. — Explicou ele, sem voz.

— Lamar! — Chamou Dier. — Cuide dele.

Lamar não entendeu o que ele quis dizer até ouvir passos pesados atrás de si, subindo as escadas; logo um homem largo vestindo um avental azul claro apertado por cima de roupas pretas apareceu na porta com os olhos mais abertos que Lamar já vira.

O alorfo engoliu; nos dois passos que deu para trás na direção da janela entendeu que se aquele homem salvasse Faobo, *era o fim*. Perderia a chance de reencontrar Myrthes e Ramon.

— *Chefe!*

Gordo lançou-se em direção à janela e Lamar o viu chegar, em passos desajeitados, demorados, tortos — sua boca aberta, os braços balançando sem razão ou coordenação no esforço de chegar até lá e tirar da garganta do homem que pagava seu salário aquela espada.

Lamar jogou-se em cima dele com o ombro; caiu de costas tanto quanto ele, e logo se virou para tentar prensá-lo no chão.

Gordo era mais forte; segurou seus braços pelos pulsos e conseguiu tirá-lo de cima com um empurrão; por sorte era lento na hora de se levantar, e Lamar se agarrou à batata da perna do inimigo.

Puxou-a de qualquer jeito, e Gordo ajoelhou; perdeu o equilíbrio enquanto tentava desagarrar Lamar de si e acabou caindo de novo. Debatiam-se os dois, tolos no chão, Lamar impedindo-o de se levantar pelos braços enquanto ele tentava se desvencilhar; ouvia a voz ofidica de Dier abaixo do silêncio do puxar e repuxar das roupas, mas não entendia nada — especialmente quando começou a gemer de dor com os chutes rifados do homem que, já desesperado, queria acertar qualquer coisa para e acabou solando os joelhos do alorfo, que perdeu o pouco de força nos braços de que mais precisava.

— Gordo, *NÃO!* — Disse Faobo.

Dier ainda o tinha nas mãos, mas era a mão de Faobo que se levantava num sinal desesperado.

— Mas, ch...

— Gordo, confie em mim. — Disse ele, com as pontas do cabelo do tão molhadas quanto as do empregado. — De-desça, saia daqui.

Olhou boquiaberto para a cena por mais instantes, entendendo menos do que quando entrou na sala.

— Gordo, *vá*. — Insistiu Faobo. — Fique longe.

— Vou saber se não ficar... — Comentou Dier.

Lançou um olhar cheio de medo para Lamar, que se apoiava na prateleira baixa de uma estante para se levantar.

Quando o serviçal foi embora, Dier puxou a espada para si, empurrando Faobo para o lado com a mão livre. Andou de volta até o centro vazio da sala.

— Faobo me contou uma história interessante. — Começou o preculgo. — Ele diz que Caterina não é uma alorfa.

— É *MENTIRA!* — Disse Lamar. — E-ela é alorfa, e-eu vi ela lutar e-em Neborum, e-ela...

— Você mentiu para mim, Lamar?

— NÃO!

— Mentiu, Lamar?

— NÃO!

Lamar já conseguia ficar de pé, mas parecia ter se contundido sozinho ao entrar em contato com a penumbra do homem com a espada na mão. Encolhia-se contra a estante, com o maxilar tremendo.

Olhou para a arma uma vez, e prometeu a si mesmo não olhar de novo.

— Caterina me ajudou uma vez e eu fiquei devendo um favor para ela. — Disse Faobo. — Eu paguei esse favor deixando a tal... Irene... ficar aqui por alguns dias. Mas depois ela foi embora. E foi só isso. Não tenho associação *nenhuma* com a Caterina, a não ser uma relação profissional de...

— Pare de falar. — Comandou Dier. — Lamar?

— Eu já disse o que sabia... Caterina me ajudou a não ser pego de novo por Byron.

— Byron?! — Perguntou Faobo.

— O que tem ele? — Indagou Dier.

— Ele é um bomin. — Respondeu Lamar, rápido. — Eu fui discípulo dele e ele me trocou por outro quando achou que eu não servia.

Dier passou a observá-lo de novo. Lamar não sabia exatamente que estratégia usava, mas já não tinha o mesmo medo de ser atacado.

— Há quanto tempo?

Lamar deu de ombros.

— Eu era criança...

Dier levantou o queixo e respirou fundo, bufando a confusão da boca para fora. Guardou a espada na bainha e cruzou os braços de novo.

— Você garante que Caterina era uma alorfa, Lamar?

— Sim.

Dier se virou para Faobo.

— E você diz não saber disso.

— Nunca a tratei como uma alorfa. Para mim era só mais uma parlamentar.

— E ela disse a você — Voltou-se para Lamar. — que Faobo era um alorfo.

Lamar estancou, o calor subindo as veias do pescoço até queimar as orelhas.

Dier descruzou os braços, quebrando o próprio ritmo ao dar um passo incerto à frente.

— Lamar?

— Não.

Dier agarrou o colarinho da capa de Lamar antes que ele pudesse se esquivar e o jogou no chão, chutando-o com o bico do pé.

— Você... Me fez perder TEMPO... — Dizia, com um chute novo por fôlego. — Para VIR À IMIORINA! ... Para NADA!

Zigue-zagueou pela sala com o rosto contorcido e os punhos fechados; Lamar tossia e se arcava de lado enquanto Faobo observava a cena por detrás da escrivaninha.

— SEU INÚTIL! — Berrou Dier, inconsumível. — SEU INÚTIL, SEU IMPRESTÁVEL!

Andou por mais algum tempo em padrões irreconhecíveis até que os pés chegaram perto de novo de Lamar, que ainda estava na mesma posição.

— Vou para a charrete e se você demorar a ponto de eu me irritar eu volto aqui e *mato* você.

Lamar chorava, cada lágrima ritmada para não vir junto a uma contração na barriga. Cada vez que expirava, um som estranho e nauseado saía de sua garganta. Não era sua voz. Não podia ser.

Com a mão direita agarrou o chão, buscando apoio; os dedos se levantaram, mas nada além deles. Tentou se sustentar mas o corpo parecia dividido em dois, a parte de baixo por um fio de se destacar de vez da de cima.

Com as duas mãos pôs-se de cotovelos no chão; estabilizou-se um pouco até perceber com o canto do olho os dois sapatos marrons, e sentir por inteiro a presença de Faobo. Olhou para o teto, e Faobo o encarava com os punhos na cintura.

— Vamos. Levante-se. — Disse ele, desviando o olhar para a porta.

Lamar grunhiu ao arrastar as pernas; forçou o joelho para ele subir rápido, rasgando mais seu estômago por dentro. Ficou de quatro, travado no chão. Sentiu que subir sozinho seria exigir demais de si.

— Pode... Me aj... Me ajudar?

— Vamos, levante-se. — Ignorou ele, de sobrancelhas franzidas. — Ele pode voltar aqui a qualquer momento.

Lamar queria perguntar se Myrthes estava bem. Se Irene — se era esse o nome que ela tinha escolhido para se esconder melhor — tinha ido para outra cidade, para outra jir de Imiorina, se tinha tentado voltar para Prima-u-jir. Ou, quem sabe, vendo que o plano não estava indo como o esperado, tenha ido para Kerlz-u-een.

Mas precisava andar primeiro.

— Por... Por favor me ajude...

Faobo bufou, voltando acelerado para a poltrona atrás do escritório, colocando-a no lugar antes da mesa, ainda caída.

— GORDO!

O empregado chegou. Não usava mais o avental, nem estava tão consternado quanto na primeira emergência.

— Leve-o para fora, por favor.

Gordo hesitou, mas percebeu num cruzar de olhares que Lamar não só não tinha por que fazer algo contra ele como não tinha um *como*.

— Vamos lá... — Disse, numa voz suave.

Acomodou o braço de Lamar em volta de seu ombro esquerdo, e com o braço direito começou a puxar o alorfo para cima.

Doeu, ou pelo menos Lamar garantiu que essa fosse sua aparência ao tentar andar; logo pareceu se acostumar, dando passos pequenos rumo às escadas.

Sentiu um arrepio e verteu uma lágrima; uma que não era de dor ou humilhação, mas de derrota. Descia as escadas da casa onde combinara se encontrar com Myrthes e Ramon — sem ver nenhum dos dois; sem sequer saber onde estavam. Trouxera Dier ali para que Dier pudesse trazê-lo ali, e não só voltava de mãos vazias como de pulsos, na prática, acorrentados.

A não ser que não estivessem, na prática, acorrentados.

Olhou para trás, por via das dúvidas. Havia descido metade dos degraus da primeira série. Faobo não estava atrás de si; nem no topo da escadaria, nem na soleira da porta. O comerciante não perderia mais nenhum minuto naquele absurdo.

— Me desculpe... — Começou, sem resposta. Mais um degrau. — O seu nome é Gordo?

— Não... — Respondeu, baixinho. Mais um degrau. — Só eu sou.

Lamar riu, controlando com dificuldade as físgadas no abdômen. Mais um degrau.

— Desculpe por ter brigado...

Um degrau em silêncio. Outro.

— Eu fui atacado... — Disse ele, fazendo da verdade um sorteio.

Chegaram à seção em que tinham que dar a volta. Lamar não conseguia sozinho, e Gordo parou, olhando para o lugar de onde tinham vindo. Logo continuou.

— Eu preciso da sua ajuda... — Sussurrou Lamar.

Mais um degrau.

— Gordo... — Mais um.

— Eu não posso... — Sussurrou ele de volta. Mais um.

— Mas eu vou... Eu posso morrer...

Mais um.

— E eu preciso encontrar a minha família... Gordo...

— Eu não posso fazer nada...

Mais um.

— Gordo, para de me levar para fora... — Suplicou Lamar.

— Eu sou obrigado...

Mais um.

— Para de me levar para fora, por favor, não... Ai... — Doeu quando tentou falar mais rápido ao mesmo tempo que acompanhou o passo para descer mais um degrau. — Tem alguma... Saída dos fundos, alguma...

Mais um. Não sabia se Gordo estava pensando ou ativamente ignorando seus apelos.

Outra lágrima, pela derrota prematura. Estava cansado de chorar, mas não conseguia evitar; a força maior do braço no ombro o empurrava mais um degrau abaixo e suas pernas tremiam, querendo voltar.

— Por favor...

— Não tem saída nos fundos... — Respondeu, irritado.

“Consegui irritar meu único aliado”, pensou Lamar. Fechou os olhos, deixando a vertigem vir.

Teria sido mais um, se não precisasse se equilibrar de novo. Recuperou-se mais rápido do que queria e se viu empurrado para baixo de novo.

— Acha que consegue sozinho? — Perguntou Gordo quando chegaram ao térreo.

Lamar fez que sim com a cabeça. Consequia gerenciar as pontadas em algum lugar do tronco. Já respirava melhor, apesar de precisar controlar a respiração como se coordenasse algo que nunca havia feito na vida.

Olhava fixo para o chão, de rosto lavado; pé por pé ajeitou-se na direção da porta e começou a andar, sem vontade.

Teria que fazer aquilo sozinho. Correr; pegar o lado errado da rua, o que não levava para a charrete, e ver até onde conseguia chegar antes de precisar parar, antes de tropeçar por não andar direito, antes de entender que não tinha como se esconder naquelas condições. Ou talvez em nenhuma outra, considerando quem o perseguiria assim que percebesse a fuga.

— Espera.

Lamar se voltou ligeiro, olhando nos olhos do empregado. Queria poder contar para ele toda sua história ali, mas não tinha tempo; contava que a ajuda dele viesse espontânea e sem precisar de mais cuidados.

Abriu a boca para falar, mas olhou de novo para o segundo andar antes de sussurrar à distância.

— Você faria... Qualquer coisa?

Lamar fez que sim com a cabeça.

— Iria a qualquer lugar? — Abandonou a fala baixa.



Se não fosse a maldita promessa.

Dier se culpava pelas escolhas tolas que fez. Toda vez que voltava para Den-u-tenbergo se lembrava de porquê havia saído de lá programando-se para passar tanto tempo fora. No entanto, seus objetivos sempre o levavam de volta. Ele precisava voltar, precisava impressionar — se queria tanto fazer alguma coisa que os deixasse realmente impressionados, não podia só fazer. Tinha que voltar e mostrar. Tinha que colher os louros que lhe foram negados por tanto tempo.

Se não fosse por tudo isso não teria usado Lamar para não chegar à Noite dos Mestres sem um discípulo. Deveria ter previsto o desastre: Lamar não era digno dele. Pelo menos não parecia. Ou, por outro lado — pensou, arqueando as sobrancelhas — na visão de Flavian, pelo menos, qualquer um “era digno” dele, já que o critério não era muito alto.

A viagem deveria ter sido definitiva. Descobrir um alorfo que alimentasse os demais *com recursos* teria sido a quebra na espinha dorsal dos miseráveis.

Levou os olhos à direita, acompanhando a visão improvável em Neborum.

Saiu da charrete e, em segundos, do estacionamento recuado da rua. Dobrou a esquina próxima à direita e andou, caminhando a passos decididos. Considerando o estado em que deixou Lamar, não precisaria correr muito para alcançá-lo.

A única dúvida que restava era se ele deveria cumprir a promessa de punir aqueles que fugiam, ou cumprir a promessa à Corte e levar o mesmo discípulo à próxima Noite dos Mestres, a quase um rosano de distância.

Passou pela casa de Faobo e logo o viu.

Viu pedaço; a capa azul esvoaçando nas costas de alguém curvado para frente, que corria se escorando nas paredes de uma galeria de pequenas lojas enfileiradas debaixo de uma marquise cheia de colunas finas.

Dier passou pela sombra do espaço escuro, e logo avistou Lamar.

Entrava num parque que não era grande, nem tinha árvores muito frondosas; era na verdade bem aberto e claro, com caminhos de lajotas rosadas separando pares de bancos curvilíneos. Havia, de fato, mais pessoas sentadas que passando por ali; Lamar era praticamente o único a andar no caminho quase reto que levava da rua que Dier agora atravessava a um prédio extenso, de uma cor caramelo viva. A frente do prédio, na porção acima dos portões, elevava-se num arco que era possível ver do outro lado da praça, por cima do maior coqueiro.

Quando o preculgo entrou na praça, Lamar já dava passos minúsculos e frenéticos em frente. Mal conseguia se equilibrar com o próprio peso, e parecia sempre a um passo de um tropeço.

Dier chegou com tranquilidade por suas costas e o puxou até empurrá-lo para um coqueiro.

— Seu imbecil.

Apertava seu peito e observava seu rosto; Lamar encarava-o de volta com a mesma frieza: os lábios fechados, o respirar controlado, o queixo levantado quando o topo da cabeça encostou no tronco da árvore atrás de si.

— Seu inútil... — Espumou Dier, tirando a espada da bainha.

— Ei! — Gritou uma grossa voz feminina. — O que é isso?

Uma mulher alta de pele escura correu para eles, interpondo-se entre os dois. Vestia uma capa amarela amassada cujos vincos pareciam vir do próprio tecido grosso e denso. Usava um elmo aberto em toda a extensão do rosto que, redondo, cobria o resto da cabeça. No pescoço um lenço tão amarelado quanto o resto da roupa cujo “I” azul bordado ao centro indicava o exército da cidade.

— Identifique-se, senhor. — Exigiu ela.

— *Identifique-se?* — Ironizou ele. — *Saia da frente!*

— Está me ameaçando? — Perguntou ela, recalculando o tom de voz.

— Ele é um mago preculgo e quer me matar — Se apressou a dizer Lamar.

— Por fa...

— *Shh*, calma — Pediu ela, voltando o rosto para tranquilizá-lo. — Vamos cuidar d...

Dier avançou e apunhalou a mulher nas costas; tirou a espada ensanguentada dela, que caía de joelhos na grama baixa do parque, e viu dezenas de pessoas chegarem perto da pequena comoção. Tinha um sorriso cansado na hora em que recuou mais, ouvindo pela primeira vez o grito de “assassino” por parte do povo reunido.

Ranqueou os dentes e tentou terminar o que havia começado, mas Lamar havia saído do coqueiro para continuar a corrida de antes. Parte da multidão o cercou, fechando um círculo em volta dele. Por onde Lamar se afastava, agora com ajuda, ele podia ver outros soldados correndo em sua direção.

Os berros ficavam mais altos. Dier foi atingido com uma pedra na cabeça, que para sua sorte era pequena; logo mais duas outras passaram zunindo pelo ouvido esquerdo.

Dier berrou de volta, possesso, e girou a espada para dispersar os desarmados à frente. A turba que surgia atrás dele logo correu em sua direção, tomada pela fúria. Eram demais para conter.

Conseguiu escapar por entre dois coqueiros, desembocando num caminho lateral de lajotas. À direita via militares correndo tanto quanto ele em via paralela. Em algum tempo deixou para trás a multidão, que se contentou em atirar-lhe pedras na esperança de que alguma o acertasse.

Chegou ao fim da praça, em uma via não muito movimentada. Tinha uma noção de como chegar à charrete de volta, mas precisaria parar os soldados que o perseguiam.

Correu por uma ruela de casas baixas e antigas em que todos os presentes, recostados às paredes, o observavam enquanto ele passava debaixo do sol forte da tarde. Não tinha grande vantagem em relação aos militares, que seguiam em seu encalço. Entrou em uma outra rua, em que casas e prédios maiores lhe davam sombra. Parou na esquina, apoiado em uma parede vermelha.

Em Neborum, foi fácil identificar os castelos — eram os únicos vindo rápido em sua direção.

Desembainhou a espada — nos dois mundos, embora em só um ela ainda pingasse sangue — quando os soldados o avistaram na calçada, pegos de surpresa.

Correu pela grama macia ao sol já poente até esbarrar em uma porta simples, num castelo simples; da ponta dos dedos saía o metal amorfo que transformava-se pouco a pouco em uma chave.

Partiu para cima do soldado da esquerda, dando a volta nos dois que, parecendo assustados, não pareciam muito experientes. Dier manteve-o defendendo, empurrando os dois, um atrás do outro, para a rua de onde haviam vindo.

Testou a chave, e passou ligeiro pela fresta leve quando ela funcionou.

O primeiro soldado tropeçou no pé do segundo, que tentara lançar a espada longa à frente com uma mão para um ataque rápido que Dier esquivou; os dois caíram de costas, recompondo-se tão rápido quanto possível. O preculgo não avançou, sabendo que não podia deixar as costas vulneráveis para um deles ao atacar quem estivesse caído, os dois estando lado a lado.

Os dois se olharam, decidindo num instante partir para cima do mago ao mesmo tempo; Dier defendeu os dois ataques verticais com um giro da espada para a esquerda — atacando o soldado da direita com um corte horizontal e esquivando ainda o golpe do outro oficial, que vinha rápido, mas sem jeito, no rebote da defesa: Dier corou a esquivar com um chute que fez o guerreiro perder o equilíbrio.

Os dois estavam no chão, dessa vez mais separados e sem a mesma reação. Dier se afastou andando para trás; observou que alguns observavam a luta da janela, mas não havia mais multidões interessadas em levá-lo à justiça. Viu um homem levar duas crianças para dentro de casa.

Sorriu, pensando que era interessante um preculgo inspirar tamanho medo.

Virou-se para a frente: os soldados estavam de pé, mas na corrida para alcançar o condenado o soldado da direita deixou-se ficar para trás. O da

esquerda percebeu, mas era tarde demais: um corte no braço fez o adiantado ir ao chão de novo. Dessa vez pela última vez.

Dier sabia que tinha pouco tempo até o soldado perceber que matar o companheiro para levar todo o crédito pela prisão do mais novo assassino de Imiorina não foi exatamente a ideia mais inteligente — talvez um tempo tão pequeno quanto este para ele perceber que sequer fora *sua* ideia.

Um dia Dier gostaria de voltar. Mas, planejava ele com pensamentos e nervos em ebulição ao cruzar o caminho alternativo em direção à charrete, seria numa situação bem diferente.

Capítulo 47

A Batalha de Enr-u-jir

O guerreiro encostou a tocha acesa à corda, relutante. A chama consumiu rápido o fio, acendendo a fogueira ao chegar no topo da magra torre improvisada.

Olhou para trás, e pelo fino visor do elmo pôde ver, algum tempo depois, a segunda torre ser acesa. O alerta seguiria sua rota do posto de observação na jir mais distante, o seu, até o centro de Enr-u-jir, e uma charrete viria buscar mais informações para organizar as defesas. Quando ela chegasse, o mensageiro teria que escolher bem as palavras para descrever o que os pesadelos mais criativos teriam medo de sugerir: aproximava-se, quase camuflado nas rotas tortas da floresta, o borrão azul e metálico de guerreiros de Inasi-u-een.



Mesmo se as tropas de Inasi-u-een não tivessem avançado rápido pelas jirs do Oeste, fazendo pouco dos poucos deixados para tentar atrasá-los, a cidade estaria quieta. Havia algo na falta absoluta de civis naquelas noites de guerra que todo soldado apreciava, fossem eles de Imiorina, de Rirn-u-jir ou os que sempre viveram ali; o espaço que respiravam à noite, iluminado pela abundância de minérios ao invés de pelo sol, era o mesmo da manhã — e ao mesmo tempo, não era.

Naquela noite os cidadãos, já acostumados com a noção de que o fogo nas torres mais altas em qualquer direção indicava inimigos, dormiam com medo ou fingiam que dormiam, impedidos de fazê-lo pelo receio de não conseguirem fugir se algo desse errado.

O general das forças da cidade aproximava-se de uma pequena praça no cruzamento entre quatro largas ruas. Nela não havia árvores; só bancos e grama. Do lado oeste, ocupando tudo até confundir horizonte e cabeças, os largos guerreiros de Inasi-u-een. Vestiam armaduras que, refletindo as cores dos minérios pendurados ao longo da via, quase não deixavam ver o tecido azul que vazava por um ou outro espaço entre as placas de aço.

Do lado leste, os defensores de Enr-u-jir compactavam-se de forma parecida na parte de trás da formação. Os melhores e mais bem protegidos

soldados, com armaduras mais comparáveis e espadas mais invejáveis, ocupavam os flancos do início da rua, ao lado de um grupo constantemente vigiado de yutsis de guerra. No fim da formação, bem visível para os inimigos, uma catapulta bem centralizada.

Mairaden caminhou até a praça no cruzamento. Tirou a mão direita da alabarda por um momento para levantar a viseira do elmo; olhou para baixo para fitar o general da cidade, cujo elmo aberto tornava seu rosto redondo, bem como seus protuberantes dentes da frente, visível por completo.

— Nós falamos em nome do Conselho dos Magos. Temos nesta cidade mais que quatro vezes o número de soldados, e ordens para utilizá-los. Temos yutsis, temos arqueiros, temos artilharia pesada. Coisas que vocês não têm. Se resolverem lutar, é possível que estejam mortos antes que possam fazer um acordo e se tornarem prisioneiros. Por isso... — Fez uma pausa; apesar de confiante, falava como se não dormisse há dias. — Peço que se rendam imediatamente, entregando as armas e as armaduras, e colaborando com qualquer informação pertinente.

Mairaden observou os yutsis a meia avenida de distância.

— Voltarei para minha tropa... — Começou ele, absorto. — E assim que chegar começaremos a fazer o que viemos fazer aqui. Vocês tentarão nos impedir.

Com um movimento ligeiro da cabeça o visor encaixou-se de volta, fazendo do aço exclamado a última palavra do general.

O comandante da cidade franziu o cenho, retornando para perto da própria tropa o mais rápido que conseguia sem parecer estar correndo.

— *Metade* pelo sul. — Disse ele ao mensageiro desarmado, que correria para dar o recado a outros grupos de soldados. — O resto pode esperar na retaguarda. — Assim que o mensageiro começou a correr, voltou-se para os soldados à frente. — Podem soltar.

Pôs no braço esquerdo o escudo que havia deixado no chão e desembainhou a espada. Ao lado, ouviu o primeiro guincho de dor do yutsi, que eleitou as patas da frente e caiu um pouco mais perto dele. Depois de mais dois golpes provavelmente acordou a cidade inteira ao tentar se livrar das correntes — especialmente depois que os outros animais, inflamados de ódio, amplificaram o hino de agonia.

Três se libertaram ao mesmo tempo, e o quarto juntou-se a eles um instante depois. Com uma ordem de Mairaden, os guerreiros de Inasi-u-een recuaram de costas; apenas quatro foram à frente, lado a lado, acelerando pesadas esferas negras acima da cabeça pelas longas correntes a elas presas.

Quando os yutsis destroçaram os bancos da praça, as esferas foram lançadas à frente: acertaram em cheio as cabeças e os pescoços dos animais que, desembastados, interromperam a corrida na fração de tempo necessária para serem atropelados pelos que vinham atrás. As duras carapaças

arrastaram-se no chão; algumas racharam com os impactos, e os yutsis passaram a usar suas gargantas como nunca, machucados e confusos. Os últimos conseguiram interromper a corrida, fugindo pelas laterais enquanto os guerreiros de Inasi-u-een que antes recuaram aproveitavam os pontos expostos dos bichos encolerizados no chão para atacá-los.

O general da cidade viu, sem voz, os soldados fecharem-se numa densa parede de escudos atrás de si. Ficou tranquilo; os oficiais com permissão para a magia usavam-na com inteligência. Integrou-se enfim à tropa, estacionando na terceira linha, mandando alguns guerreiros procurar e controlar os yutsis que fugiram pelas laterais. A outros, disse-lhes que carregassem a catapulta. O contingente de trás aproximava-se, fechando o espaço no meio da formação que preenchia a rua.

Dois yutsis que conseguiram se reerguer na praça central avançavam contra os soldados de azul. Sem a velocidade que ganharam antes, absorviam melhor os golpes das esferas de ferro; os guerreiros, contudo, usavam as correntes para enredá-los, içá-los ao chão e ali prendê-los.

Os vencedores tomaram a praça. Reformados, serenos em frente à parede de escudos de Enr-u-jir, ouviam à distância os sons das duas retaguardas, as suas e as do inimigo.

No centro do batalhão, próximo às carcaças moribundas dos yutsis, Mairaden viu o segundo-em-comando terminar de organizar aquele setor da tropa. Abriu o visor do elmo para ele, que fez o mesmo.

— Está na hora. — Disse Mairaden.

— ... Boa sorte, general.

— Obrigado! — Mairaden pôs uma mão na parte de trás do elmo do companheiro. — Siga firme! — Projetando a voz para o alto, falou com todos. — TROPA! MANOBRA AO SUL!

O muro de armadurados de Inasi-u-een que encarava os escudos de Enr-u-jir permaneceu firme, mas parte da tropa começou a recuar, reorganizando-se em grupos ao longo da rua por onde chegaram à praça.

Um som elástico ecoou pela cidade. Mairaden dirigiu o olhar para o horizonte atrás dos inimigos.

— SUL! — Berrou Mairaden, fazendo o som de aço em movimento eclodir entre os companheiros. — *SUL!*

A catapulta atirou uma maciça esfera cinzenta da altura de um adolescente; brincalhão como um, misturou-se ao céu noturno, ocultou estrelas no trajeto, e esmagou um guerreiro retardatário ao descer à terra, atingindo outros três até a parada completa.

O general de Enr-u-jir mandou interromper a catapulta; a maior parte do batalhão de Inasi-u-een desviara daquele confronto e começava a evitá-lo pelo sul. Assim que a segunda esfera caiu inútil na rua praticamente deserta para além dos inimigos, ordenou outro tipo de fogo: arqueiros revelaram-se

nas janelas de algumas casa, e atrás da parede de escudos uma fina linha dupla de artilheiros posicionava os arcos.

O segundo-em-comando decidiu atacar, liderando um avanço repentino. Chocaram-se contra guerreiros mais baixos e, embora bem equipados, afeitos a recuar. Os soldados que defendiam Enr-u-jir deram passos para trás assim que receberam os primeiros golpes sem conseguir contra-atacar. Não havia tempo para respirar; as armas de longo alcance pareciam onipresentes, encontrando espaços inimagináveis no que parecia ser uma defesa coesa, enquanto machados prensavam os escudos em golpes que derrubariam qualquer guerreiro inexperiente e espadas selavam o destino dos primeiros a sangrar. As esferas com correntes foram recuperadas entre os corpos dos yutsis, e era com elas que os arqueiros defensores nas janelas começaram a lidar.



Mairaden desviou os olhos quando o barulho da batalha alcançou seu grupo. Explicou para os que havia escolhido ao acaso que eles não poderiam se separar, mesmo que, juntos, ficassem afastados do resto da tropa. Pedindo pela movimentação mais silenciosa que eles conseguissem, seguiu caminho; logo perdeu todo contato com os outros grupos que tinham continuado a infiltração do centro pelo sul.

O final da rua estreita e comercial por onde passava era a lateral de uma outra, similar. Nela o general pôde ver, à esquerda, a movimentação leve de uma tropa numerosa em direção ao Norte. A armadura que vestiam era diferente; cotas de malha enegrecidas pelo uso cobriam o tronco e as coxas por cima de um grosso e comprido conjunto amarelado. Na cintura a espada longa; na cabeça, elmos que deixavam o rosto livre.

Mairaden respirou fundo antes de desviar os olhos. “Imiorina”, pensou.

Continuou o caminho à direita, evitando os inimigos. Chegou a áreas cada vez mais residenciais, com minúsculos parques entre casas de até três andares, cujas cores vívidas pareciam doentias à noite; a escolha dos minérios que iluminariam a rua, todos roxos, marrons ou alaranjados, tampouco ajudava.

Fizeram a primeira volta à esquerda quando já não ouviam nenhuma batida de pernas inimigas nas redondezas. Buscavam retornar a trilhas que os levassem para mais perto do coração da cidade. Acabaram de frente para um grupo que parecia estar esperando por eles: guerreiros como os que viram por último, com a seriedade bem à vista, porém ainda mais escuridão nas malhas metálicas.

— Chamou-me a atenção um grupo tão grande ficando tão longe dos outros. — Disse o guerreiro à frente, a baixa estatura e os olhos finos pers-

crutando os rostos trancafiados dos guerreiros de Inasi-u-een. — Quem é o líder?

Mairaden apoiou a alabarda no chão de ladrilhos num baque seco, levantando o visor do elmo com a mão esquerda. Viu que os inimigos estavam em pequena vantagem; tinham dois guerreiros a mais.

A rua era estreita, mas os jardins amplos e com cercas baixas das casas faziam do lugar um vasto campo de batalha. Com um gesto fez os comandados se distribuírem pelo espaço, bloqueando a passagem. O general inimigo desembainhou a espada e os comparsas, sombras balançantes na calada de cores fortes da noite, correram até bloquear também a passagem inteira.

— General Mairaden, de Inasi-u-een.

— General Enoro, de Imiorina.

Mairaden fechou o visor e avançou, fazendo crescer sua sombra sobre o outro general. Recolheu a arma para lançá-la ao rosto de Enoro, que a defletiu e partiu para o ataque; teve a espada puxada para o lado no retorno da alabarda, mas a circulou por baixo e por pouco não passou da defesa de Mairaden.

Enoro o rondava quando recebeu o ataque rápido por cima; desviou do golpe, travou a alabarda com a lâmina e tentou um corte horizontal. Mairaden subiu os braços, redirecionando o ataque com a defesa, e os dois perceberam as guardas abertas ao mesmo tempo; chutaram-se, e enquanto Enoro acertou a coxa de Mairaden, foi revirado para trás ao ter as costas do joelho atingidas.

Mairaden perdeu o equilíbrio. Caído, sentiu o sangue ferver o suor da pele e fazê-lo trabalhar mais rápido; virar-se, apoiar-se, levantar-se, recuperar a arma — Enoro também tinha seu peso para carregar, e se recuperou em tempo similar.

— *Como faz isso?* — Indagou o general de Imiorina, assustado, com a espada apoiada no chão. — *Quem é você?*

Mairaden sabia que ele não estava falando da luta, mas não se permitiu ficar contente.

Ouviu o peso dos passos alucinados atrás de si atravessando os sons das lutas na rua. Girou o corpo num acelerado movimento, afastando a espada. Empurrou a ofensora com o cabo da alabarda e numa machadada precisa definiu seu desmonte no chão.

Percebeu que Enoro se aproximava; por mais que não visse seu rosto, sabia que veria ali orgulho ferido.

A espada vinha pela esquerda, numa diagonal que tentaria seu pescoço. Mairaden girou nos calcanhares e se agachou, largando a arma e partindo para cima da cintura de Enoro — jogou-o para trás, fazendo-o cair sobre as próprias costas.

O general de Inasi-u-een socou o rosto exposto do comandante de Imiorina uma vez e o observou, confuso, tentar manter o foco — tinha sangue desinibido no rosto e não conseguia reorganizar sua força de vontade. Não conseguiu terminar o balbucio; depois de um segundo soco, apagou por completo.

Mairaden saiu de cima do corpo inerte e olhou ao redor: contou corpos dos dois lados, nos jardins das casas. Dois grupos de seus guerreiros ainda enfrentavam dois grupos inimigos: uma luta dentro de um jardim mais à frente e outra na rua, atrás de si. Viu a luta ser interrompida, e os inimigos começarem a recuar, espalhando-se mais. Alguns olhavam diretamente para Enoro no chão, para Mairaden de pé, e voltavam para a luta com algum cuidado a mais.

Recuperou a alabarda e correu para uma das batalhas. Numa contenda espaçada, as espadas enganavam, irritavam e distraíam enquanto esperavam pela oportunidade decisiva. Um lanceiro de Imiorina conseguiu derubar um oponente e matá-lo; com a guarda alta Mairaden convidou-o a atacá-lo, desviou a investida, enganchou a lança e aproximou-se o bastante para derrotá-lo. Pensou em ajudar os soldados que sobraram daquele conflito, mas os dois lutavam bem contra um guerreiro talvez tão alto quanto eles mesmos. Mais musculoso que os pares, mostrava-se destemido — virtude venenosa para um lutador de Imiorina, que lutava com o elmo aberto não só para enxergar melhor, mas para ter receio do combate pelo bem do próprio rosto. Em bruta harmonia, os combatentes de Inasi-u-een pensaram o inimigo até romper suas defesas mal treinadas.

Quando terminaram, viram ao longe uma companheira sendo perseguida por dois soldados inimigos. Correram em sua direção, vendo-a aguentar com propriedade os golpes rápidos; com uma alabarda um pouco mais longa que a de Mairaden, a guerreira defendia e se esquivava para os lados, concentrando-se em um oponente por vez. A chegada dos amigos quebrou o ritmo da luta; os defensores de Enr-u-jir entreolharam-se e fugiram.

Debaixo de um intenso foco de luz vermelha, os quatro estavam sós. Mairaden tirou o elmo, mas os companheiros não quiseram fazer o mesmo. Embora ele soubesse que os três provavelmente ofegavam de olhos fechados por detrás das máscaras, mantinham a postura de quem esperava por novas ordens.

— Confirmam os corpos. — Instruiu o general. — *Depressa!*



A esfera abriu uma funda depressão do lado de fora da casa, errando por pouco a janela, e voltou ao chão. O arqueiro que havia sumido voltou; errou

por pouco o guerreiro de Inasi-u-een, que se escondia enquanto arrastava de volta para si as correntes.

O segundo-em-comando mantinha a tropa pressionando os defensores de Enr-u-jir. As baixas eram poucas, mas eles faziam pouco progresso; os arqueiros nas fileiras opostas, por outro lado, pareciam crescer de número.

O primeiro avanço veio quando a ponta da esquerda empurrou tanto a parede de escudos que foi possível alcançar a porta de uma das casas. Um dos guerreiros, já protegido por uma linha de ataque agora duas vezes mais violenta, arrombou a porta e correu para dentro. Deveria ser capaz de neutralizar os arqueiros naquela esquina.

Os inimigos já tinham que recompor as defesas com as tropas de reserva, que contavam com técnica e equipamentos, em geral, piores. Pelo que se podia ver assim que elas chegaram ao centro do combate, eram também menos treinadas, mais afoitas, consideravelmente mais aflitas.

— TROPA! — Berrou o segundo-em-comando. — PONTA DE LANÇA!

Por um momento foram pegos de surpresa; tinham que se rearranjar, e no recuo dos flancos sofreram alguns golpes de tirar o equilíbrio. Na esquerda, uma ou duas quedas foram logo compensadas por ameaças de alabardas e lanças até que a porção se reagrupou.

— AVANÇAR!

A formação inimiga foi rasgada ao meio. O ataque os dilacerava pelas beiradas, esmagando-os contra casas e lojas. Vidros eram quebrados por golpes errantes, e alguns moradores podiam ser vistos espiando por detrás de cortinas e frestas. Soldados no meio lançaram-se à frente para atacar os arqueiros inimigos, que foram obrigados a desfazer os tiros limpos que planejavam; alguns foram atingidos, mas outros fugiram, sumindo para longe demais da batalha para tornar aconselhável uma perseguição.

A estratégia dos inimigos para se recuperar era fazer com que todos retornassem até um momento anterior ao novo ataque. O que no começo confundiu os soldados começou a funcionar quando mesmo quem não sabia o que fazer parecia ser puxado para trás, as pernas juntando a todos num bloco denso de novo, dessa vez muito mais para dentro da rua do que quando todo o confronto começou.

Os mortos e feridos acumulados nas laterais chamaram por um momento a atenção do segundo-em-comando que, tendo ficado para trás, via que era tempo de vencer. Tinha conseguido aterrorizar os inimigos; só precisavam de um pouco de tempo.

Uma flecha cortou o ar ao seu lado, atingindo a parte de trás da coxa de um companheiro. Virou-se a tempo de ver cinco ou seis arqueiros vindo na direção deles, alguns deles já carregando o próximo tiro.

Deu um empurrão em três guerreiros próximos e, sabendo que eles entenderiam, partiu para cima dos inimigos.

Os arqueiros recuaram, apressando-se nos tiros. Erraram uma, duas, três vezes; logo quatro guerreiros os apertavam para perto dos corpos dos yutsis. O segundo-em-comando aproximava-se com o corpo encurvado, a espada rente em guarda, do único arqueiro que estava completamente pronto para disparar.

O estouro no elmo o fez cair rolando no chão, apesar da impressão de que conseguiu golpear alguma coisa. Sentiu o corpo doer em lugares que não conseguia identificar; parecia travado ao chão, à própria armadura, como os yutsis atropelados de carapaças fora de lugar.

Virou o pescoço para o lado em que esperava encontrar uma batalha. A abertura do elmo estava comprometida perto do olho esquerdo, mas ele pôde ver um arqueiro cair mais à frente depois que dois pés largos pés passaram pelo lugar.

Tentou mexer os braços; não conseguiu. Os cotovelos, à direita do corpo, pareciam encaixados um num outro de alguma forma. Fez força em todas as direções até conseguir retraindo o membro esquerdo — e imediatamente grunhiu quando todo o peso do tronco forçou alguma parte perfurante solta sobre seu antebraço.

Passou algum tempo assim, sem conseguir muito mais que prestar atenção aos sons ao seu redor. Esforçou-se como pôde depois de recuperar algum fôlego e salvou o braço, respirando aliviado; contou até três e impulsionou o corpo para cima. Levantou-se aos poucos, descobrindo uma forte torção na perna assim que ficou de pé. Dois guerreiros aproximaram-se pela direita, ajudando-o a ficar de pé.

— Você está bem? — Perguntou uma guerreira. Sua voz, que parecia mais abafada que o normal, o fez perceber que sua audição estava um pouco estranha.

— Sim... — Mentiu ele, mal entendendo o que dizia. — Vamos voltar...

Um coro de aclamação veio da batalha, e não parecia vir dos companheiros. De onde estavam, mesmo que atrás dos altos soldados amigos, puderam ver a chegada de um grupo numeroso de reforços para o batalhão de Enr-u-jir. A tropa de Inasi-u-een inteira flexionou os joelhos, como se estivesse preparada para aguentar um ataque maciço; um dos guerreiros na retaguarda destacou-se da posição para avisar aos outros três, que começavam a marchar em direção ao confronto, que se tratava de Imiorina.

O segundo-em-comando apreciou a situação com raiva; o curto cabelo coçou por dentro do elmo, e ele desejou não estar usando manoplas para poder pressionar mais seus dedos contra a polpa da mão.

— ... Vamos nos dividir. — Começou, balançando a cabeça. — Para o Sul, junto com os outros.

— Mas vamos ser...

— O objetivo é Mairaden. — Interrompeu ele. — Ninguém nunca prometeu vida ou liberdade para nós aqui!



O prédio do governo de Enr-u-jir tinha certo destaque no centro da cidade. Entre duas casas normais, ainda que altas, um largo espaço servia de entrada para uma praça bem arborizada, em cujo final um castelo escuro tornava-se agora silhueta velha contra a noite avançada.

Quatro soldados haviam seguido caminho com Mairaden após o conflito com a tropa de Imiorina. O general e dois deles olhavam para a praça a partir da esquina de uma rua vazia. Patrulhando o lugar de um lado a outro estavam dois grupos inimigos — que não eram como os que os “recepcionaram” na cidade, de Rirn-u-jir, nem como os de Imiorina: eram parte do Exército de local, Enr-u-jir.

Os três recuaram do limiar da esquina. Pensavam num plano de ação quando começaram a ouvir os guinchos de um yutsi. Seguiram com atenção o crescimento do barulho até que ele se tornou localizável; o animal estava no quarteirão seguinte, certamente próximo da entrada da sede do governo, e gritava de maneira particularmente desesperada.

— O que está havendo, afinal? — Resmungou um guerreiro quando, ao ouvir o barulho dos soldados inimigos, tornou a olhar para o local. — Aquilo é fogo?

Mairaden e a guerreira acompanharam o colega imediatamente. Viram os soldados reunidos perto do portal de corvônia da praça, todos iluminados por uma luz alaranjada que, ao trocar de intensidade o tempo todo, só poderia significar uma chama.

— Ponham os elmos. — Disse Mairaden.

Os guardas da cidade aproximavam-se da comoção, mas pareciam prontos somente para correr. Estavam de frente para impactos no que parecia ser paredes e vidros; marteladas contínuas que faziam os corações baterem assustados. “ALGUÉM CHAMOU quem cuida deles?”, berrou um soldado em meio a alertas constantes de “cuidado” e “ele está vindo!”.

O som da demolição veio logo depois. Os guerreiros de Inasi-u-een ouviram cada vez mais claros os gritos de terror. Logo perceberam a fumaça negra cada vez mais aparente acima do prédio que teve, como logo puderam ver, um dos lados destruído.

A parte dianteira do yutsi surgiu no final da rua, e num pulo cheio de dor, acompanhado de um lamúrio agudo, ele mostrou para Mairaden e os guerreiros que sua parte traseira fora consumida pelo fogo; as patas, já quase puro casco, esqueleto e carapaça enegrecida, mal se mantinham de pé. A

vermelhidão que passava por entre as rachaduras da dura camada externa do yutsi pela barriga indicava que o fogo, sem mais espetáculo, ainda ardia.

Mairaden liderou a marcha enquanto o yutsi finalmente caía no chão, um desmonte quase tão barulhento quanto a derrubada de paredes que ele causara. Aquilo distraiu os guardas por tempo o bastante para que não notassem que eles se aproximavam da esquina. Quando os guerreiros chegaram perto demais, os soldados alertaram uns aos outros e prepararam-se para a luta; dois deles não foram rápidos o bastante já que, de costas para os invasores, teve um a retaguarda e outro o pescoço cortados.

Mairaden recebeu os primeiros golpes; desviou um ataque alto de espada para atingir a cabeça do inimigo, e depois talhou o peito de um soldado que chegava pela esquerda, despreparado para o alcance da alabarda. Com as duas mãos destravou a arma do corpo atacado e seguiu em frente, seus companheiros já se adiantando contra o contingente de inimigos tímidos e perdidos no próprio espaço.

Passou pelo portal. Quase não percebeu, pelo canto do visor, o arqueiro de pé atrás de um arbusto — virou o pescoço inteiro e o viu tensionando uma flecha, mirando sua corrida rumo ao prédio.

Conseguiu pular à frente, passo acelerado, para esconder-se atrás de uma árvore. Bateu com força as costas, e um momento depois viu a flecha ricochetear na lâmina da alabarda, que ficara para fora da proteção do tronco. Calculou que o arqueiro refazia a concentração e correu; já estava perto do prédio e não quis olhar para trás. Sentiu o ar rasgar-se atrás da nuca num zunido enquanto trocava a terra pelo piso do terraço; quando entrou no prédio pela porta dupla da frente, viu que ela era mantida escancarada por dois corpos de soldados flechados no chão.

Seguiu por um corredor à esquerda, incerto se aquele era um bom caminho; descobriu que era um corredor longo e escuro, com apenas uma janela que transmitia até o chão a luz de algum minério azul do segundo andar. Virou-se e viu o contorno do arqueiro armar mais um disparo do início do corredor; abaixou-se de qualquer jeito e torceu para que nenhum caco de vidro da janela despedaçada pela flecha entrasse em alguma brecha da armadura.

Pendendo para a frente pelo peso do elmo, apoiou-se firme na alabarda para se levantar; venceu uma porta com o ombro e entrou em uma outra passagem, dessa vez bem iluminada pela mesma luz azul e por minérios amarelos do lado de cada uma das esparsas portas marrons à direita.

A primeira porta estava trancada; para não perder tempo com as outras duas, decidiu ir até o fim. Na metade do corredor a porta no final foi aberta; um guarda de braços nus e pés descalços com placas de couro por sobre o tronco entrou no corredor, parecendo completamente desnorteadado. Brandiu

sua espada longa em defesa própria enquanto os olhos tentavam pedir que Mairaden não avançasse.

O general correu para ele, levantando as cortinas de tecido fino para o ar; apontou a arma para o inimigo confuso e a circulou ao redor da ponta de sua espada. Interrompeu um giro para jogá-la para o lado e estocar o rosto do soldado, que caiu para trás drenando gemidos e sangue.

Mairaden virou-se, a onda de calor pelo corpo pressentindo aquele que o seguia; viu a flecha vindo em sua direção e só teve tempo de colocar o aço da alabarda, já próxima de qualquer forma, entre ela e seu elmo.

A porta aberta atrás de si rangeu, e o soldado que dali saía, dessa vez paramentado como os do lado de fora, foi arrastado para o lugar de onde veio, nocauteado no queixo com um cotovelo metálico e por último com o cabo da arma.

Mairaden estava em um pequeno corredor; poderia continuar pela esquerda, mas escolheu subir as escadas à frente — que, ao virar curvas com frequência, deveria inutilizar o arco por algum tempo.

Na passagem do segundo para o terceiro andar começou a ouvir o som da subida abaixo de si; saiu no terceiro, para onde não tinha mais para onde ir. No corredor com um único minério vermelho no final, abaixo da janela circular, testou a primeira porta e viu que estava aberta.

Entrou na sala cinzenta, que constatou ser um mero depósito de produtos de limpeza e uma série de caixas, e fechou a porta da forma mais silenciosa que pôde. Pouco tempo depois ouviu os passos deixarem de ressoar nos degraus.

Preparou o ataque, pronto para atingir o inimigo assim que ele abrisse qualquer fresta larga o bastante.

Nada aconteceu.

Mairaden apurou os ouvidos, flexionando mais os joelhos como se cada momento de quietude o deixasse mais certo de que a porta se abriria.

— Quem é você? — Ouviu do outro lado.

A pergunta não parecia dirigida para ele, mas não ouviu nenhuma resposta.

— Não chegue perto! E largue esse arco!

Pôde ouvir passos no fim do corredor e o rangido do arco próximo preparando-se para um tiro.

— Não... — Avisou o soldado.

Seguiu-se ao disparo o som da flecha caindo no chão, longe, de repente frágil. Não demorou quase nada para que depois disso, contudo, o soldado caísse, ali, do outro lado da porta.

Mairaden recolheu a alabarda, cuidadoso; com uma mão segurou-a perto da lâmina. A outra encostou na maçaneta. Escutou batidas na parede; não

sabia dizer qual delas, mas tudo indicava que o desconhecido estava ainda na metade do caminho.

Não entendia o porquê das batidas. Julgou ouvir um chiado vocálico, um lamento feito de ar quente — não entendia mais nada do que acontecia, e já não sabia se era uma pessoa ou várias.

O desconhecido voltou a andar. Aproximou-se até chegar no ponto crítico.

Abriu a porta e chutou à frente; teve o pé socado para a porta com a mão fechada em que o novo inimigo carregava um arco. Enquanto Mairaden se equilibrava, o outro homem armou uma flecha cuja ponta ficou a uma mão de distância dos olhos do general, que fincou a parte cortante da arma na porta num golpe bruto que separou da flecha sua ponta metálica.

— Pare! — Disse Mairaden.

O homem já tinha outra flecha pronta para o disparo depois de dar dois passos para ganhar distância. De rosto severo, pele morena, cabelo escuro, curto e seco, vestia uma amarelada camisa longa que mais parecia um saco para batatas adaptado. A calça, cinzenta, chegava a raspar o chão atrás dos calcanhares desnudos.

— Não parece que somos inimigos. — Continuou o guerreiro do Norte, entrando no corredor. Resolveu deixar a alabarda do jeito que estava, emperrada na porta.

— Parece que *somos*! — Respondeu o outro, raivoso.

— Fui perseguido pelo arqueiro que você matou. Temos um inimigo em comum.

— Ou *eu* sou o inimigo comum de vocês!

— Isso não faz sentido.

Desejava que o homem pudesse ver seus olhos através do elmo, mas não queria fazer nenhum grande gesto — especialmente um que tirasse aquele arco vermelho-vivo, abaixado mas nem por isso menos perigoso, de sua vista.

— Quem é você?

— Meu nome é Mairaden. Sou general do Exército de Inasi-u-een.

— O que faz aqui?

— Eu trouxe as tropas de minha cidade para atacar Enr-u-jir.

Um riso sarcástico transbordou as narinas do arqueiro.

— Essa cidade está *cheia* de tropas!

— E isso não o impediu de invadir o prédio do governo.

Mairaden o viu ajeitar melhor a flecha já relaxada no centro do arco.

— Minha intenção nunca foi vencer esta batalha. — Continuou o general.

— Não foi para isto que eu vim.

— Só criou uma distração para invadir o prédio...

— Distração que lhe serviu bem, eu creio.

— ... Eu vou embora.

— Eu vim atrás de informação. — Disse Mairaden, ignorando o quase passo do arqueiro para frente. — Vou precisar me certificar de que você não a conseguiu primeiro.

— Por favor... — Pediu o homem. — Não me *faça* usar isso contra você!

— Isto pode ser evitado. — Respondeu Mairaden, lentamente levantando as mãos abertas ao nível da cintura e as sobrancelhas curiosas aos primeiros fios de cabelo. — Quem é você?

O invasor sujo engoliu em seco antes de dar dois passos para trás e guardar a flecha na aljava.

— Meu nome é Nariomono. Procuro o mago que destruiu toda a minha família. Todo o meu povo. Um mago chamado Desmodes.

— Não é o que eu procuro. — Disse Mairaden. — Procuro a localização do Conselho dos Magos.

Narion estreitou o olhar como se tivesse ouvido falar do Conselho pela primeira vez.

— E eu acabo de descobrir... — Disse ele, aproximando-se sem medo do general de armadura. — Que Desmodes é o *líder* do Conselho dos Magos.

A Batalha da Cidade Arcaica

Era difícil imaginar o que parte dos antigos guerreiros sentiram enquanto, naquele mesmo lugar ou noutro muito próximo, preparavam-se para entrar na Cidade Arcaica.

Vinham de diferentes cidades com o objetivo de descobrir se o Yutsi Rubro ainda vivia, e como matá-lo. Quanto medo incomunicável teriam de esconder em seus olhares; quão grandiosa teria sido o centro da Rede de Luz no topo da Montanha Kor, ainda tão pequena àquela distância. Quão grandes teriam sido seus sonhos, seus sucessos e seus fracassos.

A general de Al-u-een sentia-se livre sem sua armadura. Livre de pressões de toda sorte, as sobre o corpo e as sobre a mente. Suas longas vestes, linho negro com bordas prateadas, trouxera do baú: eram as cerimoniais do dia em que se tornou uma general.

— É uma bela noite para se estar à beira da morte, não é?

Usou a enorme boca para dar seu sorriso torto, mas cativante. O general de Roun-u-joss, sentado num banco retrátil, desviou o olhar do chá quente e lançou-o à colega, estrelas azuladas por sobre a barba desvairada.

— Achas que tu vais morrer? — Redarguiu o general de Roun-u-joss.

— Eu não tenho como saber, tenho? Só disse isso porque... Estamos à beira da vida também. Daqui nós viemos... E no entanto muita morte também passou por aqui.

— Vida e morte... — Suspirou ele, balançando a cabeça com o vento. — Inseparáveis!

Uma guerreira de Al-u-een, defesa pessoal da general, perambulava por perto com as mãos para trás e o fino rosto atento. Mais bem vestida para uma luta que os dois superiores, lentamente desembainhou a espada; ouvia passos subindo a pequena colina, e o vulto se formava com dificuldade naquelas paragens em que a única luz vinha de um minério alaranjado no chão coberto por um pano poroso.

Desmontou a guarda quando viu seu companheiro, outro guerreiro de Al-u-een. Deu-lhe um abraço cheio de barulho de equipamento, mas ele não retribuiu com entusiasmo.

— O que foi?

— Ia-u-jambu. — Murmurou ele, sua mania de piscar os olhos demais parecendo ficar ainda mais forte. — Os mensageiros voltaram... Os que iam organizar o ataque conjunto. Toda a tropa que vinha pelo norte está morta e eles exibiram o-os corpos no centro e e-em algumas jirs.

Apertou a mão da companheira enquanto os generais digeriam a notícia; ela com um olhar lento para o céu, ele com mais um gole insondável de chá.

— Os outros generais estão perguntando quais vocês pensam que devem ser as ordens.

— Não digas nada no momento. — Respondeu o general. — Deixa esfriar.

— Mas os comandantes estão perguntando se os planos mudaram, o-o que eu digo?

Os olhares dos oficiais se cruzaram.

— Nada. — Reforçou a de Al-u-een. — Não temos nada para mudar.

Ele assentiu e, com um beijo na testa da guerreira, começou a caminhada de volta.

— Tu tens que parar de falar sobre beiras de morte e de abismo que parece até chamar para perto...

— Eu *realmente* acho que não faz diferença. — Argumentou a general, com as mãos na cintura. — A tropa que sobrou de Ia-u-jambu já estava fraca! Não foi por acaso que caiu...

— Não sejas tola. — Disse ele, apontando com o copo para a colega de pé. — Não deixes o orgulho te cegar porque te sentires superior a Ia-u-jambu agora não te serve de nada. Não podemos recusar ajuda *nenhuma*.

— Eu sei, não se trata disso... — Respondeu ela, com as sobrancelhas abaixadas. — Digo que não faz diferença porque os inimigos têm magia, mas não têm um exército como o nosso, *realmente motivado* a pôr um fim nisso.

— Tu achas?

— Você não? O que dizem os guerreiros de Roun-u-joss, afinal? Não estão aqui por um ideal também?

— Os guerreiros da minha cidade, general — Explicou ele, mexendo o chá ao recuperar a colher que deixara de lado na grama. — protegem a cidade porque sabem que se os magos tomarem aquele lugar ele nunca mais vai ser o mesmo. Mas tu descartas *rápido* demais a ideia de que do lado de lá, por mais que sejam soldados controlados às vezes, também eles lutam para salvar a pele. É motivo *bem* grande!

— Sim. Sim, eu sei.

— Senhora? — Perguntou a guerreira atrás deles.

— Sim?

— Eu gostaria de ser posta na batalha... Próxima a... Ao meu companheiro. Se possível.

A general fez que sim, respirando fundo.

— Você entende que ele faz parte da linha de frente, não é?

- Sim.
 - Você é versada no escudo?
 - Sim, senhora.
- O último aceno breve não deixou dúvidas.



A campanha começou assim que o brilho das estrelas sumiu e o céu, inundado de lilás e laranja, começou a clarear. Colina após colina as formações de Al-u-een e Roun-u-joss marcharam, lado a lado, com atentas defesas postas e exploradores sempre ao redor, em charretes leves, checando qualquer perigo nos arredores.

Passaram pela primeira jir sem problemas ou surpresas; avançaram com calma, mas sem diminuir o ritmo. Não havia sinal do exército defensor, e embora exploradores explicassem que *havia* pessoas ali — todas correndo para suas casas como se *perseguidas* por eles, que só as observavam de longe — nenhuma parecia oferecer perigo.

A cena se repetiu por toda manhã. Seguiram com tônico, ainda que enganoso, entusiasmo: se parecia fácil demais, é porque as defesas ficaram todas concentradas, provavelmente, no centro.

Fazia sentido aproveitar-se das boas intenções de quem queria fazer guerra por justiça: não haveria pilhagem de nenhum inocente por parte das duas cidades que atacavam e, sendo assim, por que proteger uma porção do povo que não estava sob ameaça?

A pergunta, é claro, implorava por outra: os magos protegeriam aqueles cidadãos se eles *estivessem* de fato ameaçados?



O comandante espólico, sôfrego no próprio suor, apoiou-se no encosto do sofá para tentar se levantar. Não aguentava mais aquela sala ensombrecida, o som dos sonhos lúcidos dos outros, a vontade de vomitar que sentia ali cada vez que tentava mergulhar no que fazia em Neborum.

— General... — Tateou buscando as costas do corpo que via à frente, e que estava mais longe do que parecia. — Eu não... Eu não acho que vou conseguir...

Evan virou-se devagar, avaliando sua situação. Com um sorriso que se pretendia tranquilizador, apertou os ombros do mago até dar-lhe calafrios.

— *Tem* que conseguir. Sente-se e concentre-se.

O comandante antes foi sentado que sentou-se; engoliu fundo sua própria visão da sala ocre até fazer doer o céu da garganta de seu iaumo — *de seus dez iaumos*.

Ouvia, vindas do céu, vozes abafadas.

“No fim da tarde, senhor, como previsto... É um ataque direto...”

Um, dois braços — balançam, aqui, ali — uma perna. Uma perna apenas.

Uma de cada vez.

“E os bomins e os preculgos?”

“Trabalhando no limite... Esses são os espólicos?”

“Sim, sou nós!”, *pensou*, sentindo que *pensaram*, sentindo que *pensamos*.

“Sim, são eles.”

“Parece que está... *Doendo*.”

Um braço, dois braços — cinco, treze, vinte — e as pernas também.

Suor escorre pelos rostos — uma de só duas mãos seca um rosto só quando o rosto se vê de volta a Heelum.

O espólico abre os olhos pela metade. O comandante o observa, parado à porta aberta.

— Estão se acostumando... — Explicou Evan, ajeitando as luvas. — Uns melhor do que outros.

— Quantos cada um controla?

— Dez cada um.



Para um grupo preparado desde a manhã para qualquer batalha, a falta de conflitos embotava os ânimos; tornava a marcha sem sentido, cansativa e dolorosa. Os músculos, contraídos por um medo que se recusava a ser justificado, relaxavam somente sob aguda pena.

Os exploradores não traziam más notícias. De fato não havia emboscada, ataque pela retaguarda, conspiração nenhuma por parte de camponeses insuspeitos. As casas, os armazéns, os bares, cada portão, todos fechados com a honrosa exceção de pracinhas e fazendas para as quais olhar demais doía: doía debaixo da pele, fazia do corpo criança que jamais se compele a seguir aventura sem sorriso ou desafio, pequeno inocente que não veio matar ninguém e sim buscar no horizonte, sem se amedrontar com o destino de quem o atravessa, a maior das possibilidades e a menor das decepções.

À frente da coluna de Al-u-een o casal de soldados sentiu-se assim por um instante. Desviaram logo o olhar daquelas fazendas. Voltaram até a segurar melhor o escudo, como se a qualquer momento pudessem ser alvejados. Pelos elmos podiam falar, mas preferiam que a conversa ficasse entre os dois e que fosse feita de olhar.

Ela gostava de ver seus olhos organizados; a luta era o único lugar em que ele não cedia ao piscar descontrolado do cotidiano. A mania dele não a irritava. Ela sabia que podia contar com aquele olhar fixo, milimétrico, *preciso*, sempre que realmente quisesse.

As notícias ficavam mais preocupantes à medida que se aproximavam. Explorador após explorador retornava à vanguarda ileso, com a mesma observação: as primeiras casas do centro estavam tão desprovidas de soldados quanto desprotegidas. Os únicos corpos que viram com os próprios olhos eram os dos guerreiros de Ia-u-jambu pendurados, pelos pescoços ou pés, nas esquinas.



Os soldados aguardavam na praça dos Arcos Brancos. Evan caminhava entre eles, contando-os, percebendo-os: muitos deles estavam parados, mãos à frente do corpo, com nada a dizer. Os espólios que os dominavam estavam logo ao lado, apoiados nas paredes dos prédios próximos, seguidos de perto por médicos da cidade. Nos andares de cima, tendo a localização assegurada pela expulsão temporária dos moradores, arqueiros com perfeita visão para cada pedaço imediatamente abaixo das janelas.

Uma charrete entrou na praça pela direita. O guerreiro aproximou-se de Evan, manobrando o yutsi com perícia:

— Eles entraram. — Disse ele, sem sair do coche.

— E os estoques na entrada?

— Estão cheios, e na cidade toda ainda temos mais da metade.

Evan olhou para a direção a partir de onde os inimigos provavelmente chegariam até ali.

— Barreiras? Yutsis?

— Em posição.

O General do Conselho dos Magos assentiu. Passou a mão pelo curto cabelo negro até a nuca, mão vinda já do rosto macilento, enquanto a outra segurava o cabo da espada que trazia à cintura — agarrava-o. Como se dele dependesse para não despencar das alturas, estrangulava-o.

— Pode ir.

O yutsi começou a se mover mais rápido do que Evan imaginava, e assim que ele se foi o general pôde ver o rosto severo, atento e voltado para trás de uma guerreira antes escondida pelas patas do animal.

Ela virou o rosto para frente, mas em instantes sentia o queixo do chefe quase roçar sua orelha.

— Algum *problema*?

— Ainda há tempo, general... — Sussurrou ela. — *Interrompa* essa loucura.

— Quem você acha que é para me dar *conselhos*? — Cuspiu-se ele, entre dentes. — E depois... — Confessou. — A decisão não é *minha*.

— Eles estão *longe*. — Ela voltou o rosto um pouco, conseguindo encarar um de seus olhos. — Acompanho você desde sempre e não foi por acaso que

you me trouxe para o Conselho quando se tornou general. Não foi isso que eu aprendi com você. *Nenhum* guerreiro merece isso... Não é certo. Não é digno e nós não precisamos disso pra *vencer*!

Evan apertou o braço da subordinada, que era coberto apenas pelas vestes negras do Exército do Conselho; os guerreiros, equipados com uma lança e uma espada curta, não usavam armaduras ou elmos. Se o plano desse certo, nada disso seria preciso.

Percebeu que outros soldados, estes livres, começavam a notar a cena.

—  por soldados como *VOCÊ* — Recomeçou, falando mais alto. — que temos mais *espólicos* na cidade hoje!

— *Não*. — Ela ainda sussurrava. —  pelos soldados que jamais fariam isso se não fossem obrigados...

— QUEM deveria estar dominando você?

— Pelo menos não aqui, então...

— QUEM deveria estar dominando você?

— *Não nos Arcos*...

Evan recuou, chamando um dos soldados livres num gesto qualquer. Deu-lhe a tarefa de descobrir qual espólico deveria estar dominando aquela guerreira.

— E mande ele fazer isso direito dessa vez.



Quando Roun começava a parecer mais cansado que os guerreiros invasores, estes viam-se a um passo de uma conquista inusitada. Exploradores percorriam a cidade inteira em duplas — a parte mais digna de nota da exploração sendo o fato de não haver inimigos em lugar algum.

Infiltraram-se ao sul e a oeste, aproveitando o número de combatentes para se espalhar o quanto fosse possível pela cidade. Alguns generais levaram a linha de frente da ofensiva combinada aos Arcos Brancos, enquanto parte extraída do meio da formação circundaria o centro da cidade. Os yutxis de guerra, bem geridos na dianteira, foram ficando para trs para permanecerem de guarda, junto às catapultas e um contingente menor de soldados, na entrada leste da cidade, por onde vieram.

A marcha os levava ao coração do centro, mas tudo parecia cada vez menos quente e receptivo — qualidades que se espera de uma cidade como aquela que, afinal, originou todas as outras. Procuravam nas janelas indícios de humanidade, mas nada viam. Pelo menos já haviam deixado para trs a parte em que os cadáveres estavam ao alcance dos olhos e do nariz.

Seguiram enfim por uma rua em que podiam ver, nitidamente, uma parte dos Arcos Brancos.

O guerreiro na linha de frente já piscava mais, claramente seguro de estar tão perto da origem: ali estava o que havia de mais puro em Heelum. Talvez, apenas talvez — fantasiou — foram os Arcos que expulsaram os magos e seus comparsas, exércitos ilegítimos que queriam tomar conta de Heelum; talvez os Arcos queriam impedir mais sangue humano vertido por mão humana.

Surpreendeu-se com a manopla ao lado enganchada na sua; ao encaixar o escudo nas costas sua companheira corria um risco, mas um que o deixava feliz.

Era gratidão o que lia em seus olhos? Certamente um sorriso, pelo jeito como estavam puxados, mas havia algo a mais neles.

O general ordenou que parassem. Com a mão erguida ainda para trás, aproximou-se a passos diagonais dos Arcos. Olhou para o topo, mais reluzente e sólido que sua própria armadura.

Ocupavam quase que por completo a praça circular. A maioria dos guerreiros desfazia-se dos escudos ou embainhava as espadas. Pareciam como que prontos a montar acampamento ali, gritar para a população que saísse de suas casas, enfim liberta — ou, que se fossem inimigos da liberdade e amigos dos magos, que saíssem logo de seus esconderijos e lutassem ou se rendessem. Era garantido, respiravam todos, que se renderiam.

O elmo da companheira era uma peça única, cujo visor grosso acima de uma grade bucal criava a ideia de alguém que era capaz de morder no campo de batalha. O seu tinha um visor móvel, que ele levantou para poder respirar melhor. Depois de um apertar de olhos, ela tirou o elmo por completo.

— Só porque você *pode*, é isso? — Brincou ela.

— E você não deveria, não ainda... Esse ainda me protege um pouco mais, se você tirar o seu fica toda vulne...

— Eu amo você. — Disparou ela, séria.

Ele riu, piscando dezenas de vezes no processo.

— Eu amo você também, se você estiver se perguntando.

— Bom saber. — Concordou ela.

As primeiras linhas da formação se dispersaram, começando a explorar com cautela o gramado circular da praça. Uma general de Roun-u-joss pedia a grupos de guerreiros, que se recusaram a guardar escudos e espadas, que rondassem melhor pela região; se estivesse tudo realmente desocupado, que prosseguissem em grupos maiores até o Norte e mais fundo a oeste.

O general de Al-u-een ainda observava os Arcos Brancos como uma estátua; com o elmo debaixo do braço, a engordurada cabeleira ruiva destacava-se como brasa quente sobre o branco absoluto.

Poucos viram quando ele se virou repentinamente, com o rosto revirado em horror.

— As inscrições! NÃO HÁ INSCRIÇÕES! — Berrou, apontando para os Arcos. — OLHEM, NÃO-

A ponta escura de uma lança apareceu em frente à sua garganta e um instante depois desapareceu. Deixou para trás o sangue e o corpo que tremia no chão.

Não houve tempo de olhar para a companheira uma última vez antes que o corpo dela fosse jogado de lado até o chão; o guerreiro viu de relance uma lança feita de fumaça atravessar-lhe o pescoço de um lado a outro e então sumir.

— Não, não! — Abaixou-se sobre ela. — *Eu amo você*, não vai... Não... Não, meu am... NÃO!

Flechadas no escudo quase o derrubaram; ele se segurou com os cotovelos, fechando o elmo por instinto mas respirando como um novato e piscando como a versão mais despreparada de si.

Rastejava para longe dali em meio às lágrimas, ao movimento das pálpebras e da garganta, ao barulho e a agitação que pareciam vir de um lado só da batalha; foi percebendo, conforme foi difícil avançar, estar no meio de cada vez mais e mais corpos caídos.

Assim que tentou se levantar sentiu aguda dor atrás da coxa. Cerrou os dentes e apertou os olhos, desabando no chão do lado de outro soldado.

Não chorava mais de dor. Pensou nos pais, nas ruas que o fizeram crescer, no cheiro das botas e do cabelo da companheira, e então pediu-lhe perdão do único jeito que conseguia — com a voz da mente falha, cheia de soluços, e os olhos procurando por uma armadura especial em meio a tantas.



A general de Al-u-een estava no meio de várias linhas de guerreiros quando surgiram os primeiros cortes; viu corpos caindo nos flancos da formação, que foi lentamente se dispersando em pânico. Quis berrar alguma ordem, mas não sabia qual; ouvia instruções para formar paredes de escudos — e deixou que elas servissem também para os escudeiros entre os seus, já sabendo que aquilo de nada ia adiantar.

Os inimigos vinham dos dois lados e ela escolheu um; seus guerreiros tentavam contra-atacar, mas os cortes no ar à frente eram inúteis: assim que abriam a guarda de alguma forma mínima surgiam cortes ou perfurações nos pontos fracos de suas proteções; ou sofriam golpes que, de qualquer forma, derrubavam-nos.

Olhou para o lado, espada em punho sem efeito; à frente a formação estava completamente dispersa, com alguns guerreiros tentando fugir para as ruas laterais. Eram atingidos pelas costas, e quando a general viu que

flechas voavam em direção ao chão, tentou berrar para que seus arqueiros mirassem nas janelas abertas dos prédios e das casas.

Percebeu que não havia mais arqueiros em condições de atirar.

Andar já começava a ficar difícil. À frente, um grupo de guerreiros não era capaz de *sair* da rua: debatiam-se contra barreiras invisíveis na saída para as vias laterais.

Olhou para trás, e por mais que não fosse capaz de ver ou ouvir os animais, nada seria capaz de mascarar o tremor no chão; os guerreiros na parte traseira da formação foram chutados para a frente por uma força que não previram; seus corpos derrubaram mais pessoas, que acabavam pisoteadas ou de outra forma atingidas no caminho das bestas.

— PARA... — Começou, interrompendo a si mesma com as mãos cerradas sobre a cabeça ao pensar que se mandasse seus guerreiros para o flanco seriam presas ainda mais fáceis dos inimigos. E, com os bateristas de aviso já fora de combate, talvez nem a ouvissem direito.

Abriu caminho entre soldados que ainda tentavam, em vão, acertar alguém à frente; jogou-se nalguma direção, mas foi parada pelo que pareciam ser barras de ferro. Por um momento, enquanto se estabilizava depois do pulo bloqueado por elas, pôde ver seus contornos etéreos à frente da rua supostamente deserta.

Atacou o espaço à frente com a espada, indo até onde os subordinados compreensivelmente não queria mais ir; a lâmina batia contra o metal mas não havia som. Sentiu uma nova pressão contra a espada, e num olhar de relance viu os contornos de uma lança que tentava se ajeitar para estocar sua perna. Mergulhou a mão e a agarrou, tornando-a real para seus guerreiros também.

— ESTÃO NOS CONTENDO NESSA RUA! — Berrou, enquanto sentia os yutsis mais próximos que nunca, um redemoinho de poeira entre ela e a outra borda da via afastando dali todos que ainda conseguiam correr.

Os soldados avançaram, tentando atacar os inimigos que seguravam as grades. A general resistiu ao defensor da cidade que puxava a lança de volta, e num puxão contrário trouxe-o para perto de si o bastante para estocá-lo com sua espada.

Deixou escapar um berro nervoso quando viu o corpo do soldado no chão; incentivou os soldados a ir adiante, sentindo que quem antes suportava as grades certamente não o faria mais.

Os que se chocaram primeiro contra o metal tropeçaram, vítimas do próprio sucesso; os outros seguiram em frente, já podendo ver, se fossem capazes de se concentrar o bastante, sombras claras de guerreiros correndo, olhando para trás, falando coisas sem fazer barulho.

— AVANTE! - Gritava ela, na esperança de que quem ficou para trás a ouvisse também.

Seguiram os inimigos enquanto puderam, mas eles eventualmente sumiram. A general olhou para trás, e viu que todos corriam com a mesma energia; *não podia* deixá-los imaginando que não havia uma saída.

A fuga parecia ser a melhor opção; as tropas foram pulverizadas, e os poucos que sobraram não teriam mais chance alguma. Parou brevemente num cruzamento, decidindo a melhor forma de seguir na direção leste.

Imaginou que pelo menos um grupo dos que seguiram para os Arcos Brancos deveria estar tão vivo quanto eles. Liderou os poucos comandados até lá, sempre olhando para trás no receio de que diminuíssem de número numa emboscada silenciosa. Não conseguia mais ouvir os próprios pensamentos até o momento em que ignorar seus piores prognósticos tornou-se impossível.

Ao entrarem na praça, viram a grama ao redor dos Arcos mergulhada em vermelho — nos pontos mínimos em que era visível: os corpos, dispostos na perfeita geometria que tornava desnecessário que fossem empilhados, preenchiam a maior parte do espaço. Corpos não apenas mortos, como também vivos: os gemidos, os lamentos e os gritos criavam uma melodia que instava a fechar os ouvidos, abafar o desespero, chorar mais alto para não ouvir mais nada.

A general ajoelhou-se no chão de pedra diante do gramado. Mesmo podendo supor a espada inimiga que se aproximava, a general não conseguia deixar de olhar para as manchas vermelhas, duras e profundas, que se acumulavam na base dos Arcos Brancos. Não conseguia sequer fechar os olhos para morrer fingindo que aquilo era também parte da ilusão.

Capítulo 49

Bronze

— Eles não *calam a boca*, não é?

Evan vagava de um lado para outro com os braços cruzados e uma das mãos inquieta, esmagando o rosto por diversão. Havia trancado a casa para tentar afastar o barulho que vinha das ruas da Cidade Arcaica: ruído de feridos, de quase-mortos, de gente comum tendo ânsia de vômito ao precisar sair de casa.

— Senhor...

— Onde estão os bomins? *Esqueça* o problema dos desertores porque eu preciso de alguns deles, talvez de *todos* eles, para trazer o *silêncio* para essa cidade... Por que esses não foram mortos ainda, aliás? Eu tenho *certeza* que mandei eles serem mortos ontem! — Coçando os olhos injetados, falava mais para si mesmo que para o segundo-em-comando na sala. — Sim, eu mandei... Há alguma coisa de errado com os soldados? Alguns que precisam de uma correção? Cortar uma perna ou um braço eles podem, mas acabar com os caídos que não vão viver muito mais de qualquer forma eles não querem, é isso? *Acabou* a misericórdia? Reservaram só para os *amigos* que fugiram e não cumpriram com o dever?

— Senhor... — O segundo-em-comando olhou para ele como se fosse dizer que ele deveria se acalmar.

— Eu não *suporto* esse barulho do lado de fora das minhas *instalações*, você me entendeu? O *General do Conselho dos Magos* quer *descansar* depois de uma vitória *estrondosa*, isso não se *discute*!

— Senhor. — Sua voz endureceu. — *Não há* barulho algum. Já foram todos retirados das ruas.



Kan buscou abrigo na parede e de lá não saiu.

Desde as últimas decisões de Desmodes, Kan permitia que os magos interessados soubessem do conteúdo das cartas assim que chegassem. Sabia que poderia justificar aquilo para Desmodes dizendo que, diante da pressão de mais de dezena de magos, não queria virar alvo mágico — e as boas relações exigiam sempre alguma forma de gesto de boa fé, de qualquer maneira.

Mas Desmodes nunca lhe questionou quanto à clara violação de conduta — e era justamente aquilo que Kan queria verificar com a pequena transgressão.

A última carta levou parte dos magos a tomar a sala de reuniões. Discutiram longamente, de pé, ocupados demais imaginando os desdobramentos daquilo para se sentarem.

Apontaram dedos. Duvidaram da informação a ponto de fazer o mensageiro voltar ao prédio do Conselho e confirmar o acontecido. Só conseguiram concordar que a intransigência de Desmodes havia passado dos limites; que sua sede por sangue superava qualquer limite razoável e que, pelo bem de Heelum, ele deveria ser deposto — sem dizer, é claro, nada remotamente próximo a isso.

Quando Desmodes chegou, chegaram também Elton, Anke, Lucy, Igor, Ramos e Sandra. Os magos de cabeça baixa foram ocupar seus lugares, silenciosamente arrastando suas poltronas.

— *Desmodes!* — Começou Cássio antes mesmo que o mago-rei chegasse à ponta da mesa. — Recebemos a notícia mais *desprezível* de nossas vidas. Eu preferiria ter vivido para ver um mago-rei *filinorfo* do que saber do que eu soube hoje. Como pôde ter sido *estúpido* a ponto de fazer isso?

— O que aconteceu é *imperdoável*, Desmodes! — Exclamou Peri, o rosto escuro franzido em nada lembrando sua calma habitual. — Um exército *invisível*!?

Desmodes fez menção de dizer que alguns dos guerreiros do Conselho morreram em combate, mas o avalanche de respostas sobrepôs-se ao fim da sua. Maya e Saara falavam sobre como as cidades inimigas não estavam privadas de esferas de bronze, e poderiam resolver usá-las em retaliação. Cássio tentava a todo momento tomar a palavra, mas ofegava de um jeito estranho: dizia o que tinha para dizer e logo outra voz usurpava a atenção dos pescoços livres. Peri comentou que mais da metade dos soldados mortos morreram *depois* da batalha, e isto não levava em conta os desertores que, não querendo acabar com a própria vida, fugiram. Duglas comentava o péssimo efeito que aquela batalha teria sobre a tropa, enquanto Eiji dizia que o apoio dos cidadãos da Cidade Arcaica certamente sairia enfraquecido do conflito.

Desmodes inclinou-se para trás, afastando a poltrona; seu olhar desinteressado era fogo a cozinhar argumentos ao ponto de transformá-los em berros.

As portas de seu castelo abriram-se e fecharam-se, num baque sonoro, quase ao mesmo tempo; Kan pôde ver os velozes pontos negros esvoaçantes que se distribuíram num piscar de olhos entre os castelos enfileirados em Neborum. Destruíam as portas que viam pelo caminho como se fossem

feitas de vidro; sumiam no interior dos magos e o silêncio voltou a imperar sem interrupções.

Maya falou algo sobre covardia, mas não pôde elaborar mais nada. Sylvie passou a olhar para as janelas da sala depois de dizer que aquilo não fora aprovado por eles, e quando Peri não conseguiu terminar o que começara a falar sobre monstros e governores, Brunno alertou para a presença de magos já dominados entre eles. Duglas duvidou num primeiro momento, mas Eiji disse que aquilo era bem óbvio.

Desmodes sentou-se.

Em silêncio vasculhou os dezessete magos, que agora tinham direito a, calados, tentar resistir inutilmente.

Os membros do Conselho dos Magos que ainda não estavam sentados puxaram suas cadeiras e, sem muita preocupação com conforto, voltaram-se sérios para o centro da mesa. Tinham as mãos sobre as pernas e a postura reta; paz alcançada, consenso feliz.

— A partir de agora — Disse Desmodes, olhando para ninguém em particular. — as reuniões servirão para que se tome conhecimento do que for decidido por mim. A guerra está fora de discussão. Portanto, também as esferas de bronze. Elas serão usadas sempre que necessário. Kan?

O único mago não controlado por Desmodes na sala olhava para a mesa como se precisasse acordar de um sonho estranho.

Na mesa, humanos coordenados como pedra; os mesmos rostos em rostos diferentes. A mesma expressão dessaturada de Desmodes.

— S-sim?

— Comece a escrever.

Parte VIII

Apertos

Capítulo 50

Covardes

Minoru esfregou os olhos, hábito que estava quase promovendo a cacoete. Não dormia direito há dois dias, e se aquilo continuasse era possível que em breve estaria se estapeando para se manter desperto. Era difícil dormir quando tudo dependia de algo que, se não acontecera há um ou dois dias, acontecia ainda naquele momento.

Olhou para o copo redondo e baixo na mão esquerda; fez cara de desagrado. Tinha sua sala para ficar, mas achava que ela era aconchegante demais — arrastaria o cobertor do sono sobre si em questão de segundos. A sala de reuniões, por confortável que fosse, não tinha aquele efeito: era absolutamente silenciosa, sim, mas era também um lugar grave e ameaçador. Ouviu certa vez que ela foi projetada para ser um tanto intimidadora: algo como “nossa inteligência política vai assustar nossos inimigos”.

Depois do episódio em que os políticos magos foram presos naquela mesma sala, já não tinha mais tanta certeza quanto à natureza da frase. Não era da época em que a construção ocorreu, mas referir-se a outras cidades como inimigas só foi se tornar algo comum, ainda que moralmente reprovável, com as Guerras Modernas. Pôs alguns dedos na boca para mordiscá-los enquanto pensava — e o sono o fazia refletir em círculos, seguindo em frente à base de repetições — e se os construtores daquela sala, certamente profissionais *já célebres* da cidade, fossem magos? E se eles quisessem dizer com a frase que a inteligência política dos magos (que, mesmo perseguidos e proibidos, infiltraram-se nas camadas do poder) assustaria os inimigos (aqueles que os perseguiam e proibiam)?

Do suspiro veio o sorriso de tolo.

Minoru constatou, com satisfação, que não estava mais assustado. Al-u-een e Roun-u-joss eram dois dos melhores exércitos de Heelum: quem entendia do assunto garantia que o Exército da Cidade Arcaica era fraco demais para o ataque combinado que lhe fora lançado. Não tinha dúvidas quanto ao lado político do assunto — a repercussão seria imediata. Sem uma base de operações, o Conselho dos Magos ficaria enfraquecido. Sem o símbolo de união de Heelum, a cidade que tanto lutaram para reconquistar no passado, outros aliados revisariam suas posições. A balança passaria a

mostrar maior peso do lado até então acinzentado pela pequenez.

Virou-se devagar na poltrona; viu Kent entrar na sala, atabalhado e com um rosto que, embebido em sono, parecia raivoso.

— Senhor Minoru? — Ele perguntou. — O que faz aqui?

— Assim como você, *senhor* Kent... — Minoru não resistiu à provocação das formalidades. — Não consigo dormir.

— Eu estava dormindo em minha sala. — Disse Kent. — Fui acordado por um dos guardas, pedi que me acordassem se algo importante acontecesse.

— ... O *que* aconteceu? — Indagou Minoru, ignorando o pensamento nascente de que havia sido estúpido por ter ficado acordado.

— Soldados chegaram. Há feridos.

Minoru franziu o cenho, levantando-se da poltrona.

Quis verbalizar sua dúvida quanto ao porquê de soldados feridos retornarem à cidade, mas preferiu esperar pela próxima pessoa a entrar na sala de reuniões. Pelo que podia ouvir, não demoraria muito.

Um soldado ofegante, por todo o resto de sua aparência tão ou mais cansado que os parlamentares, surgiu na sala de reuniões. De roupa rasgada, não carregava armas; as botas marrons pareciam ter conhecido sangue.

— Fomos... Derrotados. — Começou ele. — Eles usaram esferas de bronze... Ficaram invisíveis... Foi uma armadilha.

As sobrelanceiras de Kent tremiam abaixo dos fios finos da cabeça enquanto ele seguia olhando para o mensageiro. Minoru abaixou o pescoço, fechou os olhos, e pensou que aquele era simultaneamente o resultado mais estupidamente inesperado, o mais torpemente lógico e o mais absolutamente desastroso.

Jogou o copo na parede, quebrando-o de raiva. Quis chutar a poltrona, quem sabe derrubá-la com os braços, mas talvez a consciência de que não tinha foco ou forças para tal lhe sobreveio — só puxou forte os próprios cabelos, berrando mais alto que os pedidos de Kent para que se controlasse.

— *MALDITOS!* — Gritou, assim que a voz encontrou palavras ao invés de urros. — *COVARDES, COVARDES, DESGRAÇADOS!*



— Karment-u-een caiu.

Rainha fechou os lábios, e eles pareceram mais finos que nunca. Deu as costas para Lenzo e sentou-se em uma das poltronas.

— Dizem que um exército *enorme* vem do Norte...

— Eles usaram as *esferas* também? — Perguntou Rainha, com a voz dividida entre nariz aguado e dentes cerrados.

— Não sei... A-acho que não.

— As pessoas nas jirs sabem?

— Sim. Estão preocupados.

Quando se olharam, ambos os corações quebraram à visão do que eram: ela, uma garota jovem demais. Ele, um pouco menos jovem apenas. Ela, de olhos vermelhos; ele, com olhos caídos.

— O que podemos fazer, Lenzo? — Questionou ela, com a voz fina.

— Eu não sei...

— Você nunca sabe de *nada*?

Lenzo abaixou a cabeça.

— Desculpe...

— Não quero *desculpas*, Lenzo, eu quero *soluções*! — Ralhou ela. — Eu quero... Eu não posso deixar eles *à mercê* dos invasores, eu...

— Rainha... — Começou ele, pensando que era muito possível que fosse ser chamado de covarde pela sugestão que daria. — Eu acho que temos que ir embora...

— Não. — Respondeu ela, balançando a cabeça com veemência.

— Podemos deixar esse castelo para o exército u-usar como *fortaleza*, ou...

— Não *posso* ir embora, Lenzo! — Passou a mão no nariz, desfazendo a tortuosidade do rosto. — Eu prometi *tudo* para eles e não vou cumprir *nada*?

— Mas... M-mas Rainha, você já deu *muito* para eles! Não *pode* dar a s-sua... Vida...

Conteve-se quando pensou que o tom de voz que usou era inapropriado. Pôs-se em seu próprio lugar, mas descobriu, num golpe cheio de conforto e ao mesmo tempo de tristeza, que ela era, assim como ele, consumida pela culpa.

Não a considerava culpada por nada. Mas, por outro lado, ela também não parecia achar que *ele* era culpado por coisa alguma.

— É engraçado... — Disse ela, olhando para o nada perto do joelho de Lenzo. — De certa forma meu pai deu a vida dele por isso... À força. Sabe o que significa se eu for embora? Se eu me virar e... Abandonar tudo isso?

Lenzo fez que não, com medo de que ela fosse reclamar de novo se ele dissesse que não sabia.

— Eu também não... — Confessou ela.

Capítulo 51

Terceira

Encostada na parede dos fundos de uma casa verde, nos limites de uma jir do Leste, Caterina ficou de frente para uma subida íngreme; duvidava que Verônica viesse dali. Foi até o canto da casa e lançou um olhar tímido para fora, em direção à cerca baixa de madeira depois de um gramado seco. Logo à frente e mais adiante havia várias casas parecidas, que subiam muito pouco acima das árvores grandes, com copas que faziam bastante sombra.

Virou-se de novo para a parede dos fundos, e correu para o outro lado quando percebeu que Verônica, agachada, chegava por ali. Trazia uma bolsa preta junto ao corpo coberto por uma grossa capa marrom, mas o que mais aliviou Caterina foi o sorriso triunfante que trazia no rosto.

— Como foi lá? — Indagou Caterina.

— Foi ótimo. Acho que descobri um jeito de torcer um pouco a história que os preculgos contam.

— Você viu o plano deles? Dentro dos castelos.

— Vi. — Assentiu Verônica, com as sobrancelhas levantadas. — É bom, mas na verdade eu não consegui entender tudo.

— Eu tenho um pouco de treinamento preculgo, mas... Tive medo de mudar alguma coisa e acabar piorando a situação.

As alorfas concordaram, as duas pulando a parte em que explicitamente se entendiam.

— Assim é melhor. — Continuou Verônica, ao que Caterina concordou de novo. — Mas poder ler o plano pelo menos me deu uma ideia melhor sobre o que falar com as pessoas.

— Pode me mostrar o mapa?

Verônica tirou um papel pardo de dentro da bolsa e desdobrou-o num mapa de Prima-u-jir. Círculos representavam todas as vilas da cidade, e marcações mostravam onde os companheiros estavam nos últimos dois dias. Os mapas das semanas anteriores já haviam sido destruídos, e planos futuros eram combinados em reuniões rápidas e clandestinas como aquelas: quem estivesse com mapas, ao ser pego, teria uma quantidade limitada, e em caráter efêmero, de informações para deixar vazar sem querer para quem estava atrás deles.

— O Alessandro *ainda* está ali?

Verônica piscou longamente, fazendo a companheira entender antes de precisar explicar o cansaço.

— Disse que ainda não está bem por causa da queda.

— Ele não quer. — Taxou Caterina, balançando a cabeça. — Ele não quer mais, Verônica.

Ela concordou, voltando a olhar um ponto qualquer do mapa. A fuga do cerco no Sul deixou marcas: hematomas nas partes interiores das coxas, dores nas costas, enxaquecas e a sensação de que andar no chão novamente jamais deixaria de ser doloroso. Ainda *era*, um pouco, para todos eles, já que se passaram só três dias desde a fuga prodigiosa, mas o esquema com cordas que montaram para se segurarem ao animal (o mesmo que lhes possibilitou uma descida menos arriscada do topo do yutsi) não funcionou tão bem para Alessandro, que clamava por um minério de cura o tempo inteiro desde quando começaram a andar a pé até chegarem num local seguro.

— Acho que se eu for lá agora ele vai ter saído da cidade.

— Deixa isso para lá... — Caterina apertou os olhos e apontou para duas jirs no Nordeste da cidade. — Essas não têm policiamento?

— Sim. Essa, essa e essa que a gente está agora.

— Por quê?

— Não sei, mas acho que eles se mudaram para as vizinhas para conter o estrago que a gente fez. Você veio daqui — Verônica apontou para um círculo rabiscado mais próximo das colinas na área mais central da cidade. — e agora está cheio lá. Eu vim daqui e agora vou ficar por mais tempo nessa perto do rio, que é enorme.

— Sem policiamento você pode falar em paz, Verônica, mas... E se for uma armadilha?

Verônica deu de ombros.

— Só se eles trocaram de roupa com outras pessoas e estão escondidos.

— Eu combinei com eles que ninguém falaria nada... — Lamentou Caterina, preocupada com todos com quem conversou. — Juraram que iam ter cuidado para falar com os outros.

— Não podemos controlar o fato de que essas coisas podem ser descobertas com magia. — Argumentou Verônica. — Não se culpe assim.

Caterina concordou, passando a procurar por Leonardo no mapa.

— Ele está tão perto do Sul...

— Vi ele ontem. — Verônica explicou. — Eles isolaram aquela jir... Mas as charretes estão passando de novo. Quase ninguém que não é de lá sabe do que aconteceu. Todo mundo pensa que foi um surto de doenças da noite.

— Estão controlando quem esteve lá dentro, por isso o isolamento...

Verônica chacoalhou o ombro de Caterina, surpreendendo a alorfa.

— Eles não vão se perder pra magia. Nós preparamos eles bem.

Caterina respirou fundo, tendo a ideia de colocar as suas mãos também nos ombros da colega. Olharam-se nos olhos, e a vergonha de que aquele poderia ser um gesto bobo se dissipou logo.

Aquilo não era uma bobagem. Era o que sobrou da vida delas.



Caterina entrou na casa sem bater; fechou a porta com cuidado e foi até a sala, decorada em azul por cima dos móveis e paredes de madeira clara, para guardar o mapa na mochila verde-escura em cima da mesa de jantar.

Em Neborum, via dois castelos apenas, relativamente próximos: os dois eram familiares, embora um mais que o outro. Tinha encontrado com um deles — a dona da casa — algumas vezes, mas não conhecia tão bem os outros moradores.

— Caterina? — Perguntou a senhora de voz doce ao parar na porta do corredor para as salas. — Você está indo?

— Sim. — Explicou ela, caminhando até a mulher. — Muito obrigada por tudo. Por me acolher nesses dias... E não esqueça *nunca* do que conversamos.

— Eu sei, minha filha, obrigada. — Segurou as mãos da alorfa. — Eu estou bem velhinha para essas emoções, mas posso ajudar quem precisa.

Caterina ia falar alguma coisa qualquer sobre precisarem de toda ajuda que puderem angariar, mas podia entender se a anfitriã não quisesse participar da ação quando as coisas ficassem difíceis.

— Tudo bem. Obrigada mais uma vez.

Caterina fez menção de ir até a porta, mas a mulher não largou suas mãos.

— Caterina... Desculpe por não ter te contado nada, mas eu pensei que seria melhor deixar você terminar tudo primeiro e depois você sabia.

A maga franziu o cenho, apertando de volta as mãos que a seguravam forte até que mesmo estas se desfizeram, caindo de volta ao colo da dona da casa.

— Eu... Eu acho melhor deixar vocês a sós.

Da caminhada em passinhos apressados até o momento em que ela trancou a porta pelo lado de fora, levando consigo a chave, Caterina observou com atenção Neborum.

O castelo era familiar, mas não era daquela família.

Recuou até a janela em Heelum, e a idosa que a ajudara ainda estava ali, parada em frente à porta, sem nenhuma preocupação na vida e com uma mão descansando sobre o outro punho.

— Ei! — Ela bateu na janela, e viu pouca reação por parte da mulher. — O que aconteceu?

Percebeu que a janela também estava travada pelo lado de fora. Deixou de tentar adivinhar o mecanismo quando o som de uma passada lenta — e o movimento rasteiro do outro castelo — a forçaram a olhar para trás.

Avaliou a situação: Alice tinha as mãos nos bolsos, mas por debaixo da fina capa roxa estava a espada. Ela sorria, triunfante, e frente à incompetência de não aproveitar o momento de antes para matar Caterina logo de uma vez, provavelmente não estava ali para fazer isso. Sozinha, não iria querer o trabalho sujo de levá-la até a delegacia.

— Você não veio com a polícia. — Disse Caterina.

— Eles não fazem parte dos meus planos hoje.

Alice se insinuou por entre a mobília até chegar ao sofá de um azul ruidoso e apagado, de espuma dura, mas ainda assim melhor opção que as cadeiras mal lixadas ao redor da mesa de seis lugares. Sentou-se, cruzou as pernas e apoiou um braço sobre o apoio lateral. O outro ela deixou que descansasse na própria barriga.

— Como me descobriu?

— Para onde mais os *intocáveis* da revolução iriam? Vocês chegam numa jir, *convencem* a todos de que nós somos *terríveis*, não só estamos errados como somos *maus*, e que se ganharmos a guerra vamos *destruir tudo* num *grande* incêndio feito de más intenções. Então quando estão todos impressionados e prontos para matar em nome de vocês, vocês pedem calma, mas pedem também que eles espalhem a ideia enquanto vocês espalham em outra direção. Curiosamente, quem *fica* tempo o suficiente para ser preso e calado são eles. E quem vai *espalhar* a ideia em jirs com cada vez menos policiais são vocês. Foi simples para mim deixar uma ou duas jirs sem qualquer policiamento por alguns dias.

Caterina engoliu em seco, determinada a não deixar uma preculga mexer com sua cabeça sem nem mesmo usar magia.

— O fato de que vocês estão prendendo e calando torna vocês maus. E-e indica que nossa participação nessa guerra...

— Guarde seus discursos para quem se importa. — Interrompeu Alice, fazendo o cabelo balançar. — Hoje estou aqui numa trégua, porque quero saber o que você... *Sabe* sobre algumas coisas que me interessam.

— E o que eu ganho em troca?

— Sua *vida* não é o bastante para você?

Os dois castelos estavam próximos, com a porta de um em frente ao portão do outro. Eram de tamanhos semelhantes, com o de Alice protegido por uma murada mais alta e torres mais numerosas. Caterina não sentia a presença de seu iauomo circulando o prédio; não o via em nenhum lugar, e voltou a checar os trincos da porta antes de concluir, enfim, que seria obrigada a entrar no jogo da maga.

— O que quer saber?

Alice olhou para o lado, apertando os olhos.

— Byron... Há um tempo você votou com ele em um projeto do parlamento.

— Sim, mas...

— Já sei, já sei. — Alice interrompeu, num reflexo. — Mas talvez isso seja culpa sua... Talvez você possa me dar respostas.

Caterina respirou fundo. Com as duas mãos na porta de seu castelo preparava-se para um ataque.

— Byron está *estranho* ultimamente... Ele faz *coisas* estranhas... E toma... *Decisões* que não consigo entender.

As palmas das mãos escorregaram pela madeira, e lágrimas foram expulsas de seu iaumo mais rápido do que conseguia secá-las. Sorria, gargalhava já de um jeito tolo, meio sorrindo, meio chorando, e ajoelhou no saguão que nunca pareceu tão enorme e vazio.

Mas em Heelum, balançava a cabeça para os lados, controlando os músculos do rosto para deixá-los com o ar de quem ainda lamentava, dias depois de uma vitória, derrota antiga.

— Não sei o que dizer! — “*Só pode ser o Kerinu!*”.

Alice fez a temporariamente expulsa dona da casa pôr a chave na fechadura.

— Bom... Não fique surpresa quando seus *colegas* disserem que os visitei. Talvez *eles* saibam de alguma coisa.

Ainda orgulhosa e cheia de vontade de dizer que eles não saberiam, observou o castelo de Alice ir embora devagar na paisagem lilás de Prima-u-jir.

— Me desculpe, Caterina... Aquela moça não te fez nenhum mal, não é?

Caterina sorriu, aproximando-se da porta com milhões de planos na cabeça.

— Não... Fez até bem...

Ela não podia continuar ali; tinha que ir embora ainda mais rápido do que planejava antes.

Mas por que a preculga a deixou livre? Provavelmente tinha seus próprios interesses na guerra. Talvez roubar o posto de mestre, que até então era de Frederico — quem sabe? Por que não contou à cidade, à polícia, ao exército, aos outros magos, que iria conversar com Caterina a sós e não iria prendê-la? Obviamente ela tinha segundas intenções. Estava disposta a deixar o objetivo comum de lado pelo seu.

Ou tinha confiança de que mais cedo ou mais tarde o objetivo comum seria alcançado, de qualquer maneira.

Mas o importante era que Kerinu estava provavelmente vivo. Byron estava estranho — se ele tivesse matado ou passado Kerinu adiante, não teria nada com o que se preocupar.

Mas estava *estranho*.

Se havia algo que o preocupasse, que o deixasse instável... Kerinu só pode ter descoberto algum jeito de neutralizá-lo. Algum poder de barganha. Algo que fizesse sua presença imprescindível, e ao mesmo tempo extremamente incômoda.

Catarina apressou o passo — andava sozinha, sua corrida assemelhando-se mais a uma sucessão de pulos contidos. Só andou mais devagar quando começou a subir um declive.

Era preciso libertar Kerinu. Se Kerinu estava realmente vivo, e estava sendo mantido na casa de Byron, em segredo... Então mais de dez, quinze dias já haviam passado.

Terminou a subida com uma corrida curta, uma arrancada que a deixou ofegante por alguns segundos. Ela não era uma filinorfa, mas sabia que Byron não hesitaria em matá-la. Se tivesse que libertar o amigo capturado, teria que matar o sequestrador. Talvez até Tornero precisasse ser contido, nesse caso, mas ela sabia quem era o real perigo.

De um jeito ou de outro, Byron tinha que morrer.

Capítulo 52

Brecha

Kerinu dormia sempre na presença de Enrico, que cochilava sentado numa cadeira encostada à porta do quarto. Quando acordava, podia ir para onde quisesse; Enrico não se importava, nem o controlava. Mesmo assim, ia para os mesmos lugares, e fazia as mesmas coisas. Não tentava abrir a porta da sala. Supôs que não teria chance de fugir, mesmo que Enrico parecesse absolutamente desinteressado por qualquer coisa — pela vida, pela morte, por aquele que deveria controlar dia e noite.

Era irritante que Byron não visitasse mais a própria casa; Kerinu estava cansado de esperar que a porta abrisse. Não podia sequer esperar por ele em Neborum, verificando já além se o castelo dele — tinha que ser Byron, não Tornero — surgia no horizonte. Negrume era tudo o que veria se entrasse em Neborum. O que não o impedia de entrar, é claro.

Esperava por ele, e agora afoito. *Tinha um plano.*

Sabia que aquele era o décimo-segundo dia de kerlz-u-sana; encontrara anotações relativas às datas no escritório de Byron, lugar que aparentemente Enrico não precisava proteger e que, por isso mesmo, Kerinu passou a visitar — e revirar, e vasculhar — todos os dias. Era um dia tranquilo, ensolarado; os empregados já haviam aberto as janelas e limpo os ambientes, combinação que fazia o vento forçosamente levar a prova da higiene às narinas do prisioneiro. O captor estava ali, na outra seção do sofá.

Silêncio. Apenas isso, e um rosto desapaixonado voltado para baixo, para lugar nenhum. Nenhuma palavra que o humilhasse. Nenhum gesto, nenhum esgar da cantoria de vantagem tão própria de quem tem alguém nas mãos.

Todos os dias foram assim até o décimo-segundo.

Enrico levantou os olhos na direção da porta; suas mãos continuavam vazias, caídas e abertas por sobre as coxas, mas os lábios crispavam-se com a dança das pupilas, que varriam a área como se esperassem, absurdas, que alguém invadissem a casa passando por cima das janelas com uma charrete.

Kerinu avaliou sua situação em Neborum e, quando percebeu o poder do espólio afrouxar de leve ao redor de si — sentindo os pelos dos braços roçarem, eriçados, nas tiras escuras antes mais homogêneas que o envol-

viam — teve o tempo de respirar um pouco do ar suado à frente do nariz antes que tudo aquilo se desfizesse com um impulso que quase o derrubou para trás.

A ligação se desfez pelo meio. Aturdido e confuso pelas luzes repentinas, Kerinu viu a mesma onda negra vindo em sua direção, tubo maleável correndo pra alcançá-lo e enredá-lo de novo, que mais uma vez foi desfeita antes mesmo de chegar no alorfo.

Kerinu olhou para o lado e viu de onde veio a faca que, cravada no braço esquerdo do iaumo de Enrico, interrompeu seu ataque.

Enrico correu em direção a ele mas teve que parar quando uma bola de espinhos passou rasante em frente ao seu rosto; Caterina fazia o mangual girar rápido no ar. Não atacava Enrico, que estudava a inimiga num olhar réptil com olheiras fundas, mas não permitia que ele adivinhasse a posição da arma ao mudá-la constantemente de velocidade.

Kerinu ergueu-se do sofá e correu para abrir a porta, com Enrico percebendo tarde demais suas intenções. O espólico tentou ler o ritmo da arma da alorfa e correr por sua esquerda em direção ao alvo, mas ela ergueu o antebraço, fazendo a corrente girar por ele e atingir o ombro do mago.

Enrico agarrou o cotovelo de Kerinu, puxando-o para o piso da sala da mansão. De pé, desembainhou a espada: sabia que, caído como estava em Neborum, só podia ser mais rápido em impedir o alorfo em Heelum.

Kerinu desviou-se do ataque rolando de lado, dando um chute desajeitado que conseguiu derrubar Enrico pelo tempo que precisava para estender seus tentáculos negros na direção do iaumo caído.

Soube que tinha dominado Enrico quando finalmente encontrou emoção nos seus olhos, agora arregalados. Ele tentou dizer alguma coisa, a voz saindo rouca e enferrujada da garganta, mas Kerinu ordenou que ele parasse. Não precisava que ele mudasse de posição. Estava contente com a técnica grosseira, pouco exigente e absolutamente eficaz que forçava a imobilidade e o silêncio.

Caiu de joelhos, ofegante, na grama mentirosa debaixo do sol forte; não soube mais onde Caterina estava e não via seu castelo atrás da massa de magia negra cuja origem estava na mão que mantinha, com a ajuda do outro braço, estendida à frente.

Enrico foi dominado quando estava agachado, quase caindo, a cabeça parada muito perto de um dos cantos da mesa da sala de jantar. Kerinu deixou-o de lado para abrir a porta, levantando-se devagar. Suas mãos tremiam; deixou escapar um riso nervoso quando encostou no metal gelado e o girou duas vezes até conseguir puxar a porta e sentir o abraço forte de Caterina.

— Você está *VIVO!* — Chorava ela, apertando as pontas dos dedos contra as costas dele. — Eu me culpei tanto, Kerinu, tanto...

— Estou bem... — Dizia ele, preocupado em não perder o controle sobre o espólio. — Está tudo bem.

— O-o que fizeram com você? — Perguntou ela, desvencilhando-se e enxugando uma ou duas lágrimas. — Quem é ele?

Kerinu fechou e trancou a porta, pegando a chave para si. Olhou mais uma vez para Enrico. Pensou por um momento que aquele ângulo era um tanto humilhante, mas não quis se arriscar a permitir algum movimento.

— Não vamos conversar aqui.



— *Não quer ir embora?!* — Perguntou Caterina, entrando com ele num quarto de hóspedes.

— Eu tenho um plano.

— Que *plano* é esse, Kerinu? — Esbravejou ela. — FICAR na casa onde você ficou por DIAS nas mãos deles?

— *Mais baixo*, Caterina, por favor. — Pediu ele. — Eu preciso de uma assinatura do Byron.

— Para quê?

Caterina viu Kerinu fechar os olhos e engolir em seco como se a garganta estivesse dolorida.

Ele agarrou mais forte o pulso do próprio iaumo, cerrando os dentes, enquanto as linhas da palma da mão teciam o poder negro que mantinha Enrico preso.

— Kerinu, ele está sob controle.

— Não está fácil... — Sussurrou ele, voltando à conversa. — Caterina, você tem que ir embora daqui, rápido, faz dias que Byron não vem aqui e ele pode chegar a qualquer momento...

— Eu sei, mas... Eu só preciso *entender* o que você está fazendo.

Kerinu respirou pela boca, pondo as duas mãos sobre os ombros da companheira e encarando-a fundo.

— Você *tem* que confiar em mim.

— Eu confio, Kerinu, mas eu não acredito. Nem entendo!

— Eu preciso da assinatura de Byron para uma carta. É muito para explicar agora, Caterina, e *você tem que ir*.

— Mas você não explicou *nada*!

— Eu *sei*, mas você tem que *ir*!

Caterina respirou pesado, incomodada. Assistiu Kerinu cair no chão de lado, fazendo tudo para manter o braço reto e bem direcionado. Não tinha treinamento naquele tipo de magia, mas assumia que ou ele estava muito fraco ou o mago que dominava era muito forte. Ela não tinha muito tempo.

— Tudo bem. Tem certeza?

— Sim.

Ela fez que sim, sorrindo leve.

— Eu gosto de você, Kerinu.

Ele riu, deixando os braços caírem no corpo.

— Depois que um alorfo pede um favor para outro parece que viram família, não importa quem pede e quem faz o favor.

— Não... Depois que um alorfo fica responsável por outro e... E falta...

— Você não é responsável por mim. Não era. E eu pedi para você me ajudar a salvar o Lamar, e você salvou.

Caterina riu um riso triste, balançando a cabeça.

— Dizer que eu só tive responsabilidade quando acertei e que não tive quando errei está errado. Mas eu vou tentar compensar.

— Você não... — Começou Kerinu, sentindo que não tinha mais muito tempo; o laço que o ligava a Enrico tremia, com choques ritmados voltando dele para sua mão. — Você tem que ir embora *agora*.

A alorfa abriu a porta do quarto e, depois de um último olhar, foi para o corredor.

Kerinu, preocupado em garantir pelo menos que ela escapasse dali sem precisar lutar no andar de baixo, não conseguiu dizer a única coisa que faltou falar: "Obrigado, Caterina!".

Quando ouviu uma batida forte de porta, olhou para os lados para ver se o castelo de Caterina se afastava; por um momento afrouxou o suporte que um braço dava ao outro, ambos já no chão, e sentiu a dor ardente da magia negra escapar-lhe, desaparecendo numa fumaça frágil até tornar visível o iaumo de Enrico deitado ao chão, com uma mão segurando um ombro ensanguentado e os olhos espremidos.

O urro de dor que deu a seguir ecoou pelos céus como se fossem não o espaço aberto que Neborum sempre era, mas uma caverna; Kerinu primeiro tampou os ouvidos, mas num piscar de olhos estava de volta em seu castelo, e sentiu o impulso de descer as escadas da mansão para ver o que acontecia no andar de baixo.

Antes mesmo de terminar as escadas já podia ouvir o pranto — Enrico chorava de joelhos, cobrindo o rosto encostado no chão com as duas mãos. Chorava como se pudesse sentir a dor no ombro em seu corpo, mas chorava também como se pudesse lavar o ferimento com as lágrimas, de tantas e tão constantes, e se livrar daquela dor.

Sentiu a presença de Kerinu, e imediatamente se levantou, pondo-se entre ele e a porta.

— *VOCÊ NÃO VAI SAIR DAQUI!* — Balbuciava ele, apontando o dedo para o alorfo com o queixo tremendo. — *NÃO VAI SAIR DAQUI! NÃO VAI! NÃO VAI!*

Dois empregados vieram, toalhas azuladas em punho e olhares chocados, ver o que estava acontecendo; um deles por detrás de Kerinu, descendo as escadas. Enrico os mandou embora, ameaçando-os de demissão. Eles pareciam entender que ele era o comandante da casa na ausência de Byron. Foram embora sem que o mago precisasse dominá-los para isso.

Kerinu o observava da janela de seu castelo, ainda jogado no chão. Só agora tentava se levantar.

— P-pode me dominar. — Falou Kerinu.

O olhar de Enrico encontrou o de Kerinu de novo, e o espólio recuou até a porta.

— Você não quer sair?

Kerinu sinalizou que não. Viu o iaumo de Enrico desaparecer do gramado entre eles.

— Eu vou... Demorar um pouco para me recuperar.

— Está bem.

— Por que você não quer sair?

— Tem algo que eu quero. De Byron.

Enrico balançou a cabeça algumas vezes até derreter-se de novo em um choro moído; deslizou pela porta até o chão, onde sentou-se de qualquer jeito.

Kerinu desceu os últimos degraus da escada, disposto a entender o que estava acontecendo.

— NÃO CHEGUE PERTO DE MIM! — Berrou o espólio, apontando de novo para Kerinu. — Não chegue!

— Por que você está assim?

— Não... Se você fosse embora eu não sei o que seria de mim.

Kerinu concordou, imaginando que tipo de ameaça Byron fez para ele. Ele não estava sendo pago; não podia estar.

O que significava que ele não estava, possivelmente, na melhor das relações com o político.

— Eu tenho uma solução para esse problema.

— *Humpf!* — Fez Enrico, negando com a cabeça. — Não, não tem...

— Tenho! — Replicou Kerinu, assertivo, sentando no chão em frente ao mago. — Você não precisa ter medo do Byron. Sabe por que eu estou aqui? Preso?

Enrico o olhava de lado. A frieza própria dele durante todos aqueles dias pouco a pouco voltava. Demorou, possivelmente analisando se seria uma boa ideia continuar aquela conversa, para perguntar por quê.

— Porque *eu* o prendi. Ele não pode sair do próprio castelo. Não pode invadir ninguém, controlar ninguém, por causa de uma técnica que eu conheço. Agora ele está na *minha* mão.

Enrico estreitou os olhos.

— Você está na mão dele. *Você* pode morrer a qualquer hora.

— Byron não quer ficar preso para sempre.

Enrico encostou a cabeça na parede; olhou para frente, o que naquela posição significava olhar para o teto, pensativo. Esperava a morte fazer seu papel e lhe trazer um iaumo novo em folha em seu castelo dali a alguns minutos para poder pôr um fim ao susto.

E Kerinu não entendia o porquê da apatia.

— Você não *entende*? Quando for a hora, me deixe sair daqui e eu garanto que ele continua preso. Chantageie ele! *Pegue* uma quantia *inimaginável* de dinheiro e *vá embora!*

— Eu tenho dinheiro.

— Então *mate-o* logo de uma vez!

— Eu não trabalho pra Byron. Só Byron pensa que eu trabalho pra ele.

Kerinu respirou fundo quando os olhos vermelhos do outro homem se encontraram com os dele. Em breve estaria dominado de novo, e mesmo que Enrico não quisesse tirar nenhuma vantagem da situação de Byron, aquilo era muito pior. Punha em sério risco seu plano original, que contava com o fato de que Enrico era só mais um subalterno do mestre bomin.

— Eu trabalho pra Tornero, e não é porque eu quero. É porque aquele maldito está com o meu filho.

Capítulo 53

Recomeços

Leo e Fjor já estavam prontos quando as portas do galpão se abriram. Duas mulheres entraram, altas e de pele ainda mais escura que a deles. Pareciam-se pelos rostos, por um certo jeito de andar, certo jeito de chegar pedindo licença, aconchegando o ar em volta.

— Oi. — Disse uma delas, que vestia uma longa capa preta e prendia o cabelo num rabo de cavalo apertado. — Meu nome é Jura, e essa é a Pâmela... M-mas todo mundo chama a gente de Ju e Lala.

— Ju e Lala. — Repetiu Fjor, concordando lentamente. Trocou olhares com o irmão antes de, sem jeito, dar o primeiro passo para uma série de apertos de mão entre os quatro.

— Então os seus... *Antigos* membros... Fugiram? — Perguntou Pâmela, cujos cabelos encaracolados soltos arrastavam-se pelos ombros cobertos com uma larga blusa marrom.

— Sim. — Respondeu Leo. — Esses são... Eram... Os instrumentos deles.

Perderam-se por um tempo olhando a guitarra vermelha e o conjunto de bateria.

— Espero que não seja... Estranho, se... A gente usar eles. Foi o que disseram para a gente fazer. Desculpa.

Leo engoliu em seco. Sabia qual resposta era obrigado a dar.

— Não. — Adiantou-se Fjor. — Sem problema.



A rotina deles era um ciclo diário de coleção de comida, preparação de comida e festas noturnas que iam até horas altas da madrugada envolvendo música e comida.

Aquele era o terceiro dia que passavam com eles. Assistiam, escorados numa árvore, um grupo sair em direção a Dun-u-dengo: aparentemente muitas pessoas gostavam de rock modenal — e pagavam pelas apresentações musicais que garantiriam dinheiro o bastante para abastecê-los com algumas coisas que não conseguiriam facilmente, de carnes e utensílios a minérios de cura e roupas.

— O que você quer fazer, Beni?

Olhou para ela em resposta.

— Eu queria voltar para Novo-u-joss e começar tudo de novo.

— Não dá... — Reagiu Leila, balançando a cabeça. — Essa é a nossa escolha mais óbvia... Eles vão procurar pela gente lá.

— Será?

— Eu não quero apostar que não...

— Então... De que outra cidade você gosta?

Leila, que tinha passado a olhar para o espaço entre os próprios pés, voltou-se para a frente. Brincava com as unhas das mãos, com os dedos; chegou a espremer os olhos para visualizar todas as possibilidades.

— Eu não sei... Eu não conheço quase nada do mundo.

Beni limitou-se a concordar.

Anraig, o homem que os apresentou ao grupo, aproximava-se deles com um andar manco e um sorriso no rosto. Carregava no corpo uma manta escura que combinava pouquíssimo com a temperatura nada baixa daquele dia em particular.

— Olá, Leila. Olá, Beneditt.

— Oi. — Responderam eles, não mais tão sem jeito ao sorrirem de volta.

— Sei que há uns dias viemos ajudando vocês. — Disse ele, fazendo uma pausa para, com dificuldade, se agachar em frente aos dois. — E nós nos sentimos muito felizes com isso, de verdade, e não queremos forçá-los a nada que vocês não queiram... Mas... Se vocês quiserem se juntar a nós na roda de hoje... Seria um prazer para todos.

Beni sabia que Leila não se sentira à vontade no grupo — ou, pelo menos, naquela “roda”; desde o primeiro dia, evitava ativamente o que quer que se contasse e se cantasse ali.

— Tudo bem. — Disse ela, interrompendo o “talvez” que Beni educadamente articulava.

Talvez Anraig fosse excepcionalmente carismático, pensou o baterista.



Nada, nada me diz nada

Nada me dispara

À direção do que

Também é nada

Cem vezes mais nada

Perdido na estrada

Desse mundo escuro

Eu, que também sou nada

Vi no rio deitada

*A esperança de
Viver no nada
Não preso às correntes
Que me fazem
Perdoar as rotas
Em que vi só nada...*

A voz caseira de um homem descalço, já mais velho e mais sozinho em frente ao fogo moreno, levantava aos céus a música enquanto ele se balançava para frente e para trás. Olhava para um ponto fixo à frente, como se as palavras fossem concebidas ali, montadas na hora, sem planos nem sonhos — e Leila sentiu-se tão honrada por compartilhar aquele momento único com ele quanto triste: sabia que todas aquelas letras logo voltariam para o lugar de onde vieram, sem serem registradas para serem repetidas do mesmo jeito mais adiante.

Os foragidos se abraçavam sem mãos, a cabeça dela inclinada no ombro dele. A guitarra que acompanhou o canto antes, com notas chorosas e roucas, no ritmo de uma canção de ninar, agora fazia um solo mais baixinho — como pedinte resignado no centro abandonado das madrugadas urbanas — enquanto uma garota, possivelmente mais jovem que os dois, falava sobre sua vida.

Nasceu em Inasi-u-een, cidade no frio de gelo do Norte, de pais que não a queriam — não de verdade, pelo menos, de acordo com a definição dela. Não podiam ter de fato a feito porque se amavam e estavam prontos para lançar alguém, com cuidado e carinho, à existência. Depois de passarem a infância inteira da garota detestando-se cada vez mais e sempre, sumiam por dias a fio deixando-a responsável por tudo, desde as tarefas da casa até o trabalho deles próprios na jir em que moravam. Quando a mãe morreu, em circunstâncias jamais explicadas por um pai choroso à mesa na madrugada, carregando um minério de luz rosa que jamais tinha entrado na casa deles, ela fugiu. Foi parar nas mãos de um homem de Dun-u-dengo, por piedade dele e necessidade dela à primeira vista, fragilidade dela e perversidade dele à segunda vista, como ficou claro a partir do momento em que ela saiu enclausurada direto da charrete para um quarto belo, mas trancado pelo lado de fora.

Delirava tanto, mesmo lúcida e racional, que transformou até o pai em herói — deveria estar procurando por ela, e certamente tinha descoberto que ela fora levada para aquela cidade. Qualquer dia ele apareceria para destruir a porta com força bruta e a salvaria de tudo aquilo.

Quem apareceu à porta, e com uma chave — além daquele homem, que veio por rosanos, com regularidade — foi uma outra garota. Elas se olharam, paradas uma à porta e a outra na enorme cama, por alguns segundos. A

menina que abriu a porta a trancou de novo, apressada, e foi embora. Voltou dias depois, perguntou qual era seu nome e há quanto tempo estava ali.

Ela continuou aparecendo pelos rosanos seguintes. Vinha, trazendo às vezes lanches fora de hora. Livros — mas a outra não sabia ler, e então a visitante começou a ensiná-la. Trazia seus ouvidos, sempre, mesmo que a garota pálida de Inasi-u-een não tivesse muito para falar.

Um dia, trouxe uma guitarra. Tocou para ela uma canção modenai, e combinou que a levaria em uma apresentação. Nalguma noite que o pai não fosse até o quarto.

E o resto era história, terminou ela; foi acolhida pelos modenais para poder fugir, e tentava agora entender como se encaixava naquele mundo estranho que Heelum era.

Beneditt ficou preso ao conto, seus olhos vidrados em cada palavra soluçada da trajetória. Pareceu acordar quando a guitarra parou; viu que todos, de uma forma ou de outra, também despertaram; pescoços mexiam, cabeças viravam, mãos desprendiam-se das coxas apertadas e procuravam outro lugar para estar.

Virou-se para o lado, subitamente consciente do quanto a história podia ter afetado Leila. Ela chorava, mas não muito; lágrimas únicas e finas desciam, devagar, por um rosto duro de paz. Voltou-se para frente de novo quando um novo membro da roda recomeçou a fazer música.



Seimor abriu a porta da própria casa.

— Como sabe onde eu moro?

— Perguntei para o secretário. Quando ele disse que você estava ocupado. — Explicou Leo. — F-fui até a...

— O que você quer?

Leo concordou com a interrupção em dois gestos quase robóticos da cabeça — “*Droga*”, pensou; parecia mais obstinado e enraivecido antes de bater à porta.

— Eu não estou gostando da situação da banda, e...

— Somos dois.

— Mas é... É *claro*, olha... Olha essas *duas* novas na banda! E-elas são... Elas não têm iniciativa, só obedecem, e hoje fizeram tudo errado, e... E *onde* nós temos tocado, S-Seimor, são lugares *horríveis*, distantes, quase sem público! Nós somos tão ruins assim que não merecemos lugares melhores para tocar? Só éramos bons por causa da Leila e do Beneditt?

— Sim. — Respondeu Seimor, de queixo erguido. — Vocês são *péssimos* agora. Mas são meus. E vou aproveitar esse fato celebrado em contrato o *quanto* eu puder.

Leo afastou os olhos do homem impassível, que ainda segurava a porta.

— Isso vai durar muito tempo?

— Sim.

Seimor começou a fechar a porta, mas Leo avançou sobre ela.

— *Espera!* — O agente a abriu de novo, devagar. — ... Eu quero uma chance. U-uma chance para mostrar algo novo!

— Algo novo?

— Sim. Novo.

— Vai trocar de garganta e ganhar uma voz nova.

— Não. — Disse o músico, deixado de lado a adivinhação. — Mas...

— Então duvido que eu vá gostar.

— O que você tem a perder? — Perguntou Leo, com as sobrancelhas levantadas e as mãos na cintura, antes que o agente tentasse fechar a porta de novo. — Dinheiro?

Seimor o observou com atenção. Leo lembrava-se do que Mumba havia lhe dito: *ele gostava de controle*. Ser pressionado contra a parede não era o jeito como gostava de conduzir qualquer coisa, mas talvez não houvesse qualquer outra abordagem possível.

— Cinco dias de ensaio... É só o que eu peço!

Seimor deu um passo para fora de casa; Leo recuou, sem querer fazer o mesmo com o olhar. Já encarava Seimor com um pingo frágil o bastante de ousadia.

— Dou *quatro* dias.



Leila e Beneditt começavam a se integrar como podiam aos modenais. Pegaram roupas emprestadas, em especial daqueles cujos nomes já conseguiam puxar mais fácil da memória. Aprendiam aos poucos a fazer o que os outros faziam. Já até sorriam, ao longo do dia, do jeito que eles sorriam — abertos, vagarosos, falando baixo; como se cada alegria fosse preciosa e eles mal pudessem esperar para ver mais uma.

Naquela noite passariam a noite no Deserto Noroeste, que não era tão grande, nem tão seco, quanto o Imiorina, mas tinha seus encantos. Em especial a fina linha de dunas que seguia rumo ao Leste a perder de vista; montariam acampamento por algumas horas sobre um banco de areia. Os dois carregavam trouxas de utilidades enquanto caminhavam com o grupo até o lugar.

— Ei, Anraig. — Chamou Beneditt, chegando mais perto do homem no meio da formação dispersa em peregrinação. — Vocês sempre viveram aqui? Por perto de Jinsel?

— Ah, não... Não chamamos nem mesmo essa floresta de casa. Nós não temos um lar.

— Por que não?

— Porque... — Ele parecia escolher, olhando para o chão à frente distraidamente, a melhor maneira de responder. — Não nos sentiríamos em um mesmo se tivéssemos um. Olhamos demais, Beneditt, para o abismo em volta de onde estamos.

Beneditt olhou para Leila, que seguia mais atrás, sem conseguir dizer se ela prestava atenção à conversa.

— Não entendi.

— Para as coisas que nos puxam para baixo numa compulsão. Para as coisas tristes, para as coisas que dão errado. Para o tipo de coisa que interrompe sonhos.

— Como vocês suportam viver assim?

Ele percebeu que mais e mais pessoas olhavam para ele. A conversa nunca fora particular, mas talvez ele devesse tomar mais cuidado com o volume da voz; não sentia-se hostilizado por ninguém, mas por um momento viu-se um pouco empurrado para fora do grupo — talvez em direção de um daqueles “abismos” para os quais gostavam tanto de olhar.

— Não é por pensar na tristeza que estamos tristes o tempo todo. — Respondeu Anraig, com um último sorriso antes de voltar o rosto para frente.

Beneditt apressou dois ou três passos até ficar bem perto do líder.

— Eu quase nunca vejo um sorriso aqui, Anraig... Os seus e quase mais nenhum!

— Existem tantas formas de sorriso quanto de felicidade. — Respondeu ele. — Ou de amor!



O fogo coloria os ventos de kerlz-u-sana que subiam, ondas suaves como beijos à distância, pelas colinas das dunas. As estrelas pareciam se multiplicar no céu a cada vez que se olhava de novo para elas. Descalço e com as palmas das mãos afundadas na areia, Beneditt deixou o pescoço suspenso para trás — para poder pensar, para poder descansar; para poder se perguntar, enquanto um arrepio perpassava-lhe os ombros, por que ele estava ali: nas dunas, entre os modenais. Em Heelum.

— Eu... Posso?

Virou o rosto para o pedido de Leila, que tinha o braço estendido para frente; a fogueira lânguida deixava a porção de baixo inteira do membro trêmulo alaranjada e viva como ferro em forja.

Instantes depois da surpresa, a guitarra foi passada de mão em mão. Chegou a Beneditt que, num sorriso cauteloso, passou o instrumento para Leila.

Leila instantaneamente procurou a nota que queria, e tocou uma sequência fina e tão lamuriosa quanto a maioria das melodias que escutavam nas rodas.

Parecia saber exatamente o que queria, e experimentou com as cordas até conseguir. Terminava a sequência breve, de tons mais delicados no final do compasso, com uma vibração que fazia o fim da canção chorar para continuar a ser repetida.

E então ela mudou: começou a tocar um acorde na mesma região do braço da guitarra. Mudou de acordes sem ir muito longe, e então Beneditt percebeu que era a mesma melodia, só transformada.

Quando achou que já estava bom o bastante, Leila cantou por cima do ritmo:

*Nós crescemos
Só esquecemos
O que é saber
Ao invés de acreditar*

Ao repetir a estrofe surpreendeu-se com o baixista do grupo, que começava a acompanhar o ritmo. Não resistiu a um riso leve no final de “saber” — e em “acreditar” já fazia a música morrer. Não tinha pensado para além daqueles quatro versos que sentiu que precisava mostrar para alguém.

Beneditt estava perto o bastante para perceber o quanto ela enrubescia com a aprovação silenciosa, mas certa, do resto do grupo.

Quando outra música começou do outro lado da roda, chegou mais perto para poder lhe dizer o quanto gostara da canção.

“Obrigada”, disse ela de volta, não conseguindo evitar de pensar que Leo, se estivesse ali, saberia exatamente como melhorar aquela música.

Capítulo 54

O processo

— E você não tem nada novo para mostrar.

Leo bufou. Entrou fazendo Fjor tirar da frente o braço erguido até o batente.

— A gente tem que pensar em alguma coisa... *Agora*. Alguma coisa que faça o Seimor acreditar na banda de novo.

— Não sei como eu vou fazer isso se nem sei se eu acredito...

— Fjor, *chega disso!* — Esbravejou Leo, com as mãos atravessando o ar.
— Você tem que tomar uma decisão! Nós temos um *agente*, nós temos um *espaço*... Só temos que pensar em algo para chamar a atenção! O-ou você...

— Mas é *isso!* — Interrompeu Fjor, apontando as duas mãos para o irmão.
— É *disso* que eu falo. A gente nunca precisou “chamar atenção” em Novo-u-joss. A gente fazia o que gostava. O que a gente *queria*, o que a gente *quisesse!*

Leo tentou controlar ao mesmo tempo a respiração e a vontade de berrar qualquer coisa para o irmão.

— As coisas não são *fáceis*, Fjor! *Não são!* Se em Novo-u-joss a gente chamava atenção sem fazer esforço, *qualquer um* fazia isso! A gente era *só mais uma banda* lá!

Fjor fechou os olhos e deixou o corpo cair na cama. Leo o ignorou solenemente enquanto, sério, andava pelo vão em frente à janela.

— Eu tenho uma ideia.

— Qual? — Instigou Fjor, sem mexer mais que os músculos necessários para falar.

— O tipo de música que todo mundo está fazendo agora... Que eles *mandaram* a gente fazer naquela reunião... E se a gente fizer o contrário?

— O Seimor nunca ia deixar, Leo.

— Não, não se a gente mudasse coisas demais, mas... Dá para desviar um *pouco*... O-ou... *Sem que ele perceba*...

— Se ele não perceber ninguém vai perceber...

— Tem que ser sobre a guerra. Uma música sobre a guerra.

— E o que é o que você sabe da guerra? — Reagiu Fjor, contorcendo a cabeça inteira na resposta instantânea.

— Nada... — Sussurrou Leo, subitamente agitado. — Muito pouco... A gente tem que sair.

— Quê?

— *Sair*, Fjor, *sair!* — Explicou Leo.

Fjor levantou-se num pulo e ficou olhando Leo abrir a porta. Parado a um passo do corredor, virado para dentro do quarto, segurava a maçaneta.

— Você vem ou não vem?



Mergulharam nas ruas com passos longos e olhares atentos. A do hotel estava escura; deixaram-na pra trás, vazia e levemente poluída — mais ou menos como achavam que estaria o resto da cidade.

Seguiram, debaixo de estrelas já então ferozes e do traço dos focos azuis, rosados e verdes dos postes. Encontraram uma fila algumas esquinas mais tarde. Discerniam a música — era uma banda que tocava junto com esferas de fogo. Leo perguntou se Fjor a reconhecia, e como resposta veio um revirar de olhos.

Em outra rua viram outra reunião de sons e eventos. Chegaram devagar, rodeando os grupos que compunham a fila e nela conversavam animadamente, vestidos para a diversão como em qualquer tempo de paz. Para além deles, na encruzilhada de ladrilhos velhos sobre a qual a sombra de prédios desbotados se agigantava, dois bares enormes, aparentemente tradicionais, estavam abarrotados. O som rápido que as esferas de fogo produziam sozinhas do lado de dentro chegava do lado de fora com intensidade boa o bastante para as pequenas multidões, que faziam sua festa onde podiam. Tomavam as estradas rosadas com contidas dancinhas atrasadas, copos nas mãos e petiscos em um punhado de mesas improvisadas.

Leo chegou mais perto da entrada cercada de um dos bares; Fjor o seguia. O guitarrista não sabia bem como se aproximar do lugar, mas tentava se misturar aos festeiros mexendo os ombros e a cabeça com o ritmo.

— Mas e o Duco, mãe? — Perguntou uma mulher para outra, mais velha, que mexia as pernas com ainda mais empolgação que a filha.

— Está bem, minha filha, está bem, mandou *carta*, disse que está *tudo bem!* — Gargalhou a mãe, soltando os braços para cima assim que a música se agitava do lado de dentro.

Leo olhou para trás, procurando o irmão, mas não o viu; deu uma volta exigida a força pelo calafrio e o reconheceu vindo de uma outra porta mais adiante.

— *Aqui!* — Fez o baixista com os lábios e com as mãos.

Leo se viu passando junto ao irmão e uma alta mulher loira por um depósito cheio de barris e caixas iluminado em amarelo, depois por um depósito escuro (possivelmente *também* cheio de barris e caixas) e então uma

cozinha atulhada de pessoas, gordura e cheiro de temperos verdes, um diferente a cada nuvem que atravessavam. Saíram da cozinha diretamente para o salão principal da casa; Fjor agradeceu a mulher, que se afastou com uma piscadela antes que o agradecimento terminasse. Ter conhecido a noite da cidade finalmente beneficiava a banda.

Quase cada porção das paredes vermelhas estava tomada por foliões completamente absortos na música grave e alta que vinha de um dos cantos da sala. Num púlpito, enclausurados com a vantagem que tinham de não precisarem nem de muito espaço nem de ar puro, três minérios esféricos vibravam em tons de pôr-de-sol a cada nova batida da melodia, do ritmo, da harmonia de uma noite que ninguém ali permitiria que acabasse tão cedo.

Por pouco não foram atropelados por garçons apressados saindo da cozinha. Leo seguiu Fjor, que parecia conhecer o lugar, até o outro lado do cômodo. Demorou — desviavam de cotovelos, braços, pernas, agitos de momento.

Subiram para um segundo andar que surpreendia quem vinha da cozinha, varanda que era; dali podiam ver parte da pista de dança abaixo. Encontraram uma mesa livre no canto em que o teto se inclinava, envergonhado como a parte de baixo de uma escada meramente necessária.

Depois que se enfiaram nas desconfortáveis cadeiras desmontáveis, Fjor fez um sinal para Leo prestar atenção à mesa ao lado.

— Eu não achei que isso fosse acontecer! — Negava com a cabeça um homem careca. — O Exército de JINSEL ganhar do de INASI-U-EEN?! É uma *loucura!*

— Não, mas VAMOS ser honestos aqui... — Disse uma mulher fora do campo de visão deles, a única que sabiam estar de pé. — A gente ganhou por causa de quem? — A resposta brotou nas bocas de todos. — *Dun-u-dengo, é claro!* Com uma *marinha* do tamanho do mundo. Com uma-uma... *Tropa* enorme, com...

— Mas Inasi-u-een, prima, você nunca foi lá! — Retorquiu um outro homem. — Lá eles têm dentes afiados de *tanto* comer carne congelada! Lá eles afiam espada no dente afiado que eles afiaram comendo carne congelada! Lá, prima, se eles perdem um braço, vão para casa dormir e no outro dia já estão prontos para voltar a trabalhar!

— *Ahhh, que exagero!*

— *Mas é verdade!* Lá eles são... — Forçou os braços. — E também... — Apontou para a própria cabeça. — É, eu já fui lá, prima, eu já fui lá!

— Mas a gente ganhou! — Disse uma outra voz feminina, que, baixinha demais para o barulho do bar todo, foi pelo menos amplificada quando o careca a repetiu em voz mais alta e puxou um brinde coletivo à vitória.

— Eles ganharam de Inasi-u-een? — Disse Leo para Fjor numa fala que, no contexto todo, não passou de sussurro.

— Acho que sim!

Trocaram um longo olhar no qual tentavam entender, juntos, o que aquilo queria dizer para eles.

— Quer dizer que a *gente* ganhou!

— O quê? — Perguntou Leo.

— A *gente* ganhou! Somos de Jinsel agora, não é?

— E-e Novo-u-joss, está de que lado?

Fjor deu de ombros.

— E a vó, Fjor?

Balançou a cabeça.

— Não respondeu nada ainda!

— Você acha que...

Leo começava a se sentir irritado com o barulho do lugar. A música não havia parado por um segundo desde que entraram — e Leo não deixou de perceber que era a mesma, apenas levemente modificada no refrão mais recente. A mesa ao lado tampouco parava, discutindo agora algum outro assunto envolvendo suco de uva, sexo e charretes, em voz cada vez mais alta.

— Não sei!

— E você acha que... Será que ela está em perigo?

— Não sei, Leo... Ela não é uma guerreira!

— É...

O assunto da outra mesa parecia ter voltado, de alguma forma, à guerra. Uns consideravam que ela acabaria logo. Outros pensavam que ainda demoraria pelo menos até o fim da estação.

— Tem que ter *medo*! — Disse o homem careca. — A cidade quando se rende, tem que ir lá e invadir mesmo! Mostrar quem *manda*, entenderam? Vai ver foi assim com Inasi-u-een... Vai ver eles ficaram sabendo do que aconteceu e...

— Não, você *realmente* não conhece Inasi-u-een... — Gargalhou o amigo.

— Está parecendo a minha *prima* aqui!

— Será que são só guerreiros que morrem, mesmo? — Perguntou Leo.

— Faz diferença?

Leo coçou um lado da cabeça.

— Pensando no quê? — Insistiu Fjor.

— Não sei... Pessoas morrem! É só isso que eu consigo entender da guerra!

— Mas as pessoas morrem todos os dias!

— Tantas de uma vez só, num lugar só, pelo mesmo motivo? — Questionou Leo, passando a apoiar a testa com a mão.

— É...

— Você não se sente... Mal?

Fjor olhou para o irmão por uma fração do tempo que passou olhando para outros lugares: as pessoas atrás dele, na outra mesa; o chão; a outra parede do andar superior, amadeirada e rubra como o resto do bar.

— *Eles* não...

Leo lançou o canto de olho para o grupo.

— Mas se não fossem os inimigos, podiam ser eles...

— Ou um parente... — Continuou Fjor. — Um amigo!

— Mas isso devia ser... *Alívio*, não *alegria*!

— Eu ia ficar *mais* do que aliviado por ter ficado vivo...

— Sim, mas e por ter *matado* alguém?

— Eles não mataram ninguém.

— Sim, mas... — Mais uma risada explosiva da mesa. — Alguém matou *por* eles!

Fjor voltou a olhar para o chão.

— E os magos?

Leo respirou fundo.

— O que tem os magos?

— Lembra quando eu dizia que eles tinham influência em tudo?

— É óbvio, eles são políticos, Fjor!

— Sim, mas e essas regras de não poder falar de guerra nas músicas?

— São ordens de cima!

— Leo... — Fjor chegou perto o bastante para poder sussurrar de verdade. — ... E se Seimor for um mago?

Leo fez que não com a cabeça.

— Por que ele perderia tempo com a gente? — Fjor recostou-se na cadeira de novo. — Temos que falar de *guerra*, não de magia!

O ritmo respirou ar fresco ao entrar numa pausa dramática. Durou quase nada, mas o bastante para fazer Leo sentir que aquilo que o silêncio musical trazia não era paz. Era uma agonia estranha que não fazia o menor sentido naquele lugar.



Também sentado à cama, Fjor observava Leo apertar a caneta carregada na dose certa de tinta.

Irritado de súbito com o pingo fino que certamente cairia no papel, o letrista adiantou-se para começar.

Felizes que alguém morreu
Contentes que alguém se foi

Olhou para as duas linhas, cantarolou para si as sílabas do jeito que mais ou menos imaginou, e entregou o papel.

Fjor terminou de ler. Atirou o olhar de volta para a frente, encontrando a máscara de ansiedade que o irmão vestia com humildade. Voltou-os de novo para baixo, tentando tirar dali timidamente uma melodia qualquer para dar um pouco de vida às letras.

— Eu nunca fiz letra, então... — Começou a desculpar-se ele.

— Fjor, eu não sei se você notou, mas as duas novas integrantes da banda são péssimas. Sem a Leila... — Suspirou ele. — Eu *preciso* de você.

Fjor expirou pelo nariz antes de voltar-se para o papel mais uma vez.

— Ficou horrível.

Leo balançou a cabeça, compreensivo. “É um começo”, pensou, enquanto pegava o papel de volta.

— Isso é apelar para emoção barata. — Continuou Fjor.

— O que você prefere tocar, um cálculo?

— Seimor não vai aceitar isso.

Leo releu os versos.

— Por quê?

— Você está praticamente chamando as pessoas daqui de *procos* dizendo que elas ficam bem quando alguém morre.

— Mas não é qualquer um que morreu...

Fjor deu de ombros e se encostou na parede.

Leo não quis saber se ele pensava na letra ou em desistir de tudo aquilo. Apoiou melhor a folha, riscou o que escrevera e fez algo novo em outra parte do papel.

Entregou-o uma vez mais para Fjor.

*Feliz daquele que morreu
Contente com o que ficou*

Quando Fjor levantou as sobrancelhas, Leo sabia que podia espreitar seu olhar com um sorriso cúmplice — sorriso inspirado que, tinha esperança, seria capaz de durar horas madrugada adentro.

Capítulo 55

Perto do fim

Não se podia saber quais dos magos que compunham a mesa o faziam porque Desmodes os obrigava ou porque realmente queriam estar ali. Moviam os olhos e o pescoço livremente, e certamente havia muito o que olhar no mapa que cobria o centro da longa mesa, cheio de marcas de territórios, tropas e batalhas previstas; não podiam, contudo, falar, mexer os dedos das mãos ou mesmo levantar as sobrancelhas.

Seis cidades não estavam sob controle do Conselho: Inasi-u-een e Novo-u-joss ao norte; Ia-u-jambu, Al-u-een e Roun-u-joss no centro e no Sudeste, e Kor-u-een a sudoeste. Jinsel e Dun-u-dengo atacavam Inasi-u-een pelo mar e por terra e, caso tivessem sucesso — algo que o Conselho ainda desconhecia naquele momento — logo cuidariam também de Novo-u-joss. As forças de Imiorina e Rirn-u-jir juntas em Enr-u-jir já marchavam para um ataque decisivo contra Ia-u-jambu. Kerlz-u-een deveria lidar com o que restava de Kor-u-een e, por fim, as tropas do Norte que já haviam reconquistado Karment-u-een desceriam um ataque final a Al-u-een e a Roun-u-joss.

Desmodes provavelmente gostava de poder dispensar todos os magos sem usar a voz — já era o terceiro dia em que, assim que ele decidisse que não havia mais nada que os outros precisassem saber, levantavam-se todos, sem aviso, formando uma fila rumo aos aposentos próprios. Seus quartos eram espaços de liberdade: Kan percebia, pelo movimento dos castelos em Neborum quando passava por perto de um, que lá todos andavam muito de um lado para o outro, ainda dominados por Desmodes.

— É curioso... — Disse Kan, fazendo Desmodes interromper sua saída da sala. — Você não me controla.

— Não é necessário.

— Ou não pode? Ou... Não *deve*?

Desmodes virou-se por completo para ele. Viu Lato-u-nau sentado à mesa no lugar que já fora seu, com as mãos enluvadas reunidas para encobrir o rosto.

— Por que não o *mata* logo, Desmodes? É *tão* simples...

— Com quem você fala quando estamos sozinhos e não é comigo?

— *Não diga mais nada.* — Ordenou Desmodes.

— E se eu *disser*? — Desafiou Kan.

Lato-u-nau riu, engasgado.

— *Vê*, Desmodes? Não vê como é *preciso* matá-lo? Pelo menos, *pelo menos*, Desmodes, *invada-o!*

— Não pense — Sibilou Desmodes para Kan, com o mesmo tom de quando dava uma ordem qualquer. — que não posso matá-lo quando bem entender.

Kan desviou o olhar, querendo logo encerrar a conversa; já considerava-se louco o bastante por tê-la iniciado. Desmodes deu-lhe as costas e seguiu seu caminho.

Kan não sentia mais que corria risco imediato perto dele. A tática que o mago-rei usava com ele Kan conhecia, e bem, em seu formato mágico — ele e a grande maioria dos preculgos. Já usara muito do artifício nos tempos em que vagou sozinho por Heelum depois de fugir do pai: Faça o mais fraco pensar que você não deve ser contrariado porque, perigoso como é, qualquer desafio o faria perder a cabeça. Em geral a pessoa perigosa é bem menos descontrolada do que quer fazer crer.



Desmodes subiu as escadas com passos firmes, ignorando solenemente cada vez que via com o canto dos olhos uma figura escura encostada à parede. Trancou a porta do quarto e foi até o aparador, sorrindo satisfeito para a forma como conseguia fazer a água sair da jarra em direção ao copo sem tremores ou inconstâncias: aquilo era belo como era seu controle de si.

— *É patético!* — Disse Lato-u-nau, andando em círculos à frente da cama. — Você *não pode* se esconder.

— Não seguirei ordens.

Lato-u-nau rosnava, e da curta parte aberta do largo capuz caiu gota melindrosa que se supunha saliva raivosa. As vestes, por finas que fossem, cobriam-lhe todo o corpo como quente manto que ninguém mais ousaria usar numa época como aquela.

— Como é a *sensação*, Desmodes? — Sugeriu o mistério, a voz amarga não sabendo ser sugestiva sem dar cabo da doçura de cada ironia.

— A de ainda não saber como matá-lo?

— *É impossível...* — Comentou ele, casual, interrompendo a calma aproximação a passos desastrados de dança. — Eu estava falando da *outra* sensação. A *confiança*... Afinal... Você nunca confiou em ninguém. Não sabe o *gosto* que a confiança deixa na *boca*.

Desmodes estacionou o copo no aparador e virou-se para as vestes andantes atrás de si.

— Não confio em ninguém.

— Não *confiaria* se tivesse escolha... Mas é *obrigado* a confiar... Às vezes porque se recusa a confiar em *mim*. Confiança para você é só um ponto fraco... E agora parece... Me parece que você tem um *bem grande!*

— Que você adoraria *explorar*.

Lato-u-nau deu de ombros, fazendo parecer que encolhera um tanto num instante.

Sumiu sem deixar sequer o cheiro para trás.



A tranca pulou para dentro da sala quando a porta foi estourada pelo chute de Mairaden. Ele entrou na casa primeiro, de armadura e alabarda, seguido por Nariomono e seu arco vermelho.

Depois de alguns dias de observação minuciosa — levada a cabo pelo mais discreto dos dois — não foi difícil intuir a casa em que morava o general do Exército do Conselho dos Magos: por detrás de um sistema complexo de charretes posto em prática com o intuito de enganar os impacientes, revelava-se o lugar de onde a maioria das mensagens saía, e onde todas acabavam centralizadas.

Não vendo sinal de ninguém, encostaram a porta; Narion cuidou para fechar também as janelas e as cortinas, finas peças bem trabalhadas, bem cortadas, bem tingidas, que contrastavam com o bordô pesado da parede. O minério alaranjado que iluminava a sala de entrada ficou menos intenso à medida que os corpos quentes dos invasores passaram por perto, no caminho até o corredor longo que levava a uma série de salas. O silêncio era completo, quebrado somente pelas defesas de Mairaden, que ia à frente. Narion preparou uma flecha no arco. Sentia-se observado o bastante para olhar para trás de vez em quando.

Resolveram não tentar nenhuma das portas laterais, que estavam fechadas. Foram até o fim do corredor, desaguando em uma sala de cores e temperatura semelhantes; uma janela grande, trancada e acortinada, ia da base da parede até quase o teto. Oposta a ela, de costas para a entrada do cômodo relativamente vazio, uma poltrona em que alguém se sentava: alguém que vestia boas botas e era capaz de ostentar a espada que jazia ao lado, longa, afiada, reluzindo a luz do minério amarelo de uma das paredes.

— Você é o general do Conselho dos Magos? — Perguntou Mairaden, depois de levantar o visor.

O homem escolheu um dos lados para olhar por cima de seus ombros, e Narion não conseguiu ver seu rosto.

— Sou... — Respondeu ele, soturno. — Em breve não serei...

— Queremos saber como chegar ao Conselho.

Mairaden pretendia ameaçá-lo caso ele não colaborasse. No entanto, suprimiu essa parte do pedido: tinha a impressão dupla de que isso seria tão desnecessário quanto, de qualquer forma, ineficaz.

O general soltou um longo e dolorido lamento.

— A charrete com um círculo roxo do lado de fora... Pintado... Ela vai... para o Leste... No início... Mas pega a correspondência numa casa... Quem deixa a co... Correspondência lá... Bem... Tanto faz... É a charrete com o círculo roxo que leva até o Conselho...

Mairaden e Narion se entreolharam.

Evan pôs-se a se levantar, mas por mais devagar que o tentasse acabaria caindo; rastejando, deu a volta e ficou de frente para os dois, apoiando-se com um cotovelo no braço da poltrona. Sua camisa azul-claro, do tipo que se usa por baixo de todo o resto do vestuário, estava encharcada de sangue, com o que parecia ser sangue fresco e novo pingando no chão abaixo de onde ele estava.

Seu cabelo afinara. Seu rosto, exausto e como que continuamente fora de foco, trazia uma boca aberta num constante suplicar.

— Tentei me dar um fim *rápido*... — Explicou, choroso. — Mas *errei*...

— O-o que você quer? — Perguntou Narion.

Se antes falava para uma entidade imaginada entre os dois, agora levantou a cabeça o suficiente para encarar Nariomono.

— Por favor... Por favor... Use essa flecha...

Narion não discutiu com Mairaden. Não queria ter que formar uma decisão sobre isso; esticou a corda e mirou a testa semilevantada do general.

Se havia sido sincero — e logo pretendiam descobrir — já havia cumprido seu papel. Por isso Narion estava disposto a fazê-lo pagar, e se ele mesmo parecia aceitá-lo, não havia por que hesitar.

E no entanto, Nariomono hesitava.

Focou-se de novo no alvo fácil, se apenas levemente ofegante — o que não era problema, pois respiração nenhuma iria tirá-lo do caminho da flecha. Parou de piscar. Mirou e mirou.

Acabou vendo, aqui e ali nos cantos de sua mente, os parentes e amigos despedaçados por suas próprias flechas.

Baixou o arco.

— Desculpe... — Disse Nariomono. — ... Não vou fazer isso.

Capítulo 56

De frente para o perigo

— *Um!* — Gabriel avançou com a espada longa sobre Tadeu, que levantou o escudo como combinado. — Observe... *Dois!* — Tadeu abaixou todo o escudo, protegendo a perna esquerda do golpe. — Observe meus braços expostos. Me ataque.

Tadeu avançou com a perna direita, mirando os antebraços do mestre de armas. Fez a espada pairar acima deles no simulacro de golpe.

— Nessa circunstância, como me defendo? — Perguntou Gabriel.

— Você... Você vê o meu ataque?

— Ele é *rápido*, mas é claro que eu o perceberia.

— Você... Eu não sei.

— Existem muitas formas. Uma simples o bastante para duelos sem armaduras como esses é esta.

Gabriel prensou sua espada contra a dele, apertando-a junto ao próprio escudo de Tadeu e segurando todo o equipamento com o auxílio da guarda.

— E aqui, rapidamente — Comentou, soltando uma das mãos de sua arma. — faço isso. — Simulou um soco no rosto de Tadeu.

O aprendiz desvencilhou-se para trás, com a testa comprimida.

— Achei que estivéssemos aprendendo a usar a espada.

— Quando estiver na guerra, garoto, ou numa luta pela sua vida, não pode se furtar a sequer *morder* seu oponente.

— Fazer o que tem que ser feito.

Gabriel levantou as sobranceiras para ele.

— Sim. Resumidamente.

Tadeu assentiu. Segurou mais forte as tiras de couro do escudo.

— Vocês... Não são... — Engoliu em seco. — Magos comuns.

A espada longa que o mestre usava, voltada para o chão, foi embainhada de volta.

— O que quer dizer?

— Vocês são... Alorfos. Ou filinorfos.

Gabriel sorriu. Já que quase nunca o fizera para o aprendiz, ainda mais aliando o gesto à paciência, Tadeu concluiu que tudo que ele diria dali em diante seria uma mentira cuidadosamente elaborada. Para ter certeza de

que não sairia dali convencido dela de qualquer forma, montou guarda em frente à porta de seu castelo, com as mãos em chamas; esteve assim desde que o viu pela primeira vez naquela manhã.

— Se somos, por que já não matamos você? Ou os seus pais? O resto dos magos de Al-u-ber, com os quais tantas vezes nos reunimos?

— Não sei. Mas é verdade, não é?

— Ora, garoto... — Tadeu sabia que nada podia entrar por suas janelas, mas ouvia ruídos que o distraíam o tempo todo. — ... Acha isso?

Tadeu demorou algum tempo para responder.

— Não sei... Pode ser loucura... — “E é!”, interrompeu-lhe o mestre. — Não, estou falando de outra coisa, q-quis dizer que... Pode parecer loucura, mas eu nunca quis isso. A magia e-e tudo o mais... Por favor não conte nada para os meus pais, mas... Eu só acho que tem algo de *errado* com a magia! Em *ser* um mago! Eu não *quero* ser um mago, e... A-a Joana me disse que... Que os filinorfos querem que não exista mais magia em Heelum, não é? Talvez...

Gabriel deu um passo à frente.

— Tadeu...

— *Não* se aproxime!

— Pensa que pode me impedir?

Tadeu recuou. Queria poder dizer que *morderia* se fosse preciso, mas não encontrava as palavras.

— Para você podemos até ser iguais, nós dois, não foi isso que você disse? Ainda assim você tem medo de mim. — Riu o mestre. — Mas estás certo... Você tem o que temer, porque se formos mesmo diferentes e você descobrir o que imagina... Nós teríamos que matar você, não é? Você tem a mais remota noção de que estamos num treinamento com *espadas*? Que eu carregue comigo espadas *afiadas*? — Deu mais um vagaroso passo. — Que acidentes não são incomuns em treinamentos? Acidentes com o *pescoço*? Com *ribanceiras* das quais se cai em recuo descuidado, ainda mais com o solo úmido, quando o céu ameaça chover?

Tadeu não quis olhar para trás, mas sabia que não tinha muito espaço para usar.

— Que acidente *conveniente*!

— Pare com isso, garoto. Da próxima vez que desconfiar que alguém é um inimigo não saia perguntando isso em desvantagem.

— O que eu deveria fazer, então? *Denunciar* vocês?

Gabriel balançou a cabeça, voltando a ser o mesmo mestre rude e desapontado de sempre.

— Não faça isso, Tadeu. Não se passe por tolo.

— Eu não *quero* fazer isso. Eu só quero saber mais sobre como vocês...

Funcionam!

— Nós *NÃO SOMOS FILINORFOS*, Tadeu!

O aluno aquiesceu depressa, obedecendo a ordem de recolher as coisas. A aula acabou, e Gabriel não explicou se foi sua irritação ou o céu nublado que apressaram o fim.

Tadeu continuava postado no saguão principal de seu castelo. Notou que não perguntara se eles eram filinorfos; perguntou se eram filinorfos *ou alorfos* — a resposta específica que recebeu foi produto direto, completamente inalterado, da mente de seu mestre de armas.



Da esquina Amanda podia ver, com boas chances de não ser vista, o portão da casa de Tadeu; como não tinha certeza se seus pais sabiam de sua recente visita, preferiu não chegar mais perto.

Como ele demorou a chegar, foi embora. O caminho da volta para casa não era comum, mas era o de sempre: Amanda preferia passar por dentro dos castelos de Al-u-ber, onde tudo era mais quieto e tranquilo. Gostava também de passar por dentro da torre do relógio; subia algumas escadas a mais para usar o caminho por detrás das engrenagens.

Quando cruzou o portal entre um castelo residencial e a torre, ouviu o eco de vozes familiares. Não conseguia discernir de onde vinham; ficou parada por algum tempo sem saber se voltava, evitando possíveis encontros desagradáveis, ou se seguia em frente.

“*Abra sua porta!*”, dizia uma das vozes femininas. “*Não queremos ter que abri-la à força!*”

Era Anna, a discípula que quis que ela participasse da “iniciação” quando foi a uma festa preculga assim que começou a aprender magia com o pai — aparentemente ela era quem comandava o procedimento até o fim, e também com outros novos aprendizes.

Em Neborum viu um grupo de três castelos mais próximos; voltou a Heelum e imediatamente subiu até o corredor costumeiro mais no alto. Um homem passou por ela, dando-lhe um sorriso cortês, e foi embora logo. Anna parecia estar numa sala no andar de baixo. A porta estava entreaberta.

Os castelos formavam um triângulo; dois bloqueavam a visão de Amanda para um terceiro, solitário, mais longínquo. Um dos castelos aproximou-se levemente do seu, e ao voltar para Heelum Amanda descobriu que fecharam a porta.

Não ia arriscar ser descoberta, então não queria chegar perto da porta. Na verdade, já tinha ouvido o bastante para entender o que acontecia: uma garota ou um garoto como ela, só que talvez com menos força de vontade — ou que atravessou o caminho de uma Anna mais assertiva e sedenta por

demonstrações de poder do que no dia daquela festa — havia sido pego pelas magas experientes. Estava prestes a ser iniciado.

Para não parecer uma bisbilhoteira não podia ficar parada por muito tempo naquele corredor. Andou lentamente de volta até o começo enquanto em Neborum comandava seu iaumo para fora de seu castelo, em direção ao da esquerda à frente; não sabia se era o de Anna, mas era o maior dos dois. Gostou de pôr a dúvida em jogo — parou com as mãos nos apoios de madeira do corredor e concentrou-se em suas costas em Neborum, então coladas nos fundos do castelo sem muros. Deu a volta nele, e assim que chegou à lateral adiantada viu os iaumos das duas meninas, a loira Anna e a morena cujo nome não se lembrava, em uma posição desconfortável à frente do castelo que tentavam invadir. “Estão tentando fazer a chave”, pensou Amanda.

Esgueirou-se pela frente do prédio, tomando um risco que a encheu de adrenalina, e caminhou com os olhos fixos no ponto dos cabelos das duas em que estariam suas nucas. Chegou à porta de Anna, que embora estivesse fechada, não estava trancada. Abriu-a com todo o cuidado, jogou-se para dentro pisando em ovos, e fechou a porta com o mesmo esmero.

Assim que terminou, ouviu vozes do lado de fora. “Não está dando *certo*, Anna, será que esse cadeado não é diferente?”, disse a outra garota; “*Shh!* Eu acho que ouvi alguma coisa...”. “Será que ela...”, “*SSHHH*, idiota, *ali atrás!*”.

Amanda voltou para Heelum, resolvendo caminhar até onde elas não pudessem mais ver seu castelo. Como não estava mais dentro do próprio, foi a Neborum correr até a janela dos fundos mais próxima que pôde encontrar — fez dos corredores no interior do castelo de Anna borrão cheio de luzes, portas fechadas, um lustre que prontamente ignorou, e quando finalmente retornou ao foco estava onde queria.

Neborum trincou-se como vidro por um momento — havia corrido demais e tropeçado no desnível entre o corredor atrás do relógio e o próximo prédio. Não viu ninguém por perto e levantou-se. Ficou alerta, já que o iaumo de Anna corria pelos fundos do próprio castelo e podia vê-la na janela de onde estava — abaixou-se a tempo, respirando aliviada.

Pensou no próximo passo: procurar pelas colunas que davam fundamento ao castelo de Anna.



Barnabás ficou duplamente feliz ao ver a filha radiante. A razão mais simples era óbvia; a mais complexa é que, como Tadeu a aguardava em seu quarto, não poderia ser ele a razão de sua felicidade.

Ou, questionou-se consternado, ela marcara o encontro.

— Oi, pai!

- Olá, filha. Tadeu está esperando no quarto.
- Hm... Vou subir, então!
- Filha... Espere, por favor. — Ela parou na base da escada. — Vocês dois não estão reavivando o que existia antigamente, estão?
- Ela chacoalhou a cabeça até aquilo parecer absurdo.
- Claro que não, pai... Se fosse antes... — Ela atuou, pensando que aquilo seria verdade se não estivessem ainda juntos. — Talvez, mas... Na verdade ele veio me ver porque ele disse que agora que sabemos por que não podemos ficar juntos, poderíamos pelo menos ser amigos. Ele sempre confiou em mim e eu sempre confiei nele... Naquela época... — Adicionou, assustando-se por dentro. — Nós éramos m-muito amigos.
- Barnabás fez que sim com um sorriso, mera sombra do que a filha lhe oferecera ao entrar em casa.
- Não o deixe esperando. Podemos conversar mais depois.
- Voltou-se para a sala, mas o castelo da filha não se moveu.
- ... Pai? Vai ter problema se formos amigos, eu e ele?
- Ele virou-se para ela de novo.
- Infelizmente não posso deixar você correr esse risco, filha. Mais tarde vocês podem ter uma convivência, mas agora... Ainda sinto a questão muito complicada.



- Não posso chegar perto?
- Melhor não... — Disse a dona do quarto, séria, sentando-se à cama.
- Por que você não chegou em casa depois do treino?
- Porque vim para cá.
- Hm... Desculpe, eu esperei por você lá.
- Tadeu arregalou os olhos.
- Você falou com os *meus pais*?
- Não... Fiquei na esquina. Mas espera, eu quero contar uma coisa para você. — Ele fez que sim, pondo as mãos nos bolsos da calça. — Eu cansei de esperar lá e vim para cá. No *caminho* eu encontrei a *Anna*, uma daquelas meninas que tentou fazer a iniciação em mim, lembra?
- Uhum.
- Só que eu vi ela e mais uma garota fazendo a iniciação em *outra* pessoa. A iniciação delas é... Bem, eu não sei se posso contar, mas de qualquer forma eu me escondi, invadi o castelo dela, e fiz uma técnica que eu aprendi para fazer ela pensar que aquela não era a *hora certa* para fazer aquilo! Ela parou tudo e... Resolveu ir embora! — Lançou no ar um sorriso de orelha a orelha, deitando na cama de satisfação. — Não é... O *máximo*? Eu me senti tão... Tão viva, tão *poderosa*!

Tadeu tinha a impressão de que ver os olhos de Amanda brilhando sempre o faria feliz — mas a sensação era-lhe hoje agriçoce.

— Tão capaz de fazer *justiça*! Com as minhas próprias mãos...

Tadeu balançava a cabeça, sorrindo sem mostrar nenhum dente. Amanda desviou a atenção do teto para seu rosto, sentando-se na cama de novo.

— Você não está feliz por mim, Tadeu?

— Estou feliz que você tenha se vingado, mas... Magia que pode fazer justiça também pode fazer injustiça.

Amanda não sorria mais.

— Eu não quero que você estrague esse momento, Tadeu. — Disse, engolindo as emoções do rosto.

— Eu tenho uma coisa pra falar para você também.

— O que foi?

— Aquele grupo de magos de Roun-u-joss que vieram pra cá, que estão na minha casa... Eu acho que... Talvez eles não sejam... *Magos tradicionais*.

— ... Como assim?

— Talvez eles sejam filinorfos.

Amanda fez saltar os olhos, agarrando-se à borda da cama.

— São *O QUÊ*, TADEU?

— *Shh!* — Pediu ele. — O-ou alorfos, eu não sei ainda!

— Isso é PERIGOSO, Tadeu, você *enlouqueceu*?

— N-não, eles só...

— Você sabe que eles *matam* outros magos, não sabe?

Tadeu recolheu as mãos, que antes gesticulavam em vão. Queria explicar que não era nada daquilo; que eles, assim como ele, viam problemas com a magia e queriam *muito* mudar as coisas para melhor.

Tirar a magia do mundo; arrancar o mal pela raiz. Criar uma Heelum em que ele e ela podiam ficar juntos.

— S-sei, é só que...

— Você tem que *denunciá-los*, Tadeu!

— Eu não sei, eu só... Estou desconfiado, é só. Não sei se é verdade. Talvez seja só uma idiotice minha, e-e depois de todo o problema da Anabel eu não quero atrair mais atenção para mim.

Amanda o revistou com olhos distantes. Perguntava-se, sem a menor intenção de se reprimir por aquilo, *o que é que estava acontecendo com ele*.

— Promete tomar cuidado?

Tadeu fez que sim; só não sabia o que fazer para cumprir a promessa.



Tadeu olhou-se mais uma vez no espelho, evitando as próprias pupilas. Não sabia por quê; não precisava estar bem arrumado para aquela conversa. Quem sabe procurava em seu reflexo um sinal de que era aquilo que ele realmente queria. Ou de que a espada em sua cintura não estava completamente fora de lugar em seu corpo. Talvez ela fosse um pouco desproporcional.

Havia funcionários na casa, mas apenas um estava mais próximo; provavelmente antevia a chegada da hóspede. A mãe dormia — e ele, parado em frente à porta aberta do quarto dos pais, não sabia se aquilo era bom sinal.

— Mãe?

Ela girou a cabeça para ele devagar e sorriu, despertando. Seu nariz estava alaranjado, e os gestos da mão a faziam parecer tonta, mesmo deitada.

— Oi, filho... — Disse, com a voz um pouco embargada.

— Você ainda está mal? Está *pior*?

— Sim, mal ainda, mas... Não se preocupe. Seu pai já trouxe alguns minérios.

Tadeu fez que sim com a cabeça. Teve vontade de ir até a cama abraçar a mãe, e surpreendeu-se tanto por resistir ao impulso quanto por tê-lo em primeiro lugar.

— Agora vá. — Disse ela, sorrindo de um jeito mais firme. — Não fique muito aqui por perto.

Ele seguiu seu caminho. Do segundo andar já viu Joana entrar em casa, tirar sua capa verde molhada para entregá-la a um serviçal, e espreguiçar-se no meio da sala.

— Olá... Tadeu. — Disse enquanto ainda esticava os braços. Voltou-se para ele, reunindo o cabelo úmido numa única grossa coluna com as mãos. — Quer conversar comigo?

— Sim.

Estava mais sério do que planejava ou queria. Desceu as escadas de uma forma quase solene, seu coração batendo tresloucadamente; desejou, quando finalmente chegou ao piso, não ser mais baixo que a maga.

— Vocês são filinorfos. Não precisa me ameaçar porque o Gabriel já fez isso.

Joana olhou para o alto; talvez procurasse por Eva. Quando voltou à conversa, deteve-se na espada que o aprendiz bomin trazia à cintura.

— Tu roubou uma espada do Gabriel, Tadeu?

— Essa é a da minha mãe.

— Tu queres lutar comigo?

— Não... S-só quero me defender se você me atacar.

Ele continuou a monitorá-la; em Neborum, assim como fez com Gabriel, concentrava-se em não deixar nada passar para dentro da porta.

— O que tu queres comigo, então?

— É o que eu *não* quero! — Disse, alternando cada vez mais depressa entre Heelum e Neborum. — Eu *não quero* ser um mago! Eu não quero essa desgraça para mim! Não quero essa... Responsabilidade, não quero p-poder fazer isso que eles fazem com as pessoas, não quero... Eu tenho tanta... Tanta *raiva* dentro de mim!

Olhou em todas as direções em Neborum, sem saber se deveria vasculhar seu castelo; o medo venceu o calor que cresceu na garganta, e logo arrefeceu a vontade de quebrar coisas — devolveu-lhe, ao invés disso, a vontade que expressou ao voltar a falar, deixando de se perguntar se estava sendo ou não controlado. Estava cansado de se preocupar com aquilo.

— Quero poder *esquecer* isso tudo e... Pelo menos... Viver como eu vivia antes... — “Não que fosse muito bom”, adicionou em pensamento.

— Isso ninguém pode fazer por ti, Tadeu, sinto muito. — Disse ela, estreitando os olhos à medida que as lágrimas desceram o rosto dele. — Por que estás chorando?

— Porque o que eu quero... São duas coisas... *Opostas*...

— E são o quê?

— E-eu não posso dizer.

Joana girou o rosto como quem entrega compaixão de bandeja. Aproximou-se de Tadeu e secou-lhe o rastro de pranto, segurando suas bochechas.

— Já te disse que tu é puro e isso é bonito, Tadeu... Mas eu não posso te devolver mais dessa pureza que tu queres. Mas *tu* podes diminuir a tristeza de muita gente. Muita gente bem *pior* que tu, porque tu não gostas da magia, mas pelo menos sabes do mal que ela faz e por toda a tua vida tu foi *todo* beneficiado por ela. — Ele assentiu, encontrando paz no verde dos olhos da maga. — ... Que bom que sabes disso. Se eu for uma filinorfa, Tadeu... Consegues imaginar o *tamanho* desse segredo? Queres que eu confie em ti sem tu confiar em mim de volta? Eu preciso que tu confie em mim, Tadeu. Confia em mim o que te mata por dentro assim... Porque eu *posso* ajudar.

A história da diferença

A enorme casa de Kinsley era um marco para o bairro inteiro. Referência geográfica visível à distância, seu desenho grandioso, curvado e cinzento ditava o destino de outras casas importantes nos arredores: estavam fadadas a copiar a mansão do historiador se quisessem ser vistas como belas, ou condenadas a ver a pintura descascar antes de conseguirem superá-la.

Onze dias se passaram desde que Jen, Richard e Christine se hospedaram ali, mas todos os dias continuavam sendo bastante iguais. Outros moradores convidados, todos membros do grupo de reuniões do qual ninguém falava, acordavam mais ou menos no mesmo horário, tomavam café da manhã juntos à mesa (longa tábua de corvônia entrincheirada na bem ornada e caramelada sala de jantar) e eram cordatos uns com os outros. Falavam baixo, entretanto, e tão-somente com seus íntimos; de muitos, Jen e Christine sabiam apenas o nome. Richard, que os conhecia mais a fundo, não ousava fazer a ponte entre todos. Escolheu as duas como companheiras de isolamento social.

A casa possuía quartos para todos, embora Jen imaginasse que a lotação estava próxima. Havia uma ou duas salas de reuniões na qual pisaram uma vez só — depois de receberem olhares tortos por parte das pessoas que as ocupavam, resolveram escolher outro lugar para chamar de próprio, mesmo que temporariamente. Quando Jen não estava em seu quarto, pensando no que deveria fazer quanto ao que viu no Pântano dos Furturos, conversava com Christine e Richard no banco envernizado de um dos pátios do jardim, e aquele lugar era tão particularmente encantador que gostavam de ficar por lá mesmo quando chovia; o telhado que sobrava no topo da casa impedia que ficassem molhados facilmente.

— Mas a gente *não sabe* como está lá fora. — Disse Christine, abraçando as canelas. — Ninguém mais entrou aqui na casa para contar!

— Não é difícil imaginar... — Falou Richard, comprimindo os olhos. — Não entra mais comida, então a produção mínima do centro tem que bastar. Ao mesmo tempo...

Jen ouvia a conversa de soslaio, por mais que parecesse prestar atenção. Na virada do caminho que os levaria para fora do pátio e de volta ao in-

terior da casa, um grupo de três ou quatro pessoas conversava; uma delas era Kinsley. De pé com copos na mão, falavam sobre algo aparentemente engraçado — riam com certa vergonha, entre dedos e desvios de queixo.

— ... Que a cidade tem que abrir exceções logo ou vamos todos morrer aqui sem que o inimigo precise fazer coisa alguma.

— Richard. . . — Christine pareceu interromper seu fluxo de pensamentos, abaixando as sobrancelhas numa expressão absolutamente intrigada. — Como é que estamos racionando comida e temos sempre um café da manhã daqueles na mesa? Almoço, jantar. . . Eu nunca comi *menos* aqui do que comia antes, e olha que nunca fui de comer pouco!

Kinsley encostou amigavelmente a mão livre no ombro de uma mulher coberta por um fino xale vermelho e, com um curto gesto, pediu licença.

— Não sei. — Admitiu Richard. — Mas, bem, é *óbvio* que a cidade acreditou que podia sobreviver pelo menos por um tempo razoável sem ajuda externa ao centro, ou teria criado uma tumba para si mesma. O problema é que não contavam que tanta gente. . .

Jen pediu licença; deu qualquer desculpa de que não estava bem, recusou ajuda, disse que já voltava. Não sabia se cumpriria a promessa.

Procurou o historiador pelos caminhos que, lembrava-se ela, levavam ao quarto dele. Tinha uma noção apenas, não muito precisa, de onde ficava o aposento; deixou-se guiar pela audição, já que corria enquanto ele andava — logo o alcançaria, e o faria seguindo seus passos. Estava certa: não demorou muito para vê-lo virar um corredor em direção às escadas que levavam ao terceiro andar.

— Kinsley?

O pesquisador virou-se, sorridente como se já esperasse por ela.

— Sim, Jen?

A animóloga vestia um longo sobretudo marrom. Trazia consigo, quase sempre, seu caderno de anotações. Não confiava que ele estaria seguro em seu quarto, mesmo que dentro de um baú reforçado.

Sentiu o impulso de pegá-lo; de trazê-lo à superfície e contar *tudo* para Kinsley. No fim, conteve-se.

— Gostaria de conversar com você.

Ele balançou a cabeça, afirmativo, e com a mão fez um gesto para que ela subisse. Ela o fez, em silêncio, e logo descobriu que o andar inteiro, menor que os outros por pouco, era o quarto dele.

Janelas amplas davam-lhe boa visão da cidade, inclusive da Universidade. As paredes prateadas não cintilavam, mas expandiam o espaço pouco mobiliado. Logo à frente da porta, um grande armário de madeira escura; nele havia algumas portas abertas, algumas portas com fechaduras, e uma combinação de partes dedicada a um largo espelho.

— Venha. . . — Chamou ele, entrando numa passagem à direita.

Chegaram à sala que Jen classificou imediatamente como a mais confortável da casa: com paredes alaranjadas num padrão de pinceladas amarelas, havia apenas uma poltrona bordô de frente para outra e uma mesa castanha de canto.

— Não há... Alimento algum aqui, eu receio, mas se quiser eu posso pedir alguma coisa.

— Não... — Interrompeu ela. — Estou bem.

Os dois movimentaram as cabeças juntos, como se concordassem quanto a tudo no mundo.

— Bem... Sente-se! — Disse ele noutro gesto pleno.

A poltrona era fofa e exata; os braços encaixavam com doçura nos suportes, e havia espaço de sobra para as pernas. Jen arranjou o cabelo e ajustou os óculos. De alguma forma os pingos grossos do tempo ruim pareciam encorajá-la — como se tudo que vivera até então tivesse preparado para ela aquele momento.

— Como você pode achar que a Rede de Luz nunca existiu? Como pode dizer as... Coisas que diz n-naquelas reuniões?

Kinsley deixou a cabeça despencar.

— Esperava que viesse me falar sobre os furturos, Jen.

— E vou. — Prometeu ela. — Mas *preciso* entender melhor o que você pensa.

Kinsley coçou o nariz e concordou, juntando as mãos sobre o colo.

— Devo admitir que estou um pouco confuso. Havia pensado que Christine falou sobre o grupo antes que você participasse daquela reunião.

— Não... Eu descobri tudo naquela noite mesmo, e depois ela me explicou umas poucas coisas a mais.

— Ela com toda certeza não agiu corretamente. Você sabe como eu a conheci?

Jen balançou a cabeça.

— Ela defendia uma tese bastante incomum sobre a língua falada durante a Primeira Aurora. Depois de estudar um pedaço dos Arcos Brancos e reconhecer o que parecia ser uma língua muito diferente, ela começou a se questionar se essa era mesmo a única língua existente na época.

“Tudo que sabemos hoje sobre o nosso passado é muito inconstante... Relatos sobre as épocas passadas, feitos por pessoas aparentemente desinteressadas, misturam-se com histórias que nos seriam hoje absolutamente fantasiosas... Se nós ainda não acreditássemos nas mesmas coisas que eles um dia passaram a acreditar. Como pesquisadora, Jen, espero que entenda a importância do estudo sistemático das coisas. Do estudo *cuidadoso*. Espero que entenda a *recompensa* que a cautela, o ceticismo e a dúvida trazem para aqueles que perseveram... E que não são facilmente acovardados pela falta de coragem dos acomodados.”

Jen apenas concordava, pensando consigo mesma que já havia ouvido tudo aquilo (de forma menos condensada, é verdade, e com vozes menos graves e bem definidas que a de Kinsley) nas classes preparatórias para o ingresso na Universidade.

— Deve estar pensando que isto tudo é bastante óbvio — Continuou ele. — mas muitos fecham os olhos para as evidências que apontam para a inexistência histórica da Rede de Luz.

— O que isso tem a ver com a outra língua que Christine acha que descobriu?

Ele sorriu, quase encabulado.

— O ceticismo na forma como constrói as frases é louvável, mas também é míope. O que Christine descobriu é mais um pedaço de evidência no quadro que vamos compondo sobre o nosso passado.

— E que *quadro* é esse, Kinsley?

Jen já havia saído do aconchegante encaixe fundo da poltrona; sentada na ponta do assento, fazia saltar os olhos e articular as mãos no desespero de chegar ao fim dos rodeios do historiador.

— Considere, Jen, que a história de Heelum e da humanidade é mais antiga que o que contaram nossos antepassados. Que as cidades, embora suas origens geográficas e descendências umas em relação às outras *possam* estar corretas, estavam onde estavam há muito mais tempo que a Primeira Aurora. Que nelas falavam-se várias línguas diferentes, sendo que a *na-u-min* não passava de uma língua comercial, comum, *diplomática*, e que por *isso* era tão simples. Considere que os Arcos Brancos foram um feito de engenharia e astúcia, que envolveu a produção da cor branca a partir de técnicas novas, possivelmente esquecidas pelo tempo ou guardadas até hoje com muito segredo, e que marcou o início de uma era de escrita e, principalmente, de um *poder centralizado*.

— E c-como se explicam as outras inscrições do arco? Elas são o cotidiano da Primeira Aurora, o jeito como eles resolviam as disputas que surgiam na Cidade, o...

— Não é conveniente que as inscrições escritas numa língua comum preguem a resolução dos conflitos pela paz ao invés de pela guerra? Trata-se daquilo que cementou a crença de que todos somos, sempre e acima de qualquer outra coisa, *absolutamente iguais*, Jen. E de que os *menos* favorecidos devem procurar resolver os conflitos com os ricos e poderosos, que sempre foram histórica minoria numérica, através da *conversa*, e não da *força*. A *quem* este tipo de ideia favorece?

— Mas... M-mas Heelum nem sempre foi dividida assim. A-antes do sistema de posse individual...

— Sim, havia um gerenciamento coletivo dos recursos, mas nem por isso escalas de *importância* deixaram de existir entre as pessoas. Escalas, é claro,

absolutamente arbitrárias, que raramente estavam ligadas ao merecimento, ao talento ou ao esforço.

— Você está dizendo que as cidades, que já existiam antes, resolveram se unir num poder central... — Conjeturava Jen. — Que esse poder central foi a Cidade Arcaica... E que eles criaram toda uma história sobre a criação de Heelum e dos humanos para justificar um sistema social?

— De forma bastante resumida, sim, você está entendendo corretamente.

— Mas... Por que esconderam a fórmula para produzir a cor branca?

— Para tornar sua existência artificialmente escassa. Encobrir a ideia da Rede de Luz com um mistério inescapável.

— *Quem* esconderia essa fórmula hoje em dia?

— Possivelmente os magos tradicionais. — Kinsley recostou-se mais em sua poltrona. — São os que mais se beneficiam, em vários contextos, desse estado de coisas.

— Contra *quem* as cidades se uniram num poder central? Não teriam feito isso sem um inimigo comum...

— Quanto a isso há várias possibilidades, mas... Uma de que particularmente gosto é aquela sobre a sociedade al-u-bu-u-na, que vive segundo uma configuração política bastante peculiar. Eles...

— Por que nada disso está *escrito* em lugar nenhum? — Interrompeu Jen.

— Os registros são poucos, ocultos, indiretos... A verdade teria sido *duramente* perseguida!

— E quanto...

— Jen. — Disse Kinsley, chamando-lhe a atenção de modo levemente severo. — Sei que deve haver muitas perguntas, mas devo avisá-la de que isto que lhe falei são hipóteses. Quanto a algumas coisas estou razoavelmente convencido, mas em geral é nisto que acredito que, com tempo, com *paciência* e com pesquisa, chegaremos um dia a ter melhores razões para acreditar. A história de Heelum hoje é vista como a história dos humanos desunidos que um dia foram unidos, e que quando unidos alcançaram a felicidade hoje perdida. Para mim, a história de Heelum é a história da diferença... E de como ela foi padronizada, *esmagada*... Preterida em função de uma ideia de união que *atrasa* nosso desenvolvimento. União de toda Heelum, mas também dentro das cidades. Nas jirs. Nas famílias.

A animóloga sentia-se exausta. Praticamente deitou na poltrona, e deixou-se observar em paz o baixo teto acobreado.

— Eu vim aqui para ver se eu conseguia *descobrir* uma forma melhor de pensar, mas... Só fiquei mais confusa.

— Está falando dos furturos, Jen? — Perguntou Kinsley. — Porque gostaria que compartilhasse suas dificuldades. Podemos pensar sobre isso *juntos*.

Jen mirava o solícito historiador, que não tirara os olhos dela.

— Eu não tenho como acreditar, Kinsley, que eles são humanos degenerados... Eu realmente vejo os futuros como animais, e só. — Explicou, balançando a cabeça.

— Isso é ótimo, Jen. É exatamente *isso* que eu imaginava que você descobiria.

— Mas isso também é difícil, porque... Qual é a diferença entre os humanos e os animais? Porque é que nos consideramos tão à parte deles que a Rede de Luz *nos* criou, exclusivamente, e não criou *eles* também? Ou então — Adicionou, acelerada, impedindo que Kinsley tomasse a fala. — Por que logo esses animais foram escolhidos para dizerem que os humanos perderam a humanidade e se transformaram neles?

— Os monstros constituem outro mito útil para os poderosos. — Explicou o dono da casa e do quarto. — Foram feitos para tornar mais fácil o entendimento do que aconteceu nas três Guerras Modernas: a magia foi abusada. Usada de maneira *incorreta*. Ao mesmo tempo que escusa os magos comuns de culpa, já que o problema não é a magia mas seu *abuso*, consolida a imagem da magia como algo *perigoso*, e que portanto não é próprio para qualquer pessoa. Reforça a ideia de que elas não devem *se intrometer* no campo da magia.

— Então esses... “mitos” todos... — Começou Jen. — Vão acabar ajudando os magos, se eles dominarem mesmo Heelum inteira?

— Ajudará a justificar a presença dos magos na posição em que se encontram... No papel que desempenham. Eles estão, afinal, trazendo a união que muitos no fundo desejam para Heelum. Os mitos fazem crer que dessa união só coisas boas podem resultar. A magia tem trabalhado há muito tempo para fazer crer que uma melhor liderança é a solução para os problemas que enfrentamos, e não *liderados* mais independentes e líderes mais *merecedores* de crédito.

— Você acha que começar a contar isso para as pessoas... Espalhar a ideia sobre tudo ter sido uma mentira... Isso pode acabar com a guerra?

Kinsley negou, singelo.

— Não.

— Mas pode fazer as pessoas questionar o poder dos magos, não é?

— Bem... Sim. — Admitiu Kinsley, meneando a cabeça e passando a fitar o chão. — Possivelmente...

Parte IX

Controle abrangente

Capítulo 58

Voz

— Essa é a ideia? — Perguntou Seimor, devolvendo as duas folhas de papel para Leo.

— Sim.

— Falar sobre a guerra, um assunto *proibido*, foi a sua ideia.

— Sim, porque...

— *Nem* mais uma palavra. — Cortou o agente. — Não perca mais meu tempo.

Seimor jogou as folhas no ar na direção do músico, que as agarrou em plena queda, desajeitado. Sentiu as bochechas queimarem, mas não tremia; uma respiração depois já se conformava com a ideia de que havia se conformado.

Virou-se para dentro do galpão. Ju conversava com Mumba, e Lala guardava a guitarra de Leila. Fjor, parado e virado para ele com um rosto vazio, era o único que sabia do teor da conversa.

Leo ajeitou as folhas na mão. Olhou para todas as direções uma vez mais. Para fora, para dentro e para baixo.

Correu até a charrete na hora em que a porta se fechava. Pediu para Seimor abri-la de novo.

— Hoje enquanto vínhamos para cá eu ouvi uma menina perguntando para a mãe onde estavam os irmãos dela. A mãe disse que estavam na guerra. A-a menina perguntou o que era a guerra, e a mãe, que já estava chorando, respondeu que não sabia. Pediu pra menina não falar daquilo.

— *Comovente!* — Ironizou Seimor.

— Seimor, as pessoas... Não vão *dançar* até tirar a guerra da cabeça! As pessoas querem falar sobre a guerra, querem que *alguém* fale sobre isso, mas não tem *ninguém* falando nada sobre isso!

— *Tire isso da cabeça.*

Leo tirou as mãos do chão da charrete, ao nível de seu peito, e deu o passo para trás que deixou Seimor fechar a porta com força e sem aviso.

Voltou a olhar para as folhas nas mãos: pedaços já maltratados de papel amarelado que ele manteve por perto o tempo todo nos últimos dias. Che-

gou a montar a música com toda a banda — embora não tenha ensaiado a própria voz perto das duas novatas e do técnico de som.

Guardou-as nos bolsos internos da jaqueta abotoada pela metade que comprara um dia antes.

Vermelha, lembrava-o bem de Leila.



*Eu sou estranho
Eu vivo mais nesse mundo de adeus
E eu sou estranho
Do seu oi eu me faço mais uma vez*

Leo cantava com as duas mãos no minério de som. Incomodava um pouco a falta da própria guitarra, mas Seimor fortemente sugeriu que ela fosse deixada de lado naquela música. O som de duas guitarras a deixava confusa demais.

E era mesmo uma bagunça. Foi a única música da época em que tinha conhecido Leila que os dois levaram para a banda; compuseram-na juntos no afã da sintonia. Era ousada e, sem ideia da bateria e do baixo (que, quando vieram, enlouqueceram tudo ainda mais), criava ritmo com uma guitarra grasnando acordes estridentes para tentar atrapalhar o dedilhado agridoce da outra, cheio de subidas e descidas, brilho num olhar esquecido. A quase constante guerra de quase solos só podia ser acompanhada por uma letra travessa, própria de uma voz adolescente em época de desafino vergonhoso, que logo se transformava em esperançoso refrão.

A guitarra regular, a bateria sólida e o baixo de linhas retas permitiam só o tempo de um sorrisinho minúsculo para brindar as memórias — as adaptações chegaram à letra também, quase que direto do punho do agente, e fizeram “Uma história torta da letra” passar a se chamar “Mais uma vez” — antes que Leo voltasse a cantar: “Você e eu, não estamos sozinhos. Fomos feitos mesmo num só caminho”.

Antigamente cantava “Você e eu, não fomos feitos sozinhos; fomos feitos um para fazer o outro”.

*E assim, compomos juntinhos
Um mundo de olá, de até logo e de novo de oi*

Acabaram na mesma nota, rápidos, sem alongar demais qualquer adeus. Leo que quis assim: nunca tinha dito o quanto achava que a música tinha sido prejudicada por Seimor, mas não queria dar o braço a torcer para Fjor. Além disso, não queria parecer o sentimental da história — se Leila parecia estar em paz com as mudanças, então por que ele deveria se incomodar?

Quis que acabasse abrupta, sem arrastos. Não queria ser levado junto, mais fundo, na memória.

Deixou o minério de som balançando no palco, pendurado do teto, enquanto foi buscar a guitarra de volta. Ouviu algumas palmas desapassionadas. Aquela era uma casa de shows mais propriamente dita — aquelas pessoas *estavam* ali para ouvir música, de fato; não pareciam apressadas para voltar a conversas, comidas, bebidas e ruminações ao final de cada ato.

Inclinado para a frente, prestes a encostar na guitarra, olhou para seu público. Tinha quase se desacostumado com ele depois de vários shows em lugares inóspitos. Seimor lhes dera um público de verdade dessa vez, mas *por quê?* Se não contava mais com eles, *por quê?*

Olhou para os companheiros. Fjor olhava para o horizonte do amplo salão roxo com o rosto duro. Lala o observava com uma expressão estranha, como se o tivesse pego roubando maçãs de um agricultor pobre.

A plateia que já não mais batia palmas estava ali, sentada em mesas e cadeiras desajustadas, desalinhadas, carcomidamente dissimuladas com toalhas azuis desfiadas pelas bordas. Ao fundo, um excesso surpreendente de interessados ficava de pé mesmo. Seimor também estava lá, Leo sabia; de algum lugar, possivelmente no bar no começo da casa, ele ouvia tudo com meia atenção.

Pegou a guitarra e, colocando-a em si o mais rápido que pôde, andou até Fjor.

— Se eu não tocar aquela música acho que vou morrer. — Disse, sem deixar de encarar o irmão por um momento.

Fjor trouxe o braço do baixo para mais perto de si. Encarou de volta o vocalista, e num sinal sutil deu a permissão que Leo não precisava, mas queria, para ir em frente.

— Ei. — Chamou Leo, num giro em direção à bateria. Lala chegou mais perto, intuindo que o recado era para ela também. — Vai ser a música nova. Vocês lembram do que a gente ensaiou?

— Mas não tem letra ainda, tem? — Perguntou Lala.

— Tem. Ela tem sim.

Leo tomou seu lugar de praxe no palco e esmagou o burburinho nascente com uma retomada brusca do minério.

— Oi. — Começou ele. — Nós estamos aqui... Para divertir vocês essa noite.

Sentiu cada um dos olhares penetrá-lo com uma curiosidade cheia de julgamento. Era muito pouco provável que qualquer uma daquelas pessoas tivesse ouvido falar de bandas de Novo-u-joss que provocavam debates acirrados entre os moradores — debates em que se discutia o mérito de cada sequência de notas em cada música que resistiu à tempestade do tempo e

tornou-se herança da cidade. Ainda assim, era como se fossem, todos eles, críticos. Com olhares semicerrados, ouvidos abertos e braços cruzados.

Leo resolveu olhar para uma mulher mais velha, sentada na mesa mais imediatamente à sua frente. Ela tinha o semblante preocupado, um rosto redondo cercado por um cabelo claro curto e ralo e a cabeça jogada para trás, entediada, suportada quase que bem pouco por um punho displicente.

Olhou bem em seus olhos marcados. Não eram seguros, mas eram melhores de enfrentar.

— Mas também... Nós também queríamos cantar uma outra música. É uma música nova. É uma música diferente.

Não via nada daquilo acontecer, mas sentia que sobranceiras se levantavam por todo o salão.

— Ela foi feita para falar do que ninguém está falando. Porque as tropas de Dun-u-dengo e de Jinsel, que saíram daqui faz muitos dias, e nela podem estar seus amigos, seus... Familiares. — Começava já a olhar de esguelha para a mulher, que apertava as rugas em retorno, sem conseguir tampouco desfazer a ponte. — Essas tropas foram para lutar, e... Podem... Elas foram para Inasi-u-een, mas podem ter ido para Novo-u-joss, que é onde eu nasci. Minha vó mora lá, e... Eu sinto falta dela. E...

Engoliu e finalmente olhou para o resto do salão. Via uma movimentação ao fundo, e parecia que mais pessoas entravam no lugar. Deviam estar querendo entender o sentido de tanto silêncio no meio de uma apresentação.

— E ninguém está falando disso e nós queremos falar.

Largou o minério de som e esperou. Precisou olhar para trás para fazer Jura, que estava visivelmente pálida, começar a movimentar a bateria.

Ela batia nas quinas de um dos tambores principais numa sequência rápida — dos cliques partia para uma batida no mesmo tambor, o que começava a formar o ritmo solitário.

Leo esperou o tempo certo e, no momento em que por alguma razão começavam a diminuir as luzes azuis que inundavam o palco, começou a tocar a guitarra.

Olhava para baixo, sisudo, prestando atenção na arte do que fazia. No fim da primeira sequência Fjor entrou com as notas bem sustentadas que davam um tom profundo ao que ele tocava — que era a mesma coisa, mas que a gravidade transformava por completo.

*Feliz daquele que morreu
Contente com o que ficou
Não foi embora assim
Num papel ruim
Sem dizer sim*

Lala passou a fazer os acordes combinados para dar mais corpo à música na segunda estrofe, e a bateria também ganhou força. Seimor chegou à primeira fileira de pessoas que assistiam à tudo de pé, e Leo cantou um verso inteiro olhando em sua direção antes de perceber que ele estava lá.

*Te diz aquele que sofreu
E que não se acreditou
Que é melhor estopim
A manhã por vir
E o cair por vir ser
mais...*

“Maaaaaais!”, alongou-se Leo na ascensão programada de uma bateria que ele via ter vez e voz pela primeira vez desde que Beni se fora. No calor do fim do verso potente vinha uma nova estrofe — e cada instrumento parecia mais comprometido que o outro em tocar mais alto e mais forte.

*Te diz aquele que chorou
Que a luz nunca o abandonou
Mas ao cair no jardim
Quando veio o fim
Jurou que quis ser mais...*

Ao invés de repetir a palavra, Leo se afastou do minério e começou a fazer um solo. Arrastou a primeira nota o quanto pôde, amedrontado com o que fizera; eles não haviam ensaiado aquilo, e ele só podia contar que os outros continuariam o padrão da estrofe enquanto ele emulava a própria voz num solo previsível. Sabia que com Fjor, pelo menos, podia contar.

Pôde contar com todos.

Foi além; saiu da estrada que lhe abriu o caminho e percorreu, com a paciência que só podia ter tido um músico criado em Novo-u-joss, o braço inteiro da guitarra — das sequências ligeiras no topo até frases mais enunciadas na base.

Sentiu o riso abafado surgir do fundo da garganta sem esforço. Jogou-se para trás, sentindo uma dezena de respingos do próprio suor pularem do cabelo para a nunca. Viu Fjor sair do planejado também, mas manter uma base sobre a qual Leo pudesse prosseguir.

Olhou para Lala e, num descuido, imaginou que ela tivesse tanto entrosamento com ele quanto Leila.

Parou de tocar, esperando que ela assumisse o solo. Ela continuou no ritmo, olhando para ele em pânico; se dependesse de seu rosto, a música se encerrava ali, mas por sorte os braços pareciam responder aos encantos da inércia.

Leo juntou-se a ela no meio do compasso fazendo um segundo ritmo. Com um aceno já sem sorriso, mas de boca aberta, pediu — mandou, sugeriu, instou — que ela fosse em frente.

E ela foi. Abandonou o ritmo e arriscou notas — poucas, bem espaçadas, numa segurança virtuosa que deixava o solo sonhador à medida que ninguém percebesse que ela na verdade não sabia bem o que fazer.

Lala continuou, repetindo o que fizera no último verso e expandindo um pouco mais. Fez um sinal desesperado para que Leo assumisse e ele, sem pensar duas vezes, deu uma passada larga para chegar ao minério de som de novo.

*Feliz daquele que amou
Enquanto aqui podia estar
Com a mão errada eu li
Que o melhor pra mim
É se deixar pra trás...*

Ao invés de prolongar a rima, ela acabou suave, com todos deixando o último acorde seguir ressoando no espaço junto com o sibilo suave de Leo.

O som parou mais rápido do que ele imaginava para o fim daquela música. Deu um passo constrangido para trás e observou como soldado uma infinidade de silêncios sepulcrais.

Virou o pescoço para a direita num quase espasmo; Seimor começava a se mexer, buscando com pedidos grosseiros de licença espaço entre as mesas em direção ao palco.

— É ISSO AÍ! — Berrou um homem com a voz embargada no fundo da plateia. — É ISSO AÍ!

O avalanche veio um instante depois. Clamores de apoio e palmas vigorosas; os que sentavam-se às mesas levantavam, e antes que Leo se virasse para perceber o que Seimor estava fazendo, viu a mulher mais velha para quem olhou antes da música enxugar lágrimas entre as batidas das mãos.

Seimor apontava um dedo para cima — “Uma”, disse ele por debaixo da algazarra, “Mais uma”.

Leo engoliu em seco enquanto o agente passou pelo palco para acessar a área de trás.

— Leo! — Quase berrou Fjor, chegando mais perto. — A gente pode botar fogo nisso aqui... A gente podia...

— Não. — Cortou Leo. — Acho melhor não.

Duplas intenções

Kerinu ainda estava na cama quando ouviu o barulho na porta e levantou-se num salto.

— Eu quero descer. — Disse para Enrico. — Vou falar com ele.

Enrico abriu a porta do quarto e o seguiu escada abaixo, em silêncio. Kerinu encontrou Byron e Tornero no escritório. O mestre, interrompendo a conversa, olhou para o prisioneiro com um misto de surpresa e decepção.

— Você ainda está aqui.

— Eu sei o que eu quero.

Os bomins franziram o cenho, olhando-se por um instante.

— O que *quer*?

— Em troca da sua liberdade, quero sua assinatura.

Byron riu, amargo.

— O que está tentando fazer?

— Eu não quero...

— Enrico. — Interrompeu Byron. — Vá.

O espólio obedeceu, fechando a porta atrás de si.

— Explique-se. — Continuou o bomin. — E fale baixo.

— Não quero nada do que é seu. — Recomeçou Kerinu. — Nenhuma terra, nenhum bem, nenhum dinheiro. Não se trata de nada disso, mas preciso de sua assinatura. Me dê a assinatura e me dê algum tempo e você está livre. Este é o primeiro passo.

Ensaíara aquilo muitas vezes na imaginação; não tendo muito o que fazer, pensar era um dos exercícios em que se tornou proficiente. A assinatura lhe daria mais segurança no objetivo que pareceria absurdo para qualquer outro alorfo. Já o tempo que pedia repassava a Tornero como tranquilizante, já que ele certamente lhe mataria na hora em que visse escapar pelos dedos a chance que tinha de tomar o lugar do mestre.

— *Primeiro passo?* — Indagou Byron. — E depois serão mais quantos?

— Nenhum. Eu só preciso de tempo.

— O que quer fazer com a assinatura?

— Já disse que nada de importante vai mudar na sua vida. Além da liberdade do seu iauomo.

Byron apoiou-se com as mãos por cima da mesa, evitando responder ao olhar de Kerinu ou do discípulo.

Sem mais, abriu uma gaveta à esquerda e tirou dali uma folha amarelada completamente limpa.

— Assine embaixo. — Instruiu Kerinu.

Deixou o papel em cima da escrivaninha quando terminou e andou até Kerinu no caminho até a porta.

— De quanto tempo precisa?

— Não sei.

— *Seja breve*. Estou apostando que você quer se ver livre de mim tanto quanto eu quero você *longe* daqui.

Kerinu assentiu, obedecendo a um comando indiscernível, mas compreensível, para que ele saísse da frente. Olhou para baixo, evitando o outro bomin na sala, que junto ao mais velho marchava rápido para ir embora.

Olhou para trás uma única vez e aproximou-se da mesa; estava ali o rabisco que ele reconhecia de outros documentos. Naquele ponto do papel já podia imaginar o conteúdo da carta. As letras apareciam diante de seus olhos, com contornos doces e sutis, exatamente como precisavam ser.

Sorria, mas parou de fazê-lo assim que ouviu passos do lado de fora da sala cuja porta ainda estava aberta. Procurou um lugar para esconder a carta por fazer, mas suas vestes não possuíam bolsos. Escondeu o papel debaixo de uma pilha de outros documentos, afastando-se da mesa quando Enrico entrou.

— Suba. — Foi tudo que disse.

Kerinu sentiu uma urgência na voz do mago que o fez quase correr. Virou à esquerda no final do corredor do segundo andar, encontrando uma outra escada na próxima curva, logo após uma janela cheia de claridade.

— Aqui está bom. — Disse Tornero, surgindo da escada e prensando Kerinu contra a parede. — O que é que você está fazendo?

— Não interessa.

— Não *INTERESSA*? — Rugiu ele. — Você não *pode* fazer isso, seu alorfo no...

— Eu não me importo.

— E se eu disser para Byron que eu menti e que se você morrer ele vai ficar *livre*?

— Você já apostou na desconfiança dele uma vez. — Respondeu Kerinu, desafiando o bomin com o olhar. — Se fazer isso de novo ele vai achar que você percebeu que tem muito a ganhar e está mentindo, e já não vai saber mais como confiar em você. *Especialmente* se você disser que mentiu da primeira vez.

— Eu fiz mais pesquisas.

— E ele vai querer saber quem foi dessa vez, e eu *garanto* que é preciso ir mais longe que um bar numa jir de uma cidade como essa para achar quem conheça o que eu fiz com ele.

Tornero prendia os músculos da boca, sem resposta, até puxar Kerinu da parede só para empurrá-lo de novo.

— Ele não pode ficar livre de novo, alorfo. Você que não faça *nada* de errado porque *eu* vou fazer ele morrer. Eu disse que você estava *vivo* por causa da minha vontade, não *livre*.

Kerinu aproximou o rosto de Tornero.

— Lidei com você uma vez e posso lidar de novo.

Tornero empurrou Kerinu para o lado, quase fazendo-o cair. Tirou Enrico da frente e seguiu pelo corredor para ir embora.

Em todo o trajeto imaginou-se voltando até lá e infligindo um pouco mais de dor localizada àquele insolente que ousava ameaçá-lo — mas Byron não poderia suspeitar qualquer conexão tão direta entre os dois. As ordens dadas a Enrico não permitiam a tortura.

Não havia mais tempo para esperar que Byron se enfraquecesse sozinho. Ainda precisava arranjar alguém que levasse a culpa por ele, com circunstância, motivo e, se possível, confissão — os discípulos eram sempre os primeiros suspeitos da morte dos mestres.

Precisava fazer tudo logo.

Um lugar grande e complexo

— O que há entre você e o rapaz?

Quem perguntava era uma jovem cujo lindo cabelo encaracolado e volumoso, decoração negra para a pele escura, certamente causaria um impacto em Leo. Cortava batatas com Leila, as duas sentadas um pouco mais longe dos grupos que cuidavam de outras partes da preparação da comida. Tinha uma voz fina (sempre com boa dicção), que vinha dos lábios finos de um corpo fino, das canelas aos braços.

— Hm... Que rapaz?

— O que chegou com você. É Beneditt, não é?

Fez que sim com a cabeça.

Nunca sentiu o próprio cabelo tão pesado nas costas. Não tinha mais Leo por perto para pedir para deixá-lo daquele jeito. Sentiu uma vontade avassaladora de cortá-lo.

— Nada. Não há nada.

A garota concordou com um sorriso simpático.

— Nós somos amigos. — Tornou a explicar. — Há muito tempo.

— Você é amiga dele há muito tempo.

— E ele é meu o quê? — Rebateu Leila, estupefata.

— Depende... Na realidade ou nos sonhos dele?

— Não é assim...

Leila tentou desviar a conversa com um riso, mas acabou saindo mais nervoso do que planejava.

— Sabe... — Recomeçou a garota. — Quando você se reúne noite atrás de noite com outras pessoas que... Que também querem... Ver a *beleza* de tudo o que é triste... Você descobre um monte de coisas em você mesma. Muitas delas são surpreendentes! Quando você menos percebe as surpresas fazem parte do seu dia a dia. Uma alegria... Um sentimento bom que nasce no meio do peito e sobe a garganta sem fazer doer...

Leila a encarou, parando de roer a batata com a faca.

— Eu não... O que você quer que eu faça? Ou...

— Nada em especial... Só estou tentando dizer que se você olhar para o espaço entre vocês dois... Você pode ter uma surpresa boa. Só isso.

Leila voltou à tarefa quando viu que mais adiante algumas pessoas se desfaziam das suas. Jam ver o que estava acontecendo em outra parte da floresta, para além do que podiam enxergar de onde estavam.

— Ah, não... — Murmurou a garota, já se levantando.

Leila ergueu-se também, atrasada, perguntando o que houve.

Ninguém ao redor respondeu. Foi até onde conseguiu ir para ter uma visão da clareira; percebeu que duas pessoas carregavam com dificuldade uma terceira nos ombros.

— Quem é? — Tentou de novo.

— É o Anraig. — Respondeu a garota. — De vez em quando ele fica assim.

— Por quê?

Recebeu um dar de ombros como resposta.

— Eu não sei.

— Mas ele vai ficar bem?

Leila tentou desconsiderar a respiração que antecedeu a resposta final, que chegou adoçada com mais um sorriso desanuviado.

— Costuma ficar.



Jinsel era dividida de uma forma visível, mesmo que ninguém falasse muito daquilo. Mais próximo à nascente do rio com o mesmo nome que a cidade ficavam casas cujas cores eram mais vivas, as janelas mais numerosas, e os habitantes, mais poderosos. À medida que o curso seguia para o Oeste, os bairros se transformavam, acabando em gotas esparsas de casas e comércios, já quase outras jirs, de menos ricos amontoados.

No Nordeste da cidade, Seimor subia a ladeira de uma pequena zona murada, guardada todos os dias e todas as noites. No começo da guerra a segurança havia sido reforçada com guerreiros do exército — mas estes logo foram dispensados, já que nada de extraordinário aconteceu na área.

Parou em frente a uma casa cor-de-telha com janelas amadeiradas. Como no caso de quase todas as outras casas, duas pomposas árvores fincadas em uma faixa fina de jardim ladeavam a porta principal como guardiãs silenciosas.

Foi atendido por um jovem empregado com a pele levemente marcada — cicatrizes antigas? — e uma roupa bordô tão extensa que Seimor sentiu-se em um dia de sol em torn-u-sana só de olhar para o tecido.

— Pode entrar, senhor Seimor, ela já está esperando pelo senhor!

A casa por dentro foi igualmente escolhida para a escuridão: as paredes verdes pretendiam ser esmeraldinas, mas saíram como florestas encharcadas; havia tantos quadros, vasos e decorações multicoloridas pela casa e na subida das escadas de madeira clara que ele se perguntava se haveria algum

lugar para sentar ou se, talvez, os sofás também estivessem cobertos por objetos carentes de atenção.

Não deu duas voltas na ocupada sala de recepção antes que ela descesse.

— Seimor? — Chamou uma rouca voz feminina do alto da escada.

— Sim? — Reagiu o agente.

Com um muxoxo inaudível, a mulher de cabelos vermelhos à altura dos ombros, lisos e secos como palha, começou a descer. A alta e forte mestra do programa de música da cidade cadenciava o corpo largo a cada passada; a capa vermelha aberta na frente, revelando simples vestes pretas por debaixo, também balançava com o andar duro.

Apertou a mão de Seimor sem sorrisos ou reticências e convidou-o a segui-la. Logo fechava as portas de correr do escritório pessoal, trancando-as, e se acomodava na poltrona atrás de uma escrivaninha curva à frente da parede verde-água.

Seimor permaneceu de pé, fingindo admirar as plantas num dos cantos do escritório.

— Estou sabendo do que aquela sua banda fez ontem e não estou muito contente.

Ela juntava as pontas do dedo em cima da mesa. Seimor a conhecia o bastante para saber que ela queria transmitir alguma notícia ruim com aquela postura. Ele só não conseguia saber — não estava ainda tão versado naquele corpo — se ela o faria com prazer, com senso de dever cumprido ou, ainda, com amargura e tristeza.

Já intuía que amargura não tinha nada a ver com o que ela fazia. Ou pelo menos não tristeza.

— É verdade que você interrompeu o trabalho dos agentes de controle?

— Tive que fazer isso, eu confesso. Por isso, peço...

— Você sabe que isso é um crime, Seimor. — Interveio ela, balançando a cabeça ao lançar-lhe olhos de losango. — Isso é uma coisa que eu não posso tolerar.

— Apenas ouça, por favor. — Pediu Seimor, com a palma da mão para baixo estendida num estranho gesto. — Eu *proibi* a banda de cantar aquela música. Eles desobedeceram a minha ordem.

— Não o exonera de responsabilidade.

— Sei que não. — Apaziguou o agente, limpando a garganta. — Mas... Pedi aos agentes que não os levassem, e que ao invés disso me deixassem falar com você, porque eles, a banda, tiveram um sucesso *incrível*.

A mestra juntou uns dedos aos espaços entre os outros e franziu a testa.

— Isso é mais um motivo *sério* para tirá-los de circulação... — Ela abriu uma gaveta e, pelo barulho que fazia enquanto olhava para ela, vasculhava uma série de papéis pelas pontas. Seimor esperou até que ela tirasse de lá

uma ficha amarelada. — Foi nessa banda que houve a fuga de dois membros, não foi?

— Sim. Mas isso já é passado.

— É bem recente, na verdade... — Comentou ela, passando os olhos pela ficha.

— O que eu quero dizer, mestra... — Recomeçou Seimor. — É que a música foi um sucesso indiscutível. E, *ao mesmo tempo*, não foi violenta. Não incitou a *baderna* ou a desarmonia.

— Então você confia na letra? Confia que não vai despertar... “Aspirações” maiores?

— Não... Está longe disso! Diria até que é... Inofensiva.

— Inofensiva?

— Sim. Espero que aprecie as possibilidades que isso abre. Pense bem...

Seimor tinha as mãos suspensas em frente ao corpo, calculadas em pose para explicação. A mestra, por sua vez, tinha-nas desconfortáveis por cima da mesa, da ficha da banda, da caneta largada de lado. Não sabia onde colocá-las.

— As pessoas... Não podem trabalhar e se divertir até esquecer que estão em guerra. — Disse Seimor, parafraseando Leo de memória. — É preciso... É preciso alguém que *ensine* um *jeito* de olhar para a guerra.

— Um quadro... — Divagou a mestra. — Uma direção para onde olhar...

— Sim.

— Um jeito de pensar...

— Uma opção segura e popular.

— Muito bem. — Disse ela, balançando a cabeça positivamente. — Me traga a letra da música. E eu quero ver de perto a próxima apresentação dela.

— É claro, mestra. Se me permite... Gostaria de saber se seria possível para a senhora continuar dispensando as mesmas regras de proibição do tema às *outras* bandas.

Ela sorriu.

— Dependendo do quanto essa exclusividade vai significar para mim... E se a música *realmente* for aprovada... É claro, por que não?



A mão de Leila quase coçava; não era o fogo, que às vezes deixava algum dedo do pé ou ponta de orelha particularmente sensível. Nem o tempo, nem o pouco vento, nem o escuro. Vinha de *dentro* a vontade de que se acabasse logo aquela melodia repetitiva para ela poder aplicar na guitarra uma progressão de acordes simples que veio com força o bastante para calar todo o resto dentro da própria cabeça.

Ela passou de mão em mão. Leila ajustou o instrumento nas pernas cruzadas e começou, tendo certeza do lugar de onde partir.

A canção vinha em ondas, batia num rochedo que funcionava como dedo erguido em ameaça, e acabava em um tom brincalhão, quase que desfazendo qualquer aperto que pudesse ter enredado.

Mas não enredava. Era uma harmonia amigável, cuja capacidade de fazer florescer sorrisos aos poucos não poderia ser drenada nem por palhetadas rudes. Mas Leila não tentava drenar nada; queria justamente ouvir aquela música plena, do jeito como ela lhe apareceu. As letras vieram rápido no fim da sequência, começo de mais uma repetição.

*Eu quero dançar com você
Eu quero fugir com você*

Pras últimas duas partes ainda não sabia o que dizer, então acompanhou com murmúrios de lábios fechados. Na próxima chance, tudo se encaixou.

*Quero balançar com você
Sair do lugar com você
Abrir os portões para ver
Onde vai sair
E quando o sol se mexer
E tudo se amanhecer
Estaremos longe daqui
Longe daqui, é...*

Fechou os olhos para acompanhar a música que, sabia em seu íntimo, já havia acabado. Com um acorde cheio de eco, permitiu que terminasse para todos.

Leila abriu os olhos aliviada como há tempos não estava — ou talvez estivera tão nervosa com tudo que, desde que fugira, descobria que um alívio ainda maior era possível a cada novo abrir de braços para abraços.

Olhando em volta, engoliu em seco ao perceber que não recebia muitos sorrisos. Estes vinham de pessoas distantes, das mais polidas; as outras, mais sinceras, olhavam-na como uma estranha.

Buscou apoio em mais lugares e viu Beneditt, que lhe entregava um sorriso em que podia confiar. Um pouco mais distante ficava, também sorridente, a colega um pouco mais jovem que recomendou que os dois olhassem melhor para o espaço entre eles.

Passou a guitarra adiante e virou a cabeça para o chão, pensativa.

Sua música destoava completamente daquele lugar, esse era o problema. Não estava nem um pouco relacionada a uma vida ao lado da tristeza. Tratava-se, pelo contrário, de sair de perto dela o mais rápido possível.

Estaremos longe daqui.

Leila não sabia de onde veio aquela frase — ou qualquer outra. Não sabia sequer para quem cantara o que cantou.

Quando a música posterior, que mal tinha começado, foi interrompida, viu que Beneditt, de pé, a chamava. Atrás dele, viu um dos modenais que, como ela tinha entendido nos últimos dias, cuidava de Anraig em alguma parte da floresta.



Leila e Beni andaram por lugares que nunca haviam tocado. A mata era mais fechada e, à noite, certamente seria um labirinto intransponível se não fosse pelo modenal que seguia à frente com um minério amarelo.

Passaram por um ou dois veios d'água até verem mais adentro, na escuridão que sobrepujava a fonte envelhecida de luz, a entrada de uma caverna.

A abertura era grande o suficiente para os três ao mesmo tempo, lado a lado, mas não muito mais que isso. Os novatos não tinham pressa, temerosos de toda sorte de perigos vindo do chão, das paredes, do teto — de buracos a criaturas estranhas, aquele lugar seria extremamente eficaz ao esconder qualquer coisa.

— Anraig está aqui? — Perguntou Leila.

— Sim. — Respondeu o modenal.

Os músicos deram as mãos. Viraram uma curva e logo enxergaram, através de uma série de tochas no recinto ovalado, a galeria em que entravam. O teto côncavo dava a impressão de um lugar construído para um leito como o de Anraig, que olhava para eles do chão com um riso aberto no rosto e as mãos entrelaçadas por sobre a barriga.

— Que bom que vieram! — Exclamou, fazendo esforço para se levantar.

Foram até ele. Ajudaram a colocá-lo sentado como queria. Estavam entre as quatro pilastras que ardiam em chama, e pelo calor daquela pequena área entenderam porque o velho modenal, que parecia tão debilitado, tinha o peito nu e pés descalços, vestindo apenas uma canga cinzenta. Seus cabelos estavam cortados, quase raspados de tão baixos; podiam perceber agora o quanto sua cabeça era grande.

— Que bom que vieram... — Repetiu ele.

— V-você está bem? — Perguntou Leila.

— Sim... Sentem-se, por favor.

Leila e Beni trocaram olhares, soltando as mãos úmidas com o calor, e desceram ao chão de pedra.

— Peço desculpas. Sempre fico um pouco fraco quando tenho as minhas visões.

Os dois à frente permaneceram olhando para Anraig como se a frase não tivesse acabado.

— Que-que visões? — Perguntou enfim Beni.

— Visões... De coisas que... Ainda não aconteceram.

Risos segurados correram o salão, mesmo que tímidos.

— É impossível prever o futuro, Anraig... — Começou a se interpor Leila.

— Não são bem visões... São... Caminhos. Eles aparecem para mim. Você tem razão, eles nem sempre acontecem. Mas...

Ele parou, olhando para o modenal que, depois de afastar mais as tochas do grupo, veio se sentar com eles.

— Você é um mago? — Indagou Beneditt. — Magos podem fazer isso?

— Eu não sei. — Respondeu Anraig, levantando as sobrancelhas. — Sei que deliro, e na minha febre eu não estou mais aqui... Estou num lugar grande... Um lugar grande e complexo, cheio de... Portas e... Reviravoltas... Um lugar que eu controlo, mas não sei como. Nesse lugar os caminhos vêm até mim.

— E você queria falar alguma coisa para nós? — Perguntou Leila.

Anraig expirou a reserva de ar que ele parecia estar guardando no peito há dias.

— Ficar aqui, conosco, não é o caminho de vocês. Muito embora vocês aprenderam um pouco sobre a amizade da tristeza, vocês não devem ficar.

— Não sei se fiquei tão *amiga* da tristeza assim... — Respondeu Leila.

— Você é amiga dela quando ela não é ruim. Quando ela não oprime, nem vence, mas *faz melhorar*.

— Mas... — Chamou atenção Beneditt, tentando recolocar a conversa no ponto certo. — Qual é o nosso caminho, então?

— O seu eu não vi, Beneditt, me perdoe. O que eu vi não foi escolha minha ver. — Voltou-se para Leila. — Mas o seu... É o caminho da raiva.

— Raiva?

Ela fez que não, percebendo novamente os cabelos mais como correntes do que qualquer outra coisa.

— Q-quer dizer, eu sinto raiva também, mas como todo mundo!

— Ainda. — Interveio Anraig.

— Ainda o quê?

— Ainda sente raiva como todo mundo. Você tem que construí-la melhor ainda.

— Mas *por quê* eu construiria raiva dentro de *mim*?

— Você aprendeu a olhar para a tristeza e se surpreender. — Anraig continuava tão sereno quanto no início da conversa. — Se você se permitir olhar para a raiva do mesmo jeito, vai encontrar exatamente o que precisa. Ou o que vai precisar... Mas tudo tem seu tempo! — Exclamou, antes que

Leila voltasse a falar. — De qualquer forma... Eu penso que vocês devem partir.

O silêncio caiu sobre a caverna e fez com que ela parecesse, pela primeira vez, perigosa como uma. O fogo já queimava mais baixo, o teto era céu sem estrelas perto demais, e o ar não parecia mais ser o bastante para todos eles.

— Só não esqueçam, onde quer que estejam, de uma coisa! — Disse Anraig, enraizando no rosto avermelhado um de seus sorrisos são mais marcantes. — Eu posso não voltar para junto dos outros antes que vocês partam, então preciso dizer agora... Não fiquem longe da música. *Jamais!*

Capítulo 61

A batalha de Ia-u-jambu

Christine, Richard e Jen assistiam de uma janela alta do segundo andar o ritmo das ruas. Os inimigos estavam às portas da cidade, e os oficiais do exército usavam minérios de som para prometer alimento e abrigo para quem quisesse engrossar as fileiras das tropas defensoras. Aqueles que aceitavam a promessa barganhavam os termos do acordo: primeiro a comida, depois o uniforme e as armas. Ao mesmo tempo e a poucos passos das cenas, guerreiros do lado de dentro de outros muros e outros portões defendiam as casas contra a pilhagem; pelo lado de fora, a ação era coibida pela polícia, braço do exército esvaziado na transferência de forças para as muralhas.

Jen esticou o pescoço, tentando ver algum pedaço da frente da casa.

— Por que ninguém tenta invadir aqui? — Perguntou ela. — Eu não lembro de ter visto nenhum guerreiro contratado do lado de dentro... Ou de fora...

— Não sei. — Falou Richard, com o mesmo semblante sério há tempos adotado e querido como filho. — Sei que as coisas não vão nada bem fora dos muros... As jirs juntaram-se ao Conselho.

— *É claro!* — Disse Jen, fechando os olhos. — Sentiram-se traídas pela decisão de fechar o centro.

— Não é como se elas tivessem ficado à *míngua!* — Protestou Chris. — Digo, a *comida* daqui vem em grande parte de lá, então bem servidos eles estão!

— E exatamente *por isso* ficam abertos à pilhagem! — Disse Richard. — A única outra explicação é que... Foram controlados. Pelos *magos* da tropa.

— *Aposto* que é ressentimento mesmo... Se eles ficaram mesmo em perigo por fecharem os muros não me surpreenderia, já que é como o Kinsley costumava dizer nas reuniões: sempre desde que a hierarquia e o poder centralizado surgiram nas cidades, *seja lá quando isso foi*, só existe a preocupação de resguardar os mais ricos e “importantes”.

— Será que eles vão atacar invisíveis? — Perguntou Jen, arrumando o cabelo involuntariamente. Sentia um calor subir-lhe o corpo aos poucos, e resolveu deixar de olhar pela janela; tudo que via só a deixava com mais certeza de que a cidade sucumbiria. Se não para os inimigos, desgraçada

sobre si mesma. — ... Como... Fizeram na Cidade Arcaica?

— Por enquanto não. — Respondeu Richard. — Pelo que ouvi eles estão bem visíveis do lado de fora.

— As esferas de bronze devem ter acabado. — Disse Christine. — Kinsley disse que eles só vieram invisíveis agora porque demorou *eras* e eras até que as cidades conseguissem reunir a quantidade de esferas que precisavam para deixar um exército *inteiro* invisível... Porque *se pudessem, todas* as tropas de Heelum lutariam invisíveis *sempre*.

Jen amarrou o rosto para ela, tentando conter a irritação que queria transbordar como rio irrepreensível.

— Você anda falando demais com Kinsley, Chris. E acho que está dando pouco crédito pras pessoas.

Surpreendeu-se quando a amiga virou para ela. Era agora capaz de ver o rosto completo de Christine: não fazia ideia de que ela chorava.

— Estamos numa *GUERRA*, Jen. E não é lá fora, não, é *aqui dentro*, na nossa cidade. Estamos lutando contra *covardes* que vão derrubar nossos muros, destruir *tudo* aquilo em que acreditamos, misturar um bando de *magos* na cidade livre de magia que nós conseguimos construir com *tanto* esforço para viver em paz, em... Sei lá, em *democracia*, em *liberdade*...,

— Chris...

— E o *pior* é que toda nossa pesquisa e toda nossa inteligência e nós estamos *aqui* sem poder fazer *nada* a não ser assistir essa... Essa... — Apontava para a rua com dedos que logo se reuniram de novo, selando a ira no punho fechado. Fazia uma palavra atropelar a outra, como se apostasse corrida até o chão entre discurso e lágrimas. — De onde *você* tira forças para “*dar crédito*” para as pessoas, hein? Nós somos tão *incapazes* de olhar uns pros outros, de respeitar uns aos outros, de *sentir o que o outro sente* que precisamos de uma “*luz*” branca que nunca existiu para ajudar a gente a fazer isso... Não é *óbvio* que essa porcaria nunca existiu, Jen? Ela só existe como *DESCULPA* para *qualquer coisa* que fizemos. “É porque não tem mais luz!”, vão dizer sempre... “Porque a Rede de Luz foi *embora!*”. Claro, com certeza... Bando de... *Malditos*...

Quando Christine quebrou o contato visual, caco de vidro arranhando tudo que acertava, Jen olhou para Richard, que parecia alheio ao desabafo — ou tão impactado por ele que não queria compartilhar nada com ninguém.

Sentia-se tola, até mesmo insensível, por não se sentir do mesmo jeito que a amiga. Tinha certeza de que estava tudo errado, é claro — e tinha plena consciência de que tudo estava fora do lugar — mas não chorava.

— Quer saber de onde tiro essa força? — Disse Jen, empurrando os óculos de volta para o topo do nariz.

— *Hm*.

— De *você*.

Christine fez um muxoxo embargado. Enrugou a boca, rearranjou o cabelo, cruzou os braços.

— Para com isso...

— Eu amo você, Chris. Você é a minha melhor amiga, e...

— Ah, para logo com...

A voz foi sufocada no abraço forte. Quando Jen a recebeu, sentiu os olhos apertarem pela primeira vez em muito tempo.

— Eu também quero um abraço... — Choramingou Richard.

As duas riram, uma mais engasgada que a outra, e abriram espaço para o choro seco do ex-militar.



Trancou a porta do quarto e sentou-se à cama. Os outros estavam na sala de jantar, mais silenciosos que nunca, comendo ao som das batidas que chegavam de longe e faziam o coração bater mais rápido — a imaginação era o pior dos dons, pois fazia qualquer um enxergar vívidos destroços mesmo que, e talvez principalmente por, não saber o que estava realmente acontecendo.

Jen não conseguiu comer. A realidade, que ela também não conseguia ver de perto, entrou pelos ouvidos e ganhou corpo à força. Não podia mais adiar a decisão que tomara, talvez há mais tempo do que pudesse perceber: Heelum precisava saber mais sobre o próprio passado.

Tirou o caderno de anotações de dentro do largo bolso interno da capa negra. Abriu a página minimamente rasgada e leu o conteúdo mais uma vez.

Ouviu batidas à porta; num reflexo, guardou o caderno de volta.

— Oi, Jen. — Disse Chris, à beira da porta com um curto sorriso. — O que está fazendo aí? Por que subiu?

— Ah, eu não queria... Ficar sentada lá estava me deixando deprimida.

As batidas não paravam; perfuravam os pensamentos, e o faziam fora de ritmo pois não obedeciam a qualquer lógica regular.

— É, bem... Há um *motivo* para isso! — Riu-se Chris, nervosa, como se sair da sala de jantar fosse uma óbvia ofensa.

— Eu sei, eu... Eu precisava de um pouco de paz. *Por favor não me culpe.* — Apressou-se em dizer Jen assim que viu a retorção sarcástica no rosto da amiga. — ... Eu estou lidando com outros problemas.

— É sobre a pesquisa?

Era chegada a hora. Se tinha que contar para alguém, seria para Christine primeiro.

— Sim.

— Eu estive pensando... — Disse Christine, mais que rapidamente fazendo o sorriso voltar ao rosto. — E se você quiser eu posso ajudar você com esse problema. D-digo, é *óbvio* que é alguma coisa com esse seu diário, já que você passa bastante tempo estudando ele no seu quarto quando não está com a gente, então eu... Poderia, talvez, se você *deixasse*... Ler o caderno. E ver se descubro algo que possa ajudar você!

Jen abriu a boca; não era assim que preferia que as coisas acontecessem. Havia imaginado chamá-la para o quarto, obrigá-la a se sentar — sempre uma boa precaução para uma grande revelação — e então a mostraria página que havia cogitado incinerar desde que saíra do Pântano dos Furtivos.

E no entanto, ali estava ela; sua melhor amiga, que jamais se interessara por animais (ou pelo estudo deles) oferecendo-se para ler o caderno de anotações.

E algo estava definitivamente errado com aquele sorriso; Jen não era exatamente uma grande observadora das mais variadas e sutis expressões que os humanos conseguiam inventar, mas conhecia Christine o bastante para saber que *aquela* sorriso era apenas um artefato que reuniões sociais desagradáveis exigiam vez por outra.

Fechou a boca, engolindo a coragem frágil que reunira há pouco.

— Mas, Chris... — Riu de nervosismo, tentando suavizar a sensação urgente de que algo estava fora do lugar. — Você nunca leu um diário de animologia, *mal leu um livro* sequer de animologia...

— Sim, sim! — Interrompeu Christine, tentando disfarçar a impaciência. — Mas uma amiga não pode querer ajudar?

Manteve o riso como arma de sobrevivência, mas sua cabeça trabalhava como nunca. Misturava pedaços e retalhos de informação, e o fazia no pulsar do quebra-quebra na distância noturna.

Era óbvia a razão pela qual a casa continuava imaculada apesar da balbúrdia em que a cidade mergulhara. Por que sempre havia comida disponível para tanta gente num mesmo lugar. As refeições não eram banquetes, mas aquilo não era racionamento; era, no máximo, comedimento.

“É tudo verdade sobre ele”, pensou Jen. “Ele não ficou satisfeito com o pouco que recebeu, e *ele percebeu* que só a conclusão de que os monstros eram simples animais não poderia ter causado tanta confusão na minha cabeça... Eu não entreguei o diário e ele, naturalmente, desconfiou...”

— *Ei*. — Chamou Christine, dando um passo desajeitado à frente. — Você é minha *amiga*! *Confie* em mim!

“Magos *podem* fazer isso?”

— Chris. — Jen agarrou seus ombros. — Eu *confio* em você, por isso tenho um pedido *muito* importante para fazer.

— Sim? — Pediu ela, cheia de esperança.

— Eu vou... Eu vou *contar* para você um *grande* segredo... — Jen arquitetava uma forma de, se necessário, passar ao largo de qualquer instrução que Kinsley a obrigara a executar. — Algo que não contei ao Kinsley sobre a pesquisa, e que ele provavelmente quer *muito* saber...

— Isso, sim...

— Isso... — “O que ele *fez* com ela?” — ... Mas *antes*... Para que eu possa contar isso para você...

Pensou em pedir que ela chamasse o Richard até o quarto. *Ele* saberia dizer se aquilo era algo que um mago faria.

Por outro lado, se Kinsley havia realmente feito com que Christine viesse atrás da verdade... Poderia ter influenciado Richard também.

— Sim?

Lembrou-se do fato que Richard conhecia Kinsley há muito mais tempo — podiam ter compartilhado, ela e ele, dias e dias da mais estranha aventura num pântano distante, mas ele era *guarda* das reuniões secretas. Não era um membro qualquer. Era da mais absoluta confiança de Kinsley.

— Eu preciso que espere até amanhã. — Resolveu dizer. — E não diga *nada* ao Kinsley.

— Não dizer o quê ao Kinsley?

— Não dizer... *Nada*. Não diga *nada* a ele, sobre nada!

— E amanhã eu venho para cá?

Teria um dia inteiro para confrontar Kinsley. Ela tinha um segredo que ele queria — ele não a machucaria mesmo se ela fosse um problema por tê-lo descoberto.

— Sim... — Pensou um pouco antes de largá-la. — À *noite*! Depois de não me ver nem me procurar o *dia inteiro*!

Christine a olhou de lado, como de praxe. Por um instante Jen quase reconheceu a centelha de espontaneidade que sempre surgia em olhares como aquele por parte da amiga.

— Que instruções malucas são essas?

— Quer ouvir o que eu tenho para contar ou não? — Christine arregalou os olhos ao fazer que sim com a cabeça. — Então vá!



O barulho de destruição, sem trégua e sempre presente, fez a noite surgir sem ser anunciada. O minério de luz já estava engavetado, mas a escuridão amansada pelo céu pontilhado de cores não seria o suficiente para permitir que Jen dormisse. Estava debaixo da janela, com a cabeça na parede e as mãos sobre o colo, a imaginar a vida depois da invasão — *sobreviveria* a ela em primeiro lugar? Se a Universidade não fosse destruída pela fúria dos magos, que pisariam livres na cidade pela primeira vez em imemoráveis

rosanos, como ficaria seu trabalho? O que o círculo secreto de Ia-u-jambu faria com o documento que pretendia montar para finalizar sua pesquisa e entregar para Kinsley?

Sentiu o peito apertar; fisicamente doer. Não ouvia mais silêncio pontuado por catapultas e lançadores, apenas; as ruas enchiam-se de homens, mulheres, couraça e metal — suas passadas faziam-na sentir protegida de novo, muito embora não ignorasse o fato de estar sendo abraçada por um maremoto. Talvez ficasse feliz por não estar sozinha, mesmo que separada, para o bem e para o mal, de toda aquela gente que só fazia se defender.

Não estava perto o bastante para ouvir do que falavam, mas entendia cada berro, fosse ordem ou desespero, que viesse deles. Quando ouviu as primeiras palavras de ordem mais duras, teve coragem de espiar a partir da borda de baixo.

Viu os inimigos se aproximarem; um mar ligeiro e resoluto de forças contaminando a terra ao redor da mansão de Kinsley. Viu guerreiros tombarem com cortes, com chutes, com flechas, estocadas de lanças traiçoeiras; viu soldados serem dominados no chão e assassinados, visores de elmos levantados para que lâminas encontrassem o caminho da cabeça, das pernas, do pescoço. Viu pequenas charretes surgirem na multidão, yutsis assustados abrirem caminho com a força das patas e barreiras de escudos serem derrubadas pelo ímpeto dos invasores.

Viu sua esperança ir embora junto com qualquer calma que havia conseguido proteger durante todas as horas que levaram até aquele momento. Sua respiração tornou-se entrecortada, e sua visão, turvada por uma dor de cabeça que não soube de onde veio. Passou a mão pelos cabelos, e já não sabia que peça de roupa tirar para resfriar aquele calor que a queimava de dentro para fora. Acabou tirando os óculos, num pensamento tolo, obviamente inconsciente, de que talvez não veria o que não pudesse ver bem — mas fechava os olhos e ainda ouvia berros, urros, ordens e gritos, ambos desafinados, implorando pela vida ou pela eficiência, por favor, na defesa febril que desmoronava.

Ouviu o estouro de portões do outro lado da rua; voltou a levantar o olhar. Colocou os óculos de volta e viu que um grupo de inimigos entrava numa das casas em frente. Desalojava quem lá estava, jogando-os para fora aos agarrões; espadas eram usadas no jardim para cortar suas gargantas assim que saíam, numa fila sem misericórdia na qual pareciam enxergar apenas chato procedimento burocrático.

Sentou-se de novo e dessa vez decidiu não ver mais nada; cobriu a boca com as mãos, sem evitar o choro — segurou a garganta logo depois, num medo irracional de que o próprio quarto iria arrancar sua cabeça fora.

Ouviu uma batida violenta demais e próxima demais para ser mais um ataque à muralha — a virada instintiva do rosto fez o corpo dizer que ela

acontecía ali mesmo, na casa em que se escondia.

Apurou os sentidos, engatinhando até a cama; mais uma batida, e parecia que se queria derrubar a porta. Depois de um ranger estranhamente familiar, não houve mais ruído.

“Eles tiveram que invadir as casas que não abriram a porta para eles”, pensou Jen. “Mas se há um mago que ceda a casa de bom grado...”

Levantou-se, passando a mão pelos cabelos; destrancou a porta e saiu corredor afora. Sentiu o caderno, retângulo incomum para o qual o bolso não foi planejado, bater em seu peito enquanto corria. Passou por mais e mais quartos, ouvindo alguns serem trancadas à medida que passava por eles.

Pouco antes de chegar às escadas, um soldado inimigo agigantou-se sobre ela, fazendo-a berrar de susto e atirar-se contra a parede gelada, sentindo o coração esperar.

Ele continuou seu caminho pelo corredor, ignorando-a por completo.

“O QUE FOI ISSO?”, perguntou-se, ainda extasiada, antes de seguir caminho. Encontrou Kinsley no comando da porta, fechando-a assim que o último arqueiro entrou na residência.

— Kinsley? — Perguntou ela, fazendo-o se virar para o alto da escada. — O-o que está fazendo?

Ele olhou para ela; certamente era capaz de vê-la, e mesmo assim não respondeu.

— Você é um mago! — Disse ela, sem resquício de dúvida.

— Sim.

A honestidade a fez parar de percorrer os degraus rumo ao térreo.

— Como pode ser tão *franco* quanto a isso? Você é tão *eloquente* e não vai tentar sequer mentir que, dizer que... Está sendo *dominado* o-ou qualquer coisa do tipo?

— Você está sob o meu teto, buscando proteção de uma guerra que se desenrola selvagem a meros passos desta porta. Você precisa de mim, Jen. Não creio que você constitua grande ameaça neste momento.

— *Ameaça?* — Sussurrou Jen, incapaz de pensar em si mesma daquela forma, mesmo sabendo que deveria. — Você tem *coragem* de me falar tudo aquilo sobre os magos enquanto *é* um?

— Não disse *nada* particularmente negativo sobre os magos e a magia *em si*, se bem me recordo...

— Sobre os *ricos*, os poderosos, o-os mais...

— Que não necessariamente *são* os magos, perceba! — Exclamou o historiador, levantando um dedo enquanto vencia os degraus, paciente e lentamente, em direção à hóspede. — Você não vê, imbuída dos mesmos preconceitos e hipocrisias que infestam essa cidade, o que a magia é em sua mais simples essência.

— E O QUE É, então?

— *Sssh...* — Instou ele, franzindo a testa. Jen deu um passo para trás ao perceber o quão perto ele estava. — É uma habilidade. Uma técnica. Uma utilidade como outra qualquer, que temos o direito de entender e o dever de explorar!

— Técnica que beneficia você...

— Tanto quanto você se beneficia de sua inteligência, de seus contatos... Ou da fama de sua família!

Chegaram ao topo das escadas. Ali começava o corredor pontilhado por portas, não muito longe de onde estava a de seu aposento.

— As pessoas das suas reuniões... Você *as força* a estarem lá?

— Não.

— Você *convence* todo mundo a acreditar no que você diz?

— Não. Em primeiro lugar seria uma tarefa bastante difícil, e em segundo... Você é capaz de entender que isso não seria exatamente coerente com o espírito das reuniões.

Sentiu uma presença a mais no corredor, e virou-se para trás imaginando um dos arqueiros inimigos. Ao invés disso, viu Richard parado no meio do corredor.

— Richard! — Disse ela, imediatamente voltando-se para Kinsley. — *Richard?!*

— Discordo, Jen, com a forma com a qual Heelum tem sido administrada por toda uma cultura de líderes e magos há muitos e muitos rosanos. — Ele parecia compreensivo e compassivo, mas cada passo que dava em direção à animóloga só o deixava mais truculento aos olhos dela. — Mas talvez eu possa usar a estrutura para corrompê-la por *dentro*.

— Você quer espalhar as suas ideias *de dentro* do governo dos magos...

— Na verdade ainda não decidi qual seria a melhor estratégia. Ideias subversivas têm muito poder numa situação em que todos *odeiam* a situação corrente.

Jen esbarrou em Richard, que a recebeu com leveza no peito.

— Aqui, Richard... — Instruiu Kinsley, sereno, ao abrir uma das portas do corredor.

— Richard, *não*...

A leveza logo se transformou em força insensível, e o guarda das reuniões empurrou a pesquisadora para dentro do quarto vazio.

Ela desvencilhou-se, encarando os dois alternadamente com toda raiva que vinha não sabia de onde e exalava de cada poro. Kinsley trancou os três no dormitório escuro, pondo as mãos nos bolsos do sobretudo cinzento e felpudo.

— Creio que você está escondendo algo importante de mim, Jen. O que é?

Jen tirou o caderno do bolso interno. Abriu-o depressa na folha já destacada em meio a tantas e rasgou-a por completo.

— ... *Richard!* — Disse o mago, correndo em direção à animóloga.

Chegara tarde; ela já estava agachada, triturando com os dentes a bola de papel que amassara num gesto só.

Foi agarrada, jogada na cama; sentiu um par de dedos tentar abrir sua boca; quase os mordeu, mas conseguiu afastá-los.

A primeira engolida foi seca e lhe deu vontade de vomitar — mas forçou-se a continuar, já nem se preocupando com o lugar onde estava ou o que fariam com ela. Reuniu todas as suas forças no maxilar e certificou-se de engolir o resto da papa mole e sem gosto que restou por cima da língua.

— *IDIOTA!* — Rosnou Kinsley, ofegante. — *Estúpida!*

Ela virou o rosto, com o peito ainda arfando; sorria, contudo, e reuniu todo seu desdém no olhar que não sabia se seria visto pelo mago.

— Bem... — Comentou ele, com as mãos na cintura. — Que bom que ainda há uma forma de conseguir a informação. E o único jeito de nos contrariar dessa vez é encerrando sua própria vida, Jen. — Dirigiu-se ao comandado, dando-lhe dois tapas cheios de companheirismo em seu ombro direito. — Mantenha-a viva e presa, Richard. Bom trabalho.

Abriu a porta e saiu. Richard o seguiu de imediato, pegando a chave das mãos do chefe no vão entre quarto e corredor.

— Desculpe, Jen... — Ela o ouviu sussurrar. — Eu só sei do meu lugar... E do que é melhor para mim.

— *Richard!* — Chamou ela, esperando que *ele* a ouvisse, mas Kinsley não.

Foi em vão. A porta foi trancada.

A Batalha de Al-u-een

Tomou seu assento na sala escura e baixa. Sempre teve raiva das reuniões na casa daquele espólio, que parecia ter construído uma residência para anões. Kenner, alto, batia na parte de cima das batentes das portas se não tomasse cuidado; em algumas salas, como aquela, chegava ao teto.

Arranjou os cabelos encaracolados e coçou o nariz, procurando identificar pelos trejeitos e pelos castelos quem mais estava ali. Eram poucos, e apenas os mais importantes ocupavam os lugares na mesa redonda ao centro. O resto, do qual ele próprio fazia parte, ficava com as cadeiras distribuídas pelas paredes.

— Mais ninguém vai vir? — Perguntou um dos magos à mesa.

— Não. — Respondeu outro deles, o dono da casa. — Falei com todos que consegui e esses que não vieram disseram todos a mesma coisa. Que vão fazer o que for decidido, mas não queriam vir.

“Covardes”, pensou Kenner, desviando de leve o rosto da conversa por um momento.

— E o que viemos fazer aqui afinal? — Questionou uma mulher de voz arranhada em cadeira oposta à do mago policial. — Por que correr esse risco todo?

— A batalha por Al-u-een é iminente. — Explicou o anfitrião. — E o exército já abandonou as jirs. Vão defender só o centro.

— Alguém sabe quantos vêm do Norte? — Perguntou a maga, sem obter resposta. — As tropas de Roun-u-joss já chegaram, então se não usarem as esferas de bronze... pode não ser uma batalha fácil...

— Vamos ter que participar. Onde está o meu *ex-chefe* de polícia favorito?

A sala irrompeu em risadas. Kenner levantou-se rápido, mastigando orgulho, e se esqueceu da altura do teto — bateu o topo da cabeça e logo se curvou para frente, bufando.

— *Pelo menos* eu estou *aqui*! — Bradou ele, transformando o resto das risadas e dos comentários em silvos de desafio. — Não sou como...

— Cale a *boca* antes que entremos *todos* no seu castelo para te dar uma surra como a que você levou de Monji. — Disse o dono da casa. — Agora

responda: *onde* estão os magos presos?

— Não sei, ninguém na polícia do centro sabe. Só Dalki e alguns outros escolhidos a dedo, mas... De uma coisa eu fiquei sabendo. — Mesmo quem o ouvia de costas virou-se um pouco. — Dalki vai transferir os presos para o centro.

— Mas isso é óbvio! — Retorquiu a maga do outro lado da sala. — Se não sobrou exército em nenhuma outra parte da cidade, é *claro* que eles vão ser trazidos para o centro!

— Kenner... — Chamou o espólio anfitrião. — Descubra onde estão e liberte-os. *Não. Falhe.*



Rainha e Lenzo assistiam Dalki ir embora do lado de fora da porta. O delegado ocupava a charrete da retaguarda no comboio que levava os magos prisioneiros, e veio perguntar se eles iriam embora — avisando-os de que as jirs ao norte eram provavelmente o lugar mais inseguro de Al-u-een para se estar naquele momento.

— Você já dispensou os guardas... — Constatou Lenzo.

— Não poderia pedir que ficassem... Está tudo pronto?

Lenzo entrou no castelo para ter certeza de que não havia deixado nada ainda do lado de dentro. Rainha acabou entrando junto com ele, vagando pelo saguão de entrada sem rumo ou concentração.

— Tem certeza que sua mãe vai me receber bem?

— Sim... Sim. E-ela ficou magoada comigo. Acho que não vai *me* receber bem...

O plano era levá-la junto com eles para a casa de Rainha no centro. O lugar viraria campo de batalha em breve, mas seria o único lugar em que o exército da cidade poderia protegê-los.

Rainha franziu a testa e voltou-se para a porta, puxando a atenção de Lenzo. Ele logo ouviu o mesmo som que virou o rosto dela — Haro, que entrava no lugar pisando duro e pouco. Com as mãos na cintura, exibia um rosto de quem procurava avidamente por diversão no pior de seus momentos.

— Estão de mudança.

— Vá embora. — Disse ela, sem cortesias. — Você não é bem-vindo aqui!

— *Você* nunca foi bem-vinda aqui, menina, e agora fica me dando *ordens*?

— Disse ele, cuspidando as palavras. — ... Você pode ter se precavido com algumas coisas — Continuou, com o olhar fixo e cinzento sobre a filha de Hourin. — mas não sabe de tudo que o seu pai tinha.

— Aposto que você já pegou o que quer, então não sei o que ainda faz aqui!

— Não. Seu pai tinha uma segurança boa nessa *quantia* que sempre ficou fora dos registros... Fora até de Al-u-een. Eu precisava da presença de um amigo dele em especial para autorizar que eu ficasse com o dinheiro.

— E o *amigo* estava *preso*?

Lenzo podia sentir a raiva na voz de Rainha. O medo estava ali, e ele *também* podia vê-lo — mas ela conseguia mascará-lo bem.

— Não. Não consegui encontrá-lo. Mas isso não vai ser mais problema.

Ele tirou de dentro da camisa amarela papéis bem dobrados, se apenas aqui e ali amassados pelo contato com a pele irregular. Jogou-os entre ele e Rainha, três desprendendo-se uns dos outros até pousarem no chão, separados e semiabertos.

— Não precisa ler...

— ... Não vou me abaixar para pegar...

— ... Porque eu *resumo*. Você vai assinar e passar tudo que ainda têm, que era o que o seu pai tinha, para *mim*.

Lenzo se perguntava se Rainha pensava numa saída ou se considerava a proposta. Distribuíra suas terras como se nada fossem — ou como se o dinheiro do pai, que ela considerava sujo, precisasse sair logo de suas mãos.

Por que não liquidar todo o resto ali mesmo? Começar de novo numa situação que tanto disso parecia exigir?

— Não tenho assinatura.

— Ah, não minta assim para mim, menina... — Disse ele, estreitando os olhos. — Acha que eu não ando seguindo seus passos? Você precisou registrar uma para tirar o nome do registro público... Para secar o cofre do seu pai... — Abriu os braços, respirando fundo. — Para *passar adiante* essas terras aqui, não é?

— E se eu não assinar?

Haro sorriu com o nariz e as bochechas.

— Seu delegado não está aqui para te salvar... As tropas que vêm para pegar a cidade não estão muito longe daqui... Vou deixar você imaginar o que vai acontecer.

— *Eu* estou aqui.

Lenzo apertou os punhos e encarou o capataz, para quem sua presença parecia novidade.

— Você é o filho da Ianni, não é?

Os pulsos enfraqueceram, liberando aos poucos os dedos da pressão.

— S-se você fez *alguma coisa* com a minha mãe...

— Calma, calma... Não fiz nada. — Interrompeu Haro, com a mesma expressão de crescente curiosidade. — Eu só conheço sua mãe.

Lenzo olhou para Rainha, que parecia esperar por alguma frase impossível, bandida, *proibida* a sair da boca de um dos dois a qualquer momento.

— Conheci também seu pai... — Sugeriu o capataz, levantando as so-brancelhas. — ... Ele não sofreu muito antes da hora, se quer saber.

O alorfo respirou pesado, confuso em tudo que sentia e no que o corpo fazia. Deu passos para trás, espanando as mãos abertas para os lados, tentando reencontrar equilíbrio no amplo vazio acima da tapeçaria em que pi-sava.

— Lenzo... — Começou Rainha.

— F-foi *você*?

— Lenzo, calma...

— Você *sabia*, Rainha?

— E-eu descobri pouco antes do meu pai morrer, Lenzo, que ele... O-o meu pai... Foi responsável pela morte dele sim... Do seu pai.

As mãos dela, quem sabe solidárias às dele, abriam-se em frente ao corpo; tremiam quase tanto quanto o peito do primo. Voltou-se para Haro, que ria silenciosa e discretamente, como se tivesse pregado uma peça nos dois e ninguém tivesse ainda o descoberto.

— Eu ajudei a matar o seu *patrãozinho*, sabia disso? — Disse Lenzo, fazendo Haro levantar mais o queixo e fechar a boca. — E depois de tudo eu me senti culpado... Era o *meu tio*... E era *muito mais fácil* dizer para mim mesmo, para minha mãe, para a *polícia* que os *filinorfos* me controlaram... E eu disse, mas... Não foi verdade. Eu acho que eu sabia *muito bem* o que eu estava fazendo.

— Sabia, é? — Perguntou Haro.

— É. — Rebateu Lenzo, urgente. — E acho que Hiram estava *certo*, por-que não tem por que sentir culpa mesmo. E com *você* não vai ter *CULPA* nenhuma!

Correu para atirar-se contra Haro antes que Rainha conseguisse lhe pedir qualquer calma. Os dois se engalfinharam, alternando posições en-quanto rolavam duas ou três vezes no chão. Lenzo atacava como alguém possuído pela pior das habilidades e o maior dos ódios; esmurrava e esbo-feteava com qualquer lado das mãos enquanto berrava e xingava o inimigo.

Haro sofreu, rosnando baixinho, até que as mãos e as pernas encontra-ram o caminho da luta. Desvirou e dominou Lenzo por cima, prendendo-o e socando firme seu rosto — uma, duas, três vezes. Transformou palavras de raiva em gemidos arfados de dor; braços pulsantes, com fome de guerra, em membros desconcertados, contorcidos de lado.

Tirou um curto punhal do cinto, mas quando estava prestes a abrir uma chaga no corpo de Lenzo Rainha encostou sua própria lâmina curta ao pes-coço do capataz.

— PARE! — Ordenou ela.

Lenzo tossiu sangue boca afora enquanto Haro guardava o punhal.

— O que vai fazer, menina? Comprou um punhalzinho e acha que sabe usar?

Rainha pôs no primo olhos engrandecidos pela coragem e pelo medo, ainda assim pedindo para ser guiada no corte que exigia mais decisão do que aquela de que dispunha.

— Hã? — Insistiu ele. Mirava a porta com frieza, esperando pelo menor dos relaxamentos por parte dela. — O que vai ser?

Lenzo não quis encorajar nem a bravura nem a ansiedade da prima. Observou com um alívio inesperado sua decisão de puxar para si a faca e afastar-se de leve.

— Largue-o e vá pegar os papéis. — Disse ela, seca. — Eu vou assiná-los.



Dalki gostou do tamanho da tropa de Roun-u-joss destacada para acompanhá-lo. Vestidos, protegidos, armados; ocupavam um planalto cheio de particularidades na região alta que era o Sul de Al-u-een. Estavam entre duas grandes jirs ao norte e ao sul, além de entre duas veias do Rio Ia que, a ponto de deságue, abriam vales fundos pelas laterais. Dali enxergavam a boa distância, preparando-se para o ataque que certamente viria assim que os inimigos descobrissem, de alguma forma, que os importantes magos prisioneiros estavam em um castelo à beira-mar, não muito longe a sudeste dali.

O general de Roun-u-joss que comandava o batalhão se aproximou. Era homem algo e magro, com olhos castanhos enervados, insones, de um jeito que incomodava Dalki.

— Tu és o chefe da polícia da cidade? — Disse ele, após o aperto de mãos.

— Sim. Obrigado por nos ajudar.

— Se Al-u-een cair, Roun-u-joss não está muito longe. — Dalki se perguntou se deveria gostar da declaração do aliado. — Os *malditos* estão muito longe?

— A última notícia foi de que passaram por uma jir do Norte.

O general balançou a cabeça. Trazia o elmo debaixo do braço, e na cintura uma espada longa de comprimento ainda maior que a regular que Dalki carregava.

— E os *outros malditos*... Já estão no castelo?

— Sim. — Respondeu Dalki.

O general fez pouca cerimônia para chegar mais perto do delegado.

— Eu vi o estado em que eles chegaram. Enfraquecidos por falta de comida.

— É o que determina a lei. — Disse Dalki, falando mais baixo tanto pela proximidade quanto por efeito.

— Há tempos que nós em Roun-u-joss fazemos melhor. É sabido que o minério de sete lados que mata humanos, quando diluído em muita água, só degenera, enfraquece... Não mata. Acertamos a quantidade *certa* para colocar na comida que eles comem... E se param de comer porque a comida enfraquece... Ficam fracos do mesmo jeito, mas aí a escolha já é deles.

— Não entendo como este método pode ser melhor.

O general chegou ainda mais perto. Dalki se recusou a se mover.

— De vez em quando há quem erre a mão na receita e dilua muito pouco o minério sangrado... E alguns *malditos* vão-se indo... Depois da covardia da Cidade Arcaica muitos têm caído *duros* no chão após as refeições...

— Você recomenda o método, então?

— Só estou dizendo... — Arqueou as sobancelhas para cima como se nada dissesse. — Não pensas ser muito trabalho? Nós, aqui, por causa desses *vermes*?

Dalki demorou para responder. Em seu íntimo pensava o tom apropriado para dizer o que queria: era preciso convicção, mas também uma retórica que ele, por não possuir, só podia ver compensada pela fé na tradição que aprendera a defender desde sempre.

— Nunca poupei esforços para defender a lei da minha cidade. Lutamos para viver assim, e é isso que eu quero e vou preservar. Não vou tomar atalhos, senhor general.

O guerreiro distanciou-se, desdenhoso da resposta. Dalki podia apostar que ia acabar ouvindo algo de volta, mas o general voltou para a tropa em silêncio.



Não havia cheiro de tomates do lado de fora dessa vez, e Lenzo não conseguiria dizer, pelo céu apenas, se chegaram à casa da mãe ou não. Quando a charrete finalmente parou, levantou-se num susto; sentiu o rosto inteiro latejar. Rainha correu até a porta e nela bateu depressa, vezes tais que chegaram a acreditar que não havia mais ninguém lá. Quando Ianni finalmente abriu a porta, olhou confusa para a sobrinha.

— Rainha... O que está fazendo aqui?

— É o Lenzo... E-ele está machucado.

Ianni deu um passo para fora e viu o filho acima da charrete. Quando as lágrimas comprimiram o rosto de Lenzo de dentro para fora, sentiu seu crânio doer mais. A mãe o olhava com preocupação, mas analítica como de praxe — nada como a corrente de sentimentos, exceção que ele esperava, secretamente até para si, causar nela.

— Traga-o para dentro. — Pediu ela para a sobrinha.

Rainha ajudou Lenzo a desembarcar. Ele apoiou-se nela na procura ávida pelo assento cáqui do sofá, onde foi logo se deitando. Ianni voltou com um balde d'água e um pano, ajoelhando-se ao seu lado para preparar as compressas.

— A senhora tem algum minério...

— Não existe minério para isso. — Cortou-a Ianni. — Não para esses inchaços... E seria bom se ele pudesse ver logo um médico, porque se algo aqui foi quebrado ele pode ter que costurar a boca inteira...

Lenzo tremeu com a sugestão.

— Ele arranhou esses machucados para me defender... — Disse a jovem ajoelhada ao lado do sofá, dobrando-se em direção ao ouvido da dona da casa. — Ele foi um verdadeiro...

— Pode parar. — Disse Ianni, interrompendo os cuidados. — Eu não sei o que está fazendo com ele, menina. Você não *sabe* o que ele fez?

— Eu sei. — Respondeu Rainha, séria novamente. — E talvez dê para a senhora alguma perspectiva saber que meu pai é responsável pela morte do *seu* companheiro, *pai* do Lenzo!

— *Meça as suas palavras!* — Vociferou Ianni. — Quem precisa de alguma perspectiva aqui é *você!* *Vocês dois*, embora para este aqui já seja *tarde* demais! — Com palavras passou por cima do que Rainha, empertigada como se a qualquer momento não fosse mais aguentar o olhar da tia, pensou em começar a dizer. — Se ele realmente fez isso, é uma pena para ele. Morreu e morreremos todos nós, indo para a *inexistência* além do horizonte, sim, mas é uma pena que morreu fazendo isso. Meu companheiro, ao contrário do seu pai então e também ao contrário deste meu filho, saiu da vida limpo. Não como um assassino!

Lenzo sentiu a mão de Ianni mais pesada nas compressas.

— E *pare* de me olhar com esses olhos. — Ralhou ela. — Sou sua mãe e não vou deixar de cuidar de você. Mas seu lugar é na *prisão*. — Rainha a reprovou com as sobrancelhas, sem ser vista. — ... Sou humana também.

Rainha fechou os olhos e balançou o rosto, parecendo prestes a dizer coisas das quais depois se arrependeria.

— Não pode *me perdoar* como humana? — Grunhiu Lenzo.

Ianni interrompeu o gesto, deixando-o pela metade.

Engoliu duro antes de murmurar que “não vejo como”.

Rainha se levantou, parando antes do corredor que levava para o lado de fora.

— Queríamos buscar a senhora. — Disse ela. — Levá-la para o centro.

Ianni virou-se para a sobrinha com o rosto inteiro franzido.

— Por quê?

— P-porque lá é mais seguro. A-aqui...

— Está *fora de si?* — Indagou ela, ficando de pé.

— Não há nenhum exército fora da jir central, e-e os inimigos estão vindo...

— E você quer ir *justo* para onde os *dois exércitos vão se encontrar, minha filha?* — Ianni gesticulou até juntar as mãos num gesto esmagador à frente do rosto. — Os inimigos vêm do Norte, não vão passar pelo oeste!

— Como sabe que não? Eles são magos, são...

— São *espertos* e não perdem tempo! Não têm *nada* que fazer aqui, assim como você não tem *nada* que fazer no centro agora!

Rainha não conseguia mais olhar para Lenzo, mas tampouco poderia buscar sua aprovação. Gostaria de ter contado antes para ele que ainda não havia achado aplicação proveitosa o bastante para boa parte do dinheiro de Hourin.

Haro podia não ter posto as mãos em todo aquele ouro — mas em breve teria controle oficial sobre sua casa na jir central, e lá encontraria, agora desguarnecida, toda a quantia que havia resgatado dos bancos.

— Eu *tenho* algo que preciso fazer.



Tinham certeza de que seriam atacados à noite, e a impressão fatalista de que não veriam ninguém chegando. As notícias que vieram da Cidade Arcaica foram poucas — os boatos, multiplicados e multiplicantes, muitos. Ouviam falar de soldados que carregavam várias espadas nas mãos, invisíveis, e matavam pessoas demais ao mesmo tempo com um mero girar do corpo. Ou de guerreiros que rastejavam ao invés de andar, de modo que ataques comuns à frente não acertavam ninguém: quando estavam próximos o bastante, gostavam de cortar tendões, arrancar pernas, sangrar coxas, perfurar genitais. As ilusões das esferas de bronze não apenas os deixavam invisíveis, mas também terríveis: a última coisa que se veria antes de morrer seria monstros gigantes, ou yutsis de fogo, ou ainda seres encapuzados e acorrentados cujos olhos cinzentos não traziam nem vida nem morte; só a dor derradeira antes do fim.

A realidade foi bastante diferente. A tropa, posicionada em camadas na praça à frente do parlamento, tinha ampla visão dos postos avançados que, ao trocarem minérios de luz azuis por vermelhos, indicavam o caminho que os inimigos faziam. Uma luz verde significaria vitória, pelo menos parcial, e a indicação de que deveriam provavelmente avançar. Conseguiram ver vários postos em várias direções, e na linha de visão reta mais aberta que tinham podiam observar quatro luzes azuis; em outras, tinham visão de duas ou três. Quando a primeira luz na distância tornou-se vermelha, as atenções voltaram-se para o Noroeste.

Mensageiros a pé e em charretes leves corriam, cada vez mais numerosos, ao longo das laterais da praça. Quando a segunda luz na linha da primeira ficou vermelha, surpreendeu a todos a quantidade de outras luzes de mesma cor em toda a frente norte. Fixados como estavam naquela ponta do ataque, não perceberam o avanço bem menos concentrado dos adversários.

A segunda-em-comando ordenou a preparação imediata da primeira onda de guerreiros, e estes não entenderam por que deveriam estar a postos se as luzes mais próximas a eles continuavam azuis — “ESTEJAM PRONTOS!”, berrava ela, mesmo assim, por detrás da formação. Ficava ainda à frente da segunda tropa, uma leva de yutsis de guerra que aguardava, protegida pelos lados, o momento da libertação. Os tambores carimbavam as ordens, avisando também a camada de trás, defesa última do Parlamento da cidade.

Quando a luz mais próxima ficou vermelha, já foi tarde. Os compridos escudos foram empurrados com força contra os lanceiros e espadachins nas linhas de trás. Os primeiros corpos, com cabeças ou pescoços cortados, apareciam sem explicação aparente; golpes fundos nos elmos, prováveis machadadas, no mínimo desacordavam soldados que não eram mais úteis para a proteção dos lanceiros, que estocavam sem alvo ao tentar acertar alguma coisa na direção óbvia. Graves sons e estouros, mais percebidos pelo jeito como faziam os ossos vibrarem, comandavam a saraivada de flechas que partiria do parlamento.

A segunda-em-comando percebeu o avanço inimigo pelas pontas, que esvaziava o centro alvejado pelas flechas e envelopava a primeira camada de tropas, já quase completamente desprovida de escudeiros. Voltou-se rápido para os responsáveis pelos yutsis, pedindo que estes fossem soltos para as laterais ao invés de para a frente. Levou palavra ao comunicador para que dirigisse as flechas e os lançadores para as laterais, e só então, enquanto tudo era arranjado, correu para reordenar o que sobrava das primeiras tropas numa formação circular de emergência.

O círculo foi se fechando, com pontas audaciosas de lanças exalando de um centro oco a pouca proteção ofensiva que podiam oferecer. Ao som de um “AGORA” mal gritado pôs-se em marcha o galope dos animais e o elástico que lançou grossas e oblongas pedras em direção às supostas linhas inimigas, além de novas flechas que cortaram o ar para as laterais descobertas da praça. Corpos inimigos começavam a aparecer — surgiam acima do chão, jogados para longe pelas pedras atiradas pelos lançadores; caídos no chão, com uma flecha fincada apontando para o céu; amontoados, torcidos após um encontro duro com um yutsi.

Os animais já haviam passado pelas linhas inimigas, e agora corriam em círculos pela área onde as tropas invisíveis deveriam estar. A segunda-em-

comando percebeu o estado da primeira camada, ainda bastante parecido com o anterior. Analisou os flancos para além da praça, e ao ver que só havia luzes vermelhas para onde quer que olhassem, ouviu também as ordens ritmadas do general vindo de dentro do Parlamento. Os destacamentos laterais foram dizimados; a última camada, que guardava as escadarias do parlamento, dividia-se ao se adiantar para proteger a entrada do prédio, prestes a rasgar-se ao meio se muito provocada.

“RECUAR”, Berrou a segunda-em-comando, garantindo em seguida que o comando se transformasse também em batidas de bumbo. Assistia o dissipar rápido da formação circular à frente; os guerreiros corriam, com as costas pesadas arcadas para a frente, em direção ao rasgo já declarado da última defesa do Parlamento. Ela acompanhou a tropa na corrida, deixando-se ficar para trás.

Não foi rápida o suficiente para escapar ao projétil que a arrebatou, arrastou-a pelo chão duro e pela grama adiante, e a fez ofegar de horror quando percebeu-se incapaz de se levantar. A pedra de um lançador inimigo, atirada às suas costas, quebrara seu corpo como a um graveto. Sua consciência abrandou-se até ser levada pelo torpor.



O berro de um dos soldados da sala de reuniões dos parlamentares não deu margem a especulação. Deixou óbvio, de um jeito absurdamente feio e deselegante, que o símbolo maior de Al-u-een cairia em mãos inimigas — “ELES VÃO ENTRAR!”, disse e repetiu o impressionável de elmo.

Alguns parlamentares exigiam que se trancassem as portas, mas quanto mais os soldados passavam pelo portão principal da sala mais era possível perceber que eles não vinham defender ninguém; fugiam, usando a sala como rota, e no máximo faziam o favor de avisar que não havia possibilidade alguma de travar luta contra seres invisíveis.

Minoru seguiu o fluxo de sua poltrona até a saída alternativa, entrando no longo corredor até os fundos do prédio. Sentia-se desajeitado ao correr; bobo, até. Não acreditava, no fundo, que depois de se tornar um parlamentar teria um dia a necessidade de correr por sua vida. Batia-se de ombros com um assessor de sala, homem alto, careca e largo, além de sentir o suor e o barulho metálico de guerreiros armadurados à frente e atrás de si.

Passou a estranhar aquele próprio corredor; passara tão poucas vezes por ele que agora parecia-lhe longo demais. Até mesmo impróprio. Só foi reconhecer alguma coisa novamente, tirando de si metade do peso que afligia o peito e fazia o rosto entortar-se em feições de pena de si mesmo, quando viu a abertura à direita que levaria à seção traseira do prédio. Estavam perto da saída, para onde iriam ao seguir em frente ao invés de virar à direita: o

pequeno jardim dos fundos, perfumado e iluminado, gracioso demais para a guerra.

Foi puxado com força para dentro do corredor à direita, pressionado contra uma de suas paredes à meia e cortante luz verde. Viu o policial que substituiu Dalki como chefe de polícia por pouco tempo na estação anterior agarrar a gola de sua capa; tentou apertar-se para fora do cárcere, mas Kenner era mais forte — o policial deu-lhe um soco, tornando-o mais manuseável.

— *Onde* estão os magos presos? — Perguntou Kenner, olhando-o de baixo para cima como se a primeira fosse a última chance. — Sei que o delegado é seu *amigo* e deve ter dito alguma coisa...

— Eu não sei...

— *Sabe!* — Rosnou Kenner, apertando o aperto nas mãos. — *Sabe e vai me dizer!*



Rainha sempre achou os yutsis animais inconstantes, o tempo inteiro irritados ou amedrontados. Tentou frear quando chegou em frente à própria casa, e acabou parando tão bruscamente que teve o corpo jogado para frente. Não chegou a cair, o que provavelmente teria causado em seu rosto, no contato com a casca dura das ancas dos animais, efeito igual ou pior ao que Lenzo sofrera com os socos de Haro.

Correu para a porta de casa e tirou do pescoço um colar com o molho de chaves. A rua estava tão deserta quanto o resto daquela zona da cidade; por ali viu apenas postos de observação, meras escadas verticais cercadas por colunas finas de corvônia e minérios de luz vermelhos no topo.

Não conseguia achar a chave certa; sabia qual era, mas suas mãos tremiam e não conseguia diferenciá-las direito. Olhou para o lado depois de um som que, tinha certeza, era movimento dos yutsis — mas olhou mesmo assim.

Algo chamou atenção na esquina distante. Sobre a virada à esquerda incidia a luz de um minério lilás bastante claro; folhas rodopiavam no chão, empurradas por um vento infantil. Um instante depois, duas delas pararam.

Olhou para o evento com curiosidade; interrompidas no chão, as folhas pareciam presas por uma força que as dobrava, sorrateiramente determinada a acabar com a doçura do vento pequeno. Quando voltaram a girar, Rainha pôs-se a olhar para a rua ao nível dos ombros. Viu surgir, numa porção já mais escura do espaço, um guerreiro e seu machado. As mãos e a arma apareceram primeiro — seu corpo foi colorindo o ar a cada passo, materializando-o com uma escuridão maior que a da penumbra.

Retornou à procura da chave, sentindo-se estranha no próprio corpo; suas mãos escorregavam de chave a chave, e um grito fino que desde menina achava não ser mais capaz de produzir escapou de sua garganta quando um arrepio gelado ergueu cada pelo de sua nuca.

Encontrou a chave e arcou-se toda até o buraco da fechadura. Trancou a porta assim que entrou, sem se dar tempo de verificar a posição do guerreiro.

Deu alguns passos para trás. As janelas estavam cobertas, todas — e ao som de sua respiração pesada, que por um momento era tudo que ouvia, juntaram-se as batidas rápidas de seu coração. Pôs as mãos ao redor da garganta, desejando com força poder deixar de ouvir os sons do próprio corpo. Pareciam augúrios de uma morte estúpida.

O baque na porta a fez cair no chão num pulo para trás; um golpe de machado abria caminho pela madeira — ela já podia ver um feixe tímido de luz cortar uma porção da sala da esquerda para a direita.

Apoiou-se na grossa poeira do chão e tateou pela parede. Quando encontrou a referência, soube para onde deveria ir para encontrar a escada — o novo baque marcou simultaneamente a entrada de mais luz na casa e o encontrão que deu em algo que era, definitivamente, uma outra pessoa.

— Calma! — Pediu a voz feminina.

Rainha puxou seu punhal no susto e golpeou o espaço à frente — mas a mulher, que parecia tão jovem quanto ela, escapou ao recuar. Ela tirou um minério azul de onde quer que o guardava antes e mostrou o corpo alto e fino, mero acessório do rosto que chamava a atenção por estar coberto com uma máscara acima do nariz, tão azulada quanto sua luz.

— Calma! — Repetiu a mulher, sua explicação cortada por outra machadada. — Você não vai me ferir com essa coisa!

— Eu *posso* sim!

— Cer... Só me *escute!* Vá para o segundo andar *agora!*

— *Quem* é você e o que faz na minha casa?

Quando o último barulho foi estrondo grave, Rainha virou-se para a porta; viu-a arrebentada pelo meio e seu vândalo surgindo, sem pressa, pelo buraco que ele ainda se esforçava para aumentar à medida que avançava.

A invasora mascarada tomou a frente da escadaria. Puxou uma espada curta da bainha na cintura e pôs-se em guarda, desafiante. Rainha subiu dois degraus para trás, e quando ouviu um barulho azedo — algo que podia até classificar como risada — obedeceu prontamente a invasora em sua ordem de subida de antes. O guerreiro desaparecera diante delas, a visão de seu corpo sendo consumida pelo ar como papel queimado pelas beiradas.

Entrou com pressa no corredor do segundo andar, deixando de sentir a presença de quem não sabia se deveria chamar de amiga ou inimiga. Viu então sua fraca silhueta, delineada pelas grossas vestes cor-de-barro, no topo das escadas; ela também havia subido.

Ajustou o corpo e percebeu que ela montava guarda ali, com espada em punho e postura regulada para defender-se do inimigo que viria de baixo.

— *O que está fazendo?*

A guerreira tomou impulso com os pés e mergulhou em direção ao guerreiro invisível; Rainha correu de volta até o topo da escada e a viu rolar grosseiramente nos degraus de madeira até chegar ao primeiro andar.

No fim, pairava acima do chão, de barriga para baixo e com um braço estendido para cima, firme no cabo da espada cuja ponta não conseguia ver. Quando o machado apareceu, solto no chão, o corpo do homem abaixo dela foi-se revelando, esvaído como agora estaria o efeito da esfera de bronze que ele provavelmente carregava para se tornar invisível.

A guerreira mascarada se levantou com cuidado, tirando a espada do peito do adversário. Virou o rosto para a porta por um instante, possivelmente preocupada com aquela óbvia vulnerabilidade, e voltou-se para Rainha.

— Pegue o dinheiro e vamos embora, por favor.

— Eu sei quem você é. — Disse Rainha, balançando a cabeça agora que tinha certeza. — A sua máscara não muda a sua voz.

As duas se olharam entre as duas pontas da escada. Rainha não ouvia mais os sons de seu corpo tão fortes quanto antes.

— Você vinha aqui pegar o ouro de qualquer jeito, não é? — Continuou ela.

— Rainha... Tem muitas coisas que você não sabe.

— Seu *pai* mandou você aqui antes de ser preso?

— Não, Rainha, olha... Eu prometo que vou explicar tudo, está bem? Mas não agora. Agora nós temos que *ir*.



Se pescoços quebrassem em Neborum, o iauomo de Kenner teria quebrado o seu; virou-o com rapidez insuportável assim que ouviu o ranger da porta de seu castelo.

— *Você é um mago?* — Perguntou ele a Minoru, escrutinando o fundo de seus olhos. — ... Não...

O parlamentar, que tinha um olho enxaguado e via no seu lado esquerdo grupos embaçados de pessoas fugindo pelo lugar por onde *ele* também deveria passar, não conseguia entender o propósito daquela pergunta.

— Não... Nunca!

— Claro que não... — Sussurrou de volta Kenner.

Correu pelos corredores avermelhados até o comprido e esguio saguão inicial de seu castelo; lá viu, à frente da porta fechada, um guerreiro de completa armadura reluzente. Seu elmo escondia os olhos por debaixo de

aberturas verticais intermitentes, e um brilhante símbolo prateado de Al-u-
een estampava o escudo azul que o cobria dos pés ao pescoço pela direita.

— Você *definitivamente* não é Minoru. — Disse Kenner, endurecendo as
mãos com magia espólica. — *Quem é você?*

O guerreiro não se mexeu. Estava reto, mas ao mesmo tempo não parecia tenso; o braço esquerdo cruzava a cintura, escondendo a mão atrás do escudo na altura da bainha. Relaxado e seguro de si a ponto de nada dizer, estava pronto para sacar a espada.

— Está certo... — Disse Kenner mais para si do que para o inimigo.

Assim que o policial ouviu um som metálico reverberar no salão, lançou uma torrente de magia negra contra o guerreiro. No choque do violento negrume com o aço, cada peça da armadura espatifou-se em uma direção contra as paredes e janelas da sala.

Kenner recuou, cancelando tudo que fazia de imediato; sentiu-se agarrado pelas costas, e de repente abriu os dedos das mãos — largou Minoru de vez, deu alguns passos contidos para trás, e observou com cada vez mais cautela os olhos enraivecidos do parlamentar.

Virou-se de lado tarde demais; Kent o empurrou. Pensou, levantando-se de pronto, que o velho tinha mais força em Heelum do que parecia à primeira vista.

— Haverá hora para um julgamento dos seus crimes contra esta cidade!
— Bradou Kent. — Mas agora vou permitir que você fuja como o homem *baixo* que é!

Kenner riu, alternando o foco de seu dar de ombros entre os parlamentares.

— Ou talvez porque sua força *lá* não compensa a sua *daqui* e você só pode lutar comigo me dando empurrõezinhos quando estou desprevenido...

Kent engoliu em seco, respirando fundo mesmo que imperceptivelmente.

— Não sei nem por que me dei ao trabalho. — Continuou Kenner. — Pelo que vi a cidade já é *nossa* mesmo...

— SUMA daqui! — Esperneou Minoru, a ponto de espumar pela boca. — SUMA!

O policial lhes deu as costas e seguiu no corredor vazio. Assim que Kenner saiu de vista, Minoru olhou para Kent.

— O que você fez? — Perguntou Minoru. — Por que ele não lutou de volta?

— Porque nós somos dois e ele era um. E tenho outras maneiras de tê-lo nas mãos. — Clarificou Kent.

Não havia mais ninguém passando pelo corredor que levava para os fundos; os dois eram os últimos na interseção de passagens, e Minoru sentiu-se tão abandonado quanto dolorido.

— Está esperando o *quê* de mim?

Kent olhou para o corredor para onde Kenner correu antes de responder, o que deixou o colega momentaneamente alarmado.

— Temos mais diferenças do que sabe, senhor Minoru, e menos do que imagina. Este é um momento terrível para a cidade, e reconheço no senhor um parlamentar de *fibra*. Um *líder*.

— Onde quer chegar com isso?

O velho parlamentar olhou para o corredor de saída.

— Quer dizer que deve ser salvo também.



Já era manhã, mas os inimigos provavelmente não dormiriam enquanto houvesse resistência no território. Dalki havia acabado de passar em revista a segurança da parte sul do castelo — certamente receberiam ataques do Norte, mas com toda a questão da invisibilidade ele não poderia deixar um setor desprotegido.

Passou pelo corredor oeste, o único de comunicação entre as tropas da frente e as de trás; do outro lado comprido do castelo estavam os dutos isolados das celas dos prisioneiros. Encontrou alguns policiais, posicionados em pontos específicos e esparsos ao longo da grande passagem, mas não lhes disse nada. Estavam concentrados nalguma coisa, em seu íntimo ou no mundo lá fora; esperavam poder ver seus inimigos, ou chegar a alguma conclusão quanto ao que não lhes saía da cabeça.

Ouviu som de choro ao passar por uma sala fechada. Pensou que reconheceu as vozes e, ao entrar, encontrou dois policiais sentados numa pequena mesa. As espadas do homem e da mulher chorosos, sentados um de frente para o outro, estavam esquecidas no chão, sem um posicionamento muito cuidadoso. Pena, tinta e papel eram compartilhados pelos dois, que largaram tudo para enxugar as lágrimas assim que o delegado entrou.

— Bom... — Começou Dalki, verificando que o policial mais próximo de fora da sala estava longe o bastante. — O que estão fazendo?

Os subalternos se olharam, sem saber quem deveria explicar o quê. A mulher descolou-se primeiro, encarando o chefe com as sobrancelhas levantadas.

— É que... Não sabemos se vamos sobreviver a isso, então queríamos escrever cartas para as nossas famílias.

Dalki assentiu, desconfortável com a posição das mãos. Cruzou os braços, mas ainda achou que deveria haver jeito melhor de lidar com elas.

— E para quem escreveram?

— Meu companheiro... Meus pais... Meus irmãos e minha filha. — Respondeu a mulher.

— Você? — Indagou Dalki para o rapaz.

— M-minha companheira... Meus pais também, m-meus... Filhos.

Ele não fazia contato visual com o delegado, e Dalki não entendia por quê. Seus instintos correram a gritar que aquele era um traidor; provavelmente sua carta continha segredos de segurança, dicas de como entrar no castelo e matar a todos que estavam ali.

E no entanto, imaginando que magos conseguissem atrair para si com facilidade a pena dos incautos, reprimiu seus pensamentos pouco solidários. Aquela tristeza que sentiu era bem sua: tristeza por saber que, naquele momento, não havia naquela cidade segredo algum que os inimigos cobiçassem tanto assim. Não precisavam *de nada*.

— Nós vamos sobreviver. Mas preci...

— *Não, não vamos!* — Rosnou o policial, finalmente levantando o rosto lavado para Dalki. — Um mensageiro já veio dizer que as tropas não vão aguentar, estamos *p-presos* aqui para defender gente que não devia nem estar *viva* mais por tudo que fez e...

— *Policial!* — Interrompeu Dalki. — Eu *não vou* permitir a barbárie dentro de *minha gestão* por causa de *medo*!

— Você confiou que o exército podia proteger a nós todos, Dalki, mas *não foi assim!* — Disse a mulher. — Nós não somos guerreiros, mas temos que entender que quando é guerra é *diferente*, delegado!

— *Eles* não hesitariam em matar todo mundo aqui dentro *por um instante!* — Grasnou o homem, com o dedo em riste e os olhos comprimidos. — E nós não precisaríamos estar aqui, passando por isso, para acabar tudo em *nada* no final!

O chefe de polícia desfez os braços cruzados, sentindo uma lufada de vento irritar o lado direito do corpo.

Não sabia o que era apropriado dizer para defender sua posição. Não sabia como justificar o que estavam fazendo para aqueles policiais que, não sendo guerreiros, teriam que guerrear mesmo assim.

— Vocês vieram para cá sabendo qual era a missão. — Disse, numa última tentativa de expulsar de seu colo o sentimento que o oprimia.

Sequer ouviu as réplicas dos comandados; saiu da sala. Andou pelos corredores observador e altivo como sempre, mas sem ser capaz de julgar se ia na direção certa.

Sentiu os ombros apertados por duas mãos masculinas à frente; um policial o chamava, calmo ainda que assertivo, até a passagem central entre os dois hemisférios do castelo. Dalki subiu as escadas atrás dele tentando lembrar do que ouvira por todo o caminho. Não registrara o problema que estava indo averiguar.

Chegou ao lugar, corredor largo por cujo centro poderia descer um portão grosso de corvônia praticamente inexpugnável. Aquela seria a última defesa: o ato de desespero supremo. Os inimigos, mesmo tendo invadido

o castelo, não teriam mais acesso ao compartimento em que os magos estavam presos. Os policiais, para defender a posição, ficariam do lado de dentro, onde se encontrava também reserva considerável de alimento.

“... Mas por quê vão fazer isso?”, perguntou-se Dalki.

— Chefe. — Chamou o policial, de voz firme. — Chegamos.

Dalki olhou melhor em volta. Estava sozinho com o comandado, e não via sinal de problema em lugar algum.

— O que houve?

— O problema é que estamos aqui. O problema é que *você* está aqui.

O policial estava com as mãos na cintura. Tinha grossas sobrancelhas negras e lábios grandes; ainda assim, não usava nenhum dos dois para se mostrar divertido com a situação.

— O que quer dizer?

— Essa batalha acabou, Dalki. *Não* a guerra... Mas essa batalha, sim.

— Como po...

— *Me ouça*. — Disse ele, espalhando sua voz suavemente pelo corredor. — É tarde demais. De castelo isto passará a *tumba* se nada for feito e acredite, algo *está* sendo feito.

Dalki entortou o rosto para o homem, pensando em sacar a espada. Sua mão foi lenta e hesitante — algo que não conseguia entender — e seus pés moveram-se para o lado, como se buscassem melhor ângulo para fazer algo que ele ainda não sabia o que era.

— Está falando de um *motim*? De uma *revolta*?

— Já está em curso, Dalki. Esses policiais não vão morrer aqui.

— E você vai?

Ele balançou a cabeça, negativo.

— Eu tenho uma outra missão.

A última passada de Dalki foi um cambaleio; apoiou-se na parede, mas só o que conseguiu foi suavizar a queda. Seus olhos queriam se fechar — estava tonto, de membros bambos, e o mundo entortava-se junto com ele.

— Você... — Disse, lembrando-se da última vez que se sentira daquele jeito. — É um *magô*...

Encostou as costas da cabeça no chão, tendo os sentidos apagados ao som de um pedido de silêncio.

Capítulo 63

Forças

Mairaden trouxe um copo d'água para Narion. Não vestia a armadura, que fora guardada numa enorme mala junto com a alabarda. Mesmo assim sentia calor, já que o sol batia na varanda do segundo andar da casa em que estavam, e ambos vestiam grossas roupas de cores fracas — segundo a razão de que qualquer proteção era melhor que nenhuma.

— Obrigado. — Disse Narion, quanto à água.

Na noite da Batalha de Enr-u-jir o general de Inasi-u-een voltou, junto aos companheiros, para um local secreto na floresta por onde chegaram ainda enquanto batalhão. Ali haviam deixado provisões, instrumentos, armas e malas. Trouxeram Narion, que concordara em ajudá-los e em ser ajudado. Dele aproveitaram o dinheiro acumulado — que ele usaria para o mesmo objetivo de qualquer forma — e uma charrete. Mairaden pensava que as duas coisas eram provavelmente frutos de roubos mas, com a pilhagem que haviam feito em Rirn-u-jir dias antes, não faria a menor cerimônia. Acharia difícil encontrar entre os ricos alguém disposto a ajudá-lo.

Sob disfarce e com sorte, chegaram à Cidade Arcaica. Arranjaram-se de início nas jirs mais afastadas, que nem por isso deixavam de ser alvo de vigilância por parte do exército, e começaram os arranjos para a investigação. Não eram bem vindos, então em tudo que faziam punham sigilo e segredo; Nariomono ia mais à cidade e os guerreiros do Norte tentavam parecer menores aos olhos dos locais desconfiados.

— É a primeira vez que dirige uma palavra para mim que não seja sobre estratégia desde que nossos caminhos se cruzaram.

Mairaden sentou-se em outro banco de madeira na varanda reta e campestre, comprimindo o olhar sob a luz forte da manhã. Nuvens escuras se aproximavam pelo leste, mas não deveria chover até que conseguissem pelo menos seguir a primeira parte do plano.

Narion parou de beber, olhando para o general enquanto os lábios secavam a umidade que ficou para trás.

— Desculpe.

— Não é preciso. Mas sinto que podemos nos entender melhor se soubermos exatamente o que queremos.

Narion olhou para Mairaden como se ele já soubesse a resposta para aquilo.

— Meu objetivo não é matar Desmodes. — Mairaden balançou a cabeça ao voltar-se para os pedaços de horizonte que as casas do outro lado da rua não obstruíam. — *Pode envolver* matá-lo, mas é maior que isso.

— Maior como?

— Minha família é treinada há gerações para o surgimento de um novo governor. O objetivo é evitar que Heelum sofra novamente nas mãos de um.

— Um governor é um mago muito forte, não é?

— Sim. E sempre, com um deles, veio uma guerra. Dessa vez não pode ser diferente.

— E como saber se Desmodes é um governor ou não?

Mairaden levantou as sobrancelhas.

— Há histórias... De que Roun não nasce por um dia quando o governor atinge o ápice de seu poder... Que isso seria o sinal de que um governor existe.

— Mas isso não aconteceu ainda.

Mairaden confirmou.

— Dentre duas possibilidades, aquela em que eu acredito é a de que Desmodes ainda não chegou em seu melhor. Não conquistou o que precisa conquistar para chegar ao máximo.

— E a outra possibilidade?

— ... É a de que não há governor. E nesse caso esta é uma guerra inventada por todos os magos, coletivamente.

Nariomono olhou para o copo quase vazio.

— Desmodes é muito poderoso.

— Quão poderoso? — Indagou Mairaden.

— Ele... — Hesitou Narion. — Foi até nosso território. Junto com outro mago. Nós os recebemos, e... Eu era tradutor, porque passei alguns rosanos em Ia-u-jambu. Eu tinha o direito de sair da formação, mas os outros... Cada um tinha um arco apontando para os magos. Essa era a ideia para que eles não dominassem ninguém. — Balançou a cabeça para os lados. — Desmodes controlou todos de uma vez só. Fez cada um matar o outro. E eu fiquei para trás.

Mairaden olhava diretamente para ele, o que o deixava tão ansioso quanto desconfortável. Era a segunda vez que repensava o mínimo de detalhe sobre o que acontecera, e cada vez mais sentia-se um estranho de si mesmo; quase podia sentir-se na sala atrás de si, mero estranho que não tinha nome, ouvindo sua própria voz tornar o que aconteceu real mais uma vez.

— Você não foi treinado como guerreiro. — Disse o general, recebendo a confirmação singela. — Não foi capaz de matar o General do Exército quando ele pediu que o fizesse.

— Aquilo foi diferente. — Defendeu-se Narion. — E-eu já matei antes... Esse arco é especial. É diferente dos outros.

— Por quê?

— Ele me protege. Sem que eu pense nisso. Ele sabe o que eu preciso fazer para me defender e eu... Faço.

— Uma defesa preventiva? — Perguntou Mairaden, não sem algum sarcasmo.

— Sou *eu* quem escolho atirar, a não ser que seja necessário para me defender... Matei o chefe de polícia de Enr-u-jir assim... Ele estava perto demais e o arco tinha que matá-lo antes que ele me matasse.

— Você tinha que matá-lo.

— Sim, m-mas eu não era capaz de me mexer... Acho que o policial era um mago, e se não fosse o arco... Eu não saberia o que fazer.

— Mas não foi esse o caso do arqueiro. No prédio do governo.

— ... Disso eu não posso fugir... Eu não gosto, Mairaden. — Engoliu em seco, quase empregando os dedos para tatear o bolo de agonia que sentia na garganta. — Às vezes sinto... *Raiva* de Desmodes... De *todos* os magos. Mas às vezes...

Parou, não sabendo ao certo se deveria seguir em frente. Abria-se ainda mais dessa vez — mas não via nada como um estranho. Aquele era realmente *ele* falando e sentindo tudo aquilo. Admitindo que era responsável por mais do que a própria vida.

— Às vezes me sinto... *Triste*. Só triste.

Sentiu o olho direito tremer, mas sufocou cada lágrima que gostaria de sentir suas bochechas naquele instante.

— É porque você sabe que quando terminar o que começou, não vai ter mais nada para fazer. Nenhum lugar para voltar.

Narion franziu o cenho ao olhar para o companheiro de viagem. Seu rosto era sereno; suas palavras, amenas. Ainda assim, parecia que uma janela para o abismo, única saída de um lugar muito apertado e já escuro, descortinara-se diante de seus olhos como ao mesmo tempo salvação e suplicio.

— Você fala como se me entendesse...

— Não acredito que eu consiga entendê-lo de verdade. Ainda *tenho* um lugar para onde voltar. Mas na verdade não sei como vou me sentir depois de fazer o que devo.

O al-u-bu-u-na assentiu.

— Saiba que desistir não é uma desonra. — Prosseguiu Mairaden. — Farei o que devo acima de tudo, seja lá o que for. Mas, se quiser, posso garantir que Desmodes encontre a morte que merece.

Narion fechou o rosto para ele, interrompendo o menor dos movimentos do corpo.

— Você prefere levar um dos *seus*.

— Não. — Disse Mairaden, olhando para dentro da casa para saber se estavam sozinhos. — Prefiro que não morram comigo, se eu puder evitar.

— Está *mentindo*! — Irritou-se Narion. — Você entrou numa cidade com um batalhão inteiro já sabendo que ia lutar uma luta que não podia ganhar e diz que quer *evitar* alguma morte!

— *Se eu puder*, sim, mas todos sa...

— Você não *confia* que eu possa ajudar *você* a fazer o seu *grande* trabalho! — Falava como se estivesse prestes a cuspir no chão entre os dois. Mairaden forçava sua respiração a se regularizar, dissimulando o espanto. — Não me subestime. Não *nos* subestime!

Narion ficou de pé, pondo o arco à frente do corpo como Mairaden fazia com a alabarda. O general de Inasi-u-een levantou-se também, procurando não fazer nenhum gesto muito brusco.

— Arcos vergam-se muito e não quebram. Mas *nós* quebramos, Nariomono.

Depois de alguns passos no corredor, um dos soldados de Mairaden apareceu na porta da varanda. Olhou para os dois, disse que a charrete estava chegando, e foi embora. Mairaden foi o primeiro a desviar a atenção, fazendo de tudo para não fazer parecer que havia perdido algum tipo de batalha. Antes de atravessar a porta em direção à sala teve o corpo impedido pelo arco de Nariomono.

— Talvez seja melhor voltar a falar só sobre estratégia.



Mairaden girou a maçaneta. Sabia que estaria aberta.

O homem de preto sentado numa das cadeiras da mesa redonda próxima à porta esperava por alguém de roupas similares.

— Vocês não podem entrar aqui! — Ralhou ele, de voz azeda e testa contrariada. — Vão embora!

Mairaden desembainhou a espada curta da cintura e desceu-a num talho vertical à cabeça do soldado. De dentro da casa, que contava com salas subseqüentes tingidas em um dourado bem iluminado, surgiu uma guerreira, já com a espada à mão, para ver o que estava havendo. Narion, que entrara logo depois do general, apontou o arco carregado para ela.

— Não chegue mais perto! — Alertou, pronto para acertá-la.

A guerreira fazia cara de poucos amigos, tão parada quanto achava que deveria ficar, enquanto Mairaden jogava o soldado no chão.

— Nariomono... — Chiou o general.

— Não vou desperdiçar uma flecha sem necessidade.

— Quem são vocês?

— Não fale nada! — Orientou Nariomono.

Os três esperaram pelo que pareceu ser tempo demais; apenas Mairaden tinha alguma mobilidade, e os sons, os ritmos, os passos de seu corpo não conseguiam, por rápidos que fossem, acelerar a passagem do tempo.

O som dos cascos dos yutsis no chão da rua foi tão libertador quanto arrepante. Estavam numa jir nos limites do centro da cidade, e embora aquela fosse a avenida da região, sabiam que esta era a charrete que esperavam ver.

A rotina havia sido a mesma por dias: ela parava e um soldado abria a porta, deixando-a assim. Entrava na casa, fechando a porta enquanto pegava as correspondências e qualquer outro material que precisaria levar, presumia-se, ao Conselho. Abria e fechava a porta da casa mais uma vez, para dela sair; acondicionava tudo na charrete e então fechava a primeira porta que abria. O ritual das batidas permitia que o cocheiro soubesse o que o guerreiro estava fazendo e onde exatamente estava. Na maioria das vezes o processo demorou instantes apenas, mas em um dos dias demorou algo comparável ao que pensavam ser necessário para obter um silencioso controle do transporte.

Assim que a casa se abriu, Mairaden fechou-a com um estrondo e agarrou pelo pescoço a guerreira que entrara.

— Quantos mais há dentro da charrete?

— *Ninguém!*

— Não *mint*a para mim! — Rosnou Mairaden, fazendo a inimiga sentir melhor a ponta da espada em sua barriga.

— Não estou mentindo! — Ela debatia o pescoço como podia; queria balançá-lo à exaustão. — *Juro!*

Mairaden achou a tese estranha, mas manobrou o corpo significativamente menor que o seu até a área para além do arco de Narion.

— Para trás! — Disse o al-u-bu-u-na, agora apontando o arco para ela.

Mairaden e um de seus guerreiros colocaria a bordo a mala com a armadura e sua alabarda. Não deveria demorar muito; talvez tudo chegasse ao fim antes que a maliciosa gota de suor terminasse de cair pela têmpora direita de Narion.

Achou curioso a forma como as guerreiras aceitaram o destino da charrete. Talvez naquele mundo imundo do qual faziam parte não havia muito espaço para pensar para além de si: se sobrevivessem ficariam felizes, e só.

Narion se perguntava se elas não fingiam suas raivas; se não punham no rosto uma vontade louca de sangue e revolta tanto quanto ele fingia estar

em total controle da situação. Imaginava se não eram jovens destreinadas que não tinham sequer recursos para lutar contra aquele arqueiro estranho que aparecera de repente para roubar a charrete mais importante da cidade.

Quando os olhos das cativas oscilaram levemente para um lado, Narion ouviu o ar se deslocar atrás de si. Uma faca acertou em cheio o peito da guerreira mais próxima, fazendo-a cair para trás num soluço de dor. Nario-mono virou de costas e viu um dos guerreiros de Inasi-u-een arranjar mais uma na mão, flexionando os joelhos para mais um lançamento.

“Abaixe!”, recomendou ele, mas Narion não foi rápido o bastante.

O braço que segurava o arco se contraiu, protegendo com a madeira seu ombro. Enquanto a faca voou para o alto, desviada do caminho, a outra mão de Narion preparava, voltada para o guerreiro amigo, a flecha na posição certa; quando tudo se encaixou Narion esticou-se para trás no menor dos movimentos para atirar no rosto da inimiga, que corria em sua direção com o braço pronto para lhe atacar.

Fazendo um rosto de quem tentou, mas infelizmente não conseguiu, o soldado de Inasi-u-een saiu do espaço entre as portas abertas da casa e da charrete. O rosto de Mairaden apareceu, sinalizando que estava tudo pronto. Narion o seguiu charrete adentro, fechando as duas portas e sentando nos confortáveis bancos cor-de-azeitona que os levariam até o Conselho dos Magos.

Saíram do lugar assim que sentaram-se. Ainda ofegavam, os dois; o mais inexperiente mais que o outro.

— Mandou matar aquelas guerreiras?

— Sim.

— Elas estavam sob *controle*!

— Até entrarmos na charrete. Depois, elas correriam até algum comandante e estaríamos sendo seguidos por elas e mais trinta antes de sairmos do centro.

— Elas não eram guerreiras. — Disse, voltado para as próprias botas. — Não estavam lutando.

— Engana-se. — Disse Mairaden, como se já pensasse no que iria dizer pelas próximas cinco frases. — O Conselho dos Magos era secreto até o começo da guerra e já tinha um exército formado. Como acha que essas guerreiras foram recrutadas? Se fizesse uma seleção, o Conselho já não se preocuparia em ter dentre os seus apenas os melhores guerreiros? Ou no mínimo razoáveis, mas acima de tudo leais?

— ... No fim uma delas me atacou...

— O que me preocupa é que não tenham se empenhado nisso com mais afinho.

— ... O-o que quer dizer?

Mairaden não respondeu. Limitou-se a balançar o queixo acima do corpo de estátua como se tentasse fazer cair algo que equilibrava na cabeça.

— Está pensando que está muito fácil. — Adivinhou Narion.

— É uma impressão falsa. Tivemos que gastar dias para encontrar o General do Exército e por sorte obter a informação. E mais dias para fazer um plano. Seria mais fácil se o sistema de comunicação fosse mais simples. Só o que teríamos que fazer seria usar a força.

— Mas só havia *um* guerreiro na charrete.

— É a lógica... As charretes foram multiplicadas para criar um sistema em que nenhum estranho saiba qual delas vai para o Conselho. Com mais charretes é preciso distribuir melhor os soldados... E para levar algumas cartas não é preciso mais que um mensageiro.

Narion não estava convencido de que Mairaden estava realmente des preocupado quanto àquilo. Talvez ele, tanto quanto Nariomono em relação às recentes inimigas, só estivesse vendo o que queria ver.

— Se isso for uma armadilha...

— *Não hesite* em usar esse arco de mistério. — Completou Mairaden.

O general sustentou seu olhar, esperando pela anuência do al-u-bu-u-na como faria com um soldado seu.

— Você entendeu, Nariomono?

— Eu vou fazer o que for preciso mas não o que *você* acha que é preciso!

Mairaden fez que um lento gesto negativo.

— Um dia, Nariomono, vai ter que decidir se está pronto para pagar o preço pela vingança que tanto quer.

Uma fresta se abriu na boca de Narion, que não gostaria de seguir viagem num silêncio que não fora decretado por uma última palavra sua. Mas conteve-se, já que não sabia o que dizer. Uma voz no fundo de sua mente tinha uma sugestão; gostaria apenas de poder corrigir um pouco a frase do colega. Mas ignorou a voz, num instante reprimindo-a por completo.



Depois de cruzarem o centro da cidade e passarem pelas jirs do Oeste, chegaram ao porto. Permaneceram dentro da charrete, conforme o combinado; o cocheiro, que não deveria desconfiar de nada, já estava acostumado a esse comportamento por parte dos mensageiros. Afinal, a travessia até a outra margem do rio era corriqueira e constituía uma parte do trajeto como outra qualquer.

Identificaram todas as partes da jornada: a parada na área de embarque, com uma longa espera pelo navio; a entrada e a permanência no convés especial, onde o veículo ficava aglutinado a outros sem que no entanto se pudesse ouvir o que se dizia nas cabines ao lado; a descida bastante rápida,

praticamente solitária, que seria explicada para os ignorantes curiosos como um atalho para Imiorina.

Continuaram a viagem. A charrete parecia ainda mais apressada enquanto se movia para o Norte, e os passageiros sentiam agora que passavam por um terreno mais acidentado.

Apesar de por muito tempo desde o início do caminho terem ciência de que ainda estavam longe do Conselho — e de que não falariam mais nada até precisarem combinar alguma tática — não dormiram. Agora que atravessaram a margem, sentiam ainda menos sono. Sem saber quanto chão ainda os esperava, faziam estimativas e apostas particulares: chegariam com o céu já escuro? Haveria tempo de se esconder ao chegar lá? Seriam recepcionados por um mago, ou quem sabe pelo próprio Desmodes?

O que era, afinal, o Conselho dos Magos?

— Eu deveria ter trazido a alabarda. — Disse Mairaden, que contava com a espada curta na cintura.

— Ficou na casa alugada?

— Não. Está no bagageiro.

Ficaram mais lentos ao fazer uma subida mais acentuada. Nariomono segurou-se a alças próximas às próprias orelhas para não escorregar para cima do companheiro de luta.

— Ela tem alguma importância para você?

— Não é como o seu arco, mas a prefiro como arma.

A charrete terminou a subida, mas a velocidade não aumentou.

Prestaram mais atenção ao lado de fora, deixando os ouvidos cuidadosamente flutuarem para perto das portas. Pelos rangidos e ruídos, o cocheiro saíra do posto, pisara na grama à esquerda da carroça, e fugiu da cena o mais rápido que pôde.

Narion e Mairaden levantaram-se, tomando posição um em cada porta. Aquele encostou a ponta de baixo do arco no trinco; o general desembainhou a espada e preparou-se para encarar qualquer inimigo, não importa quão perto estivesse.

Olharam-se uma última vez, olhos ao nível do chão, prescindindo de palavras para combinar a saída conjunta.

Puseram os pés no chão ao mesmo tempo. Não havia prédio ou casa em que pudessem ancorar o olhar. Mairaden via parte do Rio Joss morro abaixo e as Montanhas Iarna ao Nordeste; Narion tinha à frente um tablado sem fim de colinas e árvores em grupos desatados.

Ambos encaravam também, de cada lado, cinco guerreiros do Exército do Conselho portando espadas longas em guardas pacientes e posturas atentas. Do lado de Nariomono havia também uma figura de escudo, o único protegido por um cinzento e longo elmo, atrás do semicírculo de soldados.

— Humpf. — Fez o escudeiro ao estudar a figura do al-u-bu-u-na. Gritou, então, para que até os comparsas do outro lado da charrete pudessem ouvi-lo. — *MATEM!*

Os inimigos correram na direção de Narion quando este fugiu ao longo da charrete e dos yutsis. Praticamente jogou-se em cima do guerreiro mais à direita, certo de que o arco o protegeria. Desviou-se do soldado num giro depois do choque e continuou, meio tonto, a correria em direção a lugar nenhum.

Mairaden partiu, ligeiro e decidido, para cima do guerreiro do meio; neutralizou um golpe e com uma ombrada derrubou-o. Seguiu para a traseira da charrete, com a imagem de sua alabarda viva na mente o tempo inteiro. Foi mais rápido que o segundo inimigo, e num desvio inteligente conseguiu abrir caminho até o peito do terceiro, que estocou o mais rápido que pôde para seguir em frente.

Destravou a porta do bagageiro do comboio, mas o quarto e o quinto soldados o alcançaram. Concentrou-se no da esquerda, partindo para cima dele que, embora defendesse bem os primeiros cortes, não conseguiu se esquivar o suficiente para ficar ao abrigo das passadas largas do general de Inasi-u-een.

O quinto soldado fez menção de se aproximar com pressa, mas parou no meio do caminho. O primeiro, que Mairaden não havia ferido, já estava próximo novamente, mas a um pedido de calma com a mão por parte do parceiro não avançou demais.

Narion sentia-se puxado para trás — e sabia que não podia resistir muito mais, pois os guerreiros o alcançavam. Pegou impulso no entortar cheio de propósito do pé direito para pular num giro para trás, protegendo-se com o arco de um corte certeiro. O inimigo caiu, rolando para o lado, mas em seu encaço vinham — como percebeu na fração de instante em que ficou no ar, muito rápido — outros quatro.

Ouviu o som de flechas esparramando-se no gramado quando caiu, mas ficaram próximas o bastante para que ele pudesse atirar de novo. Fez um soldado espiralar até onde ele estava: rolou para a esquerda para escapar do corpo, sentindo um calor de momento ao pensar que poderia quebrar o arco no processo — mas à medida que os braços puxaram num movimento perfeito uma flecha a mais para outro acerto ideal, despreocupou-se.

Já estava sentado quando disparou mais uma vez, e a flecha mal havia deixado a madeira quando seu braço deslocou-se para a esquerda; sentiu os ossos vibrarem ao receberem todo o impacto do golpe vertical do primeiro soldado a atacá-lo; antes que o inimigo perplexo pudesse arranjar outro golpe, uma nova flecha perfurou seu peito de baixo para cima.

Levantou-se e olhou ao redor enquanto afastava-se do lugar onde caíra. Localizou-se ao ver a charrete, e logo viu também o inimigo que sobrou.

Narion tentou puxar uma flecha, mas percebeu que seu braço não se movia do mesmo jeito que antes. Não era mais o arco quem o comandava a fazer o movimento — não havia mais flechas na aljava para serem usadas.

Sabia que não havia gastado todas — *não podia ter gasto* — e percebeu, ao olhar para a grama ao redor dos pés do adversário, que perdera mais flechas ao cair do que havia imaginado.

Os soldados, que no começo aproximavam-se de Mairaden de frente, resolveram numa troca de olhares acintosa dividir o ataque para, em duas frentes, atacá-lo ao mesmo tempo.

Mairaden não deixou o plano dar certo. Assim que seus inimigos se separaram o bastante, pôde atacar um sem que o outro o ameaçasse; partiu para cima do mais próximo da charrete, que recuou, amedrontado, tentando golpes que mantivessem Mairaden longe. O general defendeu os ataques, aproveitando um descuido para atingir os braços do guerreiro e impôr derrota ao com um golpe lateral na cabeça.

Viu que o último inimigo hesitava, e Mairaden não teve dúvidas: Correu até a charrete, levantou a porta do bagageiro e teve acesso imediato à alabarda, que puxou para si depois de jogar a espada para dentro em seu lugar.

O comandante dos soldados do Conselho, que havia se escondido na lateral da charrete, girou no próprio eixo para desferir um golpe horizontal contra Mairaden.

O general urrou de dor, recuando para longe do comboio; o braço cortado pela espada do inimigo começava a sangrar, em instantes latejando como os gritos de emergência que se recusava a dar.

Narion olhou para o arco em suas mãos por um instante. Quando não precisava dele não o via como diferente: ele não fazia nada que desse a menor indicação de que funcionaria da próxima vez. No entanto, respondeu como o guardião mais fiel cada ameaça que surgiu.

“Ele não vai falhar agora”, murmurou para si mesmo antes de correr para os braços prontos do inimigo.

Sentiu o arco instar seu braço a erguê-lo para barrar o golpe vertical que recebeu. O soldado continuou, investindo pela esquerda, e Narion defendeu-se: agarrou o arco como se o fizesse com uma espada para desferir um golpe na cabeça do inimigo.

O adversário também foi rápido, travando o arco com a guarda de sua espada, tirando-o do caminho e estocando Narion à altura do peito. O al-u-bu-u-na reagiu tirando a espada do caminho de seu corpo ao puxá-la com o arco; puxou o soldado inteiro com ela — e no ombro a ombro que dali surgiu, socou seu rosto com uma força que desconhecia no próprio punho instantaneamente dolorido.

O inimigo recuou, desorientado, com a espada ainda em mãos. Narion abaixou-se para recuperar uma flecha e, assim que a tocou, seus braços fizeram tudo sem qualquer intervenção de sua mente: a próxima coisa que viu foi o corpo do último inimigo cair para trás num baque surdo.

— Quem é você? — Perguntou o comandante, que se aproximava sem cerimônia de um Mairaden ferido, mas em guarda normal.

— Meu nome é Mairaden. Sou general de Inasi-u-een!

— *Inasi-u-een?! O que é que você fez no seu castelo, filinorfo maldito?*

Mairaden quase esqueceu da dor, sorrindo por dentro e por fora; percebeu, de relance, que o soldado remanescente se aproximava, tentando fazê-lo por fora de seu campo de visão.

— ... Castelo? — Perguntou, genuíno.

O comandante encerrou as cerimônias, avançando sobre o mais alto, mais forte, menos protegido e mais ferido general da distante cidade ao norte.

Mairaden recuou de costas, forçando o comandante a correr mais depressa e fazendo reaparecer em seu campo de visão o soldado que contava demais com astúcia vulgar. Interrompeu os quase saltos para trás e — sem conseguir evitar o grunhido — montou base na espera do escudeiro determinado a atacá-lo de qualquer jeito.

Lançou a alabarda à frente e o impacto em seu escudo tornou a investida mais lenta; recebeu os golpes na esquerda que sabia que receberia, e a cada vez que os defendia, apertando os dentes uns contra os outros, sentia um tremor mais forte no braço machucado.

— AAHH! — Berrava, contra-atacando com estocadas que expunham, um puxão por vez, o corte no músculo. — AAAHHH!

Notou, ao ganhar distância nova do oponente, que o outro soldado não chegara para o combate: atrás do comandante seu corpo jazia estirado, virado de lado, com sangue escorrendo pelo furo que uma flecha abrira próximo à orelha.

O inimigo intuiu a situação: olhou para a esquerda no momento em que uma flecha atingiu seu elmo, lançando-o em passos tortos e cruzados numa trilha até uma queda desajeitada. Ao levantar-se, não enfrentava mais apenas uma pessoa; alternou a atenção entre as duas e decidiu ir embora, descendo a colina de onde tinham vindo.

Narion voltou-se para o companheiro, preocupado com o sangramento em seu braço.

— Pegue a mala... — Disse Mairaden, apoiando-se com o braço direito sobre a alabarda. — Há minérios junto à armadura...

Narion sequer saiu do lugar e uma nova vibração do solo chamava-lhes a atenção. Do caminho de onde vieram já podiam vir, avançando a toda velocidade, duas outras charretes.

- Temos que ir embora *agora!*
— Elas vão encontrar o comandante e perguntar o que houve, *há tempo!*
— Argumentou Mairaden.
— *AGORA!*

Narion começou a correr em direção ao outro lado da colina. O general desfez o apoio sobre a arma, e segurando-a com a mão direita correu para seguir o al-u-bu-u-na.



- Vou ter que usar a alabarda para ver se alguma árvore tem minérios.
— Não seja ridículo. — Respondeu Mairaden, sentado próximo a um tronco encurvado. — Teria que cortar uma centena...

Narion, de pé com as mãos na cintura, já estava no limite da imaginação. O corte não havia dilacerado o braço de Mairaden, mas fora profundo e o sangue demorou a estancar. Seus movimentos estavam restritos — a não ser, é claro, que ele quisesse sentir a distração da dor durante uma luta, o que não parecia um risco razoável.

- T-tem certeza que isso vai ser curado sem um minério?
— Sim.

A noite estava quase chegando, e ela parecia disposta a mascarar a chuva que os espreitava com ainda maior voracidade. Chuva, sujeira, sangue, noite, fuga; Narion sentia-se claustrofóbico em meio ao espaço aberto.

— E quanto tempo vai demorar? Por quanto tempo vamos nos esconder aqui? Quanto tempo até sermos *mortos* enquanto dormimos?

- Vamos nos revezar acordados...
— Isso não é...
— *Nariomono*. — Interrompeu Mairaden. — O arco.

O al-u-bu-u-na olhou para o arco, encostado em uma árvore logo ao lado. Esticou a mão para ele, mas uma flecha foi cravada no chão no espaço entre seus dedos e a arma.

Narion jogou o pescoço para cima; um guerreiro cinzento empoleirado num galho grosso armou mais uma flecha contra ele.

— *NÃO SE MEXA!* — Gritou o inimigo, enchendo a floresta de movimento.

Outros arqueiros e novos espadachins surgiram à distância, aproximando-se dos dois com passadas furtivas como umenau que, cheios de patas minúsculas, subiam pelas pernas no meio da noite.

Narion avançou para o arco. Quando o tocou, agachou-se e o pôs acima da cabeça, bloqueando a flechada que descia potente em sua direção e esquivando-se de outra que chegava à altura da cabeça, mas passava torta para o lado. Raspou o dedo por uma das flechas na aljava no chão e, rolando para

o lado, ajoelhou-se pronto para o ataque; só não sabia ainda contra quem deveria atirar primeiro.

— Quem são vocês? — Perguntou o arqueiro na árvore. — Parem de se aproximar!

— Estamos *parados!* — Retrucou Narion.

— Estou falando com meus companheiros, *imbecil!* — Resmungou de volta o arqueiro. — Vou perguntar de novo! Quem são vocês?

— Meu nome é Mairaden, general de Inasi-u-een. Ele se chama Nariomono, arqueiro maior dos al-u-bu-u-na.

Narion olhou de esguelha para o colega, surpreendendo-se com o título que lhe foi dado.

Ao observar os outros guerreiros, novamente percebeu que o silêncio era preenchido com olhares confusos entre eles.

— Que combinação mais estranha... — Comentou o líder na árvore. — O que estão fazendo aqui?

— Fugimos do Exército do Conselho dos Magos... Estou ferido!

Narion censurou Mairaden, sem filtros no olhar perplexo. Deixou o arco mais tenso do que nunca até ouvir a voz que emanou do alto, que mais assemelhou-se a um canto cansado, sofrido e aliviado do que uma exortação à batalha.

— Ah... Tudo bem então, pessoal... Baixem as armas! São amigos!

O círculo que se formou ao redor dos dois foi se concentrando no centro. Embainhavam espadas e guardavam flechas. Narion, guardando também a sua — mas mantendo o arco bem apertado na mão — observava o arqueiro das alturas descer aos pulos até passar a usar as ranhuras e os buracos do tronco velho em que se apoiava para chegar ao solo. Outro arqueiro, que antes Narion sequer percebeu, fazia o mesmo na árvore em que Mairaden se encostava.

Ao todo o al-u-bu-u-na contou doze pessoas; eram homens e mulheres de todos os tipos, vestindo todo tipo de farrapo, e olhando para eles com uma amizade que não parecia muito difícil de conquistar.

— Muito prazer! — Disse o líder, estendendo a mão para Narion. — Meu nome é Van, filinorfo de Al-u-tengo.

Narion aceitou o gesto. Van tinha uma pele bronzeada, olhos quadrados e castanhos, e um cabelo escuro aparado num retângulo convencional o suficiente para uma tábua, mas bastante incomum para um humano.

— E você está ferido, então? — Disse Van, voltado para Mairaden. — Se importa se eu der uma olhada?

O general mostrou o corte no braço esquerdo. Van agachou-se para ver o ferimento mais de perto, fez um “sim” difuso com a cabeça e sorriu ao se levantar, dando alguns passos pela região para ficar em uma posição em que tanto Mairaden quanto Nariomono pudessem vê-lo.

— Esse vai ser tranquilo. Temos um minério.

— Obrigado. — Disse Narion.

— Não tão *rápido*. — Apressou-se Van em dizer, girando o pescoço lentamente até encarar o al-u-bu-u-na. — Temos *um* minério. Um só. E não vamos gastá-los com vocês até sabermos exatamente o que estão fazendo aqui.

Narion lançou um olhar impaciente para Mairaden.

— Não pareço ter opção se quiser seguir logo com meus objetivos... E pelo que entendo vocês são todos filinorfos.

— Nem todos. — Disse Van. — Somos um *bando* de alorfos e filinorfos que se juntou assim que o tal Conselho de Magos se anunciou e... — Abriu os braços, deixando escapar ar pela boca risonha. — Viemos tentar descobrir onde ele estava e o que fazer para acabar com ele.

Mairaden sorriu.

— Fui treinado desde que nasci para derrotar um novo governador. Narion também deseja matar o mago que hoje é líder do Conselho dos Magos, e que considero, no mínimo, um grande candidato a ser um governador de nossos tempos. Pensávamos estar a caminho de lá, mas fomos emboscados.

— Entendo... É, a segurança tem sido mesmo reforçada. Há uma trilha, que começa não muito longe daqui, em que uma charrete vem e vai todo dia, mas muitas simplesmente vêm até alguma clareira na região e, sem fazer nada, dão a volta e vão embora... Mas nós achamos que a charrete que vai por essa trilha em especial *vai até* o Conselho dos Magos.

— Por que não a seguiram até o final ainda? — Perguntou Narion.

Van sorriu para ele como se já tivesse ouvido a pergunta uma centena de vezes.

— Porque tirando eu, que já fui militar, somos uns desgraçados sem treinamento nenhum e a trilha é muito bem guardada. O João ali nem tem uma espada — Van apontou para um dos guerreiros atrás de Narion, que, com um sorriso travesso, desembainhou uma espada de madeira cuja parte que deveria ser metálica era simplesmente um bastão minimamente achatado pintado de cinza. — e nenhum desses arqueiros aí sabe dar um tiro que presta. Só o que nós podemos fazer é sermos silenciosos, escalar árvores e, bem, temos a magia também, mas de qualquer forma os soldados deles fazem tudo que fazemos e fazem melhor.

— Podemos ajudar. — Disse Mairaden. — Podemos enfrentá-los.

— Sim, bem... — Recomeçou Van. — Quanto a isso... O que significa ser treinado desde que você nasceu para derrotar um governador?

— Se eu for sincero, não acreditará. — Respondeu Mairaden. — Mas posso dizer que todo inimigo que tenta usar de magia contra mim não consegue fazê-lo.

Apenas uma das sobranceiras de Van se levantou, mais rápida do que sua cabeça balançava afirmativamente.

— Tudo bem... Inasi-u-een tem mesmo uma tradição interessante contra os magos. Bem... Se nós curarmos esse braço vocês vão estar prontos para nos levar até o famigerado *Conselho dos Magos*?

— Não. Ainda precisamos recuperar minha armadura, que ficou em posse do Exército do Conselho.

— O quê? — Riu Van. — Não pode estar falando sério.

Mairaden apoiou-se no braço ferido para se levantar. Não alterou o rosto em toda a subida, mesmo depois que gotas de sangue novas começaram a escorrer pela porção seca que tingira suas roupas. Van não era particularmente alto, e se antes olhava para baixo para falar com o general, precisava agora voltar-se para os galhos de onde saíra para entender o quão sério Mairaden estava sendo.

— Vamos recuperar minha armadura primeiro. Depois, vocês mostram o caminho. Por último, passaremos por ele. — Olhou para Narion, que acenou positivamente para o general. — Agora, por gentileza, comecem curando o meu braço.

A vila dividida

A cidade crescia como bolo ao fogo, mas Caterina sentia frio de fazer tremer os braços e bater o queixo; de chacoalhar as pernas e tirar dos eixos. Frio que entrava pelos olhos e congelava a garganta cada vez que admiravam os fluxos de mais e mais pessoas infiltrando-se pelas ruas, por entre as casas e árvores rareadas, todas indo para o mesmo lugar.

Ouviam-se berros e cantorias por toda parte, e até quando vinham de mais longe pareciam estar ali, no virar de uma esquina. Policiais certamente reconheciam os ex-parlamentares, mas não fizeram nada que pudesse irritar a multidão que os acompanhava, marchando indiferente por terra ainda fofa da chuva de noites atrás ou por lajotas em avenidas calçadas. Cantavam as vitórias sobre representantes do governo e soldados nas jirs de onde vinham, explicavam como tentaram garantir alguma segurança para as crianças, perguntavam uns aos outros se aquilo seria rápido ou se era apenas o começo.

A noite se aproximava, e enquanto alguns desciam das portas, destacando-se como frutas maduras para se juntar aos pacotes cada vez mais densos de multidão, outros trancavam as menores janelas, fechavam lojas e tiravam as crianças da rua. Recolhiam os minérios do lado de fora e discutiam com os passantes, acusando-os de tudo, sem pormenores. No meio da última grande praça antes do parlamento viram funcionários da cidade arrancando minérios das árvores e de postes baixos. O mesmo se repetia na vizinhança mais próxima, até onde a vista alcançava. O centro de Prima-ujir caía numa escuridão sem conforto; o céu, nublado, escondia as estrelas. Olhar para o lado, para Caterina, significava ver meros contornos dos rostos perdidos de Verônica e Leonardo. Eles olhavam para frente, mas às vezes estavam atrás de alguém alto demais para ver muito além; tinham a boca semiaberta, que lembravam de usar de vez em quando.

— Não se esqueçam de Byron. — Disse Leonardo, olhando para frente como se falasse mais para si. — Se pegarmos ele, tudo vai ficar mais fácil. . .

Havia focos de luz, vindos de minérios e tochas improvisadas, incidindo na massa que se aglomerava em volta do quarteirão do Parlamento. O grupo que vinha pelo norte, ao sair dos limites da praça, caiu em uma rua já com-

pletamente abarrotada defronte ao prédio. Chegaram em silêncio, mas logo se integraram aos burburinhos e vozerios que formavam, aqui e ali, canções de protesto. “Não queremos, Prima-u-jir, *nessa guerra!*”, entoavam uns com os pulsos fechados para o alto. Uma dupla de homens gorduchos com vestes prateadas rasgava caminho pela multidão, começando sozinhos versos como “Mago bom, é mago morto! Osso quebrado, e dente torto!”. Um unísono mais harmônico, com mais palmas e mais pulmões, começou a cantar “Magos, fujam! Nós vamos pegar vocês!” e Caterina podia ouvir trechos de um discurso que, sem um minério de som, jamais poderia ser ouvido por todos que estavam ali.

Quando Frederico apareceu em uma das varandas superiores, mais gente já estava na praça, agora cheia de pontos de luz, fogo e brilhos metálicos das mais variadas coisas que carregavam nas mãos. As reclamações perderam a qualidade da letra e viraram vaias brutas depois que percebeu-se o rosto do mestre na janela por entre uma abertura nas cortinas.

A velha cabeça barbada observava tudo. Alguns talvez nem soubessem quem ele era, mas provavelmente aprendiam a partir das sugestões que lhe davam quanto ao que fazer com sua vida política.

Leonardo disse às duas que já voltava, não sem antes confirmar que todos ainda lembravam o que fazer se algo desse errado. Verônica comentou que havia visto Frederico fazer algum gesto para alguém mais ao longe.

Caterina não viu nada, mas não precisava daquilo para sentir que havia algo errado. Só pôde articular o sentimento mais tarde, quando pessoas que conhecia de diversas partes da cidade — estando ali, juntas, o que maravilhosamente não fazia sentido algum — convidaram-na para assumir lugar no largo e longo tronco que pretendiam usar para arrombar o parlamento.

Ninguém, com a exceção da cabeça de Frederico, tinha vindo interagir com o povo de Prima-u-jir. Nenhum parlamentar; sequer um assistente.

Boom, fez o tronco nas portas. Leonardo berrou que ela era muito forte, e talvez estivesse segurada por algo a mais do lado de dentro.

O plano com o qual todos preferiam contar era a simples pressão.

Boom.

Juntar uma quantidade de pessoas grande demais para ser ignorada e exigir, muito rapidamente, algo dos magos. Façam o que queremos ou tomaremos a cidade.

Eles, contudo, *estavam* sendo ignorados.

Boom.

Já não parecia mais estar usando os braços como deveria, mas suave. A porta não cedeu. Automática, pensou em continuar mais uma vez — virou-se atrasada, quando os outros já percebiam o que havia começado, largando o tronco um a um.

Ela foi uma das últimas. Deu alguns passos pra trás sem saber para onde virar o pescoço, e logo acompanhou quem vinha correndo da praça com fome de fuga. Viu de relance os amigos seguirem seus caminhos e lembrou do próprio, descendo uma rua à lateral do Parlamento. Conhecía a cidade e sabia que faltava muito até os limites do centro. Tinha que manter a multidão que ia para a mesma direção que ela unida — não importava muito o que estivesse os dispersando em primeiro lugar.

— COMIGO! — Gritou ela, parando por um instante.

Viu as dezenas, talvez centenas de pessoas na extensão da rua voltarem-se para ela, reordenando-se na corrida. Alguém com um longo bastão em uma mão e uma tocha na outra passou a chama para ela, com um simples “*aqui!*”.

— Ei! — Chamou Caterina, antes que ele fosse embora. — Você vai lutar? Quem vai lutar?

— Eu sei quem vai — Falou a voz rouca na quase completa escuridão. — Vou reunir todo mundo que eu sei, você *tira* eles daqui que a gente aguenta!

— Não, não agora! Vá reunindo, mas venha junto, temos que defender uma área menor!

— ... Está bem!

— Ei! Venham! — Chamou Caterina. — *VENHAM COMIGO!*

Não precisava, mas carregou a tocha com o braço erguido, às vezes muito acima da própria cabeça; corria por entre ruas cada vez mais vazias, sentindo-se forte como se puxasse um monstro marinho pelos bigodes. Atrás de si ouvia, por debaixo dos berros, dos sussurros e dos medos, o bater frenético dos sapatos.

Ela não tomou a decisão de fazê-los lutar tanto quanto eles não a haviam feito guiá-los mas, com o fogo da esperança nas mãos, sentia-se absolutamente responsável por aquela luta.



Byron, Alice, Marco, Luca e Ângela, de pé mas em frente a seus lugares na mesa, começaram a sair da sala de reuniões do Parlamento assim que ouviram as instruções de Frederico. Tornero era um dos muitos que esperavam do lado de fora, entre discípulos, policiais e soldados. Apertou-se para conquistar na fila o lugar atrás de Byron, cortando Ângela sem cerimônia.

— Tornero? — Chamou um policial, uniformizado em preto, de uma porta num trecho do corredor pelo qual eles já haviam passado. — Quem é Tornero, por favor?

— Eu sou. — Respondeu ele, virando-se para trás e parando a fila.

— Tem equipamento seu aqui, você tem que vir pegar.

— Não é meu. — Respondeu, de costas.

— Você *precisa* vir pegar!

— Vá logo, criança! — Ralhou Ângela, provocando-o para fora da fila.

O discípulo saiu da fila, andando na contramão; Byron continuou o caminho, sem esperas.

Tornerio nunca esteve naquela sala; sequer saberia dizer o que deveria haver nela, mesmo que tenha passado várias e várias vezes pela frente da placa de depósito grudada à porta. Não podia enxergar o que havia dentro do estoque de caixas empilhadas: a metade maior de um minério quebrado, pendurado à parede oposta à porta, tornava a fonte de luz tão insegura que mal havia sombra para dar contorno aos objetos.

— Ele acabou de quebrar. — Desculpou-se o policial, fechando a porta.

— Como eu vou *enxergar* se fechar *a porta*, *imbecil*?

Já que deu meia-volta, recebeu na lateral do pescoço a pancada planejada para acertar sua nuca.



Leonardo pegou o papel enrolado que a mulher encharcada trouxe até o limiar do apartamento de paredes esverdeadas e rachadas. Ele, espada longa na cintura, vestia as mesmas roupas amareladas borrifadas de sujeira e imprecisão que todos os colegas — inclusive a mensageira, que levava em uma das mãos um facão (meio cego, pensou ele numa instintiva olhada rápida) e na outra um amontoado de madeira rusticamente combinado num escudo. Olharam-se brevemente, trocaram acenos, e ela se foi.

17. O cerco está bom ainda, responda se você puder. Só abriram um buraco na estrada para o Sul. Verônica está a oeste, e eu pelo leste. Conseguimos nos misturar. Todo mundo quer atacar mas eu não sei, a estrada está bem guardada demais. Espero notícias.

Leonardo levou o bilhete à mesa sem toalha em que ficavam os mapas da região em que estava. Fincaram barricadas nas ruas fortunadamente mais estreitas, e garantiram que não havia força policial para pegá-los desprevenidos pelas costas: mesmo tendo se fortificado em três pontos principais, os rebeldes formaram uma rede circular em volta do centro. Grupos se misturaram tão bem quanto nas ruas fortificadas, o que era crucial — todos, ou a maioria, ficavam em casas como outras quaisquer, com o consentimento e apoio dos moradores, e repeliavam tentativas de quebrar o bloqueio para que nada pudesse entrar ou sair do centro. Como estavam do lado de fora, conseguiam receber comida e outros mantimentos dos companheiros, que tinham as próprias lutas para lutar contras as tropas avulsas espalhadas pelas outras jirs.

A teoria funcionou bem por um dia, até que o círculo foi quebrado em um ponto crucial — e também previsivelmente fraco, já que não havia casas às quais se misturar. Caterina e Verônica não queriam avançar sobre a estrada. Com terreno plano e aberto, de total controle sobre a aproximação do inimigo, muitas tropas podiam ser espalhadas por ela. Mas algum mago devia estar guardando o lugar também. “Talvez até Byron”, pegou-se resmungando baixinho.

Deu três passos para abrir a janela e o barulho da chuva invadiu o lugar sem pedir licença. Assoviou duas vezes, com mais força que o de costume. Dois garotos apareceram na rua, olhando para cima com o olhar espremido.

— Estão nas barreiras ainda? — Responderam que sim. — Então parem! Espalhem que vamos avançar!

Os dois assentiram e correram juntos rua abaixo. Leonardo fechou as janelas, voltando aos planos na mesa. Pegou dois rolos de papel de um pacote marrom aberto num canto do móvel, e procurou por uma caneta.

17. Vamos avançar para diminuir o cerco. Esperem notícias.



A casa havia enchido em poucas horas; no quarto mais ao fundo alguém conversava com a família que a emprestara, e mais gente na rua se comunicava com quem estava ali em cima através da janela. Leonardo esquivou-se das pessoas em pé ao redor da mesa e no espaço até a janela para atender a porta.

Alguns rebeldes acompanhavam um homem de olhos puxados, lábios cheios — e também inchados, ou pelo menos o inferior — e uma sujeira por debaixo da qual poderia quem sabe haver cabelo loiro.

— Muito prazer. — Iniciou ele, apertando a mão de Leonardo. — Fui, alorfo de Kerlz-u-een. — Leonardo fez que entrasse, agradecendo aos que o trouxeram ali. — Viemos ajudar como pudermos. Esses são tempos ruins. O que vocês têm aqui é uma coisa bonita.

— Bonita e frágil. — Respondeu Leonardo, fechando a porta e chamando a atenção dos outros. — De que lado está Kerlz-u-een?

— Do lado errado.

— Então vocês falharam lá.

Fuj abriu o canto da boca num sorriso estapeado.

— Não terminou ainda... E foi diferente. Lá nós lutamos pela decisão desde o começo. Fomos massacrados, sem dúvida. E agora planejamos o que pudemos com a estrutura que sobrou de dentro da floresta. Aqui vocês têm mais pessoas apoiando vocês, talvez mais do que apoiando os magos. — Olhou para trás, cumprimentando brevemente a todos com olhares firmes

como apertos de mãos. Pôs os olhos mais para baixo, vendo que a maioria carregava alguma coisa que pudesse ser usada como arma. — ... Vocês têm mais pessoas dispostas a atacar também.

— Vamos avançar hoje, que o centro está quase todo cercado e nós queremos apertar mais o círculo. Talvez você possa nos ajudar a se misturar.

— Misturar? — Perguntou Fuj.

— Precisamos usar as casas. Nas ruas a estratégia seria de confronto direto, e isso... Nos complicaria.

— Sim. Mas você sabe que não se transforma alguém em alorfo do dia para a noite, não é?

— Não preciso de alorfos. Preciso de quem entenda que a cidade precisa de um novo governo e precisa ficar contra o Conselho dos Magos na guerra.

— Justo.

— Tem outro problema. — Disse um homem num dos cantos da casa, praticamente fumegando por sobre o fundo verde da alvenaria rachada. — A gente está aqui no centro mas eles estão conseguindo sair e estão *acabando* com as jirs!

— O que estão fazendo? — Perguntou Fuj, pondo as mãos na cintura.

— Em algumas ainda tem trabalho normal, mas nas nossas quase tudo parou... Estão roubando tudo que a gente tem e forçando quem ficou lá a trabalhar sem parar para compensar a falta!

— Podemos tentar ver isso também. — Disse Fuj, mexendo a cabeça.

— Ei... — Chamou Leonardo, pensando que pudesse errar seu nome. — Você tem que ter cuidado com esses magos.

— Eu não preciso desse aviso, sinceramente... Todos os magos agora... Vocês... — Olhou em volta, procurando um rosto para se apoiar. — Vocês sabem o que aconteceu? Na Cidade Arcaica?



Por três ou quatro grandes quadras na área Norte do centro se alastrava o prédio do Exército de Prima-u-jir, bloco retangular e desinteressante camuflado junto às casas da vizinhança. Uma grade de colunas externas em corvônia se sobrepunha às paredes cinzentas, e uma sacada circundava o segundo andar inteiro, corredor externo em que arqueiros vigiavam a região.

Leonardo sabia que as forças da cidade estavam longe da perfeição: não eram proficientes, cheias de recursos ou embebidas em vontade fanática de defender o próprio povo como em outras cidades. *Ele* era, pelo menos quanto ao último quesito, mas aquilo não levava ninguém longe naquele prédio. Prima-u-jir compensava a fraqueza com quantidade — soldados demais, muitos dos quais já mandara para a guerra. Boa parte do exército

que sobrou foi posto na estrada para o Sul, que Caterina observava a partir de uma colina nos limites do centro. Leonardo pediu que alguns alorfos fossem até a batalha iminente no Sul, e Fui preferiu ir ele mesmo. Trouxe outro alorfo consigo, e como ambos tinham alguma prática com magia espóica formavam, na teoria, uma boa adição aos guerreiros da resistência daquele lado.

Em cima do morro viram o quão mais escura a cidade estava depois da noite do protesto no Parlamento. A estrada era a exceção: nunca esteve tão brilhante. O vão central era ocupado por uma linha de charretes abertas com grupos de arqueiros nelas. Passado o espaço da estrada em si, deixado livre, havia uma infinidade de barracas espremidas, e mais além delas, como camada protetora, várias fileiras de guerreiros. Entre eles foram construídas pequenas estruturas de corvônia que observadores escalavam e nas quais se escondavam, vigilantes.

Se a mensagem de fato percorreu o cerco e chegou ao destino, Verônica deveria estar planejando o que fazer tanto quanto eles. Ela e seu grupo estavam do outro lado da estrada.

Já no prédio do exército, longe dali, havia ruas transversais que os arqueiros da sacada não enxergavam completamente. Nelas, e apenas nelas, os rebeldes montaram barricadas. Das sombras, em uma das vias que ficaram ainda livres, Leonardo contou mais arqueiros na retaguarda do prédio que o normal. Provavelmente foram alertados por muitos naquelas casas quanto a um possível ataque. Quanto mais ao centro avançavam, mais invadiam a porção mais rica de Prima-u-jir.

— Vai, vai, vai... — Ordenou ele, fazendo uma fileira de guerreiros seus atravessar a rua.

Moveu-se junto com eles quando passaram; novos grupos vinham de trás para se juntar à volta que davam no prédio. Planejavam atacá-lo pela direita, na área do anexo da prisão, ponta em que os arqueiros teriam um pouco mais de trabalho para acertá-los.

Passavam pela esquina da prisão, ainda do lado de trás, quando focos de luz amarela surgiram por cima de suas cabeças. “*AQUI!*”, berrava do andar de cima de uma casa um velho homem — “*ELES ESTÃO AQUI!*”.

A voz ecoou como um trovão ácido na noite quieta pelas ruas de Prima-u-jir; quem estava logo abaixo implorou por silêncio, espalhando-se como se nunca houvessem mantido uma formação antes.

Mas de fato não haviam, pensou Leonardo.

Recuou, puxando o quanto pôde os que estavam perto de si para debaixo das sombras; flechas zuniram na direção deles vindas de um vão entre duas casas amarelas. “*AQUI!*”, esganiçava-se ainda o velho, e Leonardo exortava, tentando se fazer ouvir por cima do crescente barulho, ordenando a todos que avançassem.

“Estão vindo!”, alguém disse à frente; “É de lá que eles vêm!”. A mensagem se espalhou como um arrepio pelo corpo de soldados destreinados.

Leonardo distribuía com a garganta o grupo até ocuparem toda a extensão da rua. Berrou que se preparassem, mas preparados não podiam estar. Ouviram um sinal de um dos que haviam ficado em uma das casas da região; instruíram-se uns aos outros, lembrando das pedras que traziam amarradas à cintura ou em algum bolso.

Policiais com espadas em punho apareceram algumas casas à frente, suas vestes negras entrecortadas por uma luz roxa de um minério mais além. De dez a doze aproximavam-se, rápidos e quietos.

Depois que a primeira pedra foi lançada as outras choveram adiante. Assim que uma cabeça foi acertada, os policiais esquivaram-se para marquises, cercas e muros.

— SEGURAR! — Berrou Leonardo, com outros repetindo a ordem como um amuleto. — SEGURAR!

Os policiais se esgueiraram de volta para o meio da rua, chegando perto numa depressão de luz em que só o metal das lâminas era parcialmente visível.

O caos fazia uma pressão que se convertia em barulho. A linha de frente empurrava para trás, talvez sem perceber, o resto da tropa, que os empurrava de volta para os inimigos: havia quem insultasse os policiais; quem os ameaçasse, quem os apontasse como se ninguém mais pudesse vê-los e corresse, por isso, perigo — “Ali, ali! ALI! ALI! ALI! OLHE AQUELE ALI!”

O policial ao meio não parecia próximo o bastante para um golpe, mas conseguiu cortar a barriga de um rebelde no meio da linha de frente, que carregava uma foice. A mulher imediatamente às suas costas se abaixou para socorrê-lo, gritando desesperadamente; a que estava ao seu lado tratou de atacar o policial como pôde, que se esquivou.

Policiais continham o avanço dos rebeldes ameaçando-os a cada passo com cada polegar de alcance que tinham. Corpos caíam e eram levados para trás por pessoas no meio da multidão que certamente não se importavam em perder a ação mais à frente. Havia cada vez menos pessoas enfrentando cada policial por vez, e mais deles decidiam se aventurar a enfrentar os rebeldes mais de perto.

Com seus castelos invisibilizados, os três alorfos no Sul deixaram o terreno urbano e se arrastaram pela vegetação até um lugar em que já conseguiam ver, em Neborum, parte das tropas inimigas na estrada. Uma faixa generosa de arbustos e pequenas árvores preenchia o espaço entre as últimas casas e a ocupação, e embora houvesse muitos pares de olhos por sobre a área, eles esperavam, com paciência e movimentos lentos, prevalecer sobre a atenção do exército.

Os castelos, todos muito esguios e pequenos, formavam vilas próximas, com alguns deles intercalando agrupamentos grandes — provavelmente os observadores da infantaria. Para além daquela primeira linha, grupos isolados de castelos também mirrados e pouco iluminados — os arqueiros.

Caterina desejou boa sorte, saindo do próprio castelo depois dos outros, tentando garantir suas retaguardas. Fugiu e o companheiro chegaram aos castelos dos arqueiros em segurança. Arrombaram as portas com a força bruta dos iaumos de auras momentaneamente enegrecidas.

Fugiu levantou os olhos da grama, apertando-os. Muito à frente via a cabeça dos soldados no chão e, iluminados por uma combinação de minérios rosados e alaranjados, seus três alvos. Um deles levantou um braço; ele estava se virando na carruagem, mas logo parou, completamente imóvel. Depois de um tempo outro fez o mesmo movimento.

— O que vão fazer com o outro? — Perguntou Caterina.

O primeiro arqueiro a levantar os braços o fez de novo; virou-se lentamente, com a mão esquerda à altura do pescoço, voltado para as costas do guerreiro que não estava dominado. Com a mão direita pegou uma flecha da aljava, e enquanto a esquerda deu um bote rápido ao passar a tapar a boca do soldado livre, a direita fincou a flecha em seu pescoço como se ela fosse um punhal.

O corpo do soldado ferido foi empurrado para o chão, caindo com um sonoro baque. Os que permaneceram começaram a lentamente se arranjar, encostando-se pelo flanco esquerdo das costas e posicionando flechas nos arcos ainda não tensionados.

Leonardo abriu caminho pelas laterais e logo ficou atrás de alguém que atacava com uma longa estaca — mas que logo depois de tentar estocar o policial, teve sua arma cortada para o chão, o rosto seguidamente dilacerado por um forte golpe e seu corpo jogado para a parede da casa ao lado. Leonardo levantou a espada do inimigo, ainda suspensa à frente, e avançou com o corpo até poder enfiar a espada em seu peito. Estava no canto, e logo dois policiais preenchiam o espaço conquistado: Leonardo bloqueou ataques de um à sua direita até chutá-lo nas costelas; e quando o que vinha pela esquerda tentou cortá-lo pela lateral foi igualmente bloqueado — para depois ter as costas perfuradas por uma mulher com outra longa estaca.

“VAMOS!”, Leonardo ouvia berrarem; recuou à linha de frente enquanto o policial que chutara voltava a lutar com ele; defendeu-se mais, cauteloso, mas assistia os policiais serem empurrados para trás, perdendo terreno ou fôlego mais rápido do que planejavam. “Voltar, voltar, VOLTAR!”, ouviram finalmente um deles dizer.

Os rebeldes comemoraram. Leonardo olhou para trás e viu uma trilha de feridos, mortos e cuidadores; seu entusiasmo desapareceu. Viu-se com um grupo pela metade, berrando de satisfação e avançando, alguns até cor-

rendo, para ir até o fim da rua, uma curva à direita na mansão de dois andares completamente banhada pela luz roxa.

A luz roxa.

Quando Leonardo começou a correr, alguns já viravam a esquina para encontrar a morte nos tiros limpos dos arqueiros de prontidão.

Alertados, começaram a recuar; entraram em pânico ainda maior quando um grupo de soldados saiu da porta principal do exército e começou a correr até eles.

Leonardo os viu num canto seguro para o qual arrastara um homem ferido no braço; diferentes dos policiais, usavam elmos. Com escudos redondos à frente, corriam fazendo balançar a cota de malha que protegia o tronco, enquanto placas curvadas ofereciam alguma defesa às coxas, canelas e joelhos.

O ex-parlamentar balançou a cabeça, sabendo muito bem o que os aguardava.

— RECUAR! *RECUAR!* — Berrou, ajudando o homem a se levantar e correr com ele. — MISTUREM-SE!

Caterina viu um castelo em outro amontoado de arqueiros se afastar na direção contrária à dos castelos invadidos, e em Heelum notou que a próxima charrete, à direita, também tinha um arqueiro a menos. Os dois que sobraram foram postos de costas um para o outro, tão enrijecidos quanto a outra dupla, que também preparava os arcos. Verônica também atacava.

Um deles atirou, aparentemente acertando um guerreiro nas costas. Não demorou muito até que algum companheiro percebesse.

— FLECHA! — Berrou algum deles. — *FLECHA!*

O que antes parecia uma coleção de estátuas ganhou vida num momento; muitos recolhiam e preparavam seus escudos, enquanto outros se adensavam, procurando por todos os lados, em paranoia justificada, sinais de um invasor.

— Mais uma... — Sussurrou Fuj, seu arqueiro puxando, aparentemente mais relutante, uma nova flecha.

— *Silêncio!* — Ordenou uma voz masculina amplificada num minério de som.

Caterina engoliu em seco. Reconheceu a voz de Marco, que pedia aos soldados que ficassem em suas posições.

— Morri.

Fuj e Caterina olharam para Tai, o alorfo ao lado.

— *O quê?!* — Perguntaram os dois quase ao mesmo tempo.

— E eu não vi quem era. — Disse ele, de olhos arregalados.

O iaumo de Fuj voltou-se para trás a tempo de ver Alice, sua reluzente espada e seu escudo vermelho-vivo avançarem sobre ele.

Quebrou a ligação com o iaumo controlado e girou o braço para tentar dominar a preculga, escorregando enquanto ela pulava por sobre ele para escapar ao seu controle.

Contorceu-se no chão para tentar alcançá-la do outro lado; desfez o ataque assim que percebeu que já não conseguiria mandá-lo na direção certa e concentrou o poder negro no antebraço direito, passando-o de última hora pela frente do rosto para defender um ataque da espada de Alice. Acertou socos no escudo e, querendo afastá-la, chutou-lhe pela direita — mas foi lento demais para resistir ao golpe da espada quando Alice a transformou em um chicote. Tonto, cambaleou apenas o suficiente para ver o chicote voltar a ser espada, e a espada chegou perto demais de seu pescoço exposto.



— Byron, você vai permanecer no prédio do exército. Ouvi notícias sobre um ataque ontem.

— Isso foi controlado.

Frederico acenou em concordância.

— Tivemos um ataque à noite também. — Disse um general da cidade, homem baixo e forte de meia idade e olhos pequenos, que prendia sua capa negra com um grosso cinto prateado. — Alorfos ou filinorfos, ou *ainda* espólicos, tentando desestabilizar nosso...

— Ora, Coreno, não seja *toló!* — Esbravejou Ângela, do outro lado da mesa. — É *claro* que foram alorfos e não espólicos!

— ... Gosto tão pouco da ideia quanto você. — Respondeu, considerando a contestação num olhar cruzado para a parlamentar. — Mas devo...

— Pare. — Disse Frederico, voltando-se para Alice e Marco. — Devo me preocupar com isso?

Fizeram que não, acariciando o silêncio.



Byron saiu para a sacada do segundo andar e logo voltou, agachando-se no corredor atrás da porta como podia — vestia sua armadura clássica, completa e feita para uma versão um pouco mais magra de si. As pedradas pegavam duro nas paredes, quebrando vidraças e forçando cada arqueiro a se abaixar. Era uma chuva de bolotas do tamanho de punhos fechados, e com a pouca luz que vinha apenas das próprias paredes do exército — com alguns minérios já caindo no chão, despedaçados ou meramente despencados — não se podia ver exatamente de onde os ataques partiam.

— Por favor, senhor! — Dizia o arqueiro agachado ao seu lado, que pedira pela intervenção da infantaria.

Frederico havia sido claro quanto à regra geral de não engajar em combate no território misto: haveria vítimas entre moradores não combatentes, dentre os quais quem sabe pessoas importantes, quem sabe pessoas das quais precisariam mais tarde, até — ou parentes destas. A pior parte, é claro, é o quanto qualquer morte desse tipo ajudaria a propaganda dos alorfos.

Decidiu pôr um fim à brincadeira o quanto antes e lançou os guerreiros. Eram os mesmos da unidade de elite que perseguira o grupo de Leonardo na primeira investida que sofreram.

Infiltraram-se nas ruas como água. Batiam às portas, tão ligeiros quanto barulhentos. Saberiam, duvidava Leonardo, interpretar as pessoas que estavam ali como inimigos, separando-os dos moradores? Aquilo era só uma tática para assustá-los; sem a posse de muitas pedras — que deixaram de jogar — não saberiam identificar quase ninguém.

Voltou a olhar para a sacada, onde alguns poucos arqueiros se recompunham. Poucos pareciam ter se machucado, apesar dos minérios de luz danificados.

Mas o importante estivera na porta central, agora entreaberta. Quando ainda se podia ver mais que sombras cinzas de movimentos, tinha certeza de que vira Byron ali. O recorte do imponente elmo permitia ver uma boa porção de seu rosto, e aquela porção só podia ser dele. Uma pedra quase o acertou e ele voltou para dentro. Não voltou mais depois disso.

Byron estava perto. Era uma oportunidade *boa* demais.



Quem entra pela porta principal do exército vê uma sala não muito maior que um quarto. Havia uma mesa e um secretário — o que não era o caso naqueles tempos pouco gentis. As paredes, de um verde musgo enjoativo cercando o carpete vermelho escuro que cobria o chão inteiro, eram iluminadas por um lustre com quatro minérios amarelos. Cada um apontava, num gesto de planejamento estético raro para a cidade, para uma entre quatro portas, dispostas simetricamente, duas à esquerda, duas à direita; duas na parede oposta à entrada, e uma em cada parede lateral.

O guerreiro começou a correr, escolhendo o caminho da extrema esquerda. Passou por portas e mais portas à direita, pareadas com janelas e mais janelas à esquerda. O corredor alaranjado terminava com uma planta de folhas longas e curvadas que parecia completamente fora de lugar. Entrou na última porta, cobrindo dois lances curtos de escadas sem demora e abrindo, sem bater, a única porta no fim da subida.

Na escura sala apertada havia uma janela coberta com cortinas marrons, um armário que ia do chão ao teto, minérios de menos e papeis demais

amontoados no único canto disponível do cubículo, uma mesa de escritório com pés despreocupados e dois banquinhos igualmente desgostosos da vida.

O general Coreno, de cabelo escuro e baixo sempre seco como palha, sentava-se em um deles. Parecia ter parado no meio de uma frase naquilo que escrevia, ou no meio da água que bebia num grosso copo de vidro logo ao lado da mão que segurava a caneta.

— Sim? — Perguntou, enfim largando a caneta ao olhar com curiosidade para o soldado à porta.

— Procuro por Byron, senhor.

— Byron? — Disse o general, molhando os lábios ao franzir o cenho como se há muito não dissesse coisa alguma e se surpreendia com o som da própria voz. — O que quer com ele?

— Tenho uma mensagem para ele, senhor.

— Você não é um mensageiro para carregar mensagens.

O soldado pensou, praticamente imóvel para além do balançar natural de um corpo quente.

— A senhora Alice me enviou diretamente. — Disse, adicionando um “senhor” rapidamente como adendo.

— Alice... — Repetiu ele, baixinho. — Não sei onde Byron está.

— Obrigado, senhor, e...

— Soldado?

— Sim? — Respirou em resposta.

— Arrume seu escudo.

Leonardo olhou para baixo, flexionando o braço para ver o que podia haver de errado.

Coreno atirou o copo na cabeça do inimigo; o elmo reverberou nele até o crânio, tirando-lhe o equilíbrio, fazendo-o cruzar as pernas sem querer ao se apoiar para trás. Ricocheteou sem jeito na parede até cair no chão.

Sentiu os cacos de vidro se prenderem aos lábios e dentro das narinas a partir da faixa vertical aberta do capacete. Levou a mão trêmula à cabeça, mas não teve forças para entender o que havia dado errado — o sangue começara a escorrer pela garganta, misturando-se às gotas mais leves de água, e a visão turva, bloqueada também pelo elmo deslocado, só permitia ver que o vulto negro lhe tomava a espada das mãos à força.

Coreno levantou a cota de malha com a ponta da arma e a enfiou por entre as costelas até fazer Leonardo não ter mais forças para gritar.

— O exército não era para você. — Disse o general, olhando para baixo com as sobranceiras levantadas. — Mas pelo menos você pôde morrer descobrindo o seu lugar.



— Enrico. — Chamou Kerinu, buscando-o na sala principal.

O espólio estava sentado no sofá, ignorando o controlado como de praxe. Kerinu tentava mais uma vez falar com ele — não queria forçar um diálogo que o interlocutor podia transformar em massacre a qualquer momento, mas a situação se arrastava por tempo demais.

— Enrico, temos que conversar.

— Eu já disse que não vamos.

— Temos que ser racionais... E arranjar uma solução para *nós dois*. — Tentou Kerinu, mais didático. — Eu acredito que já chegou a hora.

Enrico respirou fundo.

— Eu tenho uma solução.

Um espasmo nas pernas de Kerinu começou a forçá-lo a dar meia volta; quando ele percebeu o que acontecia e tentou dizer alguma coisa, sentiu os lábios grudarem. As mãos sucumbiram tão logo se aproximou das escadas — reunia todas as forças que podia, que não eram muitas. Subia para o segundo andar de lado, pé por pé, mãos agarrando-se à parede como se tentasse puxá-la para si.

Entrou no quarto, jogando-se na cama sem a menor intenção. Enrico deixou o alorfo preso ao próprio corpo da forma como caiu; meio de bruços, meio de lado, o braço direito todo atravessado por debaixo do tronco. Era como perder as forças do braço e não conseguir levantar um garfo. Como ter voz e desaprender a falar. Ter um plano e vê-lo se despedaçar.



O céu estava aberto, mas as ruas estavam amareladas como se a areia de Imiorina tivesse atravessado o rio. O exército apertava a resistência pelos dois lados, forçando-a a fugir. Para os rebeldes, de qualquer forma, depender de uma única casa em um trecho complicado no Oeste provou-se a ruína final do cerco antes mesmo de uma maior ofensiva oficial dos soldados — moradores contrários à revolta vestiram-se de preto e empunharam bandeiras de mesma cor. Não apenas saíram de suas casas como entraram em outras, denunciando qualquer um que considerassem ser um revoltoso escondido. Às vezes esperavam pelos policiais para levá-los. Às vezes lidavam com eles da forma como preferiam.

Verônica berrou por cima da algazarra, liderando um pequeno grupo de seis para fora de um beco cheio de poeira grossa no ar. Moviam-se pelas costas de um grupo barulhento de vestes-negras que acabava de passar em revista, exortando as casas a fecharem as portas para os rebeldes, mas abrirem-nas para eles. O plano era passar, em pequenos grupos, por uma região um pouco mais central e então chegar à concentração da resistência,

ao norte, região de Leonardo. Aquilo acabaria, evidentemente, com qualquer possibilidade de ainda controlar o coração da cidade, mas lhes daria chance de ganhar força na área do prédio do exército.

Verônica passou com o grupo por duas ou três ruas antes de chegar a uma avenida mais grossa, que pretendiam cruzar rápido. Estavam no meio da passagem quando ouviram trombetas soarem à direita, à esquerda e mais à frente, mas também logo mais atrás — parecia que vinham dos sobrados das casas sons metálicos, gritos e ameaças de que logo eles seriam pegos.

Não se preocuparam mais em correr agachados rente às paredes; a prudência se foi na onda de calor que os movia à frente. Entraram na Rua dos Costureiros, conhecida pelos lares invariavelmente azuis. Lá estava mais limpo e claro que em outros lugares, mas não havia observador, soldado ou trabalhador nas janelas pronto a apontar dedos ou armas.

Um grupo de policiais entrou na rua, espadas em punho, fazendo o grupo parar. Os rebeldes prepararam as armas, recuando num quase círculo. Verônica carregava uma espada de uma mão com o trabalho conjunto das duas, mas sabia que não conseguiria usá-la bem. Ao seu lado, a única outra mulher do grupo carregava um sarrafo intimidador, e mais ao lado um homem carregava um arco com três flechas penduradas no cinto. Atrás de si sabia que havia uma espada, com sorte usada por alguém melhor que ela, um pequeno machado, e uma grande faca que nunca tinha feito jorrar sangue humano.

Aqueles que estavam nas laterais procuravam por uma saída, vendo as opções minguaem com a aproximação de soldados pelo outro lado da rua. As pedras rosadas que faziam o chão pareciam se fechar ao redor deles, girando à medida que os pés inimigos cercavam-nos, rápidos, leves, belicosos. Não havia intervalos entre as casas; o azul-marinho se sucedia ao azul real, que era seguido por um azul-bebê que era por sua vez ligado sem mais nem menos a um azul-escuro que pouco se diferenciava do céu noturno.

O rebelde arqueiro virou-se para os soldados, que vestiam curtas capas pretas por sobre placas de duro couro, e um curto elmo firmado ao redor da nuca por um cordão acobreado. Encostou uma flecha ao arco, de sobreaviso; o homem com a faca a brandia como uma espada, e o machado figurava no braço esquerdo flexionado de um homem mais velho e barbado.

Uma charrete surgiu pelo ponta Norte, as batidas do yutsi nos ladrilhos enchendo a rua de ruído. Os membros do exército passaram a agir como um, sem distinção e aproveitando a distração, intercalando policiais e guerreiros na roda em que dominaram por completo a posição do grupo de Verônica.

A charrete parou com um puxão brusco do cocheiro entediado. Uma guerreira desceu num pulo; vestia um conjunto metálico leve pelo corpo, trazia uma espada na cintura e todo tecido aparente, incluindo duas grossas luvas, exibiam o azul mais imperial de toda a rua.

Verônica a observava com o canto dos olhos, preocupada em prestar atenção aos inimigos mais imediatos. Viu em Neborum que se tratava de Alice antes que ela levantasse a parte destacável do elmo.

— Prendam aquela ali. — Ordenou ela. — Ela abandonou seu posto de parlamentar e deve ser executada *publicamente* como *exemplo*!

— NÃO! — Berrou o arqueiro, disparando uma flecha na direção da preculga.

Alice resguardou-se atrás da porta do coche, mas a flecha passou longe; Verônica levantou a espada para se defender de um ataque do policial à sua frente no momento em que foram todos atacados. Tentou se desviar para fora do círculo, debatendo-se por baixo do cerco, correndo, virando-se numa defesa desesperada: acabou agarrada e derrubada.

Teve a arma arrancada da mão e o rosto esfregado no solo até que terminaram de amarrar suas mãos. Ouviu os gemidos e muxoxos ocasionais que a faziam ranger os dentes ao não saber o que estava acontecendo; só podia adivinhar, e adivinhava o pior.

Depois que a levantaram, num único puxão, ela tentou se voltar com o corpo para a batalha. Apertaram-na para frente, fazendo-a andar até o final da rua. Virava o pescoço, os olhos, chacoalhava-se como podia, mas só conseguia perceber, em todos os mundos, guerreiros da cidade levando-a adiante.



— Eu não tenho boas notícias.

Caterina havia fugido do descampado nos limites da cidade onde montaram o domicílio temporário. Escapou para um gramado inclinado, deitando-se abaixo de uma árvore, na esperança de que Fuj só a encontrasse se fosse para trazer boas notícias.

— É ela? — Perguntou, sentando-se.

— Sim. — Caterina fechou os olhos por um momento, engolindo em seco no próximo. — E eu falei com uma amiga que parece ter visto Leonardo... Talvez pela última vez.

— Ah, não... — Suplicou ela, balançando a cabeça. — O que ela disse?

— Que ele, com a ajuda dela, se vestiu como um soldado para entrar no exército e procurar por Byron.

— Sozinho?

— Sim... A ideia foi dele.

Fuj cruzou os braços enquanto Caterina juntava às mãos à frente da boca, com as sobranceiras tremendo de leve como soldados guardando portões à beira de um ataque.

— Eu não posso deixar Verônica morrer, Fuj. — Disse ela, baixinho. — Tem certeza que ela não está na prisão?

— Sim. Transferiram presos para tirá-los do prédio do exército. Mas o lugar novo não é longe, e ainda é no centro.



— Ouvi dizer que ele procurava por mim. — Disse Byron, em tom de confiança, em um corredor vazio no prédio do exército.

— Sim. — Respondeu Coreno. — Mas está tudo resolvido agora.

— E quanto ao seu filho? — Disse Byron, interrompendo-o antes que ele voltasse a caminhar para dentro do armazém. — Como está?

— Está ótimo. — Disse o general. — Monitorando seu discípulo, como pedido.

— Quando tudo isto acabar, Coreno, você será recompensado.

Coreno riu, colocando a mão sobre o ombro do bomin. O braço estendeu-se como uma estrada em uma colina, reto e firme na subida do homem mais baixo para o mais alto.

— Eu sei que muitos não pensam assim, mas nós, preculgos e bomin, temos que cuidar uns dos outros. Se você deixar cada espólico ser bem sucedido em tudo... Eles têm meios, Byron, não se engane. Nós pensamos que somos bons porque somos “sutis” mas eles não estão interessados nisso, e um dia podem pegar a todos nós de surpresa e vamos ter mais um governador por aí como o Napiczar, e mais exércitos feitos só desses miseráveis como generais, e aí eu gostaria de saber *quem* vai fazer frente a eles.

Byron não compartilhava da paranoia de Coreno quanto aos espólicos, mas sorriu o mais educadamente que pôde.

— Nós, é claro.

— Nós, das *duas verdadeiras* tradições! — Disse por fim, gargalhando antes de afagar com tapinhas o rosto de Byron. — Você é um bom amigo, Byron.



Pouco era visível logo à frente da rua estreita em que estavam todos amontoados. A entrada da casa pontuda tinha duas portas, e de cada lado uma janela quadrada, clara em contraste com a pintura escura da parede. Uma janela redonda sem vidro nem moldura no sótão — literalmente nada mais que um buraco bem feito — completavam a figura.

— Eu não sei como eles colocaram tantas pessoas aí. — Sussurrou Fuj. — Prontos?

Caterina retraiu-se como o outro alorfo, deixando o caminho ao centro livre.

O farfalhar das roupas e as pisadas, agora mais duras, invadiram a noite; cerca de dez pessoas correram carregando um tronco derrubado naquela tarde até o outro lado da rua, e no choque com as portas estouraram a madeira por completo com um estrondo que fez quase agachar os rebeldes que ficaram esperando.

“Ei!”, ouviram alguém falar do lado de dentro, iluminado em vermelho. Fuj e Caterina seguiram em frente, puxando uma fila de mais alguns rebeldes armados.

Só o que havia no vão central era o tronco por sobre o chão amadeirado; as janelas estavam cobertas com cortinas coladas às laterais, e quatro velas nos cantos iluminavam uma espécie de quarto em que ficavam, arrastados até a parede, banquinhas dos quais soldados da cidade se levantavam.

Foram pegos de surpresa, mas tinham às armas ao alcance. Os primeiros rebeldes a entrar lutavam com eles, escapando aos golpes, empurrando-os para o chão, chutando-os, roubando suas espadas. Os baques nos chão e nas paredes enchiam de ruído agonizante a luta entre os poucos presentes; logo ouviram berros, como instruções, vindos de um pequeno corredor no outro lado da sala de entrada, que terminava em uma curva à direita.

Fuj e Caterina se olharam antes de entrar na casa, juntos e junto aos outros à medida que foram cabendo do lado de dentro. Policiais apareceram no corredor, na pressa para socorrer os dois guerreiros que sobraram, com espadas em punho, aglutinados no lado contrário à entrada.

Um policial avançou, saltitando com equilíbrio por entre o tronco largado no chão, os corpos chutados de lado e os feridos que começavam a cantar suas dores; logo parou, desfazendo seu rosto enraivecido, dando as costas para os rebeldes parados na entrada e voltando para onde veio.

Assim que chegou, fez um corte à queima-roupa no colega à esquerda, que levou a mão que carregava a espada até o outro braço, e no afã de retornar do golpe empalou a espada pelo peito do policial à direita da porta.

Os rebeldes berraram em uníssono, avançando contra os dois inimigos que sobraram. Caterina e Fuj seguiram a turba que entrava no corredor, mas logo pararam junto com o resto do grupo, como se alguém houvesse encalhado na estreita passagem.

Caterina foi chamando a atenção daqueles que estavam mais atrás, pedindo que eles voltassem para vigiar a entrada do lugar. Pediu o mesmo a Fuj, que também retornou.

A fila começou a se mexer. Assim que virou o corredor, Caterina pôde ver que ele acabava em uma parede sem portas. Os últimos da fila desciam, um a um, pelo que parecia ser um buraco no chão.

O rombo no assoalho era na melhor das hipóteses um improviso: abaixo dele havia um buraco na terra pura, e uma escada de madeira pela qual Caterina desceu.

Pisou numa câmara de terra, apoiada por colunas ora de alvenaria, ora de corvônia — e vez por outra ainda de madeira pela metade, como num trabalho não terminado — iluminada por um minério amarelo e com mais um túnel de terra em que se descia, novamente, por uma escada.

No segundo nível viu-se em um corredor que possivelmente cobria dois quarteirões da cidade acima deles antes de se bifurcar. Havia uma série de portas espaçadas pouco a pouco dos dois lados do corredor, e entre elas minérios, em sua maioria verdes; alguns estavam quebrados, nenhum deles alinhados bem uns com os outros.

“O que é esse lugar?”, perguntavam-se os rebeldes, que exploravam o lugar à frente da alorfa; “um labirinto?”, questionou outro.

— A cadeia de Mosves... — Sussurrou Caterina.

Olhou para uma das portas à esquerda. A única coisa na qual todas eram uniformes era o mecanismo que as trancava, misturando o aço a um trançado de madeiras fortes. Caterina girou a manivela presa a uma engrenagem no centro da porta, fazendo ceder as três barras de ferro que a prendiam ao batente.

Quando a força final foi feita e as barras totalmente recolhidas para dentro dos limites da porta, ela imediatamente pulou um pouco para a frente, há muito tempo amarrada forçosamente na posição. Todos olhavam para Caterina, esperançosos não sabiam de quê.

— Um minério, *rápido!* — Pediu ela, diante de uma escuridão quase completa.

Uma mulher próxima a ela deixou seu machado no chão e foi tirar um dos minérios da parede. Gritos de socorro surgiram mais à frente no corredor, acompanhados de batidas fracas em uma das portas.

— *Abram!* — Disse Caterina, urgente, recebendo o minério nas mãos.

Ele perdeu um pouco de intensidade, mas ainda conseguiu fazer a cela ser compreendida. Uma latrina em um dos cantos, colunas de corvônia, e o que parecia ser um duto no teto para que o ar pudesse passar. Para além disso, ninguém.

Pôs o minério num bolso da capa esfarrapada e foi até o homem e a mulher que, num esforço conjunto, terminavam de abrir a porta mais ao centro do corredor. Braços magros deslizaram pela abertura e da cela saiu uma mulher em pranto; de curto cabelo negro, Caterina viu por cima das cabeças que se juntavam ao redor dela que não era Verônica.

— ESCUTEM! — Começou ela, batendo palmas breves que ecoaram brevemente pelos corredores. — Temos que abrir TODAS essas portas, *rápido*,

acordar os presos que não estão acordados e dizer que temos que sair daqui
RÁPIDO! RÁPIDO, VAMOS!



— E-estamos abrindo as portas! — Acordou-se Tornero, com a cabeça latejando. — T-temos que ir embora! Está bem?

Uma luz verde enjoativa entrava pela abertura na porta.

— Não sei se tem alguém aí, mas...

A voz não disse mais nada antes do breve silêncio e da decisão de ir embora correndo. Tornero passou a Neborum num instante, mas não era o castelo de seu captor que via voar baixo pela grama orvalhada, saindo de cena. Levantou-se o mais rápido que pôde, apertando os olhos e rangendo os dentes com a mão diante do rosto, andando até sair da cela.

Estava na última porta à esquerda no final de um pequeno corredor feito de terra e colunas tortas a cada tantas e tantas outras portas. O corredor terminava em outro, pelo qual viu mais alguém correr para a direita. Outro castelo desconhecido, em terras desconhecidas; começou a andar em direção à saída e logo percebeu que, apesar de esfomeado e nervoso, ainda podia correr afinal. Mesmo que devagar.



Enquanto Tornero passava várias salas do Parlamento em revista a procura do mestre, mantinha-se atento: saberia reconhecer bem o perfil largo e as pedras cinzentas do castelo do guerreiro mago que o sequestrara.

Subiu, e viu já desde o corredor as costas do mestre diante da porta aberta da sala de reuniões.

Andou a passos apressados até ele, crente de que poderia realmente pegar sua espada e fazê-la atravessar aquele corpo.

Foi a meio caminho que Byron virou-se de costas, percebendo que o aluno chegava. Pediu licença num resmungo enrolado e saiu da sala, vindo ver Tornero.

— Eu fi... — Começou Tornero, sem conseguir continuar depois do tapa que levou de seu mestre.

Byron segurou-o pela gola da capa cujos rasgos ignorou, olhando-o direto nos olhos ao prensá-lo contra a parede. Assegurou-se uma última vez que ninguém estava olhando para eles a partir da pequena fresta da porta semiaberta e apertou-o mais.

— Eu *quase morri*, seu *maldito*... *Estúpido!* — Ralhou ele, salivando pelo canto da boca. — Em cada batalha que eu estava por perto podia ter sido pego numa armadilha, ou entrado na rua errada, ou terem... *Onde* você esteve esses dias todos?

— Debaixo da *terra* depois de ter sido *sequestrado* por um mago preculgo, *mestre*. — Respondeu, também entre dentes.

Byron jogou-o para longe, passando as mãos pela cabeça e ajeitando os óculos enquanto Tornero se recompunha.

— *Você* vai agir por mim de agora em diante. Vai for onde eu tiver que ir. Eu vou ficar *aqui*.

— Eles não vão gos...

— *Não importa!*

Tornero respirava forte, olhando para o chão para tentar não mostrar o ódio e a confusão em seu rosto. Byron desconfiava dele, e tinha mandado alguém tirá-lo de circulação durante a crise? Ou aquilo tinha sido obra de outra pessoa? Ou sequer um preculgo aquele mago era?

Byron passou por ele, descendo as escadas sem olhar para trás, e Tornero andou em direção à sala de reuniões.

— Basicamente, a cidade vai entrar em colapso. — Alertou Luca, com o rosto inclinado para a frente, como se os olhos arregalados não fossem dramáticos o bastante. — Em breve. — Fez uma pausa para alternar o peso da perna e esperar que Tornero entrasse na sala. Franziu o cenho para ele. — Cadê o Byron?

— Vou substituí-lo.

— E onde estava *você* esse tempo todo? — Perguntou Ângela, levantando uma sobrancelha.

— Não interessa.

— *Continue...* Luca. — Instou Frederico.

— Temos tentado reverter o quadro de abandono do campo mas tem sido muito difícil, ainda mais protegendo os carregamentos que já chegam aqui... Tem sido *muito* difícil.

— Por que isso está acontecendo, exatamente? — Perguntou Marco, sentado à mesa ao lado de Frederico.

— Bom, a notícia do cerco à cidade se espalhou e muita gente tomou o lado dos alorfos, então tem pouquíssima *produção* agora mesmo. Por isso que está sendo até difícil atacar aqui os próprios rebeldes no centro porque estamos tendo *muitos* problemas com os rebeldes no *campo* já, entenderam? A gente já chegou a prender uns alorfos que vieram de *Kerlz-u-een* para vir dar trabalho aqui, se vocês quiserem acreditar...

Frederico grunhiu, levantando as grossas sobrancelhas até quase fazê-las encostar no início dos cabelos; Bufou, barulhento, antes de começar a pôr os pensamentos no lugar em voz alta.

— Com isso e com a invasão da cadeia, são praticamente só más notícias.

— De quem foi a *ideia* de tirar os *muitos* presos que nós começamos a ter do *exército*, onde eles estavam *bem cuidados* — Indagou Ângela — e colocar sob *tão pouca* vigilância?

Tornero girou a cabeça ao redor da sala de reuniões, começando a perceber que aos poucos os olhares se voltavam para ele.

— De Byron. — Respondeu Alice, cruzando os braços.

O silêncio parecia cozinhar os órgãos internos de Tornero. Olhou para Alice, podendo jurar que ela sorria antes de desviar o rosto.

— De qualquer forma temos que acabar com essa confusão logo e botar essa gente para trabalhar de novo *ou* vamos nos endividar importando comida de *sabe-se lá* onde. — Disse Luca, apontando as mãos para o alto.

— Sempre temos Kor-u-een, não é? — Disse Marco. — É verdade que ela caiu?

Frederico confirmou.

— Sem esferas dessa vez?

O parlamentar mestre lançou-lhe apenas um olhar de esguelha, o suficiente para fazer Marco — e o resto do parlamento — voltar-se para dentro de si como se tivesse perguntado, em um funeral, dali a quantas horas seria servido o jantar.

— Talvez seja uma boa ideia espalhar a notícia sobre Kor-u-een... — Disse Frederico, saindo da névoa do silêncio numa direção diferente. — O plano ainda é o mesmo. *Sufocar* os rebeldes e fazer aqueles que estiverem vivos nessa cidade no final nos apoiar. Mas talvez com essa notícia a mais eles vejam que vão acabar sozinhos de qualquer jeito e desistam.



— Podemos atacar o parlamento. — Sugeriu Caterina.

— Não é uma boa ideia. — Reagiu Fuj. — Se você entrar no parlamento, o que é que vai fazer depois? Nossos problemas não vão acabar.

— Tem *alguma* coisa que possamos fazer para acabar com os problemas, Fuj?

— Temos que sair daqui amanhã e fazer alguma coisa ou... Só vamos esperar a morte chegar. — Disse Verônica, até então mais quieta que os dois.

Conversavam dentro de uma barraca, ao redor de um minério azul-claro. Apertavam-no, para não deixar a luz muito forte, e passavam-no entre os dedos. As sombras dos três, gigantes nas flácidas paredes de um pálido amarelo queimado, dançavam de um lado para o outro. Já era tarde da noite, e muitos já dormiam; outros vigiavam os arredores do precário acampamento.

— O exército é uma boa opção.

— Não. — Respondeu Verônica, ligeira. — *Isso* é suicídio!

— Leonardo tentou — Disse Caterina, engolindo a vírgula. — e morreu, Fuj.

— Leonardo morreu porque foi imprudente. Ele não era nem mesmo um mago, não... Não deveria ter ido. — Disse ele, chacoalhando a cabeça. —

Me desculpe, mas essa é a verdade. E ele já foi do exército, pelo que me disseram, então alguém pode ter reconhecido ele. Se alguém que eles não conhecessem fizesse algo parecido com o que ele fez, mas para se *instalar* lá dentro, é possível fazer muito. Muitas coisas. Invadir aquele lugar quando a hora chegar. No tempo certo, seria uma surpresa para eles.

— E o que ganhamos com isso? — Indagou Caterina.

— Armas. — Respondeu ele. — Uma posição boa para defender. Fazer o que o grupo do Norte não conseguiu, talvez até com a ajuda deles. É uma vitória simbólica também, Caterina. Até agora tivemos derrotas demais.



Fuj, com as mãos ao alto, saiu da sombra de uma casa de paredes rosas em frente ao exército. Rendendo-se e andando devagar, antecipou-se aos arqueiros para quem olhava, que colheram flechas nas aljavas e armaram-na nas armas.

— Pare! — Ordenou uma arqueira. — O que quer?

— Meu nome é Cícero. — Mentiu ele. — Eu moro aqui perto e fui tirado da minha casa por um alorfo rebelde.

— Não é aqui que você tem que vir. — Disse, depois de estudá-lo por um tempo da sacada no segundo andar.

— Eu já falei com alguns policiais, e todos eles disseram para eu vir para cá.

— Tem certeza?

— Sim.

Os dois mediram-se mais, os únicos a fazê-lo; os guerreiros ao lado já guardavam as flechas.

— Eu gostaria de abaixar meus braços.

— ... Pode abaixar os braços.

— Eu também gostaria de falar com alguém. Eu só quero minha casa de volta.

— Tudo bem. — Disse, enfim tirando o arco de prontidão. — Pode entrar.



— Já faz dez dias — Disse uma mulher alta, com um rosto de linhas fortes e olhos viperinos enquadrado por um longo cabelo negro ondulado. Ela estava à frente do grupo, quase virando-se para trás ao falar como se quisesse ela mesma tomar a plateia para si. — que eu saí da minha jir e vim para cá. Eu tenho ficado aqui... Tenho seguido vocês, tenho *seguido* vocês e todo mundo aqui está junto porque eu acho horrível, *horrível* o que a nossa cidade se tornou. Viver aqui nunca foi fácil, mas eu não quero viver na mão desses

magos que estão ali. — Sinais de aprovação percorreram a multidão como ondas irradiando dela, que apontava o dedo em riste na direção das casas que começavam a brotar mais adiante. — Então eu quero saber por que você pede para a gente seguir vocês *mais uma vez*, para dentro do *exército* que tem matado a gente, porque eu conheço pessoas, *conhecia* amigos meus que morreram nessa cidade nesses dez dias! Conhecia! Então eu quero saber se... Se em dez dias nós não conseguimos *nada*... Por que é que vamos conseguir agora?

Caterina sustentou seu olhar o quanto pôde. Ao começar a pergunta, aquela mulher — que ela vira lutar, e lutar bem, e resistir construindo barricadas e correr para salvar companheiros na hora em que eles mais foram perseguidos e cercados — lançou-lhe uma série de flechas de contestação e desafio. No fim do que tinha para te dizer, só o que sobrou foi uma espécie inocente de pedido.

— Eu também vi pessoas que eu conhecia morrer. — Disse, percebendo que não tinha realmente pensado no que ia dizer. Passou a olhar para cada um dos rostos, todos imóveis a não ser por piscadas ocasionais; muitos incrédulos, nenhum realmente feliz. — Eu sei que um amigo morreu. — Engoliu duro, duas ou três vezes, até conseguir continuar. — Mas uma coisa que me dói também foi que... Um amigo... Um parlamentar, então vocês... Imaginem... Não apareceu há dez dias atrás. E em nenhum dos dias depois daquele, e eu duvido que ele vá aparecer. E um amigo, esse amigo que morreu, me disse, antes de tudo isso começar, que ele o julgava por isso. Quando eu disse que nós não tínhamos o direito de julgar ele por... Por não querer se arriscar. E esse meu amigo está *morto*, e aquele que fugiu está *vivo*. Sentindo-se mal, ou... Ou bem, eu não sei. Mas eu não acho isso justo porque a vida dele vai continuar. Ele não vai ser mais parlamentar, porque não era um mago. — Disse, logo explicando o necessário. — Se os magos vencerem, ele não vai ser mais parlamentar... Mas ele está vivo, e a vida dele não vai mudar tanto quanto a vida de *vocês*, porque *ele* tem dinheiro o bastante para se mudar, para ir viver em outro lugar, ou para comprar uma terra e fazer pessoas como vocês trabalharem para ele. E eu não sei se isso responde a sua pergunta, e eu peço desculpas se não luto tão bem quanto você. — Caterina começou a chorar, sabendo no mesmo instante o quanto ela deveria se recusar a fazer isso. — Eu não sei lutar... Eu não sei defender vocês tão bem quanto vocês puderam me defender... E eu não sei que motivos você vai achar para... Para *me* seguir, para ir até o exército... Mas se eu não continuar lutando agora... — Respirou fundo, sentindo-se no controle do próprio rosto de novo. — Eu não sei para onde mais eu vou. Porque Prima-u-jir é a cidade que... Eu... Eu só sei tentar melhorar as coisas. E agora está *muito* difícil. Está *quase* impossível. Mas eu não sei fazer outra coisa.

Caterina olhou para Verônica ao lado, que sorriu, confirmando sabe-se lá qual parte do discurso com um olhar encorajador.

— Hoje nós vamos sair daqui... — Disse a amiga, tomando a palavra de repente. — Nós vamos *passar* por quem estiver no nosso caminho... Por todos aqueles que teriam PRAZER em nos matar e já ficam FELIZES de imaginar uma vida em que nós aceitamos de cabeça baixa o que os magos nos controlam para fazer, e nós vamos dizer NÃO, e se eles não quiserem ouvir nós vamos EM FRENTE, e nós vamos TOMAR o exército e NÃO VAMOS DEIXAR Prima-u-jir nas mãos DELES! NÃO VAMOS!

Os rebeldes berraram em resposta, com as mãos apontadas em punhos fechados para o céu nublado; faziam convocações que seguiam correntes de pessoa em pessoa — abraços, sacudidas e apertos de mãos cheios de energia em que se queria perguntar, sem um ponto de interrogação, se estavam todos prontos para aquilo. Se estavam *realmente*, decididamente, sem sombra de dúvidas prontos para aquilo.



Se nos últimos tempos alimentos eram distribuídos por charretes fortemente guardadas diretamente na casa das pessoas, como nos tempos antigos em que o comércio parou de funcionar em função das doenças da noite, alguns mercadinhos voltavam a abrir as portas, com fornecedores corajosos — e encorajados — o bastante para fazer as trocas. Os consumidores, contudo, perderam naquela tarde a coragem de gastar mais rápido que vendedores, a coragem de vender, e em pouco tempo esquecia-se causa e efeito já que na prática janelas foram fechadas, portas foram chaveadas, e as lojas voltaram a morrer na solidão à luz do dia diante de foices, martelos, paus, pedras e as ocasionais armas profissionais, em sua maioria roubadas de soldados derrotados.

O primeiro sinal do exército da cidade veio da esquerda. Nas esquinas viam e ouviam a tropa inimiga acompanhá-los. Caterina olhou para trás e percebeu que a rua por onde andavam estava também ocupada por um grupo misto de soldados e policiais, agindo como rolhas caso os rebeldes recuassem. Com a sorte que teve de cair em uma junção de ruas diagonais, viu que uma tropa se aproximava também mais à frente. Estavam sendo efetivamente cercados; o plano do exército era empurrá-los a leste, para fora da cidade de vez.

Começaram a andar mais depressa; tinham que pelo menos estar à frente da primeira tropa para conseguir virar à esquerda e seguir na direção norte rumo ao prédio do exército.

Olhava para os lados sem precisar checar se estavam todos atrás de si — o calor que pressionava seus ombros, sua nuca e seus calcanhares lhe dizia

que estavam. As batidas ritmadas à distância, desorientadoras como ecos, informavam que os inimigos também estavam.

A cada vez que terminava uma nova série de casas altas, muitas vezes sem muros e espaços que dividissem paredes de paredes, via ressurgir os guerreiros, cada vez mais perto deles, cortando um atalho aqui ou ali. Engoliu em seco, tentando manter o ritmo, e percebeu à frente um terreno entre duas casas no qual não havia nada construído; sem sequer muros ou cercas, o pedaço de grama alta e selvagem erguia-se ali como um atalho perfeito.

Viu que começavam, sutis, a correr, fazendo o ritmo do outro lado seguir o padrão. Fugiam para frente, na ilusão semiconsciente de que não seriam, uma hora ou outra, alcançados.

Caterina viu a curva que os inimigos de preto fizeram no terreno, acertando em cheio o meio da formação. Os primeiros a avançar foram guerreiros com espadas e escudos; cortavam com confiança os cansados e lentos. Partiram para cima com vontade e movimentos fortes, sem chance para avisos prévios: começaram a empurrar os rebeldes para as casas do outro lado da rua, ameaçando dividir o grupo em dois.

Caterina berrou que voltassem, e viu com o canto de olho o grupo de soldados que, andando num lento cortejo no caminho à frente, forçou a alorfa a prestar atenção a dois lugares ao mesmo tempo.

— AVANÇAR! — Berrava Caterina, desesperada. — AVANÇAR!

— Eles não vão virar de costas pra eles! — Berrou de volta alguém próximo.

Não conseguiam ver o que acontecia mais atrás ou no meio; o grupo ainda estava unido, e muitos deles continuavam no terreno baldio, termômetro da invasão, sem conseguir quebrar a espinha dos rebeldes.

Os inimigos à frente se aproximavam. Caterina virou-se de vez, sentindo-se afundar ao ver o quão próximo estavam deles — em mais cinco ou seis passadas chegariam, trazendo uma parede de escudos à frente que protegia as lanças da segunda linha.

Sacou a espada, desajeitada, e deixou-se absorver por escudeiros que tomaram a frente da multidão, coordenando os esforços para segurar a dianteira. Quando o comandante inimigo ordenou que atacassem, Caterina se preparou para ser esmagada, e embora o choque forte a tenha jogado para trás, permaneceu de pé. Se no começo não sabia para onde olhar, logo identificou que dois soldados encaixaram seus escudos para empurrar o escudeiro na sua frente, um homem muito mais alto que ela, que se defendia com agilidade e acabou protegendo-a também, sem querer, de um golpe apertado do guerreiro à direita.

Ela não conseguia espaço para atacar ninguém, mas se esquivou a tempo do ataque de uma lança que acertaria sua cabeça; conseguiu engatar a lâ-

mina a tempo de puxar a lança pela ponta, agachando-se até sentir que ninguém mais puxava a arma. Eufórica, deixou-a deslizar pelo chão e subiu de volta.

Passou a atacar o escudo inimigo com estocadas, atacando uma brecha entre os dois protetores à frente. O escudeiro à direita foi atingido, o rosto esfacelado por duas estocadas repetidas. O corpo trêmulo caiu para trás, e logo foi sendo levado por aqueles imediatamente atrás dele; Caterina foi quase atingida pela espada do mesmo inimigo, mas esquivou-se a tempo, esbarrando em rebeldes que só a empurraram de volta para frente. Uma mulher com um machado de duas mãos tomou o lugar do homem caído e, sem perder tempo ou guardar energia, atacou ferozmente o guerreiro à frente até destroçar seu escudo; com berros a cada golpe, chutou o que sobrou do soldado para trás, forçando os inimigos a reorganizar a defesa.

Caterina gritou, assustada, quando uma flecha acertou a nuca do escudeiro a sua esquerda; virou-se instintivamente, ameaçada, e viu arqueiros calmos dominando as janelas das casas ao lado do terreno baldio, que estava agora cheio de corpos e inimigos que não pareciam prontos para a luta.

Voltou-se para frente e acolheu, meio sem querer, o corpo que caía; viu-se abraçada pela horda de colegas que correram à frente para preencher o buraco, deixando a alorfa arrastar, agachada, o rebelde amigo mais para trás na multidão. Tropeçou e caiu, sentindo que caía em algo irregular e alto demais para ser o chão que via também à frente dos olhos. Voltou-se e viu uma trilha de corpos, alguns já amontoados nas paredes manchadas das casas.

Caterina gritou quando um corpo ao seu lado se mexeu; cobriu a boca com as mãos, arfando ao olhar para a senhora que sussurrava, respirando com dificuldade por debaixo de roupa banhada em sangue, que não queria morrer ali.

Levantou-se, tonta por um momento. Contou cinco filas à frente até os inimigos, alguns deles guerreiros sem escudos, e aparentemente sem muitas das proteções dos primeiros contra os quais lutaram.

A batalha seguiu em frente por mais tempo, um pouco mais estável; depois de perdas dos dois lados ninguém parecia mais motivado ao empreendedorismo na linha de frente. Os poucos arqueiros rebeldes, misturados ao resto da tropa, conseguiam contra-atacar os inimigos nas sacadas das casas.

Os soldados do exército viraram-se, parecendo assustados por algo que logo os rebeldes também ouviram; o ruído crescente, excitado, que surgia aos poucos por entre ombros e cabeças ferozes atrás dos soldados da cidade; cabeças livres de elmos, das roupas típicas dos policiais, portando as mesmas proporções de armas improvisadas que seus colegas do Sul.

O grupo do Norte chegara, pressionando o que sobrou da tropa inimiga com virulência e barulho; a parte da frente do grupo de Caterina competiu, ganhando o empurrão que faltava. A alorfa, que depois de ver tantos caírem finalmente chegou perto novamente da linha de frente, defendia mais do que atacava; por um momento sentiu pena dos inimigos e quis pedir para que parassem e os prendessem, que os levassem como prisioneiros — não o fez. Ninguém iria parar de lutar; não depois de uma emboscada tão sofrida e uma reviravolta tão providencial.

Em pouco tempo aqueles que sobraram, exprimidos no meio e enfrentando também longas foices e estacas, não podiam mais lutar sem ter que prestar atenção aos dois sentidos do caminho. Amontoados começaram a se formar por cima dos poucos que ainda resistiam, seja em pé, seja no chão — e Caterina parou, mais atrás no meio de outros rebeldes que não tinham mais muito o que fazer, vendo os mais ativos segurarem alguns corpos que uns poucos feriam três, quatro, cinco vezes até terem certeza de que haviam arrancado a vida pela raiz.

Os círculos se desfizeram tão rápido quanto começaram; uns que deles saíam olhavam, atônitos, para o que tinham acabado de fazer. Outros vomitavam, caídos de joelhos, enquanto outros giravam o corpo, parecendo perdidos como crianças em festas de estações.

Outros dali saíram comemorando a plenos pulmões. A festa era regada a lágrimas, sangue, sujeira, e feita nas alturas, pisando muitas vezes ainda nos corpos dos inimigos; alguns vivos, mas sem condições de ficarem de pé. Caterina não ria junto a eles nem berrava; teve o impulso de fechar os ouvidos, mas não o seguiu.

— AVANÇAR! — Berrou ela, com o peito cansado, começando a empurrar os que estavam em volta para a frente. — CAMINHO LIVRE, AVANÇAR!

Os dois grupos misturados seguiram em ritmos diferentes pela rua libertada; deixaram para trás o som das lutas que ainda deviam estar acontecendo, e seguiram rumo ao prédio do exército, os que sabiam o destino passando a mensagem para os que não sabiam do plano.

Não pararam para descansar, mas diminuíram o ritmo após um tempo até o nível do possível — um andar apressado, com a língua quase pulando para fora da boca, só permitida pela aparente trégua das tropas que não mais os seguiram.

Entraram numa via reta que levava até o prédio do exército algumas quadras à frente. Verônica escolhera ficar na parte traseira da jornada, e Caterina sabia há algum tempo que ela conseguira escapar e marchava com eles; procurou seu olhar de novo, e só foi encontrá-lo mais tarde, quando uma porção maior do grupo já virara a curva que os deixava ver um trecho das paredes cinzentas à distância.

Caterina franziu o cenho para a dor de cabeça que sentia surgir aos poucos; ouviu um ritmo de pisadas e pensou no pior. Ainda não ficara muito definido, nem muito forte, e ela podia ainda estar delirando, o sangue em sua cabeça dolorida latejando como se fosse o caminhar dos inimigos — mas podia não estar.

Parou, pedindo que o resto deles continuasse; recuou devagar, observando cada pedaço das outras ruas do bairro que podia investigar pelos espaços entre as casas e os prédios baixos da região. Olhou de relance para a multidão que andava até o prédio do exército. Ficou surpresa quando seu fim passou por ela, contando talvez metade das pessoas que haviam saído do Sul. Verônica acenou para ela, perguntando o que havia de errado. Caterina viu o problema atrás da amiga, algumas quadras na diagonal de onde estavam: um movimento negro preenchia os espaços atrás deles.

— CORRAM!

Estouraram na direção do prédio, a percepção do perigo chegando a diferentes pessoas do grupo em tempos diferentes. O largo e alto portão à frente deles, que não era a entrada principal do prédio, já estava entreaberto.

Fuj cuidou bem dos obstáculos, pensou Caterina. Na sacada do segundo andar não via nenhum arqueiro. Do prédio da prisão não saía nenhum policial.

Olhou para a esquerda e viu um pequeno grupo de guerreiros terminar de empurrar um lançador para a rua em frente ao prédio, apontando-o reto para aqueles que só agora começavam a entrar pelo portão escancarado. Um soldado puxou a alavanca que liberava as travas de madeira da máquina, fazendo a tira de goma escura esticada lançar uma enorme esfera de corvônia maciça contra os rebeldes.

— Não! — Foi o que Caterina conseguiu exclamar ao invés do “Cuidado!” que pretendia dizer.

A pedra passou a palmos dela, fazendo-a tremer de qualquer jeito parada no lugar — cobriu a boca aberta ao ver a bola acertar alguns companheiros em cheio, jogá-los para longe, fazê-los cair no chão em piruetas.

Continuou em silêncio, acompanhando os que vinham atrás dela, todos monitorando o lançador enquanto entravam. Os soldados já recarregavam a arma de longa distância, e percebeu que estava longe demais deles para fazer qualquer coisa, mesmo em Neborum. Olhou para trás e viu que os soldados de preto corriam, prontos para o combate, para cima de uns poucos rebeldes que resolveram ficar para trás, parados numa ridícula linha única.

— CATERINA! — Berrou Fuj, de dentro do prédio, ao lado da porta. — VEM!

Caterina foi, percebendo-se a última atrás dos últimos; passou pelo portão com ele já em movimento e caiu no chão, tropeçando em algo que provavelmente era o próprio tornozelo. Viu a luz da tarde se fechar, com uma

meia dúzia de pessoas ajudando a girar uma série de manivelas para trancar a porta reforçada pelo lado de dentro.

— Mas e quem ficou *lá fora*? — Perguntou Caterina, ofegante.

— Sinto muito. — Disse Fuj, virando-se para ela quando terminou de fechar o portão. — Eles sabiam o que ia acontecer.



A enorme sala do exército em que entraram era um galpão que ocupava os dois andares. Não tinha exatamente um segundo pavimento, apenas uma varanda similar à dos arqueiros, mas interna. Servia como estábulo para muitos dos yutsis de guerra que a cidade tinha, com o chão coberto em feno. Cinco ainda estavam ali, isolados em um dos cantos do gigantesco cômodo.

Parte do grupo invasor quebrava as divisórias que marcavam as células minúsculas em que os yutsis cresciam e viviam. Sentada em um ponto aleatório do chão, tendo enrolado sua capa puída pelos ombros descendo pelas costas, Caterina olhava para a cabeça cheia de placas duras e arenosas de um dos animais. Ele devolvia o olhar. A chuva começava a cair em pingos benevolentes — e ela só queria dormir. Sabia que, se fechasse os olhos, conseguiria antes que o próximo pingo de chuva tocasse a terra.

Boa parte dos rebeldes se reunia ao centro do galpão para ouvir o que Fuj tinha a dizer. Instruções: eles não deveriam ficar perto das portas, ou mesmo das paredes. Ele e alguns outros alorfos — e até um filinorfo, que não se manifestou — sabiam lidar com quem quer que chegasse perto das portas, mas ninguém mais deveria tentar aquilo.

— Vocês podem sentir raiva. — Explicava ele, com as mãos abaixadas e um olhar grave. — Dor. Ou podem pensar, com toda a calma, e chegar à ideia de que é melhor matar todo mundo aqui dentro, é *isso* que esses magos vão fazer com vocês.

Um som destorcido fez levantar as pálpebras pesadas de Caterina. Viu pessoas se movimentarem à sua frente, subindo as escadas finas ao lado do portão, que levavam para a sacada amadeirada e suspensa como uma ponte capenga que dava acesso para as únicas janelas do lugar.

— Invasores do Exército de Prima-u-jir! — Rugiu a voz de Frederico por meio de um minério de som. Caterina levantou-se num salto, olhando para a parede no lugar, lá fora, de onde o som parecia vir. — Vocês causaram dor e sofrimento ao povo dessa cidade. Eu me pergunto se serão negligentes com a dor e o sofrimento de um dos seus.

A alorfa franziu o cenho, a pontada de dor de cabeça voltando, escaçada; percebeu por um momento que o velho homem magro e a alta mulher que conseguiram os lugares nas janelas desviaram o olhar dela de volta para a rua.

Olhou em volta até fazer seu olhar se encontrar com o de Fuj.
— Verônica... — Disse. — Cadê a Verônica, Fuj?
Ele não respondeu, limitando-se a olhar com seriedade para ela.
— Cadê a Verônica? — Repetiu, começando a correr escada acima. —
Verônica?

Fuj a seguiu. Ela subiu o lance de escada e apertou-se para olhar pela rua, aqueles que antes ocupavam a vaga deixando-a toda para a alorfa. Na laje de uma pequena casa quadrada em frente à janela do galpão estavam Frederico, Alice, Marco e Tornero; todos, aos olhos de Caterina, paramentados como guerreiros da morte. Ajoelhada entre eles, com as mãos para trás, de coluna reta e olhar fixo para lugar nenhum, Verônica.

Tornero ficou mais atrás, à esquerda dela, com uma mão repousando sobre a outra. Era falsa a tranquilidade obediente. Sentia o olhar fugir ao controle; era quase como se o pescoço da prisioneira fosse branco. Não era, mas era quase acinzentado; um pouco machucado, mas ainda assim longo, claro, tenro. Quase completamente descoberto por causa do cabelo curto.

E bem vivo.

— Vocês se renderão, imediatamente — Recomeçava Frederico. — ou esta *ex-parlamentar*, que traiu a própria casa do povo de Prima-u-jir ao estimular toda essa *balbúrdia*, será punida. — Retirou o minério de perto da boca quando terminou, guardando-o no bolso da calça preta por debaixo da aveludada capa azul-escura.

Caterina olhou para Fuj, que já a segurava pelo ombro.

— Fuj... Fuj, A-a Ve...

— *Olhe em volta*, Caterina! — Disse ele, comprimindo as sobrancelhas até Caterina fazer que não com o pescoço, espremendo os olhos até lágrimas começarem a rolar. — Esse não é um jogo seu que você diz quando é hora de parar. Não cabe nem a você nem a mim decidir.

— *Eu não quero ver ninguém mais morrer...*

— Ninguém morreu por culpa sua. Nem Verônica.

— *MAS ELA NÃO MORREU... Ainda...*

— Caterina... — Controlou ele, segurando-a no desequilíbrio. — Ela sabia o que ia acontecer.

Tornero pensou em todas as frentes que acompanhou no lugar de Byron nos últimos dias. Viu corpos e mais corpos, e independente do lado do qual saíam a morte não se mostrou tão feia a ponto de assustá-lo. Estando ela naqueles corpos, e não no dele, era capaz de caminhar por lugares cheios de morte, enquanto aqueles que foram por ela afetados eram levados para cremação fora da jir central.

Não sentia-se enjoado, surpreso, nem mesmo tocado. Sua suprema conquista foi também a mais simples: tratava a morte como mais uma parte da vida.

— Quanto tempo eles precisam ter, Frederico? — Perguntou Marco.

O mestre da cidade começou a vagar pelo teto plano da casa, andari-lho. Tornero viu a morte também quando ela estava mais quente. Como mago, coordenava ataques de longe, quando identificava com certeza um alvo em meio à verdadeira cidade em que Neborum se transformava. Dava-lhe uma dor lancinante; desconcentrava o mais focado dos rebeldes — o que já era uma raridade no bando de ignorantes indisciplinados que reclamava de qualquer coisa que os alorfos colocassem em suas cabeças — até eles morrerem de raiva e se tornarem imprudentes.

Foi o estopim de muito sangue vertido, golpes em cabeças, cortes que não deixavam ninguém durar muito tempo estirado no chão ao mesmo tempo desarmado e desamado. Dali a instantes também desalmado, sem teto nem porta em Neborum.

Sentia a pulsação forte no pulso direito. O pescoço o chamava. Tinha feito tudo aquilo, mas o sangue parecia gritar — era o calor que fazia circular naquela chuva fina e fria que lhe dava tanto poder?

Recusava-se a vasculhar o castelo, pois sabia que o protegera bem nos últimos tempos. Aquilo era diferente. Não conhecia nenhuma técnica que lhe desse tanta vontade de descobrir se havia mesmo diferença entre matar e guiar até a inexistência pela mão. Era sentimento sem nome. Um que bomim nenhum fabricaria.

— Será que ninguém se importa com você? — Perguntou Frederico, parando em frente à Verônica.

Ela só olhou para ele por tempo o bastante para decidir em que direção cuspir. A quase nula saliva que tinha à boca deitou-se aos pés do mestre da cidade. Nem foi possível ver o estrago; na chuva, o gesto de rebeldia misturou-se à água e desapareceu.

Olhou para baixo, esperando uma reação que não veio. Subiu o queixo quando Frederico saiu de sua frente, e pôde ver de novo olhares amigos pelas janelinhas do galpão.

Virou o pescoço para trás, olhando para Tornero. Raios vermelhos saíam do canto que encontrava as pequenas rugas e quase estilhaçavam a íris. O bomim devolveu o olhar.

— Me mate logo de uma vez.

Tornero respirou fundo o ar úmido, certo de que se embriagava; a próxima coisa que viu foi a mão esquerda apertar com força o ombro tenso da prisioneira, a direita levantando a espada vermelha que a chuva começava ainda a limpar acima do pescoço rasgado, a pequena poça aos seus pés turvando-se em grosso bordô a cada segundo.

— NÃO! — Berrou Caterina, caindo nos braços de Fuij.

— Caterina... — Sussurrou ele, apertando sua cabeça contra seu ombro como uma compressa.

- *Para, para... Chega...*
 — Caterina, controle-se... Você é parte da força deles... Você é uma alorfa...
 — Que coisa mais *horrível* de ser agora... — Comentou, sem conseguir fechar a boca ao deixava as lágrimas tomarem conta do rosto mais uma vez.



Sabia que ele subia, mas só recuperou a pouca liberdade de se mexer, de um lado da cama para o outro que fosse, quando a porta foi destrancada.

Um berro primitivo foi o que libertou primeiro, antes dos braços ou das pernas praguejados com câibras e dores como machadadas em mármore.

— Se eu libertasse você... — Disse Enrico, olhando-o por cima como todo mago faria um dia com alguém. — Você me ajudaria a encontrar o... A encontrá-lo?

Kerinu adoraria dizer alguma coisa, mas precisava de algum tempo até parar de gemer e conseguir se concentrar nos sons que articulava.

— Eu queria... Queria poder mentir de con... *AH...* — Trouxe o braço direito para mais perto do tronco. — ... De consciência tranquila... Mas o seu filho não tem culpa.

— O que isso quer dizer?

— Eu... Não sei nem onde começar a procurar...

Enrico fez que sim com a cabeça, recolhendo os lábios e andando firme para a porta.

— En... *Enrico!* — Chamou Kerinu. — *Eu não disse* que não vou ajudar... Eu só não posso prometer.

O espólio deu meia-volta.

— Se Byron dominasse Tornero e soubesse o que Tornero fez... Ele *procuraria* o meu filho?

Kerinu pensava, deixando os olhos navegarem, perdidos, pelo lençol azul amarrotado.

— Eu penso que... Que Byron não iria querer os outros magos sabendo que o discípulo dele sequestrou o filho de um mago... Eu acho que ele iria querer consertar isso o mais rápido possível.

Enrico desviou o olhar para baixo, de resto imóvel.

— E Tornero não é confiável. Você faz o que ele manda por medo, mas... Qual é a *sua* garantia?

— Faz tanto tempo que eu sequer vejo o meu filho, ou ouço a voz dele... — Começou Enrico, exasperado.

— Então quando for a hora certa eu *liberto* o Byron e *você* me liberta.

Kerinu se aproximou da borda da cama com a mão no ar, suspensa sem ficar parada. Enrico respirou fundo o bastante para comprimir com ar a

pouca emoção que se permitiu; checou duas vezes o quanto estava no controle de Kerinu e chegou mais perto, apertando-lhe a mão sem demorar-se no gesto.

— Não se sente... *Sujo* fazendo um acordo com um mago?

Kerinu, jogando-se de volta à cama sem que isso aliviasse o rosto torto, negou devagar com a cabeça.

— Eu tenho que me acostumar...



Alice lançava um olhar comprimido por sobre os grupos de soldados que ela, Marco e Tornero plantaram ao redor do prédio. Cobriam todas as portas e todos os portões, cercavam todos os lados em todas as direções. O prédio em si foi quase abandonado; uma força significativa ainda guardava os lançadores e as catapultas, e outra transferiria documentos importantes para uma seção só, longe do galpão dos yutsis, na manhã do dia seguinte. Até lá o resto do prédio era dos rebeldes, que não teriam muito o que fazer com ele: não encontrariam sequer muitas armas em bom estado ali. Quando finalmente saíssem, como teria que acontecer, não teriam mais que duas opções: desistir, ou morrer tentando fugir.

Alice olhou para a área do galpão, imaginando ter ouvido algum barulho. Os soldados à frente do portão se levantaram, já prontos para um ataque, e um pouco depois lançaram à porta minérios de luz. A noite já quase tomava conta do cenário por completo, e sob luzes vermelhas e verdes, por algum tempo, a porta pareceu quieta. Um burburinho cada vez mais alto entre os soldados se transformou em mensagens e discussões sobre o estado da porta: estaria na verdade entreaberta, ou pelo menos destrancada.



Caterina observava o primeiro dos animais; as divisórias a protegiam do escrutínio dos outros. Tinha nas mãos um longo pedaço de ferro, cujo nome tinha esquecido, com uma bola cheia de pontas afiadas em uma das extremidades. Era uma espécie de maça fina meio alaranjada, com todo aquele peso esquelético tão próprio do ferro, e usado especialmente entre os militares para iniciar a operação com yutsis de guerra.

À primeira vista eles eram exatamente como quaisquer outros da mesma espécie, e foi exatamente aquilo o que ela disse há alguns rosanos, quando visitou o exército junto a Luca numa visita de rotina do Parlamento. Havia muitos mais yutsis no galpão naquele dia — estava difícil de respirar — mas todos eram relativamente calmos e completamente quietos.

“No campo de batalha, você só precisa colocá-los na direção do inimigo e irritar um deles. Só um!”, explicava o guia da inspeção. “Como nós os

treinamos com certas... Técnicas... Eles crescem coesos, tomando as dores de qualquer coisa que os outros sintam. Então só um, e você tem todos os outros estourando em cima do inimigo. Você não vai querer um gigante desses aqui correndo na sua direção”.

E eles eram gigantes. Caterina conseguia passar por debaixo deles, entre suas pernas, sem se abaixar. Eram fortes, mais do que os yutsis comuns, mas com uma força oculta, dessas que não se transforma em volume do corpo. Tiravam a força do ódio e da frustração; foram treinados para reagir a qualquer um desses sentimentos, nos quais a raiva e a irritação se transformavam. Eram animais enjaulados, criados à base de dor e para a dor. A única esperança de escapar era a esperança de viver para um dia lutar.

Com eles, Caterina se sentia uma gigante também.



Alice começou a andar na direção do galpão, mas não caminhou dois passos antes de parar ao ouvir um guincho profundo, agudo e reverberante. O ruído fino cortou os céus como uma criança tentando engolir um minério de som. Não demorou muito para lembrar que nem todos os yutsis de guerra *foram* para a guerra.

Sentiu uma onda de calor fazer suar os tornozelos e subir o corpo até ferver os lóbulos das orelhas. Pôs-se a correr na direção do galpão, um guincho a mais fazendo tremer sua nuca; chegou à posição que os soldados, juntos, defendiam-se contra a incógnita que antecipavam na rua em frente ao portão. Os moradores das casas, os que ainda estavam na vizinhança, saíram às janelas ou da porta para fora, abraçados uns aos outros ou aos próprios braços, com sobranceiras franzidas e tão suspensos quanto o resto da cidade no pequeno silêncio que precedeu o estouro do portão.

Alice recuou para o lado, escorando-se à parede de uma casa enquanto via passar, incrédula, cinco yutsis num galope frenético levando para frente as armas, os membros ou os corpos inteiros, tratados todos como pedaços de pano, dos soldados que ficaram no caminho de suas patas e caudas balançantes. Voltou para o centro da rua para ver a fila silenciosa de animais que, quase do mesmo tamanho das casas de dois andares, correram até o fim da via antes de fazer Alice cobrir os ouvidos e berrar de raiva.

Os yutsis gritaram, uns com sons mais graves ou arrastados que outros, ao mesmo tempo em que se espalharam pelo centro da cidade; davam coices e pontapés, girando no lugar quando não conseguiam avançar, abrindo buracos nas paredes e destruindo janelas a cada golpe.

A cauda arrastava um rasgo de uma parede inteira consigo, riscando-a de um lado a outro como faca sobre papel, de cima a baixo como pincel,

fazendo detritos inteiros cair nas calçadas por onde moradores começavam a fugir, deixando suas casas para trás.

Os soldados, sem saber para que lado ir, começaram a se mexer. Alice se recompôs, arfante, e viu Coreno surgir gritando ordens rípidas para os grupos de guerreiros mais distantes.

— Você! — Disse ele, apontando o dedo para a parlamentar. — Pegue *todos* lá atrás e convença-os a buscar os yutsis *agora*!



Os rebeldes correram até parar nos portões completamente despedaçados dos galpões. Caterina havia caído, rolando para o lado de fora para se proteger da fúria dos animais quando atingiu o primeiro deles, mas já se levantava a tempo de ver os yutsis ensurdecerem a cidade.

— Caterina! — Falou Fuj, com as mãos na cabeça e olhos que, sentia ele, não eram grandes o bastante para expressar o quanto não conseguia entender o que estava acontecendo. — *O que foi que você fez?*

A alorfa virou o rosto para ele, com um sorriso travesso por onde saíram baforadas de ar satisfeito. Fez os olhos passearem pelos rostos dos companheiros, e quando se voltou para a cidade viu os soldados assistirem, tão sem ação quanto eles, os yutsis agirem em meio a todas às casas, prédios e árvores já mais longe dali.

— É a nossa *chance*! — Disse ela.

— Chance de quê, Caterina?! — Disse, na linha de frente dos rebeldes, a mulher que lhe perguntara por que ainda deveriam lutar.

O sorriso desbotava à medida que seus lábios começaram a tremer. Viu os guerreiros começarem a se mexer, saindo do cerco ao prédio para correr atrás dos yutsis.

— A gente queria salvar a cidade dos magos, mas parece que a gente tinha que ter salvo de *você*! — Disse um alto homem loiro, balançando a cabeça e jogando sua faca a esmo para frente. — ACABOU! Isso tudo foi para *NADA*!

— Vocês não *VEEM*? — Caterina abria os braços enquanto eles entravam às pressas no galpão e Fuj vinha, a passos lentos, em sua direção. — A-agora nós... Nós podemos...

— Caterina... — Disse Fuj. — Acabou.

— Mas...

— Acabou, Caterina. E se nós dois ainda quisermos viver... Temos que ir embora agora.

Quando máscaras apodrecem

Manipular terra em Neborum era como pegá-la com os dedos molhados. Tadeu não precisava se mexer, mas acabava fazendo movimentos irregulares — reflexos do que queria fazer com a massa de terra que levitava mais ou menos de acordo com sua vontade.

— Isso, Tadeu... — Comemorava Galvino, pensando alto, olhos fixos na performance do filho. — ... Agora... Ataque a porta.

Essa era a parte difícil. Tinha que imprimir velocidade e solidez a um bolo de terra maior que ele próprio. Concentrou-se, esticando a careta na força, de outra forma imperceptível, que fazia: lançou a terra em direção à porta do castelo do pai.

O caminho que a pancada seguiu foi hesitante, mas chegou ao destino, fazendo o trinco tremer com um baque antes de se esfarelar. Virou montinho revirado aos pés da porta depois de uma cascata vagarosa.

— Está melhor que da última vez. — Comentou Galvino. — Mas não é o bastante.

Tocou de leve o ombro de Tadeu em Heelum, convidando-o a voltar para lá, e começou a apagar a lareira.

— A aula já acabou?

— Sim. Hoje tenho uma reunião de última hora... E tenho que trazer amuletos para sua mãe.

— Amuletos são aqueles minérios que curam doenças da noite, não são? — Perguntou Tadeu, preocupado. — Há quantos dias ela está de cama?

— Há apenas alguns, segundo ela, mas... — Disse, voltando-se para o filho em seguida. — Ela disse que já foi a uma casa de saúde. Que não tem as doenças... Isso é só uma precaução minha. Não tem com o quê se preocupar.

— Mas como ela pode pegar as doenças da noite e nós não?

— ... Ela pode ter sido atingida por uma versão mais fraca das doenças, ou... Estar mais... — Respirou, como se precisasse entrar naquela conversa sem volta. — *Aberta* a elas agora.

— C-como assim?

— Não se sabe ao certo, em alguns a doença age rápido...

— Mas por que você acha que ela... — Interrompeu Tadeu, puxando a gola para baixo como se ela apertasse o pescoço. — A mãe está... *Fraca* p-por alguma razão? Ela tem outra doença?

— Não. — Galvino sentou-se no sofá, olhando para a porta como se ela pudesse lhe dizer as horas. — Não tem outra doença.

— Então por quê?

O pai demorou até decidir ficar e sentar-se no sofá de novo ao invés de usar a desculpa de que já estava tarde.

— Sua mãe, Tadeu... Tem feito uma técnica que todos os magos, de todas as tradições, conseguem fazer e podem um dia dominar: a duplicação.

— Tadeu o interrompeu, perguntando o que ela fazia. — ... Todos os magos, todas as *pessoas*, têm um iauomo dentro do próprio castelo. Disso você *sabe*... Mas se você quiser, pode duplicá-lo. Dividir-se em dois, literalmente, para estar em dois lugares ao mesmo tempo em Neborum.

Tadeu achou que precisaria de todo o ar da sala para aguentar mais aquilo: encheu o pulmão o quanto pôde e tentou não ser muito rude ao expulsá-lo do corpo.

Sentia que as faces de Neborum eram infinitas, desdobrando-se a partir do mistério da magia. Sentia que nunca acabaria de descobrir mais alguma coisa que, tinha certeza em seu íntimo, atormentaria (mais) sua paz algum dia.

— Os magos demoram para alcançar o equilíbrio e a harmonia entre prestar atenção em Neborum e em Heelum ao mesmo tempo, mas aqueles que se duplicam precisam prestar atenção em Heelum e em *dois* lugares separados em Neborum. Não é simples, Tadeu, e é extremamente cansativo para a mente de um mago. Daqueles que conseguem se duplicar, muitos fazem isso por pouco tempo e apenas quando necessário. Talvez achem útil durante uma luta, por exemplo, ou se dupliquem para manter um iauomo protegendo o próprio castelo enquanto invadem outro.

— Por que a mãe está se duplicando, então?

Galvino olhava tão fundo nos olhos de Tadeu que o filho teve medo de descobrir mais algum segredo sobre eles. Não queria ter algo a mais para pensar naquela noite.

— Talvez sua mãe lhe diga um dia...

— Mas ela está cansada por se duplicar? F-ficou *fraca* por causa disso e as doenças da noite puderam invadir ela?

— Eu *não sei* se são doenças da noite.

— Mas é por *isso* que ela está assim? O-ou não? Foi por se duplicar?

— ... Acredito que sim. — Disse, atrasado, depois de já ter balançado a cabeça. — Mas porque sua mãe, Tadeu... Se duplicou mais de uma vez.



— Por que será que convocaram essa reunião? — Perguntou Luana; em companhia dos outros, seguia para o Parlamento numa charrete escoltada. — Se eles já chegaram a uma resposta, por que ela exige tanta pressa assim?

— Talvez o Conselho dos Magos tenha algum comunicado que eles queiram repassar. — Disse Gabriel, indiferente.

Quando Joana começou a falar, não interrompeu o olhar que sustentava em direção a André no banco à frente.

— Bem... Com tudo que a gente passou por aqui, agora, já seria uma vitória! E se formos embora esta noite já sabem todos para onde ir, não é?

Os filinorfos assentiram, sincronizados.

— Se formos embora... Eu não saio de mãos sem sangue. — Disse André, quase baixinho demais para ser ouvido por entre rodas e yutsis.

— É claro que não! — Zombou Luana. — Já se *certificou* disso antes mesmo de chegar, matando aquele mago...

Gabriel e Joana seguiam a conversa como se anciões senis falassem de coisas que já ouviram dezenas de vezes. Mas quando André revelou uma névoa de travessura por detrás do ar sério que envolvia seu corpo parrudo, entregando o segredo culpado diretamente para o que sobrava da percepção zombeteira da colega, todos os corpos se inquietaram dentro da charrete.

— Mas é *claro* que tu não resistirias... — Dizia Luana, contagiada.

— André, *diz* para mim que não tentastes com ninguém do parlamento! — Questionou Joana, entortada pelo suspense.

— O lugar está cheio de magos poderosos — Advertiu Gabriel, apressado. — então sugiro que você *diga* logo o que fez para sabermos se estamos em perigo!

— Não. Com o parlamento não.

— Mas com um *parlamentar*, não é? — Luana entrou no jogo. — Foi o *Galvino*?

— Não. — André juntou as duas mãos à frente do rosto, esfregando-as como se esfolasse a paciência dos amigos com a espera. — ... Mas com uma *ex-parlamentar*...

— Eva. — Joana disse enquanto os outros só começavam a pensar na dica. — Foi quando ela fez o acordo?

— Sim.

— O que fizeste?

— Foi a aposta mais bem sucedida de toda minha vida. — Contou ele. — Ela estava fraca, tonta... Eu não podia deixar a chance escapar.

— Ela te *viu*? — Questionou Luana.

— Não. Não veio receber meu iauomo quando estourei a porta, e eu só encontrei o dela tempos depois de me esconder. Parecia *muito* sem foco o iauomo dela...

— É por isso que não vimos mais ela pela casa? — Perguntou Gabriel, ainda de testa vincada. — Por isso ela está de cama?

— Aprendi coisas muito interessantes, Gabriel, quando ajudei um médico bomim que se converteu. — Explicou André. — Posso fazer alguém ter total e completa calma quanto a qualquer problema de saúde. Um pensamento de que tudo se resolverá, mesmo quando as coisas pioram.

— Mas isso eu posso fazer... — Comentou o mestre de espadas, comprimindo também o olhar.

— Não é a mesma coisa. Tu podes talvez fazer alguém *pensar*, por alguma razão, por algum motivo, que está ficando melhor. Mas o senso de *perigo*, aquele *medo* mesmo que vem com a peste, e também a *falta* dele... Isso é coisa que se sente. É instinto.

— E por que não *acabastes* com ela ainda? — Indagou Luana.

— Porque eu o *mataria* se ele pusesse em risco a missão. — Explicou Joana, sem risos para não deixar dúvidas sobre a seriedade do que dizia.

— Se é útil fazer alguém parar de se desesperar com alguma dor ou doença... É igualmente útil fazer alguém ter vontade de pôr um fim a um sofrimento. E arrancar cada dedo que a pessoa segura pela beirada do abismo... Para tirar dela a esperança por cada coisa que ela pensa que faça a vida valer a pena.

André não previra o silêncio que se abateu sobre os companheiros. Limpou a garganta, fazendo Gabriel vê-lo constrangido — pelo menos um pouco — pela primeira vez.

— Este é o futuro da Eva? — Perguntou o mestre de armas.

— Se formos embora hoje vai ser futuro *próximo*.

— Mas e o acordo? — Perguntou Joana. — Tu continuas acreditando que ela tem a lista?

— Sim! — Confirmou André, dando ênfase à certeza com o rosto inteiro.

— Com toda a certeza.

— É só matar a menina?

— Sim.

— Mas tu não viu a lista.

— Não. Mas sei que ela não mentiu.

Luana não conseguia segurar o sorriso enquanto alternava a atenção entre os dois.

— Conte, Joana!

— *Luana!* — Censurou a líder.

— *Conte* para ele!

— O que foi? — Disse André, todo ouvidos.

— ... Ela está falando da minha conversa com o Tadeu ontem. O garoto tem um segredo que... Talvez te seja útil quando fores lidar com a Eva.



Os magos do parlamento sentaram-se depressa, arranjando-se depois de cumprimentos, brincadeiras, visitas a castelos — ou olhadelas breves por detrás de cortinas — e conversas ao mesmo tempo animadas e cansadas. Como crianças a quem é dito que têm uma última chance de tomar lugar na roda para ouvir a história de que tanto gostam, acomodaram-se em seus lugares e esperaram, pacientes, pela ascensão cheia de eco da mestra da cidade ao lugar de destaque de onde falava.

Galvino estava sentado há mais tempo. Trazia aos pés uma bolsa razoavelmente grande, que não parecia vazia. Olhou à distância, contemplativo, para Joana. Ela tentou estudá-lo; saber se ele trairia alguma raiva vingativa, ou traço de desconfiança, mas seu rosto logo se voltou, sem alteração, para outros magos e outros lados. Passou pelo definitivamente mais alegre Barnabás, demorando-se um tempo nele. Terminou com um olhar para frente, parecendo combativa e absolutamente transparente.

— Boa tarde a todos. — Disse a mestra. — Ou boa noite. Diógenes convocou essa reunião em caráter de urgência.

Os filinorfos adotavam a mesma política de seguir a sessão sem gestos de entendimento. Continuariam a fingir que aquilo nada tinha a ver com eles, embora Diógenes fosse o magro mago mais velho que antagonizava com eles desde que chegaram à cidade.

— Não vou fingir que entendo a necessidade dela, considerando que nos reunimos todos os dias de qualquer forma, mas espero que nosso tempo não seja desperdiçado. Concedo a palavra a você, Diógenes.

O mago levantou-se com dificuldade, mas parecia satisfeito ao andar; carregava nas pernas uma ginga feliz, e assim dirigiu-se até o centro do mar de chão à frente da mestra que dividia a câmara.

Tomou o tempo que achava necessário para que todos vissem o quanto sorria. Havia conquistado o topo de uma montanha com apenas metade da força de sua juventude — era assim que queria que todos, só de observá-lo, soubessem que ele se sentia.

Deteve seu olhar em Joana, que não se preocupava mais em dissimular seu desprezo; aproveitou sua posição no alto da sala para olhá-lo de cima para baixo como se pudesse esmagá-lo. Transformou a curvatura da boca fechada em esgar de desafio — “Que venha”, pensava ela. Sabia que os outros a chamavam em Neborum; devem ter vindo lhe dizer o quanto agora tinham certeza de que o teatro acabou.

— Amigos. — Começou Diógenes. — Colegas desta casa... Talvez vocês... Talvez vocês *não* gostem de saber disso tanto quanto eu não gostei. Sim, este assunto demanda pressa... *Urgência*. O parlamento no qual muitos de nós... Viveram *muitos* anos... Ele foi *desvirtuado*.

Balanços desconfortáveis de equilíbrio e posição varreram a sala.

Em breve Joana sabia que teria que sair e tornar invisíveis os castelos dos companheiros — mas por enquanto ficava de guarda atrás da porta, pronta para se defender.

— Cartas, ainda mais agora, em tempos de guerra... Demoram para ir e vir. — Tirou um papel bem dobrado do bolso da capa felpuda e azulada. — Mas *vêm*. Elas *chegam!* — Brindou à carta em direção a mestra mas a deixou com um outro parlamentar, que estava mais ao alcance da mão. — Tive a ousadia de abrir caminho até *Renan*, o mago que foi preso em Roun-u-joss. E ele disse que *nunca* ouviu falar de *nenhum* desses *magos* que *SUJAM* nosso parlamento!

À altura do que Diógenes ainda tinha para dizer, ninguém mais conseguia ouvi-lo de tanto barulho — mas o que ele disse foi que teve ousadia, e que se inspirou na bravura de seus antepassados para vir salvar Al-u-ber dos filinorfos que se infiltraram entre eles.

Joana saiu de seu castelo, deixando a porta aberta para Luana entrar. Na corrida até o castelo de André descobriu que em Neborum Diógenes tinha muito mais força e agilidade; ainda distante atacou a filinorfa com uma série de adagas que a fez se contorcer, pular e se jogar no chão para escapar — e no fim tomar novo impulso para correr mais até o destino. Quando a porta se abriu, André deu lugar a ela com a magia negra dos espólics em punhos, lançando ao inimigo sua vontade de domínio. Ao cair no saguão do companheiro, fechando a porta com o auxílio de um peso de ferro, começou a fazer a técnica que deixaria o lugar invisível.

— VÃO! — Berrou ela, empurrando os amigos para o lado na sala de reuniões.

Correram de seus lugares até a escada. Alguns parlamentares sacaram a espada pelo caminho, a maioria deles lentos demais; os que podiam atacá-los foram contidos por chutes e socos rápidos dos magos em fuga.

— PEGUEM! — Esbravejava Diógenes! — PEGUEM ELES!

Joana passou à frente do grupo, sacando a faca que trazia escondida por debaixo das vestes. Defendeu o previsível golpe do soldado mais próximo da escada, aproveitando o impulso dos degraus para tirar a espada do caminho e cortar o inimigo — quase caiu, mas Luana a ajudou a ficar de pé.

O soldado mais afastado da escada chegou perto, e Joana lançou-lhe a faca. Errou, mas ainda assim André conseguiu passar por detrás dele na confusão de corpos — e enquanto o guarda tentava evitar que Gabriel e Luana também o contornassem, mantendo os dois com as costas sob ameaça dos parlamentares que os cercavam, André quebrou seu pescoço num decisivo.

— NÃO DEIXEM ESCAPAR! — Berrava Diógenes, alucinado, por cima da câmara cada vez mais silenciosa.

Joana olhou para o alto à direita antes de sair da câmara; os parlamentares tinham uma passagem especial do outro lado da entrada, e usavam-na como bichos acuados. Galvino já havia ido embora.

Saíram da sala de reuniões, voltando pelo caminho familiar.

— LUANA! — Gritou Joana. — ANDRÉ!

Observou os iaumos dos magos convocados saírem dos castelos que tornavam invisíveis, suspendendo o efeito por um momento, e correrem contra castelos que podiam ver no horizonte de Neborum. Buscavam controlar os soldados com quem deixaram suas armas, e ao entrarem no saguão onde os encontrariam viram suas armas deitadas no chão adiante. Recolheram-nas e, no breve olhar para trás, reconheceram o perigo que já haviam percebido: alguns parlamentares armados os seguiam.

“RÁPIDO!”, clamou Joana ao seguir em frente, André ligeiro colado a si. Seu castelo estava protegido de novo, pelo menos dos olhares inimigos, mas por não ver os outros dois percebeu tarde demais, já às portas da saída do lugar, que Gabriel e Luana ficaram para trás.

— Eles vão ficar bem. — Comentou André, confiante e com pressa, depois de um puxão suave no braço de Joana.

Gabriel desembainhou a espada no momento certo para se defender de um golpe à direita. Voltou a arma para a esquerda em outra defesa, e num chute rápido na barriga tirou de cena a parlamentar que o atacara primeiro. Avançou sobre o segundo político, apertando sua lâmina contra a dele, e o empurrou de volta para o corredor de onde veio.

Virou-se para a mulher que já se levantava, vendo de esguelha Luana ter certa dificuldade com os dois guerreiros — era só uma questão de ajustar o foco; ele sabia que ela não cairia.

Deixou a espada para baixo, abrindo a parte de cima da guarda de propósito. A parlamentar fez o movimento que ele previra e ele se defendeu rápido, para logo depois agarrar o braço direito dela e forçá-la, devagar, até o chão.

— *Calma.* — Sussurrou ele direto para os olhos aterrorizados da maga enquanto a deixava deitada no chão, sua espada por ele jogada longe com um chute.

Virou-se, defendendo depressa um ataque parecido com o último. Agarrou o pulso esquerdo do ofensor e o torceu para baixo, a espada passando do topo de sua cabeça até uma quietude inofensiva debaixo do braço. O parlamentar gemeu de dor ao cair com um joelho no chão, e quando Gabriel voltou a olhar para o resto da batalha viu Luana rasgar a axila de uma inimiga, que caiu para trás, desistindo da luta com o rosto grudado no chão.

Jogou para o lado seu oponente rendido e aproximou-se da filinorfa, que agora fugia dos avanços de um mago mais velho ao correr pelas bordas do saguão iluminado em azul.

Começou a andar mais rápido, com medo de que não chegasse a tempo; o parlamentar calculou que Luana continuaria recuando, mas ela parou com as pernas em firme base — na luta de forças em proximidade, a forasteira direcionou a arma do inimigo para o chão e desvirou a sua própria para atravessar a barreira do político.

Gabriel correu ainda mais rápido, rosnando sem se dar conta; assim que alcançou a companheira, que sorria ao tirar a espada do inimigo caído, avisou:

— *Cuidado.*

A feição da maga ficou séria quando virou-se de costas para Gabriel; ele fincou, silencioso, sua espada nas costas de Luana, manchando o tronco da filinorfa de sangue enquanto dela vazavam as forças de que precisava para permanecer de pé.

Os políticos que ele havia desarmado se recuperavam. Observavam-no à distância, ao mesmo tempo estarecidos e orgulhosos.

— Não sou um deles. — Explicou Gabriel. — E lamento que tudo tenha acontecido desse jeito.



Fechou as janelas do quarto porque não queria mais deixar o frio entrar, mas tinha a infeliz impressão de que ele vinha de dentro. Talvez o cancelamento da aula por causa da reunião de emergência lhe deu tempo para pensar. Amanda geralmente passava o resto da noite ocupada com as possibilidades que a aula descortinava; às vezes até continuava treinando em Neborum. Descobriu com o pai que era possível continuar acordada lá mesmo enquanto dormia, sendo que o preço a ser pago era certa energia durante o dia, além dos sonhos da noite. Passava a entender mais e mais que uma vida boa, para muitos magos, podia vir associada a muitos preços; prestar atenção aos arredores durante a noite poderia ser, em alguns casos, a diferença entre a vida e a morte.

Eram justamente os *preços* que tanto entulhavam sua mente. Lembrava-se, como que passando em revista, tudo que viveu com Tadeu desde que começaram a aprender magia. A forma como ela acostumou-se com a vida nova, mas ele não; como ela queria trazê-lo para perto de si, no futuro, assim que fossem magos bons o bastante para aguentar a tempestade que seria a união dos dois — enquanto para ele, pensava ela enquanto sorria, os dois deveriam fugir daquelas responsabilidades, daquelas tradições; viver como andarilhos entre cidades. Talvez num dos grupos nômades de rock modenal, que de vez em quando visitava a cidade com seus shows de música triste.

“É, Tadeu gostaria disso”. Ele sempre foi o mais triste dos dois, pensava ela, enquanto o sorriso amargava.

Sentiu-se sozinha demais no quarto e desceu até a sala. O eco de sua presença continuava incômodo, e ela dizia a si mesma que deveria simplesmente ir para cama dormir. Por outro lado, queria esperar pelo pai, e sabia que não deixaria de pensar em Tadeu — em menos de uma estação o viu mentir para ela; viu o bomin se ressentir, brigar, reclamar. Ela ainda o amava, daquilo tinha certeza. Ele era a peça de sua vida que tomava por garantida, mesmo que clandestina, supostamente frágil; aprendeu desde sempre a pensar naquilo como amor. Se não o fosse, ela não teria mais para onde ir para entender o que era aquele sentimento tão recôndito, tão secreto, tão precioso.

De braços cruzados no sofá, repreendeu-se; refez os passos mentais que sempre fazia em tais questões conceituais, pensando que amava seu pai. Sim; amava também sua mãe, de alguma forma. Era obrigada a amá-los, mas sentia que não o fazia por causa da obrigação que tinha. Sabia que não seria presa e enforcada em praça pública se não amasse o pai — mas talvez enforcasse a si mesma em pensamento. Será que conseguiria se obrigar a pensar em Tadeu como alguém que *deveria* amar? Que era *obrigada* a amar?

“Mas por que eu precisaria disso?”, pensou, fazendo cara feia para ninguém além de si mesma: era difícil de confessar, no sussurro dos pensamentos malditos, que embora não imaginasse sua vida sem Tadeu, era cada vez mais difícil planejar um futuro para si que o incluísse. Se pudesse se obrigar a amá-lo — a ver a si mesma como ligada a ele por toda sua vida... Seria mais fácil planejar tal futuro? Quais de seus planos teria que renunciar?

Ele seria capaz de se ver obrigado a amá-la do mesmo jeito? Ele estaria disposto a renunciar também a parte de si que rejeitava a magia?

Deixou sua vigilância de Neborum fraca, perdendo-se nos tempos e nos espaços, ao ponto de se surpreender quando o pai entrou lívido em casa. Levantou-se num pulo, vendo no andar do pai motivos para imaginar que teriam que fugir dali a qualquer momento.

— Filha... Há filinorfos à solta na cidade.

— O *quê?*! — Reagiu Amanda, sentindo seu iaumo afundar no chão como se a terra firme de Neborum virasse mar.

“E Tadeu?”, perguntou, sem conseguir controlar os reflexos.

Viu Barnabás torcer o rosto, e Neborum tornou-se inabitável.

— O *Tadeu?*

Amanda abriu a boca, mas não conseguiu pensar em como explicar a pergunta para o pai.

— Como sabe que os filinorfos são os hóspedes de Galvino, filha?

A discípula fez um esforço para estabilizar-se em Neborum, com medo do mestre: dessa vez não tinha dúvidas de que a invasão por parte dele estava a um segundo de acontecer. Ele a forçaria a contar a verdade — e ela não conseguiria resistir.

— Fi...

Barnabás não terminou de conjugar a voz dura; olhou para o lado, imediatamente sacando a espada.

— Suba, filha... *Suba agora.*

Amanda correu por detrás dele rumo às escadas, sem questionar, mas tropeçou quando uma das janelas da sala foi estilhaçada. Arranjou-se como pôde, e enquanto engatinhava pelos primeiros degraus certificava-se de que seu castelo estava intocado; fazia esforço renovado para não deixar mais suas emoções atrapalharem seu foco.

Viu um homem alto e forte, de pele escura e suada, invadir sua casa pela janela quebrada. Ele era lento, deliberado: parecia completamente seguro de que o que quer que tenha vindo fazer, faria. De que *ninguém* poderia detê-lo.

— Olá, Barnabás. — Disse ele, com um sorriso juvenil, logo antes de fitar a jovem maga atrás do corrimão da escada.

— Filinorfo *maldito*. — Chamou o mestre preculgo, montando guarda no meio da sala enquanto André começava o desvio pelo lado do sofá. — O que faz aqui?

Apontou para Amanda.

— Eu vim atrás dela, na verdade.

Barnabás franziu o cenho, transformando a estranheza da situação em combustível para a serenidade.

— ... Por quê?

André não pôde mais avançar sem colocar-se ao alcance do adversário.

— Eva tem a lista que queremos. — Explicou ele, ajustando as mãos na posição mais confortável do punho da espada. — E ela quer, em troca, que a garota morra.



Quando a mão lançou-se à maçaneta, seu olhar da torre mais alta advertiu para contornos conhecidos no horizonte de Neborum — e um deles Galvino não desejava ver. A filinorfa vencera a corrida.

Quase toda a luz tinha sido roubada. Só os minérios vermelhos das cadeiras prateadas, a alguns passos de distância, iluminavam o lugar. Era a luz fraca deles que a espada de Joana refletia.

Brandiu a própria espada para o alto, sem a menor intenção de usá-la como arma primária.

— Vou expulsá-los daqui como vermes. — Percebeu que os outros não estavam ali. — E quando digo *daqui* — Deu passos calmos até a base das escadarias. — quero dizer *Heelum*.

— Hoje a noite é *mesmo* de acabar com vermes. — Respondeu ela, seu rosto coberto pela escuridão da casa.

— Onde estão Eva e Tadeu?

— Aqui. — Disse ela, simples.

— Se eu descobrir que você fez alguma coisa com eles...

— Não, Galvino. Somos só eu e tu. Ou *quase*.

O arrepio na espinha apressou os planos e cálculos; o castelo do filho se aproximava, lento — e estava, sem sombra de dúvida, perto demais de Joana.



Suas portas se abriram tão rápido que teve a impressão de estar sendo invadida por um bomin — mas era o pai, de rosto vermelho como carne crua, quem apertava seu iauomo contra a parede depois do cuidado de trancar a porta pelo lado de dentro depois da invasão.

— POR QUE EVA QUER QUE VOCÊ MORRA? — Esbravejou Barnabás, que pedia para André, em Heelum, um momento de calma com as so-brancelhas vergadas para baixo.

Amanda respirou pesado — o tempo não fazia mais sentido algum.

“FILHA!”

— Não creio que eu tenha tempo. — Respondeu André.

“Pai...”, começou ela.

Deslizou para trás pelo degrau até bater com as costas na parede.

— Você está sendo *enganado*! — Disse Barnabás, dando um passo para trás depois do avanço leve do inimigo.

— Eu... E-e T-Tadeu...

Barnabás observou-a em terror por dois, três, cinco segundos que não deixavam passar o momento em que, em Heelum, ele avançava na conversa com o filinorfo.

— A Eva não possui a lista — Elaborou ele. — e quer que você mate minha filha porque não quer que o *filho dela* se relacione com ela!

André parou, sua lâmina mais ameaçadora que nunca; os traços frios do rosto não contavam a história de alguém disposto a interromper a investida, mas Barnabás sabia que tinha causado algum impacto nele.

— Então... — Entortou o pescoço, buscando Amanda com o olhar mais esguio por detrás do corpo consideravelmente menor de Barnabás. — *Tu* és a jovem preculga que ele ama tão apaixonadamente...



Joana não foi muito além do território à frente das próprias portas; com mãos de candelabro subindo aos céus, fez a terra tremer. Galvino, que fez uma tempestade inteira soprar a seu favor, ainda não se importava.

Blocos de terra levantaram-se do chão para formar um pequeno labirinto entre o bomim e a filinorfa. Galvino chocou-se contra uma das paredes, e aproveitou para começar a subir as escadas de casa correndo. Viu de relance a inimiga à frente do filho empunhar a espada, e antes de pisar no corredor do segundo andar já fazia os ventos pressionarem a água de uma chuva intensa contra a terra do labirinto.

Não quis evitá-lo por cima, pois era provavelmente o que ela queria — mas a água tampouco desmanchava a armadilha como ele gostaria. Pensou no castelo solitário do filho, mas achou melhor se concentrar na filinorfa.

Joana avançou contra ele com golpes rápidos, seguros, amplos; nenhum dos dois enxergava direito, então não se arriscariam a chegar muito perto. Como cegos lutavam, guiados pelos menores sinais, de brilhos a sons e sensações, escolhendo com critério o que fazer em Neborum para não se deixar levar e esquecer que defendiam ainda seus corpos.

Galvino interrompeu a chuva e, fortalecendo os ventos, abaixou-se para levantar a terra inteira do chão — estava na hora de jogar o labirinto para cima do castelo dela.

— *TADEU!* — Chamou ele, depois de bloquear um golpe e recuar um tanto mais. — *ESTÁ CONTROLADO?*

Ergueu o labirinto um pouco acima do resto do solo e sacudiu-o para frente como tapete. Usou os ventos para se equilibrar e para empurrar ainda mais os detritos para frente, mas eles sumiram — e da nuvem de poeira marrom e verde que pairou no ar surgiu uma corrente de fogo à frente do iaumo de Joana.

— Não! — Respondeu de volta Tadeu.

Galvino preferiu fortalecer sua guarda, interrompendo o ataque. Em Neborum usou o ar em torno de si para cortar o fogo à frente, e contra-atacou com um jato d'água de grande pressão.

Joana contornou o jato, rolando rápida pelo gramado, e chegou perigosamente perto de Galvino com uma estaca de vidro que conjurou no último momento. O bomim esquivou-se da arma, quebrando-a com uma pedrada certa vinda do chão, e lançou-lhe mais fogo.

Teve que se defender com mais ardor — Joana apressava o ritmo em Heelum, e se expunha; Galvino continha-se para parecer cansado e induzi-la ao erro. Tornou-se veloz de supetão, travando a espada da adversária num momento decisivo e partindo para um ataque de baixo para cima.

Fez o vento da área dissipar rápido a fumaça e viu que atingiu Joana — mas ela rolou pelo chão recobrando-se de terra para apagar as chamas e já corria para longe. Galvino seguiu seu zigue-zague, tentando apertar seu

caminho com um vento ainda mais potente. Queria pegá-la num tropeço. Traído pela pouca luz, o golpe de espada que julgou inteligente foi revertido: defendido, foi de alguma forma transformado num contra-ataque cheio de alavanca que Joana terminou ao chutar sua mão, quase fazendo a espada cair. Galvino perdeu terreno, chegando ao início da escada, mas não viu Joana avançar e deu mais passos à frente para recuperar a posição.

— *TADEU!* — Rallhou de novo, sem ter tido tempo para pensar no que o filho havia dito.



Inspecionou os quartos; os lavatórios, as praças. Cada baú do qual não tinha memória, cada guarda-roupa suficientemente grande — e o fez sem perder de vista Barnabás.

“Se eu fosse você...”, ouvia ele em Heelum. Barnabás tentava convencê-lo de que Eva estava ali, em seu castelo; que ela o controlava de algum modo. Provavelmente ela estava fazendo com que ele confiasse cegamente nela, a ponto de acreditar que ela realmente *tinha* uma lista de magos de Roun-u-joss.

Nunca aprendeu qualquer técnica de confiança com o ex-bomin médico, então não fazia ideia de onde procurar. Pôs um iauomo duplicado de frente para a porta, atento, enquanto procurava com o outro algo suspeito nas dependências do castelo, concatenando os argumentos do preculgo.

Deparou-se com uma porta fechada. Com o mesmo estilo castanho e decorado que as outras, carregava na fechadura uma chave de boa aparência. Não se lembrava da porta, ou dos pequenos cômodos a que ela dava acesso. Era a última parte do castelo a averiguar.

Entrou na sala, que era na verdade antessala. Sentiu um vento enregelante invadir-lhe as vestes leves, de um verde pálido que não sabia como havia escolhido. Era corrente contínua; vento circulante no espaço pequeno, sem janelas abertas, sem móveis, sem nada: a única função daquela sala era servir, aparentemente, de mirante para as portas duplas que isolavam o último canto inexplorado do castelo.

Vento. Eva — já declarava que era ela a culpada — bloqueou a área com uma corrente de ar que precisava continuamente controlar. Assim que deu um passo para a frente, escapando à zona de controle do vento artificial, descobriu o porquê.

O cheiro era delicioso. De fundo conseguia entender que se tratava de pão, mas ao mesmo tempo toda sorte de acompanhamentos, temperos e sopas podiam ser ali adivinhadas.

Abriu as portas da cozinha com voracidade; viu a figura esquelética e descascada de Eva por cima de uma panela em fogo brando. Cozinhava quase

que com suas lágrimas, torta como se prostrava por cima do futuro guisado. Em cima da mesa, um banquete bem servido à luz de velas para ninguém em especial; no balcão claro abaixo dos armários de dispensa, desenhos e retratos de Gabriel, Joana e Luana.



Despertou da espera como quem fecha os olhos e dorme ao estar com muito sono. Sorriu ao olhar em volta.

Sentia-se um tolo por um momento. Permitiu que seu julgamento fosse controlado pela maga — talvez tenha subestimado Eva, admitia, mas por outro lado não o fez sem motivo. *Ele havia*, afinal de contas, deixado um iaumo duplicado seu por todo aquele tempo *ali*, dentro do castelo da maga, sem nenhum esforço para se ocultar além dos mais básicos.

Decidiu que Eva certamente não tinha sob seu poder lista alguma. E que, com ou sem lista, a missão já estava perdida de qualquer forma: não perdoaria Eva por fazê-lo de tolo. Não sairia de Al-u-ber com as mãos sem sangue de mago.



Joana criou um curto corredor abaixo do nível do solo, jogando a terra para cima e para os lados; por ali podia correr sem ser manuseada pelos ventos de Galvino. O bomin reuniu-os todos e tentou bloqueá-la, pondo-os contra a filinorfa, mas chegou atrasado. Ela já havia alterado a estratégia, voltado ao campo nivelado e, tendo corrido num círculo por Neborum, estava a uma curta reta do castelo do inimigo.

Galvino voltou para lá, impulsionando-se para o saguão principal enquanto escapava a uma estocada em Heelum. Tentou pressionar a espada de Joana contra o parapeito do segundo andar, mas percebeu tarde demais que a tática era absurda, e no fim teve que desviar uma outra investida — no processo de defender-se do contra-ataque vertical que veio logo em seguida desmontou-se no chão.

Forçou os ventos a aguentar a porta por um tempo, levando Joana a acreditar que ele não *queria* que ela o invadissem. Enquanto tentava evitar que a inimiga se aproveitasse da fraqueza de um corpo que se ergue do chão, cancelou a força dos ventos e a filinorfa entrou em seu saguão com uma pressão com a qual não contava.

Tadeu via da janela a habilidade que Joana tinha para manipular a terra. As lágrimas não atrapalhavam sua visão de Neborum, o que ele achava estranho; talvez até a tornasse melhor. Olhava para o castelo do pai sem conseguir sentir que deveria lutar do lado dele. Tentava pensar numa única

razão para desistir daquela loucura (exceto o fato de que era uma loucura), mas todas elas envolviam um futuro com Amanda. Um futuro que, ele agora enxergava, jamais chegaria.

No fundo, algo dentro de si — como um segundo iaumo que ele sabia não ser capaz de produzir — tentava lhe dizer o quanto seus pais o amavam e o quanto ele devia a eles. Mas a voz não era particularmente persuasiva.

Soluçou de surpresa ao ver que Joana recuou, vividamente abalada; identificou o som de um sorriso satisfeito do outro lado do corredor, e por um momento foi como ver o nascer-do-sol depois de uma noite de tormenta.

Seu pai venceria a batalha, pensou. Joana morreria, levando para as cinzas seus segredos; ele jamais sairia dali, de sua casa, de Al-u-ber, de perto dos pais ou de perto de Amanda.

Jamais ficaria contra eles; contra os pais, contra os magos de Heelum, contra a própria *magia*. Era uma batalha impossível de vencer de qualquer jeito — *no que* ele estava pensando? Como *pôde*...

Não era hora de pensar naquilo. Deixou os dentes respirarem num riso libertador que não fez barulho; poderia dizer aos pais que *foi* de fato dominado, e que portanto nada daquilo era culpa sua.

Num piscar de olhos viu-se de novo na escuridão de sua casa, diante dos barulhos desconexos no corredor do segundo andar.

Virou-se para trás em Neborum e viu o iaumo de sua mãe: magra, pálida e de rosto molhado. Ela pedia perdão.

Tadeu não sabia que podia sentir aquela força de remorso estando em Neborum. Era exatamente como ter um corpo: cada arrepio fora de lugar fazia o coração doer.

O iaumo de Eva sumiu tão rápido quanto pareceu aparecer. E ele, de lábios fechados, sentiu profundo nojo de si mesmo.



— Está bem! — Disse André, interrompendo mais uma das frases que Barnabás empregava para comprar tempo. — ... Tu me convenceste.

Com as palmas das mãos abertas para baixo, Amanda equilibrava-se em Neborum. Olhou para os lados, satisfeita: não importava que o pai tivesse aprendido sobre ela e Tadeu. Não importava que havia um filinorfo na sala. Ela tinha que lutar ao lado do pai e só faria isso se estivesse centrada.

— Agora — Continuou André. — quero passagem livre por esta casa... Existe alguma saída nos fundos?

Barnabás baixou a espada, concordando com um aceno da cabeça.

— Leve-me até lá e a tua filha não vai sofrer.

Amanda analisou o castelo do filinorfo, mas não conseguiu reconhecer dois castelos razoavelmente familiares que se aproximavam por um dos lados.

Batidas violentas na porta chamaram sua atenção para Heelum, mas logo voltou para Neborum; segura de si, ficou contente que seu mundo não se abalou quando ficou assustada.

— BARNABÁS! — Berrou um homem do outro lado. — ABRA A PORTA!



Tadeu nunca ouvira o som seco da demolição, fosse em Heelum, fosse em Neborum. Mesmo assim, sabia do que se tratava assim que o barulho se espalhou num eco durável.

“Eva”, murmurou Galvino ao olhar para a parede do corredor.

Joana lançou-se com ímpeto contra o bomin; com um corte bem sucedido arrancou a espada de Galvino de sua mão; fez seu corpo encolher no gemido cheio de medo e, com um chute bem fundamentado, fez com que rolasse pelas escadas até o andar de baixo.

Tadeu esticou o pescoço para fora do parapeito, tremendo dos pés aos dedos das mãos com a imagem do pai estirado no chão.

— PAI!

Olhou para o lado e viu o rosto de Joana, banhado no vermelho dos minérios da sala, seguir com repuxado interesse os movimentos residuais de Galvino.

Tadeu desceu as escadas de dois em dois degraus. Joana o seguiu, e ambos passaram a observar o corpo quebrado do mago. Ela não reagiu quando a porta foi aberta; Gabriel entrou na casa, parando na metade do processo de deixar de vez a rua quando fixou os olhos em Galvino.

— O que houve aqui? — Perguntou ele.

— O que está para acontecer é mais importante. — Redarguiu Joana. — Tadeu vai enfrentar o passado hoje... E decidir o futuro dele.



Barnabás permitiu-se sorrir assim que ouviu as vozes familiares do lado de fora.

Girou o pescoço de lado, assumindo de novo uma posição defensiva no final de sua sala de estar.

— Você não vai sair daqui vivo.

A alegria ofegante de Amanda apagou-se como vela sob o vento.

— *Pai!* — Guinchou ela, olhando em desespero para a porta trancada da sala. — *DEIXA ELE IR, pai!*

— FIQUE FORA DISSO, FILHA! — Disse ele, sem tirar os olhos de André.
— SUBA!

Amanda se levantou para ir abrir a porta, mas o ataque de André foi intenso demais para ignorar; como um yutsi consciente de sua força o filinorfo avançou por sobre Barnabás, que defendia-se defletindo para os flancos como podia os golpes cheios de urgência do inimigo.

— VAMOS ENTRAR! — Anunciava o parlamentar do lado de fora.

Barnabás lançou um arpão contra o filinorfo em rápida aproximação do lado de fora dos castelos, mas André fortaleceu os antebraços com a força espólica e defendeu o projétil sem ter a velocidade muito afetada.

— PAAAI! — Chorou a discípula, pondo as mãos nos ouvidos enquanto deixava para trás a visão de seu pai absorvendo os impactos cada vez mais duros do invasor.

Viu um castelo repetir com rapidez uma mesma trilha — tentava arrombar a porta com o ombro, deduziu; o outro, que vira antes, já estava mais distante, contornando a batalha pela direita. Amanda saiu de seu castelo, formulando sua espada longa, e correu em direção aos quase-vultos que lutavam no breve descampado entre os dois castelos.

Viu o pai gerar e fazer desaparecer três escudos em posições e braços alternados numa sequência inacreditavelmente rápida — precisou bloquear com eficiência os chutes e socos de André, que logo em seguida recuou para escapar à lança que surgiu na mão de Barnabás.

Enquanto a parlamentar que viera ajudá-los descobria a janela quebrada por André, o filinorfo usou a espada como ferramenta para trocar de posição com Barnabás, jogando-o de costas no chão da sala. O preculgo aproveitou a distância que André tinha assumido em Neborum e, transformando a lança num arco, atirou; Amanda criou coragem para entrar na luta, assumindo que no momento que André desviasse da flecha ela poderia atacá-lo.

O filinorfo esticou o braço, estendendo-o para além do imaginável; encontrou a flecha no meio do caminho com a mesma velocidade, mas continuou, em sentido contrário, sem tocá-la.

Amanda nunca havia visto aquilo; acelerou a corrida, querendo acertá-lo enquanto ele estivesse ainda no meio da estranha técnica.

Quando a flecha estava prestes a atingir o ombro esquerdo do filinorfo, sua mão tocou o peito de Barnabás e os dois imediatamente tiveram suas posições trocadas em Neborum. Amanda não conseguiu interromper o golpe a tempo; cortou a barriga do iaumo flechado de seu pai.

Voltou para Heelum, agarrando-se ao chão; à frente viu o pai, apoiado sobre um cotovelo no chão, tentar estocar o inimigo que se agigantava sobre ele.

André cruzou a espada no ar uma vez para tirar da frente a ameaça pífia do preculgo; cruzou a segunda para cortar-lhe a garganta antes de ter o

próprio peito atravessado pela parlamentar que entrara pela janela.

Amanda viu o sangue jorrar dos músculos expostos do corpo com olhos de peixe que ela chamava de pai.

Emitiu sons que não saberia jamais repetir; gemidos que vieram do ar que armazenava involuntariamente, sem ser capaz de fazer outra coisa. Levou as mãos à cabeça. Cerrou os olhos.



Tadeu nunca havia encostado na espada de Joana. Era grande e mais pesada do que ele imaginava, mas mesmo assim era algo que conseguia gerenciar.

— Mate-o, Tadeu.

Galvino podia girar os pulsos, os olhos, a boca; talvez o pescoço. Seu ombro se remexia, tremor regular que parecia involuntário. Tadeu não fazia ideia de como diagnosticar aquilo, mas imaginou que a queda havia tirado algum osso do lugar.

— Não tenhas medo agora. *Não há mais volta para ti.*

Não percebia que a boca ainda estava aberta até voltar seu olhar para o de Joana.

— Teu pai não tem reparo. E mesmo se tiver, nesta cidade tua *vida* não tem mais reparo. — Abriu os braços como uma mãe receptiva. — És um de nós agora, Tadeu.

— N-não consigo... — Balbuciou.

— *Chegaste para mim* — Joana apertou o tom. — dizendo que *odiavas* a magia e querias ser diferente. Queres um mundo sem magia? Ele começa *aqui, Tadeu!* — Pegou a mão de Tadeu que não segurava o punho da espada. — Eu *sei* que é difícil! *Sei* que é pedir demais de ti, mas num mundo sem magia não há *espaço* para *magos!*

Tadeu tornou a olhar para Galvino, que não se dignou a olhá-lo de volta. O rosto encharcado, virado de lado, só se preocupava em manter guardados impropérios e gritos que, se permitidos, pintariam um quadro preciso de sua situação.

— Chegaste para mim, Tadeu — Repetiu a filinorfa. — dizendo que não querias nada disso. Que querias *fugir de tudo!*

— *Para...*

— Deixa o teu passado para trás *AGORA*, Tadeu!

— *Chega...*

Joana apertou mais firme o pulso do discípulo.

— *LIBERTA-TE!*

Tadeu percebeu que Gabriel chegou mais perto. De tudo que sentia naquele momento, não estava com a menor vontade de sentir qualquer coisa em Neborum — mas sabia que alguém estava em seu castelo.

Não queria lutar. Não queria mais resistir.

— Joana. — Chamou Gabriel. — Ele não vai conseguir. Deixe que seja um apoiador... Como tantos outros que nos ajudam mas não lutam. É digno também.

— *Apoiador?* — Questionou Joana. — Ele é filho de um parlamentar, Gabriel, não daria certo e ainda seria arriscado para nós. E ele não quer continuar com a vida dele. Veja, ele se debruçava em lágrimas falando o quanto queria que isso tudo acabasse.

“É *ela* que me fez ter vontade disso?”, indagava-se ele. “Eu quis que tudo acabasse, mas não assim... E ela lutou com fogo... Com terra... Sabe fazer o que um bomin faz...”

— Se você não fizer o que é certo, Tadeu — Interpôs-se Gabriel. — *Eu* farei.

Largou a espada. O barulho metálico repercutiu pela casa, e Gabriel não demorou para sacar a sua própria.

— Está tudo bem, Tadeu. — Disse Joana, ainda segurando a mão do rapaz. — Nós vamos...

Teve a fala interrompida por um soluço de dor. Tadeu virou-se depressa de lado; arregalou os olhos marejados para os contornos avermelhados da espada de Gabriel, que perfurou o peito da filinorfa.

O mago arrancou a lâmina com a mesma rapidez com que penetrou a inimiga repentina, guardando-a de volta sem qualquer cuidado enquanto o corpo da maga caía no chão, os dedos ainda quentes se desprendendo com facilidade do aperto solto de Tadeu.

— Eu não sou filinorfo. — Explicou Gabriel, agachando-se ao lado de Galvino. — Nunca fui. Ajude-me...

Tadeu não foi capaz de se mover. Gabriel fazia o possível para colocar os braços do bomin mais velho em volta de seus ombros, incentivando-o a agarrá-los para poder se levantar. Só o que conseguia eram muxoxos de dor reprimida.

— AJUDE-ME, CRIANÇA! — Berrou Gabriel.

Tadeu notou a bolsa arroxeadada jogada no chão próximo à porta.

— M-minha mãe... — Disse, enxugando as lágrimas e começando a se abaixar ao lado do pai. — Precisa das...

— Primeiro o seu pai. — Interrompeu Gabriel.

— Mas...

— *SEU PAI*, Tadeu! — Ordenou o mestre de armas, impaciente. — *Seu pai*.

Capítulo 66

Boas ideias

O calombo na cabeça de Caterina sentiu um pico diferente da parede salpicada quando ela a torceu, de leve, ao menor sinal de som. Sentada no chão, olhou para onde, conforme o que já tateara, achava que era a porta. Quando o silêncio era assim intenso e duradouro ela dormia tanto que, de muito sonhar que todo tipo de escuridão acabava — a do mundo e a daquela sala — não conseguia mais dizer se imaginara ou se ouvira mesmo o barulho; se alguém, para além do carcereiro que fazia a gentileza de alimentar com alguma coisa mole e sem muito gosto quem até merecia, e parecia condenada a, morrer, vinha enfim visitá-la.

A tranca cedeu, a porta se abriu, e o vento verde, não menos podre que o que já circulava por ali mas pelo menos mais novo, invadiu a cela. Uma silhueta de cabelos definitivamente não curtos entrou na sala.

Desde o dia em que fora presa não entrava em Neborum. Desde antes disso já não tinha mais vontade.

— Está acordada? — Disse ela, sem saber como encontraria a prisioneira.

Caterina riu pela boca, tossindo logo em seguida.

— Você...?

Alice chegou mais perto, e Caterina achou bom pela primeira vez estar mergulhada em ausência de luz.

— Não esperava por mim?

— Você é... *Asquerosa*. E *desprezível*. — Seus ombros tremiam e os olhos piscavam, frenéticos, mas continuou falando mesmo quando Alice ordenou que ficasse quieta. — E você veio... Veio me dizer aquela vez que nós dizemos que vocês são *maus*, mas — Riu um riso cansado. — olhe esse lugar... Vocês reabriram a cadeia de Mosves... Como se fosse um prédio qualquer, vocês... Vocês *riem* da *história* de Prima-u-jir e dos *monstros* que se... Os monstros que as pessoas se tornaram por causa dele...

— Terminou? — Disse Alice. — Você libertou cinco yutsis de guerra no *centro* de Prima-u-jir. Eu diria que, *sozinha*, você fez um estrago considerável. Não consegui contar quantas pessoas, incluindo *crianças*, que os yutsis pisotearam e atiraram para longe... Mas foram *muitos*, Caterina. E se você acha que eles só mataram os magos ou os *ricos* do centro, *HA!* — Riu-se

Alice, saindo da frente da porta aberta e vagando pela escuridão da sala. — fique sabendo que eles se cansaram rápido dali e foram para outras jirs... E aí você pode imaginar o que aconteceu. Só encontraram o último hoje de manhã.

— O que você quer, Alice? — Chiou Caterina, subitamente tonta.

— Sua colega teve mais coragem que você. Ela *pediu* para morrer.

— *MENTIROSA!* — Berrou Caterina, arrastando-se na direção da preculga. — É *MENTIRA!*

— Não é. — Respondia ela, fazendo tremer o sorriso no canto sem sombra da boca.

— Ela não queria MORRER, sua MALDITA! — Caterina batia com os punhos no chão, descobrindo-se fraca demais para se levantar. — Você veio me *matar*, então?

— Não...

— ... Me levar para a forca?

Alice meneou a cabeça até dizer que não de novo.

— ... Então o quê?

— Vim libertar você... Em troca de algumas coisas.

— Mas... *Por que* você faz isso?

— ... Faz o quê? — Perguntou Alice, séria.

— Você não... Você já fez isso uma vez. *Por que* você fica me salvando?

— *Circunstâncias*, Caterina, apostas, *estratégia!* Não me importo tanto se você não morrer quando *viva* você me interessa mais. Achei que isso fosse óbvio. E depois, de qualquer forma... — Recomeçou a andar, com Caterina seguindo cada passo com olhos apertados. — Você está com os dias contados. Vai ser uma execução *pública*. Um *grande* evento, aposto que até alguns *ex-rebeldes* vão estar lá, já que *até eles* odeiam você. Esta *é* a sua última chance, Caterina.

Caterina se ajoitou no chão, curvando-se por sobre joelhos e cotovelos. Olhou para o vazio, que achava que já não tinha mais nada para lhe oferecer. Tinha que fazer uma escolha, que, no fundo, não podia ser diferente. Não podia escolher morrer como a parlamentar alorfa que arruinou a resistência de Prima-u-jir. *Precisava* ter a chance de se redimir. E tinha que ser fora dali.

— O que você quer?

Alice se agachou, com a mão planando sobre o chão de terra batida.

— Gostei de saber o *lugar* onde você foi presa. — Disse a preculga, e a boca ressecada de Caterina abriu-se lentamente. — Eu tenho *dificuldades* para imaginar que, de todos os lugares para onde você poderia ter ido, quis se esconder na mansão do *Byron*.

Caterina não via mais razão para esconder o seu segredo. Se não contasse tudo que sabia, de qualquer forma, iria morrer com ele. Não sabia se ter

libertado os yutsis repercutiu de alguma forma em Kerinu — Ela atrapalhou seus planos? Ele *conseguiu* sair de lá?

— Eu... — Começou ela. — O Byron não pode sair do castelo dele.

— Byron... — Alice parecia confusa, mas sem saber como exigir que ela explicasse melhor.

— Um amigo meu, um... Um amigo alorfo fez uma técnica no Byron, e... Desde então Byron não consegue sair do castelo dele em Neborum.

Alice mexeu a cabeça, como se a erguesse; Caterina liberou o ar dos pulmões, voltando o queixo para as próprias mãos por cima das coxas.

— Só que Byron prendeu ele, e... Deixou um *espólico* de guarda pra impedir que ele fuja.

— E *todos* eles estão lá ainda?

Caterina balançou a cabeça.

— Eu estou aqui... Eu não sei.

Alice se levantou e abriu a porta completamente, seu rosto iluminando-se por inteiro um pouco mais. Observou Caterina com as mãos para baixo, rentes à longa capa verde-oliva, como quem tem pena mas a esconde com desprezo.

— A última coisa que deve fazer, se quiser sair daqui. — Começou em grave tom. — É me deixar invisível.

— Humpf... — Fez Caterina. — Você só vai continuar invisível enquanto eu ficar perto de você.

— Melhor. — Respondeu ela, baixando o olhar até poder lançá-lo, quente, direto no rosto duro da alorfa. — Se você morrer meu castelo perde o efeito, eu imagino.

— Para onde você quer ir?

— Para a casa de Byron.

Caterina franziu o cenho, preparando de boca aberta a dúzia de perguntas que competiam por uma chance de serem expressas.

— P-por que... *Por quê?*

— Não interessa. Só fique perto o bastante para que funcione.

— Como eu vou saber que isso não é uma armadilha?

Alice cruzou os braços, respirando devagar.

— Se eu quisesse você *morta*, Caterina, sinceramente? Era só ir embora.



Estava completamente sozinho, mas algo o impedia de pôr as botas sujas de dias e dias de terra da cidade no tampo da mesa da sala. *Parecia*, até mesmo para ele, o tipo de coisa que faria. Especialmente para provocar o mestre pela última vez. Mas não fez.

Procurou não pensar muito naquilo. *Por que* ainda não tinha se livrado do alorfo? Deveria fazer alguma coisa quanto a isso.

Depois. Aquilo ficaria para depois.

Toda aquela sala teria que ser redecorada. Aqueles quadros de Byron logo sairiam dali. Não sobraria nenhum, nem ali nem em qualquer outro lugar; ele era um velho solitário de qualquer forma, e em ocasiões sociais Tornero poderia inventar uma desculpa emocional qualquer. Ou — alternativamente, pensou — podia controlar quem quer que lhe perguntasse aquilo para que desviasse do assunto, ou para que sentisse uma dor de cabeça repentina. Ou sentisse uma imensa vontade de se jogar no chão e rastejar para fora pela porta da frente.

Girou o corpo, respirando baixinho. As coisas eram um pouco mais complexas agora, mas ele tinha um bom plano; só faltava estabelecer uma razão para Enrico ter matado Byron. *Byron* poderia ser o sequestrador de seu filho — mas por que ele faria isso?

Depois. Por enquanto só precisava que Byron chegasse.



— Ele chegou. — Disse Enrico.

Kerinu se aproximou da porta do quarto. O alorfo e o espólio ouviram o abrir e fechar da porta da frente, e depois alguns passos leves até outro barulho de portas. Da outra vez parecia ser apenas um serviçal — mas desta vez era definitivamente Byron.

— Então... Você vai?

Kerinu tremia, quase rindo da própria incapacidade de se manter parado. Suava frio desde que Tornero entrara na casa, mas o discípulo parecia estranhamente desinteressado nos dois; no castelo trancado, nenhuma atividade além de um ou outro elemento que balançava com o vento fresco.

Enrico apertava os olhos como se conseguisse ouvir mais do que ruídos.

— Temos que esperar mais.

— Esperar por... *Esperar por quê?*



Byron arrastou uma das cadeiras em frente à escrivaninha até ser capaz de se sentar. Acomodou-se com as pernas abertas, braços cruzados e um olhar fixo por detrás das lentes. Tornero estudava-o de boca retrancada, espelho imperfeito, recusando-se a desviar o olhar. Respirava pouco a pouco mais forte, como se isso ajudasse a manter o pescoço reto adiante.

— Como foi a reunião? — Conseguiu perguntar Tornero, levantando as sobrancelhas.

— Fizeram planos para a reconstrução do Parlamento como uma entidade que represente o Conselho dos Magos. A proposta foi encaminhada à Cidade Arcaica.

Tornero balançou a cabeça, engolindo em seco. Tirou as mãos dos descansos da poltrona para apertá-las por debaixo da mesa.

— Você não confia mais em mim. E eu mereço ser *recompensado* pelos meus rosanos de fidelidade.

— É justo. — Confirmou Byron. — Mas você não é meu filho, Tornero. É meu *discípulo*. Nenhum mago deve confiar a ponto de se tornar mais fraco. E é por isso que você deve me respeitar e me *obedecer*.

— Eu sou forte o bastante agora, mais que você...

— Não é.

— ... E *you* está fraco!

— Você é *arrogante*, Tornero. Só.

O bomim na poltrona riu, esmagando os dedos de uma mão com os da outra como se fosse isso que espremesse uma ou outra gota chata às costas dos olhos.

— É apenas justo que o que seja do forte...

— Você *ensaiou* tudo isto, seu *verme*? — Interrompeu Byron. — É *disso* que precisa para tentar me matar? Uma justificativa, uma história? Uma explicação? Um *teatro*?

— Não preciso de *nada* disso.

— Você é *fraco* porque é *irresponsável e ignorante*. A verdadeira força, Tornero — Bateu à própria têmpora com o dedo. — Está *aqui*.

Uma gota de suor passou devagar pelo centro do peito do homem da poltrona.

— Não... Está *aqui*.

Tornero puxou a espada para golpear a cabeça de Byron, mas acabou fendendo a cadeira quando o alvo desviou-se para o lado e levantou rápido, apoiando-se no braço de Tornero para dar-lhe um soco no rosto. O discípulo riscou o ar para o lado num golpe cego com a espada já livre, mas Byron havia recuado, sacando a espada longa da bainha à esquerda da cintura.

O aprendiz dançou numa passada até a parede, fora de prumo; Byron esperou, com a guarda baixa, Tornero sair do canto por detrás da mesa. Saiu depressa, tirando a estocada imediata de Byron da frente para seguir caminho, atacando pela direita depois até ser bloqueado, mas deixar de estar encurralado; ganhou a posição entre o mestre e a porta, sorrindo um ruído rouco.

O iauomo de Byron observava a vista para o castelo de Tornero por uma comprida janela, esperando vê-lo sair para atacá-lo. Virou o pescoço na menor das vibrações de sua estrutura; sua porta, contudo, não parecia ter

sido queimada. Aquele era o som seco de um soco a reduzindo a tábuas, um buraco de cada vez.

Tornero avançou, cortando o ar em ataques fortes — uma, duas, três vezes em que Byron o defendeu no ar, só defletindo os ataques enquanto corria para o saguão principal, mãos molhadas fazendo um rio caudaloso descer turbulento as escadas com ele. Parou, erguendo barragem invisível à frente da água ao ver Enrico e Kerinu do lado de dentro do castelo, sua porta fechando atrás dos dois como se movida a molas. Defendeu mais um golpe e contra-atacou, forçando Tornero a se defender também, a recuar; pôs-se logo a ouvir o que Kerinu parecia prestes a dizer.

— Você está livre, Byron.

— E nós temos que... — Falou Enrico, sua altivez contrastando com a engolida fora de hora enquanto Kerinu desaparecia, sem mais nada a dizer.

— Conversar, Byron.

— Agora não.

Byron aproveitou o alcance da espada para forçar Tornero a se defender, fazendo seu pulso entortar ao conduzir mal, inexperiente que era, a espada para se defender; empurrou Enrico para o lado para passar direto pela porta — estocou Tornero aproveitando uma brecha vinda mais de seu cansaço que de sua posição.

Tornero precisou quase deslocar o braço para desviar a lâmina que investia reta contra seu estômago, e perdeu o equilíbrio o bastante para precisar apoiar-se na porta atrás de si; ofegante e com a espada para baixo, viu a mão que a segurava tremer. Olhou para Byron, em guarda defensiva, parecendo grande como uma muralha apesar de ser o mesmo homem cujas vulnerabilidades Tornero achava que conseguira catalogar. Deu um passo a frente, determinado a tirar a espada de seu caminho e cravar de qualquer jeito a sua em qualquer parte daquele corpo que tinha que morrer.

Tropeçou não soube no quê, caindo sem controle no chão.

Rolou devagar de lado, desinflado; as mãos, contraídas em garras sem força, não ajudavam em nada. A fadiga tomava conta de cada articulação: deixou sua boca aberta e forçou o protesto das pálpebras, que não queriam mais ficar abertas.

Foi a Neborum e se abraçou assim que se viu em meio a um salão azul de frio; deu a volta, pé por pé até girar por completo, para olhar cada canto do saguão escurecido. A luz de seus minérios havia sido fragilizada por detrás de camadas grossas de gelo, e o mundo além-vidraça era negado por neve e terra.

Soltou um lamúrio podre quando foi virado de lado com um chute no rosto, braços e pernas esticados pelo chão da sala; preparava-se para fazer fogo do lado de dentro do castelo, tentando-se concentrar para além do ódio, enquanto via Byron rondá-lo devagar, ainda de pé.

Olhou para o lado, mais deixando cair o pescoço que o virando, percebendo de esguelha o que o mestre olhava: sua mão nervosa ainda se prendia firme ao cabo da espada. A fogueira que criou para si no salão já começava a derreter o gelo.

Byron pisou em seu pulso, fazendo-o guinchar com o esôfago.

Espalhou o fogo num ritmo frenético, lançando labaredas a partir da chama principal para todas as paredes, fazendo-as subir ao teto como animais ariscos — soltou o ar, os dedos, a arma, rendido em Heelum.

Viu-se embrulhado em Neborum: Byron o atacou no atropelo, de surpresa, do lado de dentro, extinguindo numa lufada de ar com uma das mãos o fogo dos cantos da sala. Tornero encharcou-se na pequena poça que já tinha conseguido provocar, incapaz de reagir ao iaumo de Byron acima de si.

Suas mãos buscavam fazer qualquer coisa, buscavam qualquer elemento, mas cederam caminho para os polegares de Byron. Estes incendiaram seus olhos, como brasa entrando fundo para dentro do crânio até parecer derretê-lo.

Tornero ouviu a porta se abrir atrás de Byron, que acabara de se agachar com a espada em riste e o cotovelo para trás.

— Byron, *NÃO!* — Berrou Enrico.

Byron olhou para trás dentro do castelo de Tornero no momento em que os portões foram destruídos, transformados em cacos e detritos de neve, gelo, terra e portas por uma bola de tecido negra que se desdobrou, ligeira, no iaumo flexível de Enrico.

O espólio lançou sua magia negra contra Byron, que por pouco se esquivou, rolando para o lado; Enrico o seguiu, forçando-o a continuar correndo pelo salão, apoiar-se nas paredes, rolar e zigue-zaguear. “*ENRICO!*”, ralhou furioso o bomin agachado em frente a Tornero.

Estabilizou-se o bastante para mandar de volta uma labareda que enfim tirou o inimigo do lugar. Byron caiu com um joelho e uma canela no chão, olhando para o lugar onde Enrico já se preparava para atacar de novo.

Com um girar rápido do braço golpeou o ar em direção a ele; sabia que não ia alcançá-lo ainda, mas tinha que distraí-lo de Neborum, e a espada era boa tática.

Lançou a chama mais forte que pôde evocar na pressa para protegê-lo do negrume que se erguia contra ele, vindo dos braços erguidos do espólio em Neborum.

Enrico andou de costas pelo corredor até chegar na sala de visitas de Byron, o dono da mansão avançando contra ele com a espada carregada para a frente, em seu rosto uma expressão nada agradável.

— Eu tenho que FALAR com você, Byron, *ESCUTE!*

Byron suprimiu o fogo, rolando de lado, já sabendo que se antes não podia sustentar aquilo por muito mais tempo, agora não queria dar chances para o azar. Voltou ao próprio castelo no momento em que num golpe vertical abriu um corte no braço de Enrico, que não se esquivou a tempo.

Byron pressionou sua garganta contra a parede; Enrico comprimia com a mão direita o braço esquerdo, o rosto contraído de amarga dor.

— O que você *QUER*? — Rosnou Byron.

— Tornero tem o meu filho! — Apressou-se Enrico, tossindo e golfando entre uma frase e outra. — Ele está com o meu filho! Não o mate ainda, eu... Eu *imploro*, Byron!



Kerinu não tomou consciência de que podia, mesmo depois de ter vencido a batalha para sair da casa, acabar se deparando com policiais do lado de fora. Olhou uma última vez para trás e começou a correr, pernas bambas a cada passo acompanhado de um riso, olhar quase obcecado com aquele chão sem paredes nem trancas nem magos — os castelos, via ele timidamente, ficavam cada vez menores, e ele não se importava com o que acontecesse com qualquer um deles.

Subiu a cabeça e desfez o sorriso no último instante antes de perceber que ia se chocar com alguém no caminho; era alguém menor, pelo que sentiu. Pôs-se rápido de pé, instintivamente procurando por uma espada na cintura ao mesmo tempo em que voltava a Neborum.

— *Kerinu!* — Disse Caterina, abraçando-o enquanto ele respirava aliviado por reconhecer seu castelo. — Que bom que você ainda está aqui...

— O que foi? — Perguntou, deixando de se preocupar logo que separou o abraço. — Esquece, não temos... Vamos embora!

Caterina faz que não com a cabeça, seu olhar arregalado denunciando a urgência de segurar as mãos de alguém.

— Eu preciso esperar pela Alice!

— Alice?! — Olhou pela janela mais uma vez, e não contou mais castelos do que podia reconhecer. — Quem é... Ela está ali?

— Sim!

— Você... Quem é Alice, Caterina?

— É uma parlamentar, uma maga preculga!

— Você... Você deixou o castelo de uma *preculga* invisível, Caterina?

— Ela *não sabe* da técnica... E eu... Eu preciso saber que Byron está morto.

Kerinu franziu o cenho.

— Não... Não, você *não* precisa disso.

— É *claro* que eu preciso!

— Caterina, *acalme-se agora*. — Kerinu a olhou nos olhos, controlando até mesmo a respiração para marcar a diferença entre a dele e a dela, quase asmática. — Pense *direito* nisso comigo. Você foi *controlada* por ela.

— Kerinu, eu...

— Me escuta, Caterina! — Interrompeu ele, erguendo o dedo. — Você *não precisa* saber que Byron está morto! Alice fez você pensar que você precisa para você ficar aqui e ela continuar invisível! Entende?

Ela fez que sim.

— Então vamos embora!



Deixou de lado o espólio, que massageou o pescoço como se pudesse colar de volta os pedaços da dignidade.

— Explique-se. — Exigiu Byron.

— Eu tenho um filho... Tornero está com ele... Eu trabalhava para *ele* aqui...

— Por que ele não usou você para me matar?

Enrico balançou a cabeça.

— Eu não sei...

Uma variação em seu olhar fez Byron se lançar a Neborum como numa catapulta; a mera sombra alta sobre seu castelo o fez varrer a retaguarda com a espada na hora em que Alice chegava silenciosamente por suas costas.

Ela recuou, a ponta de sua espada afastada, instável por um instante; baixou a arma, levantou uma mão, e sorriu como criança.

— Admiro sua nova habilidade, Alice, embora você precise treiná-la melhor. Não tenho intenção de morrer para que possa ficar com tudo que é meu.

— Eu fiquei por *muito* tempo imaginando o *que é* que tinha acontecido com você, Byron, para você mudar seu testamento de um jeito tão *inesperadamente estúpido*. — Disse a preculga, abaixando a palma da mão. — Agora sei que você só não queria que Tornero por acaso lucrasse mas... *Valia a pena* se arriscar *tanto* para gargalhar na inexistência?

— Nunca foi minha intenção morrer.

Alice levantou a espada, apontando-a para o peito de Byron. O bomin não deixou que o desafio vazio afetasse sua guarda serena.

— Você não respondeu. Era *tão* bom assim saber que se Tornero *conseguisse* o que queria, não ficaria com nada?

— Nunca foi minha intenção morrer.

Quando Byron virou os olhos para seguir o barulho atrás de si, voltou-se para trás com a espada já angulada à altura dos cotovelos; antes que

conseguisse perfurar o espólico atrás de si, o inimigo cortou o ar de baixo para cima até atingi-lo no queixo num golpe certeiro.

Avançou, segurando a espada do oponente para tirá-la do caminho e cravar a própria no peito esquerdo do bomin.

Byron caiu para trás, a mão logo abandonando a espada. Enrico cambaleou, olhando boquiaberto o vivo corte sangrento que atravessava a mão esquerda na diagonal.

— Não... — Sussurrou, fechando os olhos.

— Aposto que pareceu uma boa ideia na hora. — Comentou Alice, guardando a espada.

Olhou para o rosto no chão sem conseguir decidir quanto tempo ele ainda tinha. Virou o pescoço para a sala de Byron, e num muxoxo de irritação caminhou até lá, com mais pressa a cada passo, até escancarar a porta e encontrar a janela do cômodo aberta por detrás de uma cortina esvoaçante.



Ainda era difícil controlar os braços, mas eram a parte do corpo que mais lhe obedecia. Um punhado de músculos fiéis, aliados às pernas que juraram lealdade por alguns segundos de corrida desesperada e nada mais, era só o que precisava para levar adiante aquele yutsi para qualquer lugar longe dali.

Por dentro do rosto que ainda não conseguia fazer rugir, imaginava se Byron teria matado Enrico. Ou, o que seria providencial, o contrário. Se o mestre — ex-mestre, corrigiu — tivesse sido morto, o que Enrico teria feito? Se o espólico permitiu que o maldito alorfo libertasse Byron, já não estava mais ao seu lado. Nunca esteve, na verdade, e corrigiu-se mais uma vez: não lhe era mais subordinado.

Tornero era o mestre de si mesmo agora, mas não tinha ouro nem terras, sequer um subalterno chantageado. Tudo o que tinha era o que vestia, um yutsi, um iaumo ainda em vias de ressuscitar e um veículo roubado.

Apertou as rédeas. Sentiu o corpo inclinar-se para a esquerda; tentou com puxões dos braços, sem sucesso, ficar reto de novo. A charrete ficou mais lenta com os yutsis sentindo o puxão como freio, até que parou completamente com um movimento que certamente não pretendia fazer.

Quis olhar para trás mas o pescoço, travado em pequenas cócegas, não respondeu. Sem sentir que tinha mais controle do corpo do que antes, viu as mãos largarem as rédeas e, segurando os apoios de madeira à frente, ajudarem as pernas a levá-lo todo para o chão. Assistiu, segundos depois de ficar parado, em pé, sem entender como aquilo era possível ou querer que o fosse, Caterina e Kerinu saírem de um grupo de arbustos na lateral da estrada.

Com passos duros, entrou na cabine da charrete enquanto os alorfos subiam no assento do condutor. Aquele que o dominava, fosse qual fosse, não lhe deixava espaço para respirar fora do compasso; não podia, contudo, controlar a lágrima solitária que, se tivesse um segundo para voltar a controlar um dedo apenas, Tornero não hesitaria em secar.

Capítulo 67

Luz

— As notícias são boas, não são?

— ... Sim... — Suspirou Maya.

Anke e a outra preculga podiam se ouvir, mas não se olhar; suas portas, cruzadas no mesmo corredor do prédio do Conselho, tornaram-se barreiras para seus corpos por determinação de Desmodes. Mas, se os magos não podiam sair dos quartos, podiam pelo menos ocupar os limiares, com as portas abertas e as mãos nos batentes.

Viam-se obrigados a usar o silêncio como mensageiro. Convertiam cada inflexão, cada espaço de tempo entre uma fala e outra, em adivinhação sobre o que o interlocutor estaria pensando, para onde e como estaria olhando, que gesto estaria fazendo.

Maya ouviu o ruído de unha coçando pele e imaginou Anke com a mão perto do queixo.

— Mesmo se contra Roun-u-joss o plano não funcionar como Desmodes imagina... Temos soldados em outros lugares. É certo que nós vamos ganhar.

— Sim... Mas o uso de esferas de bronze do jeito como elas foram usadas é *execrável*.

— Entendo que talvez não precisássemos usá-las... Talvez concorde. Mas onde estaríamos *agora* se não fossem por elas?

— A pergunta não é essa, Anke... A pergunta é onde estaríamos se não fosse por *Desmodes*.

Silêncio.

— Você quis dizer que estaríamos... Piores sem ele, suponho? Maya...

— Prosseguiu Anke, num tom mais baixo. — Ele *fez* você dizer isso?

Mãos à garganta.

— Maya?

— Não... Não. Eu quis dizer... Que não teríamos tantos *problemas* sem ele.

Não sabia para que lado pendia a inevitável expressão nos traços de Anke.

— ... Bem... Por outro lado... Depois que tudo isso acabar seremos praticamente os donos de Heelum... Pelo menos é o que ele quer que acreditemos.

— Não é o que vai acontecer. Al-u-een e Roun-u-joss não vão perdoar nada com facilidade, Anke, *ainda menos* batalhas vencidas com esferas de bronze. Ia-u-jambu, ou mesmo Inasi-u-een... Não vão ser fáceis de dominar. Não a longo prazo.

Esperava com ansiedade pela resposta. Não sabia ao certo por quê: poucas coisas realmente podiam alterar sua realidade naquele lugar, e aquele comentário quanto a uma questão estratégica sobre a qual nenhuma das duas teria influência alguma certamente não faria nenhuma diferença.

— Creio que nós, preculgos, seremos mais necessários que nunca...



Quando Kan viu pela primeira vez “O Nascimento”, a estátua da praça em frente ao parlamento de Al-u-een, tudo lhe parecia tão vivo que a surpresa não seria tanta, aos seus olhos infantis, se todos comessem a se mover, do jeito mesmo que estavam, incompletos como eram.

Soltou a respiração presa por um momento — via enfim sua imaginação interpretada como num teatro. Os magos moveram-se todos ao mesmo tempo, nas mais variadas direções, fazendo os mais distintos gestos; uns se abaixaram na cadeira, rangendo os dentes (talvez a dominação de Desmodes mascarasse alguma dor nas pernas) enquanto outros descobriam o que significava ter controle dos braços de novo.

— Você *ainda* nos controla! — Vociferou Elton, com um olhar lacrimado para o mago-rei.

Foi ignorado. Desmodes olhava para o centro da mesa, indiferente a tudo o mais. Ao receber a notícia de que as tropas do Conselho agora controlavam Roun-u-joss, ele anunciara a liberdade, ao menos física, dos parlamentares.

— Você realmente não tem medo de fazer o que acha que precisa ser feito, Desmodes. — Disse Duglas, que apertava um pulso com a outra mão.

Desmodes levantou-se, escrutinando cada mago na mesa.

— Como prova do ápice do poder dos magos — Disse ele. — amanhã Roun não nascerá.

— Cuidado, Desmodes... — Alertou Cássio. — Não houve governador que não morresse logo depois de seu *ápice*...

— Não se trata do meu ápice. — Disse o mago-rei, fitando o bomin. — É o apogeu de *todos* os magos merecedores.

— Com você na ponta, é claro.

— Governores não são ruins. — Disse Janar, com olhares semicerrados em desdém, chamando a atenção daqueles que seguiam a conversa para suas

grossas sobrancelhas negras. — Se pudessem, vocês não fariam os outros ao molde da perfeição? Não eliminariam todos os vícios, todos os males da falta de disciplina, de ordem, de respeito? Pois eu acho bom. Não me incomodo muito de ter sido dominado, Desmodes, se foi necessário. — Cássio tentou interrompê-lo, sem sucesso, e ouviu o resto do discurso com um virar estafado de olhos. — *Aplaudo* sua coragem e me *rendo* diante de seu poder. O poder que vai unificar Heelum... Já unificou, na verdade, finalmente... Sob o comando verdadeiro dos magos.

— A que *preço*, Janar? — Perguntou Maya.

O espólio de Imiorina deu de ombros.

— Paguei o meu e pagaria de novo. Ou está falando de quem vai pagar mais que nós? Você é uma alorfa agora, Maya?

Kan engoliu em seco. A imagem de Hiram lhe veio à cabeça, iluminada em vermelho como no dia em que travaram a falsa discussão para convencer Lenzo a participar do assassinato de Hourin.

— Há aqueles que nascem para o trabalho. — Interrompeu Desmodes. — Outros, para o comando. E para que tudo funcione como deveria, todos têm um preço a pagar.

— Qual foi o seu, mago-rei? — Perguntou Cássio, terminando a frase com a boca desenhada com o traço da amargura.

Kan observou as costas imóveis de Desmodes. Se não podia esperar sequer um “obrigado” para Janar...

— Com uma vida inteira de ação em prol dos magos.



Kan poderia dormir se quisesse. Talvez fosse o único no Conselho sem motivos para passar a noite na expectativa, mas preferia se manter acordado. Queria testemunhar, por algum motivo, a manhã sem sol que não deixaria dúvidas quanto à conquista completa de Desmodes. Se Heelum fosse sua, se ele estivesse realmente no topo de seu poder — e seria difícil pensar que havia mais a conquistar do que o mundo todo — Heelum teria um dia inteiro de pura noite.

Não tinha dificuldades de esperar o amanhecer; sequer pestanejava. Não foi para continuar de pé que saiu em direção à sala de reuniões. Os minérios foram retirados das paredes, e alguns feixes de luz de estrelas mais fortes tomavam conta de uma janela ou outra. Retraído na escuridão, somente os ponteiros e os números do grande relógio eram vistos refletindo um tom pálido de verde.

— Posso entrar?

Desmodes estava coberto da aura púrpura de um dos feixes, mas ainda assim não mais que uma silhueta imóvel podia ser vista no canto em que ficava a poltrona do mago-rei.

Respondeu que não, mas Kan ignorou a ordem. Puxou uma cadeira e sentou-se, entrelaçando as mãos em cima da mesa.

— Fui capturado como filinorfo... Mas já estou há *dias* aqui como seu assistente. Sou o único a não ser controlado quando *todos* os membros desse Conselho foram... Eu não sei o que vai acontecer comigo quando você for governar essa noite e... Eu quero saber.

Kan viu algo de estranhamente casual, talvez até *flexível*, na forma como Desmodes virou o pescoço.

— Eu também.

— Você vai me matar? Me libertar?

— Saia daqui.

— Então me *invada* para me tirar daqui ou me *diga* o que quer de mim!

— Não *teste* mi...

— Já *ESTOU* testando! Não *ESTOU*?

Suas mãos tremiam, abertas no ar. Não percebeu como gritou alto, como ficou ofegante, ou quanto tempo do mais absoluto silêncio se passou até resolver descansar as mãos.

— Com quem você conversa? Ou está louco ou é um mistério. — Esperou por intervenção que não veio. — É com um mistério que você conversa? Um mistério que não quer se revelar para mim?

— Sim.

Kan não achou que fosse ser tão fácil seguir a conversa.

— É o mistério de Enr-u-jir?

— ... Não.

— Hm... Seria difícil... Como é o nome daquele que vive com os al-u-bu-u-na?

Desmodes virou o pescoço para frente de novo.

— Virgílio.

— Não... Não pode ser, o nome era outro.

— *Hoje* — Enfatizou Desmodes. — É Virgílio.

Kan fez que sim com a cabeça.

— Claro... Tem um nome a cada dia. Mas o de verdade é Lato-u-nau, não é?

Antes de acabar a pergunta, a mesa tremeu como se alguém do outro lado tentasse derrubá-la. Desmodes permaneceu sentado enquanto Kan levantou-se de susto, encostando-se à parede depois de passos balbuciantes para trás.

— O que ele quer?

— Que eu o mate.

Kan tirou a espada curta que trouxera à cintura.

— *Guarde a espada.* — Ordenou Desmodes.

— Ele está aqui? Perto de mim?

Kan flexionava os joelhos, tentando-se preparar para o que não podia enxergar direito nem mesmo se Lato-u-nau se mostrasse para ele.

— GUARDE!

— *Não!*

Sentiu uma inquietação que soube identificar tarde demais. Viu a si mesmo guardando a espada e correndo para a outra ponta da mesa, onde puxou uma das poltronas nas laterais para se sentar na posição exatamente oposta à do mago-rei.

— Por que resolveu me dominar agora? — Questionou Kan.

— Desde que chegou aqui ele quer vê-lo morto. Ou, no mínimo, dominado.

— *EU?! EU NUNCA sequer... VI ele!*

— Mas *ele* conhece você.

— Mas por... *Por quê?*

— Não me interessa. De qualquer forma, não pretendo matá-lo. Ele *quer* que eu faça isso.

Kan deixou as mãos caírem no colo, com um suspiro final.

— Não entendi...

— Creio que isso faça parte de algum plano dele para me matar.

— Mas ele não está aqui? Agora? Por que não mata de uma vez?

Se Kan não conhecesse Desmodes, provavelmente acharia que o silêncio antes da resposta traduzia-se por um sorriso.

— Ele não simplesmente *mata*.



O resto das horas quase fez Kan se arrepender de ter saído do quarto. O relógio marcava o ritmo do tempo, que em curto intervalo já parecia absurdo. Num processo lento, que quase não descobriram até serem capazes de enxergar melhor, Kan e Desmodes, um ao outro, o dia clareava. E o que Kan via, do outro lado da mesa, não era contento.

— Talvez demore para fazer efeito. — Sugeriu Kan, quando ficava óbvio que ainda haveria uma manhã. — Talvez... Talvez haja *manhã*, mas não haja *sol*.

Desmodes virou o rosto num pequeno ângulo, mudança quase imperceptível. Passou a olhar para Kan logo depois, coisa que talvez não houvesse feito a noite inteira.

— Ou talvez eu não tenha dominado Heelum por completo.

— É o mais *lógico*, não é, Desmodes? — Instilou Lato-u-nau, encurvado sobre a mesa, numa das poltronas do lado das janelas. — Você *deve* concordar dessa vez que...

— Mas você não é lógico.

— Lato-u-n... — Começou Kan, censurando-se a tempo. — Mistério... De Heelum... Podemos conversar?

— *Diga a ele que não.*

— *Não serei seu mensageiro.*

— CHEGA, Desmodes! — As palmas esqueléticas do ser feio balançaram a mesa. — *MATE-O! Está perdendo tempo!*

— O que você *realmente* quer?

Lato-u-nau abriu um sorriso sem muitos dentes, mas bastante ruidoso.

— *Como assim?*

— Isto só pode ser um plano seu.

— Ah... — Escarneceu ele, a jogada de cabeça para o alto revelando seus grandes olhos cinzentos por debaixo do capuz. — Se eu o quisesse *morto*, eu já o teria matado, não é? E se eu quisesse *você* morto, como você pensa?

— Você disse que me mataria na hora *certa*. Você prepara isto há muito tempo...

— Então de acordo com você sou extremamente perigoso... Mas não posso *mentir*? Ou mudar de ideia? Aliás — Continuou, puxando ar demais para si. — Como posso ser bom em *planejar coisas* se justamente aquilo que dá *errado* é o que há de mais *feio*, Desmodes?

— Você só quer...

— *Nunca* passou por sua *cabeça* que se eu quisesse *alguma coisa* de você eu diria pra fazer *exatamente isso*? — Socou a mesa, dando a Kan novo lugar para onde olhar. — Que talvez o meu plano fosse pedir de você uma coisa para que você dissesse *não*, e então fizesse o *oposto*, que era o que eu *queria* em primeiro lugar?

— Você queria Kan vivo...

— Sim! — Disse Kan, projetando a voz.

— Ou... Talvez... — Lato-u-nau desenhava círculos por sobre a mesa com uma longa unha marrom. — *Perto* de você... *Intocado* por você... *Incontrolado* por você, *livre* da sua influência e perigosamente perto dos seus inimigos... E dos amigos, em quem você não confia de qualquer jeito... Talvez fosse *isso* que eu quisesse...

— Você não pode me dizer o que fazer...

— Desmodes... — Chamava Kan.

— Mas *EU*?! — Esperneou Lato-u-nau, imitando com agudez a voz de Kan. — *Eu* não estou dizendo *nada*! Eu estou fazendo *sugestões*, Desmodes! E *pedidos*! Quem está se restringindo é você...

— Chega.

Desmodes levantou da poltrona e caminhou na direção de Kan.

— Não... — Começou o mago controlado quando viu o mago-rei desembainhar a espada. — não, não, NÃO, NÃO, *ESPERE!*

Kan sentiu a ponta da arma encostada no pescoço.

— EU *SEI!* EU *TENHO A SOLUÇÃO!*

— Solução para o quê?

— Me deixe explicar!

Desmodes afirmou estar ouvindo, monótono. Não moveu sua espada.

— Se ouvi direito, o Lato-u-nau — O vidro à frente da face do relógio estilhaçou-se, fazendo Kan berrar de susto. — ELE, *ele* disse que o mataria do jeito mais *feio!*

— Sim.

— Mas... Não há ninguém em quem você confie no Conselho dos Magos! Eu vi como você dominou *todos* eles de uma vez só... Você *precisou* fazer isso porque eles se revoltaram contra o uso das esferas de bronze...

— Possuo boa memória.

— *Quão* feio seria se você matasse a *única* pessoa que você não precisava de magia para ter do seu lado, e então descobrisse que ela era *justamente* a pessoa que você precisava?

— Pensa que preciso de você?

— *Não*, não quis dizer que você *precisa* de mim, mas talvez *ele* ponha você numa situação *inimaginável* para nós agora, em que somente alguém *não controlado por você* possa fazer algo que vá... *Determinar...* Se você vive ou morre.

Desmodes abriu distância entre a lâmina e o pescoço de Kan, que de tanto se mover à baila da ponta afiada avermelhava-se em irritação.

— Continue.

— Ele me *quer* morto para que você não *possa* confiar em ninguém. Vai colocar você em uma armadilha e quando mais precisar vai ser um *deles* que vai... *Misteriosamente* resistir à sua magia, ou... Vai de alguma forma *trair* você, e não é *isso* que você *quer!*

— Ele afirma ter dito que quer você morto para que eu o deixe vivo...

— Mas você nunca vai poder descobrir as *reais* intenções dele! Ele pode fazer você pensar que me queria vivo, para que você me mate. Mas se ele previu isso, ele poderia já *contar* com isso e esperar justamente que eu fique vivo! *Ou...* — Kan sentiu a boca embrulhar-se de fora para dentro, e entendeu que Desmodes o forçara a mudar de assunto. Torceu para que ele tivesse entendido. — Desmodes... Você tem que poder *confiar* em alguém ou estará sempre à mercê da sua magia.

— *Minha magia nunca* me falhou.

— Mas a magia é um mistério! E *ele* é um mistério. Sua magia não funciona com *ele*, funciona?

Desmodes olhou para o peito de Kan por um tempo que queria que fosse menor.

Embainhou a espada de volta.

— Sem controle... Você vai me trair.

— E por que eu faria isso? Desmodes... — Tentou gesticular, mas descobriu que as mãos ainda estavam bem presas aos descansos do assento. — Eu tive um curto treinamento preculgo... E conheço algumas técnicas dos alorfos, dos filinorfos, mas... Eu não passaria por um mago tradicional aqui dentro, e os outros no fundo *sabem* que eu sou diferente. O que eu ganharia derrubando você é um novo mago-rei que jamais confiaria em mim. Eu *jamais* conseguiria nada aqui.

— Não explica por que ainda não sou um governador.

Kan procurou se acalmar.

— Você não precisa me matar para me dominar, isso está bem óbvio agora. Eu *não sou* o problema, Desmodes. Não posso ser.

— Então o que é?

— ... Eu tenho um pensamento quanto a isso também.

— Explique.

— Bem... Uma das primeiras cartas que eu li... Trabalhando como assistente, aqui... Falava sobre Rounéen. — Abriu a boca, escolhendo as palavras com mais calma agora que não estava mais sob a mira de uma espada. — Diziam na carta que estavam se juntando ao Conselho dos Magos, mas não queriam mandar nenhum exército para lutar.

— A cidade é pequena e é controlada há incontáveis gerações por uma família de magos.

— Bem... — Recomeçou Kan, meneando a cabeça de leve. — *Eu* nunca estive lá. Nunca conheci ninguém que esteve. Você já esteve lá alguma vez? — Como Desmodes demorou a responder, continuou. — Até onde sabemos aquela pode ser uma vila de alorfos que não apoia o Conselho, mas *disse* que apoiava para ser deixada em paz...

Lato-u-nau respirava fundo; sua altura parecia se ajustar para que pudesse fazê-lo precisamente por sobre a nuca de Desmodes.

— *Se* não vai fazer nada... — Disse ele, desafinando nas palavras mais comuns. — Pelo menos vá averiguar Rounéen e deixe-o aqui. Ele vai pensar que pode ser o seu sucessor... Sim... A autoridade vai mudá-lo, fazê-lo gostar de mandar em magos bem mais poderosos que ele... E *aí* algum deles vai matá-lo, é claro...

— Vou fazer o que você quer.

O mistério, que se comprazia ao imaginar o cenário, balançou a cabeça. Desmodes olhava para ele por cima do ombro, e Kan começava a respirar forte pela boca mais uma vez.

— O que isso quer dizer? — Indagou Kan.

— ... Faço *minhas* as palavras dele, ó mago-rei...
— Você vai a Rouneen. — Disse Desmodes ao mago controlado. — Vai verificar a situação da cidade.

Kan construiu o sorriso aos poucos, cauteloso.

— É isso o que *ele* quer?

— Se ele realmente quer matá-lo vai encontrar boa oportunidade.

Desmodes deu as costas para ele e saiu. Não demorou muito para Kan sentir braços e pernas; levantou-se, mas mesmo sentindo que necessitava urgentemente de sono algo o alertou dentro de si para novas presenças na sala.

A figura de longa capa negra trazia o capuz retraído às costas, mostrando seu rosto redondo, largo, seus olhos pequenos e suas orelhas pontudas. Era definitivamente o homem mais feio que já vira, muito embora ele sabia que não se tratava de um homem.

Em Neborum, descobriu o iaumo de Desdemos sentado no largo sofá azulado de uma de suas salas.

— Você vai ficar? — Perguntou Kan.

— Me interessa saber se viverá ou morrerá. — Comentou o iaumo do mago-rei, de olhos fechados e braços cruzados.

— Você *quer* me matar? — Sussurrou Kan, dessa vez para Lato-u-nau.

O mistério fez que não com a cabeça.

— Não. — Reiterou ele, sua voz anasalada, atrapalhada, fazendo o mago franzir o cenho. — Mas você foi *muito* inteligente. *Muito* esperto.

— Você me... *Observa* há muito tempo?

Lato-u-nau deu de ombros.

— Nunca.

— Então por que...

— Você é uma *peça*, Kan... Fez sua parte muito bem. Foi *muito* além do que eu esperava, na verdade...

Kan saiu da mesma sala que Desmodes no próprio castelo. De volta à sala de reuniões, prestou atenção ao corredor, verificando se o mago-rei estava realmente longe em Heelum.

— O que devo fazer?

— Obedecê-lo, o que mais? — Depois de um olhar enviesado, já parecia ter um rosto mais fino e definitivamente mais velho. — Você fez o que *teve* que fazer para salvar sua vida... Agora vai vivê-la *bem* como o planejado.

— Eu posso fugir.

— *HA!* — Lato-u-nau assustou Kan com um arregalar de olhos, que não pareceram voltar ao normal depois da forçada risada. — Desmodes não ficou dentro do seu castelo para saber se está *morto* ou *vivo*, *rapaz tolo!* Foi para *garantir* que no fim das contas você vai fazer *tudo* do jeito que ele *quer*.

Parte X

Rouneen

O essencial é invisível aos olhos

As roupas mostravam que fazia parte do exército do Conselho. Seu cabelo loiro apertado num coque, suas sobranceiras finas e fortes, seus olhos duros, seus braços cruzados — tudo deixava claro que ela falava sério quando dizia para o cocheiro fechar a porta e partir.

O problema é que Kan estava esperando pelo general do exército, cuja descrição dada por um mensageiro era substancialmente diferente da pessoa com a qual ele agora dividia a charrete rumo a Rouneen. Esperou para que talvez a situação se resolvesse sozinha, mas ela sequer olhou para o rosto contraído do mago.

— ... Não tenho certeza se nos conhecemos.

— Não. — Respondeu ela, sem tirar os olhos do vidro.

— Você é a general do Exército do Conselho?

— Não. Sou a segunda-em-comando.

— Ah... O... O que aconteceu com o general?

— Nada.

— Mas Desmodes *especificamente* ordenou que *ele* me acompanhasse.

— E o general especificamente me designou para substituí-lo porque ele já tem problemas suficientes nas mãos.

— Isso... — Começou Kan.

A segunda-em-comando o observou no passo falso em direção à frase, reticente; ele não sabia ao certo até onde deveria levar sua lealdade.

— ... Isso não é *ele* quem deveria decidir.

Ela cerrou os olhos suavemente, movendo o queixo como quem entendesse exatamente quem seu inimigo é.

— Se quiser volte e entenda-se com ele.

Kan pensou uma centena de coisas ao mesmo tempo. Perguntava-se se Desmodes o colocara num teste. Ou se ela, fazendo parte de algo planejado ou não, teria algo a dizer sobre ele quando voltassem. Ou se ela não era uma filinorfa em disfarce que corrompera o sistema para pegar aquele comboio — ele não a conhecia, mas certamente seus contatos sempre foram mais amplos entre os alorfos que entre os filinorfos.

Rejeitou a imagem de Hiram com uma forte mão proverbial e olhou de relance para a cintura, decidindo que não podia deixar uma segunda-em-comando tratar o assistente pessoal do mago-rei daquela forma.

Enquanto pensava no que fazer exatamente com a espada desembainhada, a guerreira chutou seu rosto de volta para o fundo do seu lado do carro, pegou sua própria espada e num instante ameaçava seu pescoço com a lâmina; com a outra mão, impedia Kan de atacá-la.

— Quem você *pensa* que é para me ameaçar?

Kan saiu do castelo antes que ela chegasse perto de suas portas; queria atacá-la, mas ela foi mais rápida. Kan precisou criar um escudo grande o bastante para barrar as adagas que voaram em sua direção.

Fez o escudo desaparecer e viu que ela estava prestes a cravar uma espada em seu peito. Gerou uma lança e atacou, sem sucesso; Kan aproveitou o desvio e sumiu dali.

— O assistente pessoal do mago-rei.

Ela fez uma chave materializar-se em sua mão. Abriu a porta do castelo dele. Entrou, e os pisos para além da porta, falsos, espatifaram-se abaixo da preculga. Depois do grito, bateu a testa num dos pisos logo à frente, chão verdadeiro, e caiu num buraco mais fundo que sua altura.

Empurrou Kan contra o banco, retirando-se para o próprio lado da charrete. Kan percebeu que ela desistiu também de tentar atacá-lo em Neborum, tendo voltado para o próprio castelo.

— Da próxima vez não vai haver ameaça. — Disse ela. — *Covardes* como vocês mal merecem uma segunda chance. Não haverá terceira.

Kan tentou analisar suas ações. Havia sido covarde em atacá-la dentro da charrete?

— Você está falando das esferas de bronze... — Concluiu.

— Sim.

— Nenhum mago do Conselho aprovou a ideia. Na verdade ninguém teve opção.

A segunda-em-comando sorriu de boca fechada.

— Me toma por *tola*?

— O mago-rei decidiu sozinho. Ninguém sabia, e quando souberam ficaram contra ele.

— Então Desmodes foi deposto?

— Não. Ele dominou os outros magos.

Quando a boca forçada se abriu, deu lugar à gargalhada de quem vê graça em nada.

— Não *pode* esperar que eu acredite nisso!

Ele levantou as mãos, desistindo da luta.

— É a verdade.



Quando terminou de contar a história, não a deixou boquiaberta; ainda assim, viu em sinais diversos a inquietação esperada. Heelum tinha um novo governor — ou teria, muito em breve, quando o sol resolvesse não nascer por um dia e tornar o assunto inquestionável.

— É curioso... — Disse ela, tão séria quanto quando entrou na charrete. — A que tradição você disse que ele pertence?

— É um espólico.

— Hm. Isso não é bom...

— Por que não?

— O último governor foi um espólico. Imaginava-se que o próximo seria um preculgo ou um bomin de novo... Para reiniciar uma espécie de ciclo.

— Mas quem disse que haveria um novo?

Começou a falar depois de um muxoxo de vitória.

— Entre nós há sempre uns mais altos que outros, uns mais fortes, alguns mais inteligentes... Enquanto houver magia sempre haverá aquele que nasceu com alguma habilidade extrema para ela. Alguém cujo poder será impossível de conter a não ser que muito cedo, ou com uma força contrária *muito* grande.

— O ciclo pode ter começado de novo com um espólico.

— Não é tão simples. — Ela descruzou os braços para se ajeitar no banco; alçou-se mais para frente, quase como se fosse contar um segredo. — Os espólicos foram inventados...

— E os preculgos e os bomins não?

— ... Não da mesma forma. — Enfatizou ela. — Nós e os bomins já estávamos bem consolidados quando os espólicos apareceram. São uns *brutos* que até mesmo o direito a vagas no Conselho conquistaram por meio da força.

Ao perceber que Kan comprimia os olhos, por menor que fosse o movimento, a segunda-em-comando voltou a se recostar.

— Sei o que está pensando.

— Os preculgos podem ler mentes agora? — Foi a vez da guerreira achar aquilo estranho, e Kan remendou a frase. — Sei que *eu* não posso!

— Está pensando como logo *eu* posso falar o que for da brutalidade. — Disse ela, correta. — Para mim, a magia é uma arte. *Tanto* quanto a guerra. Sim, pessoas morrem assim como há perdedores em qualquer jogo, mas a guerra é o grande jogo do nosso destino. Espólicos não têm sutileza. Veem a magia como só mais um meio para um fim. Pensando melhor... — Continuou, passando a olhar para a paisagem. — Só poderia ser um espólico que teve a ideia de atacar um exército inteiro com esferas de bronze...

Kan concordou, silencioso, enquanto percebia que ainda não sabia o nome da militar. Ao olhar para a frente de novo viu que ela o observava com os cantos dos olhos.

— Como foi que se tornou assistente dele?

— Eu estava com um grupo de filinorfos. — Disse ele, tentando lembrar-se dos detalhes da história padrão. — Infiltrado nele.

Ela deixou de encará-lo com desconfiança para fazê-lo de frente, sem meandros.

— E você *não* os matou? O que fazia *confraternizando* com o inimigo?

— Não estava confraternizando, estava descobrindo mais sobre eles...

— A técnica. Do buraco depois da porta. É filinorfa?

— É preculga.

— *Mentiroso!* — Bradou ela, batendo nas coxas com os punhos fechados.

— Você os enganou por *poder* ao invés de fazer o que é nosso *imperativo* fazer!

— Você não disse que magia era arte? — Perguntou Kan, levantando as sobrancelhas, sentindo-se desconfortável o bastante para ensaiar na mente o movimento para desembainhar a espada caso ele fosse necessário.

— Bastante contraditórios, eles, não são? — Quase podia ver seu rosto tremer de raiva. — Querem acabar com a magia *usando* magia. Eu os vejo como uma ameaça *pessoal* e entendo que é o *dever* de todo mago verdadeiro que tenha contato com eles *matá-los*.

— Com esferas de bronze também, se for preciso?

Ela franziu o cenho, como se visse no homem à frente a mais estranha das criaturas.

— *Não*. Se você é um bom mago, *assim como* um estrategista militar superior, isso é *desnecessário*. Eu *mato* filinorfos provando-me em batalha como maga e como guerreira. E é assim que deve ser.

— Eu não tive essa opção. — Inventou ele.

— Não teve... — Repetiu ela, parecendo começar um sereno monólogo.

— Você estava entre filinorfos mas foi poupado por Desmodes... Tornou-se assistente dele... E usa técnicas impossíveis, que lhe custariam alto preço... Você tem uma frase para me convencer de que não é um filinorfo cuja vida o mago-rei barganhou por novas técnicas.

Kan engoliu em seco, levando a mão para mais perto do cabo da espada à medida que falava.

— Essa técnica é *preculga!* — Mentiu ele, convicto. — E não é impossível!

— Você sabe que não pode fazer magia sobre o seu próprio castelo!

— É *claro* que posso!

Ela negou com a cabeça, intrigada.

— É claro que *não*.

— Você nunca fez um cadeado a mais para sua porta?

— Sim, mas... — Seu olhar focado nublou-se de repente. — A-a porta é diferente!

— É uma parte do castelo como qualquer outra... É claro que eu nunca tentei me convencer de nada, ou me forçar a ignorar alguma coisa. Isso seria estúpido, eu *saberia* que sou eu quem estou provocando isso.

— S-sim, é claro!

— Mas eu posso construir uma armadilha dentro do meu próprio castelo, se eu quiser.

— Mas isso não teve um *efeito* sobre você?

Foi a vez de Kan ajeitar-se no banco, que por mais confortável que fosse não o impedia de sentir-se pequeno diante da guerreira. Não sabia o que responder para manter-se mais longe de problemas — e começava a recear a ideia de passar dias e dias com ela como companhia de viagem.

— Talvez seja isso que se quer dizer quando falam que não podemos fazer magia dentro do nosso próprio castelo. Não há efeito.

Kan achava estranho que seu pai nunca tivesse falado daquilo para ele durante as aulas. Parecia-lhe o tipo de coisa que seria dita logo nas primeiras lições, ou que um aprendiz curioso perguntaria assim que soubesse como a magia funcionava. Talvez não tivesse aprendido por tempo o bastante para que a pergunta brotasse.

Além do quê, seu pai estava sempre tão preocupado em ensinar a invadir castelos, atacar os iautos e executar técnicas específicas que não sobrava muito espaço para considerações marginais sobre o funcionamento de Neborum.

— É... — Disse ela, cruzando os braços novamente. Parecia mais relaxada. — Me parece lógico.

— Nada impediria você de executar uma técnica dentro do seu castelo, não é?

— É... Acho que não.

Kan respirou aliviado, olhando também para o lado de fora da charrete, onde campos e colinas vazios passavam rápido por eles.

— Eu não quero falar sobre meu tempo com os filinorfos. Foi pior do que você está pensando. — Imaginou que aquela seria uma boa regra nas relações com a segunda-em-comando. — Meu nome é Kan.

— Agora que sei mais sobre você já não o julgo como um covarde, e pelo insulto peço desculpas. — Disse ela. Estendeu a mão para ele, que aceitou o cumprimento. — Meu nome é Lola, e creio que devemos estabelecer uma relação não-hierárquica, mas respeitosa.

— Tudo bem. — Pigarreou. — Certamente.

Os mesmos campos vazios se apresentaram mais uma vez. Ele podia virar à direita e ver um trecho do rio, disso tinha plena consciência, mas por alguma razão seu pescoço via na esquerda posição mais natural. Queria

as colinas desocupadas, os bufões esporádicos, a luz forte do sol por sobre o chão; queria buscar calma e tranquilidade entre eles, mas só encontrou dúvida — silêncio que mais agitava que tornava quieto.

Estava numa charrete com destino a Rouneen, cidade em que nunca estivera, numa missão em nome do mago-rei do Conselho dos Magos, instituição que uma estação antes sequer sabia que existia. Deixara de ser um filinorfo quando todos seus companheiros morreram nas mãos de um poder que jamais imaginara, e sua companheira era uma preculga desconfiada que o mataria num instante se descobrisse seu passado.

Kan tinha sobrevivido, ou pelo menos assim analisava, porque soubera em quem confiar: primeiro em si mesmo, e quando isso não deu certo, em outros como ele que jamais se encaixariam entre os poderosos. Não podia confiar em Desmodes, tampouco nos magos do Conselho. E não podia confiar em Lola.

Talvez por isso se agitava. Estava, mais uma vez, sozinho.

Surpreendeu-se ao pensar que aquilo era mais difícil do que ele se lembrava que era.



Desembarcaram no porto de Rouneen numa tarde ensolarada; já não havia mais vestígios da leve tempestade que os atingira no dia anterior. Era um porto pequeno e quase desértico: a estrutura, com madeira que fazia trapiches e casas, era bem cuidada e simples — mas talvez assim o fosse por ser tão pouco utilizada.

Carregaram as malas até o primeiro hotel que encontraram. Um prédio de dois andares, que ocupava uma boa extensão de uma rua atrás do porto. A cidade inteira era feita de casas e construções baixas, de pouca variedade no estilo ou mesmo nas cores: amarelas, azuis ou verdes em sua maioria, os tons pálidos passavam a impressão de um lugar perdido no passado, desbotado à exaustão.

Lola usava um vestido vermelho que lhe caía até o joelho, e Kan um conjunto verde-escuro forte comprado em Al-u-een. Foram boas escolhas, avaliavam, enquanto viam que os habitantes todos usavam roupas com cores bem mais impactantes que as de suas casas. Talvez por isso, pensaram, não recebiam tantos olhares de estranheza. A maior parte dos que por eles passavam, ao invés disso, sorriam: abriam seus rostos como um velho conhecido que abria a porta da casa para um chá.

Não precisaram caminhar muito para chegar até o lugar que o dono do hotel — o único funcionário do prédio inteiro — indicou quando perguntaram pelo mestre da cidade.

— Só pode ser uma piada... — Comentou Lola.

— Talvez ele quis dizer que devemos procurar por alguém que sabe como encontrá-los.

— Isso é um *bar*, não um palácio. Isto é *ridículo*.

Kan olhou para o lado de dentro pelas janelas quadriculadas. O dia ainda estava em seu ápice, mas o lugar estava cheio: um tablado colorido de vestes, camisas, vestidos e chapéus complementava as mesas de madeira ao redor do balcão central, círculo cheio de copos, alimentos e armários no meio do grande salão que era o bar.

— Podemos pelo menos perguntar. Temos que saber onde fica o palácio, de qualquer forma.

Lola não respondeu. Lançou-lhe um olhar cansado e abriu a porta.

Kan estranhou que para uma sala fechada, e ainda não muito alta, o burburinho se mantinha constantemente baixo. Foi notando, enquanto caminhava no corredor central sem mesas que levava ao balcão, que muitos não falavam: recostados com folga nas cadeiras acolchoadas, riam e sorriam uns para os outros enquanto bebericavam de seus copos e comiam de suas tigelas. Por vezes sussurravam, ou interagiam com pessoas das mesas ao lado. Calmos como se não tivessem acabado de passar por uma guerra, pareciam garotos e garotas que às vezes tinham rugas, barbas ou demasiada altura; o brilho de seus olhos era mais notável que os minérios de luz pendurados no teto.

Lola parou, puxando Kan para perto de si.

— Não estou gostando desse lugar.

Ele ainda olhava em volta, curioso. “Não consigo entender como”, pensou ele.

— Na última vez em que vi castelos demais para corpos de menos — Continuou ela, severa. — esferas de bronze estavam sendo utilizadas...

Kan passou imediatamente a Neborum, e o que viu era parecido com o que haviam lhe contado sobre Al-u-ber: castelos e mais castelos a perder de vista.

Eram construções complexas, que num olhar rápido, mas cuidadoso, não conseguiu entender. Um corredor sustentado por colunas que firmavam-se em nenhum castelo em particular ligava dois castelos diferentes. Havia prédios tão próximos, e sem muros, que Kan não conseguia diferenciá-los.

— Isso é estranho... — Concordou ele.

Lola andou com passos decididos rumo ao balcão, olhando para todos os lados como se estudasse rapidamente suas opções de fuga.

— Olá. — Chamou ela. — Você.

Uma mulher voltada para para dentro do balcão secava uma fila de copos sem parecer ter ouvido a guerreira.

— Estou *chamando* por você, por favor?

A mulher voltou-se para Lola, e no segundo em que seu olhar encontrou o de Kan, ele parecia ter visto nela um tipo de solidão com o qual se identificava completamente.

Não fazia ideia de como pôde extrair aquele pensamento de um só olhar, e o arrepio que fez vibrar a nuca o levou a montar guarda na porta do próprio castelo.

— Estou um pouco ocupada. — Disse a mulher, pegando o próximo copo com um gracejo discreto. — Pode esperar um pouco?

Ela tinha um cabelo castanho, longo e seco, em que Kan se concentrou para não precisar navegar muito fundo em seus olhos ou seu sorriso. Não devia ser muito jovem, mas ainda não mostrava nenhum sinal de idade: a pele avermelhada em que boiavam os lábios de um lilás suave, tímido, parecia cheia de vida, e o vestido verde-água emoldurava um corpo comum, se apenas um tanto estafado.

— Não. Especialmente porque somos os representantes do Conselho dos Magos.

A mulher fez que sim, retornando o copo seco à superfície de madeira com uma força que deixou Kan desconfortável.

— O que querem?

— Fomos informados de que aqui encontraríamos o mestre da cidade.

A mulher andou até a borda do balcão mais próxima de Lola, e de frente para ela abriu os braços lentamente até descansá-los em sua cintura.

— Está falando com ela.

Kan viu Lola assentir, sem saber se a guerreira entenderia aquilo como anúncio ou troça.

— Se este é o caso... — Disse Lola, cruzando os braços. — Por que está trabalhando num bar?

— Você ignora as minúcias do funcionamento da minha cidade. — Respondeu a mestra da cidade. — Imagino que não foi para entendê-las melhor que veio até aqui.

— Não, não foi. Viemos para verificar se a cidade *realmente* está submetida ao Conselho dos Magos como declarado.

Kan olhou em volta, tentando entender por que aquela cidade lhe parecia tão estranha. Certamente que se visitasse um lugar novo tudo lhe pareceria estranho, mas havia algo que sentia estar deixando de notar.

— Sim, é claro. — Respondeu a mestra. — Enviamos a resposta já há algum tempo, se bem me recordo. Não somos um povo afeito a guerras e por isso pedimos para não participar com tropas. Não temos sequer um *exército* propriamente dito. Tenho certeza que a carta era bem clara quanto a isso.

Algo óbvio.

— Não li a carta. — Declarou Lola. — Mas o que descobrimos em nossa passagem por Al-u-een é que algumas tropas da cidade, enquanto ela ainda não estava sob domínio do Conselho, lutaram contra tropas de Al-u-ber para conservar Rouneen como uma cidade *não* alinhada ao Conselho. E, segundo os registros *deles*, venceram.

Que deveria ter sido capaz de notar. Que colocaria sua própria vida em risco se não percebesse.

— Ah, sim... — Riu-se a mestra, parecendo se divertir com algo que só ela poderia entender. — Talvez devíamos ter deixado Al-u-een saber do nosso compromisso com o Conselho... Mas acho que foi a melhor decisão, porque com um *barco* apenas qualquer cidade nos dominaria.

Kan fechou os olhos, tentando se isolar de toda aquela discussão para pensar melhor. Quando abriu-os de novo, prestou melhor atenção a uma mesa no canto do bar.

Dois homens, usando túnicas azuis um tanto sujas, olhavam um para o outro nos olhos. Um deles, aquele cujo rosto Kan podia ver, parecia ter costurado à face um sorriso letárgico. A sua frente, um alto e suado copo de água.

— Bom... — Disse Lola, dando alguns passos para trás. — Fomos enviados para fazer a verificação. Quem sabe podemos confirmar a lealdade da cidade com um teste rápido, sim?

Kan viu o copo de água atravessar sozinho a mesa, parando à frente do outro homem.

— Lola...

A segunda-em-comando puxou a pessoa mais próxima para trás pelo cabelo até extrair com o gesto um grito.

A lentidão do bar entrou em colapso; todos se levantaram, recuando depressa até as paredes, quando a agressora pressionou sua espada contra a garganta da mulher.

Quando Kan se virou, viu no rosto da mestra da cidade a mais bem escondida fúria que já conseguira desvelar.

— Lola, *largue* essa espada... — Pediu Kan.

— Temos *ordens* — Disse ela, ignorando-o. — do Conselho dos Magos para matar esta mulher.

— Você não sabe sequer o *nome* desta mulher. — Disse a mestra, de mãos imperturbáveis na cintura.

— Mas é esta! — Rebateu a guerreira.

— Lola, *largue* essa espada!

— Você permite, mestra da cidade de Rouneen, como subordinada que diz ser do Conselho dos Magos, que a determinação seja cumprida?

— Lola, *LARGUE* essa...

Não fez ideia de onde veio a faca que acertou o peito da segunda-em-comando. Sua espada caiu de lado; seu corpo foi empurrado para trás pela força da lâmina até esbarrar na mesa logo atrás, derrubando tudo o mais no caminho até o chão.

Kan levantou os braços, mas o baque na cabeça o fez desmaiar antes que pudesse pedir por clemência.

Neborum Online

O Neborum Online é um site com conteúdo extra da Série Controlados. Lá você encontra artigos sobre a história de Heelum, fichas dos personagens, capítulos comentados e até mesmo capítulos extras!

Para ter acesso ao Neborum Online, você deve **ou** comprar um dos livros da série, **ou** comprar algum produto da Loja Controlados, **ou** comprar diretamente o acesso ao site. Parte do conteúdo é gratuito! Visite www.seriecontrolados.com.br/neborumonline para saber mais.

Nas páginas a seguir você verá exemplos do tipo de conteúdo que você pode esperar do site. Às vezes o mesmo conteúdo no site é ainda melhor, pois conta com links, vídeos e outros recursos bacanas. Caso você esteja lendo este livro gratuitamente por PDF, ePub ou através de algum site, considere comprar acesso ao site para incentivar este autor independente nacional!



(Diversos) Mistérios

Os **mistérios** (ou **mistérios de Heelum**) são eventos, seres ou objetos apartados da lógica normal de Heelum. Nenhuma regra geral governa a todos igualmente: caracterizam-se pela singularidade, pelo fato de serem específicos, sendo conhecidos por um nome tão genérico justamente porque não têm nada em comum a não ser o fato de que não se inserem no funcionamento esperado do universo de Heelum.

Simbolicamente falando, os mistérios de Heelum podem ser várias coisas: desde eventos, sistemas e objetos — como a transformação de um humano no Yutsi Rubro, a magia ou os minérios — até personagens que expressam um conceito ou uma ideia — e nesse caso suas existências são expressões da loucura da existência. Como discutido no artigo “De onde vem Heelum?”¹, Heelum conseguiu se tornar estável porque é apenas uma parte da existência, mas Imi em si é o caos, é pura contradição (posto que todas as

¹Este texto pode ser encontrado no Neborum Online, mas também no Volume I.

coisas, inclusive as diametralmente opostas e as praticamente inconcebíveis, coexistem nele). A ideia é que as incoerências e as contradições permanecem no tecido da existência: aquilo que não existe sempre se intromete e rompe a barreira de Nauimior, passando a existir. Nesse sentido a própria vida e a imaginação, a criatividade, são mistérios de Heelum (e, pensando poeticamente em nosso mundo, também em nosso, mesmo que possa não ser um mistério em sua definição mais científica). É essa noção de contradição e caos que se corporifica em Heelum através dos mistérios.

Linguística e mitologia

Os mistérios são, em muitos casos, como lendas e mitos, só que verdadeiros – o que costuma ser o caso de histórias do gênero de fantasia, é claro, embora isto os torne exploráveis e analisáveis (como no caso da magia e dos minérios). Mas a conexão entre mistérios e mitos, especialmente no que tange à simbologia, não fica restrita a essas coincidências.

Os estudos sobre a mitologia de Claude Lévi-Strauss, que culminaram em uma coleção de livros conhecida como “Mitológicas”, mostram uma interpretação nova e ousada (dentro do campo dos estudos sobre mitos da época) do fenômeno que, como tudo relacionado às teorias de Lévi-Strauss, tem uma ligação com a linguística.

Para a linguística, é fato que em cada língua é apenas um pequeno subconjunto de sons que forma todas as palavras. No entanto, modificações, seja lá qual for o motivo, sempre podem surgir: afinal, os seres humanos não se tornam incapazes de produzir um determinado som, apenas não estão acostumados a fazê-lo dependendo da língua que aprendem como materna. Assim, no livro “O Cru e o Cozido” (Volume I das Mitológicas), Lévi-Strauss comenta que “os elementos rejeitados não deixam por isso de existir. [...] Eles vêm se abrigar por trás daqueles promovidos ao grau de chefes de fila, que os escondem com seus corpos, que estão sempre prontos para responder por toda a coluna e, se for o caso, a chamar tal ou tal soldado fora da fila. Dito de outro modo, a totalidade virtualmente ilimitada dos elementos permanece sempre disponível” (páginas 385 e 386 da segunda edição da Cosac Naify, 2010). Esse também é o caso da simbologia que faz vir à tona os mistérios de Heelum: aquilo que “inexiste” está como potente, como energia latente, em tudo que existe, podendo surgir no devir de uma existência essencialmente contraditória e conflituosa.



(Diversos) Linha do tempo de “A Aliança dos Castelos Ocultos”

Dia 20: Lamar dá a aula em que é confrontado por Tornero (Capítulos 1, 2 e 3). Desmodes mata Maxim e rouba o minério heptagonal (Capítulo 8).

Dia 21: Jen visita o círculo de intelectuais de Ia-u-jambu (13).

Dia 22: Gisell chega a Prima-u-jir (14), e o primo de Lamar se muda para outra cidade (15). Desmodes chega ao Conselho dos Magos (17). Tadeu e Amanda começam a aprender magia (9 e 10).

Dia 23: Byron conversa com Gisell e chantageia Caterina (22). Desmodes e Robin saem do Conselho em direção aos al-u-bu-u-na (27).

Dia 24: Conflito no parlamento de Prima-u-jir (23). Desmodes comete o massacre entre os al-u-bu-u-na (27, 28 e 29). Jen e Richard saem de Ia-u-jambu (21).

Dia 25: Byron confronta Caterina (34). Jen e Richard chegam a Enr-u-jir (21).

Dia 26: Tadeu conhece Anabel e Amanda conhece Gustavo (18).

Dia 27: Seimor convida a banda Buscando para ir a Jinsel (4, 5, 6 e 7). Jen e Richard contratam um arqueiro em Al-u-tengo (33).

Dia 28: Os músicos decidem ir a Jinsel (16). Desmodes conversa com Anke e Cássio (37).

Dia 29: Os músicos saem de Novo-u-joss (24).

Dia 30: Os músicos continuam o caminho rumo a Jinsel (24). Lamar é preso (35). Mais uma aula para Tadeu e Amanda (30).

Dia 31: Os músicos continuam o caminho rumo a Jinsel (24). Lamar continua preso (35).

Dia 32: Os músicos continuam o caminho rumo a Jinsel (24). Lamar continua preso (35).

Dia 33: Os músicos continuam o caminho rumo a Jinsel (25). Os filinorfos se reúnem com Kan e Lenzo em Al-u-een (11).

Dia 34: Os músicos continuam o caminho rumo a Jinsel (25). Tadeu falta ao encontro com Amanda (39 e 40). Hourin é assassinado e Dalki começa a investigar o caso (12 e 20).

Dia 35: Os músicos continuam o caminho rumo a Jinsel (25). Lenzo decide abandonar o grupo de filinorfos, e Kent faz um discurso no parlamento de Al-u-een (19 e 20).

Dia 36: Os músicos continuam o caminho rumo a Jinsel (25). Nario-mono mata um policial e conhece Ralf (38). Grupo de filinorfos, durante a fuga rumo a Roun-u-joss, para na casa de Toroko (32).

Dia 37: Os músicos chegam a Jinsel e fazem o show (25 e 26). Dalki conversa com Ianni, mãe de Lenzo, a casa de Hourin é investigada e Kenner encontra material que o leva a chantagear Hideo, um parlamentar (31).

Dia 38: Durante a madrugada, Seimor força Leila a dormir com ele (26). A banda assina o contrato com Seimor (36). Kerinu visita Lamar na prisão (42). Desmodes conversa com o general do Conselho dos Magos, Evan, e envenena a água de Dresden (44). Elton descobre o que Desmodes fez aos Al-u-bu-u-na e prende Nariomono em uma sala no centro de Enr-u-jir (45). Alex diz a Galvino que Tadeu estava do lado de fora da casa de Amanda outro dia, tentando falar com ela, o que provoca uma luta entre Galvino, Eva, Tadeu e Amanda (46).

Dia 39: Durante a madrugada, Kerinu liberta Lamar e os dois fogem para Kerlz-u-een (42). Seimor muda o nome da banda (43). Dresden é encontrado morto em seu quarto (51). Narion escapa do confinamento, mas não sabe como chegar ao Conselho dos Magos (52). Rainha, filha de Hourin, acorda na casa de saúde e descreve os assassinos de seu pai; Kenner torna-se o novo chefe de polícia, e Dalki faz com que Lenzo confesse a participação no assassinato do tio (41).

Dia 40: Byron examina a fuga de Lamar e arquiteta um plano (48). Desmodes é eleito o novo mago-rei (57). Dalki consegue o cargo de volta e prende Lenzo; Kenner é dominado por Monji para que as cartas que comprometem os magos de Al-u-een sejam queimadas (47).

Dia 41: Myrthes recebe a notícia de que Lamar está morto (49).

Dia 42: Lamar treina para conseguir agir em Neborum (56). Tadeu consegue sair de casa novamente, a tempo de encontrar Amanda, mas quando volta é surpreendido pela mãe, que insinua saber sobre o filho e ela (53). Tadeu pergunta ao pai como fazer alguém se apaixonar por uma pessoa (55). O grupo de filinorfos chega a Roun-u-joss e Joana conta para eles sobre o Conselho dos Magos (54).

Dia 43: Tadeu procura por Anabel para que ela ensine para ele a técnica mágica que ele procura (55).

Dia 44: Nada aconteceu.

Dia 45: Nada aconteceu.

Dia 46: Tadeu procurou aplicar a técnica em Amanda (55).

Dia 47: Depois de um show ruim, os músicos discutem e Fjor vai para uma festa (50). O pai de Gustavo descobre sobre Anabel, Gustavo pensa que Amanda o atacou, e Tadeu revela a Anabel que sabe sobre ela e Gustavo, revelando também a relação entre ele mesmo e Amanda (59).

Dia 48: Beneditt descobre que o contrato assinado entre Seimor e a banda foi alterado, e que eles estão presos ao contrato sob pena de prisão (58).

Dia 49: Desmodes resolve dar início à revelação do Conselho dos Magos para toda a Heelum (61).

Dia 50: Lamar e Kerinu passam por Prima-u-jir no caminho para Imiorina, mas Caterina conta que Myrthes está morta. Lamar acredita e vai até a

casa de Byron; Kerinu derrota o mago que dominava Caterina, e ambos vão até a casa de Byron para tentar evitar que Lamar seja morto. Kerinu fica para lutar contra Tornero enquanto Lamar e Caterina fogem, mas Byron chega e os retém ali. Kerinu consegue dominar Tornero, mas Byron descobre; por fim, Byron e Tornero ficam com Kerinu como prisioneiro enquanto Lamar e Caterina conseguem fugir (60).

Tabela cronológica

Na tabela, o número do capítulo em relação ao dia e ao núcleo de personagens. Um mesmo capítulo pode tratar de acontecimentos que duram vários dias ou de vários acontecimentos, de dias diferentes.

	Prima-u-jir	Novo-u-joss	Conselho dos Magos	Al-u-ber	Al-u-een	Ia-u-jambu
20	1, 2 e 3		8			
21						13
22	14 e 15		17	9 e 10		
23	22		27			
24	23		27, 28 e 29			21
25	34					21
26				18		
27		4, 5, 6 e 7				33
28		16	37			
29		24				
30	35	24		30		
31	35	24				
32	35	24				
33		25			11	
34		25		39 e 40	12 e 20	
35		25			19 e 20	
36		25	38		32	
37		25 e 26			31	
38	42	26 e 36	44 e 45	46		
39	42	43	51 e 52		41	
40	48		57		47	
41	49					
42	56			53 e 55	54	
43				55		
44						
45						
46				55		
47		50		59		
48		58				
49			61			
50	60					

Glossário

Aliança magocrata Os filinorfos (e parte dos alorfos) acreditam que os magos na verdade não são “adversários” uns dos outros, mas estão juntos em um plano secreto para, combinando seus poderes, melhor explorar os não-magos.

Alorfos Magos que acreditam que a magia é um problema, e a melhor solução é ensinar a magia a todos para equilibrar as desigualdades que surgem com a forma como a magia existe atualmente.

Ataque É o nome da ação dos magos quando estes tentam exercer influência sobre alguém.

Bomins Magos que conhecem técnicas para influenciar sentimentos, emoções, sensações ou vontades das pessoas.

Conselho dos Magos Reunião e citadela secreta em que magos de diferentes tradições se reúnem para colaborar na influência exercida sobre o resto de Heelum.

Corvônia Material resistente geralmente usado em construções, como casas, prédios e monumentos.

Esfera de bronze Minério capaz de causar falsas impressões sensoriais.

Espólicos Magos que conhecem técnicas para controlar as ações (os corpos) das pessoas.

Esponta “Apelido” para magia espontânea, fenômeno em que as pessoas sofrem influência de um ataque mágico que ninguém provoca.

Filinorfos Magos que acreditam que a magia é um problema, e a melhor solução é acabar com a magia ao matar todos os magos e proibir a magia.

Furturos Ver **Monstros**.

Gargsel-u-sana Estação do rosano de muitas chuvas e clima frequentemente nublado.

Goma escura Material flexível similar ao plástico.

Heelum O mundo. Ao mesmo tempo, a “realidade” (ver **Neborum**).

Heptagonal Aquilo que tem sete lados. Os minérios heptagonais levam à morte.

Hexagonal Aquilo que tem seis lados. Os minérios hexagonais provocam variados efeitos medicinais.

Inasi-u-sana Estação fria do rosano.

Jir Comunidades de moradia e trabalho fora do centro das cidades.

Kerlz-u-sana Estação do rosano de chuvas controladas, temperaturas amenas e clima propício ao florescimento.

Mago-rei Líder do Conselho dos Magos (ver **Conselho dos Magos**).

Magos Pessoas com conhecimento para influenciar os sentimentos, os pensamentos, ou as ações das pessoas. Há também tradições mágicas que lutam contra as injustiças provocadas por essas técnicas, fazendo ou não, para isso, uso delas.

Minérios Não confundir com minerais. Pedras preciosas cultiváveis que possuem efeitos específicos, como poder de cura, veneno, transformação de materiais, entre outros.

Monstros Animais que a história de Heelum diz terem sido humanos que, por terem sido dominados muito fortemente por magos muito poderosos, perderam a humanidade.

Neborum Realidade paralela (virtual) que os magos acessam para realizar suas técnicas e influenciar pessoas. É como um outro mundo dentro de Heelum. (ver **Heelum**).

Onioto Ave gigante da região central de Heelum.

Preculgos Magos que conhecem técnicas para controlar os pensamentos das pessoas.

Procos Ver **Monstros**.

Rede de Luz Espécie de energia de cor branca que conectava os humanos, fazendo com que conseguissem compartilhar fielmente memórias, sentimentos e pensamentos entre si. Desde há muito tempo a Rede de Luz deixou de existir em Heelum.

Rock de cidade Tipo de rock menos fiel ao estilo original inaugurado em Novo-u-joss e mais popular em algumas outras cidades. Considerado por puristas como uma deturpação do rock.

Roncos Animais de Heelum de pele seca, acinzentados e de médio porte, conhecidos pelo som característico.

Rosano Período de tempo com 216 dias (para comparação, um ano tem 365 dias).

Sala verde Uma sala dentro do castelo de cada pessoa em Neborum que guarda o que há de mais querido para si.

Torn-u-sana Estação quente do rosano.

Tradição mágica Magos que compartilham técnicas semelhantes entre si, como os Bomins, Espólicos, Preculgos, etc.

Vaziros Ver **Monstros**.

Yutsi Animal encontrado em quase todas as regiões de Heelum; semelhante a um cavalo, mas maior e coberto por uma carapaça como uma espécie de armadura.

Yutsi rubro Na antiguidade, o homem que quis roubar a rede de luz acabou se transformando no Yutsi Rubro, um tipo especial, mais forte e mais belicoso de Yutsi. O Yutsi Rubro destruiu a cidade arcaica, forçando os humanos sobreviventes a fugir e fundar cidades em outras regiões de Heelum. Mais tarde os humanos retornaram às ruínas da Cidade Arcaica e o derrotaram, reconstruindo a cidade algum tempo depois.

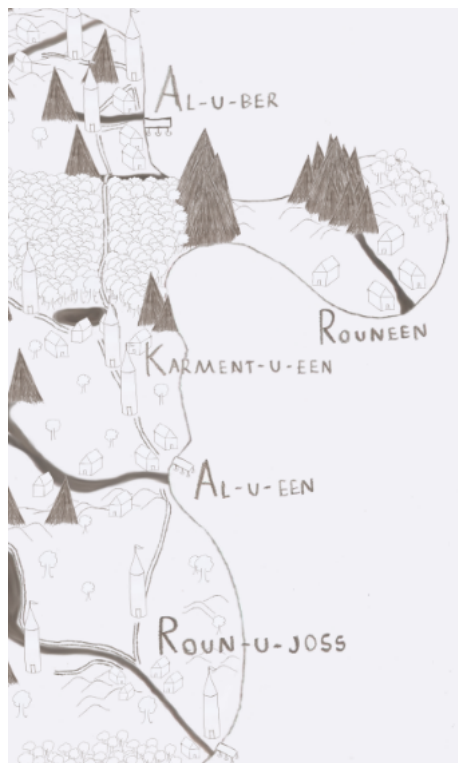
Mapas



Região Noroeste de Heelum, dividida do resto do continente pelas Grandes Cordilheiras (Occidental e Oriental). Entre ela, a Grande Floresta de Heelum e a Floresta Noroeste, a cidade de Rirn-u-jir.



Região central de Heelum, ao sudeste da Grande Cordilheira Oriental do Noroeste. Em proeminência parte da Grande Floresta de Heelum, ao norte. O Rio Al-u-bu (ao sul da floresta homônima) separa a região central da região Sudeste.



Região Leste de Heelum, com parte de Ten-u-rezin aparecendo ao norte.



Região Sudoeste de Heelum. O Rio Imioraunk corta o deserto Imiorina. Mais ao sudeste de Kerlz-u-een (que fica em meio à Floresta dos Oniotos), pode-se ver parte de Kor-u-een.



